



# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



.....

O RIO DE JANEIRO  
COMO É (1824-1826)



Mesa Diretora  
Biênio 1999/2000

Senador Antonio Carlos Magalhães  
*Presidente*

Senador Geraldo Melo  
*1º Vice-Presidente*

Senador Ademar Andrade  
*2º Vice-Presidente*

Senador Ronaldo Cunha Lima  
*1º Secretário*

Senador Carlos Patrocínio  
*2º Secretário*

Senador Nabor Júnior  
*3º Secretário*

Senador Casildo Maldaner  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador Eduardo Suplicy

Senador Lúdio Coelho

Senador Jonas Pinheiro

Senadora Marluce Pinto

*Conselho Editorial*

Senador Lúcio Alcântara  
*Presidente*

Joaquim Campelo Marques  
*Vice-Presidente*

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....  
*Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros*

# O RIO DE JANEIRO COMO É (1824-1826)

UMA VEZ E NUNCA MAIS

*Contri bu i ções de um diá rio para a his tó ria atu al, os cos tu mes e  
es pe ci al men te a si tu a ção da tro pa es tran ge i ra na ca pi tal do Bra sil.*

*C. Schlichthorst*

(Ex-oficial do Exército Imperial)

Tra du ção de Emmy Dodt e Gus ta vo Bar ro so,  
ap re sen ta da, ano ta da e co men ta da por este.



*Brasília – 2000*

# O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e refletir sobre os destinos do país.

## COLEÇÃO O BRASIL VISTO POR ESTRANGEIROS

Lançamentos programados (Série Viajantes)

*Reminiscências de Viagem e Permanência no Brasil* – Daniel P. Kidder

*Viaagem ao Brasil* – Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz

*Viaagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* – Richard Burton

*Brasil: Amazonas–Xingu* – Príncipe Adalberto da Prússia

*Dez Anos no Brasil* – Carl Seidler

*Viaagem na América Meridional* – Ch.-M. de La Condamine

*Brasil: Terra e Gente* – Oscar Costantini

*Viaagem ao Brasil nos Anos de 1815 a 1817* – Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied

*Segunda Viagem a São Paulo e Quarta História da Província de São Paulo* – Augusto de Saint-Hilaire

Projeto Gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2000

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes/s/nº – CEP 70168-970 – Brasília – DF

CEDIT@cegraf.senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

.....

Schlichthorst, C.

O Rio de Janeiro como é (1824-1826) : uma vez e nunca mais : contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil / C. Schlichthorst ; tradução de Emmy Dodt e Gustavo Barroso, apresentada, anotada e comentada por este. – Brasília : Senado Federal, 2000.

VIII + 326 p. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)

1. Rio de Janeiro (RJ), descrição. 2. Usos e costumes, Rio de Janeiro (RJ). 3. História militar, Brasil. I. Título. II. Série.

CDD 918.1541

.....

.....

## *Sumário*

- I – Apresentação  
por Gustavo Barroso  
*pág. 1*
- II – Epígrafe  
*pág. 9*
- III – Introdução  
*pág. 11*
- IV – Chegada ao Rio de Janeiro e história do autor  
*pág. 23*
- V – A cidade e a Corte do Rio de Janeiro  
*pág. 39*
- VI – Vida Meridional  
*pág. 67*
- VII – Brasileiras e estrangeiras  
*pág. 89*
- VIII – Religião e sociedade  
*pág. 105*
- IX – Negros e habitantes primitivos do Brasil  
*pág. 135*
- X – Literatura brasileira  
*pág. 161*
- XI – Passeios e impressões  
*pág. 185*
- XII – Respostas da História do Brasil nos últimos tempos e situação política do Império em 1826  
*pág. 231*
- XIII – Tropas alemãs no Brasil. Continuação da história do autor.  
Colonização. Fim  
*pág. 273*



XIV – Lista dos oficiais estrangeiros no Brasil

*pág 297*

XV – Lista dos subscritores da obra

*pág 305*

XVI – Fontes bibliográficas das notas e comentários

*pág 313*

XVII – Índice Onomástico

*pág 323*

.....

# I

## Apresentação

*Ainda está por fazer, com minúcias e documentação seguras, a história completa dos mercenários estrangeiros que, nos dois Reinados, mas sobretudo no Primeiro, serviram no Exército Imperial. Será esse um interessante e curioso capítulo de nossa História Militar. Fomos os primeiros a trazer ao conhecimento público a articulação secreta, em 1828, dos mercenários que se revoltaram no Rio de Janeiro, com o governo de Buenos Aires, e agora trazemos a contribuição do presente livro, documento até hoje ignorado de muitos e conhecido de poucos.*

*Vai para alguns anos, o ilustre diretor do Museu do Ipiranga e, depois, membro da Academia Brasileira, Afonso d'Escragnoille Tauxay, publicou no Correio Paulistano interessantes trabalhos sobre o assunto. Mas falta uma obra de conjunto, não só sobre a origem, costumes, atos, vida e influência dos soldados estrangeiros a nosso serviço, como sobre a sua literatura, porque alguns de seus oficiais deixaram obras escritas, nas quais dão suas opiniões, infelizmente nem sempre verdadeiras ou favoráveis, sobre o Brasil e os brasileiros de seu tempo. No meio, porém, de suas inexatidões, equívocos ou inverdades, podem-se respingar verdadeiras preciosidades como informação, observação e documentação.*

*O Governo Imperial organizou de 1823 a 1824, com alemães, irlandeses, alguns franceses e italianos, gente na maioria aventureira e sem escrúpulos, recrutada na Europa, principalmente os alemães, pelo agente sem moralidade von Schäffer, dois batalhões de granadeiros e dois batalhões de caçadores. No Sul, formou um esquadrão de lanceiros voluntários. Certo número de oficiais serviram nos corpos de engenheiros e do Estado-Maior. O esquadrão e um dos batalhões de caçadores, o 27º, participaram da campanha contra uruguaio e argentinos, batendo-se*

com valor na pugna indecisa do Passo do Rosário ou de Ituzaingó. O resto da tropa revoltou-se no Rio de Janeiro em 1828, pôs a cidade em polvorosa durante três dias e acabou vencida e, em parte, dissolvida.

Apesar de tão triste exemplo e da constante e justificada má vontade de nossos altos chefes militares contra o engajamento de mercenários estrangeiros, devendo-se colocar à frente desses chefes a prestigiosa e nobre figura do então Barão de Caxias, o Governo Imperial contratou novamente na Europa outros soldados, para a campanha que se desenhava contra o tirano Rosas, por intermédio do ex-Ministro da Guerra, o Senador Sebastião do Rego Barros: uma companhia de pontoneiros austríacos com o respectivo material, que seguiu para Montevideu e ali permaneceu durante as operações de 1851–1852, e uma companhia de atiradores especializados, a qual figurou na brigada de Francisco Félix da Fonseca Pereira Pinto, operando sob as ordens de Manuel Marques de Sousa, futuro Conde de Porto Alegre, na memorável batalha dos Santos Lugares, de Morón ou de Caseros. Essa companhia estava armada com o fuzil de agulha e tiro simples prussiano Dreyse, modelo de 1841, o qual cursava mais longe do que a artilharia da época e teve a mais decisiva atuação na vitória de nossas tropas.

Entre esses mercenários, na maioria abaixo da crítica, houve alguns fidalgos e homens de certa cultura, que nos deixaram uma literatura curiosa, documentação interessantíssima, embora às vezes referta de parcialidade e despeitos, sobre os costumes dos brasileiros, a vida e os aspectos do Brasil de antanho. A começar pelo livro de seu recrutador, Schäffer, favorito da Imperatriz Leopoldina, com o qual amiúde se correspondia, publicado pelo nosso Benemérito Instituto Histórico em sua admirável Revista.

Os esboços e notas do Capitão, depois Coronel, Seveloh, que serviu no estado-maior de Felisberto Caldeira Brant, Marquês de Barbacena, quando este comandou o Exército Imperial em operações no Sul, são imprescindíveis ao estudo do movimento das tropas de Barbacena,

*Brown e Bento Manuel, desde o início das marchas até o choque nas sangas do Passo do Rosário. O Barão do Rio Branco, na posse dos seus manuscritos, citava-o a cada passo. Seu título é: “Erinnerungen auf den Feldzug 1827 gegen Buenos Aires” ou “Memórias da campanha de 1827 contra Buenos Aires”.*

*Edmundo Teodoro Bösche, ou troficialmercenário do Primeiro Reinado, escreveu uma obra de muitos pontos de vista bastante notável, Quadros Alternados, traduzida por Vicente de Sousa Queirós e publicada pela Imprensa Nacional em 1919. Antes, já havia aparecido na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. É esse mesmo Bösche quem desta sorte descreve seus companheiros de farda, resumindo-se o que diz da página 139 à 142 de seu livro: Corja de vagabundos andrajosos e brutais, refugio da sociedade, ladrões e assassinos tirados das cadeias do Mecklemburgo, a ralé, a borra, a escória da Alemanha arrebanhada pelo Major G. A. Schäffer, assessorado por um tal Neumann, que enganaram com falsas promessas e ilusões acerca do Brasil a bravura ociosa de veteranos em busca de serviço, a necessidade de trabalho dos camponeses hessenses e a cupidez ou a sede de aventuras de criminosos mecklemburgueses.*

*Outro alemão, Carlos Seidler, nos deixou um livro interessantíssimo – Dez anos no Brasil (Zehn Jahren in Brasilien). Ainda outro, Carlos Leenhof, escreveu as suas Contribuições para a história da guerra entre o Brasil e Buenos Aires nos anos de 1825 a 1828.*

*Um dos documentos mais preciosos para o estudo da rápida campanha dirigida pelo Conde de Caxias contra Oribe e Rosas de fins de 1851 a princípios de 1852, que culminou no brilhante triunfo de Caseros, é, sem dúvida, o livro dum oficialmercenário, o Capitão Sieber: Rückblick auf den Krieg gegen Rosas, isto é, o Retrospecto da Guerra contra Rosas.*

*Não esqueçamos ainda que o pai de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, serviu no nosso Exército ao tempo*

de D. Pedro I, bem como esse notável Barão de Eschwege, cujo *Pluto Brasiliense* é o inventário de nossas riquezas minerais.

*Co nhe cem-se to das es sas obras e já es tão mais ou me nos vul ga rizadas em boas traduções, algumas ao fácil alcance de qualquer pessoa. Mas há um livro dum desses antigossoldados de fortuna quase completa mente desconhecido, mesmo dos conhecedores de nossa história. É uma larga descrição da vida social, política e militar do Rio de Janeiro e do Brasil, com um retrospecto dos acontecimentos ligados à Independência, no começo do século, de 1824 a 1826, feita com talento, cultura e bom gosto literário pelo ex-Tenente de Granadeiros Alemães do Exército Imperial C. Schlichthorst. O volume é raríssimo e nem sequer figura no Catálogo de livros sobre o Brasil, de José Carlos Rodrigues. A Biblioteca Nacional possui um exemplar e nós outro, parecendo que são os dois únicos conhecidos no Brasil.*

*O exem plar em nos sa mão, re la ti va men te bem con ser va do numa encadernação alemã da época, em couro preto, traz na parte interna da capa o ex-libris e o nome de seu primeiro possuidor. O ex-libris, muito bem gravado, em aço, e ponta seca, consta do brasão da Casa Ducal de Hesse: escudo alemão de azul, com um leão rompente de prata burelado de cinco peças de vermelho, elmo com coronel de Duque e pa qui fe das co res das armas; por timbre dois proboscídeos ou trombas de prata e vermelho, or na dos lateralmente de cinco ramos de três folhas cada um e rematados de três folhas, tudo de verde; embaixo um nome, que foi raspado a canivete, dele só se vendo as últimas letras G. II., que correspondem ao Landgrave Ludwig II, que governou aquele Estado ger mã ni co de 1830 a 1848.*

*A obra intitula-se Rio de Janeiro wie es ist, O Rio de Janeiro como é ou O Rio de Janeiro tal qual é. Seguem-se-lhe os subtítulos explicativos: “Contribuições de um diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil, por C. Schlichthorst, ex-oficial do Imperial Exército Brasileiro.”*

Mais embaixo, entre parênteses, o dístico em português: “Huma [sic] vez e nunca mais!”

Esta frase contém, se não toda a filosofia da obra, pelo menos o que dela quis o autor concluir. Iludido pelas promessastentadoras dum agente recrutador para vir ao Brasil, não se conformou com a realidade. Deixou a pátria esperando um Eldorado e achou uma situação relativamente má, que lhe não foi possível suportar. Não conteve o amargor da decepção e todavia não se tornou inimigo do nosso país. Se não nos poupa sempre que encontra motivos de crítica, faz ressaltar as boas qualidades de nossa gente e en toa hi nos à nos sa na tu re za. Não é um ca lu ni a dor, nem um mentiroso. Às vezes, troca as bolas ou mostra-se mal informado. Algumas exagera. Outras, faz um juízo apressado ou revela certa parcialidade. Mas o encanto por certos aspectos e hábitos brasileiros o empolga quase sempre. Tem fé no nosso futuro. E nos oferece um belo campo de estudo.

Para compreendê-lo, é necessário que nos ponhamos nas suas condições de europeu e de militar em face de um Império Sul-Americano, um tanto exótico para ele, império que desabrochava para a vida nacional no alvorecer do século XIX. Não o devemos julgar e ao Brasil que ele viu com os olhos de hoje, sim com o olhar da mentalidade de 1824 a 1826.

O volume, publicado na cidade de Hannover, em 1829, pela Livraria Real de Hahn, foi impresso graças a uma subscrição em tre amigos e conhecidos ou interessados, sendo por isso naturalmente reduziíssima a edição. Traz nas primeiras páginas a lista geral dos subscritores, na qual figuram, entre médicos, militares, engenheiros, advogados, jornalistas, magistrados, negociantes, sacerdotes e senhoras, nomes de associações e de indivíduos de certo relevo social e político. Lá estão, por exemplo, o Museu de Bremen, os Generais Von Ulmenstein e Conde Von Alten, o Major-General Von Den Busche e o Mestre-de-Campo General Von Decken; o Conselheiro Privado Von Grote, o Conselheiro Ein-

*feld, o Conselheiro do Gabinete Secreto Hoppenstedt e o Conselheiro de Justiça Von Bothmer; o Coronel Soest e o Tenente-Coronel Brückmann.*

*Não será de todo desinteressante chamar a atenção para a lista completa dos subscritores residentes naquela época no Rio de Janeiro: o Guarda-Livros Daw, o Vice-Cônsul da Holanda Hendricks, os Negociantes Melchert, Scheinert e Wiers, o Tradutor Imperial Zaeb, o Médico Ran, o Cônsul da Prússia Von Theremin, o Cônsul da Liga Hanseática Tenbrinck, o sr. Makler Ray e o Tenente-Coronel Schäffer. Este, como oficial do mesmo ofício, enquanto a maioria se contentou com um exemplar e raros com dois, assinou vinte e cinco, certamente para distribuí-los com amigos. Isto é digno de admiração, porque o livro não o poupa como tendo sido a alma danada do péssimo recrutamento feito para os batalhões estrangeiros. Ele gozava da intimidade da Imperatriz Leopoldina e com ela se correspondia amiúde. Daí o prestígio que durante algum tempo conseguiu desfrutar.*

*Na Introdução, o autor conta como veio parar no Brasil, em 1824, engabelado com promessas e cheio de esperanças que lamentavelmente perdeu da noite para o dia. O 1º capítulo denomina-se “Chegada ao Rio de Janeiro e história do autor”. C. Schlichthorst desembarcou na Guanabara a 4 de abril de 1824. No 2º, descreve a capital e a corte de S. Cristóvão com cores vivas e com ironia. Oferece-nos a propósito observações muito curiosas. O 3º foi reservado à pintura da vida meridional, da vida em outro hemisfério, inteiramente diversa da européia, a setentrional. O 4º é um tanto forte, trata das brasileiras em suas relações com os estrangeiros e ataca a moralidade da época, que considera fictícia. O 5º, muito curioso, refere-se aos negros, indígenas e mestiços, que então formavam a grandemaioria da população.*

*Mais agradável para nós por ser mais elogioso o 6º capítulo, no qual o autor traça o panorama de nossa literatura, reconhecendo nos brasileiros facilidade de apreensão, viveza de inteligência e inclinações literárias. Conta no 7º os longos passeios que fazia por praias e montes,*

capinzais e vales, numa paisagem estranha e sedutora, saindo do seu quartel na Praia Vermelha, naquele tempo a duas horas de viagem da cidade. Suas descrições são às vezes belíssimas e alguns dos episódios narrados vale a pena registrar as águas-fortes ou ver de perto os restos.

O capítulo 8º é o mais importante por se tratar dum retrospecto sobre a moderna história do Brasil, isto é, a do Brasil independente, e a situação política do Império. Apesar de cometer muitos erros, Schlichtorst demonstra uma capacidade incomum para resumir com clareza. O 9º trata dos corpos mercenários no Brasil e continua a história do autor, terminando com alguns trechos sobre o problema da colonização do país. A conclusão é breve e concisa.

Nas últimas páginas, vem a lista dos oficiais estrangeiros ao nosso serviço, entre os quais se notam muitos nomes conhecidos e ligados à vida brasileira. Alguns ainda são usados por seus descendentes, como Suckow, Ewbank, Leenhof, Niemeyer, Escragnolle. Outros representavam velhas raças fidalgas, como von Kettler, Plaatz von Steen, von Falkenstein, von Alten, Wolf von Weddig, von Bülow.

Além de minuciosamente descrever o uniforme dos Granadeiros do Império, fornecendo-nos preciosa informação sobre indumentária militar, de citar a alcunha de Periquitos, dada aos caçadores por usarem chouriças, penachos e violões verdes, dá os mais interessantes pormenores sobre vozes de comando, vida nos quartéis, castigos de soldados, tabelas de soldo, ranchos, custo de fardas, lavagem de roupa e despesas de toda sorte. Com a longa distância dum século, sua voz transmite emoções vivas e pensamentos íntimos. Ele conheceu, viu, falou ao Imperador, à Imperatriz, às principais figuras militares e civis da época. E sobretudo o Rio de Janeiro de 1824 a 1826 se debuxa nos seus quadros verídicos e admiravelmente descritos como numa série magnífica de gravuras antigas. Podemos acompanhá-lo passo a passo pelas ruas, praças, caminhos e arrabaldes, o que dá um sabor admirável à sua obra. Até quadros do folclore não esqueceu.



*Homem bastante culto, embora jovem, escreve literariamente, citando a propósito os sábios, os escritores e os poetas de relevo na vida espiritual do mundo. Externa conceitos filosóficos. Perpetra versos. Demonstra, através de tudo, uma intensa vida interior. Mas troca os nomes brasileiros, faz afirmações falsas e tropeça em equívocos e disparates, tendo, ademais, o grave defeito de ser difuso e metedido em todos os assuntos. Contudo, quer-nos parecer que o seu livro é o de mais qualidades entre os que, no gênero, naquela época, escreveram seus companheiros de armas.*

*Não se justificando permaneça desconhecido e olvidado tanto do público como dos estudiosos, empreendemos, com o auxílio da Senhora Emmy Dodt, traduzi-lo, anotá-lo e comentá-lo, com a boa intenção de trazermos às nossas letras históricas a contribuição de mais um documento – testemunho pessoal de uma época interessante.*

GUSTAVO BARROSO

.....

## II

### *Epígrafe*

*Ofereço ao público esta obra que não foi escrita na agradável tranqüilidade duma vida descuidosa, mas no meio das tempestades do mar e das paixões, entre perigos e renúncias de toda sorte. Se o êxito a favorecer e mais tarde eu for induzido a reeditá-la, esforçar-me-ei para apresentar trabalho mais perfeito e mais verdaeiro.*

*DRYMADEIRA, TWICE PASSED THE LINE!<sup>1</sup>*

C. S.<sup>2</sup>

---

1 Em inglês no texto original: – *Madeira seco, por duas travessias do Equador!* – Ida e volta ao Brasil.

2 C. Schlichthorst.

.....

### III

## Introdução

**N**o outono de 1824,<sup>1</sup> anseios extravagantes de ser feliz e de gozar a vida, de sejos que se não realizaram e esperanças que se frustraram, levaram-me a uma viagem ao Brasil. A fantasia gosta de pintar paisagens risonhas no fundo ilimitado dos vastos horizontes. Como a Fada Morgana, constrói castelos no ar, que se desfazem em nebula mal deles nos aproximamos. Fiz mais duma vez essa experiência. Aos vinte e nove anos, a força de imaginação da mocidade que se sempre já está de asas bastante aparadas. As minhas, principalmente, pois, numa série de anos, tivera muitas vezes ocasião de desconfiar de mim próprio e de minha sorte, porquanto nem os homens nem o destino me haviam animado.

Não tinha receios do Oceano. Sem preocupação com a maior confiança. No caso dessa viagem, as suas probabilidades não iam além de dez por cento. É assunto que os agentes do Lóide conhecem melhor do que eu. Sem dúvida, para mim, aquelas probabilidades ainda eram menores, porque, como Leandro, teria atravessado a nado o Helesponto, se valesse a pena molhar a ponta dos dedos por causa de uma Hero mo der na. E, como Byron, posso dizer:

*Leander swan for love and I for fame!*<sup>2</sup>

---

1 O outono começa na Europa, de modo geral, em setembro. Tem-se aqui, pois, uma indicação cronológica para a vinda do autor ao Brasil. Não é, infelizmente, rigorosa. Todavia vale de muito para a verificação da verdade de fatos, episódios ou alegações no decurso da obra.

2 Leandro nadava em busca do amor e eu nado em busca da fama!

## 12 C. Schlichthorst

Travei conhecimento em Hamburgo com o sr. von S-r,<sup>3</sup> que se dizia agente diplomático do Império do Brasil. Não me dei ao cuidado de olhar por essa brilhante auréola e procurei ver bem através dela. Observando de mais perto as relações, as ações e as ocupações desse cavalheiro, achei-o uma espécie de traficante de carne humana. Um talha dor de cristal da Boêmia, um mestre de dança malogrado que se intitulava Príncipe Ypsilanti,<sup>4</sup> alguns sapateiros e alfaiates sem categoria eram os auxiliares diplomáticos do sr. von S-r. Assim, ninguém me leve a mal por ter dado muito menos crédito às suas promessas do que às profecias duma velha que, anos antes, nas alturas de Hümming, me prometeu a felicidade de durar vel além-mar, pois nela esse dom era herdado da sua raça e ela representava melhor seu papel de bruxa de Endor do que o referido cavalheiro representava, envolto numa peliça, oridnária, seu amo imperial.

Então, quando via corja desregrada que o Cavalheiro von S-r reunira sob a bandeira auriverde, nojenta borra da nação alemã, fortemente se abalou minha resolução de partir para o Brasil. Encontrei ali como oficiais imperiais brasileiros condutores de ursos e saltimbancos, tendo à testa de tão honroso grupo o sr. von S.,<sup>5</sup> jo vem cavalheiro, cujo

---

3 Von Schaffer. A família desse nome, originária da Baviera, tem ramos na Holanda, em Groninga e Over-Yssel, bem como na Alemanha, em Mecklemburgo, Halle, Saxe, Tubingen, Rotherburg, Hesse; na Áustria e na Suíça, em Basiléia. O autor refere-se ao Dr. Jorge Antônio von Schaffer, mais conhecido como o Cavalheiro von Schaffer, Major da Imperial Guarda de Honra, com quem a Imperatriz Leopoldina se correspondia, chamando-lhe "excelente Schaffer" e meu "único amigo". Em 1824, foi agente secreto do Imperador na Europa, para colonização e recrutamento. A 9 de abril de 1827, o Governo Imperial o acreditou como Encarregado de Negócios nas Cidades Hanseáticas, na Baixa Saxônica, no Mecklemburgo, no Oldenburgo e na Dieta da Confederação Germânica em Francfort-sobre-o-Meno. Sua atuação no recrutamento de soldados e colonos, muito atacada, parece ter sido, na verdade, quase criminoso. Os mercenários o apelidaram *Schaffer-Cachorro*. De volta ao Brasil após a revolta dos mercenários em 1828, foi promovido de major a tenente-coronel. Escreveu um livro: *Brasilien als unabhängiges Reich – O Brasil como País Independente*.

4 A família fidalga grega Ypsilanti veio do bairro de Phanar, em Constantinopla, onde se recrutavam servidores cultos para o Império Otomano, os chamados *phanariotas*. Vários foram os Príncipes Ypsilanti, que se tornaram dignos de nota. Em primeiro lugar, Alexandre, estadista, que viveu de 1726 a 1805, foi Hospodar ou Príncipe da Valáquia em 1774 e da Moldávia em 1786, esteve exilado em Rodes, em 1793, e voltou novamente ao governo da Valáquia, em 1796. Depois: Demétrio, homem de Estado celebrizado na luta pela independência da Grécia, que viveu de 1793 a 1832; Constantino, com atuação idêntica, nascido em 1760 e falecido em 1816, tendo governado como Hospodar a Moldávia de 1799 a 1801 e a Valáquia, em 1802; Alexandre, General a serviço da Rússia, que viveu de 1792 a 1828; e Nicolau, tendo vivido de 1798 a 1834, que comandou o famoso Batalhão sagrado na guerra pela Independência Helênica. O título de Hospodar era dado pelos Sultões de Constantinopla àqueles príncipes que, com certa autonomia, governavam em seu nome os Principados do Danúbio, que vieram a formar a Romênia moderna. Naturalmente o dançarino a que alude o autor dizia ser o Príncipe Demétrio, que correu aventuras pela Europa.

5 Trata-se provavelmente do Alferes do 1º Batalhão de Granadeiros Alemães von Strube. Ele figura na lista de oficiais estrangeiros ao fim do volume.

nome jamais encontrei no *Livro dos Torneios* de Kürner nem nos Registros de nossa nobreza.<sup>6</sup>

Já estava disposto a esperar outra oportunidade, quando soube que a jovem e amável esposa do capitão do navio de transporte tomaria parte na viagem ao Brasil. Um homem, sendo mais forte, não pode temer os incômodos a que, por afecção, uma mulher fraca se sujeita. Envergonhei-me de minha irresolução, paguei cem pesos e alguns dias depois fui para bordo.

O sr. von S-r desceu rio conosco. Acompanhavamos Capitão de Cavalaria H-ft,<sup>7</sup> que tomara parte na guerra pela liberdade da Alemanha e até figurara em estampas e canções. Achei conveniente apresentá-lo aqui, porque mais tarde reaparecerá no palco do Rio de Janeiro e, contra toda expectativa, estreará em papel curto, porém brilhante.

Fomos recebidos a bordo com a esplêndida canção: “O Brasil não fica longe daqui!”.<sup>8</sup> Havia mais ou menos 300 pessoas, das quais 200 soldados cheios daquele entusiasmo que produz qualquer barril de aguardente. O Capitão de Cavalaria improvisou um discurso de arromba. Respondeu-lhe um tremendo *Viva!* E, quando promeu solememente seguir dentro de breve prazo seus bravos compatriotas, a alegria foi quase sem limites. Nunca eu poderia pensar naquela ocasião que ele cumpriria a promessa. Os fatos, porém, demonstraram que até o que me nos esperava pode acontecer.

O Cavalheiro, que sabe melhor beber do que discursar, embora seu amigo não lhe fique atrás naquela primeira qualidade, mandou, então, ler o que chamava o seu Regulamento. Ó Becaria, como esbugalharias olhos de espanto, se lesse semelhante código policial-criminal escrito em algumas folhas de papel, o qual entregava a vida e a liberdade de 300 modernos Argonautas ao capricho e arbitrio de um só homem, e

6 Se se trata na verdade do Alferes von Strube, o armorial de Reitstap registra a família como nobre, no Hannover e na Prússia. Os von Strube do Hannover brasonam de azul com um grou de prata voltado à destra, tendo no bico uma chave de negro, sobre um terrado de verde. Os da Prússia, de prata com uma águia estendida de negro, tendo a asa direita rebaixada, o que denota penalidade ou diminuição.

A observação do autor, no entanto, é muito verdadeira em relação a vários dos oficiais mercenários que se intitulavam nobres.

7 O Capitão Hanft, que foi Coronel no 2º Batalhão de Granadeiros alemães, e morreu pouco depois, de volta a Hamburgo.

8 Parece que a canção era ritualmente cantada por ocasião dos embarques de colonos e mercenários no rio Elba, pois E. T. Bosche a registra nos seus *Quadros Alternados*.

## 14 C. Schlichthorst

fa zia dele de pen der, como seu pre si den te, a mais alta ins tân cia que lem bra va a Comissão Mi li tar de Na po leão!

Seguindo o exemplo brasileiro, o Cavalheiro aplicava facilmente a pena de morte e estufava o peito, como um galo de Calcutá,<sup>9</sup> ao ler o ar ti go 13<sup>o</sup> do seu Re gu la men to, o qual diz ao pé da le tra: “Todo aquele que provocar desordens a bordo, deve ser condenado à morte e imediatamente fuzilado.” Muitos estarão inclinados a pensar que se tratava de uma hipérbole. Poderia, como tal, figurar num código válido tão-somente durante a travessia. Eu mesmo a julgava assim e duvidava mu i to da ve ra ci da de dum a his tó ria com que o Ca va lhei ro nos en tre ti ve ra ao descer o rio. Infelizmente a vi completamente corroborada, quando che guei ao Rio de Ja ne i ro.

Oito meses antes, na primavera de 1824, o navio *Germânia* fora despachado pelo Cavalheiro von S-r com soldados e colonos para o Brasil. Entre os primeiros, havia muitos presidiários de Mecklemburgo,<sup>10</sup> circunstância que poderia justificar certo grau de severidade e recomendava as maiores precauções. To da via não é mu i to di fí cil man ter a ordem dentro dum navio. Os mesmos dispositivos sanguinários que o Cavalheiro, como um moderno Licurgo, costumava promulgar em todas as viagens também vigoravam nessa e, infelizmente, comandava aquela gente o sr. von K-r,<sup>11</sup> jovem sem experiência, deslumbrado pelo nimbo dum soberania temporária com que o Cavalheiro von S-r o havia aureolado. Além disso, era desconfiado, covarde e cruel; o Capitão não passava dum velho idiota e o Piloto, dum perfeito celerado. Para com ple tar essa no bre jun ta, acres cen tou-lhe o di a bo uma sol te i ro na ido sa, tão las ci va quão ci o sa de seu bom re no me, a qual re sol veu de mo ni a camente vingar com sangue a caçoada duns rapazolas alegres, que pro palaram adoçar ela as noites solitárias do velho lobo-do-mar por mera piedade cristã.

A viagem prolongara-se mais do que se calculara. Os víveres diminuíram, provocando inúmeras restrições que, como sempre, deram

---

9 O *Gallus Bankiva*, raça inicial dos galináceos, espalhada em todo o Oriente pelos malaios. Tem o pescoço dourado, as costas cinzenta e purpúrias, o peito negro e a cauda verde bronzeada.

10 A mesma coisa diz E. T. Bosche nos seus *Quadros Alternados*. Os batalhões de mercenários no Brasil, segundo todos os documentos, foram constituídos pela escória da Alemanha e de outras nações, no meio da qual figuravam, de fato, condenados mecklemburgueses.

11 Pelo depoimento de Bosche, que narra o mesmo fato, sabe-se que era o comandante von Kusenetter. O Capitão do *Germânia*, cúmplice do crime, chamava-se Vos.

azo às reclamações de muitos, o que se viu de pretexto suficiente para a classificação do delito com pena de nas leis do Cavalheiro von S-r com o nome terrível de *rebelião*. Assim, houve uma revolta no navio, isto é, alguns indivíduos e, entre eles, os que difamaram a velha bruxa parece que lembrou ser possível, em caso de necessidade, obri-gar o Capitão a arribar ao porto mais próximo, para tomar provisões frescas. Não se realizou nenhuma tentativa real para traduzir em ato esse pensamento. Juridicamente, portanto, era impossível a arguição de crime, pois este prevê uma ação ou, pelo menos, uma tentativa de ação.

Não havia, porém, juristas a bordo e formou-se uma comissão extraordinária com as pessoas acima citadas. Presidiu-a uma desconhecida covarde. Os murchos encantos duma velha solteirona cochicharam aos ouvidos da nojenta lascívia dum ancião o ódio sanguinário que devia satisfazer-lhe a vingança. E atuou a mais astuta malvadeza. Desta sorte, após doloroso inquérito, para o qual, no mar, não se empregam algemas ou cavaletes, mas simples cabo chamado na gíria *endje*,<sup>12</sup> sete pessoas foram condenadas à morte, segundo testemunham as atas. Houve, no entanto, oito fuzilamentos. Esta circunstância merecerei em sentido jurídico. Nas atas, de fato, somente figuram no mínimo sete condenados à pena última, o que está em desacordo com a lista da investição procedida em terra, da qual consta clara e indubitavelmente terem sido fuzilados *oito*. Convenci-me pessoalmente desses fatos pelos documentos do singular processo que se acham em mãos do Sr. Miranda,<sup>13</sup> Inspetor da Colonização Estrangeirano Rio de Janeiro. O executor foi o Piloto. Com que nome se deve estigmatizar se melhan-te ação? É mais do que um assassínio penal, pois a própria Justiça em pessoa foi assassinada.

O Cavalheiro ainda nos comunicou um resumo das leis militares, publicado, a bem dos nossos compatriotas no Rio de Janeiro, em alemão e em português. Entre outros dispositivos, estes:

“Quem abandonar sua bandeira é culpado de morte.

12 Parece tratar-se do suplicio que costumavam aplicar a bordo dos navios, mergulhando a vítima n'água, às vezes mesmo passando-a por baixo do casco, amarrada à ponta dum cabo enfiado no laís da verga. Os franceses chamavam a isso *cale*. Também é possível ser simplesmente o que na gíria brasileira se denomina *calabrote* cabo curto para açoitar.

13 Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros, Chanceler-Mor de D. João VI, sacerdote, Inspetor da Colonização desde 1817 e querido de todos, que auxiliava os colonos com dinheiro do próprio bolso, elogiado por Quoy e que recebeu grandes manifestações de gratidão dos suíços de Nova Friburgo. O autor faz-lhe justiça em outro lugar, mas Bosche o calunia.

## 16 C. Schlichthorst

“Quem gritar na batalha: Salve-se quem puder! ou mostrar medo por si na is ou pa la vras, deve ser ar ca bu za lo.

“Quem sair ou en trar em uma for ta le za im pe ri al por ou tro ca mi nho que não os por tões, me re ce a mor te.”<sup>14</sup>

Num país onde o medo é reprimido por meio de castigos, a co ra gem anda mal; onde a se gu ran ça das for ti fi ca ções de pen de da cren ça em sua inexpugnabilidade e a pena de mor te ame a ça aos que, mes mo por brincadeira, tentem escalá-las, visto como isso poderia prejudicar a que a cren ça, na re ali da de elas se rão mais fa cil men te con quista das.

Depois desta cur ta di gres são, tomo a li ber da de de fa zer ain da algu mas ob ser va ções so bre os atos de ven da de car ne hu ma na do sr. von S-r, em ge ral, e a res pe i to do tra ta men to dis pen sa do às pes so as na tra ves sia, re fe rin do-me prin ci pal men te ao que sei por ex pe ri ên cia pró pria.

Primeiro: é impossível negar que essa imigração em vários sentidos purifica a Alemanha e que se não pode condenar um Estado que se livra de seus presidiários, cujo préstimo para o bem geral não compensa as despesas com sua manutenção e vigi lâ n cia, prin ci pal men te no caso dos grandescriminosos que não oferecem segurança absoluta e constituem sempre perigosa ameaça à sociedade. Se, como se dá no Grão-Ducado de Mecklemburgo, se deixa ao alvedrio desses homens cumprir a pena na terra natal ou se guir para o Bra sil, em hi pó te se al gu ma eles se po de rão que i xar de sua sor te, seja ela qual for.

Segundo: também não se pode negar que entre os indivíduos que, por espontânea vontade ou seduzidos pelos agentes do Governo Imperial Brasileiro, vão para o Brasil, muitos foram úteis à sua pátria e me re ci am me lhor sor te do que a que lá en con tra ram.

---

14 Estes dispositivos, que o autor acha bárbaros ou inúteis, são de origem alemã como ele, pois fazem parte do famoso Regulamento do Conde de Lippe, que vigorou nas nossas forças armadas da Colônia à República, do século XVIII ao primeiro quartel do século XX. Guilherme, Conde de Schamburgo-Lippe, de velha nobreza alemã, marechal-general do Exército português, nasceu em Londres em 1724. Estudou na Holanda e na França. Alistou-se em 1745 na Marinha Britânica, que abandonou por falta de saúde, passando a viajar. Aos 24 anos, em 1748, herdou de seu pai o governo do Condado de Schamburgo-Lippe, com cujas tropas se reuniu ao Exército de Hanover, então Reino pertencente à casa da Inglaterra. O Rei deste país fê-lo Grão-Mestre da Artilharia. Na guerra dos Sete Anos, tomou parte nas batalhas de Crefeld, Minden, Lutherbreugen, Fellinghausen, nos cercos de Cassel, Munster, Wesel, Marburgo, e na retirada de Kampsen. Em 1762, estando iminente a guerra entre Portugal, Espanha e França, o Marquês de Pombal pediu ao Gabinete de Londres indicasse um oficial general capaz para dirigir as tropas lusas. O Conde de Lippe foi o indicado, sendo nomeado a 3 de julho daquele ano. Fez uma campanha defensiva muito hábil até a paz de 7 de fevereiro de 1763. Então, passou a fortificar Portugal e a dar organização ao seu exército. D. José I fê-lo Príncipe de Sangue em recompensa de seus serviços, com o título de Alteza e um mimo de 6 canhões de ouro, pesando 32 libras, em reparos de ébano. Voltou a Schamburgo, onde faleceu em 1777 com 53 anos de idade, depois de ter visitado Portugal dez anos antes. Fez o seu famoso Regimento ou regulamento militar e escreveu em francês a obra: *Nouveau système de l'art de la guerre*.



Propalou-se na Alemanha oralmente e por escrito uma opinião exagerada sobre esse maravilhoso país. Reeditaram-se todos os antigos artificios de recrutamento para aumentar a tropa que se alista sob o auriverde pendão. As falsíssimas promessas dos agentes gananciosos, que avaliam a vida dum homem pela espórtula por ela recebida, são infelizmente amiúde tomadas como verdadeiras.<sup>15</sup> Não é, pois, de admirar que a tendência à imigração se tenha tornado na Alemanha tão geral e tão forte. Em verdade, entre os que tomam essa resolução de sepearada, proporcionalmente há poucos com alguma coisa a perder; mas são justamente esses os que merecem maior comiseração. Porque, depois de serem despojados de todos os modos do rancho para o por to de embarque, visto como é lícito presumir sejam todas as criaturas do sr. von S-r, em cujas mãos caem, celerados sem consciência, ele próprio e os que de perto o cercam to mam-lhes o restante, em pagamento de passagens e comida, sob a falsa promessa duma restituição pelo Governo brasileiro, em dinheiro ou maiores favores.

Vai tão longe a indignidade desses tipos que, para fugir a uma possível responsabilidade, dão recibos falsos das quantias recebidas, os quais de nada servem a seus portadores e mostrados pelos colonos a bordo de nosso navio.

No decurso da viagem, todos são igualmente tratados. Pagar ou não pagar dá no mesmo. A única vantagem de quem paga a passagem é a honra, duvidosa e envenenada pela inveja e má vontade dos companheiros, de ser nomeado durante a travessia inspetor de colonos ou chefe de família.

Nada disso vale perante o Governo brasileiro. Um colono não pode jamais alegar as despesas que fez. No começo, todos recebem o mesmo auxílio e o valor das terras concedidas depende do acaso, pois são tiradas a sorte.

Não é meu intuito examinar aqui quem lucra com as somas extorquidas desse modo, se os gananciosos agentes se reapartem ou se o cus dos transportes é por elas dividido. Isto me parece improvável e sinto muito não ter condições no Rio de Janeiro, onde me seria fáceis clarecer o assunto.

---

15 Schaffer abusava tanto dessa propaganda que Bosche o denomina "Messias da Terra da Promissão".

## 18 C. Schlichthorst

Aos que por essa maneira foram roubados é, porém, indiferente o destino de seu dinheiro. O Governo é o mais prejudicado com tais ladroeiras, porque facilmente se compreende que um colono que traz um pouco de fortuna se tornará sem comparação mais útil ao país do que o que chega de mãos vazias. Volta mais tarde e de modo mais extenso a tratar do problema da colonização, que, infelizmente, não é o único a merecer censuras ao Brasil.

De resto, é costume o sr. von S-r cobrar para a viagem ao Rio de Janeiro 100 pesos<sup>16</sup> nos camarotes e 40 no convés. Restitui-se esse dinheiro aos militares quando chegam, se realmente verificam praça, mediante apresentação de recibo válido. A providência visa evitar os aproveitadores de viagens gratuitas. Os oficiais que não seguem para o Brasil nos navios de transporte não têm direito a restituição alguma. O sr. von S-r extorque dos colonos o que pode. Alguns pagam 100 pesos, ou tros 200 e já mais tive notícia de qual quer restituição.

Mais censurável do que esse procedimento, que pode achar escusa no egoísmo, é o fato do sr. von S-r anotar nas listas todos os capazes de servir como soldados, até os filhos dos colonos e pessoas aceitas como colonos, ordenando severamente aos comandantes dos transportes que, nessa qualidade, os desembarquem no Rio de Janeiro. Dessa maneira, muitas famílias se vêem privadas de seus fortes braços. O prejuízo disso resultante, além de atingi-las diretamente, contraria o propósito de governamental, pois é impossível a velhos e crianças desbravar uma terra, cuja cultura exige o maior trabalho. Até meninotes que não servem para soldados são aproveitados como tambores e pífanos.<sup>17</sup> Pode-se afirmar sem susto que, em qualquer Estado europeu, metade desses soldados seriam excluídos das fileiras como inválidos.

É muito natural que uma Cidade Livre como Hamburgo<sup>18</sup> consinta na existência do maior número possível de empresas dessa ordem

16 Naturalmente o autor se refere ao *peso espanhol*, que, nesse tempo, correspondia mais ou menos a mil-réis.

17 Pela organização militar da época, os batalhões de Granadeiros tinham bandas de tambores e pífanos; os de Caçadores, de caixas-de-guerra e cornetas. Também se dizia pífaro. Os pífaros representavam na infantaria uma tradição que vinha do século XV, senão de mais longe. As bandas de música foram criadas em 1802.

18 O grande porto da Alemanha à margem direita do Elba, originado em um forte construído pelo Imperador Carlos Magno, desde o século XVII se tornou a metrópole comercial da Europa central e oriental. Até a constituição do Terceiro Reich foi Cidade Livre. Pertencia à Liga Hanseática, liga política e comercial gerada pela companhia de Mercadorias Hansa, que uniu do século XII ao XVI as principais cidades da Europa setentrional, dominando as rotas das Flandres à Eslováquia. Hamburgo e Lubeck formaram, em 1241, o primeiro núcleo dessa confederação. Seguiram-se Bremen, Bruges, Stralsund, Stettin, Riga, Novgorod, Colônia, Dantzig, Ostende, Dunquerque, Antuérpia, Amsterdã, Dordrecht, Brunswick, Luneburgo, Magdeburgo, etc. A liga afinal se estendeu pelo Mediterrâneo, abarcando Lione, Nápoles, Messina, Marselha, etc.

e mesmo até as favoreça, por que o lucro comercial que delas advém é bastante importante para merecer atenção e ajuda dos governos. Seu lado moral não interessa ao Estado, cuja força dele não depende, tampouco ao armador de navios, que visa lucros correspondentes às suas expectativas, sem bastante delicadeza de consciência para recusar sua embarcação a um verdadeiro comércio de escravos.

Demais, a essência do comércio reside na liberdade, sendo, sem dúvida, sinal de sabedoria o governo não intervir absolutamente nas intimidades da mercância.<sup>19</sup> Naquele tempo, 1824, o Governo brasileiro pagava soldados e colonos de 38 a 40 pesos por cabeça. Pelas crianças, a metade. O que morria pelo caminho não influía no frete pago pela quantidade de pessoas embarcadas em Hamburgo, um terço da quantidade lá, dois terços no Rio de Janeiro.

Na maioria dos casos, a alimentação do pessoal durante a viagem era bastante boa. Cada um recebia por dia um quarto de libra de carne ou meia libra de toucinho, batatas, ervilhas e pudim suficiente, uma ou duas vezes cachaça e, alternadamente, chá ou café. Não havia ração de pão: todos tiravam quanto necessitavam. O Capitão do navio em que viajei dava aos passageiros, durante o longo tempo em que permanecemos ancorados no Elba, carne fresca ou peixe de melhor qualidade, se havia oportunidade de comê-los. À nossa chegada ao Rio de Janeiro, sobravam provisões para 40 dias, apesar de termos ficado três meses no Elba e no porto de Hamburgo, devido aos ventos contrários, e de termos navegado 65 dias.<sup>20</sup> Com tal provisão na mente não eram de temer necessidades num veleiro rápido.

Muito me nos curiou o sr. von S-r da parte sanitária. O indivíduo que se intitulava médico, ao invés do barrete doutoral, trazia um estojo de barbeiro e uma paupérrima caixa de remédios. Com isso, pouco e mal se garantiam a vida e a saúde de 300 pessoas. Aos poucos, estas mesmas formaram uma espécie de junta médica, em que o voto do grumete, se fosse consultado, seria mais decisivo do que o do doutor. Em consequência, durante toda a viagem, morreram

19 Doutrina da economia liberal vigente na época, o chamado manchesterianismo, por se ter originado em Manchester. Seus mestres eram Adam Smith e Ricardo.

20 A demora e a viagem somam 155 dias, isto é, um pouquinho mais de 5 meses.

## 20 C. Schlichthorst

somente 29 criaturas.<sup>21</sup> Infelizmente, foi o sr. von S-r o culpado dessa negligência em quase todas as travessias, o que é tanto mais imperdoável quanto se declara doutor em medicina, devendo, pois, possuir conhecimentos necessários para examinar os indivíduos que se lhe oferecem nas ocasiões oportunas. Talvez a negligência seja aparen-te e a imunda ra-zão dis-so não pas-se de re les so vi ni ce, para a qual a vida humana ba i xa de pre ço em face do in te res se pes so al.

A grande mortandade que costuma haver nesses navios de transporte é ainda aumentada pela falta de asseio e de inspeção policial, conseqüências em geral da ignorância e má vontade das pessoas pre-postas a esses serviços pelo sr. von S-r. Isto se deu principalmente em nos so na vio. A va i da de ego ís ta do sr. von S-r não lhe per mi tia ace i tar de nin guém um bom con se lho, e sua te i mo sia ia tão lon ge que re je i ta va um arranjo de cuja conveniência estivesse convencido, só porque outro o haviaproposto.

Peço licença para mencionar em poucas palavras um caso que, por mais insignificante que pareça, claramente demonstra o caráter desse homem. Quando estávamos no Elba, uma comissão hanoveriana reclamou alguns súditos prussianos, a pedido do Embaixador do Rei da Prússia, Conde de Grote. O Cavalheiro von S-r dera pessoalmente ordem para serem entregues e realmente o foram, mas somente depois de espancados e com o rosto lambuzado de pixe, em presença daquela comissão. Brutalidade afrontosa, cuja infâmia recai sobre os que são capazes de praticá-la.

Nessa ocasião, não pude de i xar de ma ni fes tar mu i to ener gi ca mente meu desagrado ao sr. von S-r. Ambos havíamos sido súditos do Governo prussiano e nenhum de nós tinha razões de queixa por isso. Sem dú vi da, esse ato foi tão in fa me como con tra pro du cen te.

Este e ou tros ca sos se me lhan tes não eram de mol de a pro du zir grande harmonia a bordo. Ela não reinou durante a viagem. Porém, como não tenho a in ten ção de des cre vê-la, le va rei o le i tor im e di a ta mente ao Rio de Ja ne i ro.

---

21 Interessante a informação sobre a mortalidade num navio de passageiros, a vela, na travessia do Atlântico. Nas melhores condições, como se vê, ascendia essa mortalidade a quase 10%. Quando vieram os colonos suíços para Nova Friburgo, a mortalidade foi pavorosa, pois de 2.000 faleceram quase quatrocentos.

*Vista do Rio de Janeiro nos primeiros quartéis do século XIX. Tirada do meio da baía.  
Ao fundo, a serra da Tijuca, do minado pelo bico do Papagaio.*

Desenho de Lauverge. Gravura de Himely  
Das coleções do Museu Histórico

.....

## IV

### *Chega da ao Rio de Janeiro e História do Autor*

**C**hegamos ao porto do Rio de Janeiro a 4 de abril.<sup>1</sup> No dia seguinte, desembarcaram os homens destinados ao serviço militar de Sua Majestade o Imperador. Os colonos permaneceram a bordo até serem levados ao seu próximo destino – Almanson,<sup>2</sup> amplo edifício do outro lado da baía, utilizado pelos pescadores de baleias do Sul como depósito de óleo de bacalhau.<sup>3</sup> Ali se alojam nossos conterrâneos até haver

---

1 Naturalmente de 1825. Tendo a travessia durado 65 dias, como o autor diz anteriormente, a partida de Hamburgo deve ter sido de 26 a 28 de janeiro. A demora de 3 meses no Elba, à espera de vento favorável, nos reporta a 27 de outubro, data provável do embarque do autor. Está, portanto, comprovada, sua referência inicial ao outono de 1824. Bosche, autor dos *Quadros Alternados*, avistou os montes do Rio a 14 de abril do mesmo ano, 1825, e entrou no porto a 22, desembarcando no Arsenal de Marinha. Parece ter vindo em outro transporte apesar da proximidade das datas, porque não dá o nome do autor na sua lista de oficiais. É verdade que ele ainda o era.

2 Armação. Para nada tirar do sabor do livro, deixamos os nomes de pessoas, lugares e coisas do Brasil conforme o autor os estropiou, limitando-nos a corrigi-los em nota. Às vezes, no entanto, as estropiações podem ser dos tipógrafos e revisores. Elas se encontram em todos os livros de visitantes estrangeiros sobre o Brasil.

3 Na ponta hoje chamada da Armação, em Niterói, fundou-se o estabelecimento denominado *Armação de S. Domingos* para abrir as baleias pescadas na própria Guanabara ou nas redondezas do mar e preparar o azeite de peixe. Esse trabalho fazia-se anteriormente atrás da Alfândega, onde Brás de Pina, primeiro Contratador das Baleias no Rio de Janeiro e sesmeiro na região onde hoje existe o subúrbio com a estação ferroviária do seu nome, construiu o chamado Cais dos Mineiros. As baleias freqüentavam em abundância os mares do Sul do Brasil. Faziam-se de longa data grandes pescarias na Bahia e no Rio, conforme descreve Santa Rita Durão no seu poema *Caramuru*. A existência da pesca e do preparo de baleias nas águas cariocas figura em um painel a óleo de fins do século XVIII ou começo do XIX existente no Museu Histórico Nacional.

Quando o azeite das baleias era extraído por trás da Alfândega, a rua atual do General Câmara, se denominava do Azeite de Peixe. Foi também do Sabão e do Bom Jesus. O azeite fabricado era consumido na iluminação pública e particular da cidade. A construção da nova Alfândega obrigou a antiga Armação a transferir-se para S. Domingos. Desde 1765, Inácio Pedro Quintela sucedera como contratador das Baleias a Brás de Pina. Até 1791, a produção anual do azeite regulava em média 734 pipas. Em 1801, o Governo avocou o contrato de baleias e só teve prejuízos, o que o fez entregar de novo a um particular em 1816.

Ao proclamar-se a Independência, fenecera a pesca de baleias. O governo Imperial tomou conta dos edifícios da Ponta da Armação e deles fez depósitos de emigrantes. Em 1831, o inventário dos mesmos com seus pertences atingiu a importantíssima soma para a época de 122:212\$340. Em 1824, foram vendidos utensílios da fabricação de azeite no valor de 2:551\$880. Em 1835, parte dos terrenos em que se achavam as velhas instalações foi aforada ao Visconde de Albuquerque, Antônio Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti de Albuquerque, Conselheiro de Estado, senador em 1838 e ministro da Fazenda em 1829 e 1831, bem como de outras pastas em outros gabinetes.

Em 1866, localizou-se na Armação um Laboratório Pirotécnico.

É possível que ali se tenha preparado azeite de outros peixes, além do dos grandes cetáceos, que o vulgo geralmente considera peixes.

## 24 C. Schlichthorst

oportuni da de de em bar cá-los para Por to Ale gre, de onde são di ri gi dos à Colôniade S. Leopoldo.<sup>4</sup>

Como era meu propósito entrar para o serviço militar, também fui para terra, onde nos recebeu no Arsenal de Marinha o Imperador com sua esposa.

D. Pedro é um belo homem, de estatura mediana e rosto marcado pela varíola, com esplêndida barba negra. Porte naturalmente ativo. Fala depressa e decidido. Exprime-se mal em francês. Os olhos pretos e brilhantes não se fixam muito tempo em um lugar. Percebe tudo o que se passa em volta dele e gosta de intercalar uma piada num assunto sério. Ri frequentemente, mostrando dentes alvíssimos. Trajava, de acordo com o clima e a hora do dia, leve túnica cinzenta, chapéu branco, calças brancas e um lenço de muitas cores envolvendo o pescoço negligentemente.<sup>5</sup>

A imperatriz é baixa e gorda, com traços genuinamente alemães. Parece-se à primeira vista com a Ex-imperatriz Maria Luísa, porém sem aquelas feições delicadas e graciosas, que tornaram tão encantadora a esposa de Napoleão. O sol dos trópicos e o modo de vida a que se adaptou no hemisfério meridional em pres tam-lhe às fa ces alto grau de ver melhi dão e lhe de ram a cor pu lên cia que se ma ni fes ta em qua se to das as mulheres brasileiras, passada a primeira mocidade.

Além disso, a roupa com que se apresentava absolutamente não podia agradar a um olhar europeu. Altas e duras botas de Dragão<sup>6</sup> com pesadas esporas de prata, largas calças brancas e por cima curta túnica de seda, um fato de montar aberto, de pano cinzento, um lenço branco atado ao pescoço, à moda masculina, por cima da gola da camisa, e um chapéu branco, em feitado de azul claro. Essa bizarra

---

4 A 6 de agosto de 1788, o Vice-Rei D. Luís de Vasconcelos estabeleceu no Rio Grande do Sul uma Feitoria do Linho e do Cânhamo. Nesse lugar, denominado de então por diante a Feitoria, o Governo Imperial fundou a Colônia de S. Leopoldo. A primeira leva de colonos alemães chegou ali a 25 de julho de 1824.

5 O Imperador usava habitualmente fardas ou roupas muito simples, a chamada *fardeta de polícia* ou uniforme interno de quartel, de que fala o Barão de Pindamonhangaba. É com essa simplicidade que figura no conhecido desenho de Carlos Landseer. O depoimento de Schlichthorst confirma os anteriores. O de Bosche é quase idêntico. Nos seus pormenores, ambos não esqueceram sequer as marcas de varíola no rosto de D. Pedro. O retrato do autor combina com o de todos que descreveram o filho de D. João VI, tendo-o visto pessoalmente.

6 Botas altas com a parte dianteira mais elevada do que os joelhos, usadas pela cavalaria pesada e por alguns corpos de cavalaria de linha, como os Dragões.

com bi na ção de tra jes tão di ver sos não po de ria pro du zir um con jun to agradável.<sup>7</sup>

A Imperatriz fala o alemão à maneira de Viena, servindo freqüente mente de in tér pre te ao ma ri do. Dizem que é mu i to ins tru í da.

O séquito compunha-se de alguns generais e camaristas com fardas de muito gosto, e da Guarda de Minas,<sup>8</sup> algumas dúzias de homens altos e magros, montados em cavalos de testá veis.

Se a Imperatriz se apresentasse com um guarda de corpo de Amazonas, como as havia nos séculos passados nas vastas planuras da América do Sul, armadas de arcos de ouro, o Imperador com uma de botocudos, cheios de fantásticos adornos nas orelhas e beiços, braços e pernas matizados de pinturas, o efeito seria mais adequado ao aspecto tipicamente americano das cercanias.

O Arsenal de Marinha encosta-se de um lado ao rochoso morro de S. Bento, do mi na do por ma jes to so mos te i ro. Nes se vas to edi fí cio, vi vem na me lhor har mo nia fra des pi e do sos e sol da dos ce le ra dos.<sup>9</sup> Dos altos balcões ressoa a música mar ci al e o tam bor ru fa in in ter rup ta mente pelas arcarias dos claustros, sem perturbar o sono eter no dos bene di tinos falecidos. Sobre as suas sepulturas dormem os vivos e as mesmas paredes abrigam cristãos, ate use ju de us.

O pátio do Arsenal abre-se do lado do mar. Fecham os outros dois lados estaleiros e oficinas. Na carreira, ergue-se uma fragata meio acabada. Adi an te, tra ba lham negros, a grilhoa dos às for jas como es pí ritos

7 A Imperatriz Leopoldina, de fato, era feia e vestia-se mal. A descrição de Schlichthorst é fidelíssima e comprovada por todos os que a viram ou conheceram. Um retrato de Debret no-la mostra de roupa de montar frouxa e de botas grossas. Sua falta de graça reponta nas descrições de Seidler e de Walsh. O Marquês de Gabriac declara-a com um "dehors peu gracieux", desgracioso exterior. Jacques Arago escreve que trajava como uma cigana: "Sans exagération aucune, elle était vêtue comme une vraie gitana". Schlichthorst não desceu como Bosche a atribuir a vermelhidão da Imperatriz ao álcool, dando curso a malévolo boato.

8 O 3º Esquadrão da Imperial Guarda de Honra, que se compunha de três, um do Rio de Janeiro, outro de S. Paulo e o 3º de Minas Gerais. O uniforme da Imperial Guarda de Honra é usado atualmente pelo Regimento de Dragões da Independência, 12 de Cavalaria Divisionária. A Imperial Guarda de Honra fora criada por Decreto de 1º de dezembro de 1822. A sede do 1º Esquadrão era o Rio de Janeiro, do 2º Taubaté e do 3º S. João d'El-Rei.

9 Os primeiros monges beneditinos chegaram ao Rio de Janeiro em 1581. Levantaram o convento no outeiro onde Manuel Aleixo, o Velho, edificara uma ermida. A doação do local foi feita aos frades Pedro Ferraz e João Porcalho por Diogo de Brito Lacerda, a 25 de março de 1590. Até então os frades beneditinos tinham ocupado a Capela de Nossa Senhora do Ó, depois do Carmo e finalmente Capela Imperial, hoje Catedral. O morro de Aleixo, o Velho, após a construção do mosteiro, passou a chamar-se morro de S. Bento. O Governo Imperial aquartelou ali os granadeiros alemães até sua transferência para o Quartel da Aclamação, no Campo de Santana, atual Ministério da Guerra. O morro de S. Bento foi também chamado do Manuel de Brito.



inferna is. Seu canto de sar mo ni o so do mi na o Hino Imperial<sup>10</sup> to ca do por barulhenta banda de música, enquanto no proscênio os fi lhos da Ger mã nia, como um re ba nho de ove lhas bran cas ajun ta das pelo pas tor fi dal go, dão ao seu novo amo um viva ca lo ro so!

Em breve, o ouvido se acostuma à enxurrada de dissonân cias e os olhos se deliciam nas novas impressões que se lhes ofere cem por toda a parte. Do imenso casario sobressaem rochedos e morros isolados. Aqui e ali, uma palmeira esbelta agita no espaço o topo altaneiro. Nenhuma nuvem tolda o profundo azul do céu. Por cima da superfície lisa da baía, coberta de navios sem conta, a vista alcança a margem oposta. A serra dos Órgãos ergue-se em formas fantásticas, com ilhas verdejantes a seus pés. A Vila Real da Praia Grande<sup>11</sup> distende seu longo arco de casas prateadas ao longo da costa sinuosa. As fortalezas de Santa Cruz, São João e do ilhéu ro cho so da Laje de fen dem a en tra da da bar ra. Vil le ga ig non e a ilha das Cobras protegem o porto e a cidade. Em suas baterias, flu tua a ban deira auriverde e o troar dos canhões saúda um novo dia.<sup>12</sup> Passam

10 O Hino da Independência composto e tocado pela 1ª vez em S. Paulo pelo próprio Imperador. Houve outro Hino da Independência, da autoria do maestro Marcos Antônio Portugal, que não teve voga, nem foi oficializado. A letra do Hino da Independência – “Brava gente brasileira”, foi de Evaristo da Veiga.

Não se deve confundir o Hino Imperial ou da Independência com o Hino Nacional Brasileiro. Este é composição do grande mestre Francisco Manuel da Silva, nascido no Rio de Janeiro a 21 de fevereiro de 1795 e aí falecido a 18 de dezembro de 1865. Segundo vários historiadores, o Hino Nacional foi composto para as festas da coroação de D. Pedro II, em 1841. Todavia, segundo pesquisas feitas pelo sr. Agostinho de Almeida, dedicado estudioso da questão, o manuscrito de Francisco Manuel, existente na Escola Nacional de Música, está junto com a letra de Ovídio Saraiva de Carvalho – “Ao heróico dia 7 de abril” (1831), escrita por ocasião da abdicação de D. Pedro I; Francisco Manuel compôs um hino para a Coroação, cujo manuscrito, com versos de João José de Sousa e Silva do Rio, irmão do historiador Joaquim Norberto, se encontra na Biblioteca Nacional; em 1838, conforme notícia o *Jornal do Comércio* de 21 de fevereiro desse ano, a banda de música da nau francesa *Hércules* que trouxe ao Rio o Príncipe de Joinville, noivo da Princesa D. Francisca, tocou “o Hino Nacional, composto pelo sr. Francisco Manuel da Silva”; do que se infere a existência do mesmo hino antes de 1841, data da coroação, e ter sido feito em 1831, quando da abdicação do primeiro Imperador.

A confusão de que nasceu o erro de se atribuir ao Hino Nacional a data de 1841 vem possivelmente do fato de lhe ter sido adaptada uma letra anônima referente às festas da coroação de D. Pedro II. Releva notar que Ernesto Vieira, em seu *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*, afirma que, por ocasião da Independência, Francisco Manuel da Silva fez um hino, “que foi e ainda é o Hino Nacional do Brasil”. O grande cultor da memória do maestro insigne, sr. Agostinho de Almeida, alia-se a esta opinião e admite ter sido a composição do hino contemporânea da Independência.

O túmulo de Francisco Manuel da Silva acha-se no Cemitério de S. Francisco de Paula, em Catumbi.

11 Niterói. Este nome já era dado ao lado da baía fronteiro ao Rio, pelos indígenas. Batista Caetano assim o explica: “y-i-terói, água que se esconde, dando-se naturalmente o metaplasmo de *y-i-em ny*, donde *Nyteroy*”.

12 A fortaleza de Santa Cruz foi levantada no lugar do antigo forte denominado de Nossa Senhora da Guia, erigido de 1588 a 1598 pelo Governador Salvador Correia de Sá e Benevides. A 11 de fevereiro de 1599, esse forte detinha a bala a esquadra holandesa de Olivier van Noort. Santa Cruz, que a substituiu, foi terminada a 6 de novembro de 1696, no governo de Sebastião de Castro Caldas. O primitivo forte de Santa Cruz ficava no local atualmente ocupado pela igreja da Cruz dos Militares e protegia o desembarcadouro da cidade.

A fortaleza de S. João ficou pronta em 1618, com as baterias de S. Martinho, S. Diogo, S. José e S. Teodósio.

voando os flamingos<sup>13</sup> com o esplendor de suas cores brilhantes e borboletas variegadas, de tamanho nunca visto, brincam aos raios do sol nascentes.

Penso não existir no mundo outro lugar onde a natureza tão bem se adapte às necessidades duma densa população como aqui. Vasto por topografia das tempestades por alta moldura de montanhas; a mudança regular dos ventos, que torna a entrada dos navios fácil e sem perigos; rochedos de granito no meio da cidade, formando excelente e inegotável tesouro de material de construção; abundância de água cristalina, descendo das serras próximas para os vales, pelos quais a cidade serpenteia com seus braços gigantescos; e esses montes cobertos de matas virgens, que asseguram farta provisão de lenha para séculos, tendo de permeio campos tão férteis e com tal força de produção do solo que os produtos comuns das hortas européias podem ser semeados e colhidos seis a oito vezes por ano. O mar fornece em abundância excelente pescado, nas praias formigam os caranguejos e os rochedos se cobrem de ostras e mariscos. Soamente a carne de vaca é quase intragável, não por falta de pastagens, mas por que se não tem o menor cuidado com as boisas durante a vigia para a cidade e se procede à matança da mais detestável maneira. A carne de porco, pelo contrário, é tão boa como nunca provei na Europa, talvez por se remosanimais alimentados com frutas e mortos ainda no vivos. As aves são medíocres e caríssimas.

Todas essas vantagens se coroam com um céu eternamente limpo e com uma brisa que refresca o ardente calor da atmosfera, durante os meses do verão: janeiro, fevereiro e março. Isso, porém,

---

As obras da Laje ou Lajem, do ilhéu do mesmo nome, que os franceses chamavam Ratier, foram começadas somente depois da invasão de Duguay-Trouin e acabadas depois de 1718.

Em Villegaignon, havia uma bateria de roda, isto é, ao redor da ilha, que foi destruída por uma explosão a 12 de setembro de 1711, quando da entrada de Duguay-Trouin. Em 1761, o Governador Gomes Freire, Conde de Bobadela, levantou na ilha o forte de S. Francisco Xavier. A Ordem Régia de 22 de novembro de 1767 mandou concluir as obras da bateria de roda.

Na ilha das Cobras, conhecida até 1587 pelo nome de ilha da Madeira, tão coberta de matas se achava, e pertencente ao oleiro João Gutierrez, o Governador Salvador Correia de Sá e Benevides fez construir o pequeno forte de Santa Margarida, terminado em março de 1641, cujo 1º comandante foi Artur de Sá. Em 1712, tinha 13 bocas-de-fogo. Em 1736, o Brigadeiro Silva Pais, notável pela sua atuação na defesa de nossas fronteiras meridionais, fazia a planta da fortaleza de S. José, ali construída em 1761.

13 Ave da família dos *Phenicopteridae*: *Phenicopter roseus*, fenicóptero róseo. No Brasil, chamava-se geralmente flamengo a garça vermelha, o *guará-piranga* ou *guará-miranga* dos índios.

## 28 C. Schlichthorst

favorece a preguiça e a inata sujeira de todos os povos meridionais. A imunidade de tão grande cidade com o clima empestaria as ruas, pois cavalos e cães ficam onde caíram mortos, as cloacas despejam-se nas praias e praças públicas, e os mortos são sepultados nas igrejas. É tão grande a força do sol e do ar, com binada com a atividade de milhões de insetos, que só raras vezes se pode desenvolver um fedor constante. Dos morros próximos desce para a cidade o cheiro suave dos laranjais floridos, que, em geral, predomina sobre quaisquer outros.

Nesse ínterim, a Imperatriz lera as cartas do Cavalheiro von S-r e perguntou pelos cães que lhe enviara de presente.<sup>14</sup> Trouxeram-nos e lhe deram grande prazer, embora fossem míseros animais. Aliás, não vale a pena enviar cães de caça de boa raça alemã a esta parte da América. Já na viagem o calor tropical muda completamente seu temperamento. Os mais vivos tornam-se preguiçosos e lânguidos, esquecendo depressa o que aprenderam na Europa. Os cães espanhóis dão melhor resultado, principalmente os podengos, que também se prestam para a caça.<sup>15</sup> É uma invenção dizer-se que os cães não ladram entre os solstícios, perdem a voz e os pêlos. No entanto, algumas raças americanas nascem sem pêlos e, apesar disso, ladram como as outras.

A Imperatriz é grande amadora da caça. Dizem que atira tão bem quanto monta.

O Imperador ocupou-se principalmente com um suposto aluno da Escola de Minas de Freiberg,<sup>16</sup> vindo no nosso transporte, que desembarcava com seu traje típico. Examinou-o por todos os lados e, rindo, gracejou da roupa singular. O homem estava, portanto, em maré de fortuna, o que de via ao acaso ou, antes, àquele parte de sua vestimenta que, no linguajar mineiro, tem nome tão pinturesco quanto indecente, a qual foi na verdade o que chamou a atenção do soberano.<sup>17</sup>

14 Em todos os barcos que traziam colonos e soldados, Schaffer mandava presentes aos Imperadores, "coisas originais", registra Bosche. Vinham cães e sobretudo cavalos de boa raça e estimação. Alguns encomendados em cartas sucessivas, como os dois castanhos do Bailio May, em Illefelds, que eram famosos e aos quais aludia a Imperatriz em carta a Schaffer.

15 Cães espanhóis são os fraldeiros ou fraldiqueiros de pêlo sedoso, que os franceses chamam *épagneuls*. Na Espanha, eram chamados *perros*, corruptela de *patrius* diminuição de *canis patrius*, o cão da terra. O podengo é do gênero e também se denomina cão-de-busca. É o *terrier* de franceses e ingleses. Aliás, no texto, o autor emprega a expressão *terrier*.

16 Cidade da Saxônia, em cuja catedral se vêem os túmulos do ramo Albertino da Casa Real de Saxe, com monumentos históricos e uma notável Escola de Minas.

17 A roupa de mineiro tem nas calças um fundo de couro. Assim se compreende o que o autor quer dizer.

Todavia sua ignorância passava dos limites. Enviado à Província de S. Paulo, para melhorar as suas fábricas de ferro,<sup>18</sup> pouco tempo ali se demorou. Regressou ao Rio de Janeiro e trabalhava na Casa da Moeda como ferreiro, ofício de que entende mais do que de mineralogia, cujos rudimentos mal sabe.

A variegada multidão começou pouco a pouco a dispersar-se. O Imperador ajudou a esposa a montar e ela partiu com o séquito pelas ruas a meio galope. D. Pedro alcançou-a a toda brida. Ele é, sem dúvida, o melhor cavaleiro de sua capitãl.

Os nossos soldados foram conduzidos para o quartel do 2<sup>a</sup> Batalhão de Granadeiros no Mosteiro de S. Bento. Ali os mediram e os repartiram pelo tamanho entre esse batalhão e o 27<sup>a</sup> de Caçadores,<sup>19</sup> também formado por alemães. Os oficiais que os acompanhavam podiam ir para onde quisessem. Não se cuidou de seu alojamento e alimentação. Dias após a chegada, o sr. de Miranda ofereceu-lhes um jantar, que deu oportunidade à maior, que pisa va sem diheiro o solo americano, a saciar sua velha fome.

---

18 As fábricas ou fundições de ferro de S. Paulo datavam da primeira metade do século XVII; mas desde o ano de 1578, quando foram descobertas as jazidas do minério, a administração encarava o assunto. Francisco Lopes Pinto, que faleceu a 26 de fevereiro de 1629, com seu cunhado Diogo Quadros, montara a primeira fundição em Ibirapuera, perto de Santo Amaro, a qual se extinguiu com sua morte. Foi ele também o fundador da de Biracoiaba, ou Araçoiaba, como se lê em alguns documentos, mais tarde denominada Fábrica de S. João de Ipanema. No ano de 1798, experimentou-se a habilitação do famoso João Manso, cognominado o *Químico* muito criticado mais tarde pelo próprio governador de S. Paulo. Dizia-se que o ferro fundido por ele era quebradiço. A Carta Régia de 4 de dezembro de 1810 deu ao Governo a exploração das minas. No mesmo ano, contratou-se uma turma de técnicos suecos, chefiados por Carlos Gustavo Hedburg, para trabalhar o ferro. Os suecos se desentenderam e sua vinda não produziu resultado apreciável. Daí a Carta Régia de 7 de setembro de 1814, suspendendo os trabalhos. Estes eram feitos com fornos altos, no tempo denominados Stuckofen. A direção da fábrica foi entregue no ano referido a Frederico Guilherme de Varnhagen, pai do historiador desse nome, oficial alemão a serviço do Brasil, que a deixou em 1821. Foi substituído por técnicos prussianos que só faziam beber e entrou na decadência. Explica-se, pois, o interesse do Imperador por um técnico que a fizesse voltar ao que era, manifestado na maneira por que acolheu o pretenso aluno da Escola de Minas de Freyberg. A fundição estava sob a guarda do Ministério da Guerra, como base da nossa indústria bélica, então quase inexistente. No ano de 1825, pelo Decreto de 29 de março, foi transferida para o Ministério do Império, só revertendo ao da Guerra em 1852.

A nomeação de Frederico Guilherme de Varnhagen para a fundição de Ipanema foi feita a 27 de fevereiro de 1814, mas ele só tomou posse do cargo um ano depois, em 27 de fevereiro de 1815. O seu primeiro posto no Exército Português foi de sargento-mor, equivalente a major. Mais tarde recebeu a promoção a coronel. Era pai do notável autor da *História Geral do Brasil*, Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, nascido em Sorocaba a 17 de fevereiro de 1819 e falecido em Viena a 29 de junho de 1878.

19 Os batalhões de Granadeiros, como os de Fuzileiros, eram na época considerados *batalhões pesados* com oito ou dez companhias, armas mais longas e tamanho maior exigido para os soldados; os de Caçadores, infantaria ligeira, batalhões leves, ligeiros, com quatro ou seis companhias, armas mais curtas e tamanho menor. Era costume medir ou tosar os soldados antes de distribuí-los pelos corpos de acordo com o seu físico. Chamavam-se tozadores aos encarregados desse serviço. *Tasadores* diziam os espanhóis.

### 30 C. Schlichthorst

Mais tarde, cada um recebeu, até ser colocado, um cruzado ou 400 réis, mais ou menos meio táler<sup>20</sup> em moeda corrente, verdadeira ninharia numa cidade onde todas as necessidades da vida europeia são caríssimas e só vive barata quem sabe aproveitar as oportunidades e restringir-se aos produtos da terra. Por um quarto pe que no e horível, tive de pagar 10 mil-réis mensais, isto é, 15 táleres. Na Alemanha, um criado não conta a vida com esse cômodo e com móveis tão pobres. Ali, tive de agradecer a Deus tê-lo em contrário.

Quatro dias após minha chegada ao Rio de Janeiro, levei num duelo um tiro no pé esquerdo. A bala penetrou pela polpa do polegar e, sem causar grande dano aos ossos, saiu pelo pé. O dedo mindinho sofreu um pouco. Corri perigo nos primeiros momentos, por causa duma contração espasmódica na boca. Minha robusta constituição salvou-me ainda dessa vez. Em três ou quatro semanas, estava tão bem que já podia andar, em boracoxeando.

Certamente o leitor desejará saber a razão desse duelo. Se eu quisesse satisfazer-lhe a perdoável curiosidade, deveria contar uma história muito comprida, que terá pouco interesse para muitos e cuja recordação faz vibrar dolorosamente minhas fibras mais íntimas. Basta esta explicação: ser importuno nas relações amorosas força a injúrias graves que só se vingam a bala ou ponta de espada.

Embora as leis brasileiras sejam muito severas contra o duelo, punindo o simples desafio com banimento ou deportação, eu e meu adversário não sofremos o menor castigo. Ambos ainda não estávamos a serviço do Estado e, por isso, no meu fracasso em entender, mesmo que a história viesse à baila, não lhe teriam dado maior importância.

Durante o tempo em que fiquei de cama, pude fazer meditações edificantes sobre o assunto, sem o menor pressentimento de em breve ter de empregá-los nos resultados práticos. Na Europa, numa sociedade educada, compenetrada do mais delicado sentimento de honra, o duelo é um mal inevitável, como único meio de conservar o espírito de ordem,

20 Moeda alemã antiga, de prata, às vezes chamada em autores portugueses *esudo*. Seu nome vem das peças cunhadas no século XVI com o ouro das minas de Joachimsthal, que se denominaram ao princípio Joachimsthaler e finalmente Thaler. O Thaler dividia-se em 15 Batzen e 60 Kreuzers ou cruzados. Em 1666, cunharam-se os Reichs-Thaler, cujas principais variações foram o Current-Thaler ou táler corrente, comum, o Species-Thaler ou táler especial, de caráter comemorativo, e o Reichs-Thaler ou táler imperial. O táler comum valia 3 marcos modernos. Podemos calcular seu valor na época aqui referida em mais ou menos 660 rs. ou 66 centavos.

precaução e de cên cia, que tor na tão atra en tes as re la ções das classes superiores. Querer bater-se entre caboclos e botocudos seria loucura e de sa fi ar um por tu guês é mais pe ri go so do que as sa si ná-lo.<sup>21</sup>

O selvagem ving a-se imediatamente de qualquer ofensa. O meridional educado engole in sul tos e até pan ca das; mas sabe ad mi ra vel men te em pre gar no si lên cio da no i te suas ar mas pre di le tas: o ve ne no e o pu nhal. Ri-se dum de sa fio ou dele se ser ve para per di ção de seu ini mi go.

Duelos e facadas, que é como se chama um crime muito comum no Brasil, às vezes ignominiosamente praticado por assassinos assalariados, têm sua utilidade social. Evi tam gros se ri as e cha la ças ofen sivas em todas as rodas, tor nam os ho mens dis cre tos e res pe i to sos para com o belo-sexo, e fazem as mulheres mais amáveis e cautelosas do que lhes per mi ti ria a ina ta va i da de au men ta da pela li son ja, se esta li vre men te se pu des se ex ter nar. Numa pa la vra, o medo de ofen der e a cer te za do cas ti go a toda afron ta per mi tem a gra dá vel con ver sa, em que o sar cas mo não chega a doer, porque gran de dose de li son ja lhe tira o amar gor. Mes mo que o revide nasça de exagerada compreensão da honra e dos restos dum sentimento cavalheiresco já fora do nosso tempo, como acontece na Europa, ou duma paixão mais negra que fere sua vítima com covarde segurança, malgrado a con de na ção de am bos es ses mo ti vos pela mo ral, é ine gá vel que a es tru tu ra da alta so ci e da de se ria aba la da em seus ali cer ces, se a bru ta li da de e a in cli na ção para a sá ti ra não en con tras sem cor re ti vo.

Felizmente, na Europa, o homem educado raras vezes se vê obrigado a entrar numa roda que mais ou menos não corresponda a todas as exigências da boa educação. Dessamaneira, o leitordifícilmente com pre en de rá os sen ti men tos de sa gra dá ve is, os in côm o dose as ofen sas causadas por uma sociedade em que as mais delicadas atenções podem ser calcadas pela violência nela reinante, pelas baixas intrigas que a movem e pela fal ta de idé i as ra zo á ve is, o que se tor na mais sen sí vel em um país onde o es pí ri to en con tra pou co ali men to.

O que aqui pinto é o que se passa nos grupos de nossos conterrâneos no Rio de Janeiro, com poucas exceções. Parece que só se reúnem para trocar grosserias. A preponderância do espírito somente se revela em brincadeiras porcas e sarcasmos rudes. É impossível desejar

---

21 No Brasil, nunca pegou o costume do duelo e sempre se resolveram as pendências de homem para homem, ao sabor do momento. Como, porém, algumas vezes certos indivíduos se vingavam à traição ou por mãos assalariadas, o autor generaliza com certa injustiça o caso.

### 32 C. Schlichthorst

uma palestra leve que somente toque na superfície do assunto, sem esgotá-lo. A gente se afasta ofendida e amargurada. A inimização crescente produz miseráveis mexericos, desenterram-se lembranças antigas para ridicularizar este ou aquele, acrescentam-se a velhas ligações novos e odiosos pormenores, que se tornam públicos, e, dessa maneira, destrói o resto da reputação que nos se guiou além do oceano.

Esse bom renome não seria muito grande, pois estas observações se referem principalmente às tropas dali, com posturas de gente que não deixou a Europa por ser modelo de virtudes. Mas, até entre os comerciantes alemães floresce a má educação e pouco é o seu gosto pela sociedade bilíngue. Vivem como cães e gatos. Os únicos assuntos de suas palestras, quando ultrapassam o câmbio e as falências de Londres, são mulheres, cavalos e cães. Todos afetam a língua e os costumes ingleses. *Pass the battle and help yourself*<sup>22</sup> é o seu melifluo estribilho. A parte mais sensata vive para si e sua casa. Todavia, em ambas as classes, há brilhantes exceções.

Aproveitei minha oportunidade para aprender inglês e um pouco de português, idiomas que quase não entendia à minha chegada. Quanto mais, graças a essas línguas, tive contato com outros estrangeiros, mais me afastei de meus conterrâneos. Devo confessar que isso não me fez muito popular entre eles e que em pouco tempo se casaram meus amigos alemães, o que me não importava, por que não pretendia ser vir com eles e sim arranjá-los para a Marinha.

Contudo, via bem agra da velmente na pe que na roda de minha casa, composta de três ou quatro alemães de categoria sofrível, de alguns ingleses e suecos. A quantidade de novas impressões alimentava abundantemente meu espírito. A natureza grandiosa que envolvia a grande capital agradava ao meu senso de beleza. E interessantes relações devidas a um acaso feliz completavam a satisfação desse sentido mais plástico do que pintoresco. Nesse período, cheguei a ser o que não fora na minha mais brilhante fase na Europa – um cavalheiro desociado.

Um decreto do Imperador, datado de 19 de abril<sup>23</sup> e publicado em Ordem do Dia do Comando Geral a 28 do mesmo mês, me nomeou Tenente do 2º Batalhão de Granadeiros de 1ª Linha, o que transtornou

22 Deixe correr a batalha e trate de si, ou melhor, na nossa linguagem popular: trate de si e deixe correr o marfim. Ou ainda: é tempo de murici, cada qual cuide de si.

23 De 1825. Uma quinzena após a chegada do autor ao Rio de Janeiro. A data do decreto mostra que não podia ter vindo no mesmo navio de Bosche.

meus projetos, porque, como já disse, não tencionava servir no Corpo de Estrangeiros, que se compunha do 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> de Granadeiros, do 27<sup>o</sup> e 28<sup>o</sup> de Caçadores de 1<sup>a</sup> Linha, e havia em meu peito de colocar claramente explicada minhas esperanças e expectativas.<sup>24</sup>

Em Hamburgo, o Cavalheiro von S-r me prometera um acesso e acenara com a esperança dum posto no Estado-Maior, conforme meus desejos. Referi-me no meu requerimento ao relatório por ele mandado a Sua Majestade a Imperatriz, enunciando, ao mesmo tempo, o desejo de entrar para a Marinha, que condizia melhor com as minhas inclinações. Dirigi um protesto ao Ministro da Guerra e outro ao Imperador, os quais de nada serviram. Esta vaes crito no livro do destino que eu seria grnadeiro.

Fui a S. Cristóvão e pedi a alta in ter fe rên cia da Impe ra triz em meu fa vor. De se ja va tão-somente a res ti tu i ção das des pe sas que fi ze ra e uma pe que na soma para vol tar à Eu ro pa. Sua Ma jes ta de res pon deu-me, com a amável franqueza que caracteriza a Augusta filha da Casa de Habsburgo, que não dispunha de influência nem de dinheiro, tendo somente muito boa vontade para com seus patrícios alemães. Tive a honra de beijar as mãos de Sua Majestade Imperial, da Princesa Maria da Glória, e de todas as Pequenas,<sup>25</sup> como chamam as princesas mais no vaze, che io de lou vá vel re sig na ção, vol tei à ci da de.

Por esse tempo, um dos meus amigos europeus, o Major H-e,<sup>26</sup> homem extraordinário, tanto por suas aventuras quanto por

24 O Corpo de Estrangeiros foi criado por Decreto de 8 de janeiro de 1823, constituído de um Regimento de Infantaria, tendo sido logo organizado o 1<sup>o</sup> Batalhão, com o efetivo de 844 praças, sendo cada companhia de 139. O Decreto de 13 de outubro de 1824 modificou essa organização para 1 Batalhão de Granadeiros e 2 de Caçadores. Um mês depois, a 13 de novembro de 1824, outro Decreto criava o 2<sup>o</sup> Batalhão de Granadeiros. Foi esta a situação da tropa mercenária que o autor encontrou ao chegar ao Rio de Janeiro. Seu depoimento é exato.

25 As Pequenas eram as Princesas: *D. Januária* Maria Joana Carlota Leopoldina Cândida Francisca Xavier de Paula Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga, nascida em 11 de março de 1822, que casaria a 28 de abril de 1844 com Luís Carlos José de Bourbon, Príncipe das Duas Sicílias e Conde de Aquila, falecendo a 5 de março de 1897; *D. Paula* Mariana Joana Carlota, nascida em 17 de fevereiro de 1823 e falecida a 15 de janeiro de 1833; e *D. Francisca* Carolina Joana Carlota Leopoldina Romana Xavier de Paula Gabriela Rafaela Gonzaga, nascida em 2 de agosto de 1824, que casou a 1<sup>a</sup> de maio de 1843 com Francisco Fernando Filipe Luís de Orleans, Príncipe de Joinville.

Além das Pequenas, nasceram a 26 de abril de 1820 o Príncipe *D. Miguel*, que morreu pouco depois, a 6 de março de 1821; *D. João Carlos* Pedro Leopoldo, Príncipe da Beira, que faleceu a 4 de fevereiro de 1822; e a 2 de dezembro de 1825, o Príncipe *D. Pedro de Alcântara*, que foi o segundo Imperador do Brasil.

A Princesa *D. Maria da Glória* era a primogênita do casal imperial e tinha os seguintes nomes: D. Maria da Glória Joana Carlota Leopoldina Isidora da Cruz Francisca Xavier de Paula Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga. Nascida em 4 de abril de 1819, faleceu a 15 de novembro de 1853 com 34 anos de idade. Casou em primeiras núpcias com D. Augusto, Duque de Leuchtenberg e de Santa Cruz; em segundas, com D. Fernando de Saxe Coburgo. Reinou em Portugal sob o nome de D. Maria II e foi mãe de dois Reis: D. Pedro V e D. Luís I.

26 O Major Heise, veterano da guerra da Colômbia, que organizou o esquadrão de Lanceiros Alemães de Porto Alegre, o qual se bateu no Passo do Rosário (Ituzaingó). Dele o autor falará mais adiante. Conhece-se na Alemanha a família fidalga Heise-Rotenburg, originária do Grão-Ducado de Mecklemburgo.



seu espírito, veio alistar-se no Rio de Janeiro. O Cavalheiro von S-r prometera-lhe o posto de tenente-coronel, distinção que bem merecia por ter angariado, por sua própria conta, na Alemanha, muita gente para o serviço imperial. O Major H-e não era um estranho à terra americana. Acompanhara o vôo vitorioso de Bolívar e, como Tenente-Coronel do Regimento do General Devereux, tomara parte nas glórias da batalha de Carabobo.<sup>27</sup> Teve como paga a ingratidão. Da Bolívia passou ao México, onde presenciou a agonia desse efêmero Império. Sua curta carreira terminou ali com a queda de Itúrbide.<sup>28</sup> Foi obrigado a jurar que jamais pisaria o solo da República sob pena de fuzilamento, se quebrasse sua promessa. Seguiu para a América do Norte, de onde, pobre e desapontado, voltou à Inglaterra, sua pátria. Contudo, as mais amargas decepções não foram capazes de abrandar suas ambições ou saciar sua sede de ação. De Liorne, Itúrbide convidou-o a to mar par te em sua aven tu ro sa ex pe di ção. Re sis tiu a essa tentação ou por delicadeza de consciência ou por bem conhecer a desproporção entre as forças do ex-Imperador com seus partidários e as da jovem República Mexicana, prevenindo o infeliz desenlace da tentativa.

Travou conhecimento em Hamburgo com o Cavalheiro von S-r, que se apro ve i tou dele al gum tem po para seus alis ta men tos e depois o mandou para o Brasil, chefiando uma leva. Nesta parte da América, também não o guiou feliz estrela. Apresentou-se ao Imperador

27 A batalha de Carabobo, travada na Colômbia a 24 de junho de 1821 entre os insurgentes e os espanhóis, foi, no dizer de Bartolomeu Mitre, "el Waterloo de los realistas". O vencedor dessa pugna que teve grande influência nos destinos das jovens nações americanas foi Simão Bolívar. Para o General José Antonio Páez, um dos participantes da luta, ela significa para a América Espanhola tanto quanto a de Yorktown para a América inglesa. O general Valencey, que comandava os espanhóis, perdeu suas melhores tropas e rendeu-se.

28 D. Agostinho Itúrbide nasceu em Valladolid, no México, em 1783, e morreu fuzilado em Padilla, no mesmo país, em 1824. Oficial do Exército Espanhol na Guerra da Independência, em 1810, distinguiu-se nas fileiras realistas, contribuindo para as vitórias de Valladolid e Purnaran sobre o chefe insurreto Morelos. O famoso Vice-Rei Apodaca nomeou-o por isso comandante do Exército Real do Norte. Nesse comando, tornou-se suspeito aos espanhóis por causa de sua origem. Foi acusado de concussão e demitido em 1816. Após a Revolução Constitucional Espanhola de 1820, o Vice-Rei Apodaca pronunciou-se contra a Constituição chamada de Cádiz, apoiado no prestígio militar de Itúrbide. A 24 de fevereiro de 1821, Itúrbide lançou o célebre *Manifiesto de Iguala*, no qual exigia a independência do México sob a forma de monarquia, com um Príncipe da Família Bourbon no trono. Deposto o Vice-Rei Apodaca, seu substituto O'Donjú sancionou o *Manifiesto de Iguala* pelo tratado de Córdoba. Então, Itúrbide, à frente de suas tropas, entrou triunfalmente na capital mexicana e assumiu a Regência da nova monarquia. As Cortes Espanholas rejeitaram o tratado e Itúrbide proclamou-se Imperador sob o nome de D. Agostinho I<sup>o</sup>, dissolvendo por um golpe de Estado a Representação Nacional. O Partido Republicano e o Espanhol deram-se as mãos e se sublevaram contra ele. Não pôde resistir, abdicou em 1823 e foi para a Europa, onde passou a viver na Itália. Pouco tempo depois, em face do estado de anarquia que lavrava no México, entregou aos ódios das facções políticas, resolveu reconquistar o trono. Equipou uma esquadra e desembarcou no seu país. Aprisionado, foi condenado à morte pela Junta Governativa de Tamaulipas e executado em Padilla, na data acima referida.

com a medalha dos vencedores de Carabobo,<sup>29</sup> o que logo provocou a aversão de Sua Majestade. Justamente nessa ocasião, D. Pedro andava muito prevenido contra tudo o que lembrasse Bolívar e as Repúblicas sul-americanas, por que es ta va no auge o le van te na Pro vín cia de Mon te vídú, os bandos de Lavalleja e Frutuoso Ribeiro<sup>30</sup> se tornavam perigosa ameaça e pare cia ine ví tá vel a guer ra con tra Bu e nos Aires.

Na audiência que lhe concedeu, o Imperador não respondeu ao discurso em espanhol do Major H-e, e, virando-se para seu séquito, disse em voz alta: “Não que ro este ofi ci al!” o que foi bas tan te para lhe ti rar qualquer vealidade de engajamento. No entanto, o Major não se deu por ven ci do tão de pres sa. Saiu ime di a ta men te do Ho tel de l’ Empire, onde alugara um quarto, e foi acam par com seu cri a do, al guns dias, sob a ar ca da do Pa vi lhão Impe ri al, isto no meio do Cam po de San ta na.<sup>31</sup> Escre veu ao mes mo tem po ao Impe ra dor, di zen do que não ti nha di nhe i ro para re gres sar à Eu ro pa, nem me i os para vi ver no Rio de Ja ne i ro, im plo ran do a graça de alistá-lo ou mandá-lo de vol ta e acres cen tan do que es pe ra va uma resposta, justamente naquele mes mo Cam po, onde, ha via 4 anos, o povo unâ ni me aclama ra Sua Majes ta de Impe ra dor do Brasil.

D. Pedro não deu atenção a esse pedido e o Major H-e, que tão originalmente se celebrizara na capital, achou conveniente aceitar o convite dum inglês generoso, o sr. Jorge M<sup>32</sup> para asilar-se em uma de suas fazendas e ali estabelecer uma cutelaria em condições vantajosas.

29 Por Decreto de 23 de julho de 1821, após a votação da Assembléia Constituinte de 20 do mesmo mês e ano, criou-se o distintivo dos Vencedores de Carabobo: um escudo dourado com cercadura de louros e o mote – *Vencedores en Carabobo* – Ano XI, que se usava na manga da farda do lado esquerdo.

30 O Caudilho Oriental Frutuoso Rivera, que seus patriotas chamavam geralmente D. Frutos. Nasceu em 1791 no Uruguai e faleceu na vila do Serro Largo em 1854. Era Coronel do Exército de Artigas e aderiu ao General Carlos Frederico Lecor, na vitoriosa Campanha da Cisplatina pelas tropas luso-brasileiras. Foi nomeado brigadeiro graduado do Império a 26 de maio de 1823, passando a efetivo por Decreto de 12 de outubro de 1824. Quando Lavalleja invadiu a Província Cisplatina com o fito de libertá-la do Brasil, em 1825, Frutuoso Rivera traiu os brasileiros e passou-se para o lado contrário a 27 de abril. Foi Presidente da República do Uruguai em 1838.

No Brasil, era conhecido pelo seu nome abrigado, Frutuoso Ribeiro. É com ele que figura em todos os documentos oficiais a seu respeito, existentes na Secretaria do Ministério da Guerra.

31 Em 1818, por ocasião das festas da coroação de D. João VI, levantou-se no Campo de Santana, a “vinte palmas do chão”, um pavilhão para a Família Real assistir às mesmas com a necessária comodidade. Era todo rodeado de varandas e compunha-se de um pequeno salão e três aposentos menores ou quartos, forrados de damasco e veludo. Esse pavilhão serviu às festas do 1º Reinado e só desapareceu na aurora do 2º, destruído pela explosão dos fogos destinados aos festejos da Maioridade de D. Pedro II, a 27 de julho de 1841. Durou, portanto, vinte e três anos.

32 George Marck, comerciante no Rio de Janeiro, ao qual o autor ainda se referirá.

Com grande pesar, vi-o afastar-se do Rio de Janeiro, porque era o melhor oficial que desejara se guir a ban de ira auri verde. Quanto ao resto de sua história, será oportunamente contado.

Na mesma leva, veio também o antigo oficial dinamarquês von E-d,<sup>33</sup> que se dirigiu ao Imperador em português, melhor recomendação do que a medalha dos vencedores de Carabobo e os sons desacomodados duma língua, que todo português detesta. Sua Majestade o nomeou Major Comandante do 3º Batalhão de Granadeiros de 1ª Linha a ser organizado como parte da mesma brigada a que pertencia o 2º, também com posto de alemães. Comandava este último o Coronel Cavaleiro Luís dall'Hoste<sup>34</sup> e a Brigada, o Brigadeiro D. Francisco da Costa de Sousa Macedo.<sup>35</sup> Além desses, havia no Rio de Janeiro o 27º Batalhão de Caçadores, comandado pelo Major Wood-Yeathes.

O 28º De Caçadores estacionava em Pernambuco sob as ordens do Coronel Conde de Escagnolle.<sup>36</sup> Desaparecera a denominação de Corpo de Estrangeiros.

Para dar ao leitor nítida idéia do teatro dos acontecimentos, que encherão a maior parte destas páginas, tentarei pintar no capítulo seguinte, resumidamente, um quadro que, sem pretensões à perfeição, possa modestamente pôr em relevo os traços característicos desta cidade, em todos os sentidos fora do comum, aproveitando como fundo o esplendor tropical da natureza que a cerca, a fim de minorar as lamentáveis sensações provocadas por uma crua narração de crimes e castigos, despotismo

33 O Major Eduardo von Ewald, que se dizia fidalgo dinamarquês e cuja nobreza foi muito discutida. No entanto, encontra-se na nobiliarquia alemã uma família von Ewald, originária de Halberstadt, cujo brasão figura em Rietstap: esquartelado, no 1º de ouro com um destrochero armado de negro, em faixa, na ponta; no 2º de azul com uma cabeça de cervo e prata, voltada à direita; no 3º de azul com 3 árvores sobre um terrado, tudo de sinopla; no 4º de ouro com uma muralha de negro e nela, ao alto, dois arcos plenos, abertos em prata. Fora capitão honorário de Cavalaria no Exército Dinamarquês.

34 O Cavaleiro Luiz dall'Hoste, nobre saboiano, cujo nome se encontra em vários documentos da época com variadas grafias, veio para o Brasil em 1817 no séquito da Arquiduquesa D. Leopoldina. Em 1827, o Imperador enviou-o à Europa, em missão confidencial que se prendia às negociações para seu segundo casamento. Partiu do Rio de Janeiro a bordo da fragata *Duquesa de Goiás* a 23 de junho de 1827, levando carta íntima de D. Pedro I ao Imperador da Áustria.

35 D. Francisco da Costa de Sousa e Macedo, Marquês da Cunha, nasceu em Lisboa a 9 de maio de 1788 e ali faleceu a 16 de agosto de 1825. Oficial do Exército português, comandou o 1º Batalhão de Caçadores do Rio de Janeiro e, por ocasião da Independência, optou pela nacionalidade brasileira. Foi graduado em brigadeiro, posto correspondente agora a general-de-brigada, por Decreto de 9 de agosto de 1824, e designado para o comando da 1ª Brigada de Infantaria, composta do Batalhão do Imperador como 1º de Granadeiros e dos Batalhões Alemães como 2º e 3º de Granadeiros, em 1825. Pediu reforma a 20 de fevereiro de 1829. Era gentil-homem da Imperial Câmara, Veador e Mordomo-Mor de S. M. a Imperatriz. Possuía as vênus do Cristo e do Cruzeiro.

36 O autor engana-se na transcrição do nome. Trata-se do Conde de Escagnolle, que deixou descendência no Brasil, sendo um de seus mais ilustres representantes atualmente o escritor e acadêmico Afonso de Escagnolle Taunay, diretor do Museu do Ipiranga, em S. Paulo.

A família nobre Robert d'Escagnolle é originária da Provença, França. Brasonava de ouro com uma aspa de sinopla, acompanhada no chefe por uma torre de xadrez do mesmo. (Deschavannes - *D.ct. de la Noblesse*).

e intrigas, de ca dên cia de re la ções so ci a is, opres são e extor são, trai ção e subor no, tristes conseqüên cias de toda revo lu ção po lí ti ca,<sup>37</sup> quadro da muito he ró i ca e le al Ci da de de S. Se bas tião do Rio de Ja ne i ro.

À que les que se em bri a gam com o doce ve ne no de per ni ci o sa filo so fia e pen sam talvez que, das ru í nas dum re gi me derruba do, se le van ta por um gol pe de má gi ca o tem plo da li ber da de, com pu rís si mas lin has gre gas, alicer çado na vir tu de e na ra zão, dese jo as ex pe riên cias dos pou cos an os que passei num fo co de a gi ta ções po lí ti cas, no me io dum po vo na tu ral men te a má ve le e es ti má ve le.

A fal ta de fir me za em to dos os ra mos do go ver no; con tí nu as mu dan ças de mi nis té rios e sis te mas per tur ban do a mar cha tran çui la e ro ti ne i ra da má qui na do Es ta do; pe ri go sa du pli ci da de em to das as re so lu ções do po der pú bli co; for ças ar ma das sem dis ci pli na, sem co ra gem e sem ca val he i ri smo, bri lhan tes qua li da des que jus ta men te de ram fa ma imor re dou ra aos an te pas sa dos des se po vo, os Al bu quer ques e os Ga mas, com an da das por es tran ge i ros que se im põ em ao ex e cu ti vo por me io de a me a ças, se pa gam à cus ta das Pro ví n ci as dis tan tes e o aban donam quan do seu au xí li o se tor na mais ne ces sá ri o;<sup>38</sup> um pa í s imen so di la ce ra do por fac ções con trá ri as, com as Pro ví n ci as do Nor te em re be lião fran ca,<sup>39</sup> ao Sul uma gu er ra ru i no sa,<sup>40</sup> e de per me io cár ce res, grilhões e ex e cu ções; e tal ven ali da de nos ju í zes que, por di ne i ro, qual quer cri me po de ser re mi do. São es tas as con seqüên cias dum re vo lu ção que pro vo cou cer to in te res se do ob ser va dor cal mo e mo de ra do, por ter apar ê n cia de gran de za e de co i sa ex tra or di ná ri a. Por ém a des con fian ças ge ral que dis so l ve to dos os la ços so ci a is, a opres são e de sam pa ro do po vo, o bár ba ro tra ta men to dis pen sa do aos sol da dos, a in di gna con du ta dos ofi ci a is su pe ri o res pa ra com os in fe ri o res e a mi sé ri a dos po bres ca boc los sac ri fi ca dos a uma gu er ra am bi ci o sa, tu do isso pro vo ca téd io, des go sto, hor ror. As tre vas do fu tu ro oc ul tam o que se cris ta li za rá des ta fer men ta ção ge ral. Só uma co i sa é cer ta: não va le a pe na in ve jar os con tem po râ ne os, que ti ve ram a hon ra du vi do sa de a gen tes des se pro ces so po lí ti co.

37 O autor, como se verá em várias partes da obra, considera, com toda a razão, o encadeamento de sucessos desde 1817 à Independência do Brasil como o desenrolar de uma única revolução.

38 Referências mais do que clara a Lorde Cochrane.

39 A revolução de 1824 alastrada de Pernambuco ao Ceará.

40 A campanha da Cisplatina, que, começada em 1825, só terminou em 1828, exigindo grandes sacrifícios em homens e dinheiro. Seu custo total foi de 121 milhões de cruzados, isto é, 48 mil e quatrocentos contos, soma formidável para a época.

.....

V

*A Cidade e a Corte do Rio de Janeiro*

**A** Mu i to Leal e He ró i ca Ci da de de S. Se bas tião do Rio de Janeiro,<sup>1</sup> ca pi tal do vas tís si mo Impé rio do Bra sil, como se diz co mumente, está situada um pouco ao norte do Círculo Antártico,<sup>2</sup> em uma das mais encantadoras regiões do mundo tropical. Por dois lados, é banhada pelo mar, cujo lím pi do es pe lho, pro te gi do por al tas mon ta nhas, raramente as tempestades perturbam. Rodeiam-na montes e rochedos pelo lado de terra, sem, no entanto, lhe estabelecer limites fixos. Como uma aranha, estende tentáculos gigantescos pelos vales românticos e estreitos, aos pou cos vai gal gan do as al tu ras e per de-se, em fim, com seus ar ra bal des nas ma tas da Amé ri ca do Sul.

Na cidade propriamente dita, todo espaço é aproveitado. Os pedregosos morros compreendidos no seu âmbito aos poucos desaparecem, conventos e igrejas coroam os seus cumes, e, onde há um declive mais suave, plantam-se jardins e laranjais. Elevam-se entre pedras nuas pal me i ras iso la das, o mais belo ador no do mun do flo res tal dos tró pi cos. O ar lím pi do e fres co brin ca em suas fron des sem pre ver des. Bor bo le tas e colibris voejam no meio das seculares árvores floridas, cobertas de maravilhosas parasitas, que pa re cem vi ver duma vida pró pria. Em to das

---

1 O título de Muito Leal foi dado à cidade do Rio de Janeiro pela Carta Régia de D. João V, datada de 6 de junho de 1647. A Carta Imperial de 9 de janeiro de 1823 a esse título acrescentou o de Heróica. Citando ambos em 1825-1826, o autor está absolutamente certo.

2 O autor devia dizer Trópico de Capricórnio em lugar de Círculo Antártico. Seu engano é manifesto.

as partes da cidade, se encontram vestígios da natureza exuberante, cuja imponência se sente bem de perto!

Por entre matas impenetráveis, alteia-se o Corcovado quase perpendicularmente, com a bandeira imperial a flutuar no seu cume e um cómodo caminho de acesso, que proclama a vitória da arte humana sobre a natureza. O Pão de Açúcar, sinal característico da baía para os navios que a demandam, ainda não foi escalado por nenhum mortal. Um pouco mais ao sul, fica o Altar,<sup>3</sup> maciço de granito de forma regular, de surpreendente semelhança com o Tafelberg, no Cabo da Boa Esperança.<sup>4</sup> No meio, lagoas de aspecto tão maravilhoso como se não encontram no Velho Mundo.

A situação da baía desculpa o engano dos primeiros descobridores julgando-a a embocadura de grande rio. A pouca largura da entrada, as ilhas dentro e fora da barra, a enorme distância do seu fundo, a mudança alternada de suas correntezas e até o nome indígena, Rio Preto,<sup>5</sup> foram motivos suficientes para o equívoco.

Por cima da superfície das águas, a vista contempla alegremente a praia fronteira. As cores variegadas das bandeiras de todas as nações dão vivo colorido ao espelho verde escuro. Fortalezas cor de prata coroam rochedos isolados no meio do mar. Na fralda de uma montanha, fica Santa Cruz, chave do Porto. Nas elevações próximas, em fileira, os semáforos brincam em silêncio. Num cubo de granito cinzento, ligado à praia por uma ponte de madeira, pousa o solitário convento da Boa Viagem. Mais além, a Vila Real da Praia Grande estende-se em ampla curva à orla da praia. Laranjas floridos, cujas retas alamedas contrastam com a beleza sem regadas matas com que entesam, so bem suavemente por trás das alvas casas de campo. Vão e vêm barcos sem conta.

3 O Pão de Açúcar foi escalado pela 1ª vez por 2 oficiais da Marinha Inglesa a 23 de abril de 1863.

*Der Altar*, no original. O autor refere-se à pedra da Gávea. É o único dos estrangeiros que escreveram sobre o Rio de Janeiro que lhe dá esse nome de Altar, aliás mais condizente com seu aspecto do que o de Gávea. Os franceses chamavam-lhe como os portugueses: *hune*, isto é, Gávea.

4 No Cabo da Boa Esperança, dominando o mar, há três montes de formas bizarras: O Drakenberg, com 3.400 metros de altitude ou Monte do Dragão; o Zwarteberg, com 2.200, monte tubular; e o Tafelberg, Monte da Mesa, com 1.100, que lembra a Gávea pela sua forma truncada.

5 Engano do autor. O nome indígena Guanabara, segundo Teodoro Sampaio, formou-se de *Guanã-pará*. *Guanã* significa bacia ampla, baía; *pará*, rio. Portanto *Rio da Baía*. Outros autores assinalam origem diversa ao nome Guanabara: de *Iguãambará*, a enseada do mar. Jean de Léry é quem primeiro registra a palavra Guanabara.

*O Pa lá cio Real, de po is Impe ri al, no Lar go do Pa ço, hoje Pra ça 15 de No vem bro.  
Nele fun ci o nou, até a dé ca da de 1970, a Re par ti ção dos Cor re ios e Telé gra fos.*

Duma agua for te de Wam bach

Na altura de Almanson,<sup>6</sup> a paisagem já se apresenta mais selvagem e moles de pedra semeadas a esmo limitam obrigatoriamente as plantações, embora não entrem a força criadora da natureza. A baía alarga-se e nela se aglomeram muitas ilhas pequenas e românticas, todas ornadas pelo verde vivo da vegetação tropical. De vez em quando, vê-se um antigo convento ou uma moderna casa de campo nas suas baixas colinas. O ar está de um véu colorido sob as distâncias e, ao fundo, se erguem as massas gigantescas da serra dos Órgãos. Nuvens isoladas prendem-se aos seus picos fantásticos, que se enfileiram como os tubos de um órgão. Sobem dos vales altas colunas de fumaça, proclamando a existência de homens no meio dessas paragens selváticas e indicando sua atividade devastadora.

Na Carta de Cabral, descobridor do Brasil, à Rainha de Portugal, reconhece-se perfeitamente a região. O local agora ocupado pela cidade era, então, um pântano, cujos restos ainda se notam entre ela e S. Cristóvão, como em outras partes da Cidade Nova. Foi na ilha das Cobras que ele primeiro arvorou a bandeira real e a cruz. Os habitantes eram Tupinambás, povo ingênuo e de boa índole, que parecia ter qualquer noção de um Ente Supremo, de monstro do grande inclinação para o Cristianismo.<sup>7</sup>

A vantagem da situação desse rio saltou logo aos olhos do Almirante português.<sup>8</sup> A baía era bastante grande para conter todos os navios do mundo. Altas serranias protegem-na das fúrias das tempestades, que são raras nos solstícios, porém tanto mais perigosas. As praias de ambos os lados ofereciam pontos excelentes para a construção de fortalezas, as ilhas interpostas estreitavam ainda mais a passagem, a profundidade em volta era grande, os canais largos e a regular mudança do vento favorecia a entrada e saída dos navios. Tanto do ponto de vista

6 A ponta da Armação. Mantemos geralmente os nomes com os erros ou adulterações do autor, retificando-os em nota, para não tirar nada do que caracteriza o trabalho do oficial estrangeiro.

7 Um chorrilho de tolices que vai por diante e até espanta num homem que se revela culto e em geral bem informado. Não houve nenhuma carta de Pedro Álvares Cabral à Rainha; mas do escrivão da Armada, Pero Vaz de Caminha, e do Físico da mesma, Mestre João, ao Rei D. Manuel. Nem seria possível reconhecer em cartas os pormenores topográficos a que alude. O arvorear da bandeira e da cruz pelo descobridor do Brasil entre os tupinambás, na ilha das Cobras, é de fazer rir a um frade de pedra, como se dizia antanho. Os tupinambás habitavam no norte do país. A baía do Rio de Janeiro foi descoberta pelo português André Gonçalves, em cuja expedição vinha como piloto Américo Vespúcio, a 1 de janeiro de 1502. Não passou da barra, julgando-a foz de um rio, e daí o nome que lhe deu.

8 Continuação das tolices. Pedro Álvares Cabral não teve o título de Almirante, mas sim o de Capitão-Mor.



mercantil como do militar, o local autorizava as melhores esperanças. Em pouco tempo, a nova colônia tornou-se importante cidade.

Contudo, o sistema de fortificações com que se quer defender o porto e a cidade conserva os mesmos defeitos inerentes a todas as construções da espécie na brilhante época do poderio português: baterias de munição elevadas, cujo tiro não raspa a superfície do mar;<sup>9</sup> setes altas e estreitas que não permitem jogar às bocas de fogo, o que é imprescindível para impedir a entrada duma frota. A ilha das Cobras presta-se mais a bombardear a cidade do que a um inimigo ancoado diante de suas muralhas.<sup>10</sup> Em si própria, a cidade não possui mais nenhuma defesa.

O velho forte de S. Sebastião acha-se em ruínas.<sup>11</sup> Na linha de terra do Arsenal, a única obra de fortificação, sem o citado defeito da altura demasiada, está rodeada de edifícios. O mesmo se dá com a fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, se já não lhe deram outro destino.<sup>12</sup> Na praia de S. Cristóvão, jazem restos de baterias, tristes resíduos dos dias da última revolução, quando rude bando de militares com bauteu contra as meias de seda e as espaldas de aço da Corte por ter o

9 Evidenciou-se isso quando do assalto de Duguay-Trouin, em 1711. O depoimento dum de seus oficiais diz que os projéteis disparados pelos fortes passavam por cima dos navios.

10 Também se evidenciou isso na mesma ocasião. O fogo dos canhões e perreiros franceses em bateria na ilha das Cobras acabou por dominar a cidade.

11 O forte de S. Sebastião, que estava armado com 11 peças em 1711, quando das invasões francesas, ficava na encosta do morro do Castelo e desmoronou com as enxurradas provenientes das chuvas torrenciais, que desabaram continuamente sobre o Rio de Janeiro durante sete dias e sete noites, a contar de 10 de fevereiro de 1811. O povo conservou longo tempo a memória do formidável aguaceiro, que ficou conhecido nas tradições cariocas como a *Água do Monte*. Por causa dele, o folclore se enriqueceu com a cantiga popular do *Vem cá, Bitu*. *Bitu* era a alcunha familiar dum tal Vitorino, soldado do Batalhão de Henriques, que bebia como uma esponja. As enxurradas do morro o apanharam embriagado com um camarada também bêbedo e afogaram a este. O povinho cantava:

*Vem cá, Bitu, vem cá,  
Que é dele o teu camarada?  
Água do monte o levou.  
Não foi nada, não foi nada,  
Foi cachaça que o matou.*

O Príncipe Regente D. João mandou desarmar o forte de S. Sebastião e retirar dele o material ainda aproveitável, após essa catástrofe. Assim, o autor o viu de fato em ruínas.

Duguay-Trouin diz que esse forte era chamado a Fortaleza Vermelha, dá-lhe como armamento 14 peças, fora os perreiros ou pequenos canhões, que atiravam balas de pedra, e o descreve com perfil quadrangular, barbete e fossos.

12 Em 1643, Miguel Carvalho Cardoso, ou de Sousa, doou a ermida da Conceição sobre o morro do mesmo nome aos frades do Carmo, para ali fundarem um convento de Recoletos. Daí se originou o edifício que, com o tempo, se tornou residência dos bispos e arcebispos do Rio de Janeiro. Esse morro, que domina parte da cidade, foi também fortificado como vários outros. A fortaleza ficou metida entre o prédio episcopal e o do Seminário de S. José, fundado no século XVIII. É a isso que alude o autor.

Quando Duguay-Trouin esteve no Rio de Janeiro, ao pé do morro da Conceição, voltada para o mar, havia uma bateria de 4 canhões. A cumeada era defendida por paliçadas e fossos, com 6 peças apontadas nas ladeiras de acesso.

O morro do Livramento chamou-se algum tempo da Conceição de Paulo Caieiro, não devendo ser confundido com o outro.

Imperador dissolvido uma assembléia refratária, não com um discurso, mas com um rebenque.<sup>13</sup>

A fortaleza da Praia Vermelha, a um hora de distância da cidade, foi edificada dentro de princípios razoáveis.<sup>14</sup> Ela defende a praia-chã entre o Pão de Açúcar e o morro do Telégrafo,<sup>15</sup> impossibilitando um desembarque por esse lado. Como posição militar não tem valor algum. Na costa meridional, construíram-se fortalezas em quanto as antigas se desfazem. Não sei qual a sua finalidade; mas, em caso de necessidade, será a natureza a melhor defensora desta terra. Não faço boa opinião do forte convencional dos brasileiros na invencibilidade de suas fortificações e de seu porto, pois no decorso do tempo o êxito a não justificou.

Dos vários acontecimentos que isto comprovam, tomo a liberdade de lembrar apenas um. O Capitão da Marinha mercante francesa Duguay-Trouin, há mais ou menos cem anos, forçou com pequena frota armada por particulares a entrada da barra, defendida além das fortalezas por 7 navios com 300 canhões, lançou ferros diante do forte da ilha das Cobras, bombardeou a cidade, queimou 3 naus de guerra, 2 fragatas e 60 navios de comércio, e extorquiu a contribuição forçada de 610 mil cruzados ou aproximadamente 300 mil táleres.<sup>16</sup>

Avaliam-se os prejuízos dos portugueses em 25 milhões,<sup>17</sup> importante soma para um pobre ninho de pescadores como na quele tempo costumavam na Metrópole chamar ao Rio de Janeiro. O assalto foi realizado com muita facilidade. Duguay-Trouin aproveitou o vento favorável, passando com sua frota sem grande dano entre as fortalezas de S. João e Santa Cruz, entre as ilhas da Laje e Villegaignon, pouco caso fez do fogo da ilha das Cobras, bombardeou a cidade e vingou brilhantemente a derrota de

13 O autor foi mal informado. Não houve luta alguma por ocasião da dissolução da Assembléia-Geral Constituinte. Os restos de baterias do lado de S. Cristóvão eram naturalmente das que se estabeleceram, após as invasões francesas de 1710-1711, ao longo das praias e caminhos da cidade para defendê-la de outros ataques, senão das que foram montadas ao tempo do Fico, na reação contra o General Avilez.

14 A Fortaleza, começada pelo Vice-Rei Conde da Cunha e terminada pelo Vice-Rei Marquês do Lavradio, de 1763-1767 a 1769-1779. A praia Vermelha chamou-se primitivamente Porto de Martim Afonso.

15 O morro do Telégrafo é o atual Morro da Urca, em cujo cimo havia um mastro de telégrafo por sinais.

16 Duzentos e quarenta e quatro contos de réis. A soma exata do resgate foi de 615 mil cruzados e mais 200 caixas de açúcar e 200 bois.

17 Naturalmente de cruzados. 25 milhões correspondem a 8 mil contos, soma formidável para a época.

seu compatriota Leclecs,<sup>18</sup> que, em 1710, tentara um desembarque, fora aprisionado e passado a fio de espada.<sup>19</sup>

Muito menor resistência encontraria hoje uma esquadra inglesa, se tentasse operação semelhante, porque, sem dúvida, o estado das fortificações não é superior ao daquele tempo e a arte náutica de manobrar-se de sen volveu em alto grau.

O Rio de Janeiro ocupa em situação e qualidade do solo um espaço muito irregular. Entretanto, grande parte da cidade forma um quadrilátero, limitado do lado do mar pelos morros de S. Bento e da Conceição, com a frente voltada para o porto, e daí se estendem até o pantanal de S. Cristóvão.<sup>20</sup> Os morros de São Sebastião e de Santo Antônio separam-no das outras partes da cidade, que, acompanhando as linhas dos sopés apresentam aspecto menos regular. Salvo uma ou outra, as ruas não são largas e quase todas se afastam da linha reta, mesmo onde não falta espaço, pois a natureza lhe é contrária e elas acompanham as curvas geniais dos montes e penedos em que se encostam. A Cidade de Nova ainda está em formação com ruas mais largas e retilíneas. O aspecto dos bairros de Catumbi e do Catete é inteiramente campestre.

Na maioria, as casas são construídas ao gosto português. Infelizmente, porém, já se encontram algumas que dele se distanciam.

---

18 Equívoco: Duclerc. O Capitão Duclerc entrou no Rio de Janeiro a 19 de setembro de 1710, sendo obrigado a render-se. Desembarcou em Guaratiba e veio por terra. Entrou na cidade pelos caminhos de Mata-Porcos e Mata-Cavalos, isto é, ruas do Estácio, Frei Caneca e Riachuelo. Continuamente hostilizado e perdendo muita gente, acabou por entregar-se no trapiche da cidade, mais ou menos onde a atual Rua do Ouvidor cruza a Direita ou 1ª de Março.

No ano seguinte, o Rei Luís XIV encarregou o seu grande corsário Duguay-Trouin de tirar desforra desse revés. A 14 de setembro de 1711, à frente de poderosa esquadra, Duguay-Trouin forçou a barra, favorecido pelo nevoeiro. Desembarcou em S. Diogo e artilhou os morros deste nome, da Providência e do Livramento. Estabeleceu baterias na ilha das Cobras e na Prainha, bombardeando a cidade. A maior parte da população e as tropas a evacuaram e os franceses a puseram a saque. Seu resgate foi negociado mediante avultada contribuição em dinheiro e gêneros.

19 Não é verdade que Duclerc tenha sido passado a fio de espada. Foi tratado como prisioneiro de distinção, recebeu aposentadoria em boa casa e a cidade por menagem. Entre 7 e 8 horas da noite de 18 de março de 1711, foi assassinado na residência de João de Azevedo, onde morava, à Rua da Candelária, por dois indivíduos misteriosamente mascarados, "rabuçados", diz um documento coevo. Enquanto os dois assassinos realizavam o crime, outros dois guardavam a escada. Correram vozes desencontradas sobre o móvel desse assassinio. Falou-se muito em aventura amorosa. A devassa oficial nada apurou, segundo declarava o Governador do Rio de Janeiro, com acento de sinceridade, a Duguay-Trouin, em documento escrito.

20 Também chamado de S. Diogo, ocupando a extensão da atual Avenida do Mangue e seus arredores. A antiga Imburacica. Mais tarde chamou-se o Aterrado. No fim, ficava a Bica dos Marinheiros; dum lado, a Lagoa da Sentinela, entupida mais tarde com a terra de parte do morro de Pedro Dias ou do Senado; do outro, a praia de S. Diogo ou Saco do Alferes. A Bica dos Marinheiros foi, depois, a Ponte do Aterrado e é hoje a Ponte dos Marinheiros. O caminho que outrora para lá levava era a azinहाga de Mata-Cavalos, que cortava o Capueraçu, Rua do Riachuelo e Rua do Conde. Parte desta é agora Frei Caneca. Por isso, Mata-Cavalos também se chamava o Caminho da Bica. Adiante da Bica dos Marinheiros estendia-se a praia de Diogo de Pina, atual Praia Formosa.

Ocupa-se geralmente o rés-do-chão com armazéns e lojas. Todos os outros andares têm balcões, o que faz o maior encanto da arquitetura meridional.<sup>21</sup> É fora de dúvida que as janelas enfeiam qualquer edifício. Num país onde a casa só tem de oferecer abrigo contra o sol e a chuva, elas são contra-indicadas. Entre sair dum quarto imediatamente para um balcão arejado e debruçar-se numa estreita janela, há grande diferença. Pode-se dizer ainda mais, para recomendá-los, que influenciam a vida íntima dum povo, no qual sempre foram de muita importância as boas relações de vizinhança. Como isso não vem agora ao caso, reserve-me para falar a respeito em outra ocasião. A verdade é que quem se acostuma às formas agrada-se dos balcões achando sem gosto um edifício com janelas.

Antes da elevação do Imperador ao trono, a cidade quase só possuía casas de um pavimento. Depois, subiu muito. Nas ruas principais, restam poucas das velhas casas e há, pelo contrário, muitas de três, quatro e mais andares. A lei que permitia levantar um andar sobre o prédio vizinho, se o proprietário deste não quer ou não tem meios para essa construção, contribuiu imensamente para melhora-la cidade. Devido ao calor, já os fundamentos e paredes mestras são tão fortes,<sup>22</sup> que, sem perigo, podem agüentar diversos pavimentos. Nas águas-furtadas, os tetos são abobadados ou em forma de tenda. As paredes divisórias não vão até em cima e param a certa altura. Num clima tão feliz, a livre circulação do ar é o maior dos benefícios e o único meio de afugentar os mosquitos, principal flagelo do Novo Mundo.

O Paço Imperial<sup>23</sup> não difere muito dos outros edifícios da cidade. Seu interior não é deslumbrante e há centenas de casas particulares melhores alfaçadas. Mas sua posição transforma-o em um palácio de factas. Por todos os lados, o ar refrescante do mar penetra nos altos aposentos abobadados. A vista que dele se descortina sobre o ancoradouro e a baía é surpreendentemente bela. A seus pés se estende uma praça limitada

21 Refere-se aos balcões ou sacadas, em geral bem salientes, com gradil de ferro, tão comuns nas casas da época. Nos tempos coloniais, os balcões eram cobertos de rótulas, formando uma caixa toda de reixas ou adufas, por onde se via a rua sem ser visto. Eram os *mudejares* ou *mucharabios*, do árabe *mashrebyeh*, por meio do francês *moucharabi*. Esses *mucharabios* foram retirados, sendo substituídos por balaustradas ou varandins em virtude duma ordenança do Intendente-Geral de Polícia do Rio de Janeiro, Paulo Viana, datada de 11 de junho de 1809.

22 A grossura das paredes das velhas casas coloniais de fato servia de isoladora do calor. O depoimento é interessante.

23 O Paço da Cidade, hoje Repartição dos Telégrafos, à Praça 15 de Novembro, construído pelo Sargento-Mor de Batalha Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, 59<sup>o</sup> Governador e 1<sup>o</sup> Capitão-General do Rio de Janeiro, quando mudou o centro da cidade do morro do Castelo para a planície, em 1743. Ali residiram 2 Vice-Reis do Brasil. Gomes Freire nasceu em Jurumenha, Portugal, em 1688 e governou o Rio, onde morreu a 1<sup>a</sup> de janeiro de 1763, desde 1733.

por um cais maciço, onde durante horas se observava o colorido formigar da multidão. Emolduram-na casas de bom gosto e esplêndidas igrejas.<sup>24</sup> O Imperador não reside no Paço. Além dos dias de gala em que ali recebe, todas as sextas-feiras dá nele audiências públicas, bastando para isso utilizar as salas da frente, porque é raro um grande comparecimento. Usa-se o resto do vasto edifício para as repartições de vários ministérios. Demais, muitos funcionários da Corte nele residem. Ocupa com suas duas grandes alas um espaço de 7.500 passos quadrados e tem ora 2, ora 3, ora 4 andares.<sup>25</sup>

No Rio de Janeiro, há umas 40 igrejas e conventos,<sup>26</sup> excelentes hospitais, uma Casa de Expostos e Órfãos,<sup>27</sup> escolas públicas, pelo método de Bell-Lancaster,<sup>28</sup> uma Universidade,<sup>29</sup> uma Academia de Marinha,<sup>30</sup> um magnífico teatro,<sup>31</sup> e, depois de Lisboa, a melhor canalização de água do mundo. São ainda notáveis a Casa da Moeda, onde se encontram as imperiais oficinas de lapidadores de

24 A igreja do Carmo e a Catedral, antiga Capela Imperial. No tempo, a Sé-Catedral era a atual igreja do Rosário. A Capela Real e Imperial foi antes Capela dos Terceiros do Carmo e de Nossa Senhora do Ó.

25 Engano. No máximo, três pavimentos na fachada principal e em parte das laterais, contando-se o térreo.

26 40 igrejas: Rosário, então Sé, Candelária, S. Francisco de Paula, Santo Antônio dos Pobres, S. José, Parto ou Expectação, Carmo, Capela Imperial, S. Pedro, Penitência, Sacramento, Santana, S. Joaquim, Hospício ou Conceição da Boa Morte, Mãe dos Homens, N. S. da Glória, Lapa do Desterro, N. S. do Bom Sucesso ou Misericórdia, S. Sebastião do Castelo, Santo Inácio, Lapa dos Mascates ou dos Mercadores, Vera Cruz ou Cruz dos Militares, Santa Rita, Lampadosa, S. Jorge, S. Gregório Garcia, Glória do Outeiro, S. Domingos, S. Bento, Santo Antônio, N. S. da Ajuda, Santa Teresa, S. Francisco Xavier, Senhor dos Passos, Santa Luzia, Bom Jesus, Santa Ifigênia, Espírito Santo, Conceição e S. Cristóvão. Os conventos eram de S. Bento, dos Jesuítas, Santo Antônio, Carmo, Ajuda e Santa Teresa, ao todo seis.

27 A Casa dos Expostos ficava na Rua dos Barbons, antigo Caminho do Desterro, e Rua dos Arcos Velhos da Carioca, hoje Evaristo da Veiga. Entre os hospitais, o Hospício do Carmo, o Recolhimento do Parto, o da Ordem Terceira, os Lázaros, fundado pelo Conde da Cunha, na antiga Chácara dos Jesuítas, em S. Cristóvão, em 1766.

28 O autor fornece aqui preciosa indicação sobre os métodos pedagógicos usados no Primeiro Reinado.

André Bell, pastor protestante, nascido em Santo André, na Escócia, em 1753 e falecido em 1832, sendo reitor de uma escola de órfãos, na Índia, teve a idéia de fazer os alunos mais adiantados ensinarem aos mais atrasados. De volta, publicou na Inglaterra dois livros: *Experiência sobre educação na Escola de Madrastra*, em 1797, e *Instruções para a direção das escolas pelo sistema de Madrastra*. Esses trabalhos não tiveram a menor repercussão. Anos mais tarde, em 1807, porém, o quaker José Lancaster, que mantinha num subúrbio de Londres uma escola de menores pobres, usando o método preconizado por André Bell, foi encarregado de estabelecê-lo nas escolas anglicanas. Em 1811, contavam-se escolas primárias com 3 mil alunos, usando esse sistema. Aplicado nas escolas secundárias, falhou. Em 1816, houve uma tentativa para introduzir o método nos Estados Unidos, que não logrou êxito. Lancaster é o autor do *Improvements on education* (1805) e do *The British system of education* (1810). André Bell achou-se sepultado em Westminster e legou 3 milhões de libras a estabelecimentos públicos de instrução e caridade.

José Lancaster, que nasceu em Londres, em 1771, faleceu em Nova Iorque, em 1838.

A adoção do sistema Bell-Lancaster nas escolas públicas do Rio de Janeiro, em começo do Primeiro Reinado, é prova de que os dirigentes então da Instrução Pública estavam a par das modernas idéias sobre o assunto.

29 Equívoco. O Rio de Janeiro não possuía nenhuma Universidade. É possível que o autor queira se referir à Escola de Medicina, criada pelo Decreto de 5 de novembro de 1808, como Escola Anatômica Cirúrgica e Médica, no Real Hospício Militar do Rio de Janeiro.

30 Real Academia dos Guardas-Marinha, criada por Decreto do Príncipe Regente, de 5 de maio de 1808. A Academia Militar foi criada por Decreto de 4 de dezembro de 1810, e suas aulas começaram a 23 de abril de 1811.

31 O Imperial Teatro de S. Pedro de Alcântara, no largo do Rossio, demolido recentemente para dar lugar ao Teatro João Caetano.

*O Te a tro de S. Pedro de Alcântara no Largo do Rossio, 1820. No primeiro plano, negros carregando água sob a direção dum soldado de polícia. Trazem galgalhas e esvão uni-dos por correntes enroladas em pa-nos para evitar o tinnir do ferro. O Mu-seu Histórico possui em suas coleções muitas galgalhas e alguns dasas correntes envolvidas em pa-nos. No edifício do te-a-tro, ao fundo, manifes-to exa-gero nos remates à chineza dos beirais.*

Desenho de Arago, gravura de Le Rouge e Bernard  
Das coleções do Museu Histórico

diamante, o Banco,<sup>32</sup> a Alfândega,<sup>33</sup> a Bolsa,<sup>34</sup> um Museu,<sup>35</sup> fundado pelo Rei D. João VI e o antigo palácio do Conde dos Arcos, agora ocupado pelo Senado.<sup>36</sup>

Nenhuma capital européia pode gabar-se de possuir uma praça pública como a da Aclamação, geralmente denominada Campo de Santana. O pequeno pavilhão erguido no seu centro nele se perde como a cabana dum pastor em vasto prado. Cobre-o o verde mais viçoso em todas as épocas do ano. Quando há fogos de vista, ca bem ali folgadoamente todos os habitantes da capital. Três vezes mais gente não o encheria de todo. A guarnição do Rio de Janeiro, que, antes da expedição a Montevidéu, se compunha de 8 mil homens, não dava para cercá-lo, formada em quadrado, e o Imperador, com sua Guarda de Honra, no meio só queito, centenas de carruagens e milhares de espectadores reunidos na parte central, vistos de longe, pareciam apenas pequeno grupo brilhantemente colorido a mover-se devagar sobre o verde tapete do solo.

A Praça da Constituição, que se chamou antes Largo do Rossio, fica mais para o centro da cidade.<sup>37</sup> Em frente ao Teatro, vê-se o patíbulo para os fidalgos, bela coluna de pedra encimada pela esfera armilar do braço nacional, da qual saem quatro funes dos braços na direção

---

32 O Banco do Brasil, o primeiro banco que houve no país, criado a 12 de outubro de 1808. Depois de estar por muitos anos fechado, desde 23 de setembro de 1829, o Banco do Brasil voltou a funcionar, sendo inaugurado a 2 de abril de 1854.

33 Funcionava no mesmo edifício atual. Sua grande sala com colunas foi construída por Grandjean de Montigny. Desde o século XVII existia alfândega no Rio de Janeiro. D. João VI criou a Alfândega e a Mesa do Consulado, em 1818.

34 Chamava-se Praça do Comércio e ficava entre o mar e a boca da Rua do Sabão, antiga do Azeite do Peixe, do Bom Jesus, do João Azevedo, hoje General Câmara, do lado esquerdo da Alfândega, com dez janelas laterais.

35 O Vice-Rei D. Luis de Vasconcelos estabeleceu no campo da Lampadosa, à margem da lagoa da Panela, em frente ao local da atual igreja do Sacramento, pequeno museu zoológico, a cargo de Francisco Xavier Cardoso Caldeira, que o povo chamou Casa dos Pássaros. Em 1808, a Casa dos Pássaros foi transformada em oficina de lapidação de diamantes, e suas coleções encaixotadas e recolhidas ao Arsenal de Guerra. Sobre esse acervo, criou D. João VI, em 1818, o Museu Real, depois Museu Nacional. Em 1825, funcionava no Campo de Santana, no edifício atual do Arquivo Nacional.

36 No Campo de Santana. Nele funcionou o Senado até a República. É hoje Faculdade Nacional de Direito. Foi no tempo de D. João VI residência do rico negociante Anacleto Elias da Fonseca. Os baianos gratos ao Conde dos Arcos, cuja energia os salvara de perseguições, na revolução de 1817, fizeram uma subscrição para lhe oferecer um mimo. Ela rendeu 100 contos, com os quais adquiriram o palácio que tomou seu nome. D. Marcos de Noronha e Brito, 8<sup>o</sup> Conde dos Arcos, nasceu em Lisboa, a 7 de junho de 1771 e faleceu a 6 de maio de 1828. Nomeado em 1802, governou o Pará, de 1803 a 1806. Embora já designado, em 1805, só tomou posse do cargo de Vice-Rei do Brasil, a 21 de agosto de 1806, governando até 7 de março de 1808. A chegada do Príncipe Regente deu por terminadas as suas funções. Administrou a Bahia, de 1810 a 1818 e muito fez para esmagar o movimento de 1817. Ministro de D. Pedro I, este o sacrificou à política, mandando-o de volta a Portugal quase como um preso político. O povo do Rio de Janeiro atacou-lhe a casa. Tornara-se antipático em companhia dos outros membros do Ministério: Farinha, Louzã e Caúla.

37 Antigo Campo dos Ciganos. A Rua da Constituição, que vinha ter nele, chamava-se Rua dos Ciganos. Dele saíam a Rua do Pitolho, hoje da Carioca, e a do Cano, hoje 7 de Setembro.

dos quatro pontos cardeais.<sup>38</sup> Do outro lado, fica o palácio do Conde do Rio Seco, titular, como se chamam os grandes fidalgos no Brasil, mais rico do Império.<sup>39</sup> A próxima visão do significativo *memento mori*<sup>40</sup> pode causar às vezes um bom efeito, sobretudo se não ofende a vista como essa for ca, cujo efe i to é de cen te e de bom gos to.

O Teatro de S. Pedro de Alcântara e o Aqueduto são ambas obras-primas de arquitetura.<sup>41</sup> O pri me i ro pelo seu in te ri or, onde o esplendor do luxo sobrepuja a nobreza do estilo. O outro pela imponência maciça e por satisfazer comodamente as necessidades dumagrandecapital.

---

38 O famoso Pelourinho ou Picota, erigido no local onde está hoje a estátua equestre de D. Pedro I. O Pelourinho da Polé, segundo a estampa de Debret, foi levantado à chegada de D. João e sabe-se que durou até após a Independência. O testemunho do autor nos mostra que em 1825 ainda se achava de pé. Os escravos eram amarrados nele para serem açoitados. É possível que nos seus braços se executassem enforcamentos. As picotas outrora serviam de poste de suplicios infamantes. Havia em português antigo o verbo *empicotar*, supliciar na picota. Existiam duas espécies de pelourinhos: o que era símbolo municipal, onde se afixavam os papéis públicos, e os próprios para expor os réus ao público ou suplicia-los, picotas e polés.

39 Joaquim José de Azevedo, Barão, depois Visconde, com grandeza, do Rio Seco, por fim, Marquês de Jundiá. Nasceu em Portugal a 12 de setembro de 1761 e faleceu no Rio de Janeiro a 7 de abril de 1835, filho de Matias Antônio de Azevedo e D. Maria Josefa de Oliveira. Casou em primeiras núpcias, em Lisboa, com D. Maria Carlota Miliard, eem segundas núpcias, no Rio, com D. Mariana da Cunha Pereira, filha dos Marquesses de Inhambupe. Por alvará de 5 de setembro de 1808, Fidalgo Cavalheiro. Membro do Conselho Real, em 1810. Teve todos os títulos: Escrivão dos Filhamentos da Casa Real, Fiel do Real Bolsinho, Tesoureiro Real e da Real Capela, Comprador das Guardas-Roupas do Paço e da Real Coroa, Senhor de Macaé, Alcaide-Mor de Santos, Comendador de Cristo e da Torre e Espada, Barão, em 1812 e Visconde, em 1818. O Imperador D. Pedro I continuou para com ele a munificência do pai: Comendador do Cruzeiro e da Rosa, Visconde com grandeza do Rio Seco, a 12 de dezembro de 1822, e Marquês de Jundiá, a 12 de outubro de 1826.

Brasonava da seguinte maneira: esquadrelado, no 1º de ouro com uma águia estendida de negro, no 2º de azul com cinco estrelas de prata em aspa e uma bordadura de vermelho carregada de aspas de ouro, e assim os contrários. Por timbre, a águia do escudo com uma estrela das armas no peito. Por diferença, uma brica vermelha com uma flor de liz ao natural. Era, se não o homem mais rico, certamente um dos mais ricos do Brasil no seu tempo. Possuía no Rio de Janeiro, três palácios luxuosamente montados: um no centro da cidade, outro em Mata-Porcós, fora de portas, lá para os lados do Estácio atual, e o terceiro no Campo dos Ciganos ou Largo do Rossio, praça Tiradentes, a que se refere o autor. Ferdinand Denis esteve num deles e gabou-o. Em 1823, Maria Graham jantou num deles, que achou magnífico. Ela calculava o valor das jóias com que se apresentava a Viscondessa do Rio Seco, em 150 mil libras, soma astronômica para a época.

40 Lembrança da morte.

41 Chamou-se ao princípio Real Teatro de S. João. A construção foi autorizada em 1810. Inaugurou-se a 12 de outubro de 1813, data natalícia do Príncipe D. Pedro. Tomou como modelo o Real Teatro de S. Carlos de Lisboa, por sua vez copiado do Teatro de S. Carlos de Nápoles. Sofreu três incêndios: o primeiro na noite em que se comemorava o juramento que o Imperador prestara à Constituição da sua sacada, a 25 de março de 1824, representando-se o drama sacro *Vida de Santo Hermenegildo*; o segundo, após ter sido reconstruído com o nome de Impelial Teatro de S. Pedro de Alcântara e de ter tido, durante a Regência, o de Teatro Constitucional Fluminense, a 9 de agosto de 1851; e o terceiro a 26 de janeiro de 1956. Desde 24 de agosto de 1923 passou a denominar-se Teatro João Caetano. A Prefeitura Municipal, sem respeitar a sua historicidade, demoliu-o, depois, e construiu um teatro moderno e horrível, no local, com o nome de João Caetano, inaugurando-o a 28 de junho de 1930.

O primeiro teatro que teve o Rio de Janeiro foi a chamada Casa da Ópera, perto do Largo do Capim, dirigida pelo Padre Ventura, que existia desde o tempo do Vice-Rei Conde da Cunha e se incendiou depois de 1796. D. Antônio Álvares da Cunha governou, de 18 de outubro de 1763 a 17 de novembro de 1767. Em 1813, o prédio da antiga Casa da Ópera foi ocupado pelos criados do Paço. Nele esteve, depois, a Tesouraria Imperial.

O Aqueduto de Santa Teresa ou Arcos da Carioca, felizmente ainda de pé, entre os morros de Santa Teresa, antigo do Desterro, e o de Santo Antônio, cavalgando as ruas dos Arcos e Visconde de Maranguape, antiga das Mangueiras. O encanamento de água que ele transporta dum morro ao outro começa no Silvestre, tendo sido iniciado, em 1744, na chamada Mãe d'Água ou nascente do rio Carioca, Catete ou das Laranjeiras. Os Arcos foram construídos por Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, em 1750. Spix e Martius consideram o Aqueduto o mais perfeito monumento do Rio de Janeiro, em 1817, e acrescentam: "Dir-se-ia obra dos romanos ao tempo do seu apogeu". É curioso como a opinião do autor combina com esta, quase com idênticas palavras.



A água que leva à cidade brota nas fal das do Corcova do, desce por um cano estreito e protegido pouco a pouco ao longo dos morros até o convento de Santa Theresa, de onde uma arcaria du pla a transpor ta por cima do ca sá rio para o mor ro de San to Antô nio. A imen sa cons tru ção foi exe cu ta da se gun do as mais pu ras li nhas das obras si mi la res no mais florescente período da arquitetura romana. Ela se oferece à vista com seus paredões duma alvura de neve realçados pelo fundo azul do céu tropical, que brilha dentro dos grandes arcos. Levantaram essa obra para durar eternamente. As pilastras da base são adequadas ao peso que suportam. Os arcos são todos plenos, os da ordem superior mais altos e largos do que os da inferior, a galeria simples e em harmonia com o todo. As ruas que o aqueduto gal ga ar ri mam-se de seus dois lados, lá embaixo, em suaves elevações cobertas de jardins, capinzais e laranjais. Do convento de Santo Antônio o encanamento de água se ramificapela cidade.

Os lo gra dou ros pre di le tos são o Lar go do Paço<sup>42</sup> e o Passeio Público. O mais encantador dos arredores é o caminho ao longo do Aqueduto até o cume do Corcovado. Os brasileiros da gema preferem os pas se i os pela ci da de ao ano i te cer. As mu l he res de cen tes são vis tas so men te pela ma nhã, nas igre jas.

A população do Rio de Janeiro deve ser mais ou menos de 200 mil almas. Um professor de Matemática disse-me que a calculava em 250 mil.<sup>43</sup> Estatísticas oficiais não são do co nhe ci men to pú bli co, ou porque se não fizeram, ou porque convém guardar segredo sobre seus re sul ta dos. Po de-se cal cu lar um bran co por três pes so as de cor. A quantidade de escravos sobrepuja a dos homens livres. O número de habitantes aumenta extremamente depressa, em parte, pela entrada de mu i tos estrangeiros, principalmente franceses, em parte, pelo crescimento como nunca da importação de negros. Só no mês de janeiro de 1826 foram importados mais de 5 mil, cuja maior parte ficou na cidade.

---

42 Largo do Paço, Terreiro do Paço; Largo do Carmo, Terreiro do Carmo, hoje Praça 15 de Novembro. Ali vinham ter as ruas Direita, antiga da Cruz, hoje 12 de Março, e da Cadeia, antes do Padre Bento Cardoso e de Marcos da Costa, hoje Assembléia, já tendo sido também República do Peru.

43 Em 1817, Spix e Martius calculavam a população do Rio de Janeiro, em 135 mil habitantes, assim distribuídos: 103 mil negros, 28 mil brancos e mestiços, 4 mil estrangeiros. O que o autor diz adiante, combina com a observação de Spix e Martius. Todavia, em 1820, Branckenridge calculava-a em 90 mil almas. Não será, pois, destituída de fundamento uma estimativa de 100 mil. Em fins do século XVIII, Cook fez a seguinte estimativa: 37 mil brancos e 629 mil negros, um total de 666.000 almas. Anotando-o, Alberto Montemort frisa o exagero e a reduz a 200 mil, o que está mais ou menos certo.

## 52 C. Schlichthorst

Raramente se vêem alguns indígenas. Entre os soldados, porém, há os caboclos, descendentes de negros e índios ou de índios e brancos.<sup>44</sup> Os botocudos nunca vêm à cidade espontaneamente.<sup>45</sup>

Os habitantes do Rio de Janeiro gostam de ser chamados Cariocas, nome proveniente do Aqueduto, que se denomina da Carioca.<sup>46</sup> A cidade é governada por um Conselho Municipal, que se intitula Senado da Câmara e recebe o predicado de Ilustre. É difícil dizer até onde vai a sua autoridade, parecendo, porém, que sua constituição não corresponde à realidade atuais.

Consagrarei um capítulo especial à condição moral do povo, cujo aspecto é desagradável. Restrinjo-me aqui a um curto resumo relativo a um passo do próximo. No começo do século, o Rio de Janeiro era habitado por uma gente veneturossa, simples e amável, com o contrapeso de ilimitada propensão para a libertinagem e da preguiça em alto grau. O campo de intrigas, cujo gérmen sempre aqui existiu e que agora é a política, era, então, o amor. Não raras vezes disso resultavam crimes, que a religião fazia diminuir. Nos crimes políticos, praticados sem medo ou vergonha, ela nem influi mais. Os homens viviam em feliz ignorância. O cleptogozava a posse exclusiva das luzes da inteligência e conhecia demasiadamente o seu valor para levemente esbanjar tão precioso bem. Repartia-o com o povo em pequenas porções, porque a experiência

44 Os descendentes de índios e brancos foram ao princípio chamados mamelucos ou mamalucos. Mais tarde, apareceu o termo caboclo, tido ao princípio por injurioso, tanto que o Alvará de 4 de abril de 1755, de D. José I, proibia como ofensivo o uso da designação *cabouculos* (*sic*). Os descendentes de brancos e negros eram mulatos. Os de negros e índios, cafuses, caribocas, bodes e cabras. O fato de o povo chamar aos mestiços de negro e índio curiboca é uma deturpação. A palavra tupi *cari-uoc* originariamente indica o procedente do branco, o mestiço de branco e índio.

45 Havia no tempo ainda alguns restos de tribos de botocudos nas proximidades do Rio de Janeiro, pacíficas e em vias de extinção. Debret desenhou cabeças de seus tipos. A observação do autor não é fantástica como possa parecer. Restos dos aimorés, intrépidos, temidos frecheiros e antropófagos, que se localizaram no rio Doce e deixaram seu nome perpetuado na serra dos Aimorés.

46 Nome dado de longa data ao rio que nasce nas faldas do Corcovado e deságua na baía, em frente às ruas atuais de Paissandu e Barão do Flamengo. Sua significação é bastante controvertida. Para João de Lery, cronista da ocupação francesa, quer dizer Casa dos Karis ou Tamoios. Para Monsenhor Pizarro, Água Corrente da Pedra. Para Martius, Casa da Gruta. Para Varnhagen, Casa do Branco. Para Vale Cabral, Corrente do Mato, isto é, ribeiro, riacho do mato. Para Couto de Magalhães, Descendente do Branco, de Cariboc.

A palavra compõe-se de dois termos tupis *Cari* e *Oca*. Não resta dúvida que *oca* significa "casa". Dai a tradução de Varnhagen, geralmente aceita, Casa do Branco. Na altura da atual Praia do Flamengo, houve a Casa de Pedra de Gonçalo Coelho, que deu origem a esse nome. Nas circunvizinhanças, já se delimitou, na travessa Umblina, a Casa de Pedra do Juiz Pero Martins Namorado, também de igual significado na tradição da cidade.

O nome Carioca, com o tempo, passou a ser patronímico das pessoas nascidas no Rio de Janeiro, antes chamadas simplesmente fluminenses. Teodoro Sampaio escreve: "Carioca, o mesmo que *carió* ou *cari-yó*, *cariboc*, *cari-uoc*, descendente do branco... podem também ser *cari-oca*, a casa do branco ou do europeu".

lhe havia via ensinado que ele não tem capacidade para dirigir maiores. Em honra de Deus, que imitava-se muitalhe, mas nenhum herge. Os bons cariocas julgavam-se os melhores cristãos do mundo e chamavam judeus a todos os que se guiam ou trocavam. Acreditava-se nas mais ridículas patranhas com infantil credulidade. Aduaneiros famintos buscavam as bagagens dos estrangeiros à cata de mercadorias proibidas, um capuchinho robusto examinava-lhes o coração e os rins, somente aos católicos se permitia habitar na cidade e toda via o exame era tão severo que, com um Credo bem decorado, a gente se livrava de tudo.

Para a Metrópole, o Brasil era inesgotável fonte de riqueza. Vice-reis, juizes e outros funcionários superiores do governo acumulavam tesouros sobre tesouros. Raramente se nacionalizavam, porque o orgulho português via com soberbo desdém um povo, cujo sangue, devido à mistura com negros e indígenas, não era mais limpo, como diziam. A prática da justiça estava abaixo da crítica. Havia poucas demandas devido à falta de entrepostos e por se remtão fustas que o povo as odiava. Enriquecia-se vivendo com singeleza. A moeda corria em profusão. Igrejas e conventos regurgitavam de pratarias, ouro e pedras preciosas. Os mais simples talheres eram de prata. As mulheres gostavam de jóias sólidas e pesadas. O luxo principal consistia em escravos, que eram bem tratados e pouco trabalhavam na cidade. Em longas fileiras, seguiam os donos às igrejas e passeios.<sup>47</sup> O Exército gozava de grande estima e vivia bem, não por ter um soldo elevado, mas por se permitir que os soldados exercessem outra profissão.<sup>48</sup> Não se distinguia pelo heroísmo.

Nesse bom tempo, a vida social do Rio de Janeiro deve ter sido muito agradável. Ainda agora, os brasileiros velhos falam do passado com saudades. Os vizinhos em ruas inteiras formavam como que uma única família, visitando-se sem a menor cerimônia. As conversas eram vivas e livres, intercaladas pela música, a dança e a expressiva linguagem dos olhos. Referiam-se às aventuras amorosas com rara delicadeza. Os ciúmes não

---

47 Cf. as gravuras da época, Debret, *Rugendas*.

48 De fato, esse costume prevalecia no seio da tropa, nos tempos coloniais. Não só nas Milícias e Ordenanças, também na tropa paga.

encontravam alimento, porque, sendo costume tratar-se horas casadas e moças solteiras com galante cortesia, as preferências, se as havia, eram tão disfarçadas que não chocavam a ninguém. A indiscrição em matéria de amor considerava-se crime que só com a morte se pagava. A bisbilhotice não era do agrado do povo. Cada qual fazia ou deixava de fazer o que bem em ten dia, de acor do com sua cons ciên cia. As boas reputações não dependiam dessa *vox populi*, que na Europa nem sempre é *vox Dei*.

Mais adiante contaremos como a revolução com algumas pinceladas pretas transformou esse belo quadro em horrenda caricatura.<sup>49</sup>

A Corte reside em S. Cristóvão, importante lugar a mais ou menos meia hora de distância da capital. Por terra dois caminhos para lá conduzem: o chamado Caminho das Lanternas,<sup>50</sup> estrada retíssima por meio do mangue que separa o Rio de Janeiro de S. Cristóvão; e outro, menos cô mo do e mais ro mân ti co, que par te de Ca tum bi e cor re en tre os morros e a borda do pantanal.<sup>51</sup> A comunicação mais preferida é feita por mar, em ca no as e bar cos, que vão e vêm, sem in ter rup ção, de diversos pontos da cidade.

Foi D. João VI quem mandou construir, com grande despesa, o Ca mi nho das Lan ter nas. As co lu nas de pe dra co lo ca das dos dois la dos, de 50 em 50 passos, para sustentarem as incontáveis lanternas, que se acen di am quan do o mo nar ca, à no i te, ia à ci da de ou se re co lhia a S. Cristóvão, testemunham que, entre as suas virtudes, ele não possuía a coragem pessoal.<sup>52</sup> O Imperador corre muito maior risco que seu real pai, mas despreza o perigo. Dizem que mais de uma vez já lhe deram tiros nesse caminho. Apesar disso, nunca man dou acen der os lam piões. D. Pedro

49 É interessantíssima essa afirmação, feita por contemporâneo, de radical mudança na vida social do Brasil, em consequência da revolução da Independência.

50 Começava na atual Rua Senador Eusébio e seguia pelo Aterrado ou Mangue, até a Bica, hoje Ponte dos Marinheiros.

51 Chamado Caminho de Mata-Porcos, agora Ruas Frei Caneca e do Estácio. No largo deste nome, então Aldeia de Mata-Porcos, com sua igreja do Espírito Santo, ainda existente, o caminho se bifurcava, levando para a direita a S. Cristóvão e para a esquerda ao Engenho Velho ou Engenho Pequeno, dos Padres da Companhia, S. Francisco Xavier. Por esse caminho veio Duclerc sobre a cidade, em 1710.

52 Os cronistas que se referem ao Caminho das Lanternas não dão essa falta de coragem do Rei como razão da colocação das luzes, embora seja sabido que D. João não era valente; mas explicam que a carruagem de Sua Majestade corria o risco, no escuro, de virar na beira do aterro e emborcar no pantanal, tanto que havia entre os pilares de pedra que sustinham os lâmpioes de azeite, um tabique, destinado a evitar aquele acidente.

*Gra vu ra de Gi an ni, fe i ta em 1825, a que se re fe re o au tor, di zen do que a Mar que sa de San tos ser viu de mo de lo à fi gu ra fe mi ni na nela representada.*

costuma dizer: – “Sei que minha mãe é uma – ; mas devo-lhe ter-me parido sem medo!” E pas sa por ali a qual quer hora da no i te.<sup>53</sup>

Previno uma vez por todas que sempre onde futuramente apareça um *hyphen*, como o que está acima, ele substitui uma expressão pouco de li ca da, que o es pí ri to da lín gua ale mã me pro í be tra du zir ao pé da le tra. No en tan to, no Bra sil, em cer tas oca siões, não é mais cho can te do que se um Príncipe alemão dissesse a alguém de seu séquito: – “És um grande patife!” O hábito é que dá aos vocábulos seu sentido e sua expressão. O que na Europa seria ofensa, aqui não passa de pilhéria, não sen do es tran há vel o mo nar ca ser vir-se des sa pa la vra pre di le ta, mes mo em re la ção a seus mais pró xi mos pa ren tes.

O Castelo, denominado Quinta Imperial da Boavista, fica em suave colina, no meio de lindo vale, rodeado de jardins maltrata dos, e pintados de amarelo. Sua forma não agrada. Compõe-se duma torre redonda em estilo mourisco e de alguns pavilhões quadrados, constituindoum conjuntoirregular.<sup>54</sup> Inter na men te é como uma gran de residência particular, com escadas estreitas e corredores escuros e apertados. Miserável escada traseira leva aos aposentos da Imperatriz, com vis ta pou co con vi da ti va so bre as es tre ba ri as, que fi cam por ba i xo deles. Cozinhas e quartos sujos da criadagem se distribuem por ali e têm aspecto repelente. Em resumo, tanto no Palácio Imperial como em qual quer casa bra si le i ra, sem pre se en con tram ves tí gi os da in flu ên cia dos negros. A sujeira, a falta de ordem, o mais berrante contraste entre a so vi ni ce e o es ban ja men to, ser vi ço pés si mo apesar da quan ti da de de escravos pretos e bran cos, o ra lhar e o ba ter sem fim são co i sas

53 A linguagem desabrida, desbocada do Imperador é por demais conhecida por meio da documentação coeva para que o autor precise de comprovante do que diz. A sua desmedida coragem também, posta a prova inúmeras vezes.

54 Pouco tempo depois da chegada de D. João ao Rio de Janeiro, o negociante da Rua Direita, Elias Antônio Lopes, ofereceu para morada da Família Real a quinta de sua propriedade, em S. Cristóvão, cuja casa era a melhor dos arrabaldes cariocas, naquele tempo. A oferta foi aceita e a residência se tornou a Real Quinta da Boavista. A Sala do Trono foi pintada por Manuel da Costa. Em 1817, a construção foi reformada, recebendo um terceiro pavimento. Mais tarde, houve nova reforma, com a construção dum pavimento novo, pelo arquiteto Pezerat. D. Pedro I e D. Pedro II residiram habitualmente nesse palácio imperial. A Sala do Trono teve como decorador, no Primeiro Reinado, a Francisco Pedro do Amaral. Em frente ao Paço, erguia-se o chamado Portão da Coroa, com metópios e plintos clássicos, presente da Casa d'Áustria, por ocasião do casamento da Arquiduquesa Leopoldina com D. Pedro. Do desembarque situado na atual Praia Formosa, levava ao Paço de S. Cristóvão uma larga rua intitulada Nova do Imperador, agora avenida Pedro Ivo. O Paço é presentemente o Museu Nacional. O Portão da Coroa foi relegado para as traseiras do parque.

○ *conjunto irregular* observado pelo autor desapareceu posteriormente, quando se levantou do lado esquerdo da fachada um segundo pavilhão idêntico ao que Pezerat elevara do lado direito e que desequilibrava a frontaria do edifício.

in su por tá ve is para o eu ro peu re cém-chegado, o qual só com o tem po a elas se acos tu ma.

D. Pedro I, por unânime aclamação dos povos, Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil,<sup>55</sup> vive nes se pa lá cio mais como sim ples par ticular do que como soberano de imenso Império. Alguns camaristas e oficiais formam seu séquito. Frequentemente, anda de carro ou a cavalo sozinho. Dor me pou co. Des pre za o pra zer da mesa. Cu i da de tudo. De le ita-se com uma atividade constante. Tem predileção por cavalos e cães, e uma pa i xão que tudo do mi na: a in cli na ção pelo belo sexo.

Sua esposa, a Imperatriz D. Carolina Leopoldina, Arquiduquesa da Áustria,<sup>56</sup> em mu i tos pon tos com bi na mu i to bem com esse ca rá ter. A pro fun da bon da de de co ra ção e a ines go tá vel pa ciên cia que são mu i tas vezes no trono tão indispensáveis quanto no seio da família, unidas ao bom senso e a um alto grau de instrução, fazem com que essa Princesa seja feliz em circunstâncias que seriam insuportáveis para um espírito apaixonado. Nos filhos, en con tra a ma i or ale gria da vida, não des de nha os gozos da mesa, com rara coragem e destreza tanto guia uma carruagem como mon ta a ca va lo, e na caça não per de um tiro.

Seu matrimônio foi abençoado com filhos lindos como amores, cujo número o futuro promete aumentar. A Princesa mais velha, D. Ma ria da Gló ria, nas ceu a 4 de abril de 1819. É a fa vo ri ta do pai, de quem é o retrato rejuvenescido, enobrecido e germanizado pelos olhos azuis e os ca be los cla ros.<sup>57</sup> Em verdade, nada pode ser mais encantador do que essa deliciosacriatura, pouco crescida para a sua idade e de comple i ção deli ca da, a quem a for ça do sol tro pi cal deu um de sen vol vimen to superior aos seus anos. Os braços, o pescoço e o colo dessa original

---

55 O título de Defensor Perpétuo é mais antigo que o de Imperador. A Municipalidade e o Povo do Rio de Janeiro o ofereceram ao Príncipe D. Pedro, como defensor da liberdade do Brasil ameaçada de absorção pelas Cortes de Lisboa, e ele o aceitou, no dia 13 de maio de 1822. O Brigadeiro Domingos Alves Branco propôs, na Maçonaria, esse título com um acréscimo – Defensor e Protetor. D. Pedro recusou o Protetor, que lembrava Cromwell. Ficou somente Defensor. A proposta e entrega desse título maçônico foi propositalmente feita na data natalícia de D. João VI.

56 O Casamento do Príncipe D. Pedro com a Arquiduquesa D. Leopoldina realizou-se no Rio de Janeiro, a 6 de novembro de 1817. A Arquiduquesa veio de Liorne a bordo da fragata austríaca **Augusta**, comboiada pela fragata da mesma nação **Áustria** e por uma divisão portuguesa, comandada por Manuel Antônio Farinha, futuro Conde de Souzel. A Imperatriz Leopoldina, Maria Leopoldina Josefa Carolina da Áustria, nasceu a 22 de janeiro de 1797 e faleceu a 11 de dezembro de 1826, com 29 anos de idade. Era filha do Imperador Francisco II, bisneta de Maria Teresa, sobrinha de Maria Antonieta de França, de Maria Carolina de Nápoles e irmã de Maria Luísa, mulher de Napoleão I.

57 Referindo-se à filha D. Maria da Glória, em carta datada em 12 de agosto de 1820 e conservada na Biblioteca Nacional, D. Leopoldina escrevia: “Elle a un attachement particulier pour mon époux... mais il le merite, car il est le meilleur des pères”. Aliás, o depoimento do autor combina com muitos outros.

## 58 C. Schlichthorst

criança plástica mentebelos, o por techeio de dignidade e os movimentos airosos levam-nos a julgá-la uma aparição de conto de fadas. Melusina americana, que só a fantasia de Goethe seria capaz de produzir.

Os outros filhos do casal imperial são: D. Januária, nascida a 11 de março de 1821; D. Paula Mariana, a 17 de fevereiro de 1823; D. Francisca Carolina, a 2 de agosto de 1824; e o Príncipe Herdeiro, a 2 de dezembro de 1825. Este, ao ser batizado, recebeu os nomes de Pedro de Alcântara, seguidos de mais uns trinta, que a cerimônia de espasmo não me permite escrever.<sup>58</sup> Um Príncipe mais velho morreu em tenra idade no colo de sua mãe, na última revolução, quando ela fugiu para o castelo campestre de Santa Cruz.<sup>59</sup> O Herdeiro Presuntivo da Coroa é intitulado Príncipe Imperial e tratado por Alteza Imperial. Do mesmo modo o filho segundo, que recebe o título de Príncipe do Grão-Pará. Os mais filhos do Imperador são Príncipes com o tratamento de Alteza somente. Assim também os parentes mais afastados da Casa Reinante, quando não possuam ou trostítulos.<sup>60</sup>

A primeira Camareira de Sua Majestade a Imperatriz, a paulista D. Domitila de Castro e Canto, Viscondessa de Santos,<sup>61</sup> é amante declarada do Imperador. Distingue-se pelo rosto regular e formoso, e pela desusada alvura da tez. Não lhe faltabas tanta gordura,<sup>62</sup> o que corresponde ao gosto geral. Já a abandonou a primeira floração da mocidade, mas os olhos nada perderam de seu fulgor e uma porção de cachos escuros emolduram-lhe as linhas feições. É uma mulher verdadeiramente bela, de acordo com a fama de que gozam

---

58 Exagero. D. Pedro recebeu na pia batismal os seguintes nomes: D. Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, ao todo, 13 próprios. Seu pai, D. Pedro I, chamava-se Pedro de Alcântara Francisco Antonio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim, ao todo, 14 próprios. Nem o pai nem o filho chegaram a ter 20 nomes. Aliás, essa tradição não era propriamente brasileira e sim européia, nas famílias reinantes e de alta jerarquia.

59 A fazenda ou Curato de Santa Cruz, que pertenceu aos jesuítas.

60 O título de Príncipe do Grão-Pará era dado na Casa Imperial brasileira ao herdeiro presuntivo do trono, tanto que D. Maria da Glória foi princesa do Grão-Pará, enquanto não nasceu um Príncipe.

61 D. Domitila de Castro e Melo, a Pompadour do Primeiro Reinado, como em carta íntima a classificou a própria Imperatriz. Filha dos Viscondes de Castro, irmã do Visconde de Castro e da Baronesa de Sorocaba, nasceu em S. Paulo, a 27 de dezembro de 1797 e ali faleceu a 3 de novembro de 1867. Foi casada em primeiras núpcias com o mineiro Felício Muniz Pinto Coelho de Mendonça, de quem se divorciou para viver com D. Pedro I, e em segundas com o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, em 1842. Foi Dama do Paço Imperial e recebeu o fítão da Real Ordem de Santa Isabel, por Decreto de 4 de abril de 1827. Viscondessa de Santos, com grandeza, a 15 de outubro de 1824 e Marquesa, a 16 de outubro de 1826. Teve filhos do Imperador e do segundo casamento. Deixou descendência. O autor chama-a Domitila, em lugar de Domitila, o que era comum na época, pois seu nome aparece grafado de inúmeras maneiras, como assinala Alberto Rangel.

62 *Enbonpoint*, em francês no texto. Bosche emprega a mesma palavra.



as paulistas.<sup>63</sup> Seu marido é general e tem um comando nas Províncias do Sul.<sup>64</sup> Seus irmãos ocupam postos bem remunerados, mas não de Corte, sendo todos guarda-roupas, o que parece provar que D. Domitila absolutamente não é de família nobre, malgrado sua aparência de princesa.<sup>65</sup>

Pouco tempo depois do nascimento do Príncipe Herdeiro, ela deu à luz a um filho, que morreu em breve, reconhecido pelo Imperador com o título de Duque de S. Paulo.<sup>66</sup> Por um decreto posterior, a filha mais velha que dela teve Sua Majestade, Maria Brasileira, foi nomeada Duquesa de Goiás.<sup>67</sup> O *Spectador* contou que a criança fora apresentada à Imperatriz e que esta a beijara com sentimento maternal (?). Essa folha servil, editada pelo tipógrafo da Corte, Plancher, tendo como redator o Padre Sampaio,<sup>68</sup> fez nessa ocasião edíficas observações: que era belo os grandes Príncipes tentarem reparar erros cometidos como homens, de maneira tão brilhante, o que, em todos os tempos, foram úteis proveitoso para as nações; mais de uma vez os ingleses souberam que

---

63 As paulistas tinham em verdade, nessa época, fama de grande beleza. No começo do século XIX, John Mawe gabou-as por seus atrativos e amenidades. Na mesma ocasião, o sueco Gustavo Beyer também as elogiava. Martius bateu na mesma tecla. Assim, o autor está em boa companhia, no que afirma.

64 Inverdade manifesta. O marido da Marquesa de Santos foi o Alferes do Regimento de Caçadores de Linha, da cidade de S. Paulo, Felício Pinto Coelho de Mendonça.

65 Opinião de Seidler, de Delavat e de Gabriac. Errônea. Alberto Rangel prova o contrário e preceitua: "A nobreza de D. Domitila pelo lado paterno, era autêntica, e das mais antigas." Sua mãe, D. Escolástica Bonifácia de Toledo Ribas, era de nobre sangue espanhol. Seus irmãos eram: João, que fez carreira militar com atos de bravura, em 1819. Ajudante-de-Ordens no governo do Rio Grande do Sul; José, também notável pela bravura, na campanha contra Artigas, Capitão de Cavalaria, em 1822; Pedro, demitido do posto de Tenente de Cavalaria, por má conduta, conservou-se em Montevéu até 1822; e Francisco, Alferes de Cavalaria, serviu no Sul e acompanhou D. Pedro, nas galopadas da Independência.

66 Em 23 de maio de 1824, a Marquesa de Santos teve do Imperador a primeira filha, D. Isabel. O Cônsul da Espanha, Delavat y Rincón, fala dum menino que precedeu e não vingou. O mesmo diz Alberto Rangel. A 7 de dezembro de 1825, nasceu um menino, batizado no dia 27 do referido mês como Pedro de Alcântara Brasileiro *in articulo mortis*. Essa criança faleceu em fins de março de 1826. Parece que lhe era destinado o título de Duque de S. Paulo. Pelo menos falava-se nisso à boca pequena.

67 D. Isabel Maria de Alcântara Brasileira, primeira filha da Marquesa de Santos e de D. Pedro I, nascida no Rio de Janeiro, a 23 de maio de 1824, legitimada a 4 de junho de 1826 e falecida a 14 de maio de 1867. Recebeu o título de Duquesa de Goiás, que perdeu pelo seu casamento com o Conde Ernesto Fischer de Freuberg.

68 Refere-se ao *Spectador Brasileiro*, que se publicou de 1824 a 1827, tendo sucedido à *Estrela Brasileira* que durou de 1823 a 1824, e sendo substituído pelo *Jornal do Comércio*, que vem de 1827 até nossos dias. Era editado pela firma Seignot-Plancher & Cia, primeira editora, também, do *Jornal do Comércio*. O chefe da firma Pedro Plancher Seignot celebrou-se como autor do *Almanaque Imperial* e do *Almanaque dos Negociantes do Império do Brasil*. Era principal redator do *Spectador Brasileiro* o franciscano Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, nascido no Rio de Janeiro, em 1778, e falecido aí em 1830, entrado na vida monástica pela dor causada por morte de sua mãe, professando, em 1793, no convento da ilha do Bom Jesus. Esteve em S. Paulo algum tempo. Pregador régio, em 1808. Maçom e agitador político nas lutas da Independência. Elogiou D. Pedro até romper violentamente com ele, por não o ter feito bispo. Grande orador e panfletário terrível. Redigiu o *Regulador Brasileiro*.

nas veias do Duque de Vendôme<sup>69</sup> corria o sangue real dos Bourbons; e outras asneiras que esqueci.

Quem fizer ques-tão de possuir um retrato muito parecido da festejada D. Dimitila faça vir de Paris uma estampa que traz a legenda – *O Querido Brasileiro Dia*, na qual está alegoricamente representada a Independência do novo Império do Brasil.<sup>70</sup> Sobre despedaçados grilhões de escravos e serpentes calcadas aos pés, vê-se o jovem D. Pedro com uma encantadora americana que se lhe atira nos braços. A bela Condessa é o original dessa figura. Não me atrevo a afirmar que tenha posado para o pintor nos mesmos trajes com que na gravura se apresenta.

Nacida de e nas províncias, muitas crianças reclamam a honra de ter sangue real. Sua Majestade não lhes dá importância. As mais lindas mulheres aspiram ao seu afeto e dizem que raramente ele deixa alguma paidecer sem ser atendida. A verdade é que D. Pedro não é muito delicado em sua escolha, nem pródigo em recompensar o gozo recebido. Várias francesas da Rua do Ouvidor, o Palais-Royal do Rio de Janeiro,<sup>71</sup> têm essa experiência. Poderia a propósito narrar algumas anedotas muito picantes; mas é contra meus princípios asseverar aquilo cuja veracidade não posso provar.

---

69 Luis José, Duque de Penthièvre e depois de Vendôme. Bastardo real, nascido em Paris, em 1654, e falecido em Vinaroz, em 1712. Serviu no exército sob os ordens de Turenne e do Marechal Duque de Luxemburgo. General das Galeras, em 1694. Comandou o Exército da Catalunha e tomou Barcelona, em 1697. Na Guerra da Sucessão de Espanha, bateu o famoso Príncipe Eugénio de Sabóia, general austríaco, conquistando o Piemonte. Nas Flandres, às ordens do Duque de Borgonha e em discórdia com ele, foi derrotado em Oudenarde. Posto de lado até 1710, recebeu, nesta data, o comando do Exército da Espanha e levou a Madrid o Rei Filipe V, neto de Luis XIV. Morreu dum indigestão. Foi um grande soldado.

70 Em português no texto, seguido da expressão alemã – *arvuschter Tag für Brasilien!* A gravura existe realmente, e foi executada por Gianni, em 1825. Está reproduzida no volume XXV, das Publicações do Arquivo Nacional e neste livro.

71 A Rua do Ouvidor chamou-se antes de Aleixo Manuel. Um trecho teve o nome de Rua do Gadelha. O de Rua Moreira César, que lhe foi posto ao tempo da República, não pegou. Em 1825, cheia de lojas francesas, comparada por um cronista à Rua Vivienne, de Paris, estava para o Rio de Janeiro, como a Franzochischenstrasse, para a Berlim, de Frederico II. O autor, por mais de uma vez, estabelece sua analogia com o Palais-Royal.

Foi este o Palácio construído para a Marquesa de Rambouillet, na Rua de Saint Honoré, em frente ao Louvre. O Cardeal de Richelieu, comprou-o, em 1624, e fez levantar no local, pelo 1º Arquitecto do Rei, Jacques Lemercier, outro palácio que recebeu o nome de Palácio Cardeal e que, mal ficou pronto, Richelieu deu de presente a Luis XIII, em 1636. Em 1643, Ana d'Áustria e Luis XIV, criança, ali se instalaram. Após a guerra civil da Fronda, Luis XIV deu-o a Henriqueta de França, viúva do Rei Carlos I, da Inglaterra, decapitado por Cromwell. Em 1692, passou-o a seu sobrinho, o futuro Regente, Duque de Orleans, que nele realizava seus licenciosos festins. Incendiou-se por duas vezes em 1763, e em 1781. O Duque de Orleans, Luis Filipe, cognominado na Revolução Francesa o *Igualdade*, mandou restaurá-lo, dando-lhe sua aparência atual, pelos arquitectos Moreau e Contat d'Ivry. No seu jardim, que era franqueado ao público, Camilo Desmoulins organizou a manifestação popular que terminou com a queda da Bastilha. Durante o Império, ocupou-o o Príncipe Jerónimo Bonaparte e, após ele, seu filho, o Príncipe Napoleão.

Ao tempo da Restauração, de 1815 a 1830, e mesmo até o 2º Império Francês, na parte térrea se estabeleceram lojas, dando sobre os jardins públicos. Houve mesmo tavolagens. Daí a comparação do autor.

Como as borboletas de seu Império, o monarca esvoaça de flor em flor. Apenas a Condessa de Santos<sup>72</sup> conseguiu prendê-lo duradouramente, não só vencendo a sua volubilidade como o seu pendor, herdado do pai, para a eco no mia. Por ocasião do nascimento do Duque de S. Paulo, ele a presenteou com um adereço avaliado em 4 milhões de cruzados<sup>73</sup> e agora está construindo, em frente ao Paço da Boavista, um palácio para ela,<sup>74</sup> no qual seu gosto como arquiteto se patenteia do mesmo modo brilhante e genial como se mostrara compositor no Hino Imperial.<sup>75</sup>

O povo, que essas desusadas constância e prodigalidade espartam, afirma que ela fez um feitiço para o Imperador, o enfeitiçou, como se diz em boa linguagem brasileira, o que seria ridículo na Europa, onde nem o sonambulismo consegue medrar. No Novo Mundo, a crença em meios sobrenaturais e simpatias está comumente espalhada, o êxito a favorecer e o mais despreocupado observador depara fenômenos que abalam suas convicções sobre a natureza. Poucas pessoas recusam crer nessas coisas.

Se antes empreguei a expressão – o Imperador está construindo – não foi no sentido que sói ter na Europa. De fato, o Imperador constrói, isto é, faz a planta e ele mesmo a executa, não escapando à sua atenção os mais ínfimos pormenores. Constrói na verdade imperialmente e todas as suas obras trazem o cunho do bom gosto, do esplendor e da utilidade.

Não é muito numerosa a nobreza do Império. Em 1825, constava de 1 Marquês, Lorde Cochrane, Marquês do Maranhão; 1 Conde, 2 Viscondes e 11 Barões. A 12 de outubro, data da Aclamação, fez-se grande cópia de novos nobres, entre os quais alguns que lembram mais a corte dos Incas do Peru do que um país ainda há poucos anos colônia européia, como Inhambupe de Cima, Inhomirim, Atabayana e alguns mais.<sup>76</sup> A nova fidalguia é muito rica e considerada, com razão,

72 D. Domitila não foi Condessa. Viscondessa de Santos, com grandeza, por Decreto de 15 de outubro de 1825, viu-se elevada a Marquesa, pelo de 15 de outubro de 1826. A grandeza permitia o uso heráldico do coronel de Conde, o que talvez tenha induzido o autor em erro.

73 Deve ser exagero. Quatro milhões de cruzados são mil e seiscentos contos, um milhão e seiscentos mil cruzeiros, soma impossível para o valor de uma jóia naquele tempo. Possivelmente 40 mil cruzados, isto é, 16 contos.

74 Ainda hoje existe, relativamente bem conservado, em frente à Quinta da Boavista, quase à esquina da Avenida Pedro Ivo, antiga Rua Nova do Imperador aberta pelo administrador do Hospital dos Lázaros, com a Rua S. Cristóvão. Era uma chácara que pertencera ao Cirurgião Militar, Teodoro Ferreira, e estava na posse de Francisco Joaquim de Lima, a quem o Imperador a comprou por 4 contos de réis. O prédio de residência foi reformado sob a direção de D. Pedro, pelo Arquiteto Imperial Pedro Alexandre Cavroé. A decoração iconográfica foi feita pelo pintor Francisco Pedro do Amaral.

75 O Hino da Independência, com música do Imperador e letra, segundo confissão dele próprio, de Evaristo da Veiga.

76 O primeiro titular brasileiro foi Antônio Alves da Silva, Barão de Amaragi, por Decreto Real de 29 de maio de 1807. Em 1822, o Imperador concedeu os seguintes títulos: Barão, e depois Visconde do Rio Seco, a Joaquim

## 62 C. Schlichthorst

José de Azevedo; Barão de S. João Marcos, com grandeza, a Pedro Dias Pais Leme; Barão de Itanhaém, a Manuel Inácio de Andrade Souto-Maior. Até essa data, 1 visconde e 3 barões.

Em 1823, os seguintes: Marquês do Maranhão, a Lordê Thomas Cochrane. Barões, com grandeza: da Laguna, a Carlos Frederico Lecor; de Goiana, a José Correia Picanço; de Bagé, a Paulo da Silva Gama. Barão: de S. Simão, a Paulo Fernandes de Andrade Pinto Souto-Maior. Até essa data, 1 marquês, 1 visconde e 7 barões.

Em 1824, os seguintes: Viscondes, com grandeza: de Maceió, D. Francisco Maurício de Souza Coutinho; de Maricá, Mariano José Pereira da Fonseca; de Nazaré, Clemente Ferreira França; de Paranaguá, Francisco Vilela Barbosa; de Queluz, João Severiano Maciel da Costa; do Recife, Francisco Pais Barreto; de Resende, Antônio Teles da Silva Caminha e Meneses; de Sabará, João Gomes da Silveira Mendonça; de Santo Amaro, José Egidio Álvares de Almeida; da Vila Real da Praia Grande, Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Viscondes: de Baependi, Manuel Jacinto Nogueira da Gama; de Barbacena, Felisberto Caldeira Brant; de Aracati, João Carlos Oyenhausen e Grevenburg; da Cachoeira, Luís José de Carvalho e Melo; do Fanado, João Gomes da Silveira Mendonça; da Cunha, D. Francisco da Costa de Sousa Macedo; de Caravelas, J. J. Carneiro de Campos; de Inhambupe, Antônio Luís Pereira da Cunha. Barões: de S. Francisco, José Maria da Silveira Bulcão, de Jaguaripe, Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque. Foi o ano da fornada dos Viscondes. Até essa data, 1 marquês, 18 viscondes e 9 barões.

Em 1825, os seguintes: Marquês de S. João da Palma, D. Francisco de Assis Mascarenhas. Viscondes com grandeza: o da Vila Real da Praia Grande, de Taubaté, Luís de Saldanha da Gama Melo e Torres Guedes de Brito, o da Laguna, de Castro João de Castro Canto e Melo. Barões, com grandeza: de Quixeramobim, Pedro Dias Pais Leme; de S. João das Duas Barras, Joaquim Xavier Curado; de Valença, Estêvão Ribeiro de Resende; de Vila Nova de S. José, José Fernando Carneiro Leão. Barões: do Pati dos Alferes, Francisco Maria Gordilho Veloso de Barbuda; de Cantagalo, João Maria da Gama Freitas Berquó; de Alcântara, João Inácio da Cunha; da Gamboa, José Manuel Fernandes Pereira de Barros; de Caeté, José Teixeira Fonseca de Vasconcelos; de Cairu, José da Silva Lisboa; de Itabaiana, Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa; de Itapicuru de Cima, Luís Manuel de Oliveira Mendes; de Lajes, João Vieira de Carvalho; de Maragogipe, Bento de Araújo Vilas Boas; da Pedra Branca, Domingos Borges de Barros; de Pelotas, Patrício José Correia da Câmara; do Rio Pardo, Joaquim Pereira Valente; de Souzel, Manuel Antônio Farinha. A fornada dos Barões. Até esta data, 2 marquês, 22 viscondes e 28 barões.

Em 1826, os seguintes: Marquês: o Visconde de Inhambupe, o Visconde de Itanhaém, de Jacarepaguá o Barão de Pati do Alferes; de Jundiá, o Visconde do Rio Seco; de Baependi, de Cantagalo, da Cunha, de Caravelas, de Maceió, de Nazaré, de Paranaguá, de Queluz, de Quixeramobim, do Recife, de Resende, de Sabará, de Santo Amaro, de Taubaté, de Vila Real da Praia Grande e ao Barão de S. João Marcos. Condes: os Barões de Souzel, do Rio Pardo, de Vila Nova de São José, de Lajes, de S. Simão de Valença, de S. João das Duas Barras. Viscondes, com grandeza: O Visconde de Castro, de Pirajá, Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque (feito barão em abril do mesmo ano e visconde, em outubro), o Barão de Quixeramobim, o Barão de Pelotas; de Gericinó, a Ildefonso de Oliveira Caldeira Brant. Viscondes: de S. Leopoldo, José Feliciano Fernandes Pinheiro; os Barões de Itabaiana; de Alcântara, de Cantagalo, da Gamboa, de Caeté, de Cairu e de Bagé, Paulo José da Silva Gama Filho. Barões, com grandeza: do Rio da Prata, Rodrigo Pinto Guedes; de S. Francisco, Joaquim Maria da Silveira Bulcão. Barões: da Saúde, Francisco Manuel de Paula; de Sorocaba, Boaventura Delfim Pereira; de Macaé, Amaro Velho da Silva; de Inhomirim, Vicente Navarro de Andrade; de Itaparica, Antônio Teixeira de Freitas Barbosa; de Vila Bela, Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho. A fornada dos Marquês. Até essa data: 23 marquês, 7 condes, 36 viscondes e 36 barões.

Em 1827, os seguintes: Segundos Viscondes, com grandeza: de Castro, João de Castro Canto e Melo; de Cachoeira, Luís José Carneiro de Carvalho e Melo. O total de viscondes elevou-se a 38.

Em 1828, os seguintes: Viscondes, com grandeza: 2<sup>a</sup> da Vila Real da Praia Grande, Caetano Pinto de Miranda Montenegro Filho; de Itabaiana, de Camamu, José Egidio Gordilho Veloso de Barbuda; 3<sup>a</sup> da Cachoeira, Pedro Justiniano Carneiro de Carvalho Melo, Barões: de Ubá, João Rodrigues Pereira de Almeida; de Itapua, José Joaquim Nabuco de Araújo; de Itapororoca, José Joaquim Muniz Barreto de Aragão; de Calera, Tomás Garcia de Zuniga. Até então, 23 marquês, 7 condes, 39 viscondes e 40 barões.

Em 1829, os seguintes: Duque: de Santa Cruz, D. Augusto Carlos Eugênio Napoleão de Leuchtenberg, Príncipe de Eichstadt. Visconde com grandeza: o de Pedra Branca. Visconde: o Barão de Macaé, Barões: de Catas Altas, João Batista Ferreira de Souza Coutinho, do Passeio Público, José de Oliveira Barbosa, de Queluz, João Tavares Maciel da Costa, 2<sup>a</sup> de S. Francisco, José de Araújo Aragão Bulcão. Em 1830, os seguintes viscondes: do Rio Vermelho, Manuel Inácio da Cunha Meneses. Barão com grandeza, o 2<sup>a</sup> de S. Francisco. Ao todo, portanto, no Primeiro Reinado: 1 duque, 23 marquês, 7 condes, 42 viscondes e 44 barões. Com raras exceções, essas nomeações eram sempre feitas no dia 12 de outubro, aniversário da aclamação de D. Pedro I.

O Visconde de Inhambupe a que nominalmente se refere o autor, formado em Coimbra, Magistrado em Portugal e no Brasil, desembargador, deputado, senador, várias vezes ministro, governador da Bahia e de Pernambuco, conselheiro de Estado e dignitário do Cruzeiro, nasceu na Bahia a 6 de abril de 1760 e faleceu no Rio, como Presidente do Senado, a 18 de setembro de 1837. Nos panfletos do tempo se fala dos Inhambupe de Cima e de Baixo. Parece que o título originariamente devia ser Inhambupe de Cima, como havia Itapicuru de Cima. A outra referência é ao Barão de Inhomirim, que não deve ser confundido com o notável médico do 2<sup>a</sup> Reinado Dr. Francisco Torres Homem, Visconde de Inhomirim com grandeza a 15 de outubro de 1872. O Barão de Inhomirim chamava-se Vicente Navarro de Andrade e era português, nascido em Guimarães a 26 de fevereiro de 1776 e falecido em Paris a 27 de abril de 1850. Irmão dos barões portugueses de Saúde e de Vila Seca. Foi Físico-Mor da

como glória e sustentáculo do trono. Não forma uma Câmara especial, nem tampouco tem direito aos cargos da Corte. Nas duas classes de Camaristas, os da Chave de Ouro e os da Chave de Prata,<sup>77</sup> também chamados veadores, há até negociantes. Todos quantos se apresentem decentemente trajados podem ser admitidos na Corte.

Vêem-se condecorações em grande quantidade. A Ordem de Cristo é hereditária e pode ser comprada. São Ordens Militares do Império as do Cruzeiro e da Cruz do Sul.<sup>78</sup> Essas condecorações são de bom gosto e suntuosas. Exibem-se em abundância todas as ordens honoríficas européias, algumas *de jure*, muitas *de facto*. Não são raras mesmo promoções nessas ordens sobre a imensa superfície do oceano Atlântico. No navio em que viajei, presenciava uma Cruz de Ferro.

O Conselho de Estado compõe-se geralmente de dez membros que, em regra, também são ministros, nomeados e demitidos ao arbítrio do Imperador.<sup>79</sup> Pela Constituição, os lugares do Conselho de Estado são vitalícios. Entre tanto, sua influência se desvanecede de que são destituídos das pastas ministeriais. Nos últimos tempos, só o Ministro da Guerra e seu colega da Marinha se têm agüentado. Todos os outros mudam constantemente.

---

Armada, professor da Escola de Medicina, fidalgo Cavalheiro da Casa Imperial, dignitário da Rosa, comendador de Cristo, Oficial do Cruzeiro, médico e conselheiro privado de D. Pedro I. A terceira referência visa o Visconde de Itabaiana (o autor escreve Atabayana), Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa, Grande do Império e Grã-Cruz do Cruzeiro, homem de Estado e Diplomata, que representou o Brasil em Paris, Londres, Nápoles e Viena, nascido em Portugal e falecido em Nápoles a 22 de janeiro de 1846.

77 Os camaristas faziam o serviço junto à pessoa do Imperador; os veadores junto à da Imperatriz. As chaves, de que o Museu Histórico Nacional possuía exemplares, eram presas ao bolso do fardão ou casaca, para mostrar que o titular estava em funções.

78 Engano manifesto. Na época em que o autor esteve no Rio de Janeiro, 1825 a 1826, o Império possuía somente, além das Ordens portuguesas que se prolongavam no novo país, duas Ordens Nacionais: a do Cruzeiro, criada a 12 de dezembro de 1822, e a de Pedro I, criada a 16 de abril de 1826. Lopes Fernandes, na sua *Memória das medalhas e condecorações, etc.*, vem em apoio do autor: "... era comum ver-se nos soldados de corpos mercenários, irlandeses, alemães, e de outras nacionalidades, medalhas e condecorações de diversos países".

79 O Conselho de Estado foi criado a 13 de novembro de 1823, sendo nomeados para constituir-lo João Severiano Maciel da Costa, Luis José de Carvalho e Melo, Clemente Ferreira França, Mariano José Pereira da Fonseca, João Gomes da Silveira Mendonça, Francisco Vilela Barbosa, Antônio Luis Pereira da Cunha, Manuel Jacinto Nogueira da Gama, J. J. Carneiro de Campos, futuros marqueses, respectivamente, de Queluz, da Cachoeira, de Nazaré, de Maricá, de Seabra, de Paranaguá, de Inhambupe, de Baependi e de Caravelas, os quais prepararam o projeto da Constituição do Império, pronto em 11 de dezembro do mesmo ano, submetido aos procuradores das Câmaras e afinal à Assembléia-Geral Constituinte. A Lei Constitucional de 12 de agosto de 1834 suprimiu esse Conselho de Estado. A Lei de 23 de novembro de 1841 criou novo Conselho de Estado, que prestou os mais relevantes serviços ao Segundo Reinado até ser proclamada a República.

## 64 C. Schlichthorst

Dos favoritos do Imperador – Chalasse, Paulo Brigaro e Valente, o primeiro tem o título de Conselheiro de Estado, possui em alto grau a confiança do monarca e cuida de seus mais se cre tos ne gó cios. Paulo elevou-se de porteiro às mais altas honras militares. Na sua mocidade foi com pa nhe iro de di ver ti men tos do Prín ci pe; ago ra é ami go do Imperador. Valente é o Aju dan te-Mor.<sup>80</sup>

Não existe no Rio de Janeiro corpo diplomático propriamente dito. Os se guin tes Côn su les for mam um *adinterim*:

H. Chamberlain, Côn sul-Geral de S. M. Britânica e Encar rega do de Ne gó cios.

Con de de Ges tas, Côn sul-Geral da Fran ça.

Ba rão von Mars hall, Agen te Aus tría co jun to a S. M. a Impe ra triz, Encar rega do de Ne gó cios.

Ge org von Lang sдорf, Côn sul-Geral da Rús sia.

Pe ter Kil chen, Vi ce-Côn sul da Rús sia.

Von Te re min, Côn sul da Prús sia.

D. J. de La bat e Rincón, Côn sul da Espa nha.

Wes tin, Côn sul da Su é cia.

Bren der a Bran dis, Côn sul-Geral da Ho lan da.

---

80 *Chalasse*. O famoso Chalaça. Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, secretário e confidante de D. Pedro I. Filho do ourives português Antônio Gomes da Silva, nasceu em Lisboa a 22 de janeiro de 1791, foi educado em Londres e veio para o Brasil com o Príncipe Regente D. João. Havia sido aprendiz de ourives, seminarista e lacai. Protegido do Conde dos Arcos e do Marquês de Vila Nova da Rainha, em 1816 era nomeado no Rio de Janeiro Juiz da Balança da Casa da Moeda. Depois, esteve algum tempo expulso da Corte por ter raptado uma mulher casada. Como bom aventureiro que era, soube imiscuir-se na intimidade do Príncipe D. Pedro, a cujo lado se achava no momento histórico do Ipiranga. Encomendou o cetro e a coroa para a coroação do Imperador, de quem se tornou criado particular, conselheiro privado e amigo inseparável. Em 1823, era nomeado Oficial da Secretaria do Império e em 1825 promovido a Oficial Maior, isto é, Diretor-Geral. Exerceu múltiplos cargos: Intendente das Cavalariças, Secretário do Gabinete Imperial, Conselheiro de Estado, Concorrente à Exploração do Ouro, Comandante da Imperial Guarda de Honra e, afinal, quando sua posição se tornou insustentável na Corte, representante do Brasil em Nápoles. Comendador de Cristo, da Torre e Espada, de Leopoldo da Bélgica e Oficial do Cruzeiro, Procurador titulado de D. Amélia, viúva de D. Pedro IV. Deixou *Memórias*.

Paulo Bregaro e não Brigaro como está no texto. Foi o Correio Imperial que, no dia do grito do Ipiranga, no caminho de S. Paulo, entregou ao Príncipe D. Pedro as cartas e ofícios de D. Leopoldina e de José Bonifácio com notícias de Lisboa, trazidas pelo navio *Três Coroões*, segundo as quais as Cortes recusavam a organização autônoma do Reino do Brasil, considerando irrita e nula a convocação de procuradores das Províncias, o que fez o futuro Imperador tomar a decisão de proclamar ali mesmo a Independência. Tornou-se, depois, da intimidade do soberano.

Valente era Ajudante-de-Campo do Imperador por Decreto de 5 de outubro de 1822. Tomás Joaquim Pereira Valente, barão a 12 de outubro de 1825 e 2º conde do Rio Pardo a 12 de outubro de 1826, nascido no Porto em 1790, falecido no Rio a 30 de agosto de 1843 e sepultado no Convento de Santo Antônio. Governou a Província de Santa Catarina em 1821. Em 1828, como Governador das Armas do Rio de Janeiro, à frente da Polícia, dos batalhões brasileiros de Caçadores a Pé, dos corpos de artilharia, de paisanos e escravos armados, atacou e dominou os mercenários alemães e irlandeses sublevados, após três dias de luta, que custou mais de 60 mortos e de 100 feridos.

O 1º Conde do Rio Pardo comandou a expedição do Exército Pacificador do Uruguai em 1811 e chamava-se D. Diogo Martim Afonso de Sousa Teles de Menezes. É conhecido geralmente na nossa história por D. Diogo de Sousa.

Dan, Vice-Cônsul da Dinamarca.  
Tembrinck, Vice-Cônsul da Liga Hanseática.  
Condý Raquet, Enviado dos Estados Unidos.<sup>81</sup>

Sir Charles Stuart e Lorde Ponsonby<sup>82</sup> eram encarregados de missões especiais. O Duque de Alafões veio como embaixador da Regência de Portugal, melhor, da que lhe parecia que mais tarde se chamaria na Europa Apostolico. Como parente da Casa Imperial, o jovem Duque figurava à testa da missão, mas o Arcebispo de Lacedemônia era tido

---

81 As correspondências diplomáticas desses agentes, sobretudo de Chamberlain, Gestas, Mareschal e Delavat y Rincón, fornecem valiosos subsídios aos estudiosos da história do Brasil Reino e do Primeiro Reinado. São, por isso, citadas a cada passo pelos melhores historiadores desses períodos. Chamberlain deixou observações interessantíssimas sobre o nosso país. Em 1820 nasceu-lhe no Rio de Janeiro um filho, que seria com o tempo o notável Sir Neville Bowles Chamberlain, cuja carreira militar se desenvolveu brilhantemente na Índia, levando-o aos postos de Tenente-General e Comandante-Chefe do Exército de Bengala em 1875. Em 1878, esteve em missão no Afeganistão e faleceu em 1886.

O Conde de Gestas provinha de velha família francesa da Guiana, que brasonava de azul com uma torre de prata. Os mais notáveis de todos esses agentes eram Mareschal e Langsdorf. Filipe Leopoldo Wenzel, Barão de Mareschal, depois de ter cursado a Escola Militar de Viena e servido como oficial de Cavalaria de 1805 a 1813, entrou para a carreira diplomática e foi despachado como Secretário de Legação para o Brasil, em 1818. Chegou ao Rio de Janeiro em 1819 e aí permaneceu até 1830. Viveu, portanto, onze anos no Brasil, galgando postos sucessivos: Encarregado de Negócios, de maio de 1821 a maio de 1826 e promovido *sur place* a Ministro Plenipotenciário. Era natural de Luxemburgo. Jorge Henrique von Langsdorf, alemão de nascimento, esteve no Brasil três vezes: a 1ª de 21 de dezembro de 1803 a 2 de fevereiro de 1804, como membro da expedição russa para exploração do noroeste da América, ficando com o naturalista Krusenstern em Santa Catarina; a 2ª de 1813, quando foi nomeado Cônsul-Geral da Rússia no Rio de Janeiro, até 1820. Em 1816, viajou em Minas com Augusto de Saint-Hilaire e encontrou Eschwege em Vila Rica. De 1820 a 1823 realizou explorações nos montes Urais. Veio ao Brasil a 3ª vez em 1825 com a expedição científica protegida pelo Czar Alexandre I, de que fazia parte o pintor Maurício Rugendas. Entrando pelo interior do Brasil, ficou maluco no rio Arinos. Levado para a Europa em 1829, viveu privado da razão em Friburgo-em-Brisgau, sua terra natal, até morrer a 29 de junho de 1852. Langsdorf publicou duas obras: *Bemerkunden anfeiner Reise und die welt in der Jahren 1803 bis 1807* (1812), da qual há uma edição inglesa, de 1813. *Voyages and travels in various parts of the world during the years 1803, 1804, 1805 and 1807*, cujo segundo capítulo é dedicado a Santa Catarina; *Memoire sur le Brésil, pour servir de guide à ceux qui desiront s'y établir*, editada em Paris em 1820, traduzida por A. M. Sam Paio em português e impressa na oficina de Silva Porto & Cia. no Rio de Janeiro, em 1822. A viagem de Langsdorf nos sertões brasileiros, tragicamente terminada pela sua loucura, durou de setembro de 1825 a março de 1829, de modo que o autor ainda o encontrou nas funções de Cônsul-Geral da Rússia, quando chegou à capital do Império. Sobre ela fez um esboço o desenhista Hércules Florence, natural de Nice. Langsdorf possuía o título honorífico de Conselheiro Áulico de Czar. Dedicou-se no Rio de Janeiro a organizar sua célebre exploração agrícola na Baixada Fluminense, perto da Estrela, denominada Fazenda da Mandioca, à qual o autor referirá mais adiante.

O Cônsul Hansaético Ten-Brink deixou descendência no Rio de Janeiro até hoje. Fixou-se tanto no país que participou da própria atuação política da Independência, como membro da sociedade secreta revolucionária Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz ou Apostolado, da qual D. Pedro era Arconte-Rei e José Bonifácio Cônsul. O norte-americano Condý Raquet notabilizou-se sobretudo pelas suas insolentes reclamações sobre o bloqueio do Rio da Prata.

O Almanaque de Gotha para 1825 confirma a lista diplomática do autor.

82 Sir Charles Stuart foi embaixador da Grã-Bretanha em Paris junto à Corte da Restauração, participando das negociações com os Duques de Luxemburgo e de Richelieu sobre a restituição de Caiena à França por Portugal, nas quais apoiou integralmente a pretensão de D. João VI da fixação prévia e definitiva de toda a fronteira. Lorde Canning, chefe do Governo inglês, mandou-o a Lisboa em missão especial, para tratar de resolver a questão da Independência do Brasil. Daí ele veio ao Rio, trazendo o tratado de 1825, que reconhecia essa Independência, e negociou com o nosso Governo os tratados de comércio daquele ano de 1827, referidos de favores à Inglaterra, que provocaram grandes protestos. Sua atuação na Corte portuguesa foi de tal ordem que Oliveira Martius o declara "tutor de D. João VI".

John Ponsombly teve destacada atuação nas negociações de paz entre o Brasil e a Argentina em 1828, sempre contrário ao Império. Nasceu em 1770, faleceu em 1828. Na sua longa carreira diplomática, em que passou por Buenos Aires e pelo Rio de Janeiro, seu último posto foi o de embaixador em Viena. Escreveu um livro interessante em 1854, *Cartas Sobre a Questão do Oriente*.

como a sua alma. Ambos chegaram ao Rio de Janeiro na nau de guerra D. João VI, acompanhados de brilhantes séquito.<sup>83</sup>

---

83 Quatro dias antes de falecer, a 6 de março de 1826, o Rei D. João VI nomeou um Conselho de Regência e designou herdeiro seu filho mais velho D. Pedro I do Brasil, mais tarde D. Pedro IV de Portugal. Em abril de 1826, a Regência enviou ao Rio, a fim de apresentar-lhe pêsames e, ao mesmo tempo felicitá-lo pela exaltação ao trono, uma deputação composta de 3 membros: o Duque de Lafões, o Arcebispo de Lacedemônia e o Dr. Francisco Eleutério de Faria e Melo. O Ducado de Lafões foi criado por D. João V a 5 de novembro de 1718, sendo 1<sup>a</sup> Duque o neto bastardo de D. Pedro II, D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, Marquês de Arronches, falecido em 1761, e 2<sup>a</sup> D. João Carlos de Bragança, irmão do 1<sup>a</sup>, nascido em Lisboa em 1719 e falecido em 1808, sobrinho de D. João V, que viajou durante 27 anos depois dum caso amoroso no reinado de D. José I, e foi da intimidade do Imperador José II da Áustria. Serviu na guerra dos Sete Anos e se distinguiu na batalha de Maxen. Esteve na Lapônia e no Egito. Com a morte do Marquês de Pombal, que era seu desafeto, voltou a Lisboa e foi marechal-general, conselheiro de Estado, ministro e mordomo-mor da Rainha. Fundou em 1780 a Academia das Ciências de Lisboa. Eram ambos filhos de D. Miguel, filho legítimo de D. Pedro II e de D. Luisa Casimira de Nassau e Sousa, filha do Príncipe de Ligne. A filha do 2<sup>a</sup> Duque, D. Ana Maria, sucedeu no título a seu pai em 10 de novembro de 1806 e o transmitiu a seu marido, D. Sigismundo Caetano Álvares Pereira de Melo, 3<sup>a</sup> Duque de Lafões, com quem se casou a 24 de novembro de 1819. Par do Reino em 1826, foi ele que veio em missão especial ao Brasil. Encontram-se as três formas gráficas: Alafuens, Alafões e Lafões.

O Arcebispo de Lacedemônia *in partibus* D. Antônio José Ferreira e Sousa, foi freire professo de S. Tiago, Doutor em Leis, Deputado às Cortes Constituintes e Ordinárias, Vigário-Geral do Patriarcado e Enviado da Regência ao Rio de Janeiro com o Duque de Lafões. Possuía magnífica livreria e em 1829 editou, com um prólogo, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Tornou-se miguelista em 1828 e morreu vítima da cólera em 1833.

Francisco Eleutério de Faria e Melo, Doutor pela Universidade de Coimbra e escritor, nasceu em Beja em 1787 e faleceu em 1851. Juiz de Fora, desembargador e ajudante do Intendente da Polícia, participou da Missão Lafões. Tornou-se miguelista e exilou-se de Portugal até 1844, vivendo em França com seu íntimo amigo o Bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo. De 1844 em diante, foi o administrador dos bens da Casa dos Duques de Cadaval, ligada à dos Duques de Lafões. Publicou um *Tratado de Geografia e a Memória sobre a vida de D. Francisco Alexandre Lobo*, cujas obras editou.



.....

## VI

### *Vida Meridional*

**E**la tinha vindo para o Brasil com o firme propósito de fazer fortuna. Logo, a mais superficial observação das coisas me convenceu que, na carreira militar, ao menos por enquanto, não havia probabilidade de conseguir relações capazes de me facilitarem a realização desse desejo. Estava doente, tudo era estranho em volta de mim e pouco entendia a língua do país. Em tais circunstâncias, achei mais conveniente ir apalpando o terreno como grana de irromper à força, aprender português e estender mão amiga à boa sorte, caso mais tarde ela viesse ao meu encontro por ou outro lado.

Há duas maneiras de aprender uma língua. Uma, a fundo, para qual se recorre à gramática e ao dicionário, e uma prática, pela qual se aprende a falar como as crianças, mas quiçá mentalmente, sem o conhecimento de uma única regra. Para dominar desta sorte uma língua estrangeira, é imprescindível viver entre o povo que a fala. Sendo assim, o segundo processo é preferível ao primeiro. Uma porção de regras decoradas e o hábito de recordá-las sempre nas composições escritas sobrecarrega a memória, privando-a de sua mobilidade, de modo que se aprenderá a escrever com correção, mas não a falar fluentemente.

Aprende-se uma língua naturalmente, falando-se como se pode, sem preocupação de errar ou não, prestando atenção aos que a

falam, quando conversam, lendo muito e fazendo esforços para adivinhar o sentido do que está escrito, sem recorrer com dificuldade à gramática e ao dicionário. Se um negro novo aprende qualquer língua, que é obrigada do falar, no curto período de 3 a 4 meses, sem método e geralmente também sem pancada, um alemão, a quem não é geralmente estranho este ou aquele idioma latino, precisa rá de mais tempo para manejar o português, que se não distingue pela riqueza ou dificuldade da construção e da prosódia? O que mais o torna difícil é a mistura com o árabe, principalmente porque muitas expressões da vida quotidiana têm essa origem.<sup>1</sup> Como nesses casos nenhuma analogia ajuda a memória, convém aprendê-las aos poucos, de cor. Quando se sabe latim ou mesmo somente o francês, com pouca prática a gente se faz entender por qualquer português.

É curioso que muitos franceses, embora residentes há anos no Rio de Janeiro, pouco ou nada com prendam da língua do país. O mesmo acontece na Alemanha, é verdade que em circunstâncias muito diversas. Nas classes educadas, era geralmente difícil do conhecimento do francês e até nas classes baixas havia muitos que o entendiam. A propensão do povo em aceitar tudo o que fosse estrangeiro caía-se com a inata preguiça dos franceses para aprender outro idioma. O orgulho nacional incensava-lhes a ignorância e principalmente formavam grandes corpos militares com vida própria, admitindo somente no seu grêmio, em toda a parte, como gente de boa sociedade, os que a eles se adaptavam.<sup>2</sup> No Brasil, a situação é inteiramente diversa. Poucos brasileiros entendem o francês e entre eles muitos não o que remfalar por teimosia e orgulho. Os franceses são na generalidade negociantes a retalho ou de modas, o que para eles torna indispensável o uso da língua. Contudo não aprendem e na Rua do Ouvidor se encontram muitas lojas com negras servindo de intérpretes.<sup>3</sup>

---

1 Na opinião do linguista Nider, o árabe só atingiu nossa língua "em superfície e não em profundidade". A proporção das palavras árabes em português é até modesta. Houve simples acréscimo aos elementos ibéricos, latinos, gregos e godos. "Raros elementos do vocabulário árabe são próprios do português e do espanhol." A lição erudita destrói o exagero do autor.

2 O autor refere-se ao período compreendido entre 1806, após a batalha de Iena, e 1813, quando se travou a de Leipzig, em que as conquistas de Napoleão estendendo a França até o Reno, criando a Confederação desse nome, erigindo em Reino a Westfália e dando a seus generais feudos como o Grão-Ducado de Clèves e de Berg, encheram a Alemanha de guarnições francesas, que ocuparam suas principais cidades.

3 Curiosíssimo pormenor sobre os costumes do tempo. A parte comercial da Rua do Ouvidor ficava compreendida entre o Canto do Tomé Dias, esquina de Direita, agora 14 de Março, e o Largo de S. Francisco. O encontro de Ouvidor e Quitanda era denominado Canto dos Meirinhos.

Na casa onde eu residia, falavam 4 ou 5 línguas, o que não é conveniente para se aprender uma. Com meus conterrâneos militares, pouco ou nada podia aproveitar e, além disso, não me agradava o assunto de suas palestras. Eu vivera nas mais diversas rodas da Europa, mas em parte alguma encontrara tamanha falta de idéias sadias como aqui. Bisbilhotices miseráveis, duelos, dívidas, suas histórias de amor eram seus motivos prediletos. Achava, contudo, muita graça, quando via tal gente, em parte muito minha conhecida em circunstâncias anteriores, explicar as razões de sua presença no Brasil. Cada qual arquitetava um pequeno romance e o melhor da festa é que nenhum acreditava no que o outro dizia.

O sr. von S também inventou o seu. Como sua consciência fosse por demais delicada, mesmo para matar em imaginação, fez-se, com algumas lágrimas e grande desperdício de frases sentimentais, vítima dum amor infeliz. Eu que, nessa ocasião, estava por assim dizer atrás dos bastidores, tive um gozo duplo: o de ver um mau comediante parodiando um drama sem querer, e a alegria maliciosa e superior de fazer comentários históricos a tal peça, tanto mais picantes quanto ditados pela vinhaça.

Ninguém andou passeando sob as palmeiras sem o devido castigo. Experimentei em meu próprio corpo a veracidade deste asserto.<sup>4</sup> Os raios perpendiculares do sol tropical queimam da mesma maneira o coração e o cérebro, despertando as mais negras paixões. A natureza deu ao caráter do meridional muita calma aparente para esconder o violento tumulto interior. A educação e o hábito ensinam-lhe a prestar atenção às suas palavras e procedimento, este, discreto e amável por gosto. Assim, aquelas paixões não são de longe tão perigosas como nas planícies exóticas do Norte, em solo estrangeiras com rumo e vinho do Porto, nas quais medram com brutal exuberância. O velho adágio que diz ser o renegado pior que o próprio turco é verdadeira de iro em todo o mundo.

Os autores europeus lamentam frequentemente que o caráter popular dos habitantes dos países tropicais forme violento contraste com a fertilidade do solo e a limpidez do céu, que os distinguem em toda a terra habitada, proclamando o desejo de serem essas regiões paradisíacas povoadas com as raças melhores das zonas frias. Infelizmente, o resultado prático não corresponde a essa teoria. O meridional tem

---

4 O duelo em que foi ferido no pé, conforme conta no primeiro capítulo. O passeio sob as palmeiras corresponde a uma aventura amorosa.

muitos e graves defeitos, contrabalançados, porém, por diversas boas qualidades. É falso, mas obsequioso e cortês; desregrado no amor, mas comedido no vinho; preguiçoso, mas sóbrio. To dos os nórdicos que vivem em países quentes, no entanto, não conservam nenhuma das virtudes próprias de sua nação e adquirem em pouco tempo os vícios e defeitos dos seus habitantes, confundindo-se de todo com eles.

Em regra, o teu to-brasileiro é fingido e grosseiro. Tendo perdido a velha lealdade alemã, conservou somente a brutalidade trazida de além-mar. Seu amor não tem a menor delicadeza e nele se torna mais brutal, por que geralmente está bêbado. Supe ralonge seu modo de preguiça. Desmedido em todos os gozos, sente as conseqüências dos vícios mais cedo e mais fortemente do que o filho do país, que se satisfaz com alimentos mais simples e quase sempre recusa as bebidas alcoólicas.

O inglês traz para o Brasil seu espírito de usurajudica e deixa em casa o seu nobre sentido nacional, se este aqui não degenera em orgulho ridículo a gabar as vantagens de sua pátria, falando a toda hora da liberdade e do liberalismo britânico, quando suas ações provam que nele não há o menor vestígio de tais virtudes. Em intemperança, rivaliza com o alemão, que, às vezes, o vence. O italiano não perde sua avareza, nem o francês sua vaidade. O que estas duas nações têm de bom não se encontra em seus rebentos no Novo Mundo. E parece incrível que, socialmente, o francês torne o menos amável de todos.

Os estrangeiros que conhecem o Brasil e que mais me agradaram foram bons e honestos cidadãos de nação. É gente que, mesmo com poucos conhecimentos e habilidades, encara a vida de maneira tão larga e com tal bom humor que se torna um prazer a sua convivência. Têm o preconceito da posição, porém no seu ambiente e moderado por alto grau de tolerância, que só se adquire nas viagens, com a sua constante mudança de panoramas.

Ao princípio, tive pouco contacto com os portugueses, pois o meu ferimento não me permitia sair de casa, e durante horas ficava ao balcão, olhando com interesse constantemente renovado a variada multidão na que a rua de Curitiba se transformava. Foi ali que pude sentir como é agradável o estilo arquitetônico dos portugueses, o qual favorece as relações amistosas entre vizinhos. Vive-se em sociedade nos balcões. As paredes, que, no interior das moradias, formam intransponíveis barreiras entre

seus habitan tes, ali ce dem o lu gar a um leve gra dil de fer ro. Res pi ra-se o mesmo ar e sente-se o encanto da vizinhança amiga. Dum olhar e dum cumprimento, primeiras formalidades da cortesia, facilmente se passa para relações mais íntimas e, assim, toda a vizinhança forma uma espécie de roda familiar, que, conforme a situação e as necessidades, ora se alar ga ao quar te i rão, ora se re duz às ca sas mais pró xi mas.

Não se dá no Brasil grande valor aos preconceitos de posição social. Pelo menos a esse respeito as pessoas se externam de maneira muito diferente da européia. Em todas as classes, o grau de instrução é quase o mesmo. Não se conhecem as distinções superfinas da boa reputação. Todas estas van ta gens fa vo re cem uma agra dá vel vida em co mum.

Por causa dos acontecimentos políticos, os homens se tornaram cautelosos e desconfiados. A parte feminina da nação não sofreu essa perniciosa influência. Além disso, mulheres e moças estão sempre em casa e qua se não tra ba lham. De bru çam-se dos bal cões com en can ta dor des cu i do, lan çam pela rua suas de li ca das re des e pes cam os co ra ções enleados em seus olhares amorosos. Muitas vezes ob ser vei com ad mi ração quantos namoros uma mulher consegue alimentar em tão re du zido espaço, como ora dá atenção a um, ora a ou tro e, às ve zes, a mais de um ao mes mo tem po, quan do a fres ca bri sa do mar leva to dos a um passeio; como hoje, com sinais e olhadelas, favorece este e amanhã, sem um jogo de fisionomia, na maior indiferença e frieza faz os seus cortejadores desesperarem; e celebra um triunfo tanto mais picante quanto é testemunhado pela rua inteira. Em geral, as relações amo ras as en tre as fa mí li as são tão com pli ca das, que mais de uma pa i xão é es timulada. Somente para a curiosidade e a bisbilhotice não há matéria.<sup>5</sup> A dis cri ção des te povo vai tão lon ge que até as mu lhe res de vida mais escandalosa não são excluídas das relações amigáveis. Senhoras e se nhoritas vir tu o sas, se há mo ti vo ou oca sião, as cum pri men tam e lhes dirigem a palavra. Os homens as tratam com a mesma atenção ou talvez maior que as de re pu ta ção ili ba da. Elas pró pri as por tam-se com mais mo dés tia do que as mais afamadas santinhas da rua. Uma vez, certa honrada

---

5 A propósito do que diz o autor aqui e adiante sobre costumes, é bom não esquecer que outros testemunhos coevos são mais concludentes e áspers: Jacques Arago escreve sobre o Rio desse tempo: "Ville Royale où les vices de l'Europe débordent de toutes parts". O Conde de Gestas depõe: "Pays où on est peu scrupuleux sur l'article des mœurs". Caldleugh declara: "The inhabitants of Brasil are not the most correct." Saint-Hilaire diz: "On est devenu indifférent sur les devoirs les plus essentiels; les fautes contre les mœurs sont à peine aujourd'hui des fautes". E Alberto Rangel, nos nossos dias, conclui: "A prostituição fazia-se sem rebuço e o adultério era corrente". E de convir que o oficial alemão se mostra mais suave.

matrona, minha mais próxima vizinha, me disse que me preocupasse contra uma rapariga, que morava perto e fazia parte de nossa roda. Não compreendi bem e perguntei por quê. Ela me respondeu. – “Porque as raparigas dessa espécie quase sempre têm doenças.” A boa senhora não se preocupava com a minha virtude, mas com a minha saúde.

Além disso, reina grande liberdade na conversa entre os dois sexos. As meninas falam com natural ingenuidade de assuntos que na Europa fariam corar qualquer mulher, de modo que só as demasiado levianas se podem considerar exceções. Todavia, absolutamente as brasileiras em geral não são assim. São garridas e provocantes, lisonjeando-se a sua vaidade com muitos triunfos; mas, longe de quererem corresponder aos sentimentos que despertam, tomam todos esses namoros passageiros como simples brincadeira e agradável passatempo para seus ócios. Se estão sozinhas, brincam com o leque. Em companhia dos homens, escolhem um para brincar. Os olhos e as mãos têm que estar em contínuo movimento. Não me atrevo a decidir se o coração ou os sentidos to mam grande parte nisso.

Quanto a médico, cá felizmente em boas mãos. Em poucas semanas, estava quase curado, podendo andar, embora coxear ligeiramente. Ganhara alguma coisa com a minha doença: aprendera bastante português, de modo que podia me arranjar em qualquer parte, sem necessidade de intérprete. Em coxear e nadar, eu me podia comparar a Lorde Byron, mas infelizmente me faltavam sua nobreza, seu dinheiro e seu talento.<sup>6</sup>

No Rio de Janeiro, há poucas diversões públicas como as da Europa. Paris tem suas vendeadoras de limonada e Hamburgo suas Marianas.<sup>7</sup> Na capital do Brasil, há uma baixa e uma alta sociedade francesa, uma

6 Jorge Gordon, Lorde Byron, nascido na Escócia em 1778, morto de febres contraídas no cerco de Missolonghi, batendo-se pela Grécia contra os turcos, a 9 de abril de 1824. Um dos maiores poetas do seu tempo. Autor de obras notáveis, entre as quais *Child Harold*, *Parisina*, *D. João*, *Mazeppa*, *A noiva de Abidos*, *Giaour*, *O Corsário*, *Laura*, *O cerco de Corinto*, *Manfred* que incendiaram as mentes no começo do século. Após ruidoso divórcio, retirou-se da Inglaterra e percorreu a Europa, a praticar excessos. Sua poesia satânica envenenou a mocidade. Vê-se nesta citação do autor que ele estava em dia com a moda literária de sua época.

7 As vendedoras de limonadas de Paris (*limonadières*) eram tradicionais. Formavam uma corporação com seus estatutos, que vinha do século XVI. Não sabemos bem o que sejam essas Marianas de Hamburgo a que o autor se refere aqui e outra vez mais adiante. Talvez o nome dessas personagens viesse da heroína do famoso romance incompleto de Marivaux, publicado em 1741 e de grande retumbância em toda a Europa: *Mariana ou as aventuras da Condessa de...*, ao qual Riccoboni juntou uma 2ª parte em 1755. Mariana era filha de pais incógnitos, perseguida pelos desejos lúbricos dum fidalgo, a quem foi recomendada. É a figura da mulher que, no seio da perseguição, resiste por causa do amor que dedica ao escolhido do seu coração.

costureira, uma cabana suíça e um número incontável de restaurantes a que o espírito dos soldados alemães dá nomes poucos chistosos. Nenhum deles poderia ser, numa grande cidade européia, considerado ao menos medíocre. Também em nenhum deles existe qualquer divertimento.

Os hotéis são tão ruins quanto eles. Servem pessimamente por preços exorbitantes. Comidas intragáveis. Ínfimos vinhos portugueses e espanhóis, vendidos simplesmente como Porto e Madeira. Como todos sem exceção não prestam, recomendo entre eles os de O'Brion e de Balger, o primeiro à Rua do Ouvidor, o segundo à do Rosário, e, para os que não liguem ao mais alto grau de sujeira, o de l'Empire, à Rua Direita. O pior de todos é o Hotel du Nord.<sup>8</sup>

Quando a gente se acostuma à cozinha nacional, é melhor comer nas casas de pasto portuguesas. As comidas são saborosas, o vinho é vendido pelo que é e os preços não são exagerados. Contudo, não se deve ser exigente em matéria de elegância e assaio. Perdo do Teatro, existem algumas que servem muito bem.

O Teatro de S. Pedro de Alcântara incendiou-se há mais ou menos um ano e meio e ainda não foi completamente reconstruído.<sup>9</sup> Entretanto, dão representações numa grande sala do edifício com duas fileiras de camarotes e uma plateia pouco elevada, que somente com portálgumas centenas de espectadores. Atores ruins. As grandes óperas não podem ser representadas por falta de espaço. Nos baillados, se distinguem a espanhola Estela Sezefredo<sup>10</sup> e sua irmã, que dançam admiravelmente.

Trabalham com afinco na restauração do grande teatro. Como as paredes laterais pouco sofreram com o incêndio e até parte dos corredores da volta dos antílogos camarotes, com suas escadas, ficaram de pé, a obra caminhava depressa. Os construtores brasileiros, porém, cometem erros como os europeus. O arco achatado e pesado do proscênio ruiu diversas vezes até que tiveram a idéia sensata de levantar um de madeira, em lugar do de alvenaria, preferível do ponto de vista acústica e pela facilidade de execução. Diziam que o edifício seria inaugurado no dia 12 de outubro, o que se não realizou devido às circunstâncias.<sup>11</sup>

8 Para completar a lista dos hotéis do Rio de Janeiro nessa época, faltou somente o Hotel Ravot, à Rua do Ouvidor, na casa que foi depois residência do Dr. Luis José de Carvalho, 24 Visconde da Cachoeira.

9 O Imperial Teatro de S. Pedro de Alcântara incendiou-se a 25 de março de 1824 por ocasião das festas do juramento da Constituição. Reabriu-se a 12 de dezembro do mesmo ano, embora não de todo restaurado dos efeitos do fogo.

O Rei D. João VI fundou um Museu, des tin an do-lhe um pré-dio ain da não con cluí do, cuja fa cha da de i ta para o Cam po de San ta na.<sup>12</sup> Contém mu i tas sa las es plên di das e sa le tas com as mais pre ci o sas ra ri da des dos quatro reinos da natureza, mas tudo aglomerado sem ordem e mal con ser va do. O que me pa re ceu mais no tá vel foi um pe da ço ma ci ço de ouro, em forma de pla ca, com o peso apro xi ma do de 13 li bras. Pro vavelmente é a maior pepita ultimamente encontrada no Brasil, cujos garimpos auríferos, segundo se diz, dão agora tão pouco resultado que estão sendo abandonados. A receita do imposto de 20%, que deve ser pago por todo ouro achado, parece pelo menos comprovar isso, pois num dos últimos anos im por tou ape nas em 30 ar ro bas, o que equi va le a 300 mil tá le res ouro.<sup>13</sup>

Nada vi de no tá vel en tre as pin tu ras e ob je tos de arte do Mu seu, ape sar de aqui, como em toda par te, se ou vi rem ga bos a gran des no mes. As co le ções são mos tra das li vre men te ao pú bli co em dois dias da se ma na, sem que haja o indecente peditório de gorjetas dos estabelecimentos similares europeus. No Brasil, igno ra-se completamente isso.

A Bi bli o te ca Pú bli ca tam bém é uma re lí quia do tem po do Rei. É riquíssima em história eclesiástica e contém inúmeras genealogias da fidalguia portuguesa e espanhola. Tudo se acha amontoado sem ordem nemsistemização. Encon tram-se poucas obras modernas posteriores a 1805. Só exis tia um vo lu me da *Viagem* do Prín ci pe de Ne u wi ed.<sup>14</sup> A Bi bli o te ca está instalada em um prédio da igreja do Carmo<sup>15</sup> e é muito freqüentada,

10 Estela Sezefredo não era espanhola e sim brasileira, nascida no Rio Grande do Sul a 14 de janeiro de 1810. Veio para o Rio de Janeiro com 12 anos em 1922 e começou sua vida de teatro como dançarina. Na festa de reabertura do Imperial Teatro de S. Pedro, a 1º de dezembro de 1824, em que se representou o *Engano Feliz* de Rossini, o discurso de inauguração da temporada foi feito, segundo noticiam os jornais do tempo, pela jovem Estela Joaquina, que parece ser ela, então com 14 anos de idade. Em 1825, travessa e alegre, atirou pelo Carnaval um limão de cera em alta personalidade, sendo presa. Em 1833, com 23 anos, deixou de ser bailarina e passou a atriz, estreando no referido teatro como protagonista da comédia *Camila*. Foi artista notável no palco e alcançou ruidoso êxito na tragédia de Domingos José Gonçalves de Magalhães, futuro Visconde de Araguaia, *Antônio José* ou *O poeta e a Inquisição*, que representou em seu benefício ainda no mesmo teatro, na noite de 13 de março de 1838.

A grande atriz brasileira casou-se com o notável ator João Caetano dos Santos e passou a chamar-se Estela Sezefredo dos Santos, auxiliando-o extraordinariamente em sua carreira. Morreu-lhe o marido em 1863 e ela vol tou ao palco de que se afastara, porém já maior de 50 anos não teve mais o menor êxito. Faleceu em Niterói na maior miséria a 13 de março de 1874.

Não encontramos em parte alguma a menor referência à irmã citada pelo autor.

João Caetano, cognominado o *Talma Brasileiro*, nasceu a 27 de janeiro de 1808 e faleceu a 24 de agosto de 1863, no Rio de Janeiro.

11 Foi inaugurado, como se viu das notas anteriores, a 1º de dezembro de 1824.

12 Prédio, à esquina da Rua da Constituição, atualmente ocupado pelo Arquivo Nacional. Nos fundos passavam as Ruas do Regente e das Flores, esta, depois, do Núncio e, enfim, Tobias Barreto.

13 Mais ou menos 200 contos de réis, 200 mil cruzeiros.



principalmente por padres. As carteiras para ler são cômodas. Há com abundância e à mão tinta e papel. É um prazer passar ali ali algumas horas.

Um gostoso e bizarro presídiu à construção do Mausoléu Imperial. Num pequeno jardim, rodeado por todos os lados de altos muros, uma arcada chinesa conduz à exígua capela, que encerra entre grades douradas o lugar destinado a receber os restos mortais de D. Pedro e sua esposa. Dos arcos laterais dos emblemas dos pintados a têmpera pendem lâmpadas douradas. Pelas colunas sob o bem trepadeiras floridas, plantadas em jarões pos-tos simetricamente entre elas. Aqui e ali, bancos de pedra. Um simples monograma, com as letras P. L., Pedro e Leopoldina, entre laçadas, encimada e entrada do jardim. No gradil da capela, as iniciais M. I., Mausoléu Imperial, sob a coroa do Império, indicam o lugar escolhido por D. Pedro para sua sepultura. Em conchas, nas paredes, as datasmemoráveis do Brasil. Em tudo se sente uma lisonja delicada, e o conjunto é alegre e agradável, em nada lembrando a morte e o apodrecimento. O Imperador gosta de passar ali alguns minutos antes de ouvir missa na pequena capela que fica nesse jardim. Nunca viu Sua Majestade mais alegre do que nesse lugar de sua pre dileção.<sup>16</sup>

Em parte alguma do mundo queimam-se tantos fogos de vista como no Rio de Janeiro. Nos domingos e dias santificados, em

14 Alexandre Filipe Maximiliano, Príncipe de Wied Neuwied, natural desta última cidade, onde viu a luz em 1782 e faleceu em 1876. Fez viagens de exploração na América do Norte e no Brasil, neste último país de 1819 a 1820, naquele outro de 1828 a 1843. Em sua honra, os naturalistas deram a um gênero de orquídeas o nome de *Neuwiedias*.

15 Fundação de D. João VI, ainda quando Príncipe Regente, tendo como fundo a livraria adquirida ao Conde da Barca e os livros por ele próprio trazidos de Portugal, coleções da Ajuda, das Necessidades e do Infantado. O Ministro Conde de Aguiar oficiou à Ordem do Carmo que desocupasse o andar superior do edifício do seu hospital, pegado ao Convento, para nele se instalar a biblioteca. Os doentes foram mudados para o pavimento térreo e em 1812 levados para o Recolhimento do Parto, na atual esquina de Assembléia e Rodrigo Silva, lado do poente. Em princípios de 1811, foi franqueada aos que obtivessem licença para frequentá-la, com o nome de Biblioteca Real. Dirigiam-na Frei Gregório Viegas e Frei Joaquim Dâmaso. Em 1817, o seu acervo era calculado em 70 mil volumes. Ao fundo primitivo se haviam juntado os livros do poeta Alvarenga Peixoto, comprados em 1815.

Em 1822, tornou-se verdadeiramente pública e passou a denominar-se Biblioteca Imperial. A 23 de outubro desse ano, foi nomeado Bibliotecário Frei Antônio de Arrábida, futuro Bispo de Anemúria e preceptor de D. Pedro II, o qual enviou as duplicatas de livros às Bibliotecas, já então fundadas na Bahia e Recife. O auxiliar do Bibliotecário foi o Padre Felisberto Antônio Pereira Delgado.

Em 1858, a Biblioteca deixou o prédio onde a frequentou o autor e foi para um novo, na Lapa, do qual veio para o atual à Avenida Rio Branco.

16 Segundo Moreira de Azevedo, quando todo o terreno compreendido entre o beco dos barbeiros, a Rua do Carmo, a da Assembléia e o Largo do Paço pertencia ao Convento da Ordem dos Carmelitas, havia junto à sacristia da Capela Imperial, hoje Catedral, um jardim "que servia de recreio às pessoas imperiais", com porta para a atual Rua do Carmo, mais ou menos no local ocupado hoje pelo edifício da Cúria Metropolitana, parte por um balneário. Sobre essa porta via-se a coroa imperial e, nas paredes, havia ornatos de pinturas e conchas. É o que diz o autor: *arcos cancheados e pintados à têmpera*. A descrição é de um jardim de recreio do Paço, do qual o velho convento, por meio de passadiços que galgavam as ruas, se tornara mera dependência. Não se encontra em parte alguma a menor referência a um jazigo imperial ali preparado. O autor fala de duas letras entrelaçadas no gradil M. I. a que atribui a significação de Mausoléu Imperial. Não teria visto mal? Não seriam M. L. *Maria Leopoldina*? Em todo caso, o jardim existiu.

frente de todas as igrejas onde se celebrava a missa, salvas de rona que iram girândolas de foguetes anunciam o momento em que o sacerdote levanta a hóstia com sa gra da diante da mul ti dão ge nu fle xa. No Cam po de Santana e em outras praças pú bli cas, há fre quên te men te fo gos de ar tí fi cio, que so bre pu jam os pri me i ros, por que, além de ou vi dos, são tam bém vistos, o que é impossível com os queimados em dia claro.<sup>17</sup> No dia de San ta na, faz-se bri lhan te fes ta na igre ja de sua in vo ca ção. Ao ano itecer, em grande número, os habitantes do Rio de Janeiro se aglo me ram na imen sa Pra ça da Acla ma ção, toda ilu mi na da com bar ris de pi che e fogueiras.

No adro da igreja,<sup>18</sup> ergue-se um arco-de-triunfo lindamente iluminado. Dos lados, há tribunas para as notabilidades da Dio cese, cu jos filhos representam uma espécie de comédia. Em um trono, vê-se sen ta do um pe que no rei de co roa à ca be ça e em pu nhan do o ce tro, ro da do de ca maristas e ge ne rais.<sup>19</sup> To dos pro cu ram imi tar bem a ar ro gân cia peninsular de seus progenitores. Um palhaço faz leilão dos presentes oferecidos em benefício da igreja, com esse espírito peculiar, quero dizer ca tó li co, que se en con tra em to das as co mé di as ecle siás ti cas: – “Este pão, meus senhores, diz ele entre ou tas co i sas, foi pre sen te a do à Se nho ra San ta na pelo pa de i ro Fu la no. O ho mem é rico, o que não é de ad mi rar, em vista dos seus inúmeros protetores no calendário. Faz pães pequenos, porém disputados, porque os maiores são para Santana. Quem oferece por este mais de um cruzado em honra de Deus e de seus santos?” – “Se nhores, olhem para esta ga li nha. Na ver da de, é mu i to ma gra, mas o bom cris tão que a deu tam bém não é mu i to gor do. Não valeria um tostão, se não pudesse ser comida em qualquer dia de festa com a consciência tran quí la.”

Desta maneira, o leiloeiro prossegue durante horas.<sup>20</sup> Nos intervalos, faz-se ouvir uma música burulhenta, negras oferecem guloseimas

17 Os fogos são no Brasil tradição portuguesa, minhota. Os de vista ou artifício mais afamados no Rio de Janeiro de então eram os que se soltavam no adro da igreja do Espírito Santo de Mata-Porcos, no atual Largo do Estácio.

18 A igreja de Santana construída em 1735 no terreno doado pelo arcebispo Antônio Pereira da Cunha, falecido em 1759 e nela enterrado. Ficava no sítio da atual praça Benedito Otoni, em frente à estação da Estrada de Ferro Pedro II ou Central do Brasil. Demolida para a edificação dessa estação em 1858.

19 Além da festa do Espírito Santo em que havia o Imperador do Divino, tão famoso em nossa tradição, em geral cada igreja tinha o seu soberano, Rei ou Imperador, menino ou rapazinho, que presidia as festas sentado no trono e rodeado da Corte, fora da igreja. Muitas delas possuíam no adro um coreto, pavilhão ou palanque a isso destinado, que o povo chamava o *Império*.

20 Página verdadeira, viva do nosso folclore, como o que precede e o que se segue. Ainda hoje no nosso interior as festas de igreja são como esta que o autor magistralmente descreve aqui.

à venda, as moças brancas ou mestiças lançam do mesmo modo as redes de seus olhares, os cidadãos honestos passeiam de braço dado com suas obesas esposas, senhores e escravos se misturam, e, afinal, em tudo prevalecem uma ordem e uma de cência admiráveis.

Quanto mais a gente se afasta da multidão mais interessante é o seu aspecto. Senhoras e senhorinhas sentam-se de pernas cruzadas à moda oriental, em estêiras e tapetes estendidos sobre o capim. As crianças brincam em volta. Nem as mais pequeninas ficaram em casa. Velas acesas por toda a parte. Não sopra uma aragem. Foguetes solitários riscam o céu. Por entre longa fila de vendedores ambulantes, comodamente refestelados por trás de suas cestas iluminadas, apregoando frutas, balas, pastéis, licorres e que sei eu, a gente mergulha aos poucos no profundo silêncio da noite, que cobre com seu estrelado esplendor tropical a imensa praça.

Alguns casais passeiam, cochichando, para cima e para baixo. Sobre a gramama, celebram-se horas de amor. Só as alamedas que cortam o Campo estão cheias de carruagens e de magotes de povo em constante movimento. A polícia manifesta-se com o esplendor de numerosas patrulhas de cavalaria, que produzem mais estorvo do que proveito, pois a multidão mantém melhor ordem por si mesma. Elas não impedem os crimes que se encobrem nas trevas. Quem tem a consciência tranqüila não teme faca ou punhal. São raros os furtos e roubos. Nem brancos nem pretos têm jeito ou gosto para isso. Os chamados descuidados são inteiramente desconhecidos.<sup>21</sup>

Por volta da meia-noite, chega o Imperador, geralmente a cavalo. Tiros de peça e rojões anunciam o começo dos fogos de vista. Logo se queimam vários, pouco notáveis, quer pelo engenho, quer pelo esplendor. Terminam com dois pequenos fortes que atiram num navio posto entre eles, o qual se incendeia e vai pelos ares, com grande júbilo do povo. Raramente não é esta a cena final dos fogos.

---

21 *Tantum mutatis ab illo...*

*A Rua da Lapa, quando o autor do livro esteve no Rio de Janeiro.  
Vendo-se, no primeiro plano, a igreja da Lapa; a primeira  
rua à esquerda é a atual Moraes e Vale.*

Desenho de Físquelo Bayot. Litografia de  
Chapuy. Das coleções do Museu Histórico

Naquela noite, a sorte deu-me oportunidade de apagar uma moça que na verdade estava pegando fogo, em consequência dum foguete mal dirigido. Num instante, o fino vestido de cambraia se pôs em chamas. Sem hesitar muito tempo, atirei sobre ela meu largo mantal e, enrolando-a nele com meus braços, abafei o incêndio que se tão rapidamente como ele começara.

A moça, de aparência decente, estava desacompanhada. Ofereci-lhe o braço e levei-a para sua casa. Algum escravo nos seguiu. A esse feliz acaso fiquei de ventomilhas horas mais agradável visno Rio de Janeiro.

Beata Lucrecia da Conceição não era, em verdade, de sangue puro como a Europa exige para sua pretensa fidalguia racial; mas era uma moça boa e simples, de 17 anos, que vivia com decência liberdade e companhia de sua mãe, uma crioula gorda. A riqueza da descendência consistia de uma casinha e de alguns negros, que trabalhavam na Alfândega. O capital crescia com um bando de moleques, de tempos em tempos aumentado pela extraordinária fertilidade das negras ou, como dizia a velha, – pela bênção do Céu. D. Luísa, mãe de D. Beata, era viúva. A filha, solteira, tinha um amigo tropeiro, que andava com sua tropa de mulas por Minas Gerais e vivia com ela quando vinha ao Rio de Janeiro. Uma encantadora menina nascera dessa união filosófica.<sup>22</sup>

Peço ao bondoso leitor que encare essa ligação do ponto de vista brasileiro. Num país onde existe a escravidão; onde a diferença de pele não limita as inclinações, mas põe em pedicúlos convenientes para o casamento legal entre gente de cor e os que ainda conservam um preconceito trazido às plagas americanas pelo orgulho europeu dos primeiros descobridores; onde as consequências de uma ligação desigual se apresentam sob os mais variados aspectos; onde os costumes, os exemplos e até a indissolubilidade do matrimônio, que a religião ordena, favorecem o concubinato; onde a própria Constituição concede aos filhos naturais privilégios sobre os nascidos do casamento legal;<sup>23</sup> e onde

22 É a exata expressão do autor: *philosophischen Verbindung*. Em todo o livro, não sabemos por que, toda ligação desse gênero é sempre classificada de *filosófica*.

23 Conforme o Tit. I, Cap. II, Art. 6 da Constituição Política do Império Brasileiro: "São cidadãos brasileiros: os filhos de pai brasileiro e os ilegítimos de mãe brasileira, nascidos em país estrangeiro que vierem estabelecer domicílio no Brasil." Este princípio foi também admitido na Constituição portuguesa. As antigas leis portuguesas e espanholas iam neste sentido ainda mais longe, declarando toda criança nascida fora do casamento com fidalga, porque havia possibilidade de proceder de sangue nobre. Sem dúvida, incluíam o clero na fidalguia. No Brasil, é costume chamar os filhos de padres *meninos santos* e ninguém se envergonha por causa deles. [Nota do autor.]

mesmo nunca se cogita de nódoas de nascimento no sentido europeu, semelhante ligação não é considerada indecente ou vergonhosa para qual quer das duas partes, a opinião não a condena, nem a lei moral a impede e o termo usual que a designa é enobrecer.

O brasileiro chama sua mulher e sua amante, quando a elas se dirige, da mesma forma: minha Senhora. Apenas, para indicar a espécie de relações que com elas mantém, emprega expressões diferentes. Aquela é mulher; esta moça. Fala de uma e de outra com o mesmo mododespreocupado. Os filhos têm iguais direitos. A mancha do nascimento está na cor da pele e não na sua origem.

Contudo, é preciso ter cuidado para não confundir a posição em que vive a gente de cor livre no Brasil com a que suporta igual gente nas Índias Ocidentais<sup>24</sup> ou nas colônias inglesas e francesas da África. Socialmente, o homem de cor tem os mesmos direitos que o branco. A única diferença é ser, em geral, tratado com menos cortesia, fazendo-se-lhe sentir de vez em quando a nobreza do sangue. Sua situação assemelha-se muito à dos judeus nas nações civilizadas da Europa, onde são tolerados na sociedade, mas uma vez ou outras lhes torcem o nariz.

Nas Índias Ocidentais, nem uma pessoa de cor se pode misturar aos brancos, nem possuindo milhões. Tem de ceder o caminho a qual quer branco que encontrare na rua. Mesmo em relação à política, está sujeita a leis mais severas. Nenhum dono de plantação se senta à mesa com sua mulher de cor e filhos mulatos, convencido de lavar com a severidade da etíquete a mancha dessa união desigual. Todas as leis são feitas com o fim de conservar opressa essa parte da população. A história de S. Domingos, porém, demonstrou que elas podem falhar em seu intuito, pois foram justamente os homens de cor livres que, com seu dinheiro, de ramforça e vida à revolução.

No Brasil, desde o começo, tudo foi diferente. Há muito pouco sangue completo e puro. A população era tratada toda da mesma maneira

---

24 O nome de Índias Ocidentais foi dado ao Novo Mundo por Cristóvão Colombo, que supôs ter chegado às ribas ocidentais da Ásia. Daí se dar aos naturais o apelativo *índios*. As Índias Orientais eram o Indostão, a Indochina, Ceilão, a Insulíndia. Ainda no século XVII a Companhia Privilegiada que se organizou na Holanda para a conquista do Brasil se denominou das Índias Ocidentais. Com o tempo, porém, a designação passou somente a indicar as ilhas do mar dos Caraíbas e do mar das Antilhas, colonizadas pelos povos europeus, pois que as outras partes do continente, quer no norte, quer no sul, constituindo nações com seus nomes próprios – Estados Unidos, México, Nova Granada, Peru, Brasil, etc., foram restringindo esse conceito geográfico de Índias Ocidentais unicamente às terras ocupadas pelas nações da Europa. É nesse sentido restrito que a expressão figura aqui.

pela Me tró po le e es que cia em seu seio fa cil men te as di fe ren ças de pele, vis to como o orgulhoportuguês cha ma va to dos – *filhos de mães da Guiné*. Desde que o Brasil se tornou Esta do Con sti tu ci o nal, to dos os ci da dãos têm os mes mos di re i tos. A lei es ta be le ce uma ú ni ca di fe ren ças en tre li vres e li ber tos, e essa tão pe que na que pode ser con si de ra da ine xis ten te.<sup>25</sup>

Pretos e mulatos ocupam posições militares e civis. Entre eles, encontram-se muitos padres. A cor não exclui ninguém das mais altas dignidades do Império, pois já se viu no Brasil um Ministro de Esta do com a mar ca evi den te de sua as cen dên cia afri ca na. Só a par te da população verdadeiramente imigrada, na maioria portugueses reinóis, cu i da com cer ta se ve ri da de da pu re za de san gue e, por esse meio, for ma uma es pé cie de fi dal guia, cuja base, como a de to das as ins ti tu i ções pa re cid as nas quatro partes do mundo, não está livre de preconceitos. Não creio que dessa separação, ultimamente aumentada por óbvias razões, re sul te al gu ma van ta gem para o bem ge ral.

Se o Brasil continuar sendo um Estado independente, se a importação de negros parar como foi estipulado nos últimos convênios com a Inglaterra,<sup>26</sup> a diferença de cor desaparecerá aos poucos e com ela um preconceito que, em outras partes da América, teve as mais desastrosas conseqüências. Então, a nação será com toda a razão chamada de cor, *cabra-gente*<sup>27</sup> como o por tu guês cha ma ao bra si le i ro, e, com fa ci li da de, su por tá rá esta zom ba ria, go zan do, com sua for ç a ju ve nil, os fru tos duma revolução política, cujas dores agora a fazem sofrer. Con ven-

25 "Os libertos não podem ser eleitos Deputados nem Senadores à Assembléia Nacional e não têm voto nas eleições, bem como os estrangeiros naturalizados e os brasileiros não católicos" (Constituição do Império, Tit. IV, Cap. VI, Arts. 94 §§ 2 e 3). [Nota do autor.]

26 O Tratado de Aliança e Amizade entre o Príncipe Regente D. João e Jorge III da Inglaterra reconheci a a injustiça do comércio de escravos e prometia abolição gradual do mesmo. O Tratado de Viena de 22 de janeiro de 1815 aboliu-o na costa da África, ao norte do Equador.

Pela convenção passada entre o Brasil e a Grã-Bretanha a 23 de novembro de 1826, cuja ratificação só se deu em 13 de março de 1827, treze anos após esta data, portanto a 13 de março de 1830, deveria ser proibido o tráfico de escravos na costa brasileira. O tráfico foi proibido de fato pela Lei de 7 de novembro de 1831, mas só suprimido definitivamente pela Lei de 4 de setembro de 1850.

27 O Hino da Independência incluía este estribilho:

*Brava gente brasileira,  
Não tenhais temor servil,  
Nossos peitos, nossos braços,  
São muralhas do Brasil!*

Os portugueses, por troça, mudavam o 1<sup>o</sup> verso em:

*Cabra-gente brasileira.....*

É a isso que o autor alude.

cer-se-á pela experiência forçada que é justamente a mistura de sangues o que mais con vêm sob o céu tro pi cal.<sup>28</sup>

O conhecimento de D. Luísa e de sua encantadora filha me foi muito agradável em mais de um sentido. Por um feliz acaso, con se gui algum direito à gratidão dessa moça amável. Travou-se de maneira fá cil e na tu ral uma re la ção mais ín ti ma do que a pro vo ca da por esse sen ti men to e que não foi abalada por nenhuma das dez mil considerações que o caso obri ga ria a to mar, se fos se na Eu ro pa. Vi si ta va-as à von ta de, sa ben do que se ria bem re ce bi do a qual quer hora.

Uma noite, quando me vestia para a costumeira visita à casa de D. Luísa, apareceu-me o sr. von S. que, de maneira indecorosa, me pediu satisfação duma coisa que, ao meu ver, não era de sua conta. Eu tinha feito regressar à Europa um rapazola, filho de uma das primeiras famílias judias de Ham bur go, que vi e ra no nos so na vio e so bre o qual o sr. von S. se ar ro ga va uma es pé cie de tu te la. Mor ris, como se cha ma va o jovem hebreu, ti nha in ven cí vel aver são à vida de sol da do, a qual, se não fora já própria de sua raça, neste país era suficientemente fundada. Em ver da de, como sol da do, ele fa zia o pa pel mais tris te des te mun do. To da via, não foi só a comiserção que me levou a ajudá-lo; mas, confesso-o sin ce ra men te, o au xi li ei a vol tar para con tra ri ar o sr. von S., que se ga ba va de assegurar ao Exército essa pouca brilhante aquisição. Mesmo que o móvel de minha ação fosse o mais ignóbil possível, para Morris fora de grande utilidade, pois livrara suas costas de serem pasto da chibata brasileira. Como tivesse pago a passagem em Hamburgo, ninguém o podia obrigar a permanecer no Brasil, caso encontrasse um capitão de na vio que o qui ses se le var de gra ça.

Com gran de tra ba lho, eu lhe ar ran ja ra um des ses, ga ran tin do-lhe indenizá-lo, se a família em Hamburgo se negasse a pagar a passagem de retorno do rapaz. O sr. von S. enfurecera-se com esse ato de humanidade, como eu o classificava, talvez por adivinhar o motivo secreto que o ditara e teve a petulância de ameaçar-me, com sua vingança, em minha própria casa. A conseqüência foi fazer eu uso ame no do meu di rei to do més ti co, pon do-o para fora a pon ta pés. Meu senhorio, porém, um inglês reforçado, serviu-se do mesmo direito de modo mais completo e o atirou escadas abaixo, sem medo do

---

28 Neste e em outros locais do livro, o autor, apesar de alemão, faz continua profissão de fé anti-racista.



punhal com que ele se armara, como o Diabo fez com a alma do judeu, segundo um ditado brasileiro.

Para mim, o incidente não trouxe a menor vantagem, pois todos os partidários do sr. von S. se tornaram meus inimigos e, quando voltei a Hamburgo, me reclamaram o preço da passagem que eu garantira, visto como o pai do jovem judeu se recusara a pagar por seu desregra do filho. No entanto, o sr. von S. deve dar graças a Deus por não ter eu querido desperdiçar meu dinheiro no processo que meu senhorio lhe queria mover e que, provavelmente, o levaria a João Fernandez de Noronha,<sup>29</sup> onde jazem muitos de sua laia que não souberam usar um punhal.

Narrei esta história principalmente para dar ao amável leitor pequena amostra da vida meridional que levam os alemães nórdicos. Poderá ser vir, como muitas outras que conta rei em seguida, como prova da delicada influência do clima no caráter dos homens. Assim como o sangue esquentado ao brasileiro do sol, seus raios perpendiculares que ímam tanto o coração como o cérebro. Apenas o hábito e a educação conseguem provocar aquela força do espírito que chamamos apatia e que foi dada ao caráter dos povos meridionais para servir de contrapeso ao furor de suas paixões.

Agora que uma sorte propícia me trouxe de volta à minha pátria, às vezes contemplo admirado o estado de minha alma num passado recente, que trago presente no meu espírito. Do todo pela natureza dum coração sincero, feito pela educação um homem moral, sem pendor para intrigas e maquinações secretas, a paz em boca dum exploração passageira, porém demasiado bonachão para guardar um rancor constante, em todas as circunstâncias a paixão era em mim seguida sem pelo arrependimento; porém o esforço para reparar os assomos ofensivos se viasobrepujado pela vergonha de confessar a sem-razão, por mais que a reconhecesse. Como sentia de modo diferente no hemisfério meridional! Ali a alma se alegrava com a paixão crescente e vivia nela, todos os pensamentos se dirigiam à sua satisfação e nenhuma consideração moral dificultava os meios para alcançar esse fim. Põe-se de lado toda deliberação,

---

<sup>29</sup> O autor estrofia quase sempre os nomes portugueses. Refere-se naturalmente à ilha de Fernando de Noronha, indicada como ilha da Quaresma no Mapa de Cantino de 1502, que Varnhagen diz ter sido descoberta a 24 de junho de 1503, dia de S. João, chamando-se por isso ilha de S. João. O Rei D. Manuel doou-a a 24 de janeiro de 1504 ao grande contratador do pau-brasil Fernando de Noronha, de quem lhe veio o nome que mantém até hoje. D. João III confirmou a doação de D. Manuel em 3 de março de 1522. Foi durante o 14.º, o 20.º Reinado e a República prisão e degredo. Daí a referência do autor.

cal cam-se aos pés a justiça e a equidade, e até o *point d'honneur*<sup>30</sup> se compreende de modo diverso do da Europa. O ódio e a vingança se enfeitam com o nome harmonioso de força de caráter, censuram-se os sentimentos mais brandos do coração, como a compaixão e a bondade, e ao perdão chama-se fraqueza.

O sol tropical, o calor abrasador da atmosfera, a disposição irritada do corpo ocasionam essa mudança de caráter; os alimentos e bebidas, as mordeduras de milhares de insetos envenenam o sangue e, quando ele volta assim misturado ao coração, nascem-lhe esses maus impulsos que são a herança do nosso sexo.

Relativamente à história natural, fiz a singularíssima experiência de serem quase todos os produtos americanos de natureza mais ou menos excitante. Os primitivos habitantes da região sabiam disto muito bem e por essa razão lhes davam nomes que se referem ao instinto sexual. Da mais ardente pimenta, *Aí* ou *Apíi*,<sup>31</sup> com suas 30 qualidades, até o brando palmito e o refresco de caju, todos fazem fermentar o sangue. Há mesmo uma espécie de pimenta que usada com exagero produz a loucura. Muitos peixes e quase todos os anfíbios possuem a mesma força estimulante. Em certas épocas do ano, são até venenosos.<sup>32</sup>

O europeu recém-chegado pode facilmente se convencer da exatidão destas observações. Quando se fica mais tempo no país, o corpo aos poucos se acostuma. Muitos europeus sentem invenções aversão contra as comidas da terra e só se alimentam com as de procedência européia. Quem gosta de picantes, dá-se bem com os manjares brasileiros. Peixes, ostras, mariscos, caranguejos, lagartos e tartarugas são altamente saborosos, quando um molho com cebolas, alho, limão e pimenta, como o brasileiro gosta, lhes tira o mau cheiro que os caracteriza sem exceção.

Para dar ao bon do solo a melhor uma idéia aproximada da vida meridional, tentarei fazer o resumo de um dia como, sem grandes despesas, os estrangeiros desocupados podem gozar no Rio de Janeiro. Muitos acham essa vida fastidiosa, mas são os que nunca experimentaram

30 No original, em francês *point d'honneur*. Bosche emprega a expressão na mesma língua.

31 A pimenta em tupi era, de fato, chamada *ai*. Para Teodoro Sampaio essa palavra é corruptela do sufixo *aiba*, *aiva* ou *ahyba* e *ahyva*: mau, agrio, imprestável. Como substantivo, *ai* indica também o animal chamado *preguiça*. São várias na cor e feitas as espécies de pimentas malaguetas e de cheiro.

32 É crença popular que os crustáceos ficam *reimosos*, não são bons para comer, nos meses que têm r: setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março e abril, engordando e sendo saborosos nos outros meses. É naturalmente essa crendice que o autor registra de modo genérico. Deve-se ter presente que muita coisa ele descrevia com notas apressadas ou mesmo de memória.

a deliciosa plenitude do *dolce far niente*. Os raios do sol nascente entram no quarto pelos batentes abertos do balcão. Eu, como verdadeiro filho do Norte, que nunca fui amigo de acordar cedo, viro-me mais de uma vez na cama. Mas a fantasia pin-ta à minhãta preguiça os encantos de uma bela manhã, com as mais sedutoras cores, o bom senso a auxilia com algumas razões higiênicas e, assim, ela é vencida mais depressa e mais facilmente do que sua punha.

Visto-me em poucos minutos, com negligente simplicidade: calças de linho branco, leve casaco matutino, sapatos, meias e um alvopéu de palhinha. Acendo um cigarro e vou ao banho, que no Rio de Janeiro é, sem dúvida, o prazer mais barato e inóceno que se pode ter. A passos lentos, sigo pela cidade ao longo do Catete. Desvio-me de pois para o lado do mar, à esquerda, e, em meia hora, chego ao meu destino. Dispo-me sob as lanjeiras em flor. As ondas em leves curvas vêm bater na alva praia. O sol ergue-se justamente por trás das serras fronteiras. A água é clara e pura como o ar, e uma brisa fresca agita am bos.<sup>33</sup>

Desta vez, contudo, cheguei demasiado tarde, pois o belo sexo, que se banha antes do nascer do sol, já saíra da água. Seguidas por suas escravas, as senhoras passeavam na praia com os cabelos soltos, secando-os ao sol. A delicadeza manda-me aproveitar o tempo. Depressa e sem que se perceba cai minha última peça de roupa e com um pulo me lanço ao mar. O banho é rápido e, como não possuo um escravo que me enrole numa grande toalha de enxugar, molhado mesmo como estou enfio a camisa tão depressa como a tinha tirado. Enquanto me visto, o ar e o sol me secaram por completo, salvo a agradável umidade que a água salgada deixa na pele e confirma o seu valor.

Volto à cidade por um caminho menos freqüentado. Um renque de casas campestres de bom gosto segue a praia até a Glória, em linha reta, prometendo tornar-se um dos mais belos passeios da cidade, quando for terminada o traço de pedra em frente das construções que

---

33 Procuramos sempre reconstituir em notas, atualizando-os, os itinerários do autor no Rio de Janeiro.

Pelo que descreve, vemos que tomou banho de mar no Flamengo. Essa praia compreendida entre o morro da Glória e o da Viúva, antigo de Leripe, era chamada ao tempo dos franceses e tamóios Uruçumirim ou, segundo Frei Vicente do Salvador, Ibraguacumirim. Na embocadura do rio Carioca, a gente do mar ia buscar boa água para os navios. Daí lhe darem antigamente o nome de Aguada dos Marinheiros. Foi também praia da Lapa. Em 1610, o sapateiro Sebastião Gonçalves aforou aquelas terras e a praia houve nome de praia do Sapateiro. O de Flamengo veio-lhe do pernalta assim denominado. Uma das vias de acesso do Catete ao Flamengo foi mais tarde a chamada Rua da Princesa, hoje Dois de Dezembro.

as defende do mar. Aqui e ali ainda existe areia solta e a gente descança com prazer nos banhos dispostos na parte já acabada. Alta pedestreira que desce quase a prumo sobre a água e cujos prolongamentos surgem das ondadas interrompe a passagem. Ingre-me-vereda conduz ao cimo do morro e uma rua mais larga o rodeia para o Catete.<sup>34</sup> Escolho o primeiro caminho que, em leves curvas, ocultando-se entre sebes, muros e arvoredos, me deixa no adro da igreja de Maria da Glória,<sup>35</sup> o qual, livre e descampado para o lado do mar, permite esplêndida vista sobre a baía. O adro está otimamente calçado e dele larga ladeira<sup>36</sup> conduz à cidade. Muitas vezes, o Imperador ouve missa nessa igreja. Nos dias de grande festa, à antiga moda do Peru, faz-se levar lá em cima aos ombros de seus escravos brancos.<sup>37</sup>

Retorno devagar à cidade, aperta da aqui entre o mar e a montanha, formando um semicírculo.<sup>38</sup> Junto à igreja da Lapa, a rua bifurca-se, seguindo à direita os contornos da baía até o porto e correndo à esquerda por baixo do Aqueduto para o Campo de Santana.<sup>39</sup> Tomo o caminho mais curto para casa e entro em elegante barbearia, a fim de começar a preparar-me para me vestir. Não preciso recear a mão pesada dum barbeiro alemão. A aveludada e perfumada mão dum português de Portugal, como gostam de ser chamados os brasileiros vindos da Metrópole, ata-me ao pescoço imensa toalha guarnecida de rendas, ensaboame do ran-te-cinco-minutos com água de flor de ranjeira e gas-ta-dez

34 A rua "mais larga" é a atual Silveira Martins, que desemboca na do Catete, no antigo Largo do Valdetaro. A vereda a que o autor alude é a ladeira do Russel, de hoje.

35 Nossa Senhora da Glória do Outeiro, ermida fundada no alto da penha que dominava a chamada Ponta da Carioca, em 1671, pelo ermitão Antônio Caminha. A 20 de junho de 1699, o Dr. Cláudio Gurgel do Amaral doou as terras dali, adquiridas ao Capitão Gabriel da Rocha Freire, aos irmãos de Nossa Senhora da Glória para levantarem uma capela em que ele e seus descendentes fossem sepultados. A construção da igreja atual começou em 1714. Quando o autor lá esteve, ela já tinha 111 anos.

36 O Morro do Castelo. Foi antes Morro do Descanso. Alto da Sé, Alto de S. Januário, nome do forte que o coroava, e Alto de S. Sebastião. Davam-lhe acesso a ladeira da Ajuda, que começava antes do chamado Poço do Porteiro, saindo mais ou menos das proximidades da atual Biblioteca Nacional; a do Carmo, principiando no encontro da Rua do Carmo com o Beco do Cotovelo, posteriormente Rua Vieira Fazenda; e a Calçada da Sé ou ladeira da Misericórdia, de que resta ainda o começo no largo do último nome, entre o Ministério da Agricultura, o Museu Histórico Nacional e a igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

37 O Rei D. João VI fazia-se conduzir ao outeiro da Glória numa cadeirinha carregada por doze negros forçados, vestidos de librê vermelha, que eram chamados a Guarda Negra. Não sabemos se D. Pedro I se deixava carregar por brancos.

38 A praia da Glória, tal qual se vê num painel elíptico de fins do século XVIII a começo do século XIX, existente no Museu Histórico Nacional.

39 À direita, pelo Boqueirão do Passeio e praia de Santa Luzia, ao Calabouço ou Ponta da Misericórdia e à praia da Piaçaba, agora Rua da Misericórdia. À esquerda pela Rua das Mangueiras, agora Visconde do Maranguape, que ia encontrar a dos Arcos, desembocando esta na Rua Nova de S. Lourenço, depois Inválidos e Meneses Vieira, que leva ao Campo de Santana.

para raspar minha barba com outras tantas navalhas, sem que eu sinta mais de que o leve roçar do aço e um pouquinho de tédio. Depois de empoar-me o rosto para amaciar a pele, o figaro penteia meus cabelos e gasta muito tempo quanto pomada para dar-lhe uma forma elegante. E ainda não acabou! Oferece-se para arrancar-me este ou aquele dente, o que cortesmente não aceito.<sup>40</sup> Então, lava-me o rosto e fricciona-me a nuca com a mesma água de flor, apre sen ta-me o es pe lho e diz com profunda mesura: – “Vossa Excelência está preparado para fazer sua reverência à dama de seu coração.” A Excelência paga 100 réis e en tra, ado nizado, no mais pró xi mo res ta urante, para almoçar.

O figaro excitou a força de minha imaginação. Enquanto tomo café com alguns ovos e torradas, vem-me a vontade de jantar em casa de D. Luísa e de sua interessante filha. Vou depressa vestir-me em casa, chamo o primeiro negro que encontro na rua e faço compras para uma refeição mo des ta. Como sei que é dia de je jum e co nhe ço o gos to das se nho ras, compro caranguejos, palmitos, macarrão para a sopa, algumas macrelas e batatas, cebolas e agrião para a salada, e um pouco de alho às escondidas. Não me esqueço das passas, das amêndoas, dos abacaxis, das laranjas, das ba na nas e, para com ple tar a so bre me sa, de os tras, que i jo e al gu mas gar ra fas de ex ce len te vi nho do Por to, que ne nhu ma se nho ra des de nha.

Chego com o negro assim carregado à casa de D. Luísa e me con vi do para jan tar. A boa mu lher sen te-se mu i to hon ra da com a mi nha vi sita e sua amável filha me recebe com toda a sua graça natural. Quase sou tentado a be i jar a mão que me es ten de. Con tra isso, po rém, re be la-se o nobre sangue europeu, ao pensar que a tinge leve cor africana. Enquanto a velha vai em pessoa para a cozinha, a fim de dirigir o preparo da refeição, aprendo com minha bela mestra em poucas horas mais português do que me en si naria em seis se ma nas um ra bu jen to pro fessor.

Se, nesta convivência íntima, um sentimento melhor não vence o or gu lho ri dí cu lo a que ve nho de me re fe rir, fico in de ci so, por que sei respeitar os direitos alheios, mesmo que sejam dum simples tropeiro de Minas.

Após a refeição, as senhoras, que se serviram de talheres em consideração à visita,<sup>41</sup> vão dormir. Acendo um cigarro e me embalo

40 Os barbeiros, nesse tempo, acumulavam seu ofício com o de cirurgião, dentista, aplicador de ventosas e sangrador de lanceta ou por meio de bichas (sanguessugas).

41 Os cronistas da época são todos acordes em mostrar o costume de se comer geralmente com a mão. Só se usavam talheres, quando havia cerimônia.

numa rede até o sono me fechar as pálpebras. Um sonho me conduz à Europa, na qual, quando acordado, raras vezes penso, e me concede gozos a que devo renunciar no Brasil. Assim passam as horas quentes do dia, que, dentro das casas, de construção sem preocupação com o clima, são muito menos sensíveis. A fresca brisa da noite que se avizinha faz por toda a parte renascer a vida, ruas e balcões enchem-se de gente e todo o movimento da manhã se renova.<sup>42</sup>

De acordo com a verdadeira moda brasileira, toma-se chá, não o nojento mate do Paraguai, bebida predileta de toda população feminina do Rio de Janeiro, sim chá da Índia, que está para aquele como peco<sup>43</sup> para a flor de camomila. A noite chega depressa. Quando se acendem os lampiões, ofereço o braço à dama mais moça e, seguidos por uma escrava preta, damos uma volta pelas ruas da cidade, que a essa hora têm a maior animação. D. Luísa, que de bom grado teria vindo conosco, fica em casa pela delicada modéstia de sentir sua diferença de cor. Sua filha, com um quarto de sangue africano, à noite pode passar como branca de sangue puríssimo.

Na Praça da Constituição, em frente ao Teatro, cuja massa imponente se ergue no espaço, descansamos um pouco, sentados em blocos de cantaria ali espalhados. D. Beata Lucrecia fala muito e muito de pressa. Mal entendendo a meta de do que me conta, mas escuto com prazer sua agradável tagarelice, alegrando-me com a amável ingenuidade de suas perguntas, a que respondo do melhor modo que posso. Às oito horas, estamos de volta a casa. Faço meus cumprimentos à mãe e retiro-me convencido de ser benquisto.

Caso de se je sentir viva mente a diferença entre a garri dicinada e a fabricada pela educação, basta-me entrar num dos restaurantes franceses dos arredores do Paço Imperial, onde uma parisiense feita – no Novo Mundo todas as francesas são parisienses – exhibe jóias falsas, cabelos e dentes postiços, a própria pessoa e tudo o que a cobre postiço e falso. Ali, tomo um copo de ponche, ouço muita asneira em fadonha e vou, afinal, para minha casa dormir esplendidamente, se os mosquitos e ratos deixa rem, pois eles cobitam em toda choupana e em todo palácio da muito heróica cidade dos muitos leais cariocas.

42 O hábito peninsular da sesta que se perdeu no Rio de Janeiro e em outras partes do Brasil, mantendo-se ainda no extremo norte.

43 A epicéia, *hippuris* em latim, *pesse* ou *pecé* em francês, *pecco* em alemão, erva adstringente empregada em infusões pela antiga medicina.

.....

## VII

### *Brasileiras e Estrangeiras*

# V

Quando dadas aos capítulos desleixados como os homens costumam fazer com as estações do ano. Três meses chamam Primavera, mesmo que eles não tenham como atributos flores de maio, zéfiros e cantos de rouxinol. Assim, domino minhas despreziosas observações, conforme o que nelas predomina, e coloco o que é mais belo e mais digno para epigrama os casos variáveis com que me esforço em entreter o indulgente leitor.

Haverá alguma coisa mais nobre do que a mulher, coroamento da Criação? Não merecerá ela em toda a parte atenção superior e estudo profundo? De se jo que cada um dos meus leitores, ao ler as minhas profundas observações, sintam o prazer ao que sentis crendo-as.

Todas as brasileiras de sangue branco podem ser divididas em três categorias:

1ª – *Formas ibéricas*. Sinais característicos: nariz um tanto arrebitado, boca arqueada, lábios delgados e maçãs do rosto salientes. De origem portuguesa e na maioria vindas da Europa. As menos encantadoras de todas, sobretudo por não terem a opulência de corpo, considerada no Brasil primeiro requinte da beleza perfeita.

2ª – *Fisionomias mourisco-judaicas*. Feições muito regulares. Nariz um pouquinho curvo. Lábios carnuos e frescos. Em redor da boca

e das faces, indescribível expressão de força de caráter e al ti vez que torna um rosto for mo so mais en can ta dor, quan to tor na um ros to feio mais re pente. Tez pro pen den do para o mo re no, sem, no en tan to, ser ama re la da. O mais vivo rubor tingindo os lábios e faces, podendo em algumas ser obra da arte e não da natureza. Braços, mãos e colos de lin da plás ti ca. Na Eu ro pa vê em-se de quan do em quan do ju di as po den do ser vir de per fe i to mo de lo dessa categoria de mu lhe res, que se con ser va de modo ad mi rá vel no cli ma tropical. Deve-se atribuir isto principalmente ao fato de, embora na mocidade muito esbeltas e esguias, ganharem, quase todas sem exceção, com a idade, uma opulência de formas, que lhes enrijece e alisa a pele, o que em ge ral fal ta às mu lhe res ido sas na Eu ro pa.

3<sup>a</sup> – *Raça mista*. Nesta categoria, perdeu-se completamente a expressão oriental das feições. Encontram-se, às vezes, os mais puros per fis gre gos. Em al vu ra, essas mu lhe res so bre pu jam lon ge as an te ri o res e entre elas há mesmo algumas, cuja tez até no norte da Europa seria considerada de brancura des lum bran te. Entre as ca ri o cas, nas qua is por óbvias razões prevalece o tipo português, são raras. São mais comuns no in te ri or, prin ci pal men te nas Pro ví n ci as do Sul. Não é vã li son ja o que o Sr. Plancher, na curta descrição do Brasil ane xa ao *Almanaque Imperial*, diz das paulistas, afirmando serem belezas perfeitas.<sup>1</sup> Tudo o que vi a respeito autorizajuízo tão fa vo rá vel. A ori gem dos ha bi tan tes des sa parte do Brasil, con tu do, não é in sus pe i ta. De acor do com as pes qui sas que fiz so bre o as sun to, acho que as avós das en can ta do ras pa u lis tas de vem ser procuradas entre os primitivos habitantes do país. Quanto ao lado paterno, há nelas mais sangue espanhol do que português.<sup>2</sup> O certo é que essa raça está inteiramente limpa de sangue africano.<sup>3</sup> Quanto às ou tras, a esse res pe i to nada se pode a fi an çar, com cer te za, so men te pelo aspecto, pois há mu lhe res, com um quar to de san gue ne gro, que têm as mes mas fe i ções das bran cas e le ves tin tas da he ran ça de to dos os po vos afri ca nos des de o mou ro ao pre to Con go.

1 Debret, como outros estrangeiros que estiveram na época no Brasil, celebra a beleza e vivacidade das paulistas. Era corrente o provérbio: "Em Pernambuco, elas e não eles; na Bahia, eles e não elas; em S. Paulo, elas e ainda elas." Alegres, sociáveis, cheias de graça.

2 Houve muito sangue espanhol na formação de S. Paulo, bastando para verificar isso passar os olhos pelas suas linhagens: Buenos, Camargos, Godóis, Saavedras, Tenórios, Quadros, Bonilhas, Laras, Redons, Toledos Pizs, etc.

3 A propósito, escreve Escragolle Dória: "Algumas famílias paulistas conservavam-se isentas da mescla de raças e disso tiravam ufania."

O autor refere-se a 1822.



Olhos pretos e vivos, sobranceiras que adase delicadamente desenhadas, cabeleiros e lustrosos cobrindo em abundância a testa e a nuca, porte altivo e gracioso são encantos que não faltam a nenhuma brasileira. Muitas também têm sobre o lábio superior ligeiro buço que, como um finíssimo retrósperto, projeta leve sombra na pele avermelhada e foi, anônimo, na Península Ibérica, apreciados sinais de beleza. Elas não toleram pêlos nas outras partes do corpo, arrancando-os na primeira mocidade, logo que aparecem, ou deles se desfazendo de maneira mais cômoda, porém menos dolorosa. Este hábito prevalecia entre todas as nações da América e deu origem à lençal de nascer ali os homens sem barba, o que é tão errado como querer dizer que às mulheres falta de nasença o que o costume e o clima lhes mandam desistir.

O antigo traje nacional das mulheres brasileiras desapareceu. Só as das baixas camadas do povo ainda se servem da mantilha ou grande xale preto, que levam sobre a cabeça, com a pontarinda da tapan do meio rosto, o que serve para realçar os lindos olhos à custa do resto do corpo. Vê-se de vez em quando uma esbelta mulata que sabe usar a mantilha com graça. Fora disso, somente negras e velhas escondem assim seus murchos encantos.<sup>4</sup>

Nas Províncias, é diferente. Nenhuma mulher sai à rua sem se cobrir com o véu. A imaginação sente-se singularmente excitada, quando a gente vê essas figuras semelhantes às freiras, envoltas totalmente num manto preto, das quais mal se percebem o pezinho delicado e elegantemente calçado, um braço torneado e furtivo, carregado de braceletes, e um par de olhos, cujo vivo fulgor as rendas não conseguem cobrir, movendo-se com leveza e graça sob os trajes pesados.

Nacapital, como em qualquer parte do mundo civilizado, dominam as modas francesas e inglesas, as quais, devido ao gosto do povo, adquirem caráter próprio ou, melhor, se adaptam ao clima. Nunca os estilos, por exemplo, no cinema em venção dum gosto estrangeiro, conseguirão êxito no Brasil.<sup>5</sup> Tampouco os exageros das modas, corpetes de masiado curtos ou de masiado compridos. A razão é o clima que proíbe a arte contrariar a natureza. Na Europa, é o costume o que faz mais

4 Nas regiões nordestinas, entre a pobreza, a mantilha era substituída pelo lençol. Fazia-se vulgarmente a distinção entre as ricas e as pobres com as expressões: *mulher de mantilha* e *mulher de lençol*

5 O profeta, como todos os profetas, foi desmentido pelo tempo...

ou me nos a for ma de toda mu lher. Sob o céu tro pi cal, onde a rou pa não tem ou tra fi na li da de se não pro te ger con tra o sol e ve lar o que a de cên cia não permite mostrar, jamais poderá ser introduzida uma moda que põe um gosto bizarro acima das comodidades naturais. Poderia acrescentar acima da saúde. No Brasil, não se vê o número incontável de pessoas contra feit as que há na Eu ro pa.

As senhoras e moças vestem-se de preto ou de cores variegadas, cada qual se guin do, quan to a co res, seu gos to pes so al e não os ri gões da moda. Os povos meridionais sempre fizeram assim e é forçoso reconhecer que, nessa escolha, têm uma percepção segura. Vêem-se as mulheres nas igrejas trajadas de modo belo e decente, com vestidos de seda pre ta, pe sa da men te or na dos de vi dri lhos ou com uma lar ga guar nição de en can ta do res ba ba dos. Não lhes fal ta o véu, flu tu an do como leve nu vem so bre as far tas ma de i xas e per mi tin do, como o le que, va ri a dís si mos jo gos. No te a tro e nos ba i les, apa re cem com ves ti dos de ga ses po lí crô micos, cobertos de inúmeras flores e laçarotes de fitas, saiotas de cetim, corpete igual, bordado a ouro ou prata, rico diadema, flores e plumas nos cabelos em agradável combinação. As meias e os sapatos são sem pre de seda. Nes te pon to, o luxo ex ce de a qual quer ex pec ta ti va.

O traje de cor te as se me lha-se a este, leve e trans pa ren te como o ar sob um céu abençoado. Um manto de veludo ricamente bordado em ouro e prata, um barrete com flutuantes penas de avestruz e um adorno de brilhante dão-lhe uma dignidade fantástica e imponente. Porém nem tudo o que ao esplen dor das ve las lan ça ra i os mul ti co res é di a mante verdadeiro, porque em nenhuma parte do mundo como nesse país dos di a man tes se usam tan tas pe dras fal sas.<sup>6</sup>

Em casa e nos passeios, senhoras e moças trazem vestidos co lo ri dos de casa. Nun ca bran cos, pois esta cor é re ser va da ao tra jar dos negros. É nessa roupa simples que as brasileiras mostram seus maiores encantos. A gente nórdica disso não pode ter a menor idéia, habituada como está a ver belas formas em invólucro material que apregoa a arte do costureiro e não a conformação do corpo. No Brasil, desconhecem-se sa i o tes e es par ti lhos, até a ca mi sa é peça de rou pa su pér flua, que poucas mu lher es usam no ve rão. Um ves ti do leve en vol ve os lin dos corpos,

6 A descrição combina mais ou menos com a estampa de Debret representando uma dama da corte em traje de gala e com esse traje existente no Museu Histórico Nacional. Também com alguns retratos.

cobrindo braços, colo e nuca; a meia fina veste os delicados pés. É preciso vê-las assim, sentadas num sofá à maneira oriental, com uma perna dobrada e a outra balançando-se negligentemente, o vestido um pouco repuxado, descobrindo o ombro carnudo, mãos, braços e olhos em constante movimento, e o leque batendo o compasso dessa linda ati tu de. Então, a gen te es que ce e per doa o lado som brio des te qua dro: a voz desagradavelmente gritante e a irritante violência muito pouco feminina, conseqüências do con ví vio com os ne gros, e ain da a de ma si a da naturalidade, cho can te tal vez só para os eu ro pe us.

As brasileiras são extraordinariamente fecundas. Não raras famílias têm 12 e até 16 fi lhos. Con ta ram-me que uma mu lher teve 33 filhos! Os partos infelizes são verdadeiras exceções e geralmente de estrange iras. Os mé di cos bra si le i ros a tri bu em a fa ci li da de dos par tos a três causas: a maneira de sentar com as pernas dobradas, que dizem muito propícia à saúde, a completa repulsa aos espartilhos europeus e o banho fre qüen te. Este úl ti mo há bi to che ga a ser exa ge ro. Em re gra, toda mu lher toma um banho quente diário, antes de se deitar, e, nos meses de verão, vai ba nhar-se no mar, an tes do nas cer do sol. É pos sí vel que isto tam bém ca use a obesi da de para que as bra si le i ras têm na tu ral pro pen são.

Os sinais de puberdade apresentam-se nas meninas no décimo ou no undécimo ano. Em algumas, mais cedo. Apesar de tal precocidade, elas são nes se pe rí o do tão pe que nas em ta ma nho como as eu ro pé i as, crescendo até aos dezoito anos. Casam muito jovens e sua extraordinária fe cun di da de po de rá ser a tri bu í da ao fato de ne nhu ma de las ama mentar seus filhos. Todas as amas são negras que, sem exceção, têm leite para duas cri an ças.

É sin gu lar que, ape sar da to le rân cia do mi nan te em ma té ria de liga ções ile gí ti mas, des de que o Rio de Ja ne i ro exis te, nun ca te nha acon te ci do uma mu lher bran ca dar à luz uma cri an ça de cor. As ca ri o cas têm orgulho dessa tradição, que seria prova de alto grau de pundonor fe mi nino, se fosse integralmente verdadeira. Considero-a uma lenda pela seguinte razão: na Casa dos Expostos da cidade, encontram-se muitas crianças de cor, que não vejo como te nham ido para ali, se não são in felizes rebentos de mulheres brancas com negros, porque os filhos das pretas têm valor real e, mesmo livres, em pouco ou em nada incomo dam suas mães, sendo, demais, o amor das africanas aos filhos maior

que o das brancas. É, porém, muito compreensível que se sepultem no maior segredo casos de tal ordem, num país onde o marido é senhor absoluto de sua casa, nenhuma lei de polícia ou moral cerceia as suas ações e não se cos tu ma dar pas to às crô ni cas ma li ci o sas.

Graças a feliz acaso, pouco tempo depois de minha chegada ao Rio de Janeiro, traveiconhecimento com diversos oficiais espanhóis vindos na primeira de 1825, no séquito do Vice-Rei,<sup>7</sup> dos qua is a ma i or parte achara melhor esperar de perto o desenrolar dos acontecimentos sul-americanos do que voltar à Espanha, onde só ti nham a re ce ber cen suras, ingratidões e responsabilidades, às quais na MetrÓpole sempre se tinham sacrificado os maiores heróis da América. Muitos dos que ficaram no Rio de Janeiro possuíam grandes propriedades no Peru e no Chile. Como resultado da batalha de Aiacucho,<sup>8</sup> o Poder Real espanhol na Amé ri ca do Sul pa re cia des tru í do de vez e, ape sar das apa ren tes van tagens<sup>9</sup> oferecidas pela capitulação assinada pelos Generais Canterac e Sucre aos realistas espanhóis, eles pre fe ri ram na tural men te se exi lar por algum tempo dum país, pátria de alguns deles, onde todos haviam ganho fama e pouco dinheiro, a nele permanecer sob vigilância policial que em tempos de revolução é incômoda e mesmo perigosa. O Rio de Ja ne i ro era, sem dú vi da, o pon to mais van ta jo so para es pe rar os acon te cimentos próximos. Ali podiam manter ligações com a mãe-pátria e, sem pa re cer de ses pe rar da ca u sa de seu Rei, di a ri a men te ti nham o ca si ão

7 Depois que os realistas espanhóis foram vencidos no Peru, muitos emigrados vieram ter ao Rio de Janeiro ou por ele passaram rumo da Europa. Alguns muito ilustres. Entre estes, o Arcebispo de Lima e o antigo Vice-Rei La Serna.

8 A batalha de Aiacucho travou-se a 26 de dezembro de 1824, no Peru, e determinou a capitulação dos chefes realistas espanhóis batidos pelos insurgentes. O Vice-Rei, que estes haviam aclamado, Marquês de Torre Tagle, foi ferido.

9 O Tenente-General José Canterac, natural da Guiana, em França, que morreu assassinado por seus soldados amotinados nos Correios de Madri, em 1835. Tomou parte com brilho na Guerra Peninsular contra Napoleão, em 1801, como cadete, até 1813, no posto de Brigadeiro, sempre promovido nos campos de batalha. Chefe do Estado-Maior do Vice-Rei La Serna, no Peru, bateu os insurgentes em Ciriaco e em Capuano, e pacificou várias províncias. Foi vencido por Bolívar na batalha de Junín e derrotado por Sucre em Aiacucho, sendo forçado a capitular. Havia sido feito tenente-general ainda na América. Voltou à Espanha e recebeu a nomeação de Capitão-General de Castela Nova. Homem de alto valor, absolutamente fiel à realza, era considerado o inimigo fidalgo de liberais e republicanos. Seu nome valia por uma bandeira.

Antônio José de Sucre, um dos próceres da Independência sul-americana, nasceu em Cumaná, na Venezuela, em 1793, e foi fuzilado em Berruecos, na Província de Pasto, em 1830. Companheiro do famoso General Miranda na Declaração da Independência de 1811 e, depois, de Simão Bolívar. Teve ação preponderante na campanha de Nova Granada e na tomada de Bogotá, em 1819. Bateu-se em seguida em Quito. Socorreu os peruanos combatidos pelo Gener al Canterac e assumiu a ditadura do Peru a 22 de junho de 1823. A 20 de julho seguinte, passou o poder ao Marquês de Torre Tagle e foi ao Chile. De volta a Lima, os realistas o repeliram. Tendo o Congresso colombiano autorizado Bolívar a intervir no Peru, enviado por ele, realizou a célebre campanha de Cachamarca a Cuzco e ganhou a batalha de Aiacucho. Vice-Presidente da Nova República da Bolívia, cuja capital tomou o seu nome, guerreou o General La Mar, Presidente do Peru. Comandando o Exército Boliviano do Sul bateu os peruanos a 27 de fevereiro de 1829 em Portete de Tarqui. Pereceu em virtude das lutas civis da sucessão da Colômbia.

de pleitear seus interesses junto ao novo governo, preparando o regresso que todos ardentemente desejavam, quando o novo sistema político estivesse mais fortalecido.

D. Rafael P., Coronel e Secretário do Vice-Rei,<sup>10</sup> homem cientificamente instruído e muito esclarecido, honrou-me com sua particular amizade. Raro era o dia em que não tivesse o prazer da companhia desse interessante espanhol. Posso afirmar sem ambages que por ele tive a compreensão exata das revoluções sul-americanas, muito diversas daquelas que espalharam na Europa autores mal informados e eivados de preconceitos. Vi nele, ao mesmo tempo, a autêntica figura dum realista espanhol, nada fanático, muito bem informado do interesse do seu partido e do de seus adversários, julgando ambos sem paixão e sem opinião preconcebida, não fundamentando seu parecer e suas ações no egoísmo comum, que havia salvo seu cavalheirismo, sua fidelidade e suas crenças das tormentas de muitos anos de revolução, e podia com calma e equidade volver um olhar retrospectivo aos acontecimentos dum passado próximo. Tais homens são raros e, pertencem a que nação pertençam, onde se encontram se amam e estimam. Os espanhóis e os alemães têm afinidades para se ajuntarem no estrangeiro.

D. Rafael apresentou-me ao Cônsul de Espanha, D. J. de Labat y Rincón, que com raro altruísmo cuidava de seus conterrâneos emigrados no Rio de Janeiro, sustentando ao mesmo tempo a honra e o brilho do nome espanhol, embora num momento em que não podia esperar lhe fosse restituído o dinheiro adiantado. Travei também conhecimento com D. Lucas Cotrera, o qual com sua imensa fortuna pôde continuar a guerra na América do Sul, tendo cáído com o partido a que fora fiel até o último instante e sustentando no exílio, como verdadeiro tesouro militar, centenas de espanhóis ligados ao seu destino.

Fui uma noite à casa do Cônsul espanhol, que oferecia brilhante festa a alguns de seus conterrâneos prestes a voltar à pátria pela França. Ali conheci de perto, pela primeira vez, encantadoras senhoras espanholas, que muitas vezes já haviam chamado minha atenção no teatro e nos passeios. Havia cinco, todas lindas e, segundo me disseram, nascidas na América. Curtas saias de seda moldavam

seus corpos voluptuosos e deixavam ver pés elegantemente calçados e de tão delicada forma que um escultor se apaixonaria por eles. O cetim brilhante espelhava a cada movimento dos membros torneados e pedras preciosas multicores cobriam-lhes os braços e o colo. A beleza regular das fisionomias, o suave fulgor dos olhos azuis-escuros e o cabelo mais claro agradam, de modo muito diferente do dos encantos orientais das mulheres lusas, ao gosto bem formado dos nórdicos. A conversa foi viva, mas não trivial, por que a galantaria espanhola exige que se dedique atenção exclusiva a uma só dama. Acho isto mais interessante e decente do que o deslavado cortejar a todas, que, vindo de França, se propagou pelo mundo inteiro.

Nunca faltam cartas e dados entre os espanhóis. Embora não aprove essa disciplina na ação para o jogo, não posso deixar de louvar o cavalheirismo com que jogam e a calma com que perdem. Numa sociedade hispano-americana, tudo joga, mulheres, crianças e os próprios criados em competição com os amos, enquanto têm dinheiro para perder. A consciência não sofre com isso, pois quem acaba de perder dança ou toca violão. Numa sala vizinha à do jogo, há vinhos, cerveja inglesa, doces e charutos. Cada qual se serve à vontade. Em tudo, liberdade sem o menor constrangimento.

Todas as mulheres hispano-americanas, sem exceção, fumam, se acaso se chama fumar tirarem de tempo em tempo uma baforada do cigarro. O seu vício é de tal modo habitual que elas com grande habilidade enrolam com os dedos em papel ou palha, fazendo delicadíssimas, não torna esse hábito repugnante. É uma prova de favor oferecer uma hispano-americana um cigarro a um homem e maior ainda aceitar o que ele lhe oferece. Em ambos os casos, dá-se e recebe-se o cigarro aceito.

A dança espanhola é indizivelmente bela. Todos os viajantes lhe têm tecido inesgotáveis louvores, mas nenhum fez dela jamais uma descrição que se aproxime da verdade. No quadro de Fischer<sup>11</sup> representando Valência, há alguma coisa que dela dá uma idéia sófrível.

A vida social dos espanhóis oferece um encanto único na sua espécie. Eu, que a conhecia somente pelos romances e descrições de viajantes, estas quanto à verdade menos escrupulosas do que aqueles, via-a

11 José Fischer, nascido em Viena em 1769 e ali falecido em 1822. Pintor e gravador da Escola Austríaca. Discípulo de Brand e Schmutzer.

aqui na realidade e do modo que ultrapassava a mais extravagante fantasia. O bandolim soava na escuridão duma noite tropical, os mais doces perfumes penetravam pelas portas abertas dos balcões, no interior dos salões resplandeciam as velas e lindos lábios cantavam de maneira que me extasiava o *di tan ti pal pi ti*.<sup>12</sup> Desejaria exclamar com Feramor:

"Se há paraíso na Terra,

É aqui, é aqui!"

(*Lalla Rhook*)<sup>13</sup>

Eu tinha vivido horas lindíssimas!

Tomo a liberdade de fazer mais uma observação. Na Alemanha, considerariam uma espanhola casquilhada e suas maneiras indecentes. No entanto, o que a faz tão digna de ser amada é a naturalidade mais sem afetação posta em relevo com um modo ver da de irramente pinturesco. Portanto: *ver ba va lent si cut num mi!*<sup>14</sup> O observador imparcial não reconhece ou tra noma se não a fundada em seus próprios sentimentos.

Entre as espanholas que se encontravam no Rio de Janeiro naquele tempo, chamou especialmente minha atenção D. Isabel, esposa dum brigadeiro real e por nascimento *chola*, como se chamam os descendentes dos primitivos habitantes do Peru.<sup>15</sup>

Pertencia à Família Imperial dos Incas, sendo neta do infeliz Amru-Tupac, que perdeu a vida na revolução de 1589.<sup>16</sup> Como os descendentes da Família Imperial após a conquista do Império pelos espanhóis

12 Famosa cavatina da ópera de Rossini, *Tancredi*.

13 Aliás "Lalla Rhook", poema inglês de Thomas Moore, publicado em 1817 e em plena voga, quando o autor esteve no Rio de Janeiro. O poema, de fundo e gosto oriental, divide-se em 4 partes: 1ª, o Poeta Velado do Koraçan; 2ª, o Paraíso e a Peri; 3ª, Os Adoradores do Fogo; 4ª, A Luz do Harém. O argumento é o seguinte: Lalla Rhook, filha do imperador mongol Aureng Zeb, vai a Bucara, a fim de conhecer o noivo, o Príncipe Aliris. Do séquito faz parte o poeta Feramor, destinado a diverti-la durante a longa viagem, que lhe canta os quatro cantos que formam as citadas quatro partes do poema. A princesa apaixonou-se pelo poeta e começa a reacar o termo da viagem. Mas, no fim, tudo sai a contento, pois Feramor é o próprio Príncipe Aliris disfarçado, que desejava ser amado por si mesmo.

Em 1862, representou-se em Paris uma ópera tirada desse poema com o mesmo nome de *Lalla Rhook*, libreto de Hipólito Lucas e Miguel Canê, música de Feliciano David.

Não podemos deixar passar sem reparo a cultura do autor, jovem e simples tenente de granadeiros.

14 As palavras valem com dinheiro.

15 Chamam-se *cholos* os índios civilizados da Bolívia e do Peru. Por extensão, os mestiços de índio e espanhol.

16 Aliás Tupac Amaru. O 20º e último Imperador da linhagem dos Incas. Sucedeu ao 19º, Quispe Yupanqui. A dinastia incaica foi fundada por Manco Capac em 1125. Tupac Amaru reinou sob o domínio dos espanhóis, que lhe deram o nome de Filipe, de 1569 a 1572. A conquista espanhola realizou-se em 1533; mas a dinastia se manteve até 1572, com Príncipes que reinavam sobre os refugiados das montanhas. À chegada dos conquistadores, reinavam Uascar e Atahualpa desde 1524. Sucederam-lhes: Tupac-Hualpa, em 1533, Manco, de 1533 a 1544, Diogo-Xairi-Tupac-Yupanqui, de 1544 a 1561. Filipe-Cusi-Titu-Quispe-Yupanqui de 1561 a 1569 e, finalmente, Filipe-Tupac-Amaru, de 1569 a 1572. É a este que o autor certamente se refere, embora troque o nome e escreva Amru-Tupac, pois o único membro da linhagem incaica desse nome, Amaru-Tupac-Yupanqui, não chegou a reinar.

*A Rua Direita na primeira metade do século XIX.  
No primeiro plano, a Capela Imperial e a igreja do Carmo. Do lado esquerdo, adiante, a Rua do  
Ouvidor. Em frente, a igreja da Cruz dos Militares. Por cima dos telhados, à esquerda, avistam-se  
as torres da Candelária; à direita, a da Lapa dos Mascates ou dos Mercadores.*

Desenho de Lauvergne. Gravura de Himely.  
Das coleções do Museu Histórico



conservaram grandes privilégios e gerarquia,<sup>17</sup> fiéis por muito tempo à sua lei doméstica de se não casarem fora da casta, essa moça podia representar o autêntico tipo primitivo da formação racial sul-americana. Tinha feições extraordinariamente regulares, cor pouco diferente da européia, cabelos longos, lisos e meninos pretos do que o do comum das espanholas, e os olhos mais belos e meigos do mundo. Embora corra o perigo de me tornar ridículo, arrisco uma comparação fundada na natureza: seus olhos eram como os daqueles lagartos que espiam serenamente para fora das fendas dos rochedos, olhos em cujo espolho mal se percebe o esmalte branco que distingue os dos homens, porém se refletido todo um céu de pureza e meiguice, como é próprio das mulheres.

Querem razões fisiológicas e uma certa analogia, por muitos autores considerada herética –, pois se atreve a incluir o homem como membro do reino animal, dum ponto de vista que lhe fere a vaidade –, que a fidalguia das famílias ganhe muito com as mais heterogêneas misturas. Na Europa, poucas são as oportunidades para se realizarem pesquisas sobre a matéria. As nações muito se parecem, longos séculos de vivo intercâmbio desfizeram pouco a pouco as barreiras raciais e uma vida supercivilizada estorva as manifestações da natureza. O caráter próprio mais pronunciado se conserva nas raças eslavas e ibéricas, que formam os últimos anéis da cadeia dos povos europeus. Essa diferença, porém, é pouco apreciável em comparação com as que contribuíram para a formação dos habitantes da América. Apresentam-se no mesmo palco quase todas as nações da Europa, ora mais, ora menos misturadas com as inúmeras tribos primitivas. Até onde estas há muito tempo de parecerem, ainda visivelmente se nota a influência que tiveram na constituição da nova raça.

Esta influência, conforme o parecer de todos os naturalistas, é muitíssimo favorável, embora não seja tão elevada como o enobrecimento que sobre o sangue africano exerce o sangue europeu. A palavra enobrecimento está empregada com propriedade, pois, no fim de quatro ou cinco gerações, provêm dessa mestiçagem indivíduos excelentemente formados de corpo e de espírito. É muito mais lento o progresso dos mestiços das raças africanas com as americanas. No Brasil, chama-se a

---

17 Pela nota anterior vimos a dinastia incaica se prolongar sob o domínio espanhol. Garcilaso de la Vega, que era descendente dos Incas, é a prova do modo como se manteve por meio da conquista a situação nobre e privilegiada da raça imperial.

essa gente bastarda de caboclos, designação, porém, que não dá muita certeza sobre a origem dos indivíduos a que se aplica.<sup>18</sup> Co lhi a esse respeito dados tão escassos que não me forneceram um resultado apreciável.

A di gres são que aca bo de fa zer, fa vo rá vel às mis tu ras dos eu ropeus com os povos tanto americanos quanto africanos, baseia-se até nos ca sa men tos que se vêem no Rio de Ja ne i ro en tre pes so as das na ções heterogêneas da Europa. É óbvio que tais casamentos não podem ser raros numa cidade comercial, onde cresce todos os dias a influência de forasteiros, sobretudo ingleses e franceses. Encon tra-se gen te ca sa da de todas as procedências. Brasileiros casam com inglesas, alemãs e fran cesas, e vice-versa. As mes mas na ções en tre si, por sua vez. E é sur pre endente como a espécie se mostra enobrecida nos rebentos de pais que formam corporale espiritualmente os maiores contrastes.

As louras meigas e os brasileiros ardentes têm filhos lindíssimos. Nesses lares, em que a mãe é alemã ou inglesa, encontram-se crianças que possuem o ardor do pai unido à suave e amena fisionomia nórdica da mãe. Os filhos de mães brasileiras, ao contrário, mesmo que os pais sejam de autêntica raça germânica ou céltica, têm, geralmente, traços de meridionais, cor trigueira e as formas volumosas de suas progenitoras, com a diferença dum cabelo mais claro e de faces mais rosadas do que é comum no Brasil. Somente quando as mulheres são mais maduras, a raça paterna predomina na formação dos filhos. Conheci uma família em que estes, conforme a idade, iam apresentando em gradu a ção inin ter rup ta to das as to na li da des da raça ibé ri ca até chegar à alemã. Os franceses e francesas costumam casar entre si, parecendo-me que não ser vem para me lho rar a raça do país.

Como exemplo da observação que acabo de fazer, cito os filhos da Fa mí lia Impe ri al. To dos os que ti ve ram a fe li ci da de de se aproximar desses delicados re ben tos da Au gus ta Fa mí lia con cor da rão co mí go em afirmar que dificilmente se verão crianças mais lindas. D. Maria da Glória é uma loura meiga, cujos olhos azuis brilham com um fulgor que em re gra não pos su em. Ao lado dis so, nas ma ne i ras e na for ma ção, é o perfeito retrato de seu pai cavalheiresco rejuvenescido, o que autoriza

<sup>18</sup> Caboclos chamavam-se os índios mansos. Por extensão, os mestiços do índio e branco, antes denominados mamaluços ou mamelucos.

as mais belas esperanças. As outras encantadas meninas desenvolvem na mais tenra idade as mais brilhantes qualidades de corpo e espírito. Portanto, ambos os Reinos, o deste e o do outro lado do oceano esperam um belo futuro e, no meio dum revolução ainda longe de seu fim, brilha para ambos, nestas crianças, uma constelação austral mais radiosa que o próprio Cruzeiro. Em Portugal, onde o apego à pessoa do monarca foi como uma espécie de veneração religiosa e os sistemas políticos nada valiam em comparação com o amor do povo, que valia tudo, a esse povo outrora tão bravo só pode beneficiar, após ter vencido suas crises apostólicas e constitucionais, o governo dum jovem princesa, cuja personalidade terá maior influência do que uma constituição sustentada pelas baionetas inglesas ou a cega confiança num partido que se denominava Apostólico sem um após tolo à sua frente.<sup>19</sup>

Entre as belas do Rio de Janeiro em pleno apogeu, sobressaem a Senhorinha de Pinto Guedes e as jovens Condessas do Rio Seco, cujas mães são inglesas, o que confirma a minha observação anterior.<sup>20</sup>

Confirma-se também numa Província inteira, a de S. Paulo, cujos habitantes provêm de variadíssima mescla. Pode-se afirmar categoricamente que ali só há mulheres belas.

Confirma-se na América Espanhola, onde, na maioria, as avós eram americanas.

Confirma-se ainda nas Índias Ocidentais, onde as mais lindas mulheres são procriadas nas colônias inglesas e holandesas, embora por pais que pertencem à escória de todas as nações.

---

19 Nome dado ao partido absolutista na Península Ibérica. Com ele, formara-se na Espanha, após a revolução de 1819, um partido composto de ultras, católicos e realistas, cujos chefes foram o Barão de Eroles, Mata, Flores, Quesada, que acabou refugiado em França, Êlio, executado em 1822, e Bessiéres, executado em 1825. Em 1830, esse partido fundiu-se com o carlista. Por extensão, foi assim chamado o partido miguelista em Portugal e, antes, os que defendiam as prerrogativas do Rei contra o Constitucionalismo. É a isso que o autor, muito ao corrente das coisas de seu tempo, alude aqui. O Apostolismo era alimentado na Espanha pelas tropas francesas enviadas por Chateaubriand sob o comando do Duque de Angoulême.

20 O Almirante Rodrigo Pinto Guedes, Barão do Rio da Prata, foi casado com D. Constança Smisssaert Pinto Caldas, irmã da Marquesa de Cantagalo, que faleceu em 1831. Era viúva do Ajudante-de-Ordens de D. Pedro I, Antônio de Saldanha da Gama, e filha de José Pereira Caldas e D. Constança Smisssaert. O Visconde do Rio Seco, Joaquim José de Azevedo, foi casado em primeiras núpcias, em Lisboa, com D. Maria Carlota Miliard e em segundas com D. Mariana da Cunha Pereira, filha dos Marqueses de Inhambuê. As suas filhas eram do primeiro matrimônio. Tem, pois, razão o autor em dizer que a ascendência das filhas desses titulares era inglesa. É também exato que essas moças davam o tom da moda no Rio de Janeiro daquele tempo. Uma das filhas do Visconde do Rio Seco inspirou grande paixão ao diplomata austríaco Barão de Neven ou Neuen, primo do grande Metternich, Conselheiro de Embaixada, Encarregado de Negócios de seu país ao tempo de D. João VI em substituição de Von Eltz, que lhe fez a corte com estardalhaço e dela ficou noivo. Faleceu, porém, antes de realizar o casamento, com 36 anos de idade, vitimado por um pleuriz, a 26 de dezembro de 1818.

Assim, a experiência confirma o princípio fisiológico de que a raça humana ganha com a mistura dos mais diversos elementos em bondade e nobreza. Deixo a ampliação dessa pesquisa aos naturalistas que tenham ocasião de colher observações sobre o assunto em todas as partes do mundo, as quais somente poderão fundamentar o que verifiquei de todos os modos e tão constantemente na América, que a minha certeza, isenta de qualquer parcialidade, nunca foi abalada por casos contrários.

Há, relativamente, poucas de nossas conterrâneas alemãs no Rio de Janeiro, de tal maneira trazidas em custódia pelos maridos que é muito difícil conhecê-las de perto. O bondoso leitor não deve concluir apressadamente por isso que sejam casadas com lusitanos ou turcos. Pelo contrário, seus maridos são os mesmos bons e honestos alemães, que, no seu país, não sabem o que é ciúme. Aqui, estragados pelo hábito e pelo exemplo, passam dum extremo ao outro e, segundo me parece, em seu prejuízo. Se esta pátria fica bem ao portuê, não con diz com o alemão.

Quem tiver uma mulher bonita pode trazê-la ao Rio de Janeiro sem receio de sofrer privações, pois de qualquer modo será bem amparado. Durante minha permanência, vi exemplos surpreendentes. A beleza e a mocidade têm ali muito mais alto valor do que em qualquer parte do Velho Mundo. Até as mulheres públicas escondem a sua vergonha sob o luxo e a elegância. O Brasil é o seu país. Por isso, não é de admirar que moças de família e bem educadas se sintam às vezes atraídas por esse país, onde conseguem um grau de fama e riqueza que na Europa jamais atingiriam pelo mesmo caminho.

As artistas francesas que habitam a Rua do Ouvidor sabem muito bem aproveitar isso. Todos os anos, centenas delas vêm da França recomeçar na capital do imenso Império uma carreira, na qual em Paris, Bordéus e Marselha há muito estavam aposentadas.<sup>21</sup> O brasileiro, muito morigerado em seus gozos, merecedor da censura de sovínice em muitas coisas, neste ponto é pródigo e sua propensão para o belo sexo tal que chega a vender até a inata aver são contra tudo o que é estrangeiro.

21 Isso veio até nossos dias. Era o que se chamava em França *faire l'Amérique* ou mesmo *faire le Brésil*. O expoente desse hábito foi a famosa Suzanne Castéra, atriz do antigo e famoso Alcazar, que viveu até pouco tempo, apelidada pelo povo carioca de *Viúva de Pedro Álvares Cabral*, possuidora de vinhedos na Gasconha e condecorada pelo governo francês com a Ordem do Mérito Agrícola...

No mais, a Rua do Ouvidor tem aspecto singular e nela, por momentos, a gente se julga em Paris. Caixeiras exageradamente pintadas, com cinturas finas e olhos à espreita, exibem gastos encantos diante dos espelhos, cosem em atitude elegante ou lançam as redes de seus olhares pela longa fila das lojas, o que até certo ponto lembra o Palais-Royal. Mas, se se observa a rua, tudo muda completamente. Há três vezes mais pretos do que brancos, aos gritos e pulos, tratando de sua vida. Bonitas negras de vestido de cambraia branca, com turbantes encharcados, vendem pastéis, balas e os próprios encantos. À noite, à luz dum lamplão, ne gro ro bustos, que repartem os ganhos do dia, brigam por causa duma moeda de cobre indivisível;<sup>22</sup> honradas famílias brasileiras dão seu passeio, as crianças à frente, de pois as filhas adultas e, por fim, o pai e a mãe vigiando a longa e vagarosa procissão, que escravos e escravas, com fedelhos adormecidos nos braços, completam;<sup>23</sup> de quando em quando, uma formosa leviana, completamente envolta na mantilha ou numa capa escocesa, atravessa a rua; patrulhas policiais marcham a passo cadenciado; passam leves carros puxados por mulas e iluminados por archotes; as guitarras ressoam no seio da noite movimentada, e, sobre tudo isso, se arqueia o céu tropical azul-negro, recamado de luminosas constelações.

Em geral, conforme se pode facilmente observar, todas as mulheres européias que chegam ao Brasil se escandalizam ao princípio com a escravidão e o tratamento dado aos escravos, verberando o modo de vida das brasileiras e seu luxo excessivo. Em pouco tempo, no entanto, vão se modificando, acham as meias de seda mais apropriadas do que as de algodão, consideram os trabalhos domésticos indecentes e se convencem que os escravos e escravas não podem ser levados sem pancada. É preciso dizer em honra das francesas que são as únicas brancas que aqui se não envergoñam de trabalhar.

---

22 A mais infima moeda de cobre do Primeiro Reinado era o dez-réis. Eram cenas comuns nos chamados cantos ou cruzamentos de Ruas, Canto do João Mendes, no encontro de S. Pedro e Candelária ou Conceição, Canto do Tabaqueiro, no das ruas do Cano e Quitanda, Canto do Carrilho no de Cancelas e Alecrim, Portuguesa ou Catarina Lopes, Hospício e hoje Buenos Aires.

23 Vide as gravuras de Debret e Rugendas. Elas provam a descrição aqui feita pelo autor.

.....

## VIII

### *Religião e Sociedade*

**N**um país onde os exercícios religiosos formam parte essencial da vida e as festas de igreja são quase o único divertimento popular, penso ser permissível tratar destes dois assuntos no mesmo capítulo. Nos países protestantes, o domingo tem uma posição destacada dos outros dias da semana. No Brasil, todos os dias parecem mais ou menos do domingo. A todas as horas, a gente se lembra que está na capital dum Império verdadeiramente católico. Pela manhã, inúmeras igrejas abrem as largas portas à piedosa multidão, que nelas se reúne para rezar. Uma curta Ave Maria marca o fim de cada dia. Entre as preces matutinas e da tarde, a vida segue sua rotina, o comércio não pára, o movimento nas ruas é o mesmo, tanto nos domingos como nos dias úteis, às vezes até mais animado na queles, pois grande parte dos escravos aproveita para seus ganhos pessoais.

Peço ao amável leitor que, neste capítulo, não espere digressões teológicas. Elas são estranhas à minha finalidade. Esforço-me por descrever as impressões tais quais as recebi. Por conseguinte, para mim, a religião não passa dum fenómeno como qualquer outro. São suas cerimônias, seu culto o de que principalmente me ocupo. Todavia não é possível negar que é justamente isso: a missa, o sacramento da eucaristia, o esplendor e dignidade da liturgia, a compenetração dos sacerdotes, a música magnífica e o canto arrebatador do coro – o que exerce influência sobre a imaginação e prepondera sobre os espíritos, que muito tempo peregrinaram nos labirintos dum filósofo, à qual se sacrificava toda crença positiva. Em troca, querem que a inteligência seja o débil fio que conduza ao entendimento e à luz. Julga-se caminhar ao seu encontro, mas quanto mais próximo parece que estamos, mais ela brilha.

Confesso espontaneamente que o culto da Igreja Católica sempre atrai minha imaginação, meus gostos e meus sentidos. Na fria Alemanha, essa influência não consegue tornar-se preponderante com facilidade; mas, no Brasil, o Catolicismo mostra-se no apogeu, com a natureza e a vida em seu favor, reunindo tudo para despertar uma sensibilidade de mais firmeza do que da razão, pela qual, em fim, a crença retomou os seus primitivos direitos.

Todas as instituições costumam possuir um valor relativo, independente de seu valor intrínseco. Observando-se deste ponto de vista, parece que a religião católica é muito adequada a este clima e a este povo. Os portugueses sempre se julgaram os melhores cristãos, apesar da forte mistura de judaísmo de que frequentemente os acusam seus vizinhos, os espanhóis, e, segundo me parece, com toda a razão. Os reis portugueses consideram seu reinado quase como uma investida direta de Jesus Cristo, até introduzindo os seus símbolos no brasão nacional, conforme canta Camões:

“Ve de-o no vosso escudo, que presente  
Vos amos tra a vitória já passada,

Na qual vos deu por armas e de i xou  
As que ele para si na Cruz tomou."<sup>1</sup>

Considerava-se a religião negócio do Estado com que lucravam os reis, pois sabiam desviar sobre suas pessoas parte da fanática deificação a um ignoto Ente Supremo. Eram, no dizer de Camões, rebentos:

"D'ua árvo re de Cristo mais amada  
que ne nhua nas cida no Ocidente."<sup>2</sup>

---

1 *Lusiadas*, Canto I, Estrofe VII.

"O brasão português consta de cinco placas postas em cruz, cada uma com cinco moedas também em cruz, que significam, contando-se a placa do centro duas vezes, os 30 dinheiros pelos quais Cristo foi vendido. O brasão foi escolhido por Afonso I, quando eleito Rei depois da vitória de Ourique. Antes da mesma batalha, ele tivera a visão de um Crucifixo, ao qual o brasão se refere, como também aos cinco reis mouros que ali venceu."

Até aqui a nota do autor do livro. Fez má e errada descrição heráldica do escudo português, seguindo a lição camoniana do Canto III, estrofes LIII e LIV:

"Já fica vencedor o Lusitano,  
Recolhendo os troféus e presa rica:  
Desbaratado e roto o Mouro-Hispano,  
Três dias o grã Rei no campo fica.  
Aqui pinta no branco escudo ufano,  
Que agora esta vitória certifica,  
Cinco escudos azuis esclarecidos,  
Em sinal destes cinco reis vencidos.  
  
"E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros, por que Deus fora vendido,  
Escrevendo a memória em vária tinta  
D'Aquele de quem foi favorecido:  
Em cada um dos cinco, cinco pontas,  
Porque assi fica o número comprido,  
Contando duas vezes o do meio  
Dos cinco azuis, que em cruz pontado veio"

Antes, na estrofe XLV do mesmo canto, o poeta pintava o milagre de Ourique, precedendo a vitória que determinara a escolha dessas armas:

"A matutina luz serena e fria,  
As estrelas do pólo já apontava,  
Quando na Cruz o Filho de Maria  
Amostrando-se a Afonso o animava.  
Ele adorando quem lhe aparecia,  
Na fé todo inflamado, assi gritava:  
- Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,  
E não a mi que crio o que podeis!"

Em nota, na *A Chave dos Lusiadas*, José Agostinho escreve: "As armas do Condado de Portugal eram um escudo que tinha uma cruz azul em fundo branco.

"Afonso Henriques modificou-as, ficando elas com cinco escudos em cruz, representativos dos cinco reis mouros e das cinco chagas de Cristo, e nos cinco escudos, contando duas vezes o que fica no meio, ficaram representados os 30 dinheiros que Judas recebeu por vender Jesus Cristo."

As verdadeiras palavras heráldicas para indicar essas placas ou escudos e esses dinheiros são, para os primeiros, *escudetes*, para os segundos, *besantes*. A bordadura vermelha carregada de castelos de ouro, cujo número variou pelo tempo até fixar-se em sete, não representa os Algarves, pensam alguns heraldistas, e sim Espanha ligada a Portugal por casamento. Todavia, oficialmente, a Carta Régia de 13 de maio de 1816, que deu armas ao Reino do Brasil, declara a bordadura vermelha carregada de castelos de ouro como sendo dos Algarves.

2 *Lusiadas*, Canto I, estrofe VII.



Daí demonstrarem ao Rei respeito quase religioso, muito diverso, porém, da devoção com que príncipes e povos oferecem o culto ao Entesupremo. Assim, contentinaua a ser no Brasil. Quando o sacerdote se dirige ao altar, faz ligeira reverência ao passar pelo trono imperial, mas se ajoelha com tritonos de graus da quele. Até os santos não recebem o mesmo tratamento. A uns se rendem mais honras; a outros, menos. Entre eles próprios, não são raras as disputas de preeminência, defendendo cada igreja a pretensão do seu padroeiro.

Referi-me há pouco ao brasão do Salvador. Como talvez nenhum dos leitores o conhece, embora entre eles haja heraldistas, descrevê-lo-ei como se acha pintado na igreja do Carmo, no Rio de Janeiro: três montanhas verdes num simples escudo de ouro, tendo a do centro uma cruz preta. Como timbre, uma grinalda de estrelas e uma coroa de espinhos entrelaçadas, com a divisa: *Decus Carmelis*.<sup>3</sup>

Eis o brasão do Salvador do Mundo.<sup>4</sup>

Há muitos brasileiros que usam o nome de Jesus Cristo com seus xarás: Fulano de Jesus ou de Jesus Cristo. Outros se apresentam com diversos apelidos de caráter religioso, como: do Coração de Jesus, do Espírito Santo, da Santa Família, da Conceição, Chaves,<sup>5</sup> Cruz, etc.

3 O ornato ou ornamento do Carmo. Nas publicações da Irmandade do Carmo, as palavras latinas vêm às vezes erradas: *Decur Carmeli*. O autor transcreve-as certas.

4 Nunca foi o Brasão do Salvador do Mundo. É o brasão da Ordem do Carmo. As montanhas representam o Monte Carmelo ou Monte de Santo Elias, Djebel-Mar-Elias, onde outrora se adorava a divindade pagã chamada Carmelo, à qual sacrificou o Imperador Vespasiano. Destaca-se no planalto montanhoso da Samaria e foi morada de eremitas e monges, nos primeiros tempos do Cristianismo. Edificou-se ali um convento e uma igreja sob a invocação de Santo Elias.

Houve sete Ordens do Carmo ou do Monte Carmelo:

1 – Ordem dos Carmelitas Mendicantes, na Síria, no século XII.

2 – A Congregação de Nossa Senhora do Monte Carmelo, fundada canonicamente por Xisto IV em 1447 e reformada pelo Padre Emiliano Jacomelli em 1678, para cuidar de enfermos e do ensino das crianças.

3 – As religiosas Penitentes do Monte Carmelo, ordem fundada por Antônio Simão Cell e aprovada pelo Papa Alexandre II em 1662.

4 – Ordem Militar dos Cavaleiros de Nossa Senhora do Monte Carmelo, instituída em 1606 por Henrique IV de França, reunida à de S. Lázaro em 1608.

5 – Confraria do Monte Carmelo, dedicada a propagar a devoção do escapulário.

6 – A Ordem das Carmelitas fundada em 1451 por João Soreth, geral dos carmelitas, aprovada pelo Papa Nicolau V e reformada por Santa Teresa em 1562 sob o nome de Carmelitas Descalças.

7 – A Ordem dos Carmelitas ou do Carmo, fundada pelo cruzado calabrés Bertoldo, que, em cumprimento dum voto numa batalha, se retirou nas ruínas dum mosteiro estabelecido no Monte Carmelo, sob a invocação de Nossa Senhora, no ano de 400, antes da invasão árabe, com os frades submetidos à rega de S. Basílio. Os primeiros estatutos dessa Ordem, redigidos por Alberto de Verceil, Patriarca de Jerusalém, foram aprovados em 1425 pelo Papa Inocêncio IV.

5 Chaves é como está no texto. Em alemão: *Schlüssel*. No entanto, parece que houve equívoco do autor, devendo ser Chagas, pois Chaves não tem *caráter religioso*.

Os americanos do sul foram facilmente convertidos ao Cristianismo. Também os negros, que são marcados a fogo com uma cruz no peito, se orgulham tanto dessas marcas quanto os cavalheiros europeus de suas condecorações. A gente rude sente-se atraída pelo brilho externo do culto. No Brasil, nunca se empregaram medidas coercitivas para converter os primitivos habitantes. Logo que chegaram ao alcance da civilização, eles aderiram à sua religião de motu próprio. A idéia dum Deus morto na cruz para salvação do mundo, dum Virgem-Mãe e dum Céu cheio de santos alimentava abundantemente sua imaginação inclinada ao maravilhoso. A natureza por sua vez favorecia a crença em milagres. Nas pedras e nas árvores, encontravam-se imagens de Maria expostas como objetos de veneração. Até na banana, que serve de alimento diário, se mostra a figura do Salvador crucificado. De fato, no corte transversal desse fruto se vêem traços com tal semelhança de uma cruz que surpreendem os próprios naturalistas.

Até bem pouco tempo, não eram raros prodígios e milagres no Brasil. Todas as igrejas e todos os conventos os conservavam eternizados em inúmeros quadros votivos. Na via os açoitabar, que a mão forte de Santo Antônio arranca dentre os cachopos, mortos ressuscitados pela aparição dum anjo ou por uma prece fervorosa, aleijado e cegos curados ao lhes tocarem piedosos sacerdotes, são os motivos dessas pinturas sem arte. Ao pé deles, penduram-se pedaços de membros de toda a espécie, pernas, cabeças e mais ainda, tudo muito bem feito em cera, como gratal branquinhos dos dentes curados pela fé.<sup>6</sup>

Se é inegável a existência dessa força, se o espírito por intermédio de uma única idéia é capaz de atuar no corpo de tal modo que cure enfermiços e até vença a morte, acho muito digno de louvor que a Igreja Católica se esforce por despertar e fortalecer a fé. Mas, para isso, é necessário que o povo também tenha uma imaginação excitável. No Norte,<sup>7</sup> mais frio, a crença em milagres raramente se provoca.

---

6 Ex-votos. Em qualquer das igrejas brasileiras, cujos oragos têm renome em matéria de milagres, como por exemplo Nossa Senhora de Nazaré de Belém, S. Francisco das Chagas de Canidé, no Ceará, Senhor do Bonfim, na Bahia, vêem-se hoje as mesmas coisas que o autor assinala.

7 O Norte a que o autor sempre se refere é o Setentrão europeu, no qual inclui sua pátria, a Alemanha.

Embora a fé não cure todas as doenças, alivia pelo menos imensamente os derramamentos dos que a conservam. O brasileiro, sendo medroso, morre com a maior calma, suporta a pobreza e a miséria sem se suicidar, porém quando chega a última hora, quer velas acesas, o padre perto e os cânticos ecoando. Então, junta as mãos e fala em Deus, convencido que o Santo Sinal da Cruz e algumas gotas de óleo são um passaporte para o Céu.

Esta observação pode ser feita principalmente por ocasião das execuções, que, no Rio de Janeiro, são bastantes frequentes. Quando ali cheguei, eram justicadas as últimas vítimas da revolução de Pernambuco,<sup>8</sup> homens que não foram embalados no berço com a visão do patíbulo. Mais tarde, vi brancos e pretos pendurados da forca. Em todos, o medo da morte foi pouco visível na compunção ou contrição de tal momento, mais recomendável que a orgulhosa ostentação do inglês ao ser enforcado.

Não se toma muito a sério o jejum no Brasil e diversas resoluções papais concedem nesse ponto grandes liberdades aos católicos americanos. O toucinho salgado e a carne-seca, por exemplo, fazem parte da alimentação quaresmal e, em caso de necessidade, cada um pode comer o que tiver, sem cometer pecado.

Pelo art. 5<sup>o</sup> da Constituição, é permitida a celebração do culto de todos os credos, não devendo, contudo, os edifícios para esse fim terem feitiço de igrejas. A Religião Católica Apostólica Romana é oficial no Império. As outras são simplesmente toleradas.

Na capital, de todas as seitas protestantes, os anglicanos são os únicos que possuem uma capela muito bonita e de muito gosto. Nas colônias, há alguns padres protestantes: Sauerbrunn em Nova Friburgo<sup>9</sup>

8 A Revolução de 1824. O autor refere-se às execuções dos revolucionários aprisionados a bordo de navios, que levavam socorros de Pernambuco aos insurgentes da Alagoas, e mandados para o Rio de Janeiro, onde foram enforcados ao meio-dia de 17 de março de 1825, no Largo da Prainha: Joaquim da Silva Loureiro e os aventureiros estrangeiros Guilherme Ratcliff e João Metrovich.

9 Em 1818, o governo do Cantão de Friburgo, na Suíça, solicitou oficialmente do Rei D. João VI a fundação de uma colônia dos seus naturais no Brasil. A 16 de maio do mesmo ano, saía a lume do Rio de Janeiro o Decreto aprovando as condições para a criação dessa colônia agrícola na Real Fazenda do Morro Queimado. Em virtude desse entendimento, vieram através da Holanda as primeiras levas de colonos.

Por Decreto Real de 3 de março de 1820, a colônia do Morro Queimado recebeu o predicamento de vila com o nome de Nova Friburgo. Quoy, que lá esteve, elogiava a ação do Inspetor de Colônias no tempo, monsenhor Pedro Malheiros de Miranda, já anteriormente citado.

A colonização suíça fora motivada pela fome que reinou na Confederação Helvética de 1816 a 1817. O agente Nicolau Sebastião Gachet, de Gruyère, no Cantão de Friburgo, entrou em entendimentos com a Legação de Portugal em Paris, a qual comunicou o fato a D. João VI. Este se prontificou a facilitar aos colonos terras, gados, sementes e cem francos de auxílio para início de vida, em Cantagalo ou Canta-Galo, como então se escrevia, na Província Fluminense. A primeira leva que veio foi de 300. Depois, em 1819, chegaram 1.682 de 2.000 partidos através da Holanda. Em 1822, vieram 1.300. Em 1841, 750. Alguns preferiram ser soldados nos batalhões mercenários de granadeiros.

e Bauer em S. Leopoldo, ambos pagos pelo Governo, mais ou menos no mesmo pé que os padres sem paróquia, com o estipêndio de 600 mil-réis, aproximadamente 900 táleres.

Como não são possíveis atritos religiosos entre os protestantes de várias seitas, de vi do ao seu pe que no nú me ro, os mi nis tros das con fessões toleradas tomam a resolução ajuizada de se adaptarem exteriormente o mais pos sí vel à que la que pre pon de ra. Obser va-se ne les, em ver da de, a mes ma elegância espiritual com que se distingue o clero católico superior. Um dia, na cerimônia do beija-mão, quando um pastor britânico em elegante sotaina subia a escadaria do Paço, um oficial da Marinha Brasileira, de pé jun to a mim, dis se-me com irô ni co sor ri so: – “Olhe o pa dre in glês! A ú ni ca di fe ren ça que vejo en tre ele e os nos sos é que tem mu lher pró pria, en quan to os nos sos se ar ran jam com as fi lhas dos ou tros...”

Os ministros evangélicos nas Províncias fazem praça do mau costume, próprio do seus colegas europeus, de nunca se sentirem satisfeitos, pedinchando continuamente melhoria de posição. Como o Inspetor das Colônias também é padre católico, Monsenhor Miranda, é ridícula a alegação nas petições que lhe enviam de não poderem sustentar com seus ordenados grande número de filhos. No mais, vivem livres como pássaros nas florestas, não existindo para fiscalizar seu procedimento nenhum consistório<sup>10</sup> protestante, nem qualquer outra autoridade clerical.

Há bem poucos judeus no Rio de Janeiro. A casa judaica mais respeitável é a de Samuel Philipps, parente próximo de Rotschild.<sup>11</sup> Desta forma, a árvore dos circuncidados lança raízes ao solo neste e no outro lado do oceano, produzindo como frutos inúmeros saques, aos qua is já se de mons tra um cul to idó la tra no mun do inteiro.

10 Assim se chama a assembléia de Bispos protestantes duma Igreja ou Seita, que resolve seus negócios ou a dirige.

11 O chefe da firma, Josué Samuel ou Samuel Philipps, servia de intermediário das remessas de fundos do Governo Imperial para Londres. Em 1831, ao abdicar e retirar-se para a Europa, D. Pedro I deixou-o como seu procurador no Rio de Janeiro. Alberto Rangel publica uma carta interessante de Samuel Philipps & Cia. à Marquesa de Santos, que estava em mãos do Capitão José Leite da Costa Sobrinho. Com Samuel Philipps foi contratado em 1839 um empréstimo, conhecido na nossa história financeira sob o nome de o *Ruimosa* no valor de 312.500 libras, das quais, descontadas as comissões e propinas, o Governo Imperial só recebeu 237.500. Ao câmbio da época custaram-nos esses 3.600 contos, com os juros, 10.000. Por morte de D. Pedro em 1834, Samuel Philipps foi procurador de sua viúva D. Amélia de Leuchtenberg. Pouco antes da Maioridade de D. Pedro II, o Senador e Ministro Bernardo de Vasconcelos era acusado de intimidades com esse banqueiro, de cuja carruagem se servia. O autor revela o que ainda não fora dito pelos historiadores e cronistas que se têm referido a esse israelita, que era primo de Rotschild. O primeiro empréstimo do Império foi feito com este e outros banqueiros londrinos, autorizado pelo Decreto de 24 de janeiro de 1824. Serviram de negociadores os futuros Marqueses de Barbacena e Itabaiana. Dividido em duas partes, a 2ª foi lançada a 12 de janeiro de 1825, um ano após a primeira. O Ministro da Fazenda, Marquês de Baependi, calculava que ele dera ao Brasil um prejuízo de 1.900.000 cruzados, isto é, 760 contos ou 760.000 cruzeiros, sem contar as comissões, percentagens e juros.

O Rio de Janeiro possui umas quarenta igrejas, quase todas construídas com estilo e bom gosto. Internamente, parecem-se muito umas com as outras. Afetam duas formas principais: rotundas e em cruz,<sup>12</sup> com vastas naves bem ventiladas sem bancos nem cadeiras. Ao fundo, em frente à porta principal, o altar-mor. De ambos os lados, geralmente, quatro a seis altares menores. Poucas têm camarotes e tribunas para os ouvintes. Estes se ajuntam na nave, os homens de pé, as mulheres sentadas nos degraus dos altares ou, de pernas dobradas, no próprio chão. Durante a missa, se a aglomeração o permitir, todos se ajoelham.

Raras vezes há sermões e muitas igrejas nem sequer têm púlpitos; mas, se há necessidade, ergue-se um ao meio da nave. Em quase todas, ouve-se boa música. Em nenhuma, se encontram boas pinturas. Nas mais antigas, vêem-se admiráveis obras de talha em madeira e suntuosas douraduras. Nas grandes festas, expõem-se todas as riquezas do templo: cruces e imagens de prata maciça cravejadas de diamantes e outras pedras preciosas; vasos de prata e ouro; grande cópia de colchas riquíssimas cobrindo os altares e as paredes. Então, dia e noite ardem incensivos círios, o chão se recama de flores, o incenso bóia no ar e uma música celestial soa no coro.

Nesses dias, o Santo Padroeiro da igreja se apresenta com todo o esplendor e, como quase todas as irmandades possuem grandes rendimentos, trava-se entre elas uma competição tal que, não raro, dá lugar a verdadeiros banjamentos. Entre estes, contos fogos de vista, durante o dia, infalíveis em semelhantes festejos. Centenas de tiros de peça e de foguetes anunciam o misterioso momento em que o sacramento se traça. A gradeira Hóstia à multidão reunida. Esse gesto de polvorada às festas de igreja um aspecto militar, aumentado ainda pela presença dos soldados. A ruída marcha batida misturase aos amenos sons da música do coro, o retinir das espingardas acompanham as solenes orações

12 O tipo clássico da igreja em rotunda no Rio de Janeiro era a de S. Pedro, na rua do mesmo nome, antiga Rua do Carneiro, agora retirada para a abertura de grande via pública. Foi a primeira assim construída no Brasil. A Irmandade de S. Pedro nasceu na igreja de S. José. Em 1732, o Padre Francisco Barreto de Meneses doou-lhe o chão para levantar seu templo na Rua do Carneiro, que, depois, se chamou de S. Pedro e antes teve os seguintes nomes: Caminho da Forca e Rua de Antônio Vaz Viçoso. O arquiteto dessa obra singular foi o Tenente-Coronel José Cardoso Ramalho. A primeira pedra foi lançada pelo Bispo Guadalupe.

Além das igrejas católicas, havia no Rio, nesse tempo, um único templo protestante, consagrado a S. Jorge e S. João, começado a construir a 12 de agosto de 1819 e cuja pedra fundamental foi lançada a 12 de agosto de 1820, no pátio da Casa do Bispo Castelo Branco, Largo da Mãe do Bispo, no local onde ainda existe.

dos padres, formando essa mescla de cerimônias mundanas e religiosas um conjunto verdadeiramente sublime.

A Capela Imperial foi construída em estilo nobre.<sup>13</sup> Sua situação no Largo do Paço, o bom gosto da fachada singela, a alvura brilhante das paredes e a cruz de ouro no frontispício, tão leve e transparente que parece flu tu ar nos ares, tudo isso faz dessa igreja um dos mais belos edifícios da cidade. A decoração interna é muito rica. A tribuna do Imperador fica ao lado do altar-mor. Nas ocasiões festivas, junto da poltrona do Bispo colocam um trono mais alto do que ela, para o soberano, onde ele fica, sem companhia. O quadro do altar é um dos melhores que há no Rio de Janeiro. Representa a Virgem Maria carregada pelos anjos entre as nuvens. A seus pés vê-se a Família Real. Foi pintado por José Leandro e é nele digna de admiração a semelhança dos rostos com os originais, sendo todos os retratos fiéis.<sup>14</sup> O Imperador não é reconhecível entre eles por ser ainda menino. Outro quadro representando a Ceia do Senhor, existente numa capela lateral, é pouco mais do que me dá cre.

A música na Capela Imperial é excelente. As partes do *tiple*<sup>15</sup> são cantadas por castrados, entre os quais Fasciotti sobressai pela pureza e força da voz.<sup>16</sup> A orquestra é bem dirigida; mas, como se admitem músicos inferiores, e acompanhamento instrumental fica muito abaixo

13 A primeira pedra foi lançada pelos frades carmelitas em 1761 no local da antiga capela de Nossa Senhora do Ó. Ornada de talha dourada em 1785 por mestre Inácio.

14 José Leandro de Carvalho, discípulo de Manuel Patola, Leandro Joaquim e Raimundo da Costa e Silva. Nasceu no último quartel do século XVIII, em Magé, segundo Araújo Porto Alegre; no Rio, segundo o Barão do Rio Branco. De filiação também duvidosa. Foi o mais fiel retratista de D. João VI, como Príncipe Regente e como Rei. Decorou toda a Capela Real, depois Imperial. O painel do altar a que se refere o autor teve fama. Em 1831, por ocasião da abdicação de D. Pedro I, o povo, insuflado pelos mutinos, quis destruí-lo. Para salvá-lo, o próprio José Leandro brochou-o com uma tinta a cola, depois de Debret se ter negado a brochá-lo. Em 1860, levaram-no para a Escola Nacional de Belas-Artes. Em 1888, José Caetano Ribeiro removeu a cola e restaurou toda a pintura. O quadro desapareceu, depois, inexplicavelmente.

José Leandro ganhou a feitura desse painel do altar-mor, em concurso com o pintor italiano Argenzio. Nele se viam o Rei e a Rainha de joelhos ante Nossa Senhora do Monte Carmelo sentada no trono entre nuvens e anjos que os abençoava. Os Príncipes D. Pedro e D. Miguel apareciam, conduzidos pelas mãos do seu anjo da guarda. Foi a maior composição pitórica feita no Brasil naquele tempo.

15 *Tiple* ou voz de soprano.

16 Os castrados da Capela Real e depois Imperial eram, como os da Capela Sistina, italianos e vieram para o Brasil com D. João. A. P. D. G., autor inglês, nos seus *Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume and Character*, publicados em Londres em 1826, diz textualmente: "I never attended a soirée at Rio without seeing at in one or two of these *castrati*". Isto é: nunca freqüentei um serão no Rio que não visse um ou dois castrados. O mesmo autor nos dá uma gravura com um deles cantando.

Os mais notáveis castrados trazidos pelo Príncipe Regente e que cantavam no Rio de Janeiro eram Tomassini, Bartolozzi e Fasciotti. Este último tinha uma irmã de ótima voz, a prima-dona Maria Teresa. Ele chamava-se João Francisco Fasciotti e sua voz mereceu os maiores gabos dos contemporâneos. Moreira de Azevedo diz que ele foi protagonista da ópera *Tancredi* e se refere a um seu irmão, que fazia o papel de solatenor. Von Schaffer fala também nos *castrati*

dos solos e do canto. É regida à maneira italiana. O chefe da orquestra bate o com pas so com toda a for ça nas pal mas das mãos, o que ao princípio in co mo da e só aco su ma com o tem po.

Nas grandes solenidades, a Guarda Imperial dos Archeiros<sup>17</sup> forma um qua dra do na igreja, emol du ran do a Cor te, o Se na do da Câ ma ra e os Cavaleiros da Ordem de Cristo. O resto do templo se enche de gente sem diferenças hierárquicas. O Imperador senta-se no trono, ao pé do altar-mor. Junto dele, o Bispo. Em frente, os Cônegos da Capela Imperial. Se a Imperatriz comparece, fica só ou em companhia da filha, a Princesa Maria da Glória, na tribuna im pe ri al. Uma ou duas da mas da Cor te ocu pam uma tri bu na ma i or ao lado.

Da par te de fora, dá guar da de hon ra um ba ta lhão de in fan ta ria. Em tais dias, guarnecem-se as paredes da igreja até o teto com seda vermelha agaloadada de ouro e prata, e cobrem-se frisas e capitéis com crepeprateado, o que dá ao edifício uma le ve za, como se fos se fi a do de ar e véus delicadíssimos. A des pe i to da cla ri da de do sol tro pi cal, se is cer tas ve las de cera ilu mi nam aque le âm bi to so ber bo.

Du ran te a mis sa ce le bra da com toda a pom pa da li tur gia ca tó li ca, sal vam as for ta le zas e os na vi os de guer ra sur tos no por to, a guar da de hon ra dá trí pli ce des car ga de pe lo tão e que i ma-se no adro es plên di do fogo de vista, do qual quase nada se vê. Então, um Cônego da Capela Imperial sobe ao púlpito de sotaina roxa coberta pelo rendado roquete branco, com a placa da Ordem de Cristo a resplandecer no peito, e faz um curto sermão, geralmente com tal entusiasmo e elegância que não será fácil ouvir na Europa coisa melhor em matéria de eloquência sagrada. Sua oração parece intencional e exclusivamente endereçada ao Monarca, a quem se dirige com este único título: Augusto Senhor. Se a prédica agra da ao Impe ra dor, ele a ouve com a ma i or aten ção. Se, porém, escapa ao orador uma expressão que desagrada a Sua Majestade, aca-

17 Antiga Guarda Real dos Archeiros trazida pelo Príncipe Regente D. João para o Brasil. Dava serviço interno na moradia do soberano, guardando as portas dos aposentos. Foi reorganizada em 1808, constando de 30 soldados e 1 capitão. Acompanhava o soberano nas solenidades. Seu uniforme era vermelho com galões azuis e dourados. O Decreto Imperial de 18 de junho de 1823 reformou o seu quadro, que passou a ser constituído com 40 guardas efetivos, 20 honorários e 1 capitão. O uniforme foi verde com galões amarelos, semeados de brasões imperiais. Os soldados armavam-se de espadins e alabardas. O capitão trazia, além da espada, uma partasana curta, córsega. A Guarda de Archeiros durou até a República. Marchava com dois tambores ornados de prata e dois clarins deste metal. O Museu Histórico possui grande número de suas alabardas, os tambores, um dos clarins e a partasana do oficial. Os archeiros usavam calções, meias até os joelhos, sapatos de entrada baixa e chapéu de pasta emplumado.

*Por ta la te ral da igre ja do Car mo, dan do so bre o beco dos Bar be i ros.  
Obra-prima de arte ba rro ca atri buí da a Mes tre Va len tim. Encer ra  
a gra ça do sécu lo XVIII.*

Duma água-forte de Wam bach



bou-se a sua devoção. O Imperador jamais esconde sua suscetibilidade e, nessas ocasiões, vira as costas para o pregador, pigarreia, brinca com o sabre e, por ou trossi na is inequí vo cos, de monstra seu abor re ci men to. Graças, no entanto, à franqueza e destemor do clero brasileiro, os pregadores lhe fazem ou vir co i sas que, cer ca do por uma cor te es cra vi zada, só assim po de riasaber.

Uma vez por ano, o Imperador costuma ouvir missa no convento franciscano de Santo Antônio, almoçando, depois, com os veneráveis monges que possuem tão bons cozinheiros como ora dores sacros.<sup>18</sup> Num desses dias, rotundo frade subiu ao púlpito e fez um sermão recheado de referências à situação política do Brasil. Disse, en tre ou tras co i sas, que S. Fran cis co não era so men te ho mem piedoso e verdadeiro sacerdote do Cristo; mas também fino diplomata que conhecia todos os segredos dos gabinetes e desembaralhava todos os negócios dos reis; financista sábio e honesto que conseguia arranjar dinheiro, quan do to das as ca i xas se acha vam va zi as e o pró prio mi nis tro da Fazenda andava de cabelos em pé; e valente cabo de guerra com quem aprendiam todos os generais do seu tempo. A carreira militar vivida muitos anos, combinada com a contemplação religiosa for ma um critério capaz de tomar, em qualquer situação, sempre as mais ade quadas providências, de tal modo que ve mos mu i tas ve zes tais ho mens influ in do mi la gro sa men te so bre o Prín ci pe e o povo. O Esta do Ro ma no es ta va pres tes a su cum bir pela ili mi ta da cor rup ção ge ral, o fa na tis mo e a hi po cri sia do mi na vam o cle ro e a pró pria Igre ja es tre me cia em seus fundamentos. S. Francisco restabeleceu sua antiga simplicidade patriarcal. O edifício do Estado ameaçava ruir, não sendo suficiente para susten-

18 A 22 de fevereiro de 1592, foi doado aos frades franciscanos a antiga ermida de Santa Luzia. Dela eles se transferiram para o morro de Crispim da Costa, onde levantaram o convento de Santo Antônio, passando o morro a ter esse nome. A 20 de fevereiro de 1607, chegou ao Rio uma leva de franciscanos, quatro capuchos da Província da Conceição, chefiados por Frei Leandro de Jesus. Entre esses monges se achava Frei Vicente do Salvador, autor da primeira *História do Brasil*. A igreja de Santo Antônio ficou terminada em 1616. Ao pé do morro, nos lugares ocupados atualmente pelo Largo da Carioca e pela Rua 13 de Maio, antiga da Guarda Velha, havia uma lagoa chamada de Crispim da Costa e, após, de Santo Antônio. Ainda em 1711, quando das invasões francesas, a lagoa existia. Posteriormente foi aterrada e o local do Largo da Carioca tomou o nome de Campo de Santo Antônio.

A primeira missa dita na igreja de Santo Antônio foi a 8 de fevereiro de 1615, não estando a construção terminada. Rio Branco considera o Convento de Santo Antônio um "ninho de oradores". É o que diz o autor. Entre eles, os mais notáveis foram Antônio de Santa Úrsula Rodovalho, Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, Francisco de Montalverne e Francisco de S. Carlos. Macedo escreve: "A tribuna sagrada no Brasil estava em tão elevada altura que D. João VI, ao ouvir os oradores da época, ficou maravilhado. Costumava mesmo dizer que "possuía no Rio uma tal seleção de pregadores, que não permitia lembrar os que deixara em Portugal".

tá-lo somente o socorro secular. Então, o Imperador se dirigiu a S. Francisco. E que dissesse, Gênio Sublice, ao teu Imperador? Que palavras dignas de consideração pronunciaste? Continuou o pregador, dirigindo-se à imagem do santo no nicho do altar fronteiro ao púlpito.

Depois de pequena pausa, como se a própria imagem tivesse respondido à pergunta, disse: – “Calas-te e não respondes, porque tua imagem diante de mim é apenas um vulto consagrado à tua memória. Tu mesmo, teu espírito acha-se rodeado de Serafins junto ao trono do Altíssimo. Eu, porém, meus irmãos, vos direi a resposta dada pelo Santo ao Imperador.”

Infelizmente, não entendi o que o frade disse, mas vi claramente D. Pedro rir sob o pálio, depois, de repente, em palidez e levantar-se enraivecido. O franciscano não se deixou impressionar por esses evidentes indícios do desagravo imperial e continuou a falar com dignidade: – “Tu, Altíssimo Senhor, perdoar-nos-á a nós, fracos mortais, assoçarmos a imagem do Santo à Tua, nestelugar consagrado à Tua Adoração, porque nele é a Ti que adoramos, pois foi uma fagulha de teu Celestial Espírito que iluminou esse homem. Que seu gênio governe este novo Império. O Brasil é um país imenso que precisa dum espírito tolerante para conservar e fortalecer sua jovem independência. Sem unidade, em breve se desmembrará e, então, se desfará em Repúblicas isoladas, em Estados dispersos a que não mais ligará um amor fraterno. Então, o Brasil que se apresenta sublice de mocidade e grandeza deixará de existir!”<sup>19</sup>

Por esta amostra da eloquência do púlpito brasileiro, o generoso leitor poderá inferir mais ou menos até que ponto a ofuscante luz das idéias políticas penetrou no íntimo do clero. Que felicidade seria viver num país, onde semelhantes verdades podem ser articuladas por um sacerdote, em local sagrado e em face do imperante, se inúmeras prisões arbitrárias, destituições e execuções, o império geral da desconfiança, as intrigas e chicanas de toda a sorte forçam o observador atento a convir que o projeto de excelente Constituição destinada ao Brasil é um

---

19 A quem atribuir o sermão, cujos trechos o autor transcreve, declarando-se testemunha dele? Presumivelmente a um dos dois grandes oradores sacros do Convento de Santo Antônio: Frei Francisco de S. Carlos, nascido a 13 de agosto de 1763 e falecido a 6 de maio de 1829, ou Frei Francisco de Montalverne, nascido a 9 de agosto de 1784 e falecido a 19 de outubro de 1854.

em brião que nunca verá a luz do dia, com um Imperador mais disposto a ser Augusto ou Tibério do que um dos dois Cipões!<sup>20</sup>

Geralmente, os discursos feitos em presença do Imperador são impressos. O sermão de Frei Francisco de Paula<sup>21</sup> não o foi. Chama-se a isso no Brasil liberdade de imprensa. Contarei mais tarde outro exemplo de liberdade.

Após a missa, o Monarca almoçava com os franciscanos numa mesa de 50 talheres muito bem servida. A finura da toalha enfeitada de largas rendas e o esplendor da prataria excediam tudo o que tenho visto no gênero em mesas principescas. As comidas eram preparadas por 16 cozinheiros e servidas pelos noviços. As sobras alimentavam milhares de pessoas. É nisto que reside a beleza das organizações conventuais. Embora os excelentes monges de vez em quando levem boa vida, a pobreza vive durante os dias das migalhas de sua farofa mesa.

Os brilhantes talentos oratórios, pelos quais se distingue grande parte do clero brasileiro, são principalmente favorecidos por agradável constituição física e uma dignidade exterior própria da nação. Junte-se a isso o bom gosto no vestir e a pompa do ambiente, sem ao mesmo tempo esquecer nenhuma das artes que, na Europa protestante, são consideradas como incompatíveis com a santidade do objetivo religioso.

Na Sexta-Feira da Paixão, todas as igrejas se cobrem de preto, os altares, as alfaías de prata e ouro se envolvem em crepes, e toda a gente põe luto. De cinco em cinco minutos, as fortalezas e navios de guerra salvam com um tiro de canhão. Põem-se as bandeiras a meio pau e braceiam-se as vergas nos navios de guerra. Para onde quer que se volta o olhar, vêem-se sinais da mais profunda tristeza. No púlpito, o pregador descreve os sofrimentos de Nosso Senhor, com ênfase apropriada à santidade do assunto. Quando chega ao trecho: "Inclinou a cabeça e morreu!", tira-se o pano roxo que vela o altar-mor e vê-se Jesus Crucificado,

---

20 Outra profecia erradíssima. A Constituição outorgada em 1824 pelo Primeiro Imperador, à qual alude, com o simples acréscimo do Ato Adicional regeu admiravelmente os destinos do Brasil até 15 de novembro de 1889. O autor profetizava em 1825 e publicava a profecia em 1829. A Constituição, pois, durou no mínimo, desde essas datas, 69 anos!

21 Será Frei Francisco de S. Carlos?

tendo a seus pés a Virgem Maria e Madalena, suavemente iluminados. Toda a gente se ajoelha e o padre a todos exorta tão expressivamente à penitência, que homens e mulheres se debulham em lágrimas. Nunca vi comoção tão intensa nos templos dos países protestantes e só algumas vezes nos teatros, talvez em representação dum Eszlair ou dum Devrient.<sup>22</sup>

Nas grandes procissões, o próprio Imperador e as mais altas personalidades do Estado carregam o pálio, que cobre o Viático. A Corte, o Senado da Câmara e as diversas Ordens de Cavalaria se apresentam em riquíssimos uniformes de gala ou com belos trajes de corte, cobertos por um manto de crepe branco. Inúmeras irmandades, com multicoloridas opas de seda, abrem o cortejo levando seus estandartes e círios banhos. Juncam-se as ruas por onde transita a procissão de folhas verdes, e dos balcões pendem colchas bordadas e adamascadas. Todas as tropas da guarnição da capital se estendem em fila dos dois lados das ruas. Um coro de vozes magníficas envolve o Imperador e o Bispo que conduz o Santíssimo. Quando este se aproxima, as mulheres agitam os lenços nas sacadas e atiram flores sobre o pálio; as fileiras de soldados genuflexos põem as armas sobre o joelho esquerdo inclinadas para o chão e dão uma salva; as bandeiras se inclinam e as bandas de música tocam o Hino Imperial. Os espectadores tiram somente o chapéu, porque é muito raro haver espaço na multidão para poderem ajoelhar.

A pesar de toda a liberdade de consciência que se goza no Rio de Janeiro, vi o Imperador em pessoa mandar um inglês, que impensadamente conservava o chapéu na cabeça à passagem do Santíssimo, descobrir-se.

As salvas de artilharia marcaram o início e o fim da solenidade. Da fortaleza da Conceição<sup>23</sup> saiu ao encontro da procissão o Padroeiro

---

22 Fernando Esslair, célebre ator, nascido em Esseke em 1772 e falecido em Munique em 1840. Considerado o Talma alemão. Depois de representar nos principais teatros da Alemanha, dirigiu em 1814 o Teatro de Estugárdia. Seus melhores papéis eram nos dramas da vida burguesa, sobretudo os de Iffland.

Luis Devrient, famoso ator alemão, nascido em Berlim em 1784 e ali falecido em 1832. De família francesa. Teve retumbante êxito na capital prussiana, representando *Os Bandidos* de Schiller. Foi genial, idolo do público, o mais forte intérprete das obras de Schiller e Shakespeare aparecido na Alemanha. Não confundir com Filipe Eduardo Devrient, seu sobrinho, nascido em Berlim em 1801 e falecido em Carlsruhe em 1877, excelente barítono.

23 No morro da Conceição, dentro dos muros da antiga fortaleza, havia a igreja da Conceição pegada à moradia dos bispos. Não era, contudo, dela que costumava sair a imagem de S. Jorge, e sim da igreja de S. Gregório Garcia. A profissão de S. Jorge teve grande brilho durante todo o período monárquico e ainda hoje se realiza.

do Império, S. Jorge, montado a cavalo e seguido de uma música de janízaros<sup>24</sup> pre tos em vin te mu las en fe i ta das. Apesar de fe i to de ma deira, sua apa rên cia é bem vis to sa, re ves ti do de bri lhan te ar ma du ra, o ca pa ce te dourado cobrindo a loura cabeleira. Monta sofrivelmente. Ao tropejar dos canhões, a procissão regressa à capela Imperial, de cujo teto chovem sobre ela pétalas de rosas, ao som de belíssimas músicas, infelizmente pouco variadas, pois sem pre se re pe tem as mes mas.

No Brasil chamam-se dias santos aos dias de festa. O maior deles se deve à Rainha de Portugal. Foi talvez a única coisa boa que fez essa mul her in tri gan te e li bi di no sa du ran te sua per ma nên cia no Rio de Janeiro. Deu-se a essa festa o nome de Coração de Jesus e foi autorizada pelo Papa mediante um presente de 60 mil cruzados.<sup>25</sup> Pode ser com toda a ra zão cha ma da a Fes ta da Cor te, por que tudo o que des ta faz par te e das diversas dicasterias<sup>26</sup> é obrigado a comparecer, sob pena de pesada mul ta. As so le ni da des da Pa i xão, da Pás coa e do Na tal são mais na ci o na is. Nesses dias, os cariocas piedosos se embriagam num exagero de religio sidade que ul tra passa qual quer na ção eu ro péia a esse res pe i to.

24 S. Jorge não foi padroeiro do Brasil, nem de Portugal. Ali, o santo militar invocado nos combates era o apóstolo S. Tiago. Daí o grito de guerra *Santiago!* Os arqueiros ingleses em Aljubarrota trouxeram a voz de S. Jorge, Padroeiro da Inglaterra. E, de então por diante, nas guerras, os dois santos se defrontaram. Mas a padroeira de Portugal e do Brasil era Nossa Senhora da Conceição.

A música de S. Jorge a que alude o autor pode ser vista numa estampa de Debret, com seus figurantes negros vestidos de casimira branca e cobertos de chapéus desabados.

O autor chama essa música textualmente *Ianitscharen-musik*, expressão alemã que corresponde à francesa *musique de janissaires*. Assim se denominavam naquele tempo as músicas compostas somente de instrumentos de metal com bombo, tambores, triângulos e árvores de campainhas. Vinha-lhes o nome de serem assim constituídas as bandas de música da Guarda dos Sultões da Turquia conhecida pelo nome de Janízaros, de *Jeni-tcheri*, em turco, a Jovem Milícia. Organizada no século XIV por Arkhan-Ghazi com rapazes cristãos roubados e convertidos à religião muçumana, tinha seus quartéis em Brussa, na Anatólia. No século XVII, para aumentar seu número, admitiram-se nas suas fileiras os filhos dos janízaros. A Milícia chegou a ter 229 regimentos com um efetivo de 140 mil homens. Decadente na sua disciplina, passou a intervir nas lutas intestinas e tornou-se um perigo para o Império Otomano. O Sultão Mahmud aboliu-a sangrentamente em 1823. As tropas européias de infantaria imitaram esses famosos soldados turcos e deles copiaram suas primeiras bandas de música. Essa tradição oriental ainda se perpetua em instrumentos como as Árvores de Campainhas, que ostentam ornatos pendentes, feitos de caudas de cavalos, insignias tártaras e turcas, chamadas por esses povos *tongues* e *buntchuks*. No Brasil, as bandas de música só foram criadas para as unidades de infantes em 1802.

25 A devoção ao Santíssimo Coração de Jesus foi instituída pelo Padre Colombière, diretor espiritual de Margarida Maria Alacoque, religiosa do Convento da Visitação em Paray-le-Monial, França, em 1685. Em 1765, o Papa Clemente XIII permitiu fosse feita em todas as igrejas na 1ª sexta-feira seguinte à oitava da Festa do Santíssimo Sacramento. Quanto à Rainha D. Carlota Joaquina, o autor faz-se, infelizmente, eco das calúnias e protérvias de Presas e outros. A soma de 60 mil cruzados equivale a 24 contos de réis ou 24 mil cruzeiros. Se a permissão papal fora dada à festa do Coração de Jesus em *todas as igrejas* desde 1765, é claro que se não teria de pagar, para realizá-la, no Brasil. O autor veicula um simples boato.

26 Do grego *Dikasterion* de *Dikazein*, julgar. Assim se chamava em Atenas cada uma das dez seções do Tribunal dos Heliastas e os locais em que se reuniam. No antigo Reino de Nápoles ou das Duas Sicílias, certos tribunais tomaram esse nome. Por extensão, significa magistraturas. E nesse sentido que o autor emprega o termo.

As mais lindas crianças das mais distintas famílias acompanham a procissão vestidas de anjo e carregando os atributos da Crucificação. Será difícil ver coisa mais bela do que esses rostinhos pintados e rodeados por uma aureola osilante, essas madeixas abundantes cobertas de lantejoulas, essas roupagens irreais, com asas de filigrana dourada a prateada, e essas encantadoras figurinhas, que parecem voar. Nessa ocasião, nossos contrerrâneos alemães, os Granadeiros Imperiais aquartelados em S. Bento, representam um auto feito pelos frades, em que aparece com o Te trar ca, o Sumo Sa cer do te e os legionários romanos. Eles são imprescindíveis, tanto nas festas de igreja como no teatro, onde não se representa uma peça em que não sirvam de comparas.

O Sábado de Aleluia é considerado festa dos negros, dia do Santo do Diabo,<sup>27</sup> como chamam a Judas, cujo fim trági co re pre sen tam. Em todas as ruas, se erguem árvores com o traidor dependurado. Diante dele, vê-se o Demônio cavalgando um esboralhadoiro de forno.<sup>28</sup> Ao bater meio-dia, tocam fogo no demo, feito de fogos de artifício, que, crepitando horrivelmente, se atira sobre o Judas e o incendeia. Braços e pernas se pa ram-se do cor po, o qual, por fim, es tou ra e vai pe los ares entre a estrondosa gritaria da molecada. Repiques de sinos e descargas de artilharia anunciam o começo da festa da Ressurreição. A cidade que, du ran te o je jum, per de ra em par te sua ale gria, tor na a ale grar-se com ba ru lho das ma tra cas e tam bo res dos ne gros que des fi lam pe las ruas.<sup>29</sup>

A festa do Judas realiza-se com o mesmo luxo e brilho que a dos santos. Nas ruas mais aristocráticas, Judas apresenta-se ricamente vestido à oriental ou traja do como um dândi in glês,<sup>30</sup> sempre suspenso de alta ár vo re. Em fren te, o Di a bo com to dos os seus atri bu tos in fernais. Num coreto especialmente erigido para esse fim, a música acompanha sua morte trágica. Música, coreto, maquinaria e os fogos que recheiam

27 No texto, em português: *Santo do Diabo*. Necessariamente *do diabo*.

28 Espécie de grande vassoura com que se varre o borralho ou o brasido dos fornos.

29 O famoso *romper da Aleluia* dos nossos antigos costumes. Este trecho sobre o enforcamento e malhação do Judas nos tempos do Primeiro Reinado vale como precioso documento do nosso folclore. Aos tambores grandes os negros chamavam *caxambus*.

30 No primeiro terço do século XIX, um grupo de jovens da aristocracia inglesa que dava leis à moda em Londres, chefiado pelo famoso e elegantíssimo Jorge Brummel, tinha o nome de *dandies*, plural de *dandy*. Essa elegância discreta e fina, que influenciou a própria literatura e as artes, denominou-se *dandismo*.

os dois bonecos custam mais de mil táleres, fornecidos por meio de uma subscrição entre os moradores da rua.

Quase não subsistem mais no Rio de Janeiro as antigas mascaradas do tempo do Entrudo à Quaresma.<sup>31</sup> A única brincadeira que ainda se faz é atirar nas pessoas ovos de cera colorida, cheios de água perfumada. Esse lindo brinquedo dá azo muitas vezes a vinganças do ciúme, pois indivíduos malvados enchem tais ovos de água-forte, para queimar seus rivais.<sup>32</sup>

Entre os santos, é Santo Antônio de Lisboa o que goza de maior consideração. Festeja-se sua data de preferênciã com tiros de peça e fogos de artifício, provavelmente por ser generalíssimo em Portugal, onde durante séculos prestou relevantes serviços.<sup>33</sup> Nas noites de Santo Antônio, vale a pena contemplar a cidade de um de seus morros. Ela parece boiar num mar de fogo. Iluminam-se as ruas e praças com barrais de pez e fogueiras de lenha, as igrejas até o pináculo das torres com lâmpadas e, por entre a fumaceira, sobem a céu esplêndidos foguetes.<sup>34</sup>

Faz-se excessivo desperdício nos enterros. Levam as crianças mortas à igreja vestidas de anjos, com as caras pintadinhas e empoadas.<sup>35</sup> Os adultos são freqüentemente enterrados com hábitos de monge;<sup>36</sup> as altas personagens militares e civis, em traje da Ordem de Cristo, de capacete, botas e esporas. Em regra, os enterros são feitos à noite.<sup>37</sup> Cobrem o caixão de pano ou veludo preto, ricamente agalado de ouro. A tampa abre em duas metades. Na igreja, colocam-no aberto sobre uma eça. As pessoas que o acompanham e qualquer outra que se ache

31 No texto, em português: *Tempo do Entrudo*. Necessariamente do *Entrudo*.

32 Laranjinhas ou limões, feitos primeiramente de cera e mais tarde de borracha, cheios de água perfumosa ou colorida. O emprego de drogas perigosas por vingança obrigou a polícia a proibi-los.

33 Santo Antônio teve sempre altos postos militares em Portugal e outros países católicos da Europa, como a Áustria, por exemplo, invocado nos momentos de guerra e de perigo.

No Brasil, recebeu postos e honras militares na Bahia, Espírito Santo, Paraíba, Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Pernambuco. O seu padroado militar foi herdado de Portugal. No Rio de Janeiro, o Governador Francisco de Castro Moraes o promoveu a capitão, depois da vitória sobre os franceses da expedição de Duclerc. Em 1810, o Príncipe D. João o promoveu a sargento-mor ou major com 36 mil-réis de soldo por mês. Em 1814, foi promovido a tenente-coronel de Infantaria e recebeu a grã-cruz da Ordem de Cristo.

Um século mais tarde, em 1911, estribado num parecer do Sr. Rodrigo Otávio de Langaard Meneses, o Ministro da Guerra, General Dantas Barreto, arbitrariamente suspendeu o pagamento desse soldo, que se fazia regularmente através dum século.

34 Girândola, rojões e balões.

35 Esse costume, que foi geral no Brasil antigo, perdura ainda em alguns lugares do interior.

36 Outro costume, que ainda perdura, sobretudo para rapazinhos e moças: hábito de S. Francisco, vestes de Nossa Senhora, etc.

37 Os enterros à noite vieram até os dias da República. Eram lugubrememente feitos à luz de tochas.

presente recebem uma vela de cera acesa. Começa, então, o ofício de corpo presente, quase sempre em excelente acompanhamento vocal e instrumental. Quando o padre termina as preces e asperge o defunto com água benta, lança-se sobre este uma medida de cal virgem e fecha-se o esquife, que é metido num dos nichos abertos nas paredes externas dos templos e dos conventos. Tapase hermeticamente a abertura com uma laje. Nunca senti o menor fedor nas nave e arcadas. As mulheres não assistem aos funerais. De vez em quando se avisava uma negra de joelhos ao canto de uma igreja, chorando amargamente a morte de sua boa senhora. É singular se remanessem os ofícios graúdos enterradas com honras militares.<sup>38</sup>

O ofício de corpo presente para o alta mente bem-aventurado Rei de Portugal na Capela Imperial do Rio de Janeiro foi um dos mais luxuosos que jamais vi.<sup>39</sup> Levantaram o catafalco em face do altar-mor. As paredes estavam forradas até o teto de pano preto e veludo roxo. Um tapete negro cobria o chão. Quatro colunas cobertas de terciopelo preto, com labores e capitéis de ouro polido, sustentavam um púlpito de veludo também preto, com forro de cetim branco, que descia do meio da nave pendurado por uma corrente dourada. O catafalco compunha-se de três degraus, cada qual iluminado por dupla fileira de tocheiros de prata e ouro. O resto da igreja ficava no escuro. O degrau inferior, aberto dos quatro lados, mostrava esplêndido ataúde coberto por um manto real de veludo roxo. O do meio ostentava na face dianteira o retrato do Rei, na traseira os braços acostados do Brasil e de Portugal, velados de crepe, e nas laterais, em laterais douradas, o elo gígio do Emperador Morto e de seu Filho, cujo amor filial erguera aquele monumento. O terceiro rematava em pirâmide truncada sobre a que repousavam a coroa e o cetro. Tudo estava revestido de veludo preto com galões e adornos de ouro e prata. Aos cantos, caveiras entre asas e ampulhetas de prata, símbolos da morte e do tempo fugitivo.

As exéquias duraram três dias, com os navios de guerra e as fortalezas salvan-do de cinco em cinco minutos, do nascer ao pôr-do-sol,

<sup>38</sup> Não encontramos nenhuma comprovação desse fato.

<sup>39</sup> D. João VI faleceu a 10 de março de 1826, com 59 anos de idade, pois nasceu a 13 de maio de 1767. É quase certo ter morrido envenenado com umas laranjas comidas na Bemposta. D. Carlota Joaquina atribuía o seu envenenamento à Maçonaria e esta o lançava sobre seus ombros.



com um tiro de luto. O troar do canhão misturava-se solenemente aos sons abafados do órgão.

Muitos reis portugueses tiveram apelidos, como por exemplo o Cruel, o Venturoso, o Grande e outros mais. D. João VI recebeu a honrosa alcunha de o Pio e o Clemente.<sup>40</sup>

---

No dia 2 de abril, reabriuse o Imperial Teatro de S. Pedro de Alcântara, que se incendiara havia tempos.<sup>41</sup> Contém 110 camarotes em quatro ordens, com o espaçossíssimo camarote imperial ao centro. Na platéia cabem umas 600 pessoas e nos camarotes umas 300, todas comodamente sentadas, nestes em cadeiras, na que la em bancos isolados e numerados. Só se vende um número determinado de entradas, de modo que ninguém corre o risco de ficar de pé a noite toda ou de ser esmagado como acontece em quase todos os teatros da Europa, onde entram quantos queiram pagar. Se este teatro, que rivaliza com o de S. Carlos em Lisboa, estivesse em Berlim ou em Veneza, daria lugar a 2.400 pessoas. Nessas condições, não seria freqüentado no Brasil. O preço das entradas é muito elevado: um lugar na platéia, mil-réis ou meio táler; um camarote para 5 pessoas, 3 ou 6 mil-réis conforme a fila; e, nas ocasiões solenes, preços do braço. Não há o que se chama *paraíso*<sup>42</sup> e não se vendem lugares isolados nos camarotes.

O teatro é muito bem arranjado. Em todo ele, a ventilação é de tal modo fornicida que, mesmo nos meses de verão, não se sente um calor excessivo. Pintura rica e de bom gosto, azul e ouro. Iluminação ofuscante. Na platéia e nos camarotes, se acendem 220 velas de cera, resguardadas em mangas de vidro. O camarote imperial tem um lustre excessivamente belo e várias arandelas. Do teto não pendem nenhum candabro, para não impedir a gente de ver e de ser vista.

Orquestra completa e boa, de vendendo com tar nas grandes óperas mais ou menos cem figuras. O maestro dirige-a ao piano. Ponto muito alto. Tomassini, Bartolozzi, Fasciotti e vários outros castrados,

---

40 De fato a merecia. Após quase um século de calúnias, Oliveira Lima e outros historiadores, em seu seguimento, fizeram justiça ao homem que deu ao Brasil a independência, elevando-o a Reino. No texto, se lê em português "o Pio, o Clemente", vindo, depois, as palavras alemãs: "Der Fromme und Gnädige".

41 2 de abril de 1826? Estivera fechado devido ao incêndio da noite de 25 de março de 1824.

42 Chamado posteriormente *torrinhas poleiro* e *galinheiro*: as *gerais*. No texto, em alemão: *Paradis*.

*Entrada do Convento de Santo António.*

Duma água-forte de Armando Pacheco

anteriormente destinados à Capela Imperial, cantam também nele.<sup>43</sup> Entre as cantoras, sobressaem as Pignatelli.<sup>44</sup> Como o edifício é muito grande e, ao tempo em que estive no Rio, ainda não estava terminada, faltando parte da cobertura e a parede da fachada posterior, a voz dos cantores e cantoras perdia muito de sua intensidade, de modo que só a muito custo a gente se convencia que eram os mesmos artistas, cujo canto antes se admirava nas festas de igreja.

As dançarinas que mais me agradaram foram Estela Cezefredo e sua irmã, duas espanholas encantadoras.<sup>45</sup> A dançarina brasileira conhecida por Baratinha é uma das moças mais sedutoras que possam existir. Quando essa criatura angélica dança, como diz Camões, transforma o coração, não em pedra, mas em puro desejo,<sup>46</sup> e a gente não pensa em arte, penoso estudo, constrangimento ou esforço, inteiramente presa a um belo, que, se fosse francês, não teria essa expressão. Tudo nela é naturalidade, cada um de seus movimentos harmoniza de tal modo com a natureza, que se julga ver o zéfiro encarnado num corpo, agitando o cálice das flores.

Infelizmente também no Rio de Janeiro a dança francesa começa a suplantá-la nacional. Não conheço nada mais sensível do que os chamados *entrechats* e *ailes-de-pigeon*,<sup>47</sup> eternamente repetidos, que

43 Vide a nota anterior sobre esses castrados. Sua moda vinha em Portugal desde o tempo do Rei D. João V, que possuía alguns célebres.

44 Não foi possível encontrar em parte alguma qualquer referência a essa cantora.

45 Vide a nota anterior. Estela Cezefredo não era espanhola e sim brasileira, do Rio Grande do Sul. Nada encontramos a respeito de sua irmã.

46 Também não foi possível identificar essa Baratinha, que deslumbrou o autor. Os versos de Camões a que alude são, decerto, os da estrofe LVI do Canto V:

"Ó que não sei de nojo como o conte!  
Que crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei co' um duro monte  
De áspero mato e espessura brava,  
Estando co' um penedo fronte a fronte,  
Qu'eu pelo rosto angélico apertava,  
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo,  
E junto dum penedo outro penedo."

Estão citados no texto em alemão:

"Das Herz verwandelt, das durch sie gefangen,  
In stein, o nein! in lauterer Verlangen!"

47 *Entrechats*, em francês, no texto, por *entrechas* salto coreográfico em que os pés batem um no outro, no ar. Diz Blasis no seu *Manuel de la Danse* que os mais elegantes são os de 6 a 8 batidas. Os dançarinos comuns só dão 4. Alguns têm atingido o recorde de 10 a 12.

*Ailes de pigeon* também em francês, no texto: salto coreográfico em que se imita com as pernas o bater de asas dos pombos. Ambos os termos não têm correspondência em nossa língua, sendo sempre empregados em francês. Pertencem à tecnologia coreográfica.

lembram um boneco de engonço a mo ver braços e pernas conforme se puxa o fio. Quanta expressão pelo contrário no fandango ou mesmo no fado, dança de negro tão imortal quanto em cantado ra.<sup>48</sup> Mesmo uma gavota prefiro dançada por brasileiros ou espanhóis do que pelos afamados mestres de dança parisiense.<sup>49</sup> Até à valsa alemã este povo sabe tirar a cançã ti va mo no to nia. Ela é dançada no Brasil de mane i ra a ex pri mir a idéia do amor que nega ou con sen te.

Os espetáculos teatrais dividem-se geralmente em três partes. Primeiramente, representam uma tragédia ou grande ópera. Depois, vem um ba i la do. Por fim, uma far sa. Em re gra, as ópe ras são can ta das em ita lí a no e re pe ti das fre quen te men te, como na Itália. Ou vem-se de so be jo *Tancredo*, *Aureliano em Palmira* e *Semíramis*.<sup>50</sup> As comédias são geralmente traduzidas do francês. *Os Bandidos* de Schiller, obtiveram grande êxito. Deram a esta peça, no Rio de Janeiro, o título de *Roberto, o chefe de salteadores* e um fim fe liz com o ca sa men to de Ro ber to e Amá lia. O seu ban do pas sou a formar um Corpo de Estrangeiros, que é como os cariocas chamam às

48 O fandango é uma dança espanhola sapateada e alegre, em três tempos, entrecortada, às vezes, de coplas cantadas. De origem mourisca. Foi adaptada no fim dos tempos coloniais ao gosto brasileiro, tornando-se um bailado ruidoso e sapateado, ao som da viola. Havia uma grande variedade dessa dança entre nós: o Anu, o Bambaquerê, o Benzinho, o Amor, o Cará, o Candieiro, a Chamarita, o Chora, o Chico Puxado, o Chico da Roda, o Feliz-meu-bem, o João Fernandes, o Jajará, o Meiacanha, o Pega-fogo, a Recortada, a Retorcida, o Sarrabulho, a Tirana, a Serrana e o Tatu.

O fado, que o autor escreve *Faddo*, é, segundo Maximiliano de Lemos, uma "canção popular, o motivo sobre que se canta ou a música que acompanha o cantor"; segundo Moraes, "música popular, espécie de tango que se toca ordinariamente na guitarra e tem por letra os poemas chamados fados". Espasa registra o fado como de procedência celta ou brasileira, proveniente dos cantos e *danças* dos negros da América. O autor alude aqui ao fado, dança de negros.

49 Dança fina, de corte, do século XVIII, a gavota esteve na moda até princípios do século XIX.

50 Óperas de Rossini, a música e o libreto.

*Tancredo* foi representada pela primeira vez em Veneza, em 1813. É famosa sua cavatina *Di tanti palpiti*. A ópera é tirada do poema de Tasso *Jerusalém Libertada*. Seus personagens são vultos da Primeira Cruzada, da qual foi um dos chefes Tancredo da Sicília, falecido em Antioquia, em 1112, personificação do espírito da antiga Cavalaria. Do assunto se fez uma tragédia lírica, representada em Paris, em 1702, com música de Campana e palavras de Dauchet; e sobre ele também Voltaire escreveu uma tragédia, levada à cena na *Comédia Française*, em 1760. Em abril de 1826, representou-se o *Tancredo* no Teatro de S. Pedro, em espetáculo de gala, pela volta de D. Pedro I, da Bahia.

*Aureliano em Palmira*, uma das óperas mais antigas de Rossini, foi estreada no Scala de Milão, em 1814. Trazia ao palco a figura histórica de Lúcio Domicio Aureliano, imperador romano, de 270 a 275, da era cristã, nascido na Ilíria, em 212, cônsul em 258 e imperador em 270, vencedor dos francos, godos, vândalos, samatas e marcomanos, de camponês feito soldado e soberano, cuja energia lhe dera entre as legiões a alcunha de *Aurelianus manus ferrum*, o Mão de Ferro. Depois de vencer a famosa Rainha Zenóbia, esteve na sua capital, Palmira ou Tadmor, onde o amor o enleou. É esse o entrecho da ópera.

*Semíramis* teve a primeira representação em Veneza, em 1823. É a mais notável da 2ª fase ou 2ª maneira da vida de Rossini. Levada ao teatro italiano, em 1825. Semiramis, Rainha da Assíria e da Babilônia, filha dum mortal e da deusa Derceto, exposta no deserto, foi alimentada por pombas até que o pastor Simas a recolheu. Casou-se com Parmés, Governador da Síria, apaixonado pela sua beleza. Depois, com o Rei Nino, a quem assassinou para cingir a coroa. Fez um reinado brilhante, de 42 anos, e abdicou no filho, subindo ao céu em forma de pomba. Construiu os famosos Jardins Suspensos, que um dos Sete Milagres foram do mundo, como diria Camões. Sobre ela Voltaire escreveu uma tragédia, levada ao teatro francês, em 1748.

tro pas ale mãs. Poucos dos nos sos com panheiros com pre en de ram a sá tira  
con tra eles, ape sar de re pre sen ta rem na peça o pa pel de com par sas.

Sobre o camarote imperial, vê-se o brasão do Império do Brasil, sustentado por gênios. Belas cortinas de seda azul ricamente bordadas a ouro tapam a abertura com gosto, abrindo-se so men te para os lados, quando o Imperador comparece. Nesses dias, uma guarda de honra de cem ho mens, com ban de ira, pos ta-se di an te do te a tro e sen ti ne las guar ne cem os cor re do res e a pla téia, o que pro duz de sa gra dá ve le per tur ba do ra im pressão. Às vezes, o público saúda o Monarca à sua chegada com um viva! Tocam, então, o *Brava Gente Brasileira*, espécie de Hino Nacional que os portugueses parodiam ridiculamente.<sup>51</sup> Tanto nos atos como nos intervalos, to dos con ser vam os cha péus na mão. Isto acon te ce tam bém quan do o Impe ra dor não se acha pre sen te, em aten ção às se nho ras.

Estas de li ca das sen si ti vas do mun do tro pi cal for mam, enchen do os ca ma ro tes, qua tro se mi cír cu los che i os de co lo ri do e vida. O leve gra dil dourado à sua frente nada subtrai aos olhos dos encantos que a natureza lhes deu e da arte com que as enfeitou. Vêem-se suas esplên didas figuras inteiramente da ca be ça aos pés, ri ca men te ves ti das com as mais belas fazendas, cobertas de ouro e diamantes, com os lindos e regu la res ros tos en som bra dos pe las plu mas flu tu an tes. Cada um de seus gestos, olhares e sorrisos são animados pelas Graças. A gente vira inconscientemente as costas para a peça e se diverte com os vários entreatos representados pelos espectadores do que com o que nela se passa. A sociedade verdadeiramente distinta do Rio de Janeiro consideraria grave falta contra o de co ro pre star al gu ma aten ção ao pal co. Nos ca ma ro tes, os cavalheiros entretêm vivamente as damas que conversam ou brincam com os leques. Só as danças con se guem por pou co tem po in ter rom per, às vezes, essas conversas. A platéia não é absolutamente freqüentada por senhoras.

Por mais brilhante que seja a reunião no teatro, cometer-se-ia grande erro pen san do que to das aque las se nho ras bem ves ti das são prin ce

51 O estribilho já referido em nota anterior e mais esta quadra:

"Já podeis, *filhos da pátria*,  
Ver contente a mãe gentil,  
Já raiou a Liberdade  
No horizonte do Brasil!"

Parodiado o primeiro verso de maneira insultosa...

sas e condessas. Pode-se afirmar sem susto que a metade pertence à classe das mulheres públicas ou das que vivem em ligações filioscas. Como já tive ocasião de dizer, o Brasil é o paraíso dessas criaturas. São tão exorbitantes os preços que se pagam por seus favores, que tenho receio de me tacharem de mentiroso, se os revelar. O verdadeiro brasileiro acha que os perigosos prazeres que lhe oferecem tais Circes<sup>52</sup> não são demasiado caros a 40 ou 50 mil-réis. Até as meretrizes mais comuns sustentam preços altos, bastando para isso serem brancas, o que lhes permitia ostentar um luxo, que, por assim dizer, enobrecia sua desprezível profissão.

O Brasil é um país em que a vida social ainda está na infância e onde não existe muito grande diferença entre uma senhora decente e uma mulher à-toa.<sup>53</sup> Absolutamente não há grandes rodas e a arte de conversar. Nas reuniões, canta-se, alguns pares dançam isoladamente e o tempo passa nos jogos com os leques e na troca de olhares apaixonados. Tanto nas casas de família como nas dividas. Em ambas, prevalece na exterioridade uma insipidez bem interessante, por que faz esperar o verdadeiro gozo do que está para vir: no primeiro caso, uma expectativa que geralmente se não realiza; no segundo, uma satisfação mais do que suficiente. No teatro, todas as mulheres têm o mesmo direito a entrar, e, em vestidos e comportamento aparente, não há diferenças entre as duas classes. Na rua, ninguém se envergonha de cumprimentar uma cortesã. Exceções e generais, o próprio Imperador em pessoalhes atiram um beijinho na ponta dos dedos. Só os ingleses se conservam fiéis aos seus costumes.<sup>54</sup>

Numa corrida de cavalos, em Botafogo, a Siciliana, a italiana famosa, aproximou-se a cavalo, seguida de um criado branco, de alguns desses ingleses, que logo dela se afastaram. Toda a gente achou graça nessa desacostumada sensibilidade e a rapariga manteve-se tranqüilamente no lugar que havia, por assim dizer, conquistado. Não ficou sozinha

---

52 Circe chamava-se a deusa e feiticeira que habitava na ilha de Asa, nascida de Hélios, o Sol, e da oceânida Perséia. Transformava os homens que a amavam em animais. Homero conta na *Odisséia* que metamorfoseou em porcos os companheiros de Ulisses, menos um, que fugiu e o preveniu. Ajudado por Hermes ou Mercúrio, Ulisses desfez os ardis da bruxa e viveu um ano em sua companhia. Por extensão, se emprega a palavra para designar uma mulher sedutora e perigosa. Hoje se diz *mulher fatal*.

53 Na época, em certas rodas, isso era possível; mas não se deve generalizar a observação.

54 Em geral, atitude hipócrita, muito comum entre os ingleses, sobretudo os chamados puritanos.

muito tempo. Oficiais graduados e altos funcionários do Império vieram cumprimentá-la, motejando e rindo em sua companhia da singular pudíciabritânica.

No tempo do Rei, às vezes havia touros, pouco aplaudidos, por que os touros daqui são moles, sendo impossível excitá-los ao ponto de torrar esses divertimentos tão perigosos como intressantes. De vez em quando, os ingleses tentam corridas de cavalos, cujo resultado é sempre infeliz.

O jogo é um dos divertimentos prediletos. Nas proximidades do Teatro, em quase todos os cafés há uma banca de Faraó.<sup>55</sup> O banqueiro põe o baralho numa caixa de prata à sua frente e tira as cartas uma por uma, sem olhar por baixo da tampa, que só levanta um pouquinho. Essa precaução deve ser muito necessária, pois nunca virá a cara de velha como nesses banqueiros e nos seus perus.

Não se dão bailes públicos no Rio de Janeiro, mas são muito freqüentes as partidas de dança em residências particulares, onde se reúnem amigos e vizinhos, e a mocidade alternadamente dança e faz música. Como todas as danças nacionais são executadas por pares isolados, só se vêem em geral bons dançarinos, pois todos sabem monopolizar a atenção dos espectadores. Não se usam castanholas. Os dedos as substituem, pois as brasileiras sabem tão bem com eles imitar aquelas que se pensou vi-las. Todo estrangeiro decentemente trajado encontrará nas casas onde se dança acolhimento amável, mesmo sendo pouco ou nada conhecido. Se tiver aptidões musicais, será tratado na palma da mão. Em país alium, a música é assim tão apreciada. Não há entre os brasileiros músicos excelentes, mas todos sem exceção gostam dessa arte. Sabem tocar guitarra com muita delicadeza, não o pesado instrumento que conhecemos, mas a chamada guitarra mourisca, com 12 cordas de metal, das quais tiramos o mais enghoso partido.<sup>56</sup> As danças são geralmente acompanhadas de pequenas canções que se chamam modinhas. Se o cantor tem talento, as

55 Ou Pharaó. Jogo de azar com baralhos, espécie de *baccarat*. Em alemão *Pharao*. Em inglês *Pharaon*. O *New English Dictionary*, de Oxford, registra: "A gambling game played with cards". Espana diz: "Juego de naipes parecido al monte".

56 Do grego *Kithara* cítara, por meio do italiano *chitarra*. Instrumento de música com caixa oval abaulada e doze cordas. O braço é dividido em meios-tons de pontos de metal. As guitarras antigas tinham a caixa quadrada. Deve-se aos árabes a introdução desse instrumento, na Península Ibérica. As que eles trouxeram tinham 4 ou 5 cordas. No século XVII, passaram a ter seis cordas duplas. A música da guitarra é uma clave de sol e sua extensão instrumental de três oitavas.

improvisada. Ouvi dizer que atingiram grande perfeição nessa difícil arte. Neles não se sabe o que mais admirar, se o primor da forma ou o espírito e delicadeza dos sentimentos expressos.

O amor faz dos brasileiros poetas quase sem exceção. A língua também favorece a poesia. Fiel e cruel, coração e ladrão, amá-lo e matá-lo, e ilimitado número de outras rimas facilmente se oferecem. Nas cartas amorosas, geralmente se segue a forma poética. Escritas no mais fino papel velino, dobram-se como leques, atam-se com fitas de seda e seguem seu destino. Escravos e escravas, modos de vida, gosto e hábito favorecem as relações entre os dois sexos, apesar das moças de família serem vigiadas com o maior cuidado, não raras vezes conseguem burlar todas as precauções e satisfazer seus desejos de aventura. Os passos em falso de senhoras e moças são expiados no convento da Ajuda,<sup>57</sup> vasto edifício que contém mais de 600 freiras e pensionistas, na maior e vítima da paixão que Camões cantou:

“Tu, só tu, puro amor, com força crua  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Destecausa à moléstia morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É por que que res, áspero e tirano,  
Tuas aras banhar em sangue humano.”<sup>58</sup>

57 Em princípios do século XVIII, havia no começo da antiga Rua dos Barbons uma ermida de fundação anterior a 1600, consagrada a Nossa Senhora da Ajuda. D. Cecília Barbalho, filha do Mestre-de-Campo, Luís Barbalho Bezerra, ex-Governador da Capitania, de combinação com seu irmão, o franciscano Frei Cristóvão da Madre de Deus, construiu pequeno recolhimento no lado dessa ermida, vindo para ele com três filhos e duas meninas de famílias distintas, a 9 de julho de 1678. Essas recolhidas tomaram o nome de conversas, diz Moreira de Azevedo. Nesse mesmo dia, foi lançada a primeira pedra para um convento de freiras. A licença para a fundação desse convento foi dada pelo alvará de 30 de outubro de 1694, mas houve embaraços que interromperam a realização do projeto. Feito novo pedido, em 1704, veio em 1705 a provisão de 19 de fevereiro, concedendo a fundação com 50 freiras, podendo nesse número entrar algumas das conversas. A regra seria a capucha.

A pedra fundamental do edifício do Convento da Ajuda foi lançada pelo Bispo D. Frei João da Cruz, em 1742. Por um breve pontifício, de 1748, que admitiu a regra de Santa Clara, seu sucessor, D. Antônio do Desterro, fez vir da Bahia quatro irmãs clariças, que começaram seu noviciado no novo convento, a 3 de maio de 1750. Em 1751, elegeu-se a primeira abadessa. A regra de Santa Clara é a mesma da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. A última profissão de freiras no Convento da Ajuda realizou-se em 1862.

Durante longos anos, no Convento da Ajuda, estiveram depositados os restos mortais de D. Leopoldina d'Áustria, Primeira Imperatriz do Brasil. Anteriormente tinham estado os da Rainha D. Maria I.

Em 1911, o edifício do Convento da Ajuda foi vendido a particulares por 1.850 contos de réis. Em 1923, foi demolido. Ergueu-se em seu lugar a chamada Cinelândia.

58 *Lusiadas*, Canto III, Estrofe CXIX.



É singular como nes te país o amor leva ao cri me, ge ral men te cometido por mulheres. Os homens contentam-se em aferrolhá-las, quando não con fi am mais na sua fi de li da de.

No mais, é preciso não encarar a vida dos conventos no Brasil com a triste noção que dela se faz na Alemanha protestante. Aqui, sua utilidade é evidente. Oferecem asilo seguro e decente a uma porção de pobres meninas que, sem isso, se perderiam na barafunda dum mundo por demais sedutor. Recolhe-se ao mosteiro da Ajuda qualquer moça que possua um dote de mil cruzados<sup>59</sup> ou 600 táleres. As órfãs de boa família conseguem facilmente um lugar gratuito. Tanto freiras como pensionistas, levam aparentemente vida alegresatisfeita.

No meio da vasta edificação, há imenso pátio, onde diariamente se re a li zam fe i ras. Ne gros e ne gras ex põem à ven da suas me lho res mercadorias. Fazem-se negócios por meio de cestas, que descem à ponta de cordões das janelas gradeadas. As pretas vendem excelentes ba las e do ces de fru tas.

Cada freira ou pensio nista pode rece ber as vi si tas que dese jar, as mulheres no pró prio cla us tro, os ho mens na gra de do par la tó rio, que fica ao rés-do-chão. A grade é dupla, de modo que há uma distância de uns 10 pés<sup>60</sup> entre o visitante e a veneranda dama. A con versa é li vre, e às vezes, até apaixonada. A religião não proíbe a essas moças trazerem no coração, além do Salvador, uma imagem terrena.<sup>61</sup> A barreira, que desafia tanto a astúcia quanto a violência, ergue-se somente para evitar qualquer aproximação mais ín ti ma. Embo ra as mon jas se des ti nem à re núncia, é possível que a amizade, sentimento que no mundo as mulhe res nun ca vêm a co nhe cer, fa cil men te as in de ni ze de go zos tão pas sa ge i ros quanto ilusórios.

Demais, creio que as mulheres meridionais se adaptam melhor à vida claustral do que as mulheres mais frias do Setentrão. Esta opinião parece paradoxal, embora muita coisa milite em seu favor. A

---

59 Mil cruzados – quatrocentos mil-réis – quatrocentos cruzeiros.

60 Três metros e trinta! Parece exagerada a distância.

61 O autor, como protestante, confunde as *educandas* do Convento com as monjas sujeitas a votos perpétuos.

viva e ardente imaginação lhes permitte trocar o sentimento do amor terreno pelo de amor celeste, dedicando-lhe toda a ternura do coração e todo o ardor do sangue. Isso não se pode dar com as mulheres nórdicas, acostumadas a meditar fria mente sobre seu estado e a se sentirem desafortunadas. As meridionais, pelo contrário, entregam-se às doces ilusões da fantasia e acham tolerável uma vida que contradiz no mais alto grau seu temperamento e seus penhores.

*Igreja de S. Pedro, em ro tunda.*

Serviço fotogr áfico do Museu Histórico

.....

## IX

### *Negros e Habitantes Primitivos do Brasil*

**I**mpor tam-se anualmente no Rio de Janeiro, de 20 a 30 mil escravos, na maioria vendidos na cidade e suas cercanias. Este negócio tem tido ultimamente grande animação, porque, de acordo com as disposições do tratado entre Portugal e o Brasil, concluído sob a garantia da Inglaterra, por Sir Charles Stuart, a importação de negros só será permitida até 1830.<sup>1</sup> Por essa mesma razão, o preço dos escravos também subiu consideravelmente. Ao tempo de minha chegada, podia-se comprar um negro bronco, entre 15 e 20 anos, por 150 mil-réis. As raparigas eram um pouco mais baratas. Um ano depois, esse mesmo negro valia já 200 mil-réis, sendo de prever que os preços, após o cumprimento do referido tratado, subirão muito mais, em boa razão, porque já mais esse comércio possaser estancado no hemisfério meridional.

Os traficantes de escravos são considerados os negociantes mais ricos da cidade. Habitam quase exclusivamente as ruas do Valongo,

---

<sup>1</sup> Já nos referimos minuciosamente em nota anterior às tratativas diplomáticas sobre o assunto.

do Aljube e al gu mas ou tras, nas pro xi mi da des do por to.<sup>2</sup> Mu i tas de suas casas, que podem ser consideradas verdadeiros palácios, têm a mesma dis po si ção no an dar tér reo: lar go ves tí bu lo dan do para pe que nos pá ti os, onde nada se vê além de ban cos ba i xi nhos. São o cha ma do ar ma zém de depósi to de escravos, geralmente muito limpo, de chão varrido e lavado várias vezes por dia. A fresca brisa do mar sopra por toda a parte, de maneira que, mesmo quando cheio de negros, pouco se sente o mau che i ro que ca rac te ri za as ca de i as e ca sas de cor re ção da Eu ro pa.

Nos próprios navios negreiros, o espaço não é tão apertado como ge ral men te se ima gi na. Um bar co que na Eu ro pa re ce be ria 300 pas sageiros, transporta da África 400 negros. Durante a travessia, a ordem é modelar e os escravos são alternadamente em pre ga dos no ser vi ço do con vés e guar da dos no po rão. Dão-lhes ali men ta ção ade qua da à sua na tu re za e aconselhada pela experiência de muitos anos: arroz, farinha de mandioca e muito poucas comidassalgadas. Fa vo re cem o mais pos sí vel a apro xi ma ção dos dois sexos, o que conserva sadios e alegres esses inocentes filhos da natureza. Como o capitão e os outros oficiais são interessados na carga, a cobiça os leva a ter o maior cui da do na con ser va ção e tra ta men to dos pretos. Um mé di co zela por sua sa ú de cor po ral e um ca pe lã o, pela es pi ri tu al. Em regra, todos são batizados antes do embarque, marcando-se com um fer ro quen te uma pe que ni na cruz, no pe i to dos no vos cris tãos.<sup>3</sup>

No decurso da viagem, a mortandade raramente vai além de 5%, sendo sempre anotada no registro do imposto. Em muitos navios de trans por te, que con du zi am es cra vos bran cos, da Eu ro pa para o Brasil, ela su biu a 10%. Entre as duas es pe cu la ções, há, po rém, gran de di fe ren ça. Qu an do mor re um ne gro a bor do, o ca pi tã o, os pi lo tos, o mé di co e o

2 A Rua do Valongo, depois da Imperatriz, chama-se hoje Camerino. Havia na Saúde o Valonguinho e, mais adiante, o morro do Valongo ou do João das Gatinhas, no século XVIII, morro do Pina e agora morro da Saúde. A Praça Municipal fica mais ou menos onde era o Valonguinho.

O Aljube, para onde foram transferidos os presos da Cadeia Velha, quando o Príncipe Regente veio para o Rio e foi habitar o paço da Cidade, junto do qual ela estava, ficava na antiga Rua da Prainha, entre o começo da Rua dos Ourives e o fim da do Valongo. A Rua do Aljube chamou-se também Rua da Valinha, em contraposição à Uruguaiana, que fora Rua da Vala antes de ser de Pedro da Costa. O Aljube teve algum tempo o nome de Cadeia da Relação. Devia servir originariamente de prisão eclesiástica. Havia nessas proximidades um grande terreno conhecido como Sítio do Valverde, que viria a ser, mais tarde, o Largo de Santa Rita. Levavam ao Sítio do Valverde, dum lado a Rua dos Pescadores, hoje Visconde de Inhaúma, do outro a dos Ourives, a da Vala e a do Fogo, atual dos Andradas, abertas nos terrenos da velha Chácara do Fogo, pegada ao Campo do Rosário ou de S. Domingos, lugares por onde cruzava o Caminho de Fernão Gomes, agora Rua do Senhor dos Passos.

3 O Museu Histórico Nacional possui uma coleção de ferros para marcar escravos: marcas de propriedade e o F. dos fuções. É, pois, possível o costume bárbaro que o autor aqui denuncia.

pa dre par ti lham o pre ju í zo com o dono. Pe los a jus tes con clu í dos com o Cavalheiro von S-r, pagam-se passagens por tantas cabeças mandadas por ele para bordo, na ocasião da partida e, quantos mais morrerem, maior o lucro do navio.

Por mais cuidado que se tenha no tratamento dos negros durante a travessia do oceano, eles chegam ao Rio de Janeiro aparentemente em petição de miséria, todos magros e quase sem exceção acometidos duma espécie de sarna, que lhes cobre a pele com escamas branquicentas e torna sua cor, preta e lustrosa, em cinzenta suja.<sup>4</sup> Os alimentos a que não estavam habituados e o uso do sal, completamente desconhecido a muitas tribos africanas, de vem ser as causas principais dessa enfermidade, que não tem conseqüências nocivas, tanto que a maioria dos escravos é vendida antes mesmo de estar completamente curada.

Ao chegar ao porto, dá-se a cada escravo do sexo masculino ou feminino, um pano azul e um barrete vermelho, pois viam-se em trajes do Paraíso.<sup>5</sup> Com essas tangas e barretes, vêem-se longas filas de negros levados como rebanhos de ovelhas para os armazéns dos traficantes, onde as transações continuamente se realizam, feitas com a mesma cautela com que na Alemanha se compra um cavalo. Quando se pede um escravo de determinada nação e idade, o negociante enfileira todos os que correspondem ao pedido, escolhendo-se entre eles um ou dois para um exame mais acurado. Verificam-se, para começar, mãos e pés. Mandam-se fazer vários movimentos, para ver que não têm defeitos. Examinam-se os dentes e o tórax. Afinal, levam-no repentinamente do escuro para a claridade, a fim de provar a sua vista. Não será preciso dizer que esse exame não é feito com muita delicadeza nas escravas. Mas essa raça queimada pelo sol desconhece o pudor. Meninas e mulheres descobrem qualquer parte do corpo com a mesma ingenuidade natural da de com que uma senhora europeia descalça a luva.

Se os exames produziram o resultado almejado, começa o verdadeiro negócio, que habitualmente se faz em dobrões, cada um do valor de 12.600 réis.<sup>6</sup> As compras são feitas à vista, em dinheiro contado,

4 Provavelmente a *quigba* ou gafeira.

5 É o que se vê em todas as descrições e gravuras da época. Como exemplo, a estampa existente no Museu Histórico Nacional de A. P. D. G. "Slave Shop", comentada no 2<sup>o</sup> volume dos Anais desse instituto.

6 Moeda de ouro. Havia o duplo dobrão de 24 mil-réis.

com ou sem responsabilidade do vendedor pelo futuro estado de saúde da peça vendida. Numa palavra, este comércio de carne humana equivale ao comércio europeu de cavalos.

É digna de nota a rapidez com que o aspecto dos negros recém-chegados, vantajosamente se modifica com a alimentação abundante e o bom tratamento. As raparigas, principalmente, ganham em poucas semanas uma corpulência surpreendente. A pele como que se renova e adquire um negro brilhante, os olhos se enchem de vida e fulgor, e em todos os seus gestos as jovens africanas demonstram uma graça natural, que comumente falta à gente da Europa.<sup>7</sup>

Uma negra atinge a puberdade aos nove anos. Seu corpo está completamente formado, os seios rijos e de plástica beleza, mãos e pés excelentemente modelados. Contudo, essa aparência juvenil dura muito pouco. Logo que tiver filhos, os seus pejos se alongam e caem. Nada mais comum do que uma negra, que carrega o filho às costas, amamentá-lo, dando-lhe o peito por cima do ombro ou por baixo do braço. Com trinta anos, está velha e murcha.

Aliás, ambos os sexos raras vezes chegam a avançada idade. Encontram-se poucos pretos com mais de 40 anos.<sup>8</sup> Como as mulheres de raça branca no Brasil, as negras também têm propenção para a obesidade, quando não são forçadas a trabalhar. Encontram-se entre elas algumas com menor medida.

Os escravos mais fortes dos trabalhos nas ruas como carregadores. Andam nus com uma simples tanga amarrada à cintura, que mal cobre as coxas. Levam todas as cargas à cabeça. Às vezes, bastam seis e mesmo quatro para carregar depressa uma caixa de açúcar do peso de 2.200 libras. Esses mariolas entregam aos seus amos uma diária certa e eles próprios satisfazem as suas necessidades de vida. O mesmo se dá com as jovens pretas, que vendem frutas e outras miudezas, obrigadas a entregar de 16 a 20 vinténs ou meio táler por dia. O que ganham a mais lhes pertence. Como estas últimas praticam também outro ramo de negócio, muitas possuem elevados capitais.

Trajam-se elegantemente. O níveo vestido amolda-se aos membros roliços dum brilhante pretume. O turbante vermelho esconde-lhes

7 O autor não perde vasa em elogiar negras e negrinhas...

8 Em verdade, os negros africanos duravam pouco. Os nascidos no Brasil eram longevos.

a cara pinta, única coisa que numa preta acho excessivamente feio. Um ombro fica meio descoberto. Do outro cai um pano de cores variegadas.<sup>9</sup> Conduzem as mercadorias à cabeça e as apregoam em voz alta, fazendo das suas até altas horas da noite, pelas ruas e praças da cidade.

Uma lei antiga proíbe aos escravos e escravas o uso de sapatos ou qualquer outro calçado pelo qual se distinguem deles os negros livres. Excetuam-se lacaios e cocheiros dos nobres e altos funcionários do Estado, que, de meias de seda, roupa branca e chapéu de três bicos, ficam de pé na traseira das carruagens de seus amos ou, com botas enormes, conduzem, montados, as mulas que se atrelam geralmente a esses veículos.<sup>10</sup> É raro em contrariar criados brancos. Ondem existem, assumem uma atitude de superioridade, que se reflete prejudicialmente sobre o resto da criação.

Por mais dura que seja a um ouvido europeu a palavra escravidão, esse estado é, na América do Sul, em geral suportável. O português e o espanhol tratam bem seus escravos, sem dúvida melhor do que o plantador das Índias Ocidentais, seja inglês, holandês ou francês. Na cidade, o escravo é senhor de seu nariz e da vida sem sujeição a qualquer violência. Não são grandes suas necessidades, e seus gozos nada lhes custam. Qualquer terreno baldio vale por uma sala de baile, qualquer rapariga torna-se a dama de seu coração e, se de quando em vez necessita dum incitamento à alegria, encontra em todas as vendas, como bebida predileta e baratíssima, a cachaça.

Quase todos os pretos gostam de beber e suportam grande quantidade de bebida. Rapariguinhas tomam 1/8 de medida, isto é, mais ou menos 1/5 de garrafa, dum só traço. Raramente se vêem ne grós bebê-los pelas ruas.

Assim, o escravo leva vida completamente sem cuidados, saindo de casa do amanhecer ao romper do dia e voltando à noite. Se acontece não ganhar uma vez a diária a que é obrigado, tem sempre pequeno pecúlio a que recorrer para tapar o buraco. Pouquíssimas vezes seu senhor o castiga. Se comete crime grave, é entregue à polícia para ser castigado na forma da lei, isto é, com 50 ou 100 açoites de cada vez.<sup>11</sup>

9 O chamado *pano da costa*.

10 Os primeiros chamavam-se *criados de tabua* os segundos, *carreiros e postilhões*.

11 Pela Carta Régia de 20 de março de 1688, aos senhores era proibido castigar os escravos cruelmente, só o podendo fazer de acordo com as leis e com moderação. Permitia ainda aos Governadores punirem os senhores que se excedessem. Foi, no entanto, abolida pela Carta Régia de 23 de fevereiro de 1689. Não durou um ano e ficou tudo como dantes. Outras disposições de lei vieram que limitaram os castigos e os impuseram somente em lugar apropriado.



Para vergonha da humanidade, deve-se dizer que também há senhores que tratam os escravos com barbaridade; mas, se a paciência do negro tem curtos limites, a sua vingança não tem nenhum. No tempo do Rei, via na Praia Grande, lugar rejogado ou trocado da baía, um riço brasileiro que era um verdadeiro demônio para os escravos. Todas as noites chamava-os e mandava que escolhessem entre 25 açoites ou beijar o velho, como chamava seu bastão, rematado por uma cabeça bárbara, esculpida na madeira.

Os que preferiam beijar o velho e humildemente se curvavam para ele levavam terrível bordoadas na cara, que lhes fazia o sangue esguichar da boca e do nariz. Os outros recebiam, sem piedade, os 25 açoites. O cruel senhor não se divertiu por muito tempo dessa maneira. Certo noite, ao regressar do Rio de Janeiro, com sua mulher, numa embarcação, os negros aproveitaram as trevas que encobriam a baía e os lançaram à água. Antes, porém, maltrataram a mulher de modo bestial, ceivando-to dos seus apertes carnaes. O marido morreu afogado; mas ela foi salva e, quando o Rei não queria confirmar a sentença de morte pronunciada contra os pretos, ela pode-se dizer que o compeliu a isso, protestando que nenhum monarca do mundo tinha o direito de indultar um crime daquela natureza, sobretudo cometido por escravos.

Quero mencionar outra barbaridade que me indignou mais do que todas. Quando o africano está cansado de viver, não faz como o inglês, que se enforca, nem como o francês, que mete uma bala na cabeça, porém se põe a comer terra, em curtando com isto sua vida de maneira lenta e dolorosa. As consequências de tal envenenamento surgem em pouco tempo: a pele se acinzentada e encolhe, os olhos se amortecem. A cobiça também achou remédio para esse mal. Colocam no desgraçado que quer acabar com sua triste vida, um açimo de lã, que só se retira para ele sob vigilância tomar alimentos, ao que freqüentemente o forçam com pancadas. Como deve ser insuportável, em um país onde miríades de insetos foram criados para tormento dos homens e os raios perpendiculares do sol dificultam a respiração, aquecendo o ar, trazer uma máscara que, como um elmo de viseira fechada, cobre o rosto e impede a livre circulação do ar! Devo consignar, todavia, que, durante

minha perma nência de vári os anos no Rio de Janeiro, só vi esse instrumento cruel ser em pregação das duas ou três vezes.<sup>12</sup>

Já nos tempos mais antigos se promulgaram diversas leis a favor dos habitantes escravos do Brasil. Toda escrava fica emancipada, se se casar com um branco. Há pessoas que chegam a seduzir certas escravas que os donos não que rem vender e a pe di-las em casa men to. Se, num caso des tes, o se nhor qui ser con ser var sua es cra va, terá de gas tar bas tan te di nhe i ro, a fim de conse guir que o pre ten den te de sis ta vo lun ta ri a men te de seu pro pó si to. Se o ca sa men to se re a li zar, a es cra va está li vre e tam bém o assunto termina de vez, pois no Brasil não há Consistório com poder de di vor ci ar al guém da mu lher com quem se ca sar.<sup>13</sup>

Os filhos nascidos de brancos e ne gros po dem ser eman ci pados, se nas seis primeiras semanas após o nascimento, o pai fizer valer seus direitos. Paga-se ao proprietário da mãe escrava dentro desse prazo o baixo preço de um dobrão, ou sejam 12.600 réis. A mãe escrava pode também ser comprada pelo pai livre, dependendo dele, em tão, pre sen te ar o fi lho com a li ber da de. As mu lher es bran cas nunca amamentam seus filhos e daí os anúncios de escravas para amas de leite, que encham os jornais da capital. Vendem-se os filhos escravos sempre em companhia das mães. Estas ficam dispensadas de tra ba lhar du ran te três dias após os par tos, tão fá ce is que a gen te as vê logo depois, fazendo todos os serviços domésticos. É curioso as mu lher es pre tas te rem ra ra men te de pais bran cos mais de qua tro fi lhos.

---

12 Os romanos punham nos escravos que trabalhavam nos moinhos de trigo açaimos ou mordças, chamados *pausicapae*, a fim de impedi-los de comer a farinha. Nas nossas lavras de ouro e, sobretudo de diamantes, nos tempos coloniais, punham-se açaimos de ferro aos negros que nelas bateavam para que não engolissem pepitas e pedras preciosas. O Museu Histórico Nacional possui interessante exemplar dessas mordças e um bridão com espátula para prender a língua, que se aplicava aos pretos comedores de terra. É a esses que alude o autor, a propósito do açaimo que lhes punham. Naquele tempo, a causa do vício, hoje denominado geofagia, era inteiramente desconhecida. Alguns o atribuíam ao desejo de morrer, como o autor. Outros, ao de ficarem doentes para não trabalhar. Encarado o uso do bridão ou do açaimo por esta forma, deixa de ser tão bárbaro como parece. Tratava-se de evitar o comer terra e nada mais.

No manuscrito *Descrição geográfica da América Portuguesa* – anônimo de 1587, que foi da Biblioteca de S. M. o Imperador D. Pedro II, publicado no tomo I da *Revista do Instituto Histórico*, lê-se: “Tem este gentio outra barbaridade grande, e é quando algum tem ocasião de desgosto, que reputa por desonra de sua pessoa, se delibera a morrer com resolução estranha, deixando de comer até perder a vida, ou comendo terra para o mesmo fim, e isto sem que alguém o possa evitar, porque é assentado consigo de morrer, só a morte os satisfaz.” O autor não disse mais nem menos do que isso.

Somente depois de 1881, quando o Professor Perroncito, de Turim, descobriu o *ankylostomos duodenais* se veio a saber que um dos principais sintomas do mal produzido por esses vermes, sós ou associados a *helminthos*, é a perversão do apetite, que faz o enfermo devorar terra. Em 1825, o amarelão ou opilação era tido não como causa, porém como efeito da enfermidade.

13 Naturalmente. O Brasil é um país católico e não protestante. Além disso, naquele tempo, a religião estava ligada ao Estado.

A razão deve re si dir na di fe ren ça de raça, por que as bran cas no mesmo cli ma têm gran de quan ti da de de les.

Vigora na matéria a máxima romana: é o ventre materno quem faz livres e escravos. Não importa a cor que tragam os filhos de mãe escrava. Conheci um escravo que, em alvura, podia competir com muitos europeus, produto naturalmente de várias gerações de pais livres. O preço dum escravo dessa qualidade costuma ser muito mais alto. Também os pre tos nas ci dos na ter ra va lem ge ral men te mais do que os trazidos da África. São chamados crioulos. Nas Índias Ocidentais, cha mam-se as sim os bran cos em idên ti cas con di ções.<sup>14</sup>

Nas casas-grandes das famílias, nas fazendas e engenhos, como denominam as plantações de café e as usinas de açúcar, todos os escravos em geral são casados ou vivem maritalmente, embora sem a bênção religiosa. Dizem que tais uniões são muito felizes, mantendo ambos os cônjuges modelar fidelidade. Na verdade, as negras preferem os brancos aos pretos, por que se sen tem hon ra das com as suas re la ções mo men tâ ne as. Entre os mu i tos mi lha res de es cra vas jo vens que pe ram bulam pelas ruas do Rio de Janeiro vendendo flores e frutas, talvez se não en con tre uma só que re cu se um con vi te para isso. Mu i tos eu ro pe us sentem aversão natural pelas raparigas pretas, mas, desde que a vençam, passam a gostar delas. Demais, há umas de feições tão lindas, de estrutura de membros tão esplêndida e de tanta frescura que se torna difícil re sis tir à ten ta ção de pos su ir to dos es ses en can tos por al guns vin téns.<sup>15</sup>

Fisionomias como a da Narina nas *Viagens de La Vaillant*, ou da Jo a na, nas obras de Stadt mann so bre Su ri na me<sup>16</sup> não são ra ras e pergun to

14 A palavra *crioulo* sempre indicou os nascidos no país. Negro-crioulo, o negro nascido na América. Do mesmo modo, o branco podia ser crioulo. Os autores franceses, quando se referem a Josefina de Beauharnais, mulher de Napoleão, dizem: "une créole de la Martinique". Essa é a significação real do vocábulo.

15 Sempre o mesmo encanto pelas negras...

16 Não atinamos a que alude nessas viagens de La Vaillant, se se trata de um indivíduo ou dum navio. Nenhuma referência encontramos em nossas buscas para elucidar o caso quanto a um navio com esse nome. Houve um Vaillant, Augusto Nicolau, nascido em Paris, em 1793 e falecido em 1858, oficial de marinha, que fez uma viag em à roda do mundo, mas em 1836, dez anos depois de ter estado o autor no Brasil. Esse Vaillant serviu no México, chegou a Contra-Almirante em 1849, a Ministro da Marinha em 1851, e a Governador das Antilhas, sendo reformado em 1858. Esteve no Rio de Janeiro comandando a fragata *La Bonite*. Stadtman foi um naturalista e viajante alemão, em cuja honra se deu a um gênero de *nefelias* o nome de *Stadtmanias*. Chama-se Suriname o maior rio da Guiana Holandesa, que nasce na serra de Tumuc-Humac e banha a capital da colônia, Paramaribo. Às vezes, a Guiana Holandesa é designada pelo nome desse rio. A colonização desse pedaço da América Meridional começou em 1581 e prova o insucesso fragoroso do holandês como povo colonizador.

a todos se essas, no seu gênero, são ou não de extraordinária beleza? Além disso, to das as ne gras são as se a das, usan do ves ti men ta elegante e agra dá vel, e não su je i tas às mo lés ti as ve né re as como as mu lhe res bran cas no Brasil, que unem a uma vida desregrada uma negligência que as não isen ta de las. Con tu do, nos tró pi cos, es sas mo lés ti as não têm con se quên cias devastadoras como no norte da Europa, o que confirma a su posi ção de que se jam re al men te de ori gem ame ri ca na.<sup>17</sup>

Os escravos importados da África costumam, mesmo rece bendo o melhor tratamento, fugir dos donos, salvo se continuamente ocupados dentro das casas, livres das tentações dos seus companheiros de fora. Nas escravas oferecidas à venda, vale como especial recomen dação não serem fujonas, o que se anota expressamente nas hastas pú blicas. As fugas de escravos novos não são conseqüência de grandes maus-tratos ou de excessivos rigores, mas de uma instituição original men te mu i to útil, o Ca pi tão-do-Mato, como é cha ma do uma es pé cie de polícia que se ocupa exclusivamente da cap tu ra de ne gros fu gi dos. Todo distrito, nas cidades, todas as vilas e povoações, no campo, têm seu Capi tão-do-Mato, com al guns es cra vos em pre ga dos como cães de fila, a cuja diligên ci a ra ra men te es ca pa mos fu gi ti vos.

Como tal gente, na maioria também pretos ou de cor, recebe pagamento por escravo apanhado e o dobro, em caso de reincidência, emprega todos os meios de sedução para aumentar o número dos fujões. Numa cidade como o Rio de Janeiro, seu método raramente falha e mais raro ain da é po der o fu gi ti vo es ca par, por que qua se sem pre aqueles mes mos que o in du zi ram à fuga o tor nam a cap tu rar. Ele ex pia, en tão sob o azor ra gue cur to so nho de li ber da de, que du rou pou cos dias, e recebe, como lembrança, uma gargalheira, da qual se eleva junto ao pes co ço uma cruz de fer ro, o que per mi te a seus com pa nhe i ros o ape li darem satiricamente de *cavalheiro*.<sup>18</sup>

Aplica-se o castigo nas praças públicas ou no Calabouço,<sup>19</sup> presídio de negros, suportado geralmente com grande firmeza. Ossenhores

17 A tese da origem americana da sífilis está hoje em dia cientificamente por terra. O assunto foi estudado devidamente em Gustavo Barroso, *As colunas do templo*, capítulo "Morbus Indecens".

18 O Museu Histórico Nacional possui exemplares dessas gargalheiras. Algumas ostentam a cruz, outras levavam pequena bandeirola vermelha, outras um chocalho.

19 Chamava-se também *cafoló*. No Rio, ficava na antiga Ponta da Misericórdia, onde havia o forte de São Tiago, artilhado em 1710 com uma peça. Chamou-se a esse local, por isso, Ponta do Cafofo, e finalmente, Ponta do Calabouço.

decentes nunca punem pessoalmente seus escravos, mas tentam fazer-lhes compreender que a punição é consequência natural de toda a falta que nem eles podem evitar. Vi alguns que até sabiam apertar tão admiravelmente a maior pena de seus escravos castigados que estes se como viam até às lágrimas e lhes caíam aos pés, chorando e pedindo perdão. O verdadeiro brasileiro perdoa a seu escravo a primeira falta, castiga-o pela segunda e vende-o à terceira por qualquer preço, pois, sendo esse costume conhecido, todos desconfiam e que rem compram barato os pretos domesticados expostos à venda. Os escravos nascidos no Brasil, ou crioulos, jamais fogem de casa, e por isso valem mais do que os importados da África, ainda saudosos de sua antiga liberdade.

Preciso referir mais um costume que muito me agradou. Se um escravo fugido volta espontaneamente, o que não é raro, não vai diretamente à casa do amo, mas a de um dos vizinhos ou, de preferência, a dum sacerdote, pedindo a sua intervenção. Nenhum brasileiro se nega a prestar esse favor. Leva-o ao seu senhor e pede perdão por ele, o qual é sempre concedido. Este hábito é ainda um resto da antiga cortesia ibérica e da grande influência que as relações de vizinhança exerciam no seio dum povo originariamente amável.

Os escravos que têm a felicidade de escapar à astúcia e à perseguição dos Capitães-de-Mato, encontram nas densas florestas do Brasil, pequenos grupos de seus conterrâneos vivendo da caça e do roubo.<sup>20</sup> Já se foi o tempo em que essa gente podia formar estas dos regulares, que, durante um século, resistiram aos ataques dos antigos senhores, com heróica valentia e táctica adequada ao clima e ao terreno. Já se foi o tempo em que a República dos Palmares florescia nos sertões pernambucanos sob o governo do sábio e corajoso Zumbi, que em 50 anos criara uma cidade importante, mais de uma vez derrotara as tropas coloniais e acabara coberto de glória, em 1696. Quando se lê a história desse estado, chega-se à convicção de que a sabedoria e a coragem não são peculiares à cor da pele, de que o herói mo não é privilegiado de nenhuma casta e de que leis sábias podem existir e ser executadas sem estarem escritas. Zumbi fez a felicidade de seu povo, adotou os costumes da

---

20 Os quilombos.

rude horda fugitiva, tornou-se o terror de seus antigos amos e suicidou-se, quando viu perdida a derreira esperança de salvar a República. A cidade foi destruída. De Palmares não existe mais o menor vestígio. Só a sua gloriosa lembrança.<sup>21</sup>

Os escravos importados pertencem às mais diversas nações. Encontram-se nos armazéns ou depósitos, negros do Congo, Angola, Caxangue,<sup>22</sup> Moçambique, Mombaça, etc. Os navios negreiros visitam ambas as costas da África. Os pretos são todos geralmente de estatura mediana e as mulheres um pouco menores que os homens. Raras vezes se observa a disparidade de tamanhos da maioria dos povos europeus. Os braços e as pernas são bem fornecidos de carne, como os das classes trabalhadoras da Europa. A nuca é excessivamente forte, talvez devido a carregarem todos os pesos à cabeça. A coluna vertebral se afunda na carnadura. Os ombros e as costelas arqueiam-se salientes. Isto e peitos de construção mais feminina são sinais característicos da raça, havendo poucos inteiramente imberbes. É difícil decidir se a falta de barbas é natural ou resultado de operação artificial. Inclino-me à segunda razão, pois é compreensível que, se o uso de arrancar a barba dominou num povo durante largos séculos, as gerações mais novas acabam perdendo-a completamente. Observa-se um fato análogo nos cavalos ingleses, que nascem com meninos ver-te-bras na cauda do que os dos países onde não é costume apará-las.

Em verdade, os negros, como os carneiros, não têm fisio-nomias próprias, a diferença de feições é tão pequena entre eles que isso só não basta para distingui-los uns dos outros. Parecem-se tanto que é fácil

---

21 O famoso quilombo dos Palmares ficava na serra da Barriga, no sertão de Pernambuco. Começou em 1630, reunindo grande número de negros fugidos. De 1643 a 1645, os holandeses os dispersaram. Reorganizaram-se, depois, com mais força, dominando completamente uma redondeza de 60 léguas. Eram cerca de 20 mil e resistiram a 20 expedições seguidas. A 3 de março de 1687, o Governador de Pernambuco, João da Cunha Souto-Maior firmou um contrato para a destruição do quilombo com o paulista Domingos Jorge Velho, que o seu sucessor, o Marquês de Montalvão manteve, pelo qual as presas seriam vendidas no Rio de Janeiro e Buenos Aires. Reforçado pelos pernambucanos de Bernardo Vieira de Melo, os paulistas atacaram o arraial fortificado dos pretos, a chamada Cerca Grande, e o tomaram, vencendo a brava resistência dos defensores. Nos últimos momentos do combate, o chefe dos escravos, o Zumbi, fugiu acompanhado de alguns sequazes, aproveitando a escuridão da noite e, perseguidos pelos contrários, se despenharam numa ribanceira. Muitos morreram. Esse fato deu origem à lenda do heróico suicídio do Zumbi, ou Zombi, nas lições de Rocha Pita e Oliveira Martins. A verdade histórica é que foi apanhado pelos vencedores e degolado, segundo conta o ofício do Capitão-General Caetano de Melo e Castro ao Governo de Lisboa, de 13 de março de 1695.

22 Caxangue e não Caxange, território de Luanda, na África portuguesa; povoação em Bengala; região e tribo na zona de Malange. Dessa tribo vieram muitos escravos para o Brasil e, como estropiassem muito o português, passou-se a chamar caxange o português mal falado ou mal escrito.

confundi-los. Entretanto, suas raças apresentam característicos fisionômicos os mais diversos. Há feiíssimos como os de Moçambique e belos como os de Angola ou do alto ser tão africano. Muitos são tatuados, a maior parte na testa e nas faces. Alguns apresentam talhos nos ombros, que dizem indicar os anos vividos em sua terra. Pelo menos, por esses cortes calculam sua idade. Essas marcas são em relevo e como que produzidas por um ferro quente. Alguns magros, cujos ombros, braços e peitos parecem *skylight*<sup>23</sup> inglês, vidros muito grossos e cheios de riscos encaxados no convés dos navios. Afirmando que no decorso de seu melhan te operação, as crianças a elas sujeitas perecem pela metade.

Tanto os negros como as negras raramente vivem mais de 40 anos. Muitos já com trinta, têm os cabelos brancos.<sup>24</sup> A curta duração das vidas e a pouca fertilidade das mulheres impedem o aumento da população servil e obrigam a uma contínua importação de escravos. Todavia já se observou que os pretos nascidos no Brasil atingem idade mais avançada, podendo-se, assim, esperar que, embora o tráfico da escravatura venha a diminuir ou a estancar-se, seja a procriação de negros no interior do país favorecida de maneira adequada a nunca faltarem trabalhadores escravos ao Brasil.

Será esse o único bom resultado que a proibição geral do comércio negreiro produzirá. O sr. von Alphen<sup>25</sup> provou, na 2ª sessão dos Estados Gerais da Holanda, da maneira mais conclusiva, que essa proibição não teve nas Índias Ocidentais outra consequência senão a alta do preço dos negros. A cobiça foi por ela mais excitada, a audácia dos contrabandistas aumentou e a sorte dos míseros cativos durante a viagem transoceânica, na venda e depois desta piorou. Nada mais produziram as leis proibitivas.<sup>26</sup>

23 Em inglês, no texto. Termo poético que indica a luz do céu noturno ou toda a luz suave que desce das alturas ou se coa num aposento. Aplicado à linguagem náutica, no sentido que lhe dá o autor.

24 O ditado popular brasileiro – *negro quando pinta três vezes trinta* – aplica-se aos crioulos e não aos africanos a que se refere o autor e que, segundo era sabido, se acabavam cedo.

25 Houve três von Alphen na Holanda. O 1º, Daniel, jurista e professor na Universidade de Leyde, autor de erudita obra sobre as prerrogativas da Magistratura, que completou com uma 2ª parte a famosa *Descrição da cidade de Leyde* feita por van Mieris, em 1762, e viveu de 1713 a 1797. O 2º, Jerônimo, jurista, teólogo e poeta, autor de canções populares, de hinos religiosos e das obras *Da superioridade de Moisés sobre Salom e Licurgo* e *Staner Hemel*, o *Céu Estrelado* que viveu entre 1746 e 1803. Finalmente, o 3º, Jerônimo Simão, pastor calvinista e professor da Universidade de Utrecht, autor da *Specimioanalitica in Epistolas Pauli*, tendo vivido na 1ª metade do século XIX. Provavelmente é ao 2º von Alphen que o autor se refere.

26 O mesmo se passou no Brasil.

Sendo o interior da África habitado por inúmeras tribos, que todas mais ou menos fornece a mercadoria viva aos mercados das costas Leste e de Oeste, é fácil imaginar a babel de línguas nos armazéns e depósitos do Rio de Janeiro. Vi muitas vezes ser necessário o emprego de dez e mais intérpretes, para interogar um negro sobre os sintomas de sua doença. Dizem que a língua dos Cachanges é a mais fácil de todas, de modo que a maioria dos mercadores e capitães de navio que freqüentam a África a entendem.<sup>27</sup> Aliás, todos os negros aprendem o português com grande facilidade. Em três meses, podem, em geral, se fazerem mais ou menos entender. Só o grupo consoante *st* e *r* lhes oferecem muita dificuldade. Pronunciam o primeiro como *t* e o segundo como *l*. Por exemplo: *tá bom* em lugar de *está bom, dalé* ao invés de *darei*. Nota-se a mesma dificuldade prosódica nas crianças e em muitos povos que vivem em estado natural, como várias tribos brasileiras e muitas nações da África do Norte.

Quase todos os negros nascidos na África trazem para o Brasil um grande orgulho de sua terra natal, que os não deixa mesmo após longos anos de escravidão. Suas palavras prediletas são: minha terra e minha nação. Orgulham-se de suas origens e, quando brigam, quase sempre a causa é um antígocismo nacional. O negro exclama: – Eu sou Congo! com a mesma soberba com que o inglês gaba a liberdade de britânica, batendo com a mão aberta no lar gopeito.

Raramente têm sobrenomes. Apelidam-se pelo da nação a que outrora pertenciam: José Angola, Maria Congo, Antônio Cachange e assim por diante. Os brancos chamam-lhes rapaz ou pai, conforme a idade de que tenham. Os meninos são chamados moleques.

Os negros são extraordinariamente cortesões e, usam os mesmos modos cerimoniais dos brancos e se tratam por senhor e vossa mercê. Só usam as expressões tu e você, quando encolerizados. Os rapazes beijam as mãos das mulheres idosas e dos pais. E as posições anteriores não perdem o seu presépio no seio da escravidão. Mais de uma vez, vi um pequeno Príncipe africano receber, em plena rua, as homenagens de seus antigos súditos. Dava à sua maneira um beija-mão como o de D. Pedro em seu trono dourado e vivia livremente com fartura dos presentes que recebia, como tributo voluntário dos aludidos súditos.

---

27 Uma das razões de se denominar ao português mal falado ou mal escrito *caçange*.



Como a forma de go ver no de to dos os po vos afri ca nos é a des-pótica, a idéia do po der real ili mi ta do e a ido la tria à pes soa do mo nar ca estão profundamente enraizadas nos pretos. São eles, sem dúvida, no Brasil os mais estrênuos partidários da Monarquia. D. Pedro sabe apreciar essa dedicação e permite que todos os escravos se aproximem de sua pessoa, vendo-se, por isso, constantemente, na igreja e nas ruas, rodeado por eles que lhe demonstram seu devotamento de joelhos, beijando-lhe a mão. Seu Real Pai era mu i to aves so a essas fa mi li a ri da des. Cho rou de ra i va por se rem os negros que puxaram em triunfo sua carruagem, no dia em que jurou a Constituição Portuguesa, do balcão do Teatro. Num país onde há escravidão, os bran cos nun ca se pres ta ri am a esse pa pel de ca va los.<sup>28</sup>

Na qua se to ta li da de, os ne gros têm pou ca in te li gên cia, mas muito senti men to e es pí ri to. Sa bem con tar bem di re i ti nho suas pe que nas histórias e mentir a respeito de sua terra, tão bem como muitos pseudoviajantes europeus, sobre países que nunca visitaram. Comovi um que to ca va bem ma rim ba até ao pon to de cho rar, di zen do-lhe que, em par te al gu ma do mun do, ou vi ra co i sa mais bela. De po is, com grande arrogância e luxo de pormenores, ele me contou que havia sido mestre de orquestra e músico da corte de vários reis africanos, acrescentando a esses tí tu los a pala vra **mor**, que sig ni fi ca o pri me i ro ou o su pre mo.<sup>29</sup>

A marimba é um instrumento musical que consiste numa fileira de pe nas de aço pre sas em pe que na tá bua. Ser ve de ca i xa so no ra a metade duma casca de coco. Toca-se com os dois polegares, enquanto os outros dedos a seguram. Seu som é su ave e me lo di o so, po den do ser considerado o melhor instrumento de música de invenção africana. Outro instrumento tocadofreqüentemente é o que consta dum arco de madeira elástica com uma única corda. Produzem-se as diferenças de som por meio de maior ou menor pressão sobre o arco, cuja extremi da de se co lo ca de en con tro aos den tes. Os be rim ba us são tam bém mu i to apre ci a dos.<sup>30</sup>

28 Isto contraria o que o autor diz anteriormente dos **escravos brancos**, que conduziam aos ombros o soberano à ermida da Glória, e o que se sabe de D. João VI, que possuía os carregadores negros da sua cadeirinha de arruar ou do seu palanquim, como já se viu em nota precedente.

29 Mestre-mor. Músico-mor.

30 Berimbau, pequeno instrumento de ferro em forma de lira, com uma lingüeta de aço entre dois ramos, presos a uma parte arredondada. Toca-se prendendo esses dois ramos entre os dentes e tangendo com um dedo à lingüeta.

Seria interessante descrever a vida e os lances de fortuna de alguns pretos. Muitos têm histórias bastante românticas. Encontrei certa vez, no caminho de Cabo Frio, um velho pescador que me disse ter sido capturado havia poucos anos no sertão africano e vendido como escravo, em Moçambique. Falava mais ou menos francês, conhecera Napoleão no Egito e entendia inglês, aprendi do nas colônias britânicas da costa ocidental, onde estivera várias vezes. Mostrou-me as cicatrizes de mais de vinte ferimentos e assegurou-me ter mais de cem anos.

A boa índole inata dos pretos e seu apego à pessoa do amo, que vai além de qualquer descrição, fariam deles ótimos servidos, se a essas qualidades dignas de louvor não se visse de contrapeso o mais alto grau de preguiça. Todavia se é bem servido, quando se tem um único escravo. O orgulho europeu introduziu o sistema contrário. É uma espécie de vaidade fazer-se servir por muitos, luxo que, como todo exagero, acaba se tornando incômodo. Nas casas ricas, empregam-se geralmente de dez a vinte. Um empurra o trabalho para o outro, to dos fazem pouco, ou mesmo nada, e os amos são pessimamente servidos. Porém lisonjeia o orgulho do brasileiro ser acompanhado à missa ou aos passeios por longa fila de escravos e escravas, cuja ociosidade como que até causa prazer aos senhores. A mesma coisa ocorre não raras vezes na Europa.

O canto, a dança e os folguedos enchem as horas de folga dos escravos. Quando se quer ver gente alegre, basta procurá-los. De natureza é o brasileiro melancólico, muito sensual, cerimonioso e desconfiado, qualidades essas que não produzem a verdadeira alegria. A inconsciência do negro deixa-o gozar o que o momento lhe propicia, sem cuida dos sobrefuturo. Sua dança predileta chama-se fado, e consiste num movimento trêmulo do corpo que, suavemente embalado, exprime os sentimentos mais sensuais de um modo tão natural como indecente. São tão encantadoras as posições dessa dança que muitas vezes os dançarinos europeus as imitam no Teatro de S. Pedro de Alcântara, recebendo aplausos entusiásticos.

Encontram-se entre os negros, excelentes improvisadores. To dos os seus trabalhos, folguedos e danças são acompanhados de cantigas. Todas as impressões que recebem tomam uma forma poética. O

pensamento gera a rima, e a rima gera outro pensamento. Estão sempre can tan do suas fe li ci da des e suas do res em es tân ci as mais cur tas ou mais longas. Não me posso furtar a uma observação, que me ocorre em certas oca siões. To dos os po vos da Ásia e da Áfri ca, os mi lha res de tribos diferentes da América e os felizes habitantes do oceano Pacífico, todos se servem da rima ou de uma espécie de aliteração em suas poesias. Seria esse adorno poético desconhecido às gentes da Antiguidade? Não o creio. Con tu do, nem os au to res gre gos, nem os ro ma nos se in te res saram pela alma dos povos que subjugavam, desprezando mesmo completa men te suas pró pri as línguas.<sup>31</sup>

Quero afinal fornecer um cálculo demonstrativo de que no Brasil não se pode empregar seu dinheiro melhor do que comprando escravos e alugando-os para trabalhar. Para isso, estimei a duração da vida do ne gro em 35 anos e a ida de por oca sião da com pra em 15, ad mi tindo, por hipótese, que no primeiro ano nada ganhe, porém em cada um dos seguintes renda 7 mil-réis men sa is, o que per faz 80 mil-réis por ano. Apli quei para o cál cu lo os ju ros de 12%, de uso ge ral no país. Infe re-se daí que, se emprego um conto de réis para adquirir 5 escravos, ao fim de 20 anos pos su i rei um ca pi tal de mais de 26 con tos, en quan to que uma soma idên ti ca, de um con to, co lo ca da a ju ros ao mes mo tem po, só teria aumen tado para nove contos e quinhentos mil-réis. Comple ta men te diverso será o resultado deste cálculo, se eu empregar o rendimento anual proveniente do alu guel de meus es cra vos pa u la ti na men te na compra de outros e não der a ju ros, como admi ti no primeiro cômputo. Então se conclui que, após o decurso de 20 anos, possuirei um capital de 36 contos e 728 escravos, 300 de 16 anos, 120 de 18, 100 de 20, 60 de 22 e assim por diante, os quais me rendem anualmente 62 contos. Quem souber calcular mais ou menos ju ros compostos facilmente se con ven ce rá da jus te za de mi nhas con tas.<sup>32</sup>

Resultado tão surpreendente permite compreender como pesso as que vi e ram para a Amé ri ca do Sul com in sig ni fi can te ca pi tal te nham po di do, às vezes em curtíssimo lapso de tempo, ajuntar imensa fortuna. Cito

31 De fato, os antigos não usaram a rima. Seus versos eram ritmados e desse ritmo lhes vinha toda a harmonia. É também justa a observação que o autor faz do desprezo de gregos e romanos pelos idiomas dos povos bárbaros. Até os nomes próprios desses povos eles nos transmitiram, desvirtuados pela sua forma de falar ou transcrever.

32 O autor esquece os prejuízos das doenças e mortes dos escravos. Todavia, o negócio era lucrativo e deu para enriquecer muita gente. As grandes fortunas do Brasil antigo provinham da escravidão.

como exemplo apenas nosso conterrâneo F-ch, em S. Cristóvão, que começou do nada e agora é milionário. Também é um indivíduo que não conhece outro gozo senão amontoar tesouros, fazendo de sua crescente riqueza a simples agulha para no vos ganhos, que procura alcançar com o mesmo afimco, como se estivesse trabalhando pelo pão de cada dia.

Infelizmente, muito pouco posso dizer sobre a interessante questão dos primitivos habitantes do país. To-meio como norma contar unicamente o que vi e conheci. Meus meios pecuniários não me permitiram fazer longas viagens pelo interior e os arredores do Rio de Janeiro, por óbvias razões, somente conservam fracos herdeiros dos habitantes da região antes de ser descoberta, os quais pela civilização e mescla com os europeus perderam sua originalidade. Durante minha permanência de vários anos, talvez jamais tivesse ocasião de ver um selvagem, se o Governo, de tempos em tempos, não persuadissem pequenos grupos desses incógnitos errantes no norte da Província fluminense a se deterrarem nas proximidades da capital, antes para satisfazer a curiosidade dos europeus do que para alcançar fim mais elevado, como se iria civilizar os restos dos indígenas e preser vá-los dum aniquilamento, tanto mais certo e próximo quanto mais apertados forem os limites com que os vai cercando a civilização em marcha e a população em crescimento.

Não incluo entre os selvagens os chamados caboclos, raça bastarda de índios e negros.<sup>33</sup> Estes já se dedicam à agricultura, têm morada certa e em parte suportam as despesas do Estado. Muitos desses infelizes são forçados à custa de pancadas à profissão de soldado, para a qual não têm o menor pendor.<sup>34</sup> O semi-selvagem dá um bom pastor, um mau agricultor e o pior soldado do mundo. O verdadeiro selvagem jamais se submete à disciplina européia. É herói na guerra que faz à sua maneira, mas nenhuma força humana consegue transformá-lo num soldado regular. Despreza a dor dos castigos míseros e, se for preciso, sabe morrer sem se suicidar. Este é um dos fenômenos mais singulares que ocorre com o aborígine americano. Se está cansado da vida, deita-se numa esteira e morre. Para ele, a

33 Engano. Mestiços de índios e brancos. Os de negro e índio são os *cabras-bodes*.

34 O nosso recrutamento antigo, a pau e corda, evidenciava isso. O maior castigo era pôr o *côvado e meio* às costas dum brasileiro, isto é, o pano da farda.

*Depósito de esboços no Rio de Janeiro. Começo de século XIX. Gravura do livro de A. P. D. G.  
Sketches of Portuguese Life.*

Das coleções do Museu Histórico

morte é uma função exercida voluntariamente pela vida, como qualquer outra função do corpo. Suas causas não são lesões externas, veneno ou falta de alimento. Morre na flor e vigora da idade. Qual será o fisiólogo capaz de explicar este fato fora de dúvida por ter acontecido inúmeras vezes?

No seio de sua liberdade, o selvagem ignora as vantagens que a civilização oferece, desdenha seus gozos e ape nas teme as cadeias com que ela prende os homens. Raramente se aproxima dos brancos e nunca demora em sua companhia. Suas relações com eles promanam de ativo comércio de pecaçuana, borra-cha e outras drogas. Mas permanece em suas florestas ou para elas retorna logo que termina as suas trocas. Espingardas e pólvora, cachaça e fazendas de cores vivas acendem sua cobiça; mas, se com a maior sofreguidão procuram violentamente possuir um objeto, depois de o terem algum tempo, logo dele se enfiam. É-lhes absolutamente estranha a idéia de bens hereditários. Levam aquilo que lhes foi mais caro na vida para a sepultura.

As tribos que habitavam as cercanias do Rio de Janeiro há muito tempo desapareceram. Parte dos habitantes brancos provêm da mestiçagem de europeus e tupinambás.<sup>35</sup> Neles mal se observam fracos resquícios do sangue americano. Há algumas aldeias de tamoios já completamente civilizadas, que vivem da agricultura e da pesca, afamados como bons marinheiros. Ao norte do Rio de Janeiro, muitos lugarejos são habitados por descendentes dos tupinambás, nos quais se observa de contínuo o pendor para o nomadismo. Fora disso, ocupam-se de lavoura e pesca, pagando ao Governo insignificante imposto. No interior da Província, vagueiam ainda bandos de puris<sup>36</sup> e botocudos por todos os lados cingidos pelo povoamento crescente. Os últimos chamam-se a si próprios *engueremong*.<sup>37</sup> O nome botocudo é português e significa homem com batoque, porque eles costumam

35 Naturalmente equívoco. O autor deve querer aludir aos tupiniquins, cujo nome provinha de *Tupinaki*, ramo ou parente dos tupis, no dizer de Teodoro Sampaio.

36 Tribo de botocudos que vivia entre a Bahia, o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Também chamados patacos. Seus costumes foram descritos pelo Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, na sua viagem de 1815 a 1817, à bacia do rio Doce. Em 1828, na nossa 1ª Exposição de Pinturas, Debret expôs uma cabeça de índio puri. Hoje, os restos dos puris vivem em jagadas durante a estação chuvosa e em terra durante a calmosa, no rio Purus.

37 É curioso como o autor é, às vezes, bem informado. Aqui temos um exemplo. O termo *Engueremong* nada mais é do que a transcrição mal feita do apelativo *Orarimogodogue* que os botocudos se dão a si próprios, conforme os mais recentes estudos dos Padres Colbachini e Albisetti.

furar o beijo inferior e colocar nesse furo um círculo de madeira. Julga-se que descendem dos aimorés, os quais, ao calor do século XVII, abandonaram sua moradia no sertão, marcharam sobre o litoral e destruíram as Capitânicas de Ilhéus e de Porto Seguro. Ainda são tão selvagens como ao tempo de seu primeiro aparecimento, quando se achavam em grau de cultura muito mais baixo do que as tribos que expulsaram.<sup>38</sup> As únicas coisas que aprenderam dos europeus foram o uso da espingarda e o abuso de cachaca.

Tive a oportunidade de ver um grupo de uns trinta indivíduos desta nação nos arredores do Rio de Janeiro, onde estiveram algum tempo hospedados pelo Governo. Voltaram depois às suas florestas, carregados de presentes. Os homens haviam ganhado casacos vermelhos e chapéus de três bicos.<sup>39</sup> Ficavam engraçadíssimos com esse traje, sobretudo porque não havia meio de fazê-los vestir as calças que os completavam e lhes foram fornecidas. Todos os selvagens têm invencível aversão contra essa parte da nossa indumentária e contra qualquer espécie de calçado. Desconhecem o pudore, portanto, consideram as calças incômodas e supérfluas. Os sapatos e as botas causam-lhes dores nos pés, de maneira que, até as tribos de há muito civilizadas, raramente deles se servem. O mesmo se dá com os caboclos das Províncias, que se vêem entrar nas cidades a cavalo e de esporas, mas descalços.<sup>40</sup>

Se os botucudos não usassem de modo tão horrível os lábios e as orelhas, seriam um povo extraordinariamente belo. A parte superior do rosto é bem formada, os olhos brilhantemente pretos com singular mobilidade; a estrutura do corpo regular e forte sem exceção, com movimentos agilíssimos e cheios da graça selvagem, inata tanto nos livres filhos da natureza, quanto nos animais ferozes da selva. Não observei neles a finura digna de nota das coxas e pernas em relação ao corpo, que tantas vezes se tem criticado nos habitantes da América do Sul. São, no entanto, menos carnudos que os negros e não possuem

---

<sup>38</sup> Os tupis.

<sup>39</sup> Era costume dar aos índios que visitavam a capital ou as cidades velhas fardas de soldados, uniformes dados em consumo, como se diz em linguagem militar. O autor fala de chapéus de três bicos e casacas vermelhas. Ora, os tricórnios das antigas tropas coloniais haviam caído em desuso desde fins do século XVIII. Esses só podiam ser dos antigos tambores do Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro, cujas casacas eram vermelhas.

<sup>40</sup> Ainda hoje.

suas for mas roli ças. A cor bron ze a da é mais obra de ar ti fí cio do que da na tu re za. To dos os dias un tam a pele com uma terra ver mel ha em pas ta da de óleo de ríci no,<sup>41</sup> óti ma pro te ção con tra a pi ca da dos mos qui tos e os bi chos-de-pé,<sup>42</sup> tão abun dan tes no Bra sil. Co mo o sol tro pical faz en tran har na epider me esse un güen to co lor i do, não é de ad mi rar ad qui ra ela cor mais for te, mes mo que ti ves se si do a prin cí pio com ple ta men te cla ra. Sua falta de bar ba tam bém é mais ar ti fi cial do que na tu ral! Arran cam os pê los mal apa re cem e não os to le ram em par te al gu ma do cor po, além da ca be ça. Esse cos tu me é com pre en sí vel aos pa íses tro picais, onde a bar ba é gran de in côm o do. Con he ci di ver sos sol da dos in gle ses que, por co mo di da de, se su je i ta ram nas Índi as Oci den ta is à mes ma ope ra ção. O selvagem não disp õe de ou tro meio para se liv rar da bar ba, sen do ló gi co que ela, por isso, vá nas cen do mais fra ca em cada ge ra ção, com ten dên cia a com ple to de sa pa re ci men to.

As mu lheres e as cri an ças an dam com ple ta men te nuas, com os bra ços, os pes co ços e as per nas or na dos de bra ce le tes, co la res e fios de mi çan gas co lor i das. Tra zem nas orel has flo res e pen as. Al gu mas per fu ram tam bém as bo che chas e as en fei tam do mes mo mo do. Não pos su em o menor sen ti men to de pu dor e o que en tre os eu ro peus pro vo ca ria re pul sa en tre eles nem se no ta. Até co mo que a sen su a li da de se al vo ro ça me nos com as es plên di das for mas, que mu itas índi as ofe re cem à vi sta, do que quan do as co bre, no mun do ci vi li za do, o ves ti do mais be lo, tan to é a ima gi na ção quem prin ci pal men te move os de se jos a mo ro sos.

O as se io das mu lheres e mo ças ex ce de a ma i or idé ia que dele se pos sa fa zer. Vai tão lon ge que, para es ca par ao flu xo men sal, se su je i tam a do lo ro sis si ma ope ra ção. À en tra da da pu ber da de, as ra pa ri gas são es ca la vradas no bai xo ven tre com um in stru men to a fi a do, con ti nu an do essa espé cie de san gria até a per da de san gue ex ter na fa zer ces sar a in ter na. Fi co na dú vi da se esse cos tu me não pre ju di ca a fer ti li da de das mu lheres, ali ás mu i to res tri ta en tre es ses po vos.

---

41 Azeite de carrapato, no Norte do Brasil. O rícino é a mesma carrapateira, planta do gênero das Euforbiácias, cuja semente possui a *toxalbumina*. *Croton tiglium* ou pinhão-da-índia.

42 O *Pulex penetrans*. Chica Americana, Sarcófila, Tanga da Argélia, Quig da África Equatorial, Peysy do Congo, pulicídio que produz o *onixys ulcerosa* a *ulcera lagédémica*



Ape sar dos sel va gens que va gue i am pela Pro ví n cia do Rio de Janeiroconhecerem de há mu i to o uso da es pin gar da, ge ral men te se ser vem de duas espécies de arco: um de cordas duplas, ten do no meio pe queno saco, com que atiram balas ou seixos rolados, matando com ele de maneira habilíssima animais pequenos e pássaros a grande distân cia,<sup>43</sup> ou tro com uma cor da para a fle cha de pau-ferro, às ve zes de pon ta de fer ro e, na guerra, en ve ne na da.

Sabe-se que todos os povos do Brasil eram antropófagos e ainda o são. Todavia, esse hábito é mais comum nas Províncias do Norte. Consideram mãos, pés, narizes e orelhas como os mais finos man ja res e di zem que a car ne da mu lher é mais sa bo ro sa do que a do homem.<sup>44</sup>

Tal hábito, a vingança de morte, tida por todos os povos da Amé ri ca como o mais sa gra do dos de ve res, e a gran de in sen si bi li da de à dor fi si ca, por eles consi de ra da a ma i or gló ria, fa zi am com que as guer ras des ses selvagens entre si fossem muito sangrentas e cruéis. Pouquíssimos autores deram importância a esse fato e atribuíram o aniquilamento parcial dos abo rí gi nes sul-americanos uni ca men te à de su ma ni da de e co bi ça de seus pri meiros con quis ta do res. Se vol ves sem um olhar ob ser va dor para o Peru, te riam facilmente verificado que ali onde o povo atingira certo grau de cultura, sem cru el da des re cí pro cas des pertando in cessan tes represálias, a na ção foi vencida, mas não aniquilada, conseguindo, mesmo depois da con quista, certa liberdade que até hoje deu bom resultado. A verdade é que, nessa parte da América do Sul, quando a Constituição Republicana aboliu to das as di fe ren ças en tre es pa nhóis e cri ou los, cho los e gen te de cor, fo ram os últimos justamente os que com mais vigor a isso se opuseram e mais tempo se conservaram fiéis ao partido do Rei. Daí se infere que o estado em que vi vi am sob o re gi me co lo ni al não po dia ter sido mu i to tí rã ni co.

No Brasil, as circunstâncias foram inteiramente diversas. Todas as ten ta ti vas para dar aos abo rí gi nes aque le grau de ci vi li za ção ne cessá rio ao esta be le ci men to das re la ções ju rí di cas não pro du zi ram o me nor resultado, devido ao caráter desses povos, que nunca se deixaram conquistar e ou fo ram ex pul sos ou ex ter mi na dos.

43 O chamado bodoque.

44 A antropofagia dos índios, se começara por ser fruto da gula e da hostilidade ao inimigo, acabara obedecendo às idéias religiosas e se tornando ritual.

Quando os diversos elementos de uma população movem durante muitos anos sangrenta guerra uns aos outros, as qualidades preponderantes de cada um podem ser brilhantemente demonstradas. A guerra de libertação feita em princípios do século XVII pelos brasileiros contra os holandeses oferece exemplos admiráveis do que asseveramos. Patry morreu como deve morrer um herói do mar, atirando-se nas ondas, para não cair prisioneiro, com estas palavras: – “Só o oceano é sepultura digna dum Almirante báta vo!”<sup>45</sup> Fernando Vieira, com sua coragem cavalheiresca e sua profunda ponderação, pode servir de protótipo do heroísmo europeu.<sup>46</sup> O preto Fernando Dias desprezava os perigos, e a sorte favoreceu-lhe a intrepidez.<sup>47</sup> E Cameran, o famoso chefe índio, de pois de ter salvo a Colônia com sua fidelidade, voltou às suas matas, recusando a gratidão dos brancos e todas as recompensas que lhe ofereciam. Com estas palavras singulares: – “Posso ser amigo de vocês e assim continuarei, mas não posso viver no seu meio!”, o venerando ancião se despediu dos seus aliados.<sup>48</sup> Elas exprimem da maneira mais clara o modo de sentir dos selvagens.

Existe, no entanto, um meio de unir essas diversas partes que formam a população do Brasil. É o Amor. Desde os primeiros tempos, ele se evidenciou com sua força benfazeja. Todas as raças mestiças da América, provenientes da fusão de europeus e aborígenes se distinguem no físico e no espiritual, como se a Divina Providência tivesse dessa maneira

---

45 A memória tratou o autor. Não é Patry e sim Pater. Foi o general do mar que comandou as navas holandesas na batalha dos Abrolhos contra a esquadra luso-espanhola do comando de Antônio de Oquendo, almirante do Mar Oceano. Chamava-se Adrian Ianszoon Pater e morreu nessa pugna que começou pela manhã e durou até o anoitecer, a 12 de setembro de 1631. Nela pereceu afogado. O episódio que dele se conta, porém, não passa de lenda.

46 Aliás, João Fernandes Vieira, principal chefe da insurreição de 1645 a 1654 contra os holandeses. Nasceu no Funchal, ilha da Madeira, em 1613, e seu verdadeiro nome era Francisco d’Ornelas Moniz. Fugiu de casa aos dez anos de idade e veio ser caixeiro no Recife, onde enriqueceu. Em 1642, Vidal de Negreiros convidou-o a tomar parte na gloriosa empresa da Restauração de Pernambuco. Exerceu o comando dos insurgentes até 1648, quando o passou ao General Barreto de Meneses. Foi Alcaide-Mor do Pínhel, Comendador da Ordem de Cristo, Capitão-General de Angola e Conselheiro de Guerra. Faleceu em Olinda.

47 Outro lapso da memória do autor. Henrique Dias, que serviu heroicamente na guerra contra os holandeses, de 14 de maio de 1633 até 1654, quando eles capitularam na Campina do Taborda. Ferido em combate 8 vezes. Bateu-se por toda a parte à frente do seu Terço de Pretos, notadamente nos Guararapes. Retornou Olinda. Faleceu a 8 de junho de 1662. Até 1831, no Exército e nas Milícias, se conservou no Brasil a tradição desse Terço de Pretos nos Regimentos ou Batalhões de Henriques ou de Caçadores-Henriques.

48 Antônio Filipe Camarão, o chefe índio poti, que batalhou contra os holandeses desde 1630, vencendo-os em Terra Nova, em 1636, e em Guaju, em 1646. Era um bravo. Distinguiu-se sobretudo nos Guararapes. Batizado a 4 de março de 1612, na aldeia de Igapó, à margem do Potengi, está sepultado na velha igreja do Arraial Novo, nos arredores do Recife.

querido renovar o gênero humano corrompido. O futuro revelará melhor ainda seus sábios desígnios.

Os sons de todas as línguas da América do Sul muito se assemelham às vozes dos sapos, das rãs e das cobras, que pululam nessa região. Vê-se, assim, a grande influência exercida pela natividade na origem e desenvolvimento dos idiomas. Os romanos compararam o dos antigos germanos ao chilrear dos pássaros, que povoam os bosques sagrados de nossa pátria. O português é o latim falado por judeus. Porém talvez não haja no mundo inteiro fala tão difícil como a dos yamcos<sup>49</sup> do Amazonas, na qual, segundo Condamine, se exprime o número três com esta palavra infundável: *puettararironcuroac*.<sup>50</sup> Ou tras soam bem e são belas como a dos tupinambás, ainda hoje falada no Maranhão por muitos colonos, e a dos chochos, usada pelo povo no Pará e que os filhos dos espanhóis aprendem antes da própria língua materna.

Os bandos nômade do interior da Província do Rio de Janeiro, que, segundo disse anteriormente, devem ser com toda a probabilidade restos da nação pouco depois do Descobrimento conhecido pelo nome de aimoré, parecem não ter religião positiva, nem sacerdotais, nem princípios. De monstruosa, contudo, grande devoção a um Entesupremo e admiram o comovente esplendor do culto católico, com aquele sagrado pavor dos índios do tados de excessiva imaginação e postos no último grau de civilização. Não usam o maracá, que consiste numa cabaça cheia de pedras ou pedacinhos de metal, que o sacerdote agita, fazendo-se ressoar. O povo oferece por seu intermédio sacrificios à divindade que esse instrumento pretende representar.<sup>51</sup> Parece-me que somente as tribos tupis praticavam a devoção idólatra a essa insígnia do poder sacerdotal, sendo até certo ponto governa das pela influência dos pajés, espécie de ordem monacal, cujos membros só eram admitidos depois de provas cruéis. Como as tribos tupis da província fluminense em parte se fundiram com a população branca e em parte se converteram ao catolicismo, não pude-me instruir sobre os por menores dessa idolatria.

49 Os yamcos habitam no território brasileiro e no peruano do departamento de Cajamarca.

50 Carlos Maria de La Condamine, matemático e escritor francês, nascido em Paris, que viveu de 1701 a 1774. Teve uma mocidade tempestuosa e deixou a carreira militar para se dedicar aos estudos científicos, como ajudante de química na Academia das Ciências. Após diversas viagens ao longo das costas da África e da Ásia, obteve, em 1736, participar da expedição de Godin e Boguer, enviada ao Equador para determinar a configuração da Terra. De regresso, desceu o Amazonas. Deixou várias obras escritas.

51 O Maracá é importante divindade do culto indígena do Jurupari ou iniciação a mistérios absolutamente ignorados.

Os botocudos vivem em pequenos grupos, independentes, sob uma organização patriarcal. Não é improvável um resquício de religião entre eles, sendo o mais velho de cada agrupamento ao mesmo tempo chefe e sacerdote. Tentou-se freqüentemente, em tempos idos, convertê-los, porém em vão. O clero atual do Brasil não se julga mais destina do a ar ris car sua co mo di da de e tal vez sua vida em fa vor da sal va ção des sas al mas bár ba ras. Alguns pa dres ul ti ma men te se tor na ram már ti res da po lí ti ca; mas, ao que me cons te, ne nhum quis mais ser, nes te sé culo, már tir da re li gião.<sup>52</sup>

O Estado pouco se importa com os fracos restos da população aborígine do Brasil. É bem possível que tentativas anteriores tenham suficientemente demonstrado ser inútil querer salvá-los do aniquilamento fatal que os separa. Continua-se, todavia, a fazer alguma coisa em seu benefício, a fim de protegê-los e, se houver possibilidade, acostamá-los a um domicílio fixo. O Gover no des pen de so mas de cer ta im por tâ n cia para man ter uma es pé cie de co mér cio com eles. Mas, nes se caso, como aliás em mu i tos, sua boa von ta de é frus tra da pela co bi ça dos seus funcionários, que transformam esse intercâmbio em fonte de sua ruína física e moral, fornecendo-lhes principalmente cachaça.

Pelo conhecimento do estado presente dessas tribos, é fácil conjecturar que não será preciso mais dum século para varrê-las do solo que outrora pertenceu a seus pais. Por mais triste que seja esse destino, se ria de de se jar que sua ago nia já es ti ves se fin da, por que, onde a ci vi li za ção e o esta do natu ral en tram em con fli to, para este só res ta uma al ter na ti va: a sujeição ou o aniquilamento. Não é preciso para isso lançar mão de armas e da violência. A impossibilidade de continuar a vida à maneira anti ga, as ne cessi da des e fal tas dis so de cor ren tes, e o exa ge ra do uso da ca cha ça bas tam para des tru í-los. Do mes mo modo como se abatem as florestas vir gens do Brasil, eles de sa pa re ce rão tão com ple ta men te que nem per du ra rá a lem bran ça do seu in for tú nio.

---

52 A lista infundável de padres e frades liberais, revolucionários e maçons, na história do Brasil daquele tempo, justifica plenamente as palavras do autor: D. José Caetano, presidente da Constituinte de 1823, Diogo Antônio Feijó, José Antônio Caldas, Batista Campos, Macamboa, Sampaio, Januário da Cunha Barbosa, Venâncio Henrique de Resende, Mororó, João Ribeiro Pessoa, Roma, Caneca, Alencar, Miguelinho, Almeida Castro, Paula Barros, Sousa Fontes *et magna concomitante caterva...*

Então, o la vrador que arar a ter ra, em cu jas ma tas im pe ne trá veis, os dé be is re sí du os dos pri mi ti vos ha bi tan tes ain da ho je en con tram escassos me i os de sub sis tên cia, nada sa be rá con tar a seu res pe i to. Isto é um convite tentador para um viajante procurar conhecer mais de perto essa par te in te res san te do gê ne ro hu ma no, a fim de con ser var, ao me nos para a história, o que a fatalidade irrevogavelmente condenou a completa destruição.

.....

X

*Literatura Brasileira*

**É** natural, num país que oferece à observação quadros tão amplos e encantadores, a imaginação desenvolver-se cedo e de pressa. E é de convir que, desde o descobrimento das florestas eternamente verdes do Brasil, as suas maravilhosas praias ressoaram aos cantos dum povo, que trouxe das margens do Tejo a alma cavalheiresca de seus antepassados e a alimentou no seio de uma natureza grandiosa, aperfeiçoando-se excitando-a numa vida incerta e cheia de perigos, de modo a produzir as mais lindas flores. Mas esses primeiros cantos, como milhares de outros, que ainda hoje se ouvem, nas cidades e campos, da boca dos repentistas, se desfizeram no ar azulado, como o perfume dos laranjeais, ao leve roçar da brisa.<sup>1</sup>

Censuram-se os povos meridionais pela sua preguiça, *dolce farniente*, que, no entanto, não é um repouso apático, pois sempre estão perdidos na contemplação do que os rodeia ou ocupados com o pulsar das paixões que lhes agitam o peito. E que as peccatórias não lhes oferecem para isso a natureza, olhem para onde quiserem! O imenso espelho luminoso e limpo do mar recorda-lhes, mesmo que não queiram, o distante país de seus pais, muito embora nunca o tenham visto. As ondas batem isocronamente na costa, acompanhando o ritmo de seus pensamentos com uma música simples e imponente. As serras e morros cobrem-se

---

1 O primeiro poema do Brasil, o de Anchieta, foi escrito na areia de suas praias.

com um verde cheio de frescura e até a areia da praia parece arder sob as vivas cores das rosas, das ipoméias e das borboletas que sobrepõem-se. Os maravilhosos meandros das florestas, onde os troncos anosos se inclinam ao próprio peso e ao do tempo, enrodilhados e sustentados pelos cipós gigantes, o silêncio profundo e dominante, nunca interrompido pelo bater do machado, a diversidade de árvores e de outras plantas, que, em formas fantásticas, se entrelaçam, o suave murmurejar dos regatos e o majestoso estrondo das cachoeiras das pedregulhas dos montes e fraguetos, tudo isso leva a alma, alterna da mente, a sensações amenas e elevadas. De mais, o brasileiro é completamente diferente do europeu, que se acha no mesmo grau na sociedade burguesa. Reúne todas as peculiaridades das diversas raças que o formaram. É contemplativo como o aborígene americano, vivo e ardoroso como o filho da África, apaixonado e imaginoso como seus irmãos ibéricos. Alheio de todas as idéias familiares na Europa a qualquer criatura, é vassalua sua ignorância em muitos assuntos e vive sob o férreo jugo da superstição; mas seus pensamentos são rápidos como o relâmpago e seu instinto do belo sempre seguro, de modo que sabe que exprimir bem suas sensações numa língua simples, maleável e de singular harmonia. Paixões veementes agitam-lhe a alma.

Todas essas qualidades, se forem bem desenvolvidas pela educação, devem produzir grandes poetas.<sup>2</sup> E, realmente, o Brasil já se poderia gabar hoje de grande número de bons autores, se suas obras não se tivessem perdido ou sido enfurnadas na Torre do Tombo,<sup>3</sup> arquivo do Estado Português, visto como a tirania da Metrópole sempre se esforçou por destruir ou ocultar o que ameaçasse difundir alguma luz sobre sua interessante colônia. A maior parte das poesias dos primeiros tempos provavelmente nunca foi escrita, o que não prova que não tenham sido tão boas como as que, na mesma época, surgiram na Europa.

2 O autor como que adivinhava, em começos do século, a glória de Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Luís Delfino, Vicente de Carvalho...

3 Tombo é sinônimo de arquivo. Chamou-se Torre do Tombo uma torre da antiga cerca ou muralha de Lisboa, no lugar onde o Rei D. Manuel fundou os chamados Paços da Ribeira, atual Terreiro do Paço. O arquivo dessa torre, estabelecido pelo Rei D. Fernando, foi aumentado por Dom Manuel. Depois do incêndio no tempo de D. João III, o Tombo passou em 1540 para a cidadela mourisca no castelo de S. Jorge. A nova Torre do Tombo nesse local desabou com o terremoto de 1755, conseguindo felizmente Manuel da Maia salvar quase tudo quanto continha. O arquivo guardou-se até 1757 em um barracão, sendo então mudado para o Convento de S. Bento. Transformado este em palácio do Parlamento, hoje Assembléia Nacional, funciona no andar térreo, lado direito de quem entra.

Até certo ponto, o autor tem razão no que afirma. A *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, esteve longos anos enfurnada na Torre do Tombo.

No Brasil, não havia tipografias nem jornais. A *Gazeta do Rio de Janeiro*, fundada em 1747 por Antônio Isidoro da Fonseca foi suprimida. A Imprensa Régia foi criada por D. João, Príncipe Regente, a 13 de maio de 1808.

O brasileiro letrado, o habitante da capital e todos os que se têm na conta de brancos não se contentam com as poucas flores da musa nacional e reclamam toda a glória literária da Mãe Pátria, o que parece justificado pelo uso da mesma língua e por estar o assunto dos vários poemas de seu mais brilhante período em íntima conexão com o descobrimento e a colonização do Brasil. A própria lembrança ou a tradição freqüentemente fazem seus pensamentos se voltarem para Portugal, que o português, embora ocupasse os mais brilhantes situações no estrangeiro, ama acima de tudo. Qualquer brasileiro ilustrado conhece, pois, Camões, Andrade Caminha, Corte-Real, Quebedo e quase todos os poetas das épocas mais antigas e ilustres. Du Bocage é o poeta mais popular. E, na verdade, não é necessariamente por português para ter apaixonada predileção pelos *Lusíadas*.<sup>4</sup>

Todos os que fizeram longas viagens marítimas devem achar esses versos muito atraentes. As descrições que o cavalheiresco poeta faz de países e costumes ignotos são surpreendentemente fiéis e, ao mesmo tempo, tão singelas e pitorescas que se julga ver o que descreve em suas belas estâncias. Encontra-se idêntica veracidade em todos os poetas do tempo mais ilustre da literatura portuguesa. O *Naufrágio*, excelente poema de Corte-Real pinta um quadro horrendamente fiel dos indizíveis sofrimentos de encantadora e idolatrada esposa, naufragada com seu marido nas costas africanas, pouco a pouco sucumbindo à fome, aos padecimentos das caminhadas e aos terrores do sertão. Que lancinante quadro celestial! Li a notícia de sua ruína pelas mãos dos bárbaros

---

4 Manuel Maria Barbosa do Bocage, nascido em Setúbal a 15 de setembro de 1765 e falecido em Lisboa a 21 de dezembro de 1805, o mais popular dos poetas portugueses pela sua vida airada e aventureira, pela sua facilidade em versejar, pelo seu chiste, pela sua sátira e pela sua veia erótica. Principiou a carreira como guarda-marinha na Índia, de onde voltou a Lisboa em 1790. Depois de algum tempo de boémia com José Agostinho de Macedo, foi expulso até 1801. Pertencia à Nova Arcádia desde 1793. Tornaram-se célebres as suas improvisações no conhecido Botequim das Luminárias e seus desafios com Bressane e outros poetas. Apelidaram-no o *Sultão do Parnaso*. Em 1797, esteve preso pela Inquisição devido às suas idéias francesas, sendo obrigado a desdizer-se de público. Deixou 8 volumes de poesias, *Rimas*.

O autor demonstra a cada passo sua apaixonada predileção pelo grande épico, Luís de Camões. Refere-se mais a Pedro de Andrade Caminha, poeta português do século XVI, nascido em Porto e falecido em Vila Viçosa, em 1589, Camareiro do Infante D. Duarte, Duque de Guimarães. Mediocre e invejoso, guerreou Camões. Seus versos foram publicados em 1791 pela Academia das Ciências de Lisboa. Teve, por empenho do seu protetor, o cargo de alcaide-mor de Celorico de Basto.

Corte-Real aí citado é o autor do poema sobre o naufrágio do Sepúlveda. Quebedo é, naturalmente, Vasco Mousinho de Quevedo, poeta épico do século XVI ao XVII, nascido em Setúbal. Era doutor em Direito Civil e Canônico pela Universidade de Coimbra. Escreveu um poema sobre Afonso, o Africano, e um discurso sobre a vida e a morte da Rainha Santa Isabel de Portugal. Aderiu à dominação castelhana e fez um poema festivo a Filipe III. Deixou inédita a obra *Diálogos de vária doutrina*.

Apesar de alguns erros e equívocos, é curioso como o autor, de idade de menos de trinta anos, procura conhecer e estudar a literatura lusa, a brasileira, bem como a história de ambos os países.



cafres, caída na areia chamejante, rodeada pelos filhos moribundos, já sem fala, lançando com ternura a seu espólio o derredor olhar com as pálpebras embaçadas! Ela quer dizer-lhe o último adeus e não pode, porque a língua já lhe não obedece mais, leve so pro se evolada dos lábios ressequidos e, em dor imensa, expira, inclinando a cabeça para a terra. Muito tempo Sepúlveda permanece junto ao cadáver da que la, cuja beleza nem a morte consegue apagar, sentado no chão, em silêncio, o coração a partir-se e nas lágrimas correndo as derradeiras forças de sua vida. Com as próprias mãos cava na praia a sua sepultura, auxiliado pelos escravos que se lamentam em altos brados. Desde ela a lóbrega moçada e mais uma vez os servos choram aos gritos, despedindo-se de sua senhora. Depois, despejam água do mar na cova que encerra Liánor e um dos seus filhos, ambos sepultados no escaldante areal com um amor de que nada restou!<sup>5</sup>

A descrição que Camões faz duma tempestade marinha no Canto VI de *Os Lusíadas* pode ser compreendida pelo mais bronco marinheiro. Ela o comove como a qualquer um que tenha presenciado esse terrível espetáculo nos trópicos. Pequena nuvem negra, nuncia da tormenta, surge no horizonte, o apito do mestre ressoa pelo navio, os marujos, que matavam o tempo com histórias alegres, sobem às vergas; mas, antes que amainem o veleme, o temporal os saltaria. A vela grande é desfeita e arrojada ao mar. Um vagalhão enorme despenha-se sobre o barco. As manobras desse perigoso momento são magistralmente descritas.

5 Manuel de Souza de Sepúlveda, fidalgo português, nascido entre 1500 e 1505, e morto tragicamente em 1552. Sendo cônego da Sé de Évora, seduziu uma rapariga com quem fugiu para a Índia, em 1528. Ali militou com bravura e casou em 1548 com D. Leonor de Albuquerque, filha do Governador Garcia de Sá. A 23 de fevereiro de 1552, partiu para o Reino no galeão *S. João*, com a mulher, dois filhos pequeninos e um bastardo de 10 anos de idade, 200 portugueses e 300 escravos. Os temporais, nas proximidades do Cabo da Boa Esperança, desarvoraram o navio e o lançaram à costa, então inhospita, do Natal, onde conseguiram salvar-se 40 portugueses e 70 escravos. O resto pereceu nas ondas. Famintos, rotos, acometidos pelos cafres, foram deambulando praias afora. Ao cabo de três meses de horribéis sofrimentos, chegaram às terras dum régulo, que os acolheu bem. Seguiram adiante e caíram sob o poder dum soba que bastante os maltratou, despindo-os completamente dos restos de roupas que possuíam. Expostos às intempéries e à fome, começaram a morrer um após outro. Sepúlveda viu, assim, morrerem a esposa e os filhos, que enterrou com as próprias mãos. Acabou, depois, devorado pelas feras.

Sobre esse tema da história trágico-marítima dos portugueses, Corte-Real escreveu o seu poema "Naufrágio e lastimoso sucesso da perdição de Manuel de Sousa de Sepúlveda e de D. Leonor de Sá e de seus filhos, vindos da Índia para este Reino na nau chamada o galeão grande *S. João* que se perdeu no Cabo da Boa Esperança, na Terra do Natal, e a peregrinação que tiveram, rodeando terras de cafres mais de trezentas léguas até a sua morte, composto em verso heróico e oitava rima". O poema foi impresso após a morte do poeta por diligência de seu genro Antônio de Sousa e reimpresso em 1783 e 1842. Francisco Contreras traduziu-o em espanhol em 1624.

Jerônimo Corte-Real, o mais célebre poeta português do século XVI, era filho de Manuel Corte-Real, donatário da Ilha Terceira. Militou na África e na Índia. Foi capitão-mor de uma armada em 1571. Retirado na quinta da Palma, da qual era Morgado, perto de Évora, dedicou-se às artes. Deixou impressos dois poemas em português: *O segundo cerco de Diu* e *O Naufrágio do Sepúlveda*. Escreveu em espanhol um poema sobre a batalha de Lepanto e D. João d'Áustria, seu vencedor. *Austriada*.

Enquanto parte da tripulação dá as bombas, o resto procura manter o navio aprofundado com tra o oceano. As ordens de comando adequadas à situação, apesar da beleza dos versos, são fundamentais e produzidas. Quando mais se lêem essas esplêndidas estrofas maior é a convicção de que a mão que as escreveu sabia agüentar um leme e mais de uma vez batalhou no mar contra a fúria dos tempestades.

Compare-se isso, por exemplo, com os quadros que Clauren<sup>6</sup> esboça da vida marítima. Qualquer grumete encontrará neles centenas de erros, achando-os absurdos e ridículos. O mesmo grumete compreenderá bem, no entanto, a sublime veracidade do esplêndido trecho de Eduardo,<sup>7</sup> descrevendo a impressão produzida por céu e mar em noite linda e clara, no meio do oceano Atlântico: “O viajante julga-se, como o Arcanjo Gabriel, no meio do universo, podendo abraçar com um só olhar toda a Criação”. A causa deste pensamento da Senhora Duquesa nasce da contemplação individual, que deve produzir as mesmas sensações em todas as pessoas, tanto nas mais instruídas como nas mais brônças.

Quer na poesia brasileira, quer na portuguesa, não é raro pronunciar-se aquela veemente paixão que deitou fundas raízes na vida do homem do Sul e domina sua própria imaginação. Nota-se, nela, ao mesmo tempo, uma como galantaria cerimoniosa, facilmente compreensível aos que viveram no meio deste povo e conhecem sua exagerada polidez. É tão nacional isso que se encontram seus vestígios até nas mais antigas poesias, como a *Ele gia à Mor te de Inês de Castro*, atribuída ao Rei D. Pedro.<sup>8</sup>

Em semelhantes ocasiões, o brasileiro atual exprime de idêntica maneira os seus sentimentos. Amor e vingança freqüentemente se ajuntam na mesma poesia. A linguagem é sempre nobre, decente e um tanto afetada. O poeta nunca se deixa levar a uma expressão indelicada, embaraçosa e mais veementemente sensuálica. Na vida, também é assim.

O amor neste país, precisa de um pouco de orgulho ofendido e até mesmo de vingança, para atingir a maior força de expressão. O brasileiro é cortês até o momento de enterrear o punhal no peito do inimigo.

6 B. Clauren, autor do livro *Leben zur see*, a *Vida no Mar*, em que descreve a existência dos marinheiros.

7 Bryan Edwards(?), escritor inglês, 1743-1800. Herdeiro de um tio que tinha grandes propriedades na Jamaica, foi membro influente da assembléia ou conselho dessa colônia inglesa, manifestando-se contra a libertação dos negros. Banqueiro e deputado à Câmara dos Comuns, ali continuou a se manifestar do mesmo modo. Escreveu em inglês: *History of British Colonies in West Indies* - 1793; em francês: *Historie de la colonie française de Saint Dominique* - 1797.

8 D. Pedro, o Cruel, que se acha sepultado ao lado de Inês de Castro, no famoso Mosteiro de Alcobaça.

O lavrador brasileiro gosta de ser tratado por Excelência e se sente ofendido quando o estrangeiro, que recebe sua hospitalidade, não beija a mão de sua esposa e de suas filhas moças. Paga tam bém tais aten ções ao dobro, podendo-se ter certeza de que fará o possível para satisfazer seu hós pe de. De res to, ele re pre sen ta a par te mais in te res san te da po pu lação. O habitante da capital é também cortês, porém muito desconfiado, sen do di fi cil en trar com ele em mais ín ti mo con tac to.

O fazendeiro ou dono de planta ções vive em fe liz in de pen dên cia, ro de a do por uma na tu re za por ten to sa. Seus es cra vos cul ti vam os mais ricos campos do mundo. Seu gado pasta às margens férteis dos rios. Como pessoalmente não precise trabalhar, passa a maior parte do tempo na pensativa calma que é tão favorável à poesia. Torna-se um improvisador fe liz. Vê em-se to das as no i tes, nas pe que nas ci da des e nos cam pos, os habitantes reunidos em grupos diante das casas ou percorrendo as ruas, acompanhados por alguns músicos. Cantame to cam al ter na ti va men te ou con tam his tó ri as es cu ta das com a ma i or aten ção. Não há ver da de i ra men te pa les tras, po rém a ma ne i ra como essa gen te na tu ral pas sa o tem po me pa rece muito preferível ao palavreado oco que na Europa cha mam con ver sa ção. E que ex pres são sa bem dar às pa la vras! To das as sen sa ções que de se jam pro vo car se es tam pam em suas fe i ções, os olhos cha me jam, o pe i to se alarga e uma agradável gesti cula ção acom pa nha as nar ra ções sem arti fício. Nos intervalos, soa a guitarra, não o pesado instrumento conhecido na Europa por esse nome e sim a guitarra mourisca, de 12 cor das me tá li cas, que per mi te exe cu ção mais de li ca da.

Em verdade, essa gente não é de puro sangue branco e o orgu lho eu ro peu a en ca ra com des pre zo; mas to das as gran des qua li dades de seus antepassados nela concorrem. O descendente de branco com índia puxa mais à mãe do que ao pai. Para ele, a liberdade vale tudo. O mulato é vivo e cheio de ima gi na ção. De am bas as ra ças sa i rão gran des poetas.

Quase todos os poetas do grande período da literatura lusa prestaram homenagem ao mau gosto de seu tempo, recorrendo ao círculo de idéias da mi to lo gia gre ga, em po e si as cujo as sun to era mais do que cristão, por ser profundamente católico. Isto produziu combinações, cuja monstruosidade não raramente eles próprios sentiram e, de quando em vez, procuraram desculpar, como Camões no seu Canto IX. Real mente, nada pode

ser mais ridículo do que, por exemplo, Vasco da Gama implorar à Santíssima Trindade e aperecer Vênus para protegê-lo ou se casarem as ninfas da Ilha dos Amores com seus companheiros pelo rito da Santa Mãe Igreja.

O poeta brasileiro não cairá facilmente em tal erro, por que encontra nas tradições dos povos vencidos por sua raça, em seus hábitos e costumes, rico manancial de motivos para o maravilhoso de que carece em seus versos. Então, se chamar em seu auxílio as figuras singelas e sublimes da religião cristã, nada nessa combinação contrariará a natureza das coisas, por que se funda na pura realidade. Grande coragem dada pela fé, dum lado. Selvagem desprezo da morte, escarnecendo dos mais terríveis tormentos, do outro. Aquela, filha da esperança em uma coroa de martírio para a certeza duma eternidade bem-aventurada. Este, alimentado pela bárbara insensibilidade à dor física, que era orgulho dos primitivos habitantes do Brasil. Toda a história do Descobrimento e Colonização deste país está referida de brilhantes exemplos das duas categorias de heróis moços e poetas do futuro não deixarão de recorrer.

A mitologia grega, na maior parte baseada em fenômenos da natureza,<sup>9</sup> faria triste papel sob o céu tropical. Poderá a Aurora servir para abrir com seus dedos cor-de-rosa o reposteiro dum dia, cujo esplendoroso colorido faria empalidecer o próprio Apolo? Ninfas e faunos serão por acaso habitantes adequados às florestas virgens e eternamente verdes, em cujo seio inviolado se escondem mais maravilhas do que as poderia criar a mais viva fantasia? As primeiras tentativas da musa brasileira fazem já supor que tomará um vôo mais original e que o Brasil conservará sua independência, quer poética, quer política, e que brilhante série de futuros acontecimentos dignamente o assunto encerrado na história deste país.

Já os mais antigos poetas brasileiros, cujos nomes chegaram até nós, embora em parte se tenham perdido suas obras ou durmam empoeiradas nas bibliotecas conventuais, tratavam quase exclusivamente de matéria relativa à história do país. Bento Teixeira Pinto, nascido em Pernambuco, em fins do século XVI, descreveu o naufrágio do Governador Jorge de Albuquerque, numa obra que parece mais um romance do que uma história, o que estava de acordo com o

---

9 Essa era a teoria que, em matéria de mitos religiosos, começava a ter voga na época. É interessante como o autor estava a par de todos os assuntos de seu tempo.

*Cena típica ao pé dum cha fariz do Rio de Janeiro no começo do século XIX.*

Desenho original de Rugendas, das coleções do Museu Histórico. É a mesma cena que o autor descreve.

espírito da época, que procurava tirar um efeito poético do mais árido assunto.<sup>10</sup> João de Brito de Lema cantou, num poema intitulado do *Cesaréia*, de maneira semelhante, os feitos de Vasco Fernandes César.<sup>11</sup> Manuel Botelho de Oliveira e Salvador de Mesquita serviram-se em seus escritos, quase exclusivamente, da língua latina.<sup>12</sup> Da mesma forma, Francisco de Almeida, natural da Cachoeira.<sup>13</sup> Assinalo esta última circunstância como prova de que até os colégios do interior do Brasil, no fim do século XVII, não deviam ser de todo maus. Já Vasco Fernandes César de Almeida<sup>14</sup> fundara, na Bahia, nos primórdios do mesmo século, uma Academia Científica.<sup>15</sup> Pedro Nolasco Ferreira escreveu um *Parnaso Americano* e Gonçalo Soares de Franca, um poema heróico, que denominou *Brasiléia*. Ambos não foram impresos, mas são elogiados por escritores portugueses e se acham guardados na Torre do Tombo, assim como as relações dos primeiros povoadores que chegaram a regressar à Mãe-Pátria.<sup>16</sup>

É muito natural que alguns desses homens se tenham deixado levar pela fantasia a asseverar coisas consideradas impossíveis e que seus feitos, viagens e trabalhos fossem reputados maravilhosos. Quando, porém, se comparam esses primeiros relatos, dos quais

10 Jorge de Albuquerque comandava o navio *Santo Antônio* e bateu-se com um corsário francês na altura dos Açores. Seu navio só tinha duas peças e foi destruído. Ele foi salvo por uma barca perto de Cascais. É esse o assunto do poema de Bento Teixeira Pinto, o primeiro poeta literato brasileiro, natural de Pernambuco, no século XVI. Publicou em oitava rima o poema *Prosopopéia*, dedicado a Jorge de Albuquerque Coelho, governador daquela Capitania. É autor da *Relação do Naufrágio* que fez Jorge Coelho vindo de Pernambuco em a nau *Santo Antônio*, em o ano de 1565, reimpressa no tomo II da *História Trágico-Marítima*. Um exemplar raríssimo da *Prosopopéia* datado de 1601 e existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, permitiu a tiragem de edições modernas.

A Bento Teixeira Pinto foi atribuída a autoria dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, que hoje se sabe terem sido escritos por Antônio Fernandes Brandão, que neles figura sob o pseudônimo de Brandonius.

11 João de Brito Lemos, aliás, escritor militar do século XVII, nascido em Bragança, Portugal. Deixou uma obra rara: "*Abecedário militar* do que o soldado deve fazer até chegar a Capitão e Sargento-Mor, e para cada um deles *in solidum* e todos juntos saberem a obrigação de seus cargos. 1631."

O poema de sua autoria a que o autor se refere celebra a glória de Vasco Fernandes Cesar de Meneses, Conde de Sabugosa, que viveu entre 1673 e 1741, e governou gloriosamente, como vice-rei, a Índia de 1712 a 1717 e o Brasil de 1720 a 1735.

12 Manuel Botelho de Oliveira nasceu na Bahia em 1636 e ali faleceu a 5 de janeiro de 1711. Estudou em Coimbra e foi advogado. Deixou um volume, *Música do Parnaso* dividido em quatro coros de rimas portuguesas, castelhanas, italianas e latinas, com um descante cômico reduzido em duas comédias.

Salvador de Mesquita nasceu no Rio de Janeiro em 1646 e estudou em Roma para padre. Escreveu em latim o drama sacro *Sacrificium Jephthae*. Deixou duas tragédias inéditas: *Demetrius* e *Perseus*

13 Francisco de Almeida, poeta brasileiro do século XVIII, natural da vila da Cachoeira, na Bahia. Professor na Companhia de Jesus, Autor do *Orpheus Brasiliensis* dedicados a José de Anchieta.

14 Vasco Fernandes César de Meneses e não de Almeida.

15 A Academia Brasileira dos Esquecidos, primeira sociedade literária do Brasil, fundada na Bahia em 7 de março de 1724.

16 Pedro Nolasco Pereira e não Ferreira, nascido na Bahia em meados do século XVII, que escreveu em princípios do século XVIII o *Parnaso Americano*.

Gonçalo Soares da França e não de Franca, poeta brasileiro nascido no Espírito Santo em 1632, autor do poema em latim *Brasiléia* ou *A Descoberta do Brasil*. Compôs várias poesias em vernáculo.

alguns se acham insertos na *Corografia Brasileira* de Aires de Casal,<sup>17</sup> com descrições de viagens mais recentes, não se admira tão-somente a veracidade de suas informações, porém, mais ainda, o espírito empreendedor que os impulsionava às perigosas expedições, únicas oportunidades para obtê-las.

O poema épico de José de Santa Rita Durão *Caramuru*<sup>18</sup> foi a primeira obra dum brasileiro que recebeu certa consagração na Europa. Alguns de seus episódios encontram-se transcritos na excelente *Crestomatia* do escritor Pedro Gabe de Massarelos, que, pelos seus esforços em tornar conhecido na Alemanha o que há de mais interessante nas letras portuguesas, não será nunca elogiado suficientemente.<sup>19</sup> O maior mérito dessa poesia consiste no acerto do aproveitamento do ambiente e no contraste entre o cavalheiresco modo de pensar dos principais descobridores e o gênio naturalmente simples dos aborígenes, que, apesar de todas as qualidades atraentes como amigos, demonstravam em suas guerras uma fereza que chocava os sentimentos de humanidade. Durão deixa-se arrastar tão longe pelo espírito de sua época e da nação a que pertencia, que chega a encontrar nas idéias religiosas desses povos selvagens algo mais com as revelações da religião cristã, fazendo antes do descobrimento surgir entre eles um Apóstolo a obrar milagres e prodígios. Parece-me também que encara ou explica de um ponto de vista muito acerto o horrendo costume de sacrificá-los e comer a carne, em voga entre quase todos os povos da América do Sul, apresentando-o como instituição ritual, instituída pelos sacerdotes fanáticos e respeitada

17 Manuel Aires do Casal, aliás, Presbítero secular do Grão-Priorado do Crato, natural, segundo uns, de Pedrogão, em Portugal, segundo outros, da Cachoeira, no Brasil, o primeiro que publicou a Carta de Pero Vaz de Caminha. Nasceu em 1754 e faleceu depois de 1821, tendo regressado ao Reino com D. João VI, que o protegia e fez publicar na Imprensa Régia sua notável obra *Corografia Brasileira*.

18 Frei José de Santa Rita Durão, poeta épico brasileiro, nasceu em Minas, em Cata Preta, na serra do Carajá, perto de Mariana, entre 1718 e 1720, e faleceu em Lisboa a 24 de janeiro de 1784. Inocêncio da Silva põe seu nascimento entre as duas datas citadas, porque professou em 1738 na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho ou Oracianos, no Convento da Graça, em Lisboa. Doutorou-se em teologia em Coimbra. Foi bibliotecário da Livraria Pública Laiciupiana, em Roma. Escreveu o poema *Caramuru*, vertido em francês por Monglave. As melhores edições do *Caramuru* são a da Régia Oficina Tipográfica de Lisboa, de 1781, e a da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, de 1863.

O poema canta Diogo Alvares Correia, que, tendo naufragado na costa do Brasil, pelo prestígio da arma de fogo se impôs aos indígenas, casando com a famosa filha do seu chefe, Paraguaçu, batizada como Catarina Álvares, que faleceu na Bahia a 26 de janeiro de 1583. Seu marido tinha morrido antes, a 5 de outubro de 1557.

19 Pedro Gabe de Massarelos, autor da *Crestomatia Portuguesa* e tradutor em alemão do Canto Primeiro dos *Lusíadas*, era filho de outro Pedro Gabe de Massarelos, portuense, negociante e Cônsul de Portugal em Hamburgo, que ali prestou os mais relevantes serviços aos emigrantes políticos do partido de D. Maria II e faleceu depois de 1834. É provável ter o autor conhecido a ambos, ao pai e ao filho.

pelo povo como mandado divino a que todos se deviam sujeitar sem queixas.

Diogo Correia, o herói do poema, lançado à costa de S. Salvador alguns anos após o descobrimento e aprisionado com alguns companheiros pelos tupinambás, é destinado, como todos os que dessem a essa desgraçada praia, ao sacrifício da vida. Enquanto se decide sua sorte, são amavelmente tratados pelos selvagens e abundantemente alimentados. Dão-lhes até licença de andar para lá e para cá, e de ir à caça. Numa dessas idas e vindas, Diogo encontra à beira-mar restos do seu navio soçobrado e, entre eles, o armamento dum soldado europeu: luzente armadura e faiscante arcabuz. Apresenta-se com ele aos tupinambás, que voltavam derrotados dumabatalha. Dispõe agora do relâmpago e do trovão. Acerta com a mortífera arma um alvo a grande distância e todos se prosternam no chão, adorando seu prisioneiro como se fora Deus. Chamam-lhe Caramuru, que, na sua língua, significa *Monstro nascido do mar*,<sup>20</sup> dão-lhe como mulher a filha de seu chefe, a encantadora Paraguaçu. Rebenta terrível guerra entre as várias tribos, motivo da por esse enlaçada, e aí Duão se mostra um poeta na verdade genial. A descrição das festas celebradas com os sacrifícios humanos, que se seguem aos combates, é horripilante. Esses quadros medonhos são mais comoventes ainda por não serem exagerados.

Entre outras coisas, o poeta cita um fato abominável por um viajante muito digno de fé. Um dos guerreiros destinados ao sacrifício vê-se devorado em vida por insetos, cuja mordedura é um martírio tal que só o pode avaliar quem uma vez a tenha sentido. Ele, no entanto, nem se dá ao trabalho de enxotá-los e, de propósito, oferece às suas picadas as mais sensíveis partes do seu corpo, rindo e dizendo ao eurompeu sentimental que se não deve admirar dele não dar ao corpo posição que

---

20 Pode-se escrever um tratado sobre a origem e significação da palavra Caramuru. Ela indica a moréia, peixe do mar, da família das *muranidas*, viscoso e refrigente. Os índios assim chamaram o branco que saiu do mar e, depois, os espantou com sua arma de fogo. Todos os descendentes de Caramuru usaram o nome de Moréia, o que vem em apoio do significado da palavra no tupi da costa.

Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão diz que *Caramuruguacu* indica a moréia grande, o dragão que saiu do mar, o que não infirma a verdadeira significação da palavra e está de acordo com o que diz o autor.

Há traduções inadmissíveis dessa expressão, como *Filho do Trovão*, *Homen do Fogo* e *Dono do Raio*. Seria possível, no máximo, explicar *uru* como contração de *mururu*, molhado, e *cari*, o branco. Seria assim, o *branco molhado*. Poderia ainda corresponder a *cara*, contração de *Cariua*, o que manda ou pode, e *uru* ou *uru*, grande, isto é, o *Muito Poderoso*.

Em alguns lugares da costa, os indígenas deram aos brancos, indistintamente, o apelido de Caramuru.



aqui lo evi te, por que esse cor po, em bo ra ain da ani ma do por ele, dele não é mais e sim pertença de seu inimigo! Cenas como estas são horríveis, porém possuem pelo menos o mérito da verdade, o qual não julgo ser dos menores que honrem a um poeta. Durão o tem no mais alto grau. Não posso deixar de citar alguns<sup>21</sup> trechos do seu poema, que contêm viva descrição dos hábitos singulares dos povos indígenas povoadores do norte do Brasil, na época do descobrimento:

Da gen te fera, e do bru tal co man do  
Capitão Jararaca ele i to veio;  
Por que na ca ta du ra, e ges to in fan do  
Entre ou tros mil hor ren do é o mais feio:  
Que uma hor rível fi gu ra pe le jan do  
É nos seus bra vos mi li tar as se io;  
E traz en tre eles gala de va len te,  
Quem só com a cara faz fu gir a gen te.

Dez mil a ne gra cor tra zem no as pec to,  
Tin ta de es cu ra no i te a fron te im pu ra;  
Ne gre ja-lhe na tes ta um cin to pre to,  
Ne gras as ar mas são, ne gra a fi gu ra.  
São os fe ros Mar ga tes, em que Alec to  
O Aver no pin ta so bre a som bra es cu ra;  
Por tim bre na ci o nal cada pes soa  
Rapa do meio do ca be lo a co roa.

Cu pa í ba, que em pu nha a fe ral ma ça.  
Guia o bru to Esqua drão da cru a gen te;  
Cu pa í ba, que os mí se ros que abra ça,  
De vo ra vi vos na ba tal ha ar den te:  
À roda do pes co ço um fio en la ça.  
Onde, de quan tos come, en fia um den te;  
Cor dão, que em tan tas vol tas traz cin gi do,  
Que é já mais que cor dão lon go ves ti do.

---

21 Estrofes XIII a XXIII.

Uru bu, monstro hor ren do, e cabelu do,  
Vin te mil Ove ca tes fero doma;  
Por toda a par te lhe en co bria tudo  
Com ter rí vel fi gu ra a hir su ta coma:  
Monstro dis for me, hor ren do, alto e mem bru do,  
Que a ima gem do Leão ru gin do toma,  
Tão feio, hor rí vel por ex tre mo,  
Que é for mo so a par dele um Po li fe mo.

Fo gem todo o co mér cio da mais gen te;  
Ou se se vis sem a tra tar for ça dos,  
Que lhe possam che gar ne nhum con sen te,  
Se não trin ta, ou mais pas sos apar ta dos:  
Se al guns se che gam mais, por im pru den tes,  
Como leões, ou ti gres es fa i ma dos,  
Mor den do in ves tem os que in ca u tos fo ram,  
E a car ne crua, crua lhe de vo ram.

Sambambaia ou tra tur ma con du zia,  
Que as aves no fre char tão cer ta vexa,  
Que nem vo an do pela eté rea via  
Lhe er ra vam tiro de vo lan te fre cha:  
Era de plu ma o man to, que o co bria;  
De plu ma um cin to, que ao re dor se fe cha;  
E até gru pan do as plu mas pela cara,  
Nova es pé cie de monstro ex co gi ta ra.

Se guem-no dez mil Ma ques, gen te dura,  
Que em cul ti var man di o ca exer ci ta da,  
Não me nos útil é na agri cul tu ra,  
Que va len te em ba ta lhas com a es pa da:  
To ma ram es tes, como pró prio cura,  
De vi ve res pro ver a gen te ar ma da;  
Qua is tor ra vam o aipi; quem man di o cas;  
Ou tros na cin za as cân di das pi po cas.  
O bom Ser gi pe aos mais con fe de ra do

Consi go con du zia os pe ti gu ares;  
Que ha ven do pou co dan tes tri un fa do,  
Tem do den te ini mi go am plos co la res:  
Se gu em seu no me em guer ras de can ta do  
De gen tes va le ro sas dez mi lha res,  
Que do fér reo ma de i ro usan do o es to que,  
Dis pa ram com ba las o bo do que.

Nem tu fal tas te ali, Grão-Pecicava,  
Gui an do a Cari jó das áu re as ter ras;  
Tu que as fo lhe tas do ou ro, que te or na va,  
Nas mar gens do teu rio de sen ter ras:  
Tor rão, que do seu ou ro no me a va,  
Por cri ar do mais fi no ao pé das ser ras;  
Mas que fe i to em fim ba i xo, e mal pre sa do,  
O no me teve de ou ro in fi ci o na do.

Mu i tos des tes é fama que tra zi am  
Des te alto cer ro, que ha bi ta vam dan tes,  
Com pe dras, que nos be i ços em bu ti am  
For mosos, e bel ís si mos di a man tes:  
Outros áu re os to pá zi os lhe in ge ri am;  
Alguns sa fi ras, e ru bins fla man tes;  
Pe dras que eles des pre zam, nós ama mos:  
Nem di rei qua is de nós nos en ga na mos.

O fe roz Sa ba rá move ani mo so  
Dos a gi ra pi ran ga seis mil ar cos;  
Ho mens de pe i to em ar mas va le ro so,  
Que de san gue em ba ta lhas nada par cos,  
De ixaram seu ter re no de lei to so,  
Por ma tos den sos, pan ta nos sos char cos;  
E ou vin do os can hões hor ren do es tou ro,  
Pas sa ram des de o mar as mi nas do ou ro.

Poderia por menorizar ainda mais estes quadros interessantes; mas prefiro oferecer ao leitor outros trechos em que Du Rão sabe descrever agradavelmente as belezas de sua pátria. Tirei-os do Canto VII, quando Diogo Correia, de volta à Europa com sua esposa, pin-ta à Rainha Maria de Médicis o cenário do Brasil, em alguns sentidos insuperável. Eis o que diz das suas flores:<sup>22</sup>

Das flores naturais pelo ar brilhante  
É com causa entre as mais rainha a Rosa.  
Branca saindo a Aurora rutilante,  
E ao meio-dia tinta em cor lusitosa:  
Porém crescendo a chama rutilante,  
É púrpura de tarde a cor formosa;  
Maravilha que Clície competira,  
Ven do que muda a cor, quando o Sol gira.

Ou tra engraça da flor, que em ramos pen-de  
(Chamam de S. João) por bela passa  
Mais que tantas o prado ali com pre-en-de,  
Seja na bela cor, seja na graça:  
Entre a copa da rama, que se estende  
Em vista sa aparência a flor se en-laça,  
Dan do a ver por diante, e nas es-pal-das,  
Cachos de ouro com verdes esmeraldas.

Nem tu me es que ce-rás, flor admi-ra-da,  
Em que não sei, se a graça, se a na-tu-ral  
Fez a Paixão do Reden-tor Sa-gra-da  
Uma for-mo-sa, e na-tu-ral pin-tu-ra:  
Pen-de com po-mos mil so-bre-la-ta-da,  
Áu-re-os na cor, re-don-dos na fi-gu-ra,  
O â-ma-go fres-co, doce e ru-bi-cun-do,  
Que o san-gue in-di-ca, que sal-va-rá o mun-do.

---

22 Estrofas XXXV e XLII. Edição baiana de 1837.

Com den sa có pia a fo lha se der ra ma,  
Que mu i to à vul gar hera é pa re ci da,  
Entres sa chan do pela ver de rama  
Mil qua dros da Pa i xão do Au tor da vida:  
Mi la gre na tu ral, que a men te cha ma  
Com im pul so da gra ça, que a con vi da,  
A pin tar so bre a flor aos nos sos olhos  
A Cruz de Cris to, as Cha gas, e os abro lhos.

É na for ma re don da, qual di a de ma  
De pon tas, como es pi nhos ro de a da,  
A co lu na no meio, e um cla ro em ble ma  
Das Cha gas san tas, e da Cruz sa gra da:  
Vê em-se os três cra vos, e na par te ex tre ma  
Com arte a cru el lan ça fi gu ra da,  
A cor é bran ca, mas de um roxo exan gue,  
Sal pi ca da re cor da o pio san gue.

Prodígioraro, estranhara vilha,  
Com que tan to mis té rio se re tra ta!  
Onde em meio das tre vas a fé bri lha,  
Que tan to des co nhe ce a gen te in gra ta:  
Assim do lado seu nas cen do fi lha  
A hu ma na es pé cie, Deus pie do so tra ta,  
E faz que quan do a Gra ça em si des pre za,  
Lhe pre gue co' esta flor a na tu re za.

Ou tras flo res su a ves, e ad mirá veis  
Bor dão com vá ria cor cam pi nas be las,  
E em vá ria mul ti dão por agra dá veis,  
A vis ta en can tam, trans por ta da em ve las:  
Jas mins ver mel hos há, que inu me rá veis  
Cobrem pa re des, te tos, e ja ne las;  
E sen do por mi ú dos mal dis tin tos,  
Entre tecem pur pú reos labirintos.

As açu ce nas são tal vez fra gran tes,  
Como as nos sas na fol ha or ga ni za das;  
Algu mas no can dor lus tram bri lhan tes,  
Ou tras na cor re lu zem na cara das,  
Os bredos na mo ra dos ru tilan tes,  
As flo res de Cou ra na ce le bra das;  
E ou tras sem con to pelo pra do imen so,  
Que de i xam quem as vê, como sus pen so.

O fi nal do po e ma não sa tis faz. De res to, seu prin ci pal en can to não re si de na com po si ção, que fica mu i to aquê m do as sun to. Pa ra gua çu foi uma he ro í na, cuja lem bran ça até hoje é fes te ja da no Bra sil, tan to que há uma fragata im pe rial, com o seu nome.<sup>23</sup> Ela devia ser o di gno ob je to dessa e po pé ia; mas Durão deixou de par te seu ver da de i ro pa pel his tó ri co e a tornou uma ver da de i ra fan á ti ca da re li gi ão. Seu es tro, con tu do, é che io de ex tra or di ná ri as be ze las e va zan do em ver sos ex ce len tes. Apa re cer á em bre ve uma edi ção cor re ta do *Caramuru* na li vra ria do sr. Plan cher, no Rio de Ja ne i ro.<sup>24</sup>

Em bo ra Dias da Cruz<sup>25</sup> não seja bra si le i ro nato, não pos so de i xar de men ci o nar uma in te res san te po e sia ti ra da das suas *Metamorfo ses Bra si le i ras*, obra que de mon stra mu i to gos to e vi va im a gi na ção, am bos cul ti va dos sob um cé u tro pi cal e ali men ta dos por lon gas vi a gens nes ta par te do mun do, onde é pre ci so mu i to me nos ta len to do que na fria Eu ro pa pa ra ser po e ta. Essa po e sia re fe re se jus ta men te à que la Clí ci a, da qual Du rão fez uma des cri ção tão jus ta.<sup>26</sup>

Um jo vem ín di o vai com ba ter os in i mi gos da tri bo e a bem ama da o es pe ra com sau do so a ne lo. En ga na da por fal sa no tí ci a de sua mor te, sui ci da se, a fo gan do se num ri be i ro. Pou co de po i s, ele vol ta, glo ri o so e tri un fan te. Não a en con tra mais vi va, po ré m na mar gem onde pro cu rou a mor te des a bro chou uma flor cor de neve e de be ze la nun ca

23 Tomou parte na Guerra da Independência, bloqueando a Bahia e aprisionando a charrua *Leal Português* e o brigue *Prontidão*, em 1823. Fora portuguesa com o nome de *Carolina*. Ainda em 1842 estava em serviço ativo e conduzia a 3 de julho desse ano os deportados políticos da Revolução Liberal vencida em Minas Gerais e S. Paulo, pelo Barão de Caxias.

24 Essa edição não consta do Catálogo de livros sobre o Brasil de J. C. Rodrigues e somente as duas edições já anteriormente citadas. O Museu Histórico possui em sua Biblioteca a edição de Serva & Cia., da Bahia, em 1837.

25 Dias da Cruz, pelo que diz o autor, devia ser português. Nada podemos encontrar sobre ele e as suas *Metamorfo ses Bra si le i ras*.

26 Canto VII, estrofe XXV. Durão escreve *Clíciê*. É o heliotrópio, o girassol.

vista. Suas lágrimas molham as delicadas pétalas, o amor ardente que o anima comunica-se à Clícia, como uma vermelha chama se espelha no cálice e todas as manhas ele vai contemplar aquela maraviilha que eterniza a sua ternura e a fidelidade da morta.

Refiro-me agora a curto poema que causou grande sensação, tanto no Brasil, como em Portugal, o *Uraguai*, de Basílio da Gama.<sup>27</sup> Feito com a intenção de satirizar os jesuítas, falhou inteiramente ao seu desiderato. Os esforços da Companhia para estabelecer na América do Sul condições de vida jurídica entre os selvagens, e o brilhante resultado que os coroou, bem como a última mudança das coisas neste próprio país, de há muito destruíram qualquer calúnia de seus inimigos. No tempo, porém, em que veio a lume o poema, toda a Europa julgou mal os bons padres e só isso justifica terem eles achado necessário publicar uma resposta especial, que apareceu sob o nome de “Refutação Apologética ao Poema intitulado *Uraguai*”.<sup>28</sup> A mim, os ataques do autor, que foi jesuíta, me parecem de masiado fracoso, pois entendendo que a inabalável dedicação e fidelidade dos índios à Companhia é a melhor apologia de sua ação.

O fato histórico que serve de base ao poema é o seguinte:

Em 1710, Portugal ce deu à Espanha a Colônia do Sacramento, em troca das Sete Missões do Uruguai. Os guaranis convertidos ao cristianismo, que nelas habitavam e se sentiam muito bem sob o governo

---

27 José Basílio da Gama nasceu em Minas, na antiga Vila de São José do Rio das Mortes, depois S. José d'El-Rei, em 1740, e faleceu em Lisboa a 31 de julho de 1795, sendo sepultado no Convento da Boa Hora, em Belém. Filho de fidalgos pobres, estudou com os jesuítas, acompanhando-os a Roma, quando expulsos do Rio de Janeiro. Ali os abandonou e fez parte da Arcádia Romana com o pseudônimo de Formindo Sipílio. Seu poema *Uraguai* ou *Uraguai* foi impresso em Lisboa no ano de 1769, dedicado a Francisco Xavier da Silva e oferecido em soneto ao Marquês de Pombal, perseguidor dos jesuítas. A Academia Brasileira fez dele uma edição recente, que produziu grande eco. O poeta disse da própria obra:

“Serás lido, *Uraguai*! Cubra os meus olhos  
Embora um dia a escura noite eterna,  
Tu, vive e goza a luz serena e pura!  
Vai aos bosques da Arcádia, e não receies  
Chegar desconhecido àquela areia ...”

Além do *Uraguai*, Basílio da Gama publicou o poemeto *Quitubia*, reimpresso em 1791.

Protegido do Marquês de Pombal e do Cardeal da Cunha, o poeta foi em 1774 nomeado oficial da Secretaria do Reino, em Lisboa.

O tema da obra é a chamada Guerra Guarani. Pelo Tratado de Madri de 13 de janeiro de 1750, em troca da Colônia do Sacramento, a Espanha cedeu a Portugal os Sete Povos das Missões fundados pelos jesuítas de 1687 a 1707. Os índios guaranis dessas Missões se opuseram à posse do território pelos portugueses. A guerra durou de 1754 a 1765. O tratado, anulado em 1761, foi substituído pelo de Santo Ildefonso, em 1777.

28 Publicada em 1788, quase vinte anos após o aparecimento do poema.

patriarcal dos jesuítas, opuseram-se à execução desse tratado, naturalmente contra toda ordem, pois que, nesses assuntos, os povos não são ouvidos. Não se pode provar historicamente a responsabilidade da Companhia. Viram-se, portanto, os portugueses obrigados a tomar posse das Missões à força. Os guaranis de fendem-se bastante tempo; mas, afinal, depois dum ataque combinado de portugueses e espanhóis, foram vencidos e submetidos. Em ambas as metrópoles, o acontecimento provocou grande celeuma e certamente muito contribuiu, mais tarde, para a completa extinção da Companhia.

Basílio da Gama, cujo ódio pessoal aos jesuítas se manifesta em várias partes do poema, distingue-se principalmente pela elegância do estilo. Sabe também utilizar as peculiaridades do ambiente, essa região singular da América meridional, onde a natureza sabidamente desenrolou planícies infindas, atapetadas de esplêndidas pastagens, entre rios gigantes e serranias cobertas de florestas. Facilmente se fica convencido que ele habitou ali por muito tempo. Como amostra de sua poesia, escolho a descrição dum incêndio, fato comum naquelas paragens, onde para revigorar a força produtiva da terra os pastores incendiavam a macegaressequida. Favorecida pelo vento, a queima da vai galopando pelos campos, que se estendem a perder de vista. Depois, por baixo da cinza, brota o capim novo, não a erva européia, mas uma espécie de junco de indescribível exuberância, que fornece ao gado excelente alimento. Cepé, o chefe dos índios pereceu na batalha. Cacambo conduz os guerreiros que retiraram a cossa dos pelos portugueses, tentando alcançar as selvas impenetráveis das montanhas natais. Acampam à margem do rio. Noite escura. Céu coberto de nuvens. Ao longo da ribeira, rugem a tempestade. Deitado na sua rede, Cacambo não consegue conciliar o sono. A alma de Cepé lhe aparece e diz:<sup>29</sup>

Só na outra margem não podia em tanto  
O inquieto Cacambo achar sossego.  
No perturbado interrompido sono,  
Tal vez fosse ilusão, se lhe apresenta  
A triste imagem de Cepé despiço,

---

29 Ed. da Academia Brasileira. 1941. C. III, págs. 50 a 54.



Pin ta do o ros to do te mor da mor te,  
Ba nha do em ne gro san gue, que cor ria  
Do pe i to aber to, e nos pi sa dos bra ços  
In da os si na is da mí se ra ca í da.  
Sem ador no a ca be ça, e aos pés cal ca da  
A rota al ja va, e as des com pos tas pe nas.  
Qu an to di ver so do Cepé va len te,  
Que no meio dos nos sos es pa lha va,  
De pó, de san gue, e de suor cober to,  
O es pan to, a mor te! E diz-lhe em tris tes vo zes:  
“Foge, Foge, Ca cum bo. E tu des can ças,  
Ten do tão per to os ini mi gos? Tor na,  
Tor na aos teus bos ques, e nas pá tri as gru tas  
Tua fra que za, e des ven tu ra en co bre.  
Ou se aca so in da vi vem no teu pe i to  
Os de se jos de gló ria, ao duro pas so  
Res sis te va le ro so; ah tu que po des!  
E tu, que po des, põe a mão nos pe i tos  
A for tu na de Eu ro pa ago ra é tem po,  
Que des cu i dos da ou tra par te dor mem.  
Envolve em fogo, e fumo o cam po, e pa guem  
O teu san gue, e o meu san gue.” Assim di zen do  
Se per deu en tre as nu vens, sa cu din do  
So bre as ten das no ar fu man te to cha;  
E as si na la com cha mas o ca mi nho.  
Acor da o ín dio va le ro so, e sal ta,  
Lon ge da cur va rede, e sem demora  
O arco, e as se tas ar re ba ta, e fere  
O chão com o pé: quer so bre o lar go rio  
Ir pe i to a pe i to a con tras tar co’a mor te.  
Tem di an te dos olhos a fi gu ra  
Do caro ami go, e in da lhe es cu ta as vo zes.  
Pen du ra a um ver de tron co as vá ri as pe nas,  
E o arco e as se tas, e a so no ra al ja va;

E onde mais man so, e mais qui e to o rio  
Se es ten de, e es pra ia so bre a ru i va are ia,  
Pen sa ti vo, e tur ba do en tra; e com água  
Já por cima do pe i to as mãos, e os olhos  
Le van ta ao céu, que ele não via, e às on das  
O cor po en tre ga. Já sa bia en tan to  
A nova em pre sa na li mo sa gru ta  
O pá trio Rio; e dan do um je i to à urna,  
Fez que as águas cor res sem mais se re nas;  
E o ín dio afor tu na do a pra ia opos ta  
To cou sem ser sen ti do. Aqui se apar ta  
Da mar gem guar ne ci da, e mansa men te  
Pelo si lên cio vai da no i te es cu ra  
Bus can do a par te, don de vi nha o ven to.  
Lá, como é uso do país, ro çan do  
Dous le nhos, en tre des per ta a cha ma,  
Que já se ate ia nas li ge i ras pal has,  
E ve loz men te se pro pa ga. Ao ven to  
De i xa Ca cam bo o res to, e foge a tem po  
Da pe ri go sa luz; po rém na mar gem  
Do rio, quan do a cha ma abra sa do ra  
Come ça a lu mi ar a no i te es cu ra,  
Já sen ti do dos guar das não se as sus ta,  
E te mer ário, e ven tu ro sa men te,  
Fi an do a vida aos ani ma dos bra ços,  
De um alto pre ci pí cio às ne gras on das  
Ou tra vez se lan çou, e foi de um sal to  
Ao fun do rio a vi si tar a are ia.  
De bal de gri tam, e de bal de as mar gens  
Cor re a gen te ap res sa da. Ele en tre tan to  
Sa co de as per nas, e os ner vo sos bra ços:  
Rom pe as es cu mas as so pran do, e a um tem po  
Sus pen di do nas mãos, vol tan do o ros to,  
Via nas águas trê mu las a ima gem  
Do arre ba ta do in cên dio, e se ale gra va.

É pena que Basílio da Gama pouco fale da vida interna das Missões. Seu ódio o impede de fazer justiça a uma teocracia, cujos benéficos efeitos até hoje se sentem. O Estado do Paraguai é um dos mais singulares fenômenos da história sul-americana. Uma lei sábia que permitia a qualquer estrangeiro entrar, mas proibia sair dele, estendeu um véu sobre tudo o que se relacionava com uma forma de governo, única na sua espécie. Só há poucos anos os esforços do Governador Britânico e de seu residente em Buenos Aires conseguiram libertar 17 ingleses ali há muitos anos domiciliados, não sendo improvável que por meio deles alguma luz se faça sobre um país, nada insignificante, cujos habitantes aparentemente são felicíssimos, apesar de governados por um simples doutor.<sup>30</sup>

Entre os poetas mais modernos do Brasil, Gonzaga da Costa<sup>31</sup> é o que mais agrada ao gosto popular. Ainda hoje, seus conterrâneos cantam freqüentemente alguns de seus versos, a que a lembrança da triste sorte de seu autor dá especial encanto. A par disso, a linguagem é muito melodiosa, os versos cheios de harmonia e próprios para o canto, qualidade sem as quais nenhum poeta brasileiro poderá ter êxito.

Em fim do século passado, Gonzaga da Costa ocupava um dos primeiros cargos da municipalidade de Vila Rica.<sup>32</sup> Seu espírito árdego fez com que não prestasse atenção às armadilhas a que uma filosofia abstrata atrai seus aderentes, mesmo que de modo algum influencie seu caráter público. Gonzaga era partidário declarado da Revolução Francesa, tendo estudado os brilhantes princípios que a motivaram,

30 Refere-se ao Ditador do Paraguai, José Gaspar Tomás Rodrigues de Francia, nascido em S. Paulo, Brasil, segundo dizem, em 1756, e falecido no poder em 1840. Advogado, fez parte da Junta Provisória do Governo após o pronunciamento de 1811 em Assunção, e da Junta Governativa, depois da proclamação da independência. Em 1813, o Congresso substituiu a junta por 2 Cônsules: Francia e Yegros. Este em breve era eliminado. Outra assembléia nomeou Francia ditador por 3 anos. Firmando-se no Exército, suprimiu a independência municipal, centralizou todos os poderes em suas mãos e exerceu a pior das tiranias. Em 1820, mandou matar Yegros e 40 conspiradores. Cultivava as terras por sua conta, obrigando o povo a aduas ou corvéias, ao trabalho forçado. Seqüestrou de modo absoluto o Paraguai, isolando-o de qualquer convívio. Sucedeu-lhe no poder D. Carlos Antonio López, pai de Francisco Solano López.

31 Tomás Antonio Gonzaga e não Gonzaga da Costa, o chamado *Anacreonte Luso*, filho de pais brasileiros, mas nascido no Porto em 1744. Um dos poetas da Inconfidência Mineira. Em 1749, veio para a Bahia, onde o pai exerceu o cargo de desembargador. Formou-se em Coimbra e foi magistrado em Portugal. Ouvidor em Vila Rica, já estava transferido para a Bahia como desembargador, quando foi implicado no processo da Inconfidência em 1789. Morreu degredado em Moçambique entre 1807 a 1809. Amou Marília, nome poético de D. Maria Joaquina Dorotéia de Seixas Brandão, com quem ia casar-se. Poetava com o pseudônimo de Dirceu.

32 Era ouvidor e fora promovido a desembargador. Vila Rica de Albuquerque ou Ouro Preto.

dos quais se tornou ardente defensor. Bastava isso para preparar-lhe a ruína num país ainda acorrentado à escravidão metropolitana e governado por verda de irossátrapas, cruéis e cobizosos.

Acusaram-no de tramar agitações revolucionárias com alguns amigos, meio muito usado naquele tempo e infelizmente ainda empregado no Brasil para dar cabo de pessoas odiadas ou para se apoderarem de seus bens. Uma conspiração urdida e encenada pelo Governo serviu de pretexto para a sua prisão.<sup>33</sup> Arrancaram o infeliz poeta dos braços de sua querida Marília, no momento em que a ela ia se unir para sempre, e o conduziram à horrível cadeia do Rio de Janeiro, em tralhe de presos e assassinos, sem esperança de jamais ser posto em liberdade. De sejava a morte, mas a não encontrou. Foi exilado e morreu muitos anos mais tarde na costa da África, na mais negra miséria. Marília esqueceu-o e ao seu amor, tornando-se esposa de um rico e mãe de filhos felizes.<sup>34</sup>

As elegias de Gonzaga são lindas. Ele conseguiu enriquecer mais a poesia brasileira com algumas formas novas, tiradas da escola francesa. Nos versos de seu irmão Manuel da Costa,<sup>35</sup> que compartilhou da mesma sorte e se suicidou no Rio de Janeiro durante o processo,<sup>36</sup> nota-se mais a influência dos poetas italianos; porém seus sentimentos, descrições e imagens são puramente nacionais.<sup>37</sup>

Os poetas atuais namoriam-se escondendo sob o véu do anonimato, o que é muito aconsoável num país onde a mais leve indiscrição amorosa pode ser vingada da mais terrível maneira. Com o soberbo pseudônimo de *Urânia Brasileira*, uma senhora<sup>38</sup> editou algumas excelentes traduções de novelas francesas. Atribuiu-se-lhe também pequeno romance

33 A conspiração existiu de fato, não foi urdida nem encenada pelo Governo. Contudo, é curioso esse modo de encarar a Inconfidência na época em que o autor escrevia.

34 Inexato. D. Maria Joaquina Dorotéia de Seixas Brandão, a Marília de Dirceu, nascida em 1767, faleceu solteira em Ouro Preto ou Vila Rica, em 1853.

35 Aliás Cláudio Manuel da Costa, nascido na Vila do Carmo, Mariana, em Minas, no ano de 1729, e morto no cárcere na noite de 3 para 4 de julho de 1789, correndo vozes de se ter suicidado. Formado em Coimbra em 1753, depois de viajar pela Europa, veio advogar em Minas. Foi Secretário de Estado no Governo de Rodrigo José de Meneses. Usava o pseudônimo literário de Glauceste Satúrnio. Deixou várias obras em prosa e verso, destacando-se o poema *Vila Rica*. Cláudio Manuel foi o primeiro brasileiro que leu e citou Adam Smith.

36 A morte ou suicídio se deu em Ouro Preto, no edifício da Casa dos Contos, onde se achava preso.

37 Refere-se ao poema *Vila Rica*.

38 Trata-se possivelmente de D. Beatriz Brandão, prima de Marília de Dirceu, filha do Sargento-Mor Francisco Brandão e de D. Isabel Navarro de Seixas, nascida em Ouro Preto a 27 de junho de 1779, poetisa e escritora, autora dos *Cantos da Mocidade*, das *Lágrimas do Brasil* das *Odes*, das *Canções e Cantatas*, dum drama representado na Coroação de D. Pedro I e de várias traduções de novelas do italiano e do francês. D. Beatriz Brandão faleceu em 1860.

intitulado *Cartas ternas e amorosas*, série de epístolas em que ao ardor meridional se casa uma sensibilidade arrebatadora e que eu, de bom grado, ponho ao lado das missivas de Mariana de Alcoforanga.<sup>39</sup>

Um professor de matemática no Rio de Janeiro, Luís Baratto, publicou uma coleção de pequeninas poesias sob o título *Rime d'Ulzi*, que se distinguem pela delicadeza dos sentimentos e pelas formas agradáveis.<sup>40</sup> De M. B., Manuel Barbosa, apareceram em Paris as *Poesias oferecidas às Senhoras Brasileiras*, em linguagem brilhante, sonora e pura, espirituosas e originais. Nota-se apenas demasiada ilustração européia no autor, sentindo-se, com pesar, a ausência daquela cor local com que os poetas brasileiros anteriores sabiam ataviar seus versos. A elegia latina sobre o rapto da Rainha D. Maria, do seu mau sóléu, na igreja de Santo Antônio, para Portugal, de qual quer ponto de vista, excelente.<sup>41</sup>

Meus poucos recursos não me permitiram conhecer obras propriamente científicas. Falarei oportunamente sobre as de caráter histórico e político, sobre tudo as que se referem à época moderna, bem como sobre as tendências dos jornais da capital.

39 Soror Mariana Alcoforado e não Alcoforanga, freira do Convento de Beja, que se apaixonou pelo Sr. Chamilly, oficial francês a serviço de Portugal em 1668, dando lugar essa paixão a uma correspondência, notável pelo calor do seu sentimento, várias vezes já publicada.

40 Luís Barata e não Baratto. Possivelmente o título do livro era *Rime dolzi*.

41 Refere-se a D. Maria I, filha de D. José I e de D. Mariana Vitória, nascida em Lisboa em 1734 e falecida no Rio de Janeiro em 1816. Casada em 1760 com seu tio D. Pedro III, subiu ao trono por morte de seu pai, em 1777, demitiu e afastou o Marquês de Pombal. Espírito fraco, impressionado com as sangueiras da Revolução Francesa, enlouqueceu em Salvaterra a 1<sup>a</sup> de fevereiro de 1792. Veio a força para o Brasil e morreu com 82 anos de idade, a 20 de março de 1816. Seu corpo foi levado, depois, para Portugal. É a isso que alude a Elegia.

.....

## XI

### *Passeios e Impressões*<sup>1</sup>

A

1

for ta le za da Pra ia Ver me lha, duas ho ras dis tan tes do cen tro da ci da de, fi ca en tre ín gre mes ro che dos, em es tre ita fa i xa de ter ra, pou cos pés ele va da aci ma da á gua. Do la do do mar, de fen de-a for te ba lu ar te con struí do em pe dra, com dois me ios ba sti ões en ços ta dos à es que r da do Pão de Açú car e à di re i ta ao mor ro do Te lé gra fo.<sup>2</sup> Do la do de ter ra, res guar da-a sim ples mu ro, com uma fal sa bra ga em fren te do por tão de en tra da. Três la dos do pá tio es tão to ma dos pe los quar téis, e di fí cios mi se rá veis, sem a me nor co mo di da de. Mes mo a ca pe la e as re si dên cias dos ofi ciais são ex trem a men te po bres. Co mo pá tio, es pa ço so qua drilá te ro, ser vin do de cam po de ex er cícios. Re cru tas eu ro peus e in fe li zes ca bo clos são ali fe i tos sol da dos à cus ta de pan ca das.

Ao sul da Pra ia Ver me lha, a mon ta nha de pe dra que cor re ao lon go do mar cha ma-se mor ro do Te lé gra fo, por cau sa do se má fo ro exis ten te no seu cu me. Es tre ito cam in ho, de fendi do por pe que no for te, que do mi na tan to o la do de ter ra co mo o do oc ea no, con duz até lá em ci ma e pas sa ao ou tro la do. A ín gre me la de ir a, onde a qui e ali cres cem

---

1 O título deste capítulo no original alemão "Süd-amerikanische Promenaden". Passeios sul-americanos, não tem correspondência perfeita com as matérias tratadas nos seus vários parágrafos.

2 Chamava-se morro do Telégrafo o atual morro da Urca. Vinha-lhe o nome da existência no seu cume dum mastro de sinais, semáforo.

O Telégrafo elétrico data no Brasil de 1852, quando se inauguraram as primeiras linhas.

palmeiras, serpenteia por entre aglomerados de rochas cobertas de cactos etrepadeiras, que impossibilitam a subida por ou tro lu gar. No alto, o trabalho do homem conquistou ao solo montanhoso pequeno platô, onde penosamente cresceu, entre fráguas nuas, mirrados cafeeiros, alguns pés de milho e inúmeras de melancia. Aquilo se chama, como tudo no Brasil, desde a mais reles cabana de tábuas no meio de pedregulhos até o mais rico palácio rodeado de férteis campinas, – uma chá cara.

Num ponto mais elevado, em frente ao Pão de Açúcar, armaram o telégrafo. Ali nasce uma fonte, cuja água cristalina corre em um rego cavado na rocha e vai abastecer lá embaixo a fortaleza. A vista é deslumbrante. Do lado de terra, vê-se quase na perpendicular a variegada multidão de soldadinhos da Praia Vermelha, paratiba e a Praia de Botafogo por trás do Pão de Açúcar. Mais adiante, a Aldeia Inglesa<sup>3</sup> vai subindo de vagar para o Corcovado, que fecha o horizonte. Os olhos demoram com agrado na maravilhosa paisagem, que parece posta por divina magia no meio das florestas virgens. Do outro lado, o oceano desdo bra seu infindo man to espelha do ao sol. As ondas que bram espu man do nos penhascos da base do morro. A Ilha Redonda<sup>4</sup> brota das ondas, tão bela como o seio de Afrodite, toda envolta em gas verde, mal se distinguindo o branco farol erguido na sua encosta suave.

O rumor do mar adoçado pela distância convida a descer, o que se faz pela vereda que borda o desfiladeiro, do minado pelo pe que no forte, a qual vai se tornando mais cômoda à proporção que baixa. Bosques de pitangueiras floridas ensombram a nívea praia. Tiram-se rapida mente as roupas e o sobrolsâmiço do ventoiado ali via com benfazeja frescura a pele escaldan te. As ondas fogem, quando a gente se aproxima, mas logo o Atlântico com toda a sua força atira o banhista sobre a areia.<sup>5</sup> É preciso ter vivido nos trópicos para poder avaliar o

3 Ao tempo de Villegaignon, os franceses chamavam a enseada de Botafogo *Le lac*, o lago. Após a expulsão deles, as terras marginais foram doadas a um dos companheiros fiéis de Estácio e Mem de Sá, Antônio Francisco, o Velho, mordomo da capela de S. Sebastião, na primitiva cidade. A enseada passou a ser de Francisco, o Velho. Na posse da sesmaria, sucedeu-lhe João Pereira de Sousa Botafogo, que lhe deu o nome atual. Para ali levavam do Catete duas vias de acesso: a Estrada da Pedreira ou Caminho Velho, agora Rua Senador Vergueiro, e o Caminho Novo, hoje Rua Marquês de Abrantes, aberto em 1796.

Parece que o nome de Aldeia Inglesa era dado ao agrupamento de casas, na maioria ocupadas por britânicos, no chamado Morro do Inglês, nas faldas do Corcovado.

4 Deve ser lapso de memória do autor. A ilha, que sempre teve e ainda tem o farol, é a Rasa e não a Redonda.

5 O banho na praia chamada de Martim Afonso, que deita sobre o Atlântico, em face do atual Monumento aos Heróis da Laguna.

*ariston men odor* de Píndaro.<sup>6</sup> A umidade refrescante com que a água salga da impregna o corpo, além de estimular e renovar a pele tosta da, a faz impenetrável à picada de milhões de insetos. É preciso ter experimentado tanto os gozos como os padecimentos da natureza tropical para se compreender o benefício dum banho de mar sob este céu.

Como seria possível andarem nus, segundo a natureza os criou, os habitantes desta parte da terra, onde tudo vive para atormentar o homem, onde, dos cálices das flores, das gotas de orvalho presas nas folhas, da poeira que o pé pisa e do ar que o peito respira, se desenvolvem em inúmeros insetos, que, todos sem exceção, mordem, picam, queimam e revelam sua existência, causando sempre a dor corporal, se o mar, os rios e todos os rios não os protegem contra essas perseguições sem descanso? Por isso, os povos primitivos, que habitam sob os trópicos, vêm mais na água do que em terra e desprezam completamente as roupas, porque sabem muito bem que elas não oferecem a menor garantia.

Continuo refrescado e repousado meu caminho ao longo da costa. As montanhas recuam, deixando entre elas e o oceano um vale cheio de dunas. Cardos e espinheiros cobrem o solo estorricado, mas também o ananás cresce ali em campos a perder de vista.<sup>7</sup> Casas de campo de bom gosto e choupanas de negros se disseminam pela planície despida de arvoredos. Pequenas lagoas recolhem as águas dos regatos, que descem das alturas e, neste solo árido, o poder da vegetação tropical se ostenta com maior brilho. Peco ribeiro levado artificialmente através de vastos areais transforma em campo florescente. Depressa a sementeira cresce e em poucas semanas está amadurecida. Uma colheita segue-se a outra, em contínua alternativa. Não é raro que os produtos das hortas européias, como ervilhas e vagens, sejam plantadas e colhidas dez vezes por ano.

---

6 Em letras gregas no original: *a excelente água do mar!*

O autor refere-se à 9ª Ode Política de Píndaro, dedicada a Telesicrato de Cirena, em que o poeta canta Aristeu, deus dos caçadores e dos pastores, fazendo um trocadilho com *aristos*, em grego, o melhor: *ariston* seguido da afirmativa *men*. Aristeu, filho da ninfa Cirena, fora confiado por Hermes ou Mercúrio à Terra, Gea, e às Horas, filhas de Júpiter, Eunômia, Dircéia e Irene, que lhe deram o néctar e a ambrosia em um país risonho e rico. A ode canta o prazer da vida natural. Píndaro, um dos maiores poetas gregos, da tribo dos Egídeos, nasceu em Tebas da Beócia no ano 520 antes de Cristo. Discípulo de Mirtes e vencedor de todos os prêmios de poesia, foi comensal dos reis de Siracusa e da Macedônia. A Liga Anfitiônica deu-lhe o direito de receber hospitalidade em todas as cidades da Grécia e mandou que se gravassem em letras de ouro no mármore dos templos os versos de sua 7ª Ode Olímpica, dedicada a Diágoras de Rodes. Teve estátua em vida na sua cidade natal e o consideraram sagrado. Faleceu no ano de 456 a. C. A melhor edição das obras de Píndaro é a de Th. Bergk, de Lipsia, de 1878.

7 Os ananases ou abacaxis de Copacabana eram afamadíssimos nesse tempo. Há várias referências a respeito. Os navios estrangeiros carregavam-nos aos montões.



A praia é o único caminho que leva a esses jardins maravilhosos, estrada feita pela natureza e que honra seu construtor. A areia batida pelas vagas torna-se lisa e firme como pedra na sua ofuscante alvura.<sup>8</sup> Ne gro e ne gras, de ces tos à ca be ça, ca mi nham li ge i ros e agra da vel men te so bre o seu fa is car, à luz do sol. To dos can tam, as so bi am ou vão falando com eles mes mos. Mu i tos são re pen tis tas que im pro vi sam com felicidade, buscando os motivos de seus versos toscos no que os rodeia de perto, nas impressões do momento e até nas rotineiras ocupações diárias, e demonstrando, às vezes, uma delicadeza de sentimento que não envergonharia um poeta europeu de primeira plana.

Em seus cantares, reina uma tristeza suave, a que a melodia corresponde. Cantam coplas com intervalos mais ou menos longos, de acordo com o tempo necessário ao seu gênio ou habilidade, para encontrar a rima da estrofe seguinte. Muito susceptíveis a elogios e aplausos, fazem visível esforço, se notam que alguém os está escutando. Um negro robus to vai an dan do com pe sa da mala de vi a gem à ca be ça, a cantar triste mente, em tom me nor:

Vou car re gan do por meus pe ca dos  
 Mala de bran co pra vi a jar,  
 Quem dera ao To nho, po bre do ne gro,  
 Pra sua ter ra po der vol tar!<sup>9</sup>

A intensa lembrança da terra natal transborda de muitas de suas cantigas e o próprio europeu civilizado se sente várias vezes comovido

8 A praia de Copacabana. O autor, no seu passeio, faz a pé o trajeto do Leme à Igrejinha, ao atual forte de Copacabana, como se verá.

9 É pena ter o autor estampado em alemão, sem o original em português, esta e outras produções folclóricas. Traduzi-las novamente do alemão não pode corresponder, senão de longe, à sua forma verdadeira. Eis o original alemão:

"Ich trage einem Kosser – er ist zehr gut fur  
 Iemand, der eine Reise macht, – Ach! der arme  
 Antonio Kehrt nie in sein Waterland zurück!"

A quadra seguinte está desta sorte em alemão:

"Schlafen ist better, als arbeiten,  
 Trinken besser, als schlafen,  
 Tanzer besser, als trinken,  
 Mary Küssen, besser als Alles!"

com essa saída de pátria, que frequente mente com partilha com o mísero escravo.

Outro veste de poesia um epicurismo sensato:

Quando bebo não que ro dor mir  
Quando durmo não vou trabalhar,  
Quando danço não que ro beber;  
Mas Maria vou logo beijar!

A monotonia da praia ligeiramente curva se interrompe por um morro solitário, que, mais elevado quase perpendicularmente sobre as ondas, desce em rampa suave do lado de terra, circundado pelas dunas. Chamam a esse pequeno promontório Punto da Cabana.<sup>10</sup> A base do morro onde as vagas espumam com põe-se de pedregalhos, com inúmeros buracos e cavernas que servem de moradia aos ouriços-do-mar, esquistos entes cobertos de espírios, parecidos com castanhas, que se espalham em suas mechas. A rocha do cume é dura granito e sobrela se ergue uma capela consagrada a Nossa Senhora de Punto da Cabana.<sup>11</sup> Ao lado, existe peque na lagoa circular de águas salobras, o que é muito curioso por se achar a uns cem pés acima do nível do mar, que talvez penetra em profunda gruta. O local é extremamente romântico.<sup>12</sup>

À frente da igreja, um telheiro suspenso por quatro colunas cobre bancos de pedra, que permitem contemplar como da mente a vasta superfície do Atlântico. Em face, bóiam no espelho azul do mar ilhas emplumadas de palmeiras e vestidas de vegetação tropical sob o céu límpido e arqueado até o horizonte. Estirado num daqueles bancos,

10 Copacabana. Aliás Ponta de Copacabana, onde hoje está o forte e outrora houve uma pequena igreja, a famosa Igrejinha.

11 A devoção de Nossa Senhora de Copacabana vem dos antigos peruleiros, homens que iam até o Peru buscar prata. O santuário de Copacabana, no Peru, é afamado. De lá dizem que veio a primitiva imagem que se venerou na antiga igrejinha de Copacabana. A que está atualmente guardada na matriz do Bonfim, à Praça Serzedelo Correia, data do tempo do bispo D. Antônio do Desterro.

A região de Copacabana fazia parte da data de terras de Rodrigo de Freitas de Melo e Castro, que começava em Botafogo e se prolongava até o mar e o sopé do Corcovado. Seu engenho ficava à margem da lagoa que tomou seu nome e se chamava Sacopenapã. Moreira de Azevedo escreve *Sacopinakan*. A essa expressão tupi é dada a seguinte significação: *Çocó-pe-nupan*, o Caminho Batido dos Socós. Esse nome se estendeu do engenho a toda a redondeza. O de Copacabana, vindo do Peru, pegou logo por ter certa semelhança com ele, dando-se uma como interferência. Em quichua, idioma dos antigos peruanos, a expressão Copacabana vem de *Copa* e *Caguana* que significam *lugar luminoso*

12 Do lado contrário à praia do Arpoador. Chama-se hoje praia do Inferno.

*O Cha faz riz do Vasconcelos a que se refere o autor, ainda hoje existe na  
Praça 15 de Novembro, antigo Largo ou Terreiro do Paço.*

Duma água-forte de Wambach

ouvin do o ma ru lhar das on das, so nhei que es ta va no va men te a bor do e nave guei, com a ve lo ci da de do pen sa men to, de vol ta à mi nha pá tria dis tante. Então, ouvi pertinho de mim um som de marimba tocada por uma ne-grinha mimosa, que se aproximara e me oferecia doces. Tinha uma companheira, deitada perto, à sombra da igrejinha, naquela cômoda atitude que caracteriza os africanos. Para não desapontar a menina, com-prei um pe da ço de mar me la da, bebi da sua bi lha e pe di-lhe que dan ças-se. Não se fez de rogada muito tempo, chamou a outra, entregou-lhe a marimba e, à sua música, começou o fado, dança que na Europa seria julgada in de cen te e que aqui é in te i ra men te po pu lar en tre vel hos e mo ços, bran cos e pre tos.

Imagine-se uma mocinha na flor da idade, com um corpo so ber ba men te for ma do, ne gra como a no ite, o leve ves ti do de mus se lina branca caindo negligentemente dum ombro, a carapinha oculta num turbante vermelho, olhos brilhantes como estrelas, a boca fres-ca como um botão de rosa desabrochando e dentes que ultrapassam as pé ro las em bri lho e al vu ra; ima gi ne-se essa mo ci nha em mo vi men to suavemente embalante, mãos e pés ba ten do o com pas so da dan ça maravilhosa, ao lado de uma mulher bem nutri da, ver da de i ra bel da de africana, assentada no chão e tocando a marimba com os dedos carnu-dos; ouçam-se os sons do instrumento e o canto que o acompanha; depois, olhe-se para mim comodamente deitado no banco, com o desenfado dum fazendeiro das Índias Ocidentais, tragando e exalando o fumo aromático dum charuto, e se terá visto a cena que pretendo descrever.<sup>13</sup>

A canção que a bela filha da África cantou, enquanto dançava, de ve ria ser mais ou me nos esta:

Na Terra não exis te Céu;  
Mas se nas are i as piso,  
Destapraia carioca,  
Penso estar no Paraíso!

---

13 O autor tinha, como se vê constantemente, queda pela gente de cor.

Na Ter ra não exis te Céu,  
Mas se numa loja piso  
E com pro me tros de fita,  
Penso estar no Para íso!<sup>14</sup>

Satisfiz imediatamente o desejo da boa menina e lhe proporcionei a felicidade com meia dúzia de vinténs, ínfima moeda de cobre altamente apreciada nesse Eldorado, onde abunda o papel-moeda, porém muito pouco dinheiro amoldado em ouro e prata.<sup>15</sup>

2

Primeiro de outubro, festa de S. José.<sup>16</sup> À noite, houve procissão. Umhas quarenta meninas muito bonitinhas, vestidas de anjos, com resplendores e asas de gaze prateada, acompanhavam o Santo Carpinteiro e sua Celestial Espo sa, a mais ben di ta en tre as vir gens e a mais abençoada entre as mães. S. José vestia um hábito castanho e levava o compasso na mão, representando papel bastante singelo ao lado de Maria Cheia de Graça, coberta de veludo e seda, recamada de ouro e diamantes, na ra di an te for mo su ra de sua mo ci da de imor tal. As ves tes im po nentes dos anjos lembravam as que se vêem nos quadros que transmitiram à pos te ri da de o es plen dor das fes tas da cor te de Luís XV ou de Au gus to da Polônia.<sup>17</sup> Curtas saias-balão de finíssimas fazendas transparentes,

---

14 Eis o texto original:

“Auf Erden giebt’s kein Paradies:  
Doch war am Cariocanerstrand  
Mein heissgeliebtes Vaterland,  
Ich traumt, ich war in Paradies.

Auf Erden giebt’s kein Paradies!  
Doch hatt ich Geld in meiner hand,  
So kraust ich mir ein hubsches Band  
Und glaubt’ ich seh in Paradies.”

- 15 Havia, de fato, em 1825 ou 1826, grande falta de moedas de valor no Brasil, envolvido, depois da Guerra da Independência e das contendas civis, na campanha da Cisplatina. Abundavam a moeda de cobre e o papel-moeda. A crise pioraria, chegando ao auge em 1828, pouco antes de estalar a revolta dos mercenários estrangeiros.
- 16 Engano manifesto do autor. A Igreja festeja seu Patriarca, o glorioso S. José, no dia 19 de março. O dia 1<sup>o</sup> de outubro é consagrado a S. Remígio e marca o início do Mês do Rosário.
- 17 Houve dois Augustos, ambos Eleitores da Saxônia, que foram Reis da Polônia: Augusto II, nascido em Dresden em 1670 e falecido em Varsóvia em 1733, que foi eleito por morte do grande João Sobieski, morto em 1697. Aliado do Czar Pedro, o Grande, foi destronado por Carlos XII da Suécia. Era tolerante e faustoso. Teve um filho bastardo, Maurício de Saxe, grande guerreiro, Marechal de França, vencedor da Batalha de Fontenoy. Augusto III, filho do precedente, nasceu em Dresden em 1696 e faleceu em Varsóvia em 1763, tendo sucedido no trono da Polônia a seu pai. É quase certo que o autor se refere a Augusto II.

longos corpetes semeados de bordados de ouro e prata, com uma profusão de brilhantes e prata que sobrepuja a compreensão européia. Cabelos empoados e arrebique nas faces, como exige a etiqueta celeste. To da via, por mais bizarro que pareça este traje, é forçoso com vir que as crianças ficam lindíssimas comele.

Da igreja de S. José dirigi-me ao Largo do Paço, o passeio mais freqüentado da cidade, onde àquela hora geralmente se encontra um ou outro conhecido. Um cais de pedra protege a esplêndida quadra do lado do mar. No seu centro, ergue-se o Chafariz do Vasconcelos,<sup>18</sup> encimado por uma pirâmide de bom gosto que, na direção dos quatro pontos cardeais, faz com suave borborinho jorrar a água da Carioca nos jarros e baldes dos negros, os quais até alta noite fazem aqui das suas, numa gritaria e barulho constantes.<sup>19</sup> Dei umas voltas pela praça. A lua derramava sua claridade sobre o Paço e a Capela Imperial; o mar batia pausadamente na praia, de longe em longe; os mastros dos navios por vezes se moviam lentamente e compassadamente; a noite tropical cobria a cidade e o porto. É a essa hora que as ruas do Rio de Janeiro adquirem maior movimento.

Tinha combinado com alguns amigos um passeio noturno a Botafogo. Encontrei-os num café próximo, D. Rafael Peru,<sup>20</sup> realista espanhol moderado, e o Sr. Canedo, ultra-republicano de Buenos Aires, ambos bons amigos, apesar da diversidade de tendências políticas. Um não podia passar sem o outro, por que o primeiro precisa de uma pessoa sobre quem pudesse fazer sentir a supremacia de seu espírito e o que mais apreciava o segundo era gastar palavras, apregoando as extravagantes teorias dum filho de família popular na América do Sul, como o foi na França há trinta anos.

Observei freqüentemente que os defensores do absolutismo levam a melhor nas discussões, por que são mais calmos, mais finos e,

---

18 O chafariz ainda hoje existente na praça 15 de Novembro, antigo Largo do Paço, que, então, ficava à beira d'água, entre as escadarias de acesso ao cais. Foi mandado erigir pelo Conde de Bobadela, que governou o Rio de Janeiro de 1733 a 1763. O Vice-Rei Luis de Vasconcelos, que governou de 1779 a 1790, mandou-o mudar de lugar onde fora construído para a borda do cais, a fim de facilitar aguada aos marinheiros, como se vê dum painel oval contemporâneo existente no Museu Histórico Nacional. Daí o ter sido chamado algum tempo Chafariz do Vasconcelos, como escreve o autor. É da autoria do famoso Mestre Valentim da Fonseca e Silva, filho dum fidalgo e dum crioula, nascido no Rio de Janeiro em data ignorada, falecido a 12 de março de 1813, sepultado na igreja do Rosário.

19 Basta ver a estampa de Rugendas que representa a vida de rua junto a um chafariz, para verificar que o autor diz a verdade.

20 D. Rafael Peru, secretário do Vice-Rei La Serna, de passagem pelo Rio de Janeiro.

em geral, conhecem bem seus objetivos, enquanto os embusteiros do liberalismo raras vezes sabem o que querem, passam rapidamente dum extremo ao outro e se deixam conduzir pela paixão a afirmações contraditórias de seus próprios princípios. Na República de Buenos Aires, recentemente ainda, houve pronunciamentos em favor do partido realista, tanto mais perigosos quanto demonstram que, apesar do aniquilamento das forças militares da Espanha na batalha de Aiacucho, no seio dos novos Estados não se perdeu de todo a esperança dum retorno ao antigo sistema político.<sup>21</sup> O Congresso de Buenos Aires decretou a liberdade de religião, o que provocou nas províncias manifestações de desagrado, seguidas de perturbações da ordem. Os realistas aproveitaram essa disposição dos ânimos para tornar o novo governo odiado.

Enquanto criavam essas dificuldades à República, seus objetivos eram defendidos com todas as regras da dialética, na capital do imenso Império do Brasil, por um de seus mais fiéis adeptos contra os ataques dum ultraliberal, que, nessa discussão, tinha de ser vencido, porque, se superava seu adversário em paixão, estava muitos furos abaixo dele em conhecimento e sagacidade.

Do modo como agora andam as coisas na América Espanhola, será melhor o partido dominante não mexer na religião, aplicando a tolerância, mas a não apregoando. Qualquer passo que o governo der nesse terreno, para diante ou para trás, pode ter as mais perigosas consequências. O Brasil experimentou isso, quando a Constituição deu liberdade de culto a todas as confissões religiosas. Esse artigo provocou desagrado geral nas províncias. Quando mais tarde o Imperador, num discurso às tropas enviadas ao Sul, chamou o Brasil Império de Santa Cruz, toda a gente riu e os padres aproveitaram a fraqueza para o amargo libelo a que já me referi.

Soube por uma conversa, diga-se de passagem, que *O Contrato Social* lido por muitos em todas as Repúblicas da América do Sul. Se é certo que

---

21 Daí as negociações entabuladas com D. Carlota Joaquina sobre a criação duma monarquia no Prata. D. João VI também a pretendia para seu genro o Infante D. Pedro Carlos.

Rousseau e Voltaire<sup>22</sup> foram as verdadeiras molas morais da Revolução Francesa, é de supor que exerçam influência semelhante do outro lado do oceano. Procurei antigamente a origem de todas as revoluções na desmedida ambição de indivíduos isolados; porém hoje estou convencido de que a causa não é somente essa. Parte do povo deve ser preparada para as agitações revolucionárias e isso foi obra dos autores mencionados acima, quer seus livros tenham sido entendidos completamente ou só em parte. Impõe-se respeito à multidão por meio de exterioridades, sobretudo o palavreado demagógico, em toda a parte igual. Como no Brasil nem todos os habitantes constituem o povo, pois os escravos são considerados mais coisas do que pessoas, depressa se decidiu a luta entre o velho e o novo sistema. Talvez por isso mesmo seja mais demorada sua completa consolidação.

Do árido terreno da política passemos ao delicioso lusco-fusco duma noite tropical. A cidade termina na ponte do Catete.<sup>23</sup> Ao longo de sebes e belas casas de campo, o caminho acompanha o mar<sup>24</sup> até

---

22 João Jacques Rousseau, nascido em Genebra, Suíça, em 1712, e falecido em Ermenoville, perto de Paris, em 1778. De família calvinista e, segundo alguns autores, de origem israelita, começou sendo relojoeiro. Teve educação sentimental e romântica. Levou muito tempo vida aventureira e vagabunda: aprendiz de procurador, gravador, protegido de algumas damas, preceptor, músico, inventor, diplomata. Veio a Paris em 1741 tentar fortuna e escreveu artigos para a Enciclopédia, então em pleno êxito. Foi um dos grandes demolidores das antigas instituições. Suas obras principais são: *Confissões*, *Discurso sobre a Economia Política*, *Considerações sobre o Governo da Polónia*, *Júlia ou a Nova Heloísa*, *O Contrato Social*.

Francisco Marie Arouet, que usava o pseudônimo de Voltaire desde os 24 anos de idade, nasceu em Paris em 1694 e ali morreu em 1778. Suas sátiras o levaram à Bastilha, onde compôs o poema *A Henriada* e terminou a tragédia *Édipo*, de 1717 a 1718. O cavaleiro de Rohan fez com que fosse preso novamente em 1725 e sofreu o castigo da bastonada. Fugiu para a Inglaterra, de onde só voltou à França em 1729. Suas tragédias obtiveram êxitos retumbantes e lhe abriram em 1750 as portas da Academia Francesa. Tornou-se amigo e hóspede de Frederico da Prússia, o Rei Filósofo, escrevendo em Berlim sua notável obra *O século de Luís XIV*. Em 1753, rompeu com o Rei da Prússia e retirou-se em Ferney. Foi outro grande destruidor das instituições de seu tempo, pondo ao serviço das chamadas idéias novas seu talento satírico. Para ele, a moral social repousava tão-somente na utilidade. Combateu fortemente a religião. Suas obras principais são: *Ensaio sobre os costumes*, *Zadig*, *A Princesa de Babilônia*, *Maomé*, *Carlos XII*, *A Lei Natural*, *Tancred*.

23 A Ponte do Catete sobre o rio desse nome, rio das Laranjeiras ou Carioca, ficava no local da atual Praça José de Alencar, de onde partiam os caminhos para Botafogo. A primeira obra de urbanização realizada no Rio de Janeiro. Chamou-se durante muito tempo Ponte do Salema e nela se pagava pedágio para entrar ou sair da cidade. O nome lhe vinha, segundo uma versão, de ter sido construída pelo Governador Antônio Salema (ou Sellemá). Outra versão atribua a sua construção a um particular ali morador. Garção Salema, que cobrava o pedágio para se pagar das despesas havidas com ela.

Antônio Salema, natural de Alcácer do Sul, era formado em direito pela Universidade de Coimbra. Chegou a lente e desembargador. Governou a ilha de S. Tomé. A 7 de março de 1570, foi designado para a Alçada do Brasil. Partiu de Lisboa a 6 de junho e chegou a Pernambuco, onde recebeu a nomeação de Governador das Capitanias do Sul. Nessa ocasião, sob o reinado de D. Sebastião, o Brasil fora dividido em dois Governos pela Carta Régia de 10 de dezembro de 1572, um com sede na Bahia, outro no Rio de Janeiro. Depois de tomar posse do cargo, Antônio Salema bateu os índios do Cabo Frio, aliados dos franceses, que ali tinham estabelecido uma feitoria, destruindo-a. A razão da construção da ponte foi dar fácil acesso às terras onde o Governador fundara o Engenho d'El-Rei, mais tarde vendido a Domingos de Amorim Soares e Sebastião Fagundes Varela, que lhe deram o nome de Engenho de Nossa Senhora da Conceição e o passaram a Rodrigo de Freitas Melo e Castro. O engenho chamou-se posteriormente Sacopá ou Sacopenapá. Salema regressou a Portugal em 1557 e faleceu em 1586. Deixou uma obra manuscrita: *Tratado da Conquista que fez do Cabo Frio contra os franceses e o gentio Tamio que nele estiveram fortificados*.

24 O Caminho Velho, atual Rua Senador Vergueiro.



onde começa Bota fogo, renque de belas residências campestres formando suave curva ao longo da praia.<sup>25</sup> Nos jardins, predomina um gosto que chamam francês e que preferiria fosse mourisco por se adaptar melhor à paisagem. A natureza oferece parques à inglesa que tornam qualquer imitação pueril. O estupe do colorido das flores e a maravilhosa forma das árvores e arbustos, reunidos num conjunto regular, tornam-se um tanto artificiais. Um jardim dessa espécie é como um desses grandes xales em que cada flor muitas vezes se repete sem cansar a vista. Pe que nos repuxos atiram um jato pra te a do para o céu no tur no, bran cas es tá tu as sur gem como fan tas mas en tre o ar vo re do e os per fu mes em bal sa mam o ar. As mais belas mo ra di as são cons tru í das um pouco distante da rua, no fundo dos jardins, ao pé dos morros e um tanto acima do nível da praia. A maioria, ao gosto mourisco, com cúpulas, arcos de forma estranha e uma escadaria ligeiramente inclinada à frente.

Se o dia tropical ofusca a vista, a noite perturba o ouvido com desregrados concertos. De dia, reina na natureza profundo silêncio, tudo descansa, as flores brilham na suntuosidade de suas cores, borboletas coloridas esvoaçam sem o menor rumor no ar azulado, serpentes riscadas de anéis imperceptivelmente rastejam, com a velocidade do raio, entre os altoparlantes. Mal começa o crepúsculo, a natureza se anima, o zumbido e o sussurro dos insetos enche o ar, na água dos pantanais ressoa a anti pá ti ca voz dos sa pos enor mes, pás sa ros no tur nos can tam nas ár vo res, os ga los co co ri cam, os cães la dram, em cada folha se agita uma vida oculta e até o mar esbraveja mais rouco e mais forte.

Ceamos frugalmente em Botafogo, na casa de interessante espanhola, numa varanda aberta para o mar. É preciso ter esta do no Bra sil para po der apre ci ar a con ve niên cia de seu modo de edi fi car. A casa bra si le i ra tem uma uti li za ção in te i ra men te di ver sa da do nor te da Eu ro pa. Deve pro te ger dos ra i os ar den tes do sol e, ao mes mo tem po, dar li vre sa sa gem ao ar fres co da no i te. To das as ca sas ge nu i na men te bra si le i ras cor res pon dem mais ou me nos a esse du plo fim, em quan to a vaidade nacional dos ingleses vai levando tan do edi fí ci os que con ví

---

25 Antiga Enseada de Francisco, o Velho.

riam admiravelmente a Londres, mas são nos trópicos quase inabitáveis.

Estamos, pois, sentados na arejada varanda, cujo telhado sustenta colunas enrodilhadas de roseiras e jasmineiros floridos. A clícia<sup>26</sup> veste sua touca branca, as folhas das mimosas se encolhem adormecendo, a flor do maracujá ou da Paixão completa o ciclo de sua curta existência e a estrelízia de sabrocha com toda a sua magnitude estelar.<sup>27</sup> A brisa fresca passa pela alpendrada fantásticamente enflorada. Velas de cera branca ardem clara e tranqüilamente dentro das altas mangas de vidro. Servem-nos picante cabidela com vinho de Alicante, espumando em cálices lapidados, cujo fogo nos faz ferver o sangue, e, mais do que ele, os lindos olhos da bela dona da casa, a qual goza com orgulhosa tranqüilidade a impressão causada por sua perfeita beleza nos variados temperamentos dos convivas. Nessas ocasiões, esquecem-se as divergências políticas e até desconhecidos confraternizam pela única razão de serem estrangeiros em terra estranha.

Aos poucos, vai ficando deserta a rua que passa por baixo da varanda onde estamos. De quando em quando, o som de uma guitarra vibrante no silêncio. A profunda saudade das almas apaixonadas revela-se nas delicadas canções chamadas “modinhas”.<sup>28</sup> É possível que algumas dessas se referissem às Dona Jacinta, mas ela não lhes liga importância e, em breve, o amor desprezado vinga-se com amargo sarcasmo. A conhecida cançoneta de Bocage: “Anos, meses, noites, dias” se ouve sob suas janelas. Se fosse possível traduzi-la, não resistiria à tentação de transcrevê-la aqui, mesmo com o perigo de ser julgado indecente por algum leito ra exageradamente melindrosa.

Até tarde da noite, continuamos a singela ceia. Enfim, Dona Jacinta bate palmas e ordena aos escravos e escravas que tirem a mesa. Faz aos hóspedes encantador reverência, lança-lhes um olhar transbordante

---

26 Heliotrópio, girassol.

27 *Strelizia*, herbácea-musácea originária da África, cujo nome foi dado em homenagem à Grã-Duquesa Carlota de Mecklemburgo-Strelitz, esposa do Rei Jorge III da Inglaterra.

28 A.P.D.G., nos seus *Sketches*, confirma a vulgarização das modinhas no Rio de Janeiro, transcrevendo a famosa *Modinha do Vidigal*.

de amabilidade e retira-se airosamente, seguida por sua escrava favorita e acompanhada por uma nuvem de deuses!

## 3

A 1<sup>a</sup> de abril, o Imperador voltou com a Imperatriz de sua viagem à Bahia; mas passou a noite a bordo da fragata *D. Pedro*.<sup>29</sup> A cidade pôs luminárias. Plantou-se uma aléia de palmeiras novas, ligadas por festões de flores e grinaldas de lâmpadas, do ponto de desembarque ao arco-de-triunfo levantado à esquerda do Arsenal. No dia seguinte, por volta do meio-dia, Sua Majestade desembarcou. Teve recepção muito fria, mal se ouvindo raras vivas. Até as tropas mercenárias alemãs, *en espalier*<sup>30</sup> espaçadamente do Arsenal até a Capela Imperial, permaneceram impassíveis. D. Pedro parecia muito descontente.

Sob o soltício anárstico, abril é o mais belo mês do ano. O ar começa a esfriar, a chuva cessa, o céu fica de um azul puríssimo e a natureza toda adquire um aspecto tão fresco como se acabasse de sair das mãos do Criador. Ao contrário, os meses de verão, alagados de chuvas constantes, são tão quentes, que mal se pode respirar. As próprias noites carecem da que frescura celeste, que os ventos regulares do mar oferecem às partes da cidade em frente ao porto. O ar fica abafado e imóvel, a chuva cai perpendicularmente em bátegas e, com fortes trovoadas, a tempestade se desencadeia, tanto mais furiosa quanto menor for a sua duração. Então, a cidade inteira fica debaixo de água, cada rua se torna uma torrente impetuosa e até o mar transborda. As paredes das casas, porém, são tão sólidas que raramente se ouve falar em desabamentos de importância. Os rochedos resistem ao furor das ondas e frequentemente

29 O Imperador tinha partido para a Bahia a 2 de fevereiro e regressou, efetivamente, a 1<sup>a</sup> de abril de 1826. Fez a viagem de ida e volta na nau de guerra *Pedro I* e não fragata, como escreve o autor.

A nau *Pedro I* chamava-se antes *Martim de Freitas* e fora construída nos estaleiros da Bahia em 1724 com o nome de *Santo Antônio*. Media 56 metros de quilha, 14 de boca e 12 de pontal. Estava armada com 74 peças de artilharia em 3 baterias. Em 1794, puseram-lhe o nome de *D. Pedro Carlos* em honra do Infante de Espanha. Em 1806, mudaram-no para *Martim de Freitas*. Tinha quase um século quando foi aproveitada para capitânia da Esquadra Imperial, que se organizava às pressas. Nela tremulou o pavilhão do Almirante Cochrane. No gurgupês, em talha dourada, via-se a figura dum cão com uma chave na boca, rememorando a fidelidade do antigo Governador de Coimbra, cujo nome lhe fora dado. A única nau de guerra que teve o Brasil.

Acompanhou a velha nau nessa viagem à Bahia, com outros navios de guerra brasileiros, a fragata francesa *Aréthuse*, do comando do Capitão-de-Fragata Gauthier.

Na viagem à Bahia, a nau *Pedro I* foi comandada pelo chefe-de-esquadra graduado Francisco Maria Teles.

30 No texto, em francês *en espalier*; isto é, em alinhamento com espaços entre os soldados.

se tornam perigosos porque o mar em fúria faz desgarrar os navios anco rados e os ati ra so bre eles.<sup>31</sup>

As luminárias duraram nove dias. Não foram muito brilhantes, porque várias casas particulares absolutamente não acenderam uma vela. Demais, há grande diferença entre essa espécie de iluminação na Europa e no Bra sil. No Rio de Ja ne i ro, não sa bem fa zê-la. As lâm pa das são sujas e as velas de sebo muito finas. Em cada balcão, ardem duas velas de cera em cas ti ça is de pra ta, com man gas de vi dro bran cas ou de cor. Põem en tre elas bo ni tos va sos de flo res. Encan ta do ras cri an ças debruçam-se dos gradis, contemplando com seus olhos negros a no i te estrelada. O aspecto, se não é brilhante, é muito decente, tendo-se essa sen sa ção do meio do povo, na rua.

Em frente à casa do Chefe de Polícia, via-se sob um arco triunfal um busto, aliás bem parecido, de D. Pedro, rodeado por uma coroa de estrelas em transparente, com a inscrição: “Os louros da paz engrinaldam sua frente sob as estrelas brilhantes. Como é Justo e Piedoso! Olha para baixo, para seus povos, e para cima, para o céu eterno. Ó Roma, não alardeies mais a glória do teu Numa, por que ela fica obum bra da pe las vir tu des de D. Pedro!” De um e outro lado, viam-se as estátuas da Justiça e da Legiti mi da de, cal can do aos pés a Intri ga e a Anar quia.<sup>32</sup>

A pin tu ra para as lu mi ná ri as ain da se acha na in fân cia da arte. Todas as armações são grosseiramente construídas de madeira e iluminadas com lâmpadas pela frente, o que não pro duz o efe i to má gi co dos transparentes. O ar co-de-triunfo em fren te da Aca de mia fora exe cu ta do com bom gosto; porém sofria do citado defeito e, por isso, ficava me lhor de dia do que à no i te.

No cam po da Acla ma ção ou de San ta na, que i ma ram fo gos de vista, com a presença da Família Imperial no pavilhão construído ao cen tro da enor me qua dra. Uma co lu na ta co ber ta de le gen das e trans pa rentes formava a armação frontal do fogo de artifício que, com grande precisão, desenrolou rápidos quadros aos olhos da imensa massa popular. Ao fun do, ar di am em fogo puro e cal mo obe lis cos e pi rã mi des, eri gi dos

31 Inundações e ressacas, coisas comuns no Rio de Janeiro de todos os tempos.

32 Foram mobilizados para essa decoração das ruas os melhores artista do tempo pelo Intendente da Polícia: Debret, Francisco Pedro do Amaral e Simplicio Rodrigues de Sá. Os cronistas coevos elogiam o transparente posto a uma das janelas do Paço da Câmara, em que aparecia a nau *Pedro I* passando entre a fortaleza de Santa Cruz e o Pão de Açúcar.

pelas várias corporações da cidade em honra de Suas Majestades. Não se pouparam nos dísticos, em parte alguma, as mais exageradas lições. Contudo, achei delicada a idéia de repetir a mesma frase em quatro línguas: la tim, por tu guês, fran cês e in glês. Numa ci da de como o Rio de Janeiro, centro de comércio cosmopolita, isso tem propri e da de e utili da de. Na capital dum príncipe alemão, se ri a rí culo.

Quando o Imperador apareceu pela primeira vez ao balcão do pequeno palácio, certa espécie de gente o saudou com um ruído so vivo. Um indivíduo muito maltrapilho avançou à frente da turba e pronunciou curioso, mais ou menos nestes termos: “O fiel e bravo povo do Rio de Janeiro alegra-se indescritivelmente por te ver outra vez no seu seio, Augusto Senhor. Enquanto felicitavas as Províncias do Norte com tua celestial presença, sentimos tua ausência da mais dolorosa maneira. E tu mesmo deverás convir que, em parte alguma, terás encontrado gente igual a nós. Neste imenso Império, só existe um Rio de Janeiro! Viva o Imperador! Viva o povo fiel e heróico do Rio de Janeiro!”<sup>33</sup>

Essa espécie de gente são o refugio dos habitantes livres da capital, os chamados *brigueiros*.<sup>34</sup> Servindo de espões à polícia ou de seus assas, assoldados pelos agitados políticos medrosos de riscos pessoais, ou alcoviteiros, estão sempre prontos a praticar qualquer patifaria, livres de remorsos, salvo talvez os de não terem completamente executado o que lhes foi encomendado e pago. Como tudo o que é ruim, devem sua existência à revolução. Antes, eram verdadeiros mendigos, vivendo da caridade do povo e da beneficência das instituições ricas. A revolução abriu-lhes as portas para uma carreira, que reputam mais honrosa e, sem dúvida, é mais lucrativa. Às portas dos conventos, agora, só se vêem mulheres velhas e homens de crepitos recebendo insignificantes esmolas. Se de vez em quando a necessidade ainda faz aqueles mendigarem, com a maior

---

33 Os dois vivas estão em português no texto original.

34 À palavra portuguesa, transcrita sob forma alemã, em que o *g* soa forte, Brigueiros, o autor acrescentou na sua língua, entre parêntesis: *Tagediebe*, literalmente *ladroes diurnos*, o que equivale ao *vaurien* francês, vagabundos, gatunos, Valentões, desordeiros, capadóciós, capangas, antecessores dos famosos capoeiras, que só se acabariam na República. Formavam súcias ou maltas, pondo-se a soldo dos políticos da época. Seu ponto predileto de reunião era o mal afamado Botequim da Corneta, na Rua dos Escrivães ou das Violas, que fora antes dos Três Cegos, de Serafim de Andrade e de Domingos Coelho, sendo hoje Teófilo Otoni. O próprio José Bonifácio subsidiava um bando de capangas chefiados pelo famigerado Joaquim Inácio Costa Orelha ou Corta Orelha. Era este facundo e pernóstico, de modo que bem poderá ter sido o orador a que alude o autor do livro. Em nenhuma outra obra contemporânea se encontra o termo *brigueiro* aplicado pelo autor.

desfaçatez exigem uma dádiva maior e, se ela não os satisfaz, ameaçam, dizem do ser perigoso negar o que pedem.

No teatro, também na plateia dirigiram um discurso ao Imperador. Apesar do orador estar vestido de cente mente, falando com fluência e elegância, toda a gente tinha opinião formada sobre essa efusão espontânea da mais profunda dedicação e do mais ardente patriotismo. O Imperador dá muito valor a essas demonstrações de amor do povo, apesar de saber muito bem que são regidas por pausas, em boa cada um dos cantores desses coros laudatórios receba pessoalmente muito pouco. Somente dois tostões! disse chistosamente um desses infelizes. O certo é que ao Estado a numerosa polícia pública e secreta custa milhões por ano, não contando as finanças e extorções que seus agentes praticam.

O Teatro de S. Pedro é um dos melhores edifícios da cidade, de arranjo interior elegante e, ao mesmo tempo, adequado ao clima. O camarote imperial é tão ricamente adornado, que será difícil encontrar um mais suntuoso na Europa. Ao longo dos renques de camarotes, corre um gradil dourado, que nada subtrai aos olhos dos espectadores os encantos das damas em vestidos de gala. No entanto, o palco está pobremente decorado e a idéia de pintar no pano de boca a baía do Rio de Janeiro deve ser considerada infeliz, porque nenhum pincel do mundo é capaz de reproduzir, mesmo mediocrementemente, as cenas que a natureza ali de buxar todos os dias.<sup>35</sup>

O que se representa no palco nem de longe se compara ao que se passa nos camarotes, onde as encantadoras cariocas, com do nair e graça indescritíveis, privilegiada herança das suas avós peninsulares, aceitam as homenagens e galanteios de seus adoradores. Para muitos, há um espetáculo muito mais atraente nos cafés da rede de zafra, o Faraó. Ali em verdade se vêem fisionomias bem diversas das das mesas de pano verde de Pymont ou de Spa,<sup>36</sup> caracaterísticas das cores, nas quais a ruinosidade do jogo de senhou seus traços indelévelis.

É no jogo que o brasileiro deixa de todo de ser senhor de si, perdendo a arte habitual da dissimulação. Julgo poder afirmar que seu

---

35 Esse pano de boca foi pintado por José Leandro de Carvalho e, segundo Moreira de Azevedo, representava "a baía de Niterói, e no centro Netuno em um carro puxado por cavalos-marinhos, empunhando o tridente, e cercado de deuses, sereias e tritões".

36 Pymont, cidade da Alemanha, do Principado de Waldeck, separada do território do mesmo pelo de Brunswick e pertencente aos Condes de Lippe desde 1557, célebre pelos seus banhos carbônicos. Spa, a antiga *Aquae Sepadonae*, cidade belga da Província de Lieja, no meio de montanhas, que se tornou importante depois do século XIV e cujas águas carbônicas e ferruginosas já eram conhecidas dos romanos. Seu nome vem da velha palavra *espa*, que significa fonte.

sangue ferve tanto, quando crava a lâmina no peito dum rival odiado, como quando o resultado duma aposta depende do capricho da sorte ou da es per te za do ban que i ro, sen ta do com gé li da in di fe ren ça, do ou tro lado do pano verde. Essa esperteza é quase impossível no Rio de Janeiro, porque o baralho fica encerrado numa caixa de prata, cuja tampa só li ge i ra men te se le van ta para ti rar as car tas uma a uma. Não se ria mau in tro du zir este sis te ma na Ale ma nha, onde, de fato, o jogo e os jo ga do res estão entregues às mãos do banqueiro. Na Itália, prendem as cartas à mesa com um prego e as vão arrancando isoladamente. Esta precaução agrada-me ainda mais. Mas, quando se tem ocasião de apreciar a arte dos prestidigitadores, a gente logo se con ven ce de que tudo isto é inú til se tem de li dar com um ad vers á rio su pe ri or men te ha bi li ta do.

## 4

Num dos mais be los dias de ju lho, fiz com al guns ami gos um passeio a ca va lo ao Cor co va do. Pe que na ca ba na em fren te ao con ven to de Santa Teresa<sup>37</sup> foi o ponto escolhido para nos sa re u ni ão ao des pon tar do sol. Lugar sobremodo atraente. O casa rio da ci da de es ten de se ao pé da mon ta nha co ber ta de jar dins e la ran je i ras até onde é pos sí vel plan tá-los. À beira do caminho, na citada cabana, uma jovem suíça serve modesto almoço com natural alegria, a todos encantando pelo interes sante contraste de sua formosura virginal com a sensual beleza das cariocas. Chama-se Luísa e os alemães a apelidaram de Mariana,<sup>38</sup> em memória daquela Mariana que, em idênticas condições, ganhou uma fama muito pouco compartilhada pelas mulheres atuais.

Em face da alegre cabana, erguem-se as tristes paredes do mosteiro, com janelas duplamente gradeadas.<sup>39</sup> Quantas lágrimas de anelante saudade e de amargo arrependimento não terão sido vertidas ali! A gente sente o misterioso arrepio, que o leitor somente conhece atra vés dos ro man ces, na vi zi nhan ça des te edi fí cio de exis tên cia real. Os muros enegrecidos e sólidos como rochas e as frestas miudamente gradeadas separam as mulheres consagradas a Deus, ali reclusas, tão

37 O morro de Santa Teresa chamou-se antes do Desterro. Em 1629, já havia ali uma ermida com esse último nome. Em 1714, os padres Marianos fundaram um convento no lugar da ermida, que em 1750 passou a ser de Santa Teresa.

38 É possível que aluda à personagem romântica que já indicamos em nota anterior.

39 As grades duplas ainda se vêem nas janelas, do lado da ladeira de Santa Teresa, algumas até com portas aguçadas como punhais.

completamente do mundo exterior, que lá dentro nem um olhar entra, nem um raio de sol penetra e mal se ouve o som abafado do órgão, acompanhando os cânticos religiosos. Verdadeira cruzilhada da vida! Em todo o caráter do edifício, se estampa a renúncia às alegrias da existência e só a alvissimacapa pela mortuária como que aponta um futuro mais suave.

Além do convento de Santa Teresinha, o caminho sobe ao longo do Aqueduto a uma altura apreciável. Depois de atingi-la, continua-se à beira dum morro pedregoso.<sup>40</sup> Avista-se, à direita, um vale fértil que se alonga até S. Cristóvão, como uma serpente sarapintada. Vê-se parte da baía. Depois, Catumbi e a Cidade Nova aparecem por trás de morros. Quanto mais se anda, mais vasto se vai tornando o panorama até que, enfim, o Aqueduto e, com eles, o caminho se perde entre serras. Então, o aspecto da paisagem muda completamente.<sup>41</sup> A cidade e o porto escondem-se de trás dos montes, enquanto surge à esquerda, entre a altura em que a gente se acha e o verdadeiro sopé do Corcovado, um vale, em todo o seu comprimento cortado por tumultuosa riacho, que desce pela floresta em pequisacas para se despejar no mar. Tem tanta roupa estendida que parece um coradouro.<sup>42</sup> Em apertado espaço, residências soberbas tranqüilamente se erguem junto de pobres choupanas de negros. Nas duas abas da serra, sobem jardins e cafezais. Todos os lugares que podem servir para plantar estão aproveitados e, mesmo onde a pedra já se descolou à luz do dia, os meloais se ensombram de bananeiras isoladas, que brotam exuberantes nos intervalos das rochas.

Nos jardins, é tal a profusão das flores que até lá do alto se sente seu ofuscante esplendor. Os alvos oitões das casas ocultam-se a meio nas laterais das trepadeiras, cujas flores cor de ouro agridamente se misturam ao fresco verde das folhagens. As magnólias parecem canteiros floridos boiando no ar. Na quente luz solar, ergue-se a colorida pirâmide das estrelitzias, que, à distância, mais parece obra da arte dos homens do que das mãos da natureza. Mas é impossível enumerar

---

40 Naturalmente a atual Rua Joaquim Murinho, perto do Curvelo.

41 Adiante do França.

42 O vale do Cosme Velho e das Laranjeiras, por onde corria o rio Carioca, ponto em que então se lavava a roupa da cidade. O autor o chama em alemão *Bleicherthal*, literalmente o Vale do Coradouro.

O nome de Cosme Velho veio dum dos seus mais antigos habitantes e dono das terras marginais, em princípios do século XVIII, negociante na Rua Direita, atual 1<sup>a</sup> de Março, e juiz da Irmandade de S. José.



todas as plantas e flores maravilhosas a que o calor tropical dá vida, junto com as que as acompanham e foram trazidas para aqui de todas as partes do mundo.

Apeque na fonte de onde sai um riacho me d'ocre é uma das belas raridades dos arredores do Rio de Janeiro,<sup>43</sup> porque, da altura onde se acha, proporciona aos olhos este cenário encantador, com suas animadas margens. Desaias arregaçadas, inúmeras lavadeiras pretas metem-se n'água até os joelhos e trabalham, brincando e cantando. Os brancos linhos estendidos a secar, nos verdes capinzais, como que tornam ainda mais negras essas figuras femininas, cujos movimentos têm uma graça especial. O som de suas cantigas, o doce murmúrio da levada, o zumbir dos insetos que povoam o ar, o suave perfume que se evola da profundeza da mata, tudo isso nos mergulha num estado contemplativo em que se dilui em todas as lembranças anterieiras e qualquer outropensamento.

No alto da montanha, o caminho perlonga o Aqueduto, em muitos lugares já bastante degradado. Per toda a cidade, o canal é todo abobadado. Aqui, às vezes faltava a cobertura ou estava sendo consertada, o que me permitiu examinar internamente a maravilhosa obra. O que mais me admirou foi a exigüidade do fio de água, mais ou menos com um pé de largura e meio de profundidade. Calculei sua velocidade ali em 2 pés por segundo, o que dá uma quantidade de 86.400 pés cúbicos de água<sup>44</sup> correndo para a cidade em 24 horas. Devo fazer no tar que meu cálculo se baseou em observação muito superficial.

Junto à fonte, que, por diversos regradamentos na rocha, cai quase perpendicularmente da montanha, encontramos uma senhora assentada, esboçando a vista do vale e das serras que emolduram. Confecto que escolheu felicíssima posição, pois dali a vista abrange toda a extensão do vale, com estreita faixa da baía ao fundo e a serra dos Órfãos fechando, ao longe, o horizonte. Soube, por uma pessoa que a acompanhava,

---

43 A nascente do rio Carioca, Catete ou das Laranjeiras, vulgarmente chamada Mãe d'Água.

44 Equivalente a 28.512 metros cúbicos.

tratar-se da conhecida Mistress Graham, a quem o mundo das letras deve esplênido quadro do estamento moral e social do Brasil.<sup>45</sup>

Acampamos junto ao tanque de água cristalina, de onde sai o Aqueduto, e comemos o farnel que havia trazido. Mistress Graham, que, ao contrário de suas conterrâneas, era pouco cerimoniosa e muito franca, nos ofereceu do seu chocolate, que bebia num copo e não numa xícara, acontecimento na verdade inaudito na vida de uma inglesa. Não era mais nova, nem bela, porém sua amabilidade natural conquistou todos os corações. Quando, após algumas horas de descanso, continuamos nosso caminho, nos despedimos da excelente senhora, levando a boa impressão que sempre se tem ao encontrar inesperadamente uma pessoa interessante, quer nos brilhantes salões da alta roda, quer na profunda solidão da natureza sasilvestre.

No próximo monte aonde chegamos, ainda se viam vestígios de cultura em torno duma choupana semi-arruinada, alguns cafeeiros e pés de milho quase sufocados pelas ervas más e viçosas, pelas brenhas selvagens. Começamos o caminho novo,<sup>46</sup> que leva ao cume do Corcovado, cuja ascensão ainda há poucos anos era difícilíssima. A leste, ele se ergue quase perpendicularmente do seio das matas virgens que o circundam. A oeste, a elevação é menos íngreme e permite atingir o cocoruto. Trepamos em ziguezagues por entre florestas e rochas. A subida foi muito

---

45 É interessantíssimo o encontro. Maria Graham esteve duas vezes no Rio de Janeiro. Na primeira, de 1821 a 1823, escrevendo seu famoso livro *Journal of a Voyage to Brazil and residence there*, publicado em Londres em 1824. Na outra, veio ao Rio de Janeiro, na segunda metade de 1824, para servir de preceptora ou aia da Princesa D. Maria da Glória.

O marido de Maria Graham, oficial da Marinha Britânica, comandava a fragata de Sua Majestade *Doris*, na qual, trazendo sua mulher, partiu de Plymouth, a 31 de julho de 1821, com destino ao Pacífico. Devido ao mau tempo, arribou a Falmouth, onde se demorou até 11 de agosto. Chegou a Porto Santo, no arquipélago da Madeira, a 18 desse mês e saiu a 23; em Tenerife, nas Canárias, a 25 e partiu a 28. Passou o Equador a 15 de setembro. Demorou em Pernambuco de 22 desse mês a 14 de outubro. Ficou na Bahia de 11 de novembro a 8 de dezembro. A 15 estava no Rio, onde permaneceu até 10 de março de 1822, com uma interrupção entre 24 de dezembro de 1821 a 24 de janeiro de 1822, motivada por uma ida à Bahia. A 9 de abril de 1822, na altura do cabo Horn, o Comandante Graham faleceu a bordo da *Doris*. Ele já partira doente do Rio de Janeiro. A *Doris* alcançou o Chile, de onde Maria Graham regressou ao Brasil no navio *Colonel Allen*, que trazia Lorde Cochrane, convidado a comandar a Armada Imperial. O *Colonel Allen* aportou à Guanabara no dia 13 de março de 1823, fez estadia até 21 de outubro e nele Maria Graham tornou à Inglaterra, onde chegou a 18 de dezembro do ano citado.

Convidada para aia da Princesa D. Maria da Glória, a escritora inglesa veio para o Brasil, em 1824, no paquete *Falmouth* e chegou ao Recife em agosto, encontrando o porto bloqueado pelos navios de Cochrane, seu ex-companheiro de viagem do Chile ao Brasil. Estalara a revolução e fora proclamada a Confederação do Equador. Maria Graham esteve com o Almirante a bordo de sua capitânia e serviu de intermediária entre ele e os rebeldes, sem resultado.

É nesta segunda viagem que o autor a encontrou nessa excursão ao Corcovado.

Maria Graham deixou depoimentos interessantíssimos sobre homens e cousas do Brasil no começo do século XIX.

46 Os primitivos acessos ao Corcovado, muito íngremes e difíceis, eram os chamados caminhos do Leite e do Peixoto.

praticamente traçada pelo Imperador em pessoa e está muito bem conservada.<sup>47</sup>

A ascensão a cavalo se faz mais comodamente do que a do cume do Brocken, posto que, lá, houve necessidade de vencer obstáculos muito maiores do que os de qualquer outra estrada européia.<sup>48</sup> O lado da subida está semeado de grandes penedos atirados a esmo e coberto de tão densa floresta, cheia de enredanças ligando árvores e pedras, num tecido tão impenetrável, que só a machado foi possível abrir passagem. Aqui e ali, pe que nas nascentes de água brotam de baixo das fregas, to das colhi das em cana liza ções arti fici ais, ora ca va das na ro cha, ora de al ve na ria, e reunidas para formarem o pequeno manancial, que alimenta o Aqueduto. Subindo pelo torcicoloso caminho, vai-se encontrando o mesmo regato mais de uma vez, de modo que até quase o cimo da montanha não fal ta água pura e fresca.

Ao meio da subida, existe um telheiro aberto, para geralmente se dar descanso aos cavalos. Deitamo-nos ali à sombra de árvores e esvaziamos nossa última garrafa de vinho do Porto. O ar estava inteiramente parado e a natureza em peso repousava imersa no mais profundo silêncio. Cobras pintadas de anéis variadas moviam-se imperceptivelmente através dos talos capins. Esgui os lagartos<sup>49</sup> espiavam com seus claros olhos à borda das fendas dos pedregais. Nenhum pássaro fazia ouvir seu canto, pousado nos troncos velhíssimos. Uma sensação esquisita se apodera da gente nessas florestas, completamente diversa da que provoca a rumorosa vida dos bosques alemães. Nos trópicos, parece não haver os passarinhos que animam, com seus trina dos, as matas europeias. Ali, só há aves aquáticas e de rapina, que se atiram do alto sobre as presas, papagaios sóciaveis, que amam as plântias, e o esplêndido beija-flor, que mais parece uma borboleta do que um habitante emplumado das selvas.

A mata vai rareando à proporção que a gente se aproxima da cumeada do monte. Encontra-se, por fim, um pavilhão hexagonal e,

---

47 A estrada atual de acesso ao Corcovado, do Silvestre às Paineiras, segue o traçado do caminho do Imperador.

48 O Brocken, *Bructerus Mons* dos antigos, ou Blockberg, faz parte do maciço granítico do Harz, no sul da Alemanha. É um pincaro solitário e imponente. Conta a lenda que, de 30 de abril para 1º de maio, ali se reúne o *sabat* das feiticeiras e demônios, a famosa Noite de Walpurgis. Os turistas são atraídos a esse lugar para apreciarem o fenômeno ótico denominado *Espectro do Brocken*, em que a imagem de quem chega ao cume se reflete, aumentada, nas nuvens, de forma gigantesca.

49 Possivelmente calangros.

mais alto, encaixado numa laje chata como uma tábua, o longo mastro dotelégrafo.<sup>50</sup> Pro fundo abismo di ví de o pe que no planalto do topo, rodeado por um gradil de madeira, em duas partes unidas por uma ponte.<sup>51</sup> Dali, a vista é surpreendentemente bela. Floresta e serras ficam muito abaixo do pico, que domina tudo, perpendicularmente, do lado do mar. As ondulações montanhosas mostram-se em relevo com o verde mais ou menos vivo dos arvoredos que as revestem. Nos vales que se enterram profundamente entre as matas virgens, como listas de cor, a vida grulha animadíssima. Planícies e praias cobrem-se de moradias e jardins. No meio, estendem-se maravilhosas lagoas,<sup>52</sup> separadas do oceano por estreita restinga que a ressaca alternadamente desfaz e renova. A certa distância da costa, desfiam-se as costas de um rosário de ilhotas, que acompanham o seu contorno, as ilhas das Palmeiras<sup>53</sup>. A Redonda<sup>54</sup> com seu nível farol, mira-se no claro espelho das ondas. Mais além, os olhos somente divisam ar e água, ambos tão indescritivelmente cheios de cor e brilho, que é perder tempo tentar descrevê-los.

Às costas do observador, desdobram-se a cidade com suas igrejas e palácios, a baía e o porto coberto de incontáveis navios. Desse ponto dominador avista-se em conjunto a desregrada beleza do Rio de Janeiro, que, como as trepadeiras deste país tropical, avança os tentáculos para onde encontra espaço. Do lado de lá da baía, as massas fantásticas da serra dos Órgãos perfilam-se no céu. Se o olhar acompanhar seus lineamentos, que ascendem para o interior da terra brasileira, compreenderá que a altura do Corcovado diante dos píncaros que se perdem no azul é insignificante. Até montanhas mais próximas o sobrepujam. Dizem que sua altitude é de 2.200 pés.<sup>55</sup>

Na casinha do telégrafo encontramos dois velhos inválidos prepostos à sua guarda. Como na América ninguém se preocupa muito com o futuro, tínhamos devorado as nossas provisões, sem deixar um

---

50 Telégrafo semafórico.

51 A descrição que o autor faz do alto do Corcovado: pavilhão, ou belvedere, cabana, mastro, ponte, gradil, pequeno planalto e telheiro, combina de modo completo com a do Comandante da *Thetis*, feita em 1824.

52 Rodrigo de Freitas, Tijuca e Jacarepaguá.

53 O arquipélago das Palmas, composto pelas ilhas Palmas, Cagarra, Ilhota Grande, Ilhota Pequena, Comprida, Redonda e Rasa.

54 Aliás a Rasa.

55 666 metros, o que não está muito longe de sua altitude exata: 720.

tico, antes de alcançá-lo o cume da montanha, na doce esperança de obter ali por diheiro ou pela vrasamáveis, pelo menos farinha e cachaça.<sup>56</sup>

Malogrou-se nossa esperança. O jantar dos dois inválidos consistia em carne-seca assada nas brasas e feijão abundantemente temperado com pimenta e sumo de limão. Os bons homens o comparam com o que nos comiam, mas tivemos de saciar a terrível sede, que nos veio depois, na linfa cristalina da fonte. Ambos desculpamos a falta do líquido de bebidas alcoólicas com o mesmo motivo: a propensão de cada um de nós para escorropichar o líquido que houvesse. Todavia confessaram que, sendo o caminho frequentemente percorrido por estrangeiros, seria bom negócio tê-las à venda. Provavelmente a culpa era de ambos. De resto, quando não se tem outra, a água é uma bebida excelente, sobretudo tão gostosa e leve como a da fonte da Carioca, que se semri val no mundo.

Regressamos depois de haver dado comida aos cavalos e descansado um pouco no pavilhão imperial. Como montássemos animais de aluguel, êmulos de seus irmãos de Gotinga e Halle,<sup>57</sup> o caminho se tornou perigoso, mas chegamos ao aqueduto<sup>58</sup> sem novidade. Dali descemos ao vale. Na primeirachácara da ladeira, pertencente ao negociante alemão Franz S., fomos acolhidos o mais amavelmente possível pela graciosa dona da casa.

Essa residência campestre pertenceu antes ao Conde de Høgendorp, que ali terminou tragicamente sua trabalhosa vida. Num quente dia de verão, foi tomar fresco numa gruta existente entre penhascos, num dos lugares mais altos do terreno, ao pé da montanha. Parece que a brusca mudança de temperatura fez com que perdesse os sentidos e morresse. O fato é que seus escravos só o encontraram dias mais tarde, quase devorado pelos animais selvagens e pelos vermes. Nem uma pedra marca o lugar onde o enterraram. Sua lembrança há muito se apagou no Brasil, pois vivia em grande pobreza. Para mim, os poucos vestígios que dele encontrei tinham grande interesse, porque o conhecera havia tempos. Talvez esta curta notícia de sua morte faça vibrar alguns leitores, porque, na verdade,

56 A farinha, feita de mandioca, serve de pão no Brasil. A cachaça é uma péssima aguardente de cana-de-açúcar. (*Nota do autor.*)

57 Gotinga, Gottingen, antiga Gutingi, cidade universitária do Hanover. Halle, sobre o rio Saale, cidade universitária da Vestfália. Reino da Prússia, cheia de monumentos antigos, pátria do compositor Haendel.

58 Naturalmente no lugar denominado Bica da Rainha, no Silvestre atual.

esse homem procedeu no norte da Alemanha de maneira certamente inesquecível para muitas pessoas.<sup>59</sup>

Infelizmente, o Sr. S.<sup>60</sup> não estava na chá-cara e, apesar de sua encantadora amiguinha o esperar a cada instante, a noite se aproximava e não podíamos demorar, porque o caminho ao longo do riacho se tornara muito ruim com uma recente inundação. Despedimo-nos da interessante Betty e seguimos para a cidade. Os donos dos vários sítios estavam à porta das casas ou passeavam, gozando o delicioso frescor vespéral. Muita linda menina nos saudou com o seu – *Viva, Senhor!* acompanhado por aquele adesi-nho que as brasileiras sabem tão encantadoramente nos enviar com sua linda mão. É mais um aceno do que um cumprimento e o som doce e aflautado da voz, o olhar ardente, a pinturesca posição do corpo raramente deixam de causar a mais viva impressão ao coração dum homem.

Mais ou menos ao meio do caminho, encontramos o Sr. S., que, como a maioria dos negociantes alemães, costuma passar a noite em sua casa de campo. Instou amavelmente para que fôssemos com ele,

---

59 O General Thierry, Conde de Hogendorp, holandês, nascido em Roterdã em 1761. Começou a carreira militar com 17 anos, na guerra da Sucessão da Baviera, combateu na guerra da Independência dos Estados Unidos e numa expedição às Índias, tendo sido várias vezes perseguido por suas idéias liberais. Foi governador das Índias Neerlandesas e Embaixador de sua pátria na corte de São Petersburgo. Quando Napoleão deu a coroa da Holanda a seu irmão Luís, o Conde de Hogendorp serviu-o como ministro da Guerra e embaixador em Viena, Berlim e Madri. Depois da anexação da Holanda ao Império Francês, Napoleão fê-lo general-de-divisão e o encarregou da defesa de Hamburgo, após a campanha da Rússia, quando governara a Prússia Oriental e a Silésia. Publicou um livro de memórias em 1814. Bateu-se como ajudante-de-campo do Imperador até o último momento, em Waterloo.

Seu irmão, Gilberto Carlos von Hogendorp, comerciante, estadista e militar, defensor entusiasta do constitucionalismo, foi a alma da independência da Holanda em 1813 e exerceu o cargo de Ministro de Estado.

Napoleão não esqueceu o general Hogendorp, em Santa Helena. No parágrafo 6º do Codicilo escrito a 24 de abril de 1821 e reunido ao Testamento datado de 15 do mesmo mês e ano, em Longwood, o Imperador exilado declara: "Au Général Hogendorp, hollandais, réfugié au Brésil, 100.000 francs." E recomenda a execução de suas últimas disposições a seu filho Eugênio Napoleão de Beauharnais, antigo Vice-Rei da Itália. Napoleão expirou às 11 horas do dia 5 de maio de 1821, onze dias após ter feito o legado a Hogendorp.

Refugiado no Rio de Janeiro, o General Hogendorp cultivou a amizade do conde da Barca e do príncipe D. Pedro. A rainha Carlota Joaquina acusava-o de ter sido uma das péssimas companhias do filho, o futuro Imperador do Brasil. O barão de Neven, parente e representante diplomático de Metternich, considerava-o um dos perigosos portadores dos princípios revolucionários. Vivía, contudo, pobremente no sítio Nova Sion, que fundara nas faldas do Corcovado, na atual ladeira da Ascurra, hoje propriedade do governo brasileiro. Era ali o chamado Morro do Inglês, residência de Guilherme Young. Maria Graham visitou-o no dia de Ano-Bom, de 1822. Vendia vinho de caju e licor de grumixama que fabricava. Seu quarto de dormir era pintado de preto com esqueletos. Seu sítio era vizinho do de Chamberlain. Lenthold, que o viu, lembrava-se de tê-lo conhecido como governador da Prússia Oriental em Koenigsberg. Faleceu de repente, ignorando o testamento de Napoleão. Ao vestirem o corpo, verificaram que era todo tatuado. D. Pedro I mandou fazer-lhe o enterro no cemitério protestante da Gamboa.

Em 1829, quando foi publicado este livro, havia na sua plantação 20 mil cafeeiros.

Os cronistas e historiadores dão como data de sua morte o ano de 1830. No entanto, o autor aqui a notícia que a edição de sua obra é de 1829. Como conciliar essas datas?

60 O negociante alemão, no Rio de Janeiro, Franz Schneinert, que figura entre os subscritores da obra para 5 exemplares.

o que não podíamos de modo algum aceitar, embora soubéssemos que passaríamos agra-dabilíssima noite em sua companhia.

Já o sol se esconde ra por trás dos montes e só as velas nuvens que velavam os mais altos píncaros da serra dos Órgãos se enfeitavam de tintas garri-das com seus úl-ti-mos raios. Esses belos momentos em que a luz e a sombra in-ti-mamente se unem são tão fugazes nos trópicos que quase se não percebe a passagem do dia para a noite. O riacho corria, murmurando brandamente sobre pedras e adufas,<sup>61</sup> que de quando a quando lhe interrompiam o curso, para comodidade das lavadeiras. A límpida luz da lua começava a brincar nas densas franças das árvores. Negras solitárias, com suas alvas trouxas de roupa à ca-be-ça, voltavam à cidade, cantarolando e assobiando, ou tomavam à porta das vendas um copo de ca-ça-ça.

Seguimos devagar rumo ao Catete. A noite estava esplêndida. Toda a natureza respira va-de-le-i-te e per-fu-mes. Foi numa noite assim que o Sr. Franz viu a encantadora Betty sentada numa pedra à beira do caminho, em companhia de uma negra gorda, ambas prestes a regressarem à cidade, com a roupa que haviam guardado às margens do ribeirão durante o dia. Já muitas vezes tinha no-tado aquela pariga, única branca entre negras, sujeitando-se ao duro ofício de lavadeira. O fato de trabalhar dentro d'água deu-lhe ensejo para admirar, além de suas delicadas feições, a formosura do corpo, per-nas-bem-feitas, nuca um pouco vergada, braços roliços, seio li-vre e cheio. Achou-a in-ter-res-san-te e al-gu-mas-vezes-pen-sou-nela. A ocasião era, por tanto, pro-pí-cia. Sem se preocupar muito com o que ela fora até ali, ofe-re-ceu-lhe-asi-lo em sua casa. Betty não achou má a proposta e, ao invés de voltar à cidade, deixou-se levar a galope, na garupa de seu cavalo, para a bela chá-ca-ra. A aman-tum-ma-ri-nhe-i-ro-in-glês-do-na-vio-de-Sua-Majes-ta-de *Blossom* tor-nou-se-des-sa-ma-ne-i-ra-a-feste-jada-so-be-ra-na-do-co-ra-ção-dum-rico-ne-go-cian-te-do-Rio-de-Ja-ne-i-ro.<sup>62</sup>

Se o ge-ne-ro-so-le-i-tor-me-a-com-pa-nhou-com-al-gum-in-ter-se-nes-tas-pe-re-gri-na-ções-por-flo-res-tas-e-pe-nhas-cos-ou-pe-las-ili-mi-ta-das-prai-as-do

61 Adufa tem em português duas acepções: resguardo externo de janela e comporta de rio. Está empregado na última.

62 O itinerário da excursão ao Corcovado realizada pelo autor pode ser indicado da seguinte maneira: subida pela ladeira de Santa Teresa, passagem pelo Curvelo e França, Silvestre e cume, acima das Paineiras; descida pela autal ladeira do Ascurra até o vale das Laranjeiras e volta à cidade pelo Catete.

oceano, se minha pena conseguiu fazer com que, por instantes, vislumbrasse os grandiosos aspectos duma rica natureza, nada mais fiz do que delinear com leves traços um quadro fiel do maravilhoso país, que, premido pelas circunstâncias, costumava considerar minha segunda pátria. Desta vez, porém, vou tentar pintar um cenário diferente, o de uma Corte brilhante que, apesar de sua azáfama em tomar a Europa como inspiração e modelo, não perde as particularidades que lem bram sem pre se achar no he mis fé rio me ri di o nal.

Sir Charles Stuart chegou ao Rio de Janeiro a 18 de julho a bordo da fragata *Wellesley*.<sup>63</sup> O fim de sua missão de há muito era sabido e comentado por toda a gente. Quando o telégrafo anunciou a aproximação do navio, o povo se reuniu no Largo do Paço, a fim de presenci ar uma recepção, que, na sua opinião, de via su pe rar tudo o que até en tão ti nha vis to a leal e he ró i ca cidade. Como se não sentiram decepcionados os bons cariocas por não ter sucedido nada do que esperavam! A *Wellesley* ancorou, trocando os cumprimentos com uns de qual quer vaso de guerra com as fortalezas.

Sem maiores formalidades, Sir Charles seguiu numa chalupa para São Cristóvão e somente depois do anoitecer a multidão se dispersou, para cada qual meditar a seu modo sobre aquela recepção que não correspondera à expectativa de todos. Assim é este povo! Por que todas as fortalezas não deram uma salva real e não se queimou um fogo de artifício em dia claro: numa palavra, porque nada houve para contentar seus olhos, concluiu que nada se acredita sobre o reconhecimento da Independência do Brasil por Portugal.

Realmente, durante vários dias, em todos os cafés e barbearias da cidade, só se falava em Sir Charles e sua fria recepção. Os portugueses levantavam a cabeça e o verdadeiro burguês brasileiro referia-se a intrigas inglesas e à ameaça à liberdade do jovem Império pela recolonização.<sup>64</sup> Durante as negociações S. Ex<sup>a</sup> nunca se mostrou em público, o que não era próprio para despertar no povo grandes

---

63 Precedeu-o Felisberto Caldeira Brant dias antes no *Plover*, anunciando sua vinda.

64 Esse temor da recolonização dominava o espírito público na época. Sabemo-lo por muitos depoimentos que confirmam o do autor. A documentação é grande a respeito. Daí a ansiedade em saber que solução traria o diplomata inglês sobre o reconhecimento da Independência do Brasil por Portugal. A alvissareira carta do Imperador à Marquesa de Santos sobre a ratificação do tratado respectivo é um índice do pensamento da nação. Esse temor da recolonização foi explorado pelos agitadores, para lançar brasileiros contra portugueses e vice-versa na noite das Garrafadas, no Mata-Bicudo e no Mata-Galego. Ainda o aproveitamento para impopularizar o próprio Imperador até lhe ser arrancada a abdicação de 7 de abril de 1831.



espe ranças no resul ta do de sua mis são. To dos an si a ram pela data de 7 de setembro, aniversário da Proclamação da Independência, porque era sabido que, nesse dia, Sir Charles seria recebido em audiência solene.

O calendário brasileiro está cheio de festas religiosas e políticas, ambas de duas classes: grandes festas de igreja, festas de primeira categoria ou dias santos de guarda; e pequenas festas, festas de segunda ordem ou dias santos de remissão. Do mesmo modo, na Corte, há dias de grandes e dias de pequena gala. O 7 de setembro, data mais importante da história do Brasil Imperial, é um dia de grande gala. Todas as autoridades superiores militares e civis compareceram ao Paço, com suas fardas ou trajes de corte ricamente bordados a ouro. O alto clero vestia pluviais de seda roxa e roquetes de crepe branco. Os frades traziam os hábitos de suas ordens. A Guarda Imperial,<sup>65</sup> formada no lar go, apresentava armas aos ministros que chegavam de carruagem seguida por um correio a cavalo. Fez-se a mesma honra ao venerando Coutinho, Bispo do Rio de Janeiro,<sup>66</sup> à favorita imperial D. Domitila, Condessa de Santos, e ao Embaixador inglês, Sir Charles Stuart.

Este chegou por volta do meio-dia, acompanhado pelo Coronel Freemantle e outros oficiais do Exército britânico. Os da Armada não vieram por ter tido o Almirante inglês pouco antes de vir aqui com o ministro da Marinha sob o pretexto de que, no Brasil, é questão de ponto de honra, considerada ciosamente como em nenhuma outra parte do mundo.

Os oficiais da esquadra francesa, o agente austríaco, conhecido como emissário da Santa Aliança,<sup>67</sup> os diversos cônsules e outros estrangeiros de distinção haviam chegado mais cedo e esperavam a família imperial num dos salões, onde também costumavam se reunir as damas da imperatriz e as mulheres dos funcionários superiores

65 Não sabemos a que corpo de tropas se refere o autor. Nunca houve Guarda Imperial no Brasil. A Imperial Guarda de Honra, composta de três esquadrões de cavalaria, não parece indicada para formatura em continência. O Batalhão do Imperador achava-se em Montevidéu. A Guarda Imperial de Arqueiros, de reduzidíssimo efetivo, só era própria para serviço interno no Paço. Referir-se-á ao Corpo de Estrangeiros, embora nunca tenha sido oficialmente considerado como tal?

66 D. José Caetano da Silva Coutinho, Bispo do Rio de Janeiro, português, nascido nas Caldas da Rainha, em 1767, e falecido no Brasil, em 1833. Doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra. Em 1804, foi nomeado arcebispo titular de Cranganor, e em 1808, bispo do Rio de Janeiro. Foi capelão de D. João VI e presidiu a Assembléia Geral Constituinte de 1823.

67 O Barão Wenzel von Mareschal.

do Estado. Embaixo, no átrio vasto e ventilado, acotovelava-se a variegada multidão de oficiais, padres, camaristas, lacaios de libré, em resumo todos quantos dão brilho a uma festa pela quantidade, sem que a qualidade de cada um, individualmente, tenha a menor importância.

Ao pé da escadaria postara-se a banda de música do célebre Batalhão dos Periquitos, com suas belas e ricas farfaldas, paças, tal vez pelo saque de Pernambuco, onde esse corpo logo ganhou fama por seu desenfreamento, por inúmeros roubos e extorsões, e pelo assassinio do general Felisberto, irmão do marquês de Barbacena.<sup>68</sup> Quando o Imperador chegou, a Guarda Imperial de Arqueiros formou em fila na ante-sala e na escada.<sup>69</sup>

O reposteiro-mor com o de Cantagalo recebeu Sua Majestade à porta.<sup>70</sup> Uma espécie de rei d'armas conduzia à sua frente a bandeira do Império. Rodeado pelos ministros e altos titulares da Corte, D. Pe-

---

68 A alcunha de Periquitos foi dada no Brasil, durante o Primeiro e Segundo Reinado, a vários batalhões de caçadores, quer do Exército, quer da Guarda Nacional por usarem lapelas, vivos, chourças e penachos verdes e amarelos, que lembravam a plumagem dessas aves. Houve um Batalhão de Periquitos, o 3º de Caçadores de Pernambuco, dissolvido por decreto de 7 de agosto de 1888, que atraiu os ódios da população do Recife por se aproveitar da situação política e da confusão reinante para saquear a cidade. Houve outro, o 3º de Caçadores da Bahia, cujos soldados mataram o Coronel Felisberto, Comandante ou Governador das Armas, sendo por isso dissolvido por Decreto de 16 de novembro de 1824. E houve um terceiro, o 25º de Caçadores de 1ª Linha, depois 26º, constituído com os restos do de Pernambuco e do da Bahia, enviados, após a dissolução, ao Recife, que no Rio de Janeiro constituiu, com dois batalhões de Caçadores Estrangeiros, a 9ª Brigada de Infantaria. É a esse que se refere o autor.

O Coronel e não General Felisberto Caldeira era parente e não irmão do Marquês de Barbacena, servira às ordens do General Labatut, na Guerra da Independência e dirigira o ataque ao forte de Itapuã. Muito ambicioso, fomentara a anarquia militar naquela Província, a fim de subir. *Magna pars* na deposição daquele General, do Comando das Armas, em maio de 1823, disseram quando o prenderam: "Um general não se prende, mata-se!" No mesmo ano, promoveu uma manifestação contra a posse, no ambicionado cargo, do General Moraes e contra a do Coronel José Joaquim de Lima e Silva.

Afinal, conseguiu ser governador das Armas, tendo eliminado os rivais, mas foi vítima da indisciplina que fomentara. A 25 de outubro de 1824, um grupo de soldados do Batalhão de Periquitos, 3º de Caçadores, comandados pelos alferes Jacinto Soares de Melo e José Pio de Aguiar Gurgel, o mataram barbaramente em sua própria casa, ao que se seguiu a anarquia militar na cidade. Os soldados soltaram foguetes à passagem do seu enterro pelo quartel e desmandar am-se. Felizmente, as Milícias apoiaram o Presidente da Província Francisco Vicente Viana, e o Coronel Antero José Ferreira de Brito, recém-chegado de Pernambuco, assumiu o comando do 1º e do 2º de Caçadores de 1ª Linha, e restabeleceu a ordem. O batalhão rebelde foi embarcado e posteriormente dissolvido. Nomeou-se uma Comissão Militar para apurar os fatos, a qual julgou os implicados no crime, sendo executados os cabeças do motim. O sargento-mor, Sotero, instigador do assassinio, foi fuzilado a 15 de janeiro de 1825, no Campo da Pólvora, ao pé da força, por se ter o carrasco recusado a enforcá-lo. A 22 de março seguinte foram executados o Tenente Gaspar e 2 soldados. Os outros réus evadiram-se a tempo.

69 Havia duas ante-salas no Paço, a Sala dos Camaristas e a Sala das Damas. Antes delas vinha a Sala dos Passos, espécie de Sala dos Passos Perdidos. Também havia a Sala dos Tudescos, em memória da antiga Guarda Alemã, que houvera em Lisboa. Nela ficavam os Arqueiros.

70 João Maria da Gama Freitas Berquó, Barão, Visconde e Marquês de Cantagalo, falecido em Lisboa a 9 de março de 1852, filho de José Maurício da Gama e Freitas, fidalgo cavalheiro da Casa Real, doutor em Leis, e de sua mulher, D. Josefa Maria Ana Berquó, açafata de D. Maria I e Dona da Câmara da Princesa viúva D. Maria Benedita, casado com D. Maria Teresa Pinto Guedes Smiissart Caldas, ajudante do Quartel-General da Imperial Guarda de Honra, reposteiro-mor do Paço, amigo fiel de D. Pedro I a quem acompanhou a Portugal, depois da abdicação de 1831.

dro, com sua esposa e a Princesa D. Maria da Glória, se dirigiu à Sala do Trono, enquanto o trono da música de Janina roscava o Hino Imperial, composto por ele próprio.<sup>71</sup>

Alguns minutos depois, o Imperador apareceu a uma sacada e comunicou em suas palavras ao povo a súmula do tratado concluído com Portugal, sob garantia da Inglaterra. Altos e repetidos vivas o saudaram no meio do troar dos canhões da fortaleza da ilha das Cobras, frente ao Paço, que davam a salvação imperial.<sup>72</sup>

Quatro anos antes, dias depois de proclamar em São Paulo a independência do Brasil, o Imperador apresentou-se no teatro do Rio de Janeiro com uma fita amarela na manga da farda, na qual se liam as palavras – “Independência ou Morte!” Desde então, isso se tornou o distintivo nacional que militares e civis traziam ao braço, o clero e algumas senhoras independentes no peito. Esse distintivo, de acordo com o exemplo dado pelo Monarca, foi então arrancado, porque, estando o Brasil reconhecido pela antiga metrópole como Estado soberano, alcançara sua liberdade política e não havia mais necessidade de morrer para preservá-la.

Enquanto isso acontecia, no interior do Paço, a massa dos cortesãos se compunha, subdividida em várias escadas. Eram mais ou menos 2 horas da tarde quando a oficialidade do nosso batalhão chegou à Sala do Trono, decorada com muito gosto, embora sem muito brilho. Da escadaria entra-se por duas portas em uma ante-sala, onde ficam as damas da Corte, o séquito dos Príncipes e todas as pessoas merecedoras de especial atenção. Os demais, sem consideração à hierarquia, formam longafileira, que, aos poucos, se vai aproximando do trono. Logo que a gente se torna o primeiro anel da sacada, faz pequenusa, chega ao trono, verga um joelho nos degraus e beija a mão do Imperador, depois as da Imperatriz e da Princesa, com o mesmo cerimonial. Por fim, com três profundas reverências, retira-se pela porta oposta.

O Imperador vestia um uniforme de marcial, azul, ricamente bordado a ouro, calças brancas e duas botas de dragão, trazendo todas as condecorações de Portugal e do Brasil.<sup>73</sup> Com a mão esquerda

71 O Hino da Independência.

72 101 tiros de peça.

73 Tal qual está figurado na grande tela de Henrique José da Silva, no Museu Histórico Nacional.

segurava o chapéu de plumas ondeantes, pousando sobre o punho do sabre em que, uma vez por outra, se apoiava em posição muito marcial. A Imperatriz, em traje de corte, cobria-se com uma touca bordada a ouro e prata, ofuscante de brilhantes. A Princesa apresentava-se com a maior simplicidade. A encantadora menina trajava vestido de cetim azul guarnecido de flores e de renda prateada, com o louro cabelo emoldurando em delicados cachos a serena fronte, sobre que pendiam alguns caracóis. Os olhos azuis e profundos brilhavam já com o fulgor meridional no rosto infantil, virginal e lindo. No seu porte elegante e orgulhoso, como que se adivinhava a imagem remoçada de seu cavalheiresco pai, de quem é a filha predileta.

Por todas as janelas abertas do salão entra a fresca brisa do mar. O dossel de veludo verde do trono, franjado e bordado a ouro com as armas do Brasil, agita-se brandamente para lá e para cá. A vida estuante, que vai lá por fora, vem ressoar de envolta com o troar dos canhões e o repique dos sinos, nesses aposentos suntuosos. Respira-se o mesmo perfume refrescante dos laranjais que erra pelas ruas da cidade. Vêem-se os mesmos rostos de cor, a mescla de preto e amarelo que caracteriza a nação; mas de roupas bordadas, de pluviais ou de fardas reluzentes. Falta unicamente uma guarda de corpo composta de botocudos, ao invés de mercenários alemães, distribuída pelas portas do palácio, para completar a idéia que se tem de se estar na corte dum Inca mo der no.

Então, saindo do palácio e semisturando à multidão em tumulto, olhando por cima do espelho da baía para o esplendor áureo do sol, a ilusão é ainda maior. Nas montanhas circunjacentes, verdejam, ainda tranqüilamente luminosas, as antigas florestas, cobertas pelo mesmo céu azul, com a luz a refratar-se nas ondas, do mesmo modo glorioso daquele dia em que o venturoso Cabral descobriu a terra brasileira. Séculos passaram; porém a natureza continua conservando seu caráter peculiar. Será possível que não tenha influência sobre o homem que nela habita? Será que os grandes sofrimentos por ela oferecidos aos olhos materiais não podem vencer o espírito de triagem e de baixacobiça, acendendo no coração de seus filhos o fogo de um puro amor à pátria?

Só o futuro poderá responder a estas perguntas. Eu, pelo menos, não posso abandonar a bela crença de que este povo, a quem

---

74 O autor, impressionado pelo ambiente brasileiro, tão diferente, sobretudo naquele tempo, da fria Alemanha, tem essa mania, que abrolha a cada passo, de querer guardas de honra compostas de amazonas ou de botocudos.

seus ante passados deixaram como bem inalienável a lembrança de feitos cavalleirescos que, pelo nascimento, está preso a um país rico e privilegiado pela natureza, com o tempo virá a ser tão grande como o ambiente natural em que vive. Sentirá, então, orgulho de ser um povo mestiço, como o considerou a arrogância européia e o qualificou o ciúme de sua metrópole. A cor da pele nunca decidiu do valor dos povos. Sábias leis, uma constituição liberalmente executada, coragem marcial contra os inimigos e inabalável integridade na vida íntima são os verdadeiros alicerces da grandeza nacional. E, em verdade, o gémen de tão excelentes qualidades está latente no coração de todos os brasileiros.<sup>75</sup>

## 6

Em linda manhã, to meipassagem num dos horríveis barcos que trafegam entre o Rio de Janeiro, o Porto da Estrela e outros lugarejos do fundo da baía, mantendo regularmente, como as embarcações de mercado da Europa, as comunicações da capital com a redondeza. Tencionava visitar a fazenda da Mandioca, pertencente ao Sr. Von Langsdorf,<sup>76</sup> à qual os jornais alemães se têm referido muitas vezes, e, principalmente, o Cavalleiro von Schaffer, em sua obra *O Brasil como não é (?)*, pintou como uma maravilha de agricultura. Era o fim do verão tropical, a chuva tinha cessado, o céu, embora aqui e ali toldado por nuvens dispersas, tornava a desfraldar espaços seu esplêndido jogo de cores, e o sol espiava a terra curioso e admirado, por entre os véus das neblinas que se desfaziam. Deleitava-me com o espetáculo, justamente porque me lembrava um pouco a Europa, onde quase nunca se vê o brilho da luz solar num céu espalado de nuvens.

Entre numa embarcação das mais frágeis que existem, cheia de gente de toda espécie. Cada qual procura um cantinho sob o palheiro que a cobria à medida, a fim de se defender dos raios do sol e de qualquer chuva inopinada. O brasileiro de cor tem mais medo dum chuvisco do que do sol quente e, se me não engano, eu era o único branco no meio de uns quarenta índios.<sup>77</sup>

75 Este é um dos mais lisonjeiros juízos feitos naquele tempo a respeito do Brasil e dos brasileiros. O autor compreendeu muita coisa do nosso país e teve sincera fé no nosso futuro, como mais de uma vez faz sentir.

76 Cônsul da Rússia, no Rio de Janeiro, a quem já nos referimos pormenorizadamente em nota anterior. Sua fazenda Mandioca é citada em vários autores coevos.

77 Um século depois, em 1927, Rudyard Kipling fazia a mesma observação, olhando das janelas do seu quarto, no Hotel Glória, os banhistas que vinham todos molhados do Flamengo se abrigarem sob as árvores, fugindo a uma chuva que caía.

O pa trão, um des ses ho mens que de vem sua for ça à fe liz mis tura de raças, recebeu-me com a exagerada cortesia dessa gente, levada por um capricho ou pelo interesse. Logo, a variegada companhia me cedeu o assento de honra, no banco ao pé do leme, forrado de esteira. De po is que me sen tei, to dos se aco mo da ram so bre ca i xões e ces tos que en chi am o bar co, em gru pos pin tu res cos.

A brisa fresca encheu a vela remendada por mais de cem mo lam bos e, com gran de pres te za, o pa trão gui ou a bar ca pelo meio dos na vios surtos no porto até o *Vasco da Gama*, gigantesco casco fundeado na extremidadedo anco ra douro, ser vin do de pre si gan ga para os con de na dos a galés.<sup>78</sup> O ven to so pra va de no ro este, o mais des fa vo rá vel pos sí vel para nos conduzir ao Porto da Estrela. Bordejamos, mas sem conseguirmos adian tar ca mi nho, por que era im pos sí vel bo li nar com aque le ca i xão ve lho. Além disso, a cada virada de bordo, a vela ia se tornando meio trans pa rente e ameaçando rasgar-se toda. Com mil pragas, o patrão mandou ar riá-la e to mar os re mos lon gos e pe sa dos, que co me ça ram a fe rir as águas. A cada remada seguia-se aquele rumor especial com que os negros tor nam per ceptí vel ao ou vi do qual quer em pre go de for ça, es pé cie de ar que jar, que lem bra o dos ca va los obri ga dos a pe no so es for ço.

Seis escravos bem nutridos e luzidios manejavam os remos e parte dos passageiros de cor os ajudava, mas quase não saíamos do lugar, por que o tol do de pa lha ofe re cia ao ven to uma bar re i ra que em pur rava a embarcação para trás. Fomos nos arrastando devagarinho pela superfície encrespada da baía, enquanto os veleiros que vinham para a ci da de, em di re ção con trá ria, pas sa vam por nós ve lo zes como ra i os.

A par te de cor da po pu la ção bra si le i ra ofe re ce ma té ria in te res santíssima às observações dum filósofo. Na forma do corpo, nas fe i ções, no cabelo e nos olhos dessa gente se notam as diferentes grada ções das raças que par ti ci pa ram de sua mes ti ça gem. É es quis to que, nos indivíduos produzidos pela mistura de in dí ge nas e ne gros, a ca ra pi nha e o luzente negror dos olhos se percam muito mais depressa do que nos ver da de i ros mu la tos, nos quais os ca rac te rís ti cos afri ca nos per du ram até a ter ce i ra ge ra ção, quan do co me çam, em tão, a se tor nar me nos per ceptí veis.

---

78 A nau de 74 peças *Vasco da Gama* viera de Portugal e a 12 de junho de 1816, sob o comando do capitão-de-fragata, Pedro Nunes, hasteando o pavilhão do chefe-de-esquadra Rodrigo José Ferreira Lobo, partiu do Rio de Janeiro para Santa Catarina, levando o General Carlos Frederico Lecor, que ia comandar a invasão do Uruguai contra Artigas. Por imprestável, foi mais tarde transformada em pontão e presinganga na Guanabara.

As mulheres com um quarto de sangue negro que se sempre têm em teiramente brancas, mas com o cabelo muito crespo e os olhos belíssimos de suas mães, com para-dos com estas cintilantes, numanoite negra como um corvo, por Basílio da Gama.<sup>79</sup>

Os caboclos herdam cabelos muito lisos e pretos, e um brilho especial dos olhos, que só se encontra nos americanos. Se me não falha a memória, já com pai antes estes olhos com os das lagartixas. De fato, a semelhança é surpreendente.

Gordíssima negra estabelecera à proa da embarcação uma cantina ambulante, servindo-nos excelente café. A filha, esportemenina de 12 anos, ao trazer-me minha caneca, chamou-me Excelência e me beijou a mão, tal é, neste país, o prestígio da branquidade e de alguns vinténs inteligentemente e apropriadamente gastos. O patrão também me tratava por Excelência. Ao princípio, acha-se graça no título, depois vem o hábito e não se liga mais importância. Creio que se deve dar o mesmo com nossas Excelências europeias.

Doze anos é a idade em flor das africanas. Neelas há, de quando em quando, um encanto tão grande que a gente esquece a cor. As negrinhas são geralmente fornidas e sólidas, com feições denotando agradável amabilidade, e todos os movimentos cheios de graça natural, pés e mãos plasticamente belos. Lábios vermelhos-escuros e dentes alvos e brilhantes convidam ao beijo. Dos olhos se irradia um fogo tão peculiar e o seio arfa em tão ansioso desejo que é difícil resistir a tais seduções.<sup>80</sup> Até o digno Clapperton<sup>81</sup> muitas vezes compartilhou as mesmas sensações que me assaltavam no momento, sem dissesenvergonhar. Por que deverei eu me deixar influenciar pela soberba europeia e negar um sentimento que se

79 Basílio da Gama, um dos melhores poetas brasileiros, vivia em princípios do século passado. Escreveu o poema épico *Uruguaí*, notório por suas belezas poéticas, mas mal afamado como libelo contra os jesuítas, cujos méritos de há muito estão reconhecidos por grande parte da América do Sul e têm sido confirmados nos últimos tempos. O verso citado é da "Quitubia", poesia em que ele descreve as guerras dos portugueses em Angola. (*Nota do autor.*)

80 Sempre a seduçãos das negras...

81 Hugo Clapperton, viajante escocês nascido no Condado de Drumfries, em 1788. Começou por servir algum tempo na marinha mercante e na de guerra. Em 1820, iniciou suas explorações na África, penetrando com o Major Dunham, no Império dos Felatás. Foi o primeiro europeu a visitar as cidades africanas de Cano, Cachão e Socoto, bem como a região do Chade, em 1823.

Partira de Trípoli para o Sudão através do Saara. Voltou ao Continente Negro em 1825, desembarcando em Quidu e pela colônia de Lagos demandando o sertão. Morreu de disenteria em Socoto. Seu criado, Rich Lander, trouxe à Inglaterra os seus papéis. A relação de suas viagens, feita de acordo com eles, foi impressa em Londres, de 1825 a 1827, e traduzida, depois, em francês, por Eyriés de la Renaudière.

É incrível como o autor está sempre a par das coisas do seu tempo.

não originava embaixas sensu ali da de, mas no puro agrado ca usa do por uma obra-prima da Criação? A menina que se achava à minha frente era, a seu modo, uma das suas obras-primas e, para ela, eu me podia ser vir das palavrões do inglês: “a beautiful negro lady”.

A viagem decorreu mais rápida entre ilhas floridas, numa das quais aportamos para almoçar em alegre casinha, rodeada de cinco ou seis choupanas de negros e mergulhada num laranjal carregado de pomos de ouro. O dono da fazendola, velho português, ali passa o resto de seus dias em filosófico retiro. Recebeu-me hospitaleiramente, como é costume, e comigo repartiu sua frugal refeição, succulento prato de mão-de-vaca. A arte da cozinha portuguesa, como a da chinesa, é inextinguível no preparo das gelatinas de todas as qualidades, com molhos muito picantes. Ao invés de pimenta-do-reino, usa a pimenta-da-terra, vulgarmente chamada aí. Em geral, prefere o alho à cebola. Põe queijo ralado na sopa. O espesso vinho de Portugal casa-se maravilhosamente com as comidas muito temperadas. E à sobremesa, frutas tropicais, as melhores que se podem encontrar no mundo, refrescam agraavelmente o queimado da paladar.

Continuamos a viagem ao entardecer. Com vento favorável, pudemos ir a vela; mas, em breve, aumentou tanto que o pano voou em pedaços. Ao mesmo tempo, a chuva de sabão tão violenta que era impossível ficar ao leme. Não se alcançaria o Porto da Estrela com aquele temporal. Enclama sob os trovões e à luz dos relâmpagos, na praia rasa da ilha de Itarajara.<sup>82</sup> Os negros pularam na água, a maior parte dos passageiros os seguiram e, unindo suas forças, puxaram a embarcação o mais que puderam para a terra firme.

---

82 Por mais tentativas que fizéssemos, não conseguimos identificar o local que o autor indica com esse nome. Nenhuma ilha assim chamada figura no minucioso mapa da Guanabara, segundo o manuscrito de Manuel Vieira Leão, de 1820. Com a expressão tupi *ila*, pedra, ali se vêem Itatinga, Itaoca, Itabaci, Itanhanga. As menos conhecidas lá estão assinaladas como a Saravatá ou do velho Camarão. Em nenhuma delas, porém, jamais houve um convento. Os três estabelecimentos religiosos conhecidos em ilhas na baía do Rio de Janeiro foram: o dos jesuítas, em Paquetá; o dos franciscanos, na ilha da Coqueirada, doada em 1704, por D. Inês de Andrade e crismada em Bom Jesus dos Frades, e o dos beneditinos, na do Governador.

Trevet e Léry chama a essa ilha *Margerjast* ou *Mbaracajás*, nome dos gatos selvagens. Daí alguns a chamarem ilha dos Gatos. Para Laet, era a Ilha Grande. Também teve o nome de Rasa e dos Sete Engenhos. Os índios a denominavam Paranapuã. Prevaleceu o de Governador, por ter sido propriedade do Governador Salvador Correia de Sá, o Velho, que a comprou por 200 mil-réis a D. Bárbara Castilho, viúva de Miguel Aires Maldonado.

Parte da ilha foi doada aos beneditinos, pelo Capitão Manuel Fernandes Franco, em 1695. Em 1808, o abade de S. Bento, Frei João da Madre de Deus fez preparar ali uma casa para hospedar D. João VI, que estabeleceu na ilha uma plantação de chá e uma coutada. A Imperatriz D. Leopoldina fez lá uma espécie de jardim zoológico.

Como o único estabelecimento beneditino na Baía de Guanabara tenha sido esse, é quase certo que a ele se refere o autor. O nome desconhecido de Itarajara só pode ser atribuído a um engano ou lapso de memória.



Quando a chuva cessou, vi-me nas proximidades de vistoso convento erguido em pequenacolina, ao meio de jardins e campos férteis. A arca do edifício dava para o mar, aberta sobre um terraço para onde se subia por uma escada coberta de parreiras. Tocavam naquele momento as Ave-Marias. As mulheres seguraram os rosários, os homens tiraram os chapéus, e todos fizeram uma prece silenciosa. Essas periódicas interrupções dos trabalhos pelas orações sempre me causaram profunda impressão. Num país onde somente se buscava o proveito e gozos, é conveniente ver homens de todas as cores e castigos dirigirem juntos a um Ente Supremo e render-lhe o tributo da oração. Se isso não fosse somente uma cerimônia sem alma, o que se não pode presumir, deve-se louvar um costume pelo qual mesmo a consciência mais rude e mais perversa é obrigada a ceder ocasionalmente às sugestões dum sentimento melhor. Não tive, em tão, a menor idéia de que se não terminaria aquele dia sem que eu fizesse uma experiência, que me provou ter toda a nossa filosofiamuito pouco fundamento, quando o sentimento religioso desperta. Mas o tempo e a convivência haviam preparado de longa data esse momento para que ele passasse sem deixar vestígios, como muitos outros em que uma voz superior fala ao homem.

Sentei-me sob a arcada do convento num dos bancos de pedrapostos ao longo da parede, em todo o comprimento do edifício.

Um escravo trouxe-me pão e vinho num copo de prata. Seguiu-se-lhe um frade com um cestinho de laranjas seletas. Levantei-me e agradei-lhe. Sentou-se junto a mim, o que me permitiu observar bem seu rosto, uma dessas fisiologias agudas que ganham vistas de perfil. Não sei que lembranças despertaram em mim, ao olhar para esse monge. Fitei-o em silêncio durante meio minuto. Parecia por sua vez surpreendido. E ambos procurávamos, no fundo das antigas recordações, algumacoisa que nos explicasse esse encontro, quando, de repente, ele me disse em alemão:

– O senhor é alemão como eu. Estou certo que já nos vimos e nos falamos muitas vezes em outra situação; mas minha memória falha e não me recordo onde nem como. Diga-me seu nome.

Disse-o, ele me ditou um instante e tornou:

– Chamo-me Frei Marcelino; porém no mundo meu nome era Eduardow. Nada lhe recorda este nome?

Aí exclamei:

– O senhor é mesmo Eduardo W., que conheci em Gotinga e, mais tarde, tornei a encontrar em Berlim, onde nossos estudos nos reuniram, Edu ar do W., alma da roda espi rí tu o sa que fre quên ta va a casa do Con se l he i ro de Esta do T.?! Que faz ago ra aqui nes te há bi to?

Leve sor ri so des fran zi u o ros to do fra de. De po is, falou:

– Não mudei somente de traje, também minha alma mudou. O ho mem que ves te este bu rel tor nou-se ou tro. Ou ça a mi nha his tó ria.

Marcelino, o ex-Eduardo tão cheio de vida e folgazão, homem cujo ar ro jo e re so lu ção em jul gar e agir mu i tas ve zes ad mi ra ra, con tou-me uma história, que profundamente me comoveu. Não direi o que senti nessa ocasião, mas não posso deixar de ex pri mir o de se jo de que ela pro vo que nos que a lei am sen ti men to si dên ti cos aos que ex pe ri men tei, quan do a ouvi. Marcelino não era um insípido ana co re ta cansa do da vida, mas um ho mem na for ça da ida de vi ril, a cujo cor po o há bi to dos be ne di ti nos dava imponente dignidade. Os cabelos louros escuros circundavam como uma co roa sua ca be ça ras pa da. Em seus olhos ar dia o cal mo bri lho, que é es pe lho das al mas em paz con si go e com o mun do.

### A CONVERSÃO DE MARCELINO<sup>83</sup>

“Nas ci em um país cuja na tu re za e cujo cul to não le vam o es pí ri to aos sen ti men tos re li gi o sos. A edu ca ção que re ce bi de i xa va de lado tudo o que os pu des se in ci tar. E, des de a mais ten ra ju ven tu de, fui ar ras ta do pe los tur bilhões da filosofia moderna. Tornei-me cético, mais influenciado por uma vaidade pueril do que convencido pelas provas dum sistema que re je i ta toda fé e lan ça sus pe i ção so bre todo o co nhe ci men to.

“Acostumado pelo estudo da matemática a che gar a uma sé rie de verdades incontestáveis, às vezes perguntava a mim próprio onde poderá conduzir essa filosofia, que sabe des tru ir, mas não edi fi car. Qu an to mais por ela me embrenhava, maior era a minha sede de verdade. Partilhei a sorte de Tântalo: a água fu gi a de meus lá bi os no mo men to em que jul ga va al can çá-la. Aba la dos pela me ta fi si ca, vi até os ali cer ces de mi nha ciên cia pre di ta, a ma te má ti ca. Ao in vés da ver da de que de se ja va, lo grei a con vic ção de que se não pode base ar gran de co isa em to dos os co nhe ci men tos hu ma nos.

---

83 No original: *Marcelin's Geschichte*, literalmente a *História de Marcelino*.

*Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, ou da Misericórdia, no largo desse nome, em trezentos da primitiva Santa Casa.*

Duma água-forte de Armando Pacheco

“Nessa ocasião, estava bem encaminhado para chegar à meta, onde agora cheguei por meio das mais amargas experiências da vida: o caminho da Fé. Meu espírito, no entanto, tomou direção oposta. O sangue moço estuava-me nas veias e fortes paixões desperteram em minha alma. Como os meios de satisfazê-las nem sempre estivessem de acordo com a virtude, criei para meu uso novo sistema filosófico a elas perfeita e mente adaptado.

“Julguei ter achado na matemática a chave do mundo físico. Nela contemplava o encadeamento dos fenômenos regidos por leis imutáveis, e uma força rígida e inexplicável como a fatalidade de morrendo e sustentando o universo. Nas analogias do mundo físico, fundei meu sistema moral. Nas operações do espírito, via a mesma cadeia ou conexão de causas e efeitos dominando a natureza. Abandonei como insustentável a idéia do livre-arbítrio, sem a qual não pode haver responsabilidade, ponto onde desejava chegar. De resto, é bom notar que as convicções dum homem facilmente se adaptam às suas necessidades.

“Vivia no seio do pecado, com a consciência absolutamente tranqüila. Desprezando as leis divinas e humanas, entregava-me a todos os prazeres que o mundo oferece, enjoei-me deles e freqüentemente sentia a dor do abatimento físico, mas não a do moral que resulta das reprovações duma alma contrita. Fiz-me soldado, por que a guerra oferecia campo mais livre às minhas paixões. A paz fez-me voltar aos estudos que restringira à matemática e às ciências. Minha filosofia parecia-me tão solidamente fundada na minha convicção, que nem me lembrei de sujeitá-la mais uma vez a um rigoroso exame.

“Alguns anos depois, percorri a Alemanha e os países vizinhos. Negócios de minha profissão levaram-me à parte católica de minha pátria. Durante muitos anos, fui quase o único protestante entre católicos e, ali, pela primeira vez, certo sentimento religioso brotou em minha alma. A pompomistério do culto despertou a idéia dum Ente Supremo, que a fração humana jamais pode atingir e que só a crença pode vislumbrar.

“Vida muito movimentada, muitos negócios e diversões mundanas sempre o deixavam esquecidos em minha alma. Até ali a felicidade me acompanhara; mas fiquei pobre por ser grande esbanjador e o inevitável aconteceu. Meu modo costumado de viver em pouco excedeu meus meios de fortuna, obrigando-me a economias que me arrancaram ao turbilhão dos gozos. Na pobreza e no isolamento, tive tempo para meditar sobre o estado confuso de minha alma. O resultado desse exame não foi satisfatório. Não tinha, porém, forças para emendar, porque não queria renunciar a nenhuma das minhas pretensões.

“Deixei a Europa, a fim de procurar outra pátria no Novo Mundo e, assim, cheguei às felizes praias do Brasil, onde não encontrei bonança. Longa e dolorosa enfermidade levou-me às portas da morte. Sentimentos que muitas vezes abafei na Europa rebrotaram mais fortemente no meu coração. Sentimentos de mim um vazio que nenhum sófisma podia mais encher, desses sofismas que só têm valor nos brilhantes salões mundanos, no seio da alegria e não no solitário leitório dum moribundo diante de sua pátria, de seus parentes e de seus amigos.

“Que é a vida sem um futuro compensador? Tentei rezar e não pude, por meu espírito ser incapaz de qualquer elevação religiosa. Refiz-me devagarinho. O surpreendente esplendor da natureza, o céu profundamente azul e eternamente límpido tiveram benéfica influência sobre minha alma enferma. To-meio solene propósito de emendar-me, como se o Céu quisesse confirmar meu voto, apareceu, no mesmo instante em que o fiz, um sacramento com o Viático. Caí de joelhos sem sentir, bati no peito e exclamei com todas as veras de minha alma: – ‘Senhor, ten-de-piedade-de-este-pobre-peca-dor!’ Chorei pela primeira vez pela primeira vez orei com toda a compunção.”

Desistia de vir a gem à Mandioca e preferi ficar alguns dias na encantadora ilha de Itarajara, onde não só Marcelino, mas todos os frades, se esforçaram para tornar minha permanência a mais agradável possível. Para mim, a vida do claustro não constituía no vida de. No Rio de Janeiro mesmo, morava em um convento. Mas ali ela se apresentava em toda a sua pureza original. Separados do resto do mundo pela posição da ilha, os bons monges bastavam-se a si próprios. Seus escravos cultivavam um solo fértil e eles punham em todas as suas coisas uma ordem e um propósito admiráveis. Descontado o tempo da celebração da missa e das orações prescritas, cada um deles era senhor de si e podia ocupar-se de acordo com seus pendores. A maioria entregava-se a leves trabalhos de jardinagem, caça, pesca, ofícios mecânicos. Pequena biblioteca favorecia a comunicações espirituais. A refeição frugal, reunia todos em sociedade.

Não posso negar que, nestes poucos dias, despertei em mim grande inclinação para a vida contemplativa. Aonde conduzem as agitações da vida? Que resta de todos os seus gozos, senão o mais amargo desengano? Que valem riqueza, poder e honrarias colocadas numa balança com um conhecimento superior? Que é mesmo o amor da mulher, se não colorida miragem que nos enleva momentos e nos submerge em trevas, mal se apaga a luz do desajo?

O espírito nem sempre está disposto a tais perguntas, cujas respostas permanecem ocultas à maioria dos homens ou só lhes é dada por meio de dolorosíssimas experiências. Disso resulta que muitos só em avançada idade, quando já se quebraram as suas forças, a elas chegam. Então, o mundo brada: – Olhem o idiota, o pecado o deixou! – Infelizmente, de certo modo, há razão em julgar-se assim. Graças a Deus, nas amenas paragens de Itarajara nasceu em mim um espírito melhor, ao qual devo sossego no meio das tempestades da vida e a esperança num futuro bem-aventurado, espírito que me livra do receio de jamais ser julgado tão desairosamente.

7

Quase todas as pessoas que vão à América levam a intenção de enriquecer. A minha tinha sido também essa: mas, como a maioria dos meus companheiros de viagem, sofri amargos enganos. Pobre e doente, baldado de todos os recursos, fui obrigado a exercer o mísero ofício de intérprete, e a desonrar, com as mais baixas relações entre marujos, aduaneiros e mercadores, a língua de Camões, que aprendera com finalidade muito diversa e que fora para mim fonte de prazeres deliciosos.

Residências tempo em Botafogo, a uma hora de distância da cidade. O arrabalde foi construído na praia, no semicírculo de pequena enseada. As casas ficam perto umas das outras e, em geral, só têm um pavimento. A do vice-cônsul da Rússia, o palácio do Duque de Lafões, a quinta de Jorge Marck e a residência em estilo mourisco de Antônio Moreiro se destacam tanto pela sua situação e pela beleza de seus jardins, quanto pela riqueza arquitetônica e ornamental, segundo o gosto nacional de cada proprietário.<sup>84</sup>

No meio desse soberbo anfiteatro, morava em modesta casa. Das janelas da sala avisava, além do calmo espelho da enseada, as águas navegáveis da baía do Rio de Janeiro e a fortaleza de Villegaignon.<sup>85</sup> À

---

84 A residência de Langsdorf, onde esteve hospedado Otto von Kotzebue; o palácio a que se refere como do Duque de Lafões foi a casa fidalga em que esse embaixador extraordinário de Portugal esteve aboletado, quando no Rio de Janeiro, construída à entrada do Caminho Novo de Botafogo para D. Carlota Joaquina, herdada por D. Pedro e vendida em 1834 por D. Amélia. Existiu até bem pouco tempo à esquina da praia com a Rua Marquês de Abrantes, e foi morada deste último, bem como do Visconde de Silva, que casou com sua viúva. Chamava-se antigamente o Palacete da Rainha e, por fim, o Palacete Abrantes. No seu lugar erguem-se hoje os edifícios S. João Marcos e Paraopeba.

O autor escreve Antônio Moreiro, em vez de Antônio Moreira. Era um dos grandes negociantes e ricos da época. Sobre o negociante inglês Jorge Marck, já nos referimos em nota anterior.

85 Não havendo as edificações que existem hoje entre Paissandu e a curva da Amendoeira, podia-se avistar o que o autor descreve.

minha direita, entre as fortalezas de S. João e da Praia Vermelha, o Pão de Açúcar mostrava sua formaregularíssima, vista deste lado. Mais adiante, o morro do Telegrapho, seguido de colinas verdes que limitam a praia rasa de Botafogo.<sup>86</sup> Pouco a pouco, a floresta vai sendo devastada. Onde há um ano ainda esbeltaspalmeiras coroaavam os bosques impenetráveis de mimosas, surgem agora alvas casas campestres, rodeadas de floridos jardins. À minha esquerda, vê-se um desses morros redondos tão comuns nas cercanias do Rio de Janeiro, no qual se encosta o jardim do vice-cônsul russo. Ali, a rua se desvia para o lado do mar e leva diretamente ao bairro do Catete.<sup>87</sup>

Quase todas as manhãs dirigia-me à cidade por esse caminho, que, onde o mar avança, faz curvas suaves ao gosto da natureza. Orlam-no sebes e muros. Só na parte do Catete perde seu caráter silvestre. Porém, quando, por cima dos telhados, se contemplam as montanhas, quando além se ouve o harmonioso marulhar das ondas e quando a gente se entrega de todo às grandiosas impressões que a natureza provoca, facilmente esquece que está no movimento do bairro de brilhante capital.

É difícil de finir onde esta começa. A igreja de Nossa Senhora da Glória e, em frente, o palácio do Conde Pontos, no meio de jardins, ainda conservam certo aspecto silvestre.<sup>88</sup> Mais adiante, os morros se aproximam do mar e mal deixam espaço para um renque de casas construídas mais para baixo do que para cima das encostas escarpadas.<sup>89</sup> Somente na altura da igreja da Lapa a cidade se pode desenvolver para todos os lados. À direita, encontra-se o Passeio Público<sup>90</sup> e, à esquerda, a dupla fileira de arcos do Aqueduto, ligando os morros de Santa Teresa e de

86 Dessas colinas, a principal é o morro atual do Pasmado, que outrora se chamou do Secretário, do Matias e do Suzano.

87 O morro de Leripe, depois morro da Viúva, e o Caminho Velho de Botafogo, atual Rua Senador Vergueiro.

88 O Conde da Ponte e não o Conde Pontos. João de Saldanha da Gama, 6º Conde da Ponte, que governou a Bahia, onde faleceu em 1809. Em 1806, hospedou e banqueteu ali Jerônimo Bonaparte, futuro Rei da Vestfália, que comandava a nau de linha *Le Vétéran* fazendo parte da esquadra francesa mandada pelo Imperador a atacar o Cabo da Boa Esperança e que arribara ao porto de S. Salvador, desprovida de tudo e carregada de doentes. No banquete, a conversa entre Jerônimo Bonaparte e o Conde da Ponte versou sobre a batalha de Austerlitz, ganha havia um ano. Em 1808, o Conde da Ponte recebia o Príncipe Regente e sua Corte fugidos de Portugal invadido por Junot.

A igreja de Nossa Senhora da Glória a que o autor alude é a que fica no Largo do Machado, atual praça Duque de Caxias.

89 O morro da Pedreira, ao fundo da Rua Bento Lisboa, projetando-se até o atual Asilo de S. Cornélio e a ponta mais avançada do de Santa Teresa sobre a Rua da Glória, na chamada chácara de Manuel Álvares da Fonseca Costa, onde se abriram as Ruas Taylor, Conde de Laje, etc.

90 O Passeio Público foi feito no Governo do Vice-Rei Luís de Vasconcelos, no antigo Boqueirão da Ajuda, onde havia uma lagoa que se aterrou com o chamado morro das Mangueiras, situado entre ela e os Arcos da Carioca. Dava para o Passeio Público a Rua das Belas Noites, depois das Marrecas e Barão de Ladário.

Santo Antônio. Ao pé deste, o gigantesco edifício do convento da Ajuda, cujos paredões, crivados de janelas gradeadas, não têm aspecto tenebroso, por que a luz clara do sol dos trópicos brilha em sua branca superfície, sombreada às vezes pelo verde vegetal das árvores dos muros dos jardins.<sup>91</sup>

Costumava, para alcançar o porto, seguir o caminho ao longo do mar, onde a pé que na igreja de Nossa Senhora dos Navegantes pinturescamente se encosta ao velho forte de S. Sebastião.<sup>92</sup> Estreito atalho leva pela beira-mar até a Misericórdia. As ondas trabalham sem descanso na destruição desse caminho. Suas pedras vão caindo umas sobre as outras e alagumas se penduram sobre as largas fendas da margem. Restos de edifícios que o mar já devorou surgem da areia.<sup>93</sup> O conjunto representa a eterna luta entre a natureza e a arte, cuja vitória permanece muito tempo indecisa, mas afinal se inclina para o lado que não precisa de auxílio estranho, a fim de se renovar, enquanto as obras dos homens se desfazem no pó de que eles próprios nascem.

Costumava encontrar à porta da igreja um mendigo, que não precisava de palavras para provocar minha compaixão. Era um desses infelizes acometidos de elefantíase,<sup>94</sup> como se chama no Brasil a uma doença incurável que torna disformes pela inchação os membros inferiores, dando-lhes a aparência de patas de elefante. Nas feições de Antônio, lia-se uma fé tão piadosa, a par de uma dor tão profunda por causa de seu mísero estado e de uma tão suave amabilidade, que me sentia vivamente atraído para ele. Raras vezes passava por ali sem lhe dar alguns vinténs, que recebia

---

91 Sobre o antigo Caminho da Conceição da Ajuda, depois Rua da Ajuda, que ia da praia do Boqueirão à Rua do Parto, sobre a igreja do mesmo nome, também chamada da Espectação ou do Ó. Resta dele o trecho denominado Rua Chile.

92 O forte, já descrito em outra nota, ficava a meia encosta do morro do Castelo, servindo de obra avançada a este. A igreja a que se refere só pode ser a de Santa Luzia. A devoção que nela se mantinha de Nossa Senhora dos Navegantes, cujo altar ainda existe do lado esquerdo de quem entra no velho templo, devoção que implicava em ruídosas festas, naturalmente induziu o autor em erro, pois pelo itinerário que nos tem vindo a indicar, não pode ser outra igreja.

Antes de alcançá-la, nesse tempo, encontrava-se o Matadouro no local onde hoje fica o estabelecimento da Companhia City Improvements. O edifício do Matadouro servira anteriormente de Asilo de Mendigos.

A ermida de Santa Luzia, erguida em 1592, era uma das mais antigas da cidade. Derruída pelo tempo, por provisão de 12 de janeiro de 1752 e a requerimento de Diogo da Silva, no chão doado por João Pereira Cabral e sua mulher, se construiu a igreja atual, que é, sem dúvida, aquela a que o autor alude.

93 O antigo Caminho da Praia ou Caminho do Vintém, muito roído pelas ressacas, mais tarde aterrado, protegido por um cais e denominado praia e Rua de Santa Luzia.

94 Há duas doenças com esse nome, essencialmente diferentes: a *elefantíase dos gregos* que é a lepra medieval ou lepra tuberculosa; e a *elefantíase dos árabes*, parasitária, também chamada *mal das Barbadas, elephas, pachydermia* ou *morbus herculeus*, endêmica nos países quentes do Oriente e da América Equatorial. O médico árabe Rhazis foi o primeiro a descrevê-la. É essa a elefantíase do mendigo Antônio, aqui citado.



calado, mas com profundo olhar de gratidão. Julgava ler nesse espelho da alma sen ti men tos mais de anjo do que de ho mem.

Certo dia, ao me aproximar da igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, avistei o meu men di go, como de cos tu me, sen ta do no ban co de pe dra da por ta. Ao dar co mi go, ti rou o cha péu e fez com a mão o amável ges to de ade us com que os bra si le i ros sa ú dam os ami gos. Agra de ci-lhe e dis se: – “Meu po bre Antô nio, pe des uma es mo la a quem tem hoje me nos do que tu!”

Depois, afastei-me sem lhe dar nada, porque o que lhe havia dito era a mais amarga verdade. Contudo, não pensaria mais nisso, se não tivesse a surpresa, na manhã seguinte, de ver Antônio dirigir-se para mim com um papel sujo na mão e, com voz súplice, pedir-me para não levar a mal e ace i tar de bom gra do a ofer ta que se atre via a fa zer-me. Abri o pa pel e achei uma nota de 10 mil-réis. Que sensações me assaltaram! Infelizmen te, te nho de con fes sar não ter sido so men te o en ter ne ci men to pela ge ne ro sidade do infeliz que me fez derramar lágrimas, porém mais ainda o or gu lho ferido por ter chegado àquela condição de ser objeto da compaixão dum men di go! De vol vi-lhe em si lên cio o di nhe i ro e em si lên cio fui em bo ra, enquanto o pobrezinho me recomendava às mercês da Santa Virgem, que nunca iludira suarobusta confiança.

Dessa vez não foi uma Virgem Celeste ou terrestre quem efetuou a realização das piedosas preces do Antônio. Na Alfândega<sup>95</sup> o capitão dum navio francês me pediu para acompanhá-lo à casa da Condessa de Santos, a fim de con se guir sua in ter ven ção num pro ces so dependente do Tribunal de Presas.<sup>96</sup> Não me era desconhecido esse caminho para obter decisões da justiça, embora nunca tivesse tido a honra de me aproximar da todo-poderosa senhora em assunto tão deli cado. Conhecia, no entanto, perfeitamente os trâmites de semelhantes negociações e, por isso, acompanhei confiantemente o francês de barco

95 Para vir de Santa Luzia à Alfândega, o autor, depois de atingir o Largo da Misericórdia pelo Caminho do Vintém, à beira-mar, tomou a praia chamada do Manuel de Brito ou da Piaçaba, depois Rua da Misericórdia, até a esquina da Rua do Parto, hoje de S. José, atravessando o Largo do Paço e metendo pela Rua Direita até a esquina da Rua do Palácio ou do Governador, antiga do Capitão Alexandre Castro, de Diogo de Brito ou de Pero Domingues, atualmente da Alfândega.

A Alfândega e a chamada Mesa do Consulado foram estabelecidas por D. João VI, a 7 de julho de 1818.

96 O Tribunal de Presas julgava as capturas feitas na vigência do bloqueio do rio da Prata, durante a guerra contra Buenos Aires. Essas capturas deram origem a inúmeras reclamações inglesas, norte-americanas e sobretudo francesas, culminando estas com a violenta intervenção na marcha das tratativas do Almirante Roussin, no Rio de Janeiro.

para S. Cristóvão. Desembarcamos perto do palácio da Condessa, que nos recebeu sem demora.

D. Domitila almoçava em trajés os mais caseiros, servida por seu mordomo e algumas camareiras. Expus-lhe minuciosamente o negócio do meu cliente e ela mandou que esperássemos na ante-sala a solução que seu mordomo nos comunicaria. A resposta não tardou: Sua Excelência dispunha-se a tomar a peito a causa do capitão mediante a soma de um conto de réis, sem todavia garantir êxito certo. Devia perguntar-lhe se aceitava. O francês aceitou, sem pestanejar, não achando exagerada a quantia, visto como estava em risco de perder seu navio e a carga. Deixamos o palácio, tendo prometido trazer o dinheiro na manhã seguinte. O mordomo nos acompanhou até o embarque.

Passei a noite a bordo do navio francês, o *Amélie*, ancorado no porto sem leme.<sup>97</sup> Fora apresado na foz do rio da Prata e mandado para o Rio de Janeiro como boa presa de guerra, pois estava carregado de pólvora, ferro e cordame.<sup>98</sup> O capitão, acusado de violar o bloqueio, estava em posição das mais críticas, segundo o próprio Conde de Gestas não lhe ocultou. Foi esse cônsul-geral e encarregado de Negócios da França na Corte do Rio de Janeiro quem lhe aconselhou procurasse a Condessa de Santos, que, como favorita do Imperador, gozava junto a este da maior influência. O Brasil é o país mais constitucional do mundo, porém em nenhum outro a justiça de alcorva tem maior força.

Ao romper do dia, voltamos a S. Cristóvão. O Capitão levava o conto de réis na carteira, em papel-moeda, e mais uma caixa de champanhe, como presente esponsório. A Condessa recebeu o dinheiro pessoalmente, sem passar recibo e agradeceu o champanhe com aquela condescendente amabilidade de que encanta todos os que dela se aproximam. Na despedida, tirou a luva e deu a mão a beijar, o que é considerado sinal de extraordinária consideração.

Julgava tudo terminado, quando se deu um fato que me agradou mais do que tudo. O mordomo me chamou ao sair do palácio e me levou até seu quarto, onde me deu 50 mil-réis, declarando-me que era praxe da casa pagar 5% aos intermediários de qualquer transação. Res-

97 Aos navios aprisionados ou interditados era costume tirar o leme e qualquer material que permitisse estabelecer um de emergência, evitando-se, assim, o trabalho de guardá-los ou vigiá-los para que se não fizesse de vela. De fato, sem o leme, não podiam navegar. O pormenor é curioso, pois relembra um costume náutico da época.

98 Tudo contrabando de guerra, matéria-prima para munição e aparelhamento de navios.

pondi-lhe que, com as melhores disposições, me recomendava à sua amizade e às boas graças de sua ama. Ele acrescentou que Sua Excellência sem preteria prazer em me ver com se melhan tes ne gó ci os.<sup>99</sup>

Tomei o escaler onde o capitão me esperava e tive a honesta franqueza de, no trajeto, contar-lhe o ocorrido. Tamanha ingenuidade só se pode perdoar a um novato nessas transações, como eu era. Não exigi do francês pagamento pelo meu trabalho, pois julgava ter recebido bastante; mas aceitei uma dúzia de garrafas de excelente vinho de Bordéus que ele me ofereceu.

Dias depois, em con trei ou tra vez o bom Antô nio e lhe dei 5 mil-réis pela sua intercessão junto à Santíssima Virgem, conforme lhe disse. O coitado fitou-me tão surpreendido que me pareceu pouco faltar para sair gritando: – “Milagre!” Numa terra onde a imaginação popular se ocupa com o maravilhoso, cada ocorrência fora do comum contribui para o aumento da Fé. Não era minha disposição combatê-la. Pelo contrário, pois nunca houve período de minha vida em que estivesse mais disposto a me deixar vencer por sua misteriosa influência. A crença de viver sob uma direção superior é o melhor consolo na desgraça, mas só que bran do toda a for ça do or gu lho se pode par ti ci par de seus di to sos efe i tos. Isto ain da não acon te cia co mi go, ain da era de ma siado mundano para abandonar todas as pretensões à felicidade. A confiança pas si va que uma fé ili mi ta da exi ge não com bi na va com meu modo de en ca rar a vida.

---

99 Alberto Rangel cita várias acusações de suborno feitas à Marquesa de Santos. Condly-Raguet escreve: “nenhum despacho era obtido sem a intercessão positiva, franca e indispensável da Marquesa”, e indica 4 casos suspeitos de sua influência e absoluto domínio sobre o Imperador: – a intriga da demissão dos Andradas; o fato de a ela ter recorrido Sir Charles Stuart para as negociações do Tratado de 29 de agosto de 1825, entre o Brasil e Portugal; o Decreto Real de 15 de agosto de 1826, que reintegrava nas honras e empregos lusitanos o Tenente-General Luis do Rêgo Barreto, genro do Visconde do Rio Seco; e a promessa da colocação dum João Ninguém, filho do aludido Visconde, em cargo português importante, pela soma de 4 mil libras esterlinas, preço por que o sogro e pai pagou esses favores.

Chamberlain e o Barão de Mareschal afirmam a influência da amante imperial nos negócios públicos. O mesmo fazem Pontois e o próprio Sir Charles Stuart. Olfers declara que ela levava vantagens nas suas intervenções, que a estavam enriquecendo, segundo o representante da Suécia. O Conde de Gestas acusa-a claramente de venalidade. Aliás, conforme o depoimento do autor, foi quem indicou ao capitão do navio francês esse caminho para atingir seus fins. Debret diz que D. Pedro permitia que ela recebesse como renda pessoal as contribuições pelos favores obtidos. E Vasconcelos Drummond assegura: “ela vendia os seus favores a quem os queria comprar a dinheiro”.

.....

## XII

### *Retrospecto da História do Brasil nos últimos tempos e situação política do Império em 1826*

O

Tratado de Amiens deu paz à Europa, mas foi trégua de curta duração.<sup>1</sup> O insaciável desejo de conquista de Napoleão e a política férrea da Inglaterra em breve atingiram no vau as chamas da guerra por toda a parte. Portugal, velho aliado da Grã-Bretanha, comprou com importantes sacrifícios à França uma espécie de neutralidade. Mas, como esta estivesse em flagrante contradição com o sistema do bloqueio continental, que Napoleão resolveu fazer vigorar em sua maior amplitude, Portugal em pouco tempo se viu impossibilitado de permanecer numa situação que, tanto no sentido político quanto no mercantil, era a mais vantajosa para esse reino se cunhá-lo. O Príncipe Regente encontrava-se na mesma situação embaraçosa do

---

<sup>1</sup> Amiens é a antiga Samarobriga, capital dos ambianos, povo gaulês evangelizado e batizado por S. Firmino. Capital da antiga Província da Picardia, na Monarquia Francesa. Pátria de Pedro, o Eremita, pregador da Primeira Cruzada. Nessa velha cidade, foi assinada, a 27 de março de 1802, a paz entre a França, governada por Bonaparte, primeiro-cônsul, e a Inglaterra. Em virtude desse tratado, a Grã-Bretanha conservava em seu poder as Índias, Ceilão e Trinidad, restituindo à Holanda o Cabo da Boa Esperança, Demerara, Essequibo, Suriname e Berbice; à França, Martinica e Guadalupe, e à Ordem de S. João de Jerusalém, a ilha de Malta, o que até hoje não fez. A Espanha ficava com Olivença, tomada a Portugal, e este recebia as Missões da margem esquerda do Uruguai e firmava a fronteira meridional do Brasil, ao norte do Quaraim. Os limites com a Guiana Francesa se faziam pelo curso do Araguari e daí ao Rio Branco, por uma reta. Olivença fora tomada pela Espanha, em 1801. Digladiando-se na política portuguesa os partidos inglês e francês, o primeiro-cônsul impelira a Espanha a guerrear o seu vizinho por intermédio de seu testa-de-ferro, o Ministro Godói, Príncipe da Paz, amante da Rainha e pretendente, mais tarde, ao Ducado dos Algarves: *Dux Algarbiorum*.

rei da Dinamarca, seu contemporâneo. Napoleão exigiu que ele se desviasse dos portos aos navios ingleses. No caso de se submeter a tal ordem, a Inglaterra se teria apoderado de suas colônias, de onde lhe vinha a maior parte dos rendimentos, teria destruído sua frota e arruinado todo o seu comércio. Em tão crítica situação, era preciso tomar rapidamente uma atitude. O Conselho de Estado reuniu-se, a fim de acertar as providências necessárias para acautelar a Família Real em caso de invasão inimiga e veio à baila o projeto de mudar para o Brasil a sede do governo.<sup>2</sup> O Príncipe Regente resolveu deixar Portugal, dizem que persuadido pelo Conde de Barca.<sup>3</sup>

A 29 de novembro de 1807, a Corte chegou a S. Salvador,<sup>4</sup> antiga capital do Brasil e sede arquiépiscopal do Império, que recebeu o Regente com o mais intenso júbilo. A esperança do povo baiano na escolha de sua cidade para capital do governo e residência real não se realizou. Após curta demora, o Príncipe deixou a Bahia e seguiu para o Rio de Janeiro, onde chegou a 22 de janeiro de 1808, com toda a Família Real e grande séquito.<sup>5</sup>

Nesta circunstância, talvez fortuita, está o gérmen da perigosa rivalidade entre o Norte e o Sul do país, a qual já se mostrou mais de uma vez, dando causa a sangrentas desordens. As vantagens que tem uma cidade de ser centro de negócios e sede de governo são tão visíveis que é natural ter o desengano de tal esperança estragado as melhores disposições dum povo. De resto, devido à enorme extensão do Brasil, não pode ser indiferente às Províncias o local da sede. Para o Norte, as ligações com a antiga Metrópole eram mais fáceis, rápidas e seguras do

2 A idéia vinha de longe. Fora conselho de Martim Afonso de Sousa a D. João III, em 1550. Filipe II tentara dar o Reino do Brasil a D. Catarina de Bragança. Quando perigou a Restauração, D. João IV pensou no Brasil, cujo Principado deu ao filho D. Teodósio. O mesmo pensamento veio à baila no tempo de D. José I. Em 1803, o Conde de Linhares, Sousa Coutinho, planejava a fundação do Grande Império além Atlântico, o *New Empire* da sugestão inglesa ao Príncipe Regente asoberbado de dificuldades em face da luta entre a Grã-Bretanha e Napoleão, em 1806. Esse Império, D. João declara fundado no seu Manifesto de Guerra à França, em 1809.

3 Antônio de Araújo de Azevedo, Conde de Barca, nascido em Ponte de Lima, a 14 de maio de 1754 e falecido a 21 de junho de 1817, no Rio de Janeiro. Ilustre diplomata e estadista, foi Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Portugal na Holanda, na Rússia e na França. Promoveu no Rio de Janeiro a fundação da Academia Nacional de Belas-Artes. Serviu como Ministro de Estado no Brasil a D. João, a quem está averiguado que traiu, vendendo-se aos franceses, embora o tenha acompanhado quando deixou Portugal. Sua livraria, adquirida pelo Rei, serviu de fundo à criação da Biblioteca Nacional.

4 Engano de data. A 29 de novembro de 1807, partiu do Tejo a frota que conduzia D. João e sua Corte, embarcados a 27. O Rei chegou à Bahia a 22 de janeiro de 1808 e de lá partiu a 26 de fevereiro.

5 Outro engano de data. Essa é a da chegada à Bahia. A chegada ao Rio deu-se a 7 de março de 1808. Anunciou-a o brigue *Voador* entrando a barra a 14 de janeiro com a notícia de que partira de Lisboa.

que com a nova capital, razão bastante para um descontentamento que ocorrências posteriores aumentaram.

O Rio de Janeiro tornou-se, portanto, sede do Governo.<sup>6</sup>

Os tribunais e repartições que anteriormente cuidavam de Lisboa dos negócios da colônia do Brasil começaram a funcionar na sua capital. Pouco a pouco, foi estabelecendo, criada pelos fatos, uma diferença essencial entre o passado e o presente. Desde o momento em que o Regente pisou no Brasil, este deixou praticamente de ser colônia. O brasileiro nato já tinha legítimas pretensões a participar no governo e administração de sua pátria emancipada. Um partido da Corte com sua predominância e um exército de funcionários que tinham seguido o Regente, porém, o excluía mais do que justa participação. Os negócios públicos continuaram a ser tratados com o desleixocostumeiro. Quando mais tarde os franceses retiraram de Portugal e os antigos tribunais e repartições de novo funcionaram em Lisboa, tinham perdido toda a sua influência sobre o Brasil. Os dois países possuíam admistracão central independente uma da outra.

Foram os ingleses que mais proveito tiveram com essas modificações. O comércio do Brasil, limitado por severas leis aduaneiras, caiu quase completamente em suas mãos, que elas passaram a favorecer. Ao invés de 25% do valor de todas as mercadorias importadas, eles pagavam somente 15%.<sup>7</sup> Além disso, quase todos os monopólios foram conservados e o comércio interno dificultado por absurdas disposições legais.

Este e outros abusos tornaram o novo Governo impopular. Na verdade, a capital ganhara imensamente e era nela que menos se percebia o malogro da maior parte das grandes esperanças despertadas pela chegada do Regente. Contudo, ali também houve choques, que, em breve,

6 O Rio de Janeiro foi capital do Governo do Sul, na divisão do Brasil em dois Governos por D. Sebastião, quando teve como governador a Antônio Salema. A capital do Brasil, porém, só foi mudada para o Rio em 1763, para se poder melhor atender à defesa das fronteiras meridionais, gravemente ameaçadas pela invasão do Vice-Rei de Buenos Aires, Zeballos, que, em 1761, tomara a Colônia do Sacramento e viera até Santa Catarina. A transferência se deu oficialmente a 27 de janeiro de 1763. Portanto, quando D. João VI chegou, em 1808, o Rio era capital do Brasil, havia perto de meio século, 45 anos.

7 A primeira vantagem que a Grã-Bretanha levou da vinda de D. João para o Brasil foi a abertura dos portos desse Reino ao comércio mundial, que só ela estava em condições de realizar, pela Carta Régia de 28 de janeiro de 1808, aconselhada a D. João VI, ainda na Bahia, por João da Silva Lisboa, futuro Visconde de Cairu. A isso seguiu-se o Tratado Comercial com a Inglaterra, assinado a 19 de fevereiro de 1810, no qual vêm os favores a que o autor se reporta. Ele criou ainda um imoral Juízo Privativo para os súditos britânicos, do qual o Brasil só se viu livre em 1832. Esse tratado foi publicado na íntegra, no Apêndice do 2º volume das *Voyages dans la partie septentrionale du Brésil*, de Henry Koster, edição francesa, de Gid, Paris, 1818.

des tru íram toda a har mo nia en tre eu ro pe us-portugueses e bra si le i ros na tos. Há elementos na sociedade burguesa que eternamente se combatem. Eram no Rio de Janeiro o orgulho da nobreza e o orgulho do dinheiro. Demais, os erros do Governo viam-se expostos a uma crítica mais severa do que no tempo em que grande distância o subtraía das vistas do público, cuja inteligência fizera espanto ao progresso.

Os por tu gue ses exal ta vam sua pá tria aci ma de tudo e os bra si leiros lhes faziam sentir que lhes haviam dado uma nova e que, em vez de ir mãos, ti nham aco lhi do har pi as ga nan ci o sas. O Re gen te, ro de a do de cor te são e ba ju la do res, não es ta va a par da ver da de i ra si tu a ção do país. Se gun do o pen dor de sua bon da de na tu ral, jul ga va fa zer a fe li ci da de dos povos com favores dispensados aos indivíduos. Sua esposa intrigava na forma do costume e envolveu o Brasil numa guerra, tão inútil como dispendiosa, com as possessões espanholas do Prata, sustentando que era a ela que cabia a Regência da Espanha, aquém e além-mar, por se achar o Rei seu irmão prisioneiro.<sup>8</sup> É possível que politicamente lhe coubesse razão, mas era imprudente reclamar, sem o apoio dum partido, nas colônias espanholas sublevadas, direitos que pareciam até odiosos em face dos pruridos nacionais. A guerra circuncins creveu-se à chamada

8 As negociações nesse sentido foram entabuladas pela Rainha, com o Prata, por intermédio de Belgrano, autorizado a tratar pelo Congresso das Províncias Unidas. Enquanto isso, o Rei mandava em missão ao Uruguai, em 1809, o General Joaquim Xavier Curado, a fim de reconhecer posições; em 1811, enviava D. Diogo de Sousa com um exército para tomar o pulso às resistências, e, em 1816, decidia-se à conquista da Cisplatina. Nas tratativas de D. Carlota Joaquina, tomaram parte os aventureiros Presas e Contucci, que mais tarde procurariam de todos os modos infamá-la. Ela pretendia que se estabelecesse um Governo Central, em Buenos Aires, sob sua regência, o que contrariava D. João, que a desejava para seu genro, o marido da Infanta preferida, D. Maria Teresa, Infante espanhol D. Pedro Carlos. A morte deste, em 1812, deixou D. João de mãos livres, para se apoderar da Cisplatina, com a cumplicidade do Governador Elio.

D. Carlota Joaquina, que Calógeras considera "um líder, um condutor de homens nato", deu as próprias jóias no valor de 300 mil pesetas ao Marquês de Casa-Irujo, a fim de auxiliar a defesa de Montevidéu.

Primogênita do Rei de Espanha, Carlos IV, e da Rainha D. Maria Luísa, nasceu em Aranjuez, a 25 de abril de 1775, e faleceu no Palácio de Queluz, a 7 de janeiro de 1830. Com dez anos e um mês de idade, em maio de 1785, desposou D. João, herdeiro da coroa de Portugal. Conta-se que conspirou contra este, em 1805, do que adveio uma separação entre os esposos. D. João ficou no Palácio Real de Mafra e ela no de Queluz. No Brasil, continuaram mais ou menos separados.

Das tentativas feitas por ela, em relação ao Prata, também participaram o Comodoro inglês Sidney Smith. Lorde Strangford insinuou coisas entre eles, e Sidney Smith foi substituído no comando da estação naval inglesa por Courey. Por intermédio dos ingleses, D. Carlota Joaquina pretendia ser reconhecida Regente da Espanha, enquanto Napoleão conservasse prisioneiro o Rei Fernando VII, seu irmão.

De volta à Europa, com D. João VI, a Rainha participou da chamada Conspiração da Rua Formosa, em 1822, sendo deportada na quinta do Ramalhão, ao pé de Sintra. Tramou, com D. Miguel, a *Vilafrancada*, a 27 de maio de 1823, golpe absolutista que libertou o Rei das Cortes, e com ele voltou ao Palácio da Bemposta. Participou da *Abrilada*, que se destinava a depurar o governo dos elementos liberais infiltrados e, tendo perdido a partida, favoreceu até falecer a causa do filho D. Miguel.

D. Carlota Joaquina sofre longa e impiedosa campanha de difamação, desde as calúnias de Laura Junot até as chantagens de seu ex-secretário Presas. Os liberais e maçons nunca lhe perdoaram o tê-los constantemente combatido, recusando-se terminantemente a jurar a Carta Constitucional e publicando a Encíclica Papal *Quo Graviora Mala* em que o Papa Leão XII condenava formalmente a Maçonaria. No Manifesto do Grande Oriente, dado à luz no Brasil, em 1831, Gonçalves Ledo e José Bonifácio a apelidaram *O Dragão*

Ban da Ori en tal, onde Arti gas à tes ta de seus ga ú chos com ba tia com sorte va riá vel, ora os ge ne ra is de Bu e nos Ai res, ora as tro pas re a is. A du ví dosa posse de Montevidéu foi o ú nico fruto duma luta que custou ao Brasil muitos homense muito dinheiro.

A mor te da Ra i nha lou ca D. Ma ria não teve a me nor re percussão.<sup>9</sup> O Brasil passou a ter um Rei como antes tive ra um Prín ci pe Regente. A denominação não mudou a personalidade e D. João VI continuou o mesmo que dantes. O título de Reino dado ao país em 1815 também não produziu conseqüências importantes.<sup>10</sup> O brilho da Corte aumentou. O Rio de Janeiro elevou-se vertiginosamente a uma es plên di da ca pi tal. O sis te ma de go ver no e as fa lhas ad mi nis traivas continuaram idên ti cos. As pro ví n ci as es ta vam des con ten tes. No Norte, latejava um espírito republicano, estimulado pelo exem plo vi zinho dos Estados Unidos. Os europeus portugueses aproveitaram-se disso para fazer o Rei se aborrecer de sua estada no Brasil, com a desassisada esperança de que bastaria a volta do Rei a Lisboa para res ta be le cer a pou co e pou co as an ti gas re la ções de Me tró po le a Co lô nia, e tor nan do aque la ci da de ou tra vez ca pi tal dos dois Re i nos. Nem adi vi nha vam que se ria da Eu ro pa que vi ria o im pul so pelo qual seus desejos seriam atendidos.

Em 1816, a Revolução de Pernambuco<sup>11</sup> serviu a calhar para abrir os olhos do Rei sobre a perigosa situação do seu Reino ultramarino e ver que o Con de dos Arcos, Go ver na dor da Ba hia, era exa ta men te o homem que menos tomava em consideração a sua pessoa, enganando-o sobre os verdadeiros motivos do movimento. Martínez, republicano ar do ro so, co nhe cia a arte de exal tar os ho mens a tal pon to que até o clero se de i xou le var por seus pla nos pe ri go sos, mas à tes ta dum go ver no não va lia nada.

Enquanto em Pernambuco deliberavam sobre um projeto de constituição e se examinavam teoricamente as várias Cartas da Europa,

---

9 A 20 de março de 1816.

10 O Brasil foi elevado a Reino a 16 de dezembro de 1815. A coroação do Rei, marcada para 10 de março de 1816, adiada por causa da Revolução de Pernambuco, só se realizou a 6 de dezembro de 1818.

11 Engano de data. A revolução preparada de longa data rompeu no Recife, a 6 de março de 1817 e alastrou até Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. A 10 desse mês, seus chefes publicavam na capital de Pernambuco o seu manifesto revolucionário intitulado "Preciso". Um mês depois, a 10 de abril, já 3 navios de guerra, do comando do Capitão-de-Fragata Rufino Peres Batista, mandados da Bahia, bloqueavam o porto da Província rebelde. A revolução, nitidamente republicana, estava articulada na sombra com a conspiração descoberta, mais ou menos no mesmo tempo, em Portugal, cujo chefe era o General Gomes Freire.



o Conde dos Arcos agia.<sup>12</sup> Uma esquadra bloqueou o Recife, como é chamado o porto de Pernambuco.<sup>13</sup> Mar tí nez, ven ci do a 13 de maio de 1817, foi preso em Serinhão e alguns dias depois fuzilado, na companhia de alguns sacerdotes co-participantes da revolta.<sup>14</sup> A cidade rendeu-se. Muitos dos principais habitantes comprometidos expiaram nos cárceres do Rio de Janeiro sua empresa imprudente e seu curto sonho deliberdaderepublicana.

Em 1825, ainda se não havia terminado o processo de alguns des ses in fe li zes, o que pode ser vir de pro va do va ga ro so an da men to da jus ti ça bra si le i ra. Além dis so, essa his tó ria con tém mais ou tra gran de li ção para os ho mens pro pen sos a re vo lu ções po lí ti cas, isto é: as cons ti tu i ções não são a principal base da defesa dum governo novo contra os ataques externos, mas sim um exér ci to. Mar tí nez não o or ga ni zou, por isso su cum biu e, com ele, a novel Repúbli ca, quase sem resistência. Ele e seus companheiros de infortúniomorreramcomextraordináriacoragem.

Ao prin cí pio, pa re cia que o Go ver no ti ra ra algum pro ve i to do inesperado acontecimento. D. João VI chamou ao Rio o Conde dos Arcos, antigo vice-rei do Brasil, fazendo-o ministro. Esperava-se de sua firmeza e prudência a ab-rogação dos muitos abusos que mais do que nuncadesmoralizavamadministração.

O comércio interno entre as várias províncias estava quase completamente morto. As rendas do Estado diminuíram, enquanto certos indivíduos amontoavam riquezas. A venalidade dos tribunais

12 De fato, os revolucionários perderam precioso tempo em organizar o seu governo. Enquanto isso, o Conde dos Arcos, Governador da Bahia, providenciava energicamente para sufocá-la, mandando logo bloquear o Recife e enviando contra os revolucionários as tropas do General Cogominho de Lacerda. Do Rio de Janeiro partia a nau *Vasco da Gama*, do comando de Brás Cardoso, levando a S. Salvador o General Luís do Rego Barreto, que devia assumir a chefia da repressão. A 20 de maio do mesmo ano, em que rebentou, podia-se considerar o movimento como dominado, sobretudo graças a ação rápida do Conde dos Arcos, que começou por impedir a valiosíssima adesão da Bahia. Quando o General Luís do Rego desembarcou no Recife a 29 de junho de 1817, os insurretos tinham perdido o último combate no Trapiche de Ipojuca, a 15 de maio.

13 Dessa pequena esquadra, composta inicialmente de três navios, como se viu anteriormente, fazia parte a corveta de nome apropriado ao caso – *Carrasco* – que trouxe à Bahia os revolucionários presos. A 23 de abril de 1817, a esquadra era aumentada com os navios mandados do Rio de Janeiro sob o comando de Rodrigo Lobo.

14 Alude a Domingos José Martins, o chefe mais importante do movimento, membro do Governo Provisório instalado em Pernambuco. Ao ser bloqueado o porto e ao se aproximarem as tropas legais, seguiu com seus partidários para o interior. Indo socorrer com a guerrilha do Padre Antonio dos Santos as forças do General Paula, comandante dos rebeldes, que cobriam o Recife na região de Ipojuca, foi surpreendido por uma avançada legal no rio Merepe e completamente desbaratado. Fugiu e escondeu-se numa cabana perto de Serinhaém, que o autor estropia em Serinhão. Ali o prenderam. Levado para a Bahia, foi fuzilado por sentença duma Comissão Militar, a 12 de junho de 1817, em companhia do Dr. José Luis de Mendonça e do Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro. Domingos José Martins, natural do Espírito Santo, tinha 33 anos de idade, negociava na Bahia, onde faliu. Depois, tornou a fazer fortuna na Ceará, com a alta do algodão. Dali veio revolucionar Pernambuco.

era ilimitada. Uma guerra infeliz contra os rebeldes espanhóis enfraquecia as finanças sem dar o resultado almejado. O Exército e a Armada achavam-se em lamentável estado. O Conde dos Arcos propôs uma reforma geral que a forte oposição da Corte não deixou executar. O Rei sentiu-se ofendido pela rude franqueza do seu Ministro, os dissabores domésticos irritaram ainda mais a sua sensibilidade e inesperadas notícias, vindas de Lisboa, perturbaram o equilíbrio do seu espírito.

A revolução de Cádiz acabava de impor uma constituição à Espanha. O exemplo desse país não deixou de influir no seu vizinho. Parecia cumprir-se o verso profético de Lorde Byron:

*If Spain in is free, it fre es more than it self*<sup>15</sup>

A 5 de setembro de 1820, o bergantim *Providência* trouxe a comunicação oficial da Revolução do Porto.<sup>16</sup> Os habitantes do Rio de Janeiro, preparados já pelos últimos acontecimentos para importantes modificações, receberam-na com alegria. A Corte, com a maior consternação. Na reunião do Conselho de Estado, o Conde dos Arcos adotou a adoção do sistema constitucional. O Ministro Vila Nova Portugal foi contra.<sup>17</sup> Contavam muito com a chegada de Lorde Beresford Tejo.<sup>18</sup> Esperança perdida! Como se a simples presença de um general fosse bastante para dominar uma revolução, cujo principal elemento era o próprio exército que ele ia comandar! Todavia tiveram o maior cuidado em não dar um passo decisivo. Na verdade, a convocação das Cortes, sem a sanção real, foi declarada ilegal. Apesar disso, o Rei prometeu ir à Europa ou mandar um dos Príncipes, não repelindo as queixas da nação, nem seu desejo de ter uma constituição.

15 "Se a Espanha está livre, libertou-se mais do que a si própria." O verso do grande poeta inglês inclui o pensamento de que a influência da revolução espanhola se projetou além de suas fronteiras.

16 A revolução rebentou a 24 de agosto de 1820. Rocha Martins diz que foi o navio inglês *La Créole* quem trouxe ao Rei, no Rio de Janeiro, a notícia. O Pará aderiu a ela a 1<sup>a</sup> de janeiro de 1821. A Bahia a 10 de fevereiro seguinte.

O autor engana-se no que diz, talvez fiado na sua memória, que o trau. O bergantim ou brigue *Providência* chegou ao Rio de Janeiro a 24 de abril de 1826, trazendo a notícia da morte do Rei D. João VI, ocorrida a 10 de março. A *La Créole* trouxe a nova da Revolução do Porto e deve ter chegado na data citada, a 5 de setembro de 1820.

17 Tomás Antonio de Vila Nova Portugal, probo e austero homem de estado português, amigo verdadeiro de D. João VI, nascido a 18 de setembro de 1755 e falecido no esquecimento e na pobreza em 1839.

18 William Car, Visconde de Beresford, nascido em 1786 e falecido em 1854. Comandou as tropas portuguesas sob as ordens de Wellington e bateu o Marechal Soult na batalha de Albufeira. Marechal português e Duque de Elvas, na ausência do Príncipe Regente e depois do Rei que se achava no Rio de Janeiro, fez pesar sob Portugal um jugo de ferro. A Revolução de 1820 desmontou-o. Retirou-se para a Inglaterra, de onde voltou e tomou parte na Abridada. Em 1826, ainda pretendeu um comando em Portugal, nada conseguindo.

A Constituição Portuguesa foi proclamada na Bahia a 10 de fevereiro de 1821, pelo Exército, como na Metrópole. O Conde da Palma, Governador da Província, foi preso no próprio palácio do Governador e remetido para o Rio de Janeiro.<sup>19</sup> Constituiu-se uma Junta, sem o menor receio de ordens de prisão em vias da capital. No Pará, também as tropas portuguesas, na manhã do dia de Ano-Bom, proclamaram a Constituição.<sup>20</sup> Em Pernambuco, reinava grande agitação. A crueldade do General Luís do Rego contra um bando de fanáticos seguidores de sebastianistas<sup>21</sup> e as inúteis prisões que ordenou no Recife, para sufocar uma suposta rebelião, faziam com que o povo se inclinasse a proclamar o governo constitucional. Entretanto, as tropas permaneceram fiéis ao Rei.

Enquanto a população da capital esperava uma declaração categórica de Sua Majestade, outro acontecimento por demais singular ocupou a opinião pública e favoreceu numerosos boatos. A esposa dum grande comerciante, Manuel Carneiro Leão, residente no Castelo, foi assasinada ao voltar do teatro, na porta de sua casa. Prenderam o assassino e se espalhou a notícia de que fora assalariado por alta personagem. Diziam publicamente o seu nome, sem que o Governo tomasse qualquer medida para sustar uma atitude que comprometia a própria Família Real. Nesse tempo, a Rainha vivia quase separada de seu marido, no

19 D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde e depois Marquês de S. João da Palma, nascido em Lisboa em 1779 e falecido no Rio a 6 de março de 1843. Governou com tino e prudência as Províncias de Goiás, Minas, S. Paulo e Bahia. D. Pedro I fê-lo marquês, mordomo-mor e, em 1826, quando se constituiu a Câmara Vitalícia, senador por S. Paulo.

A 10 de fevereiro de 1821, quando as tropas se pronunciaram na Bahia a favor da Constituição portuguesa, depois de curta e incruenta luta se elegeu uma Junta Provisória de Governo, cuja presidência foi oferecida ao Governador deposto, o Conde da Palma, que a recusou. Tornou-se, pois, suspeito e foi enviado para o Rio de Janeiro.

20 A manifestação da guarnição de Belém foi a primeira no Brasil a favor do estabelecimento do Governo constitucional.

21 Luís do Rego Barreto, Visconde de Geraz de Lima, tenente-general do Exército português, nascido em Viana do Castelo, em 1777 e ali falecido em 1840. Serviu no Regimento de Infantaria de Viana até sua dissolução, após a invasão de Junot. Pegou em armas contra os franceses em 1808 e se distinguiu nas ações do Buçaco, Badajós, Salamanca e Nive. Veio para o Rio de Janeiro em 1816, como brigadeiro, foi mandado governar Pernambuco, após a Revolução de 1817, ali se distinguindo pela sua rigidez e severidade. Atentaram contra sua vida a tiro, no Recife, a 21 de julho de 1821. A 29 de agosto desse ano, instalou-se em Goiana um Governo Constitucional Temporário, presidido por Francisco de Paula Gomes dos Santos, depois Visconde de Goiana, que abriu luta contra Luís do Rego Barreto, acabando por obrigá-lo a embarcar com suas tropas, em virtude da Convenção do Beberibe, no dia 5 de outubro do mesmo ano.

Após o regresso de D. João VI a Portugal, o General Luís do Rego Barreto foi Governador do Minho. D. Miguel o reformou. Em 1827, voltou ao serviço ativo e esteve no Brasil. No regresso, foi preso, evadindo-se em 1833 e refugiando-se na Espanha. Tornou a governar o Minho, quando pôde entrar novamente em sua pátria e foi eleito Senador em 1833.

O episódio dos sebastianistas a que o autor alude passou-se em 1920. Um profeta sertanejo chamado Silvestre José dos Santos, com o nome de guerra de Mestre Quiou, começou a pregar em 1819 a ressurreição de D. Sebastião mediante a devoção a uma santa de pedra. O Governador Luís do Rego Barreto mandou uma força sob o comando do Marechal-de-Campo Luis Antônio Salvador Moscoso dispersar esses fanáticos, que se haviam estabelecido na serra do Rodeador. Como não cedessem às intimidades da tropa, a 22 de outubro de 1820, esta atacou o seu arraial, tomou-o, passou os homens capazes de lutar a fio de espada e trouxe consigo 500 mulheres e crianças.

*Beijão ao Tempo de D. João VI. Gravura do livro de A. P. D. G. Sketches of*  
Portuguese Life.

Das coleções do Museu Histórico

Catete, e talvez a circunstância de ser vizinha próxima da vítima desse ori gem a um fa la tó rio, cujo fun do não se pode as se ve rar seja ver da de ou merainvencionice.<sup>22</sup>

Todavia continuavano Rio de Janeiro a situação da incerteza. O rei, que recebia de todos os lados conselhos contraditórios, não tomava resolução firme. O Conde dos Arcos aconselhava-se a dar ou vi dos à voz do povo e a proclamar espontaneamente a Constituição, antes que ela lhe fosse im pos ta, por que já se no ta vam no seio das tro pas mo vimentos suspeitos e havia provas certas de que pretendiam seguir o exemplo das do Porto e Lisboa. Cor ria pela ci da de a mais de sen con tra da boataria. Diziam uns que o Rei tencionava ir embora ocultamente e ou tros que o Prín ci pe Her de i ro se ria man da do para Por tu gal. Aí che gou da Ba hia o Con de da Pal ma e o Rei sou be por ele do que se pas sa va no Nor te do Bra sil. Mas es sas no tí ci as, as dis po si ções do povo e as das tro pas não tiveram poder para arrancar-lhe um ato decisivo. Ao invés da ação, entregava-se diariamente a devoção.

Um dos fenômenos mais curiosos nas agitações políticas da ca pi tal do Bra sil é se rem to dos os pas sos, tan to os dos par ti dos como os do Governo, conhecidos do público com antecedência.<sup>23</sup> Sabia-se, as sim, que diversos ofi ci aise algu mas pesso as no tá ve is di ari a men tes se re u ni am a bor do dum na vio sur to no por to, onde tra ma vam o que se de via fazer para compelir o Rei a aceitar a Constituição. Por isso, não houve surpresa quando, ao amanhecer o dia 26 de fevereiro, as tropas for maram na praça do Teatro, onde geralmente se realizam as paradas, ocupando as ruas com peças de artilharia em atitude ameaçadora. O rei estava com a família em S. Cristóvão. Chegara o momento de ceder à vontade popular. A aceitação da Constituição Portuguesa ficou resolvi

22 Trata-se, não de Manuel Carneiro Leão, riquíssimo negociante brasileiro que se achava em Paris ao tempo da vinda da Missão Artística e lhe adiantou o dinheiro das passagens; mas de Fernando Carneiro Leão, Gentilhomem e Moço da Câmara, conde de S. José por Portugal, indigitado como amante de D. Carlota Joaquina. O episódio a que o autor se refere foi consignado por Melo Moraes.

Nessa época, os reais esposos viviam de fato separados. D. João em casa de seu amigo Tomás Soares e a Rainha, com as filhas, no Largo de S. Domingos e não no Catete, como aqui se diz. Fernando Carneiro Leão morava na chamada Chácara do Catete, de sua propriedade. Sua mulher, da família Gutierrez Pedra, foi ali assassinada com um tiro, à noite, voltando do teatro. Era muito bonita. Atribuiu-se o crime aos ciúmes de D. Carlota Joaquina, dizendo-se que, por seu mandado, o cometera o afamado capanga Costa Orelha ou Corta Orelha. Acrescentava-se ainda que o Intendente de Polícia, Dr. José Albano Fragoso, havia tudo apurado, comunicando os fatos a D. João, o qual dera ordens no sentido de abafar o escândalo.

23 Até muito recentemente continuava a ser assim. Os golpes, quarteladas e conspiratas, quando vinham a furo, já eram esperados.

da em reu não do Conselho de Estado e o Príncipe Herdeiro foi mandado à cidade comunicar a resolução do Monarca.<sup>24</sup>

D. Pedro, jovem herói mais brasileiro do que europeu-português, pisou nessa ocasião pela primeira vez o palco do mundo político. Vigorosamente constituído pela natureza e acostumado desde cedo ao clima tropical, passava a mocidade mais livremente, em treque sobretudo aos exercícios de equitação. Nunca procurara participar do Governo e as desconfianças do Ministério também sempre objetivaram trazê-lo afastado dos negócios públicos, mesmo depois que seu casamento com uma Princesa austríaca lhe dera algum direito a isso ou, pelo menos, a ter voto no Conselho de Estado. Sua simplicidade tornara querido do povo e seu garbo militar, das tropas. Quando entrou a cavalo na praça, foi recebido com o grito: – “Viva a Constituição!” Da escada do Teatro, leu em nome do rei o Ato de aceitação da Constituição por tuquesa, que ele próprio leu a S. Cristóvão, a fim de receber a assinatura de Sua Majestade. O Rei deu-a imediatamente e selavrou depois um decreto de nomeação de novo Ministério. Afinal, o Príncipe jurou a Constituição em nome de seu Augusto Pai, sob o troar dos canhões e no meio do jubilo da multidão.

Então, o rei veio à cidade e, com lágrimas nos olhos, também a jurou no Palácio do Governo. À noite, houve luminárias, fogos de artifício e divertimentos públicos, festejando o triunfo do sistema constitucional.

A revolução parecia terminada sob os mais favoráveis auspícios: porém em breve se veriam suas conseqüências. Já era mau sinal ter sido em todas as províncias o Exército quem primeiro se manifestara a prol da aceitação da Constituição. Devido ao êxito de sua audácia, os freios da disciplina se relaxaram e, dentro de pouco tempo, o Exército Português parecia mais um bando de janízaros de senfreados do que um corpo de tropas europeias disciplinadas. Por um decreto de 7 de março, o Rei anunciou ao povo sua próxima partida para a Europa e dispôs a respeito da eleição de Deputados às Cortes do Reino Unido. Muitos

24 Pronunciamento da guarnição do Rio de Janeiro a 26 de fevereiro de 1821, em favor da Revolução Constitucional portuguesa, em que foram principais Romão de Góis e o famigerado Padre Macamboá.

D. João VI achava-se na Quinta da Boavista e antedatou dois decretos que o Príncipe trouxe ao Rossio e leu ao povo, da sacada do Teatro de S. Pedro: um adotando a Constituição portuguesa, que ninguém ainda conhecia, o outro nomeando novo Ministério. O povo aplaudiu.

portugueses se prepararam para acompanhá-lo, o que naturalmente prejudicou bastante a marcha dos papéis do Estado. O dinheiro de conta do sumiu-se com uma presteza inquietante e se falou num déficit no Banco de 4 milhões de cruzados. Para levantar-lhe o crédito, foi de clara do Banco Nacional, continuando regularmente os pagamentos à vista. Grandes desvantagens resultaram para as províncias. Os portugueses levaram todo o dinheiro amoldado de ouro e prata que puderam.

Este fato veio à baila pela primeira vez numa assembleia eleitoral da Bolsa, em que os negociantes mais notáveis que a compunham e sabiam avaliar os perigos da situação para o crédito exterior resolveram exigir do Rei a criação duma Junta Provisória, o embargo de todos os bens portugueses e a adoção dos princípios da Constituição espanhola.<sup>25</sup> O Rei consentiu em tudo; mas, logo que se refez do primeiro susto, mandou um batalhão de Caçadores acabar violentamente com a reunião. Os Caçadores ocuparam as estreitas ruas que levavam ao edifício da Bolsa e fizeram fogo pelas janelas sobre a assembleia, sem antes a haver intimado a dissolver-se. Houve muitos mortos e feridos. As transações do dia anterior foram de clara dassemefiteo e a Constituição portuguesa reafirmada.

Os soldados aproveitaram-se dessa fraqueza do Governo para aterrorizar a cidade com roubos e extorções, sob o pretexto de prisões legais. A situação anárquica durou vários dias e apressou a partida do Rei. A 26 de abril, o Monarca, sua Família e um séquito de cerca de

25 A 20 de abril de 1821, reuniram-se no edifício da Praça do Comércio, que o autor chama Bolsa, os eleitores das paróquias do Rio, sob a presidência de José Clemente Pereira e Antônio Gonçalves Ledo, secretariados por Luís Duprat, o Padre Macamboa e João Pereira Ramos, o Cavaquinho, estes últimos agitadores notórios. O fim da reunião era tomar conhecimento da partida do rei para Portugal e das instruções que deixava ao Príncipe D. Pedro como Regente do Brasil. Foi nomeada uma comissão para ir a S. Cristóvão e pedir ao soberano a imediata promulgação da Constituição Espanhola, saída da Revolução de Cádiz a 7 de março de 1820, que já era conhecida no Brasil, enquanto nada se sabia sobre a Constituição Portuguesa. O Rei recebeu a comissão em presença do Ministério e aceitou a intimação disfarçada em pedido, assinando à meia-noite, com data de 21 de abril, um Decreto mandando vigorar aquela Constituição. De posse dessa resposta, a Assembleia dos Eleitores tornou-se mais tumultuosa e resolveu impedir a partida de D. João, indicar um Ministério seu e exigir a instituição duma Junta ou Conselho de Governo, fazendo com que o General Curado e o Coronel Morais intimassem os comandantes dos fortes da barra a não deixarem sair os navios. Então, o General Avilez mandou o Brigadeiro Carretti dispersar aqueles mutinos. Às 4 horas da madrugada, uma companhia de Caçadores portugueses, recebida com insultos ao intimar a dissolução, abriu fogo pelas janelas. Houve mortos e feridos. Entre estes, o Juiz de Fora José Clemente Pereira. Por Decreto de 22 de abril, D. João VI anulou a Constituição Espanhola, mandou abrir devassa sobre os fatos e estabeleceu os necessários poderes para a Regência e Governo Provisório do Brasil. Um anônimo afixou à porta do edifício da Praça do Comércio um cartaz com estes dizeres: *Açogue Real*, segundo uns cronistas, *Açogue dos Braganças*, segundo outros.

mil pes so as de i xa ram o Rio de Ja ne i ro. Antes de par tir, ele no me ou o fi lho, o Príncipe Herdeiro D. Pedro Alcântara, seu Lugar-Tenente e Re gente do Reino do Brasil. Dizem que Sua Majestade levou em ouro e pra ta em bar ra e em di nhe i ro de con ta do 60 mi lhões de cru za dos. Mu i to mais importantes devem ter sido as somas subtraídas ao país pelos func ioná rios eu ro pe us que o a com pa n ha ram.<sup>26</sup>

O Brasil ficou, portanto, entregue a si próprio. Sua situação era como a dum doente com febre, enfraquecido pela sangria, cujos paroxis mos fa zi am es pe rar a cri se pró xi ma. Ti nha-se ju ra do a Cons ti tu i ção portu gue sa antes de sua reda ção. Era, pois, completamente jus to que se ju ras sem seus prin cí pi os vo ta dos pe las Cor tes de Lis boa antes de terem chegado. Em vão se opôs o Príncipe Regente a essa precipitação insensata. As tropas ameaçavam, o Ministério estava cindido e nas assembléias dominava uma violência apaixonada, que não podia dar bons resultados. Para acalmar os ânimos, o Príncipe cedeu à vontade das tro pas e che gou até a for mar uma Jun ta Pro vi só ria para participar do Governo. Sua si tua ção era su ma men te des a gra dá vel. O Tesouro achava-se esgotado e das províncias não vinha dinheiro. A Bahia uniu-se à Metr ó pole. Em Pernambuco, latejava o velho es pí ri to re pu bli ca no. O Prín ci pe sen tia-se ma ni e ta do pe los que o cercavam. Ti nha a me lhor von ta de, po ré m a ú ni ca re for ma que po dia re a li zar era a das suas des pe sas do mês ti cas, que su je i tou à mais ri go so a eco no mia.

Os abusos do Governo e da administração tinham raízes demasiadamente profundas para que os pudesse debelar sem me di das violentas. A experiência mostrara o perigo de servir-se delas e das tropas, cuja lealdade era duvidosa. As diversas fac ções des co nhe ciam seu verdadeiro interesse e suas próprias forças. Odiavam o Ministério, porque se compunha quase exclusivamente de portu gue ses, sus pe i tos por sua de di ca ção ao an ti go re gi me. O Prín ci pe, so li ci ta do de todos os lados por opiniões contraditórias, vendo, apesar de sua

26 A 26 de abril de 1821, partiu pela manhã da Guanabara a esquadra que levava a Portugal o Rei D. João VI. O inglês Samuel C. Nicoll, proprietário da barca a vapor *Bragança*, levou as pessoas que quiseram acompanhar o bota-fora de Sua Majestade até a ilha Rasa a 4 mil-réis por cabeça. Essa barca foi um dos primeiros navios a vapor que houve no Brasil. A 3 de agosto de 1808, fora dado a Felisberto Caldeira Brant, futuro Marquês de Barbacena, privilégio para barcos a vapor nos rios e costas da Bahia, onde ele inaugurava os serviços entre São Salvador e Cachoeira, em 1819, com uma embarcação de rodas, ali mesmo construída. Em 1821, houve o vapor *Bragança* no Rio. Em 1826, o paquete a vapor *Correio Brasileiro* fazia a navegação entre o Brasil e Liverpool. No mesmo ano, a 14 de julho, o vapor *Amazonas* iniciava em Belém o tráfego no grande rio.



boa vontade, ser impossível pôr ordem e calma nesse caos político, tomou-se duma espécie de pusilanimidade, que quase o fez voltar à Europa. O amor do povo, que nunca perdeu, e a promessa feita a seu Augusto Pai, de conservar o Brasil para a Casa de Bragança, de qualquer maneira, foram os únicos motivos que o retiveram.

Nesse ínterim, as Cortes de Lisboa usaram, após a chegada do Rei, de linguagem muito diversa da anterior, quando precisavam poupar o Reino ultramarino, evitando a sua reação. Os deputados brasileiros, em número menor que os europeus, foram vencidos por essa maioria em todas as votações e viram suas emendas rejeitadas. Afinal, ficou resolvido dissolver o Governo Central do Brasil e substituí-lo por administrações provinciais isoladas, semelhantes às das várias Províncias de Portugal, o que obrigou o Príncipe a unir mais estretamente seu interesse pessoal à nação. Ambos ganharam com isso, ele, a vacilante confiança do povo, e ela, um ponto firme de apoio, necessário em face do crescente despotismo militar das tropas portuguesas. Em breve, falava-se alto e bom som em proclamar D. Pedro Imperador. Corriam de boca em boca estes versos, que apareciam pregados às portas do Palácio do Governo e produziram grande sensação:

Para ser de glória far to,  
 Inda que não fosse herdeiro,  
 Seja já Pedro Primeiro,  
 Se algum dia há de ser quarto.<sup>27</sup>

Pouco faltou para se cumprir o precipitado desejo do povo antes de se ter certeza da adesão das províncias. Todos esses fatos, porém, não bastavam para tirar às Cortes portuguesas de sua cegueira. Confiaram na fidelidade do Exército, julgado suficientemente forte para executar suas resoluções, mesmo contra a vontade nacional. Com o de-

27 Os versos populares formavam uma décima. O autor só nos dá os quatro primeiros. Os outros seis diziam assim:

Não é preciso algum parto  
 De bernarda atoador;  
 Seja nosso Imperador,  
 Um governo liberal  
 De Cortes, franco e legal,  
 Mas nunca nosso senhor.

creto que chamava o Príncipe a Lisboa e dissolvia o Governo Central, apenas apresaram a emancipação do país. As províncias do Sul logo se uniram à capital. O Senado da Câmara do Rio de Janeiro e as administrações municipais de S. Paulo e Vila Rica fizeram insistentes representações ao Príncipe, a fim de induzi-lo a fiar. Em todas essas representações mais ou menos veladamente se fazia a ameaça de que a partida de Sua Alteza teria como consequência a separação imediata do Brasil de Portugal. De mais, havia nesse tempo forte partido republicano na capital e o exemplo dos pernambucanos, que tinham conseguido se livrar das tropas portuguesas do General Luís do Rego, poderia ter repercussão. A partida do Príncipe seria o rompimento do último laço que prendia o Brasil à sua antiga Metrópole, formando as províncias estados livres e isolados. D. Pedro resolveu fiar para impedir a consequência o pior. Não é de todo improvável até que aparentasse rebeldia, apenas cumprindo instruções secretas de seu Augusto Pai. Afinal de contas, não será láci to com de ná-lo por ter tentado conservar para si um Reino irrevogavelmente perdido para Portugal.

A revolução do Príncipe, comunicada ao Senado da Câmara a 22 de janeiro de 1822, causou ao povo indizível alegria. Essa prova pública de desobediência ao mandado das Cortes portuguesas valeu como a mais segura garantia da Independência do Brasil.<sup>28</sup> Em vão o General Avilez tentou abalar tal resolução pela persuasão e pela violência. Suas tropas européias não passavam dum pequeno bando contra a população armada do Rio de Janeiro, as milícias organizadas e os batalhões brasileiros da guarnição da cidade. A desigualdade de forças era tão evidente que ele preferiu capitular a bater-se. Seus soldados tiveram de retirar-se do Rio de Janeiro para a Praia Grande, onde a coragem pessoal de D. Pedro quebrou sua última resistência e os forçou a embarcar.<sup>29</sup> A perfídia do General Avilez custou grande sacrifício ao Príncipe: o Príncipezinho João Pedro faleceu

28 A comunicação oficial do *Fico* pronunciado de público com a famosa frase: "Se é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" a 29 de janeiro de 1822.

29 A 9 de fevereiro de 1822, um mês depois do *Fico*, o General Avilez, Comandante da guarnição portuguesa no Rio de Janeiro, que se comprometera a embarcar para Portugal e a partir no dia 12, mas não cumprira o prometido, recebeu um ultimatum para fazê-lo, do próprio Príncipe Regente D. Pedro, que se achava primeiramente a bordo da fragata *União* depois, da *Piranga*. Entrementes, as tropas nacionais se preparavam para combater as portuguesas, artilhando o litoral. Em virtude de acontecimentos anteriores, Avilez retirara-se para Niterói. Ante a energia da intimação e dos preparativos, o chefe português cedeu. O embarque das tropas começou na madrugada de 10 de fevereiro e a partida se efetuou a 15, com 7 navios, 2 dos quais arribaram à Bahia, conduzindo 381 homens que reforçaram a guarnição portuguesa ali.

no colo de sua mãe, a Imperatriz, quando esta, no período do mais crítico do caso, fugiu para Santa Cruz, visto como se esperava luta armada dentro da cidade.<sup>30</sup> As tropas portuguesas embarcaram no dia 16 de fevereiro para Lisboa.<sup>31</sup>

Pouco tempo depois, surgiu à barra do Rio de Janeiro uma esquadra portuguesa, trazendo alguns batlhões sob o comando do General M. de Sousa, para reforçar os corpos de Avilez. O Príncipe não os deixou desembarcar e tomou logo medidas tão enérgicas que os obrigou a partir sem sair de bordo.<sup>32</sup>

Mesmo após evidente ato de desobediência às ordens das Cortes, o Príncipe não considerou de todo perdida a esperança de conservar a amizade recíproca entre o Brasil e sua Mãe-Pátria, apesar de se tornarem as relações entre ambos muito tensas devido a esse mesmo ato, cujas conseqüências eram fáceis de prever. Livre da influência da força armada que dera o primeiro impulso à revolução, D. Pedro perdeu com ela o único contrapeso às pretensões do povo, que, embora rendendo excessiva homenagem à sua pessoa, não escondia certas desconfiança de suas intenções políticas, enquanto se não quebrasse o vínculo natural que ligava à antiga dinastia portuguesa.

Para ele, esse vínculo e a perspectiva duma dupla coroa tinham mais alta significação do que podia confessar a vaidade e egoísmo do povo, a cuja testa se via colocado pelo encadeamento fatal das circunstâncias. O Brasil, país imenso em plena força da mocidade e da beleza, quando a ele se a enorme importância, enquanto a antiga glória de Portugal

30 Na noite de 11 de janeiro de 1822, achando-se no teatro, Dom Pedro foi prevenido da intenção do General Avilez e dos oficiais portugueses, que o queriam cercar, prender e levar para bordo dum navio de guerra, a fim de ser conduzido a Portugal. Retirou-se imediatamente para S. Cristóvão, de onde fez a família partir para Santa Cruz pela madrugada. De fato, as tropas lusas ocupavam o morro do Castelo e outras posições enquanto as milícias e patriotas armados se reuniam no Campo de Santana. No dia 12, o general foi forçado a transferir seus soldados para a Armação, do outro lado da baía.

A Imperatriz, grávida de oito meses, fez uma viagem de 14 léguas ao sol ardente do verão, a fim de refugiar-se em Santa Cruz, onde ficou, pode-se dizer, abandonada, pois o Príncipe tinha de atuar com energia para obrigar Avilez a retirar-se. Só regressou a 19 de fevereiro. Nesse interim, a 4 do referido mês, falecia em Santa Cruz o Príncipe D. João Pedro, nascido a 6 de março de 1821.

31 O embarque foi, como já se viu, a 15 de fevereiro.

32 A 9 de março de 1822, apresentou-se no Rio de Janeiro a esquadra portuguesa do Chefe Francisco Maximiano de Sousa, trazendo 1250 homens sob o comando do Coronel Antônio Joaquim Rosado, com ordens para render Avilez e levar D. Pedro para Portugal. Compunha-se a esquadra da nau *D. João VI* da fragata *Real Carolina*, de 2 charruas e 2 transportes. O Príncipe ordenou-lhe que fundasse à entrada da barra sob o fogo das fortalezas e só permitiu o desembarque dos dois comandantes para conferenciarem com ele, obrigando-os a assinar um termo de desistência do mandato que traziam e a voltar a Portugal. A *Real Carolina*, entregue ao Brasil, foi crismada em *Paraguçu*. 400 homens passaram-se para o serviço do Brasil. A 23 de março, a frota desfalcada regressou a Lisboa.

empalidecia ao bruxulear de um trono alimentado num sistema colonial artificial, para sempre aniquilado. Se se colocasse cada um de per si nos pratos de uma balança, para que lado se inclinaria? O povo não tinha a menor dúvida a esse respeito. O orgulhonacional e o sentimento da liberdade, ambos tanto mais fortes quanto acabavam de ser despertados, pesavam num dos pratos da balança, enquanto os inconseqüentes atos de violência dos europeus anulavam tudo o que poderia dar ganho de causa ao lado português.

É evidente, no entanto, que o próprio Príncipe vacilou mais de uma vez. Numa carta ao pai sobre o afastamento das tropas portuguesas, procura desculpar seu procedimento e alinha as razões por que cedeu às injunções do povo, com uma precaução, que é a mais segura prova de que se não queria bandear completamente para qualquer dos dois partidos. Nesse documento, absolutamente ainda se não trata duma separação do Brasil da Metrópole. Em nome do povo, ele exige com expressões muito moderadas a conservação do Governo Central no próprio país, sem prejuízo dos direitos do Rei como Soberano ou das Cortes portuguesas como Poder Legislativo.

Estas, no entanto, não se deixavam arrancar de sua cegueira por nenhuma consideração.<sup>33</sup> Seu orgulho chegou ao ponto de nem ao menos poupar as pessoas dos deputados brasileiros e o amor-próprio do povo que representavam.<sup>34</sup> Faziam hoje em medidas violentas para reduzir súditos rebeldes à obediência. Amanhã atestavam sua fraqueza com inesperadas concessões. Em geral, porém, usavam dum sistema de falsidades e incoerências, do qual a história das revoluções ibéricas infelizmente ofereceu numerosos exemplos.

Todo o ódio do povo brasileiro recaía sobre as Cortes. O Príncipe aproveitou-o com muita sabedoria, para fortalecer o prestígio de sua própria pessoa ou, melhor, o interesse de sua família. As províncias do Sul já se tinham de nominado em suas representações – “Províncias Unidas do Brasil”. A Bahia, apesar de ocupada por um corpo de tropas portuguesas, aderiu ao novo governo. De fato, a declaração de

33 A luta entre o Brasil e as Cortes vinha se avolumando desde o Decreto das mesmas de 29 de setembro de 1821, ordenando o regresso do Príncipe D. Pedro, criando Juntas Provisórias para governar as províncias e um comando militar independente da Regência.

34 Os deputados brasileiros às Cortes, Antônio Carlos, Diogo Feijó, Costa Aguiar, Lino Coutinho, Agostinho Gomes e Cipriano Barata foram obrigados a fugir de Lisboa para a Inglaterra, onde publicaram um manifesto que corrobora as afirmações do autor.

Independência já estava feita. Até o título de “Defensor Perpétuo do Brasil”, que então o Príncipe tomou, deixava pelo menos entrever que essa independência poderia ser atacada e que devia ser defendida.<sup>35</sup> Com acertado instinto, o povo desejava a guerra, pois nela via o mais seguro remédio contra as intrigas das Cortes e a melhora da qualidade da independência recentemente alcançada.

Travaram-se os primeiros embates sangrentos na Bahia. Madeira, Comandante das Armas nomeado pelas Cortes, bateu as milícias nacionais que se não queriam sujeitar à suas ordens, no centro da cidade, e devastou-a com seus soldados depredadores, de modo desumano. Nem as igrejas e conventos foram poupados. As Cortes de Lisboa aprovaram seu procedimento. Parecia inevitável uma luta fratricida.<sup>36</sup> Perigava até a união das províncias do centro. Minas Gerais ameaçava se paralisar e escapar seu próprio rei. Só a presença de D. Pedro com seu guia abafava ali a revolução e conservar a união da essa região importante.<sup>37</sup>

Foi na capital que primeiro se compeendeu que, com uma reunião geral dos representantes de todas as províncias, se poderiam atar novamente os vínculos já frouxos que as ligavam. O Senado da Câmara expressou insistentemente esse desejo, na representação de 20 de maio de 1822.<sup>38</sup> O Príncipe instalou provisoriamente um Conselho de Estado composto dos procuradores-gerais de todas as províncias, para deliberar sobre a situação do Reino, o qual se declarou incompetente e exigiu a convocação duma Assembléia Constituinte.<sup>39</sup> O Príncipe a convocou e, ao mesmo tempo, em um Manifesto aos povos de seu Reino e noutro dirigido aos Governos e Nações amigas, expôs os motivos que o

35 O título, de fato, como já disse em outra nota, antecedeu a proclamação da Independência, a qual já vinha sendo propugnada claramente. No *Revêrbero Constitucional Fluminense*, Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa propugnavam isso. A 15 de setembro de 1821, o primeiro publicou nesse jornal um artigo famoso, sugerindo ao Príncipe Regente a necessidade dessa proclamação.

A 6 de agosto de 1822, aparecia o célebre *Manifesto às nações amigas* redigido por José Bonifácio. A 20 do mesmo mês, quando em S. Paulo o Príncipe tomava posse do cargo de Grão-Mestre da Maçonaria local, a Independência era proclamada no Grande Oriente do Rio de Janeiro, “com a assistência do povo maçônico”, segundo registra o Barão do Rio Branco.

O grito do Ipiranga foi o coroamento de longo trabalho.

36 O general português que comandava na Bahia era o famoso Inácio Luís Madeira de Melo.

37 D. Pedro foi a Vila Rica a 9 de abril de 1822 e voltou ao Rio a 25 do mesmo mês. Restituiu-lhe o primitivo nome de Ouro Preto. Esteve também em Barbacena e S. João d’El-Rei.

38 A Representação pedia ao Príncipe, em nome da Municipalidade e do Povo, a convocação duma Assembléia Constituinte. Foi entregue a D. Pedro por José Clemente Pereira a 23 de maio de 1822.

39 Os Procuradores das Províncias foram convocados por Decreto do Príncipe D. Pedro de 14 de junho de 1822, reunindo-se pela primeira vez no dia 2, sob a sua presidência. A 3, deliberaram que devia ser convocada uma Assembléia Constituinte. O Decreto da convocação foi lavrado a 19 do mesmo mês.

ti nham le va do a não cum prir as or dens das Cor tes e de seu Au gus to Pai, que declarava estar prisioneiro de um partido revolucionário. Em ambos esses documentos, que se distinguem por um estilo extraordinariamente brilhante,<sup>40</sup> nunca se fala em separaçãodefinitiva do Brasil da Metrô pole. Reconhecem-se os di re i tos do Rei e ape nas se exi ge uma re pre sen ta ção na ci o nal pró pria. De ma is, to das as que i xas da na ção se di ri gem mais contra as Cortes do que contra o Poder Executivo, o Rei, pintando o pro ce di men to ego ís ta de las com as co res mais ne gras.

O mote *União e Independência* com que D. Pedro exor ta os po vos<sup>41</sup> e a intimação feita às províncias do Norte para enfrentarem pela força as tro pas dum Mo nar ca, cujos di re i tos não con tes ta, so am, na ver da de, de for ma um tan to es qui si ta no meio de tudo isso. Mas a his tó ria mu i tas ve zes nos oferece exemplos dum partido combater outro para defender justa men te os di re i tos de quem está à sua tes ta. Apro xi ma-se o mo men to em que essa más ca ra ti nha de cair. Em S. Pa u lo, o Prín ci pe foi im pe li do a pro cla mar publicamente a Independência. Apareceu no Te a tro, no Rio de Ja ne i ro, a 15 de setembro, com tope verde no braço esquerdo sobre uma faixa dourada em que se lia a divisa *Indepên dên cia ou Mor te!* delirantemente aplaudido.<sup>42</sup> A esquadra portuguesa ti nha ido em bo ra. A 15 de ou tu bro,<sup>43</sup> foi proclamado Imperador Constitucional do Brasil e coro ado so le ne men te com sua es po sa a 1<sup>a</sup> de dezembro seguinte. Uma série de brilhantes festejos comemorou este acon te ci men to de gran de im por tância para o Brasil.

40 Redigidos por José Bonifácio e Gonçalves Ledo.

41 Mote do Manifesto de 1<sup>a</sup> de agosto de 1822 assinado pelo Príncipe D. Pedro e redigido por Gonçalves Ledo: "Não se ouça entre nós outro grito que não seja – *União!* do Amazonas ao Prata não retumbe outro eco que não seja *Independência!* Formem todas as nossas províncias o feixe misterioso que nenhuma força pode quebrar. Desapareçam de uma vez antigas preocupações, substituindo o amor do bem geral ao de qualquer província ou cidade." Declarava, por fim, ini miga qualquer força armada que viesse de Portugal e se não submetesse à intimação e imediato regresso.

42 O Grito do Ipiranga foi a 7 de setembro de 1822. À noite, no teatro, em S. Paulo, D. Pedro e seus companheiros se apresentaram com fitas verde-amarelas nos braços, que substituíam os laços portugueses vermelhos e azuis. O distintivo a que o autor alude apareceu depois da vinda de D. Pedro para o Rio. Era um ângulo de metal amarelo com o dístico *Independência ou Morte*, sob círculo ou tope verde. Usava-se no alto da manga do braço esquerdo. Só deixou de ser usado em 1825, quando Portugal reconheceu a Independência do Brasil. Os penachos da tropa passaram a ser verdes com olhos amarelos. O Decreto criando os novos símbolos nacionais, referendado por José Bonifácio, está datado de 18 de setembro de 1822.

A coroação e sagração de D. Pedro realizaram-se solenemente a 1<sup>a</sup> de dezembro de 1822. A cerimônia foi uma mescla da pompa austríaca e da napoleônica. Houve o gesto de fender o espaço com a espada, usado na coroação dos Reis da Hungria. O local escolhido foi a Capela Imperial.

43 Engano de data. A 12 de outubro e não a 15. As Câmaras das Províncias próximas foram convidadas para essa solenidade pela do Rio de Janeiro em circular datada de 17 de setembro. A cerimônia realizou-se no Campo de Santana, que, por isso, tomou o nome de Campo da Aclamação. O jovem Imperador apresentou-se ao povo e às tropas no pavilhão erigido em frente ao prédio onde hoje se acha o Arquivo Nacional. O General Curado comandava os 6.000 homens formados em continência. José Clemente Pereira, presidente do Senado da Câmara, leu um discurso, ao qual o Imperador respondeu. A artilharia salvou com 101 tiros. Há uma litografia de Debret representando a cena. Nesse dia, foi entregue ao alferes Luis Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, a primeira bandeira do novo Império.

Apesar do Imperador, na proclamação de 21 de outubro, ter marcado às Cortes despóticas o prazo de 4 meses para resolver pacificamente as relações entre os dois Reinos, as últimas decisões de las declarando revolucionários todos os atos dele emanados e o ameaçando de exclusão da sucessão ao trono, forçaram-no a tomar medidas bélicas antes que o prazo terminasse. A 11 de dezembro, em baragem-se todos os navios por tuques ou que se destina a Portugal, se queiram-se todos os bens lusitanos e decretou-se a permissão de licenças para o curso. Não houve, todavia, uma declaração formal de guerra.

Reorganizou-se o Exército, que se encontrava em lastimável estado, com soldados irregular e insuficientemente pagos, inclinados a desordens perigosas, e aumentou-se o soldo dos oficiais. O Imperador criou, para sua segurança pessoal, um Corpo de Estrangeiros posto sob as ordens dum francês, o Coronel Bellardi.<sup>44</sup> Também convidou o feliz *condottieri* Lorde Cochrane a entrar ao serviço do Brasil como Almirante, seguido por uma porção de oficiais de marinha ingleses e norte-americanos, o que causou o maior descontentamento no Exército e na Marinha.<sup>45</sup> O povo, tomado de excessiva vertigem de liberdade e jeitosamente trabalhado através da imprensa pelos agentes da facção republicana, mostrou em altas vozes o seu desagrado. E o Imperador julgou poder firmar a soberania que lhe fora entregue somente por meio de medidas severas.

Atacou os demagogos em seus mais secretos esconderijos. Fez-se Grão-Mestre das Lojas Maçonicas e um dia as fechou.<sup>46</sup> Ao mesmo tempo, perseguiu os redatores dos primeiros jornais. Uns foram castigados.

44 Esse Coronel Bellard era um aventureiro francês sem o menor valor, que se apregoava favorito de D. Pedro. Para experimentar essa amizade de que se gabava, fez chegar ao Imperador a notícia de sua morte. – “Que disse Sua Majestade?” Indagou do mensageiro. E este repetiu as palavras do soberano: – “Pois que vá feder longe!”

O Corpo de Estrangeiros desdobrou-se mais tarde em 2 batalhões de Granadeiros e 2 de Caçadores, como veremos oportunamente.

45 Lorde Thomas Cochrane, Conde de Dundonald e Marquês do Maranhão, 1<sup>o</sup> Almirante da Marinha Brasileira, mandado chamar no Chile, onde servia, e contratado pelo Império nascente. Deixou o serviço do Brasil abruptamente, partindo do Maranhão a bordo da fragata *Piranga* a 18 de maio de 1825, e foi batalhar na Grécia. João Brigido considera-o “alma de pirata”. O Barão de Mareschal, em ofício a Metternich, datado de 16 de fevereiro de 1822, declara-o: “Brigand audacieux.” Lorde Cochrane nasceu a 14 de fevereiro de 1775 em Sunnysfield, no Lanarkshire, e faleceu em Londres a 31 de outubro de 1860. Está sepultado na Abadia de Westminster.

Cochrane assumiu o comando da esquadra brasileira a 19 de março de 1823 e foi nomeado 1<sup>o</sup> Almirante por Decreto de 26 do mesmo mês e ano.

46 D. Pedro I fez a Independência ligado às atividades maçônicas. Foi Arconte-Rei da Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz ou apostolado, sociedade secreta onde pontificava José Bonifácio, instalado a 2 de junho de 1822, prestando juramento solene na sessão de 22 do mesmo mês e fechando-a violentamente a 17 de julho de 1823. Na Maçonaria, iniciado na Loja Comércio e Artes do Rio de Janeiro, usou o malhete de Grão-Mestre com o pseudônimo de Guatuzim e, por uma prancha de julho de 1823, fechou o Grande Oriente.

Outros escaparam pela fuga à arbitrária severidade, que não atingiu o fim colimado.<sup>47</sup> A popularidade do imperante derreteu-se e sua vida mais duma vez correu perigo. Teria sido mais prudente, se em tão adiantado o sistema, que mais tarde seguiu, dum governo liberalmente realizado. Parece, em verdade, que sob o manto de púrpura existe um demônio especial que leva, irresistivelmente, quem o veste a se servir da totalidade do poder, como se serve dos seus símbolos externos.

Achava-se à testa do Ministério José Bonifácio de Andrada, brasileiro cientificamente culto e extraordinariamente talentoso. Ser vindo ao despotismo e alternadamente rendendo homenagem à liberdade, pode ser tido como o protótipo de todos os agitadores revolucionários sul-americanos, que, quase sem exceção, comumente trocaram um sistema pelo outro, sabendo sempre regular suas ações com o mais fino tato, de conformidade com as circunstâncias.

A 3 de maio de 1823,<sup>48</sup> o Imperador inaugurou a Assembléia Geral Constituinte com um discurso em que tocou superficialmente nos acontecimentos anteriormente mencionados e os excusou, rotulando-os como medidas legislativas. Em poucas palavras se referiu às relações exteriores e à guerra com Portugal. Chamou muito especialmente a atenção da Assembléia para os perigos nas cidades da exagerada vertigem da liberdade do povo e da tendência demagógica de seus representantes. Os acontecimentos subsequentes justificaram seus receios, pois, já em 29 de julho, a Assembléia resolveu por grande maioria de votos que suas decisões deviam vigorar, mesmo sem a sanção do Monarca. O Congresso escolheu, para tentar reduzir o poder do Soberano, ocasião favorável, visto o mesmo estar impedido de agir depressa, como costumava, por se achar de cama em consequência duma queda de cavalo. José Bonifácio de Andrada resignara o Ministério e, muito embora seu afastamento parecesse resultado de exigência do partido liberal exaltado, as consequências provaram justamente

47 A primeira lei de repressão à liberdade de imprensa no Brasil. Decreto de 18 de junho de 1822, redigido e referendado por José Bonifácio, determinando, em face da "lei suprema de salvação pública", sem "ofender a liberdade bem entendida da imprensa que... tantos bens tem feito à causa sagrada da liberdade brasileira", que os delitos de imprensa fossem julgados por um júri de 8 membros, escolhidos pelos acusados dentre 24 cidadãos convocados pelo Corregedor do Crime, na Corte, e pelos Ouvidores, nas províncias. Esses magistrados imporiam as penas de acordo com a decisão do júri, o procurador da Coroa serviria de promotor nas causas e a apelação caberia diretamente ao Príncipe Regente.

48 Tendo sido aberta a 3 de maio de 1823 e dissolvida a 12 de novembro do mesmo ano, a primeira Constituinte Brasileira viveu apenas seis meses e nove dias.



o contrário, por que ele e seus irmãos, como membros da Constituição, reforçaram a oposição em seu seio.

A maior parte do Exército, os batalhões com cuja lealdade o Imperador podia mais contar, estavam ocupados em cercar a Bahia.<sup>49</sup> O Corpo de Estrangeiros, de alistamento recente, mal organizado e comandado por um chefe sem valor suscitava o ódio do povo e das milícias. Paradas tropas de clareou-se a favor das resoluções da Assembléia e deu, assim, o contagioso exemplo da indisciplina que, por já ter sido favorecido pelo êxito durante a revolução anterior, se tornava mais perigosa. Os jornais, que mais do que nunca iam revelando suas tendências republicanas, envenenavam a população.

Em todas as suas proclamações, o Imperador invectivava as intenções ambiciosas dos deputados, que mascaravam de liberalismo seus planos egoístas e queriam fundar sua prosperidade pessoal sobre os destroços da Pátria. Nesse meio-tempo, a Comissão encarregada de elaborar a Constituição deu por finda a sua tarefa, apresentando um “Projeto de Constituição para o Império do Brasil” à Assembléia Constituinte e Legislativa, como se chamavam as duas Câmaras reunidas, para evitar o nome odioso de Cortes. Embora o Imperador o tenha, depois, rejeitado, na essência, condiz com o que jurou a 25 de março de 1824. Parece-me seu período de teor, pois foi publicada no ínterim em muitas revistas européias.<sup>50</sup>

49 Até julho de 1823, durou a Guerra da Independência na Bahia. Cachoeira insurgiu-se a 25 de junho de 1822 e as hostilidades contra os portugueses principiam no dia 28. Formou-se no núcleo cachoeirense um Exército Libertador, sob o comando de Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, futuro Visconde de Pirajá, constituído de milicianos e patriotas da Bahia e províncias vizinhas. Em julho de 1822, Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque começou a bloquear a capital da Bahia, onde se encurralara a forte guarnição lusa, composta de veteranos da Guerra Peninsular, sob o comando do General Madeira, apoiados pela esquadra. Até 27 de outubro de 1822, chefiou as tropas brasileiras o Coronel de Cavalaria de Milícias, depois Brigadeiro do Exército e futuro Barão de Belém, Rodrigo Antônio Falcão Bulcão. Nessa data, nomeado pelo Governo do Rio de Janeiro, assumiu o comando o General Pedro Labatut, que a 21 de maio de 1823 foi deposto e preso pelo Coronel Felisberto Gomes Caldeira. O comando coube a 27 de maio ao Coronel José Joaquim de Lima e Silva, no Segundo Reinado Visconde de Magé. O bloqueio de S. Salvador tornou-se mais apertado quando Lorde Cochrane veio com seus navios de guerra e a esquadilha do heróico oficial de Marinha João de Oliveira Botas pôde desenvolver melhor a sua ação de inquietar constantemente o inimigo. Tornando-se insustentável a situação da praça, o General Madeira embarcou as famílias portuguesas no dia 12 de julho e o seus 6 mil veteranos na madrugada do dia 2 de julho de 1823, evacuando-a completamente, depois de licenciar os 4 mil milicianos brasileiros às suas ordens. Às 11 horas da manhã de 2 de julho, a esquadra portuguesa fez-se de vela: 30 navios de guerra comboiavam 41 mercantes. A frota de Lorde Cochrane capturou alguns. As tropas imperiais entraram triunfalmente na cidade à uma hora da tarde.

Os principais combates travados durante esse ano de luta foram os de Itaparica e de Pirajá.

50 O projeto de Constituição do Império adotado pelo Imperador, outorgado à Nação e jurado a 25 de março de 1824, com a solenidade perpetuada na famosa tela de Debret, foi redigido por José Joaquim Carneiro de Campos, depois Marquês de Caravelas, nascido na Bahia a 4 de março de 1768 e falecido no Rio de Janeiro a 8 de setembro de 1836.

As brilhantes vitórias das tropas imperiais nas províncias do Norte e a conquista da Bahia deram novo ânimo ao Imperador e o induziram a tomar, contra o partido demagógico da capital, medidas mais agra dá ve is ao seu or gu lho pes so al do que as inú te is ne go ci a ções a que se vi ra ob ri ga do, ao prin cí pio, pe las cir cun stân cias. O Ge ne ral Ma de i ra, co man dan te das tropas portu gue sas na Bahia, embarcou nos primeiros dias de julho com todos os corpos às suas ordens, deixando o porto com importantes perdas, porque vários navios foram, à saída da barra, capturados como boa presa pela esquadra corsária de Lorde Cochrane.<sup>51</sup> No fim do assédio, efetuado por terra pelo General Lima,<sup>52</sup> a cidade esta va em si tu a ção mu i to crí ti ca. Mu i tos mil ha res de seus ha bi tan tes a tin ham e va cu a do à for ça ou volun ta ri a men te, fugindo à absoluta falta de ví ve res re i nan te. O Ge ne ral Ma de i ra, que co man da va uns 2.500 homens em face das forças dos chefes im pe ri a is que con ta vam mais do duplo desse efetivo,<sup>53</sup> viu-se finalmente em apertadíssimo cerco. Não po den do es pe rar au xí lio de fora, re so l veu em bar car para Por tu gal, car re ga do com o butim da cidade saqueada, apesar de se ter, durante muito tempo, in ti tu la do se u pro te tor e de fen sor.

Lorde Cochrane contentou-se em tomar alguns navios de transporte, sem se empenhar a fundo em nenhuma ação séria contra a Armada por tu gue sa, de a cor do com seu ve lho prin cí pio de fa zer a guer ra como uma espécie de especulação comercial, cuja su pre ma fi nal i da de é con se gu ir o maior lucro com o menor prejuízo possível.<sup>54</sup> É curioso, porém, que a frota portuguesa de guerra não tenha procurado atacá-lo, para abrir caminho aos navios de transporte, pois era muito mais forte do que os barcos de corso de Lorde Cochrane. O Maranhão e o Pará, onde havia fracas guarnições lusas, foram logo depois tomados, sem derramamento de sangue. Em recompensa aos seus serviços, Lorde Cochra ne foi ele va do a Mar quês do Ma ra nhão.

Com exceção de Per nam bu co, que con ser va va sem pre la ten te seu velho espírito republicano, todas as Províncias do Norte estavam, pois, sob o ce tro im pe ri al. Na ca pi tal, pelo con trá rio, a agi ta ção dos espí ri tos

51 Transportes *Conde de Peniche, Bizarria e Leal Português*.

52 O então Coronel Joaquim de Lima e Silva, futuro Visconde de Magé, nascido a 26 de junho de 1787 e falecido a 24 de agosto de 1855.

53 As tropas imperiais numeravam, segundo cálculo de Rio Branco, cerca de 15 mil homens. O General Madeira dispunha de 10 mil, 6 mil veteranos lusos e 4 mil milicianos.

54 Só a fragata *Niterói* perseguiu a esquadra portuguesa em retirada até à vista do estuário do Tejo.

crescia cada vez mais. No Congresso, o chamado Partido Liberal, que o Governo rotulava em suas proclamações com o odioso nome de demagogos, procurava limitar o mais possível o poder do Monarca. Parte das tropas tinha sido subordinada. Lançava-se a inquietação no seio do povo com o boato de negociações da Corte com Portugal, ao que a chegada do Conde do Rio Maior deu certa verossimilhança.<sup>55</sup> Nesta contingência, o Imperador procedeu de modo muito prudente.

A fim de reconquistar a popularidade, recusou comunicar-se de qualquer modo, não só com o citado mediador, como com o General Luís de Oliveira Pinto, vindo ao Rio, pela Bahia, na mesma qualidade, porque ambos não estavam credenciados para reconhecer a Independência do Brasil como base para qualquer negociação. Os emissários transmitem o pensamento do seu Rei e o deles próprios de que a abolição das Cortes portuguesas seria bastante para aplinar a maioria dos obstáculos com trários à união dos dois Reinos. Tal argumento, como era compreensível, não podia encontrar grande aceitação naquela época, pois, se as Cortes portuguesas eram odiadas por terem conservado o Brasil na antiga dependência colonial, mais odiado seria ainda um governo absoluto. O Ministério e a Assembléia fizeram com que D. Pedro mandasse logo o Conde do Rio Maior de volta a Portugal. Não houve ao mesmo tempo uma troca de correspondência. O Imperador recusou-se até a receber cartas particulares de seu pai e de outras pessoas de sua família. O Conde regressou a Lisboa, sem que se dignasse dar-lhe uma resposta por escrito.<sup>56</sup>

55 A missão do Conde de Rio Maior no Rio de Janeiro foi consequência do golpe absolutista vitorioso em Portugal, que se conhece na história com o nome de Vilafrancada. Ele trazia uma carta de D. João VI a D. Pedro I, comunicando que o Rei se achava livre da nefasta influência das Cortes, restituído à plena soberania, e pedia a cessação das hostilidades por parte do Brasil. Era uma tentativa de tornar a reunir o que fora separado pelo grito do Ipiranga e o sangue derramado na Bahia.

Rio Maior chegou ao Rio de Janeiro a 17 de setembro de 1823, na corveta *Voadora*. Antes de sua chegada, o brigue-correio *13 de Maio*, que deixara o Tejo a 10 de julho de 1823, aportara à Bahia com outro enviado, que precedia Rio Maior, o Marechal-de-Campo Luís Pinheiro de Oliveira Pinto da França, que o Governo Provincial obrigou a vir para o Rio, embora bastante doente. Aqui esteve em custódia na casa do Dr. Garcez, à Rua da Glória, com sentinela à vista. Sua presença provocou agitados debates no seio da Constituinte. Era um veterano da campanha contra Junot, nascido em 1777, pai do 2º Conde da Fonte Nova. O brigue-correio *13 de Maio*, por coincidência, fora o navio que levara ao Reino o Conde dos Arcos demitido e preso.

Antônio de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa, 2º Conde do Rio Maior, diplomata português, era neto do Marquês de Pombal e irmão do Duque de Saldanha, nasceu em 1776 e faleceu em 1825. Acompanhou D. João VI, quando veio e quando regressou. Depois da Abridada de 1824, que destruiu os resultados da Vilafrancada de 1823, seguiu com D. Miguel para o seu exílio em Viena d'Áustria, onde morreu, contribuindo para isso os seus grandes desgostos.

Sua missão foi considerada como uma tentativa de recolonização e provocou grande celeuma. D. Pedro recusou-se a receber os emissários, mandou apresar a corveta *Voadora* e fê-lo voltar a 2 de outubro de 1823 no brigue-correio *13 de Maio*.

56 Vide nota anterior.

Enfim, um caso sem importância forneceu ao Imperador a oportunidade favorável de que carecia para dissolver a Constituinte, cuja maior parte não queria ceder à sua vontade. Um farmaçutico residente na Rua Direita foi assaltado e maltratado em sua própria casa por alguns oficiais do Exército. Pela Constituição, esse atentado contra a segurança pessoal era um crime digno do mais pesado castigo. Como, porém, nem a polícia quis intervir no assunto, nem as autoridades militares tomaram conhecimento da queixa apresentada pela vítima, esta se dirigiu à Assembléia-Geral. Após animados debates sobre a competência da mesma na matéria, o Deputado Antônio Carlos de Andrada propôs que, se se provasse o delitodos acusados perante os tribunais comuns, deviam ser banidos do país.<sup>57</sup>

Durante essa tumultuosa discussão, na qual tomou o mais vivo interesse o povo das galerias, o Imperador se encontrava no Paço da Cidade, onde todos os Ministros lhe levaram seu pedido de demissão. O inesperado acontecimento e a agitação popular nas vizinhanças do Palácio fizeram com que ele decidisse à noitinha voltar a S. Cristóvão, aonde convocou em torno de si as tropas com cuja lealdade podia contar.

Alguns dias mais tarde, a 12 de novembro, tendo-as passado em revista e assegurado de sua boa disposição, o Imperador mandou por alguns emissários exigir da Assembléia-Geral a expulsão de grande número de deputados demagogos. Esta respondeu-lhe, declarando-se em sessão permanente e decretando a retirada das tropas estrangeiras à disposição de 10 horas do Rio de Janeiro. Em vão, por meio de reiteradas mensagens de seu novo Ministério, tentou o soberano induzir a Assembléia a ceder à sua vontade, dissolvendo-se voluntariamente. Os ânimos achavam-se por demais exaltados para da remouvidos à voz da prudência. Provavelmente, os membros da Assembléia contavam com a eficaz colaboração do povo, no caso de medidas violentas, mas nisso redondamente se enganaram, tanto que, quando D. Pedro, por volta das 2

---

57 Trata-se do português Davi Pamplona Real, natural dos Açores, estabelecido com uma botica na Rua do Piolho nº 15, atual da Carioca, a quem alguns oficiais do Exército, portugueses natos que haviam aderido à Independência, atribuíram a autoria de artigos insultuosos aparecidos no jornal *Sentinela*. Na noite de 5 de novembro de 1823, o Sargento-Mor José Joaquim Januário Lapa e o Capitão Zeferino Pimentel Moreira Freire o agrediram violentamente. O fato, explorado pela imprensa e no seio da Constituinte, à qual o ofendido levou a sua queixa, provocou celeuma e agitação. O Ministério, formado a 17 de julho por Carneiro de Campos, demitiu-se. Vilela Barbosa organizou outro em sua substituição no dia 19. O incidente foi a gota de água que fez extravasar o vaso muito cheio. A ele seguiu-se a dissolução da Constituinte. O tumultuoso debate a que se refere o autor foi a 10 de novembro de 1823.

horas, entrou na cidade, à frente de uns 500 homens, não encontrou a menor resistência.

A Assembléia Constituinte foi dissolvida por um decreto que o ajudante do Imperador entregou ao seu Presidente. Os irmãos Andrada e mais alguns colegas foram presos. A cidade pôs luzes acesas e três notáveis guias.<sup>58</sup>

Não posso deixar passar a ocasião sem um paralelo entre a conduta digna desta Assembléia e a da que ela que, na Metrópole, amecida de semelhança a catástrofe, procedeu com tal baixeza e tão covarde duplicidade que não há exemplo na história. A Constituinte do Rio de Janeiro conservou, até o momento de ser dissolvida pela força, o perigo do direito do livre debate para a discussão dos mais importantes assuntos. Os deputados falavam da mesma maneira irreverente usada antes, embora não desconhecêssem a iminência do perigo e que tudo havia a temer da violência do Imperador.

Quando o decreto ordenando a dissolução foi comunicado à Assembléia, o Presidente mandou copiá-lo no livro de registro, como de praxe, votando-se, ao mesmo tempo, sobre o protesto contra esse procedimento arbitrário, por mais que o momento e as circunstâncias aconselhassem o mais rápido afastamento de todos. Somente depois desses atos, a Assembléia se declarou encerrada e, então, cada qual tratou de subtraí-la da melhor forma possível ao ressentimento do Monarca.

Quando, na primavera de 1827, o Exército Apostólico se aproximou de Lisboa, as Cortes se ocuparam com as mais desprezíveis bagatelas, sobre o traje, a ordem dos trabalhos e assim por diante, evitando cada um, por absoluta covardia, referir-se aos interesses gerais que perigavam e em poucos dias se retiraram para os seus países. Em todos os debates daquele tempo se mostraram os esforços da Assembléia para arranjá-la uma saída. As baionetas inglesas sustentaram algum tempo a Constituição Portuguesa. Mas lhe faltou a proteção estrangeira, ela caiu. Como

58 Os corpos da guarnição do Rio de Janeiro receberam ordens de prontidão e concentração em S. Cristóvão na noite de 10 de novembro de 1823. No dia 12, pela manhã, as tropas tomavam posições em várias ruas e o Imperador dissolvia a Assembléia-Geral Constituinte, mandando prender os Deputados José Bonifácio, Martim Francisco, Antônio Carlos, Montezuma, Belchior Pinheiro, José Joaquim da Rocha com seus 2 filhos e os irmãos Meneses Drummond, deportados a 20 de dezembro para a França na charrua *Lucônia*. Outros deputados presos, como Vergueiro, Muniz Tavares, Carneiro da Cunha, Alencar, Andrade Lima, Xavier de Carvalho, Henrique de Resende e Cruz Gouveia foram logo postos em liberdade.

O Imperador fez um manifesto à Nação, explicando as razões que o haviam forçado à dissolução da Assembléia e declarando que convocaria outra para examinar um projeto de Constituição a ser apresentado.

esperar dos membros dum Congresso, cuja covardia e fraqueza já se tinham evidenciado, aquela energia necessária para defender seus princípios, tanto contra a vontade do Regente como contra a do povo, ao qual se queria impingir-los?

No Brasil, o caso foi inteiramente diverso. A Constituição nasceu da alma do povo. Por isso, resistirá até que outros acontecimentos tragam ou troquem o sistema político.

D. Pedro, certamente mais inclinado do que qualquer soberano europeu ao Governo absoluto, tão irresistível que os monarcas de todos os tempos e nações lhe têm sacrificado sossego, gozos e até a própria vida, com preceito, contudo, que seu trono não poderia dispensar o sustentamento dum base constitucional. A primeira Assembléia fora dissolvida sem alcançar o seu fim, deixando um projeto de Constituição como único vestígio de sua existência. Seus elementos se dispersaram para todos os lados na imensidão do país, sendo de recear que o espírito de rebelião que os animara reunidos, encontrasse nas províncias solo propício para se desenvolver, produzindo a anarquia e sanguinária guerracivil.

O Imperador convocou, portanto, nova Assembléia Nacional, para lhe apresentar a Constituição, por ele modificada. Como esta só reunia parte dos representantes de todo o país, que não permitiu às províncias mais distantes enviarem os seus, abriram-se em todas as cidades registros, nos quais se votaria sobre a aceitação da Constituição. A maioria da capital era decididamente a seu favor. Nas províncias, pelo contrário, os votos estavam muito divididos.

A 11 de dezembro de 1823, a Constituição foi apresentada ao Senado da Câmara do Rio de Janeiro e assinada pelos Ministros e pelo Conselho de Estado.<sup>59</sup> A 25 de março de 1824, solememente jurada pelo Imperador.<sup>60</sup>

Perambuco era então a única província que não reconhecia a autoridade imperial. O brasileiro nato, Carvalho<sup>61</sup> aproveitou o antigo espírito republicano de sua capital para se colocar à testa dum revolução, destinada a instituir uma Confederação, no Norte do Brasil. Amea-

59 Nessa data, terminou no Conselho de Estado a discussão do projeto de Constituição apresentado por Carneiro de Campos a mando do Imperador.

60 Na Capela Imperial.

61 Manuel de Carvalho Pais de Andrade.

çado pelo Governo decidiu-se a defender a independência da província de ar mas na mão. A po si ção na tu ral da ca pi tal, ao lado do mar, pro te gi da de qualquer ataque por um penhasco ou recife, do qual lhe veio nome, com fortificações em muito bom estado, a tornavam como que inexpugnável. Apesar disso, não resistiu muito tempo aos ataques combinados do General Lima,<sup>62</sup> que, com mais ou menos 2 mil ho mens, di ri giu o assédio por terra, enquanto o Marquês do Maranhão bloqueava o porto.<sup>63</sup> As tropas de Carvalho eram mal disciplinadas, grande parte da população fugiu e o espírito republicano ia minguando à proporção que o perigo se aproximava. Após curto bombardeio, a cidade rendeu-se. Carvalho refugiou-se a bordo dum navio inglês.<sup>64</sup> O General Fer re ira, com par te da guar ni ção, re ti rou-se para o in te ri or.<sup>65</sup> Outros cabecilhas do movimento foram presos, levados para o Rio e ali supliciados. Lima ficou em Pernambuco como Governador e Co man dan te das Armas.<sup>66</sup>

Por esse mesmo tempo, um caso de outra espécie encheu os ânimos de ex e cra ção e te mor. Fe liz men te, não teve ma i o res con se quên cias. O General Felisberto Caldeira (irmão do Marquês de Barbacena), Governador da Bahia, foi morto pelas suas próprias tropas. Um bata lhão da guarnição, conhecido pelo nome de Periquitos e mal afamado por sua ra pi na gem e in dis ci pli na, re ce be or dem para vol tar ao Rio de Ja

62 O Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, depois Regente do Império, pai do Duque de Caxias.

63 Cochrane iniciou o bloqueio em agosto. Maria Graham, que se achava no porto, a bordo do paquete inglês *Falmouth*, entrevistou-se com ele e procurou servir de intermediária com os revoltosos. A 12 de setembro passou o comando do bloqueio ao Chefe de Divisão David Jewett. Nesse mesmo dia, os tropas imperiais do Brigadeiro Lima e Silva começaram a sua marcha ofensiva, partindo do engenho Suaçuna.

64 Lima e Silva fixou o mal organizado e comandado exército rebelde de José de Barros Falcão de Lacerda na linha dos Guararapes e, por meio de ousada marcha de flanco, desbordou-o, tomando a ponte do Motocolombó, sobre o rio Jaboatão, e ocupando na sua retaguarda os fortes das 5 Pontas, de Santo Antônio, do Brum, do Buraco e do Picão, de modo a dominar o Recife. Na noite de 12 de setembro, Manuel de Carvalho Pais de Andrade, Presidente da efêmera Confederação do Equador, refugia-se a bordo da fragata inglesa *Tweed*. Seu exército, repellido por toda a parte, retirava para Olinda, onde cessou fogo a 14 de setembro. Houve ainda alguma resistência no bairro do Recife, a 16, que um desembarque de marinheiros e soldados logo dominou. Na manhã de 17, as forças legais ocupavam Olinda.

65 O autor faz confusão de nomes. O único Ferreira da Confederação do Equador era Gervásio Pires Ferreira, que não comandou tropa alguma. O que se deu foi o seguinte: os remanescentes das tropas batidas e capturadas retiraram-se, após a perda do Recife e de Olinda, para o sertão paraibano, perseguidos e constantemente batidos pelo caminho, em Couro d'Anta e no Agreste, sob o comando de José Gomes do Rego Cazumbá. Procuravam atingir o interior do Ceará, onde a revolução fora ateadada por Tristão Gonçalves de Alencar e José Pereira Filgueiras. Alencar foi, no entanto, batido e morto na várzea de Santa Rosa, a 31 de outubro. A 8 de novembro, Filgueiras depunha as armas no Crato, e a 28, cercados por Lamenha Lins no Engenho de Juiz, perto de Missão Velha, também no Ceará, entregavam-se os derradeiros rebeldes. O autor, naturalmente, como alemão, ouvindo contar os fatos no Rio ou lendo-os nos jornais da época, confundiu Filgueiras com Ferreira.

66 A Revolução de 1824 em Pernambuco, que proclamou a Confederação do Equador, englobando Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, durou pouco. O seu Manifesto foi dado a lume a 2 de julho, seu governo constituiu-se a 2 de agosto, seu chefe fugiu a 12 de setembro e seu derradeiro vestígio se apagou a 28 de novembro, tudo do mesmo ano.

neiro. Ao invés de obedecer, os soldados penetraram no Palácio do Governador, assassinaram o pobre Felisberto e tentaram se apoiar da cidade. Mais pela persuasão do que pela força, por fim foram levados a embarcar. O mais singular é não ter sido esse batalhão dissolvido, nem os assassinos castigados, apesar de se dizer que foram os próprios oficiais que aliciaram as praças para perpetrarem o crime.<sup>67</sup>

Em princípio de 1825, o Governo Imperial parecia bastante firme em todas as partes do imenso país, embora Ferreira ainda se agüentasse no Norte, apoiado secretamente pelos grandes fazendeiros, que, inficionados pelo exemplo próximo dos Estados Unidos, desejavam uma constituição republicana.<sup>68</sup> Vários anos de seca haviam privado as províncias nordestinas a tal ponto de meios de subsistência que era impossível às tropas imperiais operarem nos sertões.<sup>69</sup> Ambos os partidos, portanto, se limitaram a uma luta de guerrilha, cujos resultados se desconhecem. Ao sul, pelo contrário, as desordens tiveram caráter mais sério. Desde 1817, Montevidéu estava na posse dos portugueses. Em 1822, o General Lecor, Barão da Laguna, declarou a província parte integrante do Império sob o nome de Cisplatina, de pois que as tropas do General Álvaro da Costa, que ao princípio a tentou com ser var para a Metrópole, parcialmente se dissolveram.<sup>70</sup> É na realidade muito improvável que os habitantes espanhóis dessa província desejassem realmente se unir ao Brasil, tendo-se em vista o ódio

67 Já explicamos todos esses fatos em nota anterior.

68 Como se viu, Filgueiras entregou-se em novembro de 1824.

69 A seca de 1825, que devastou os sertões nordestinos. Além da seca, alastrou terrível epidemia de varíola. Correram vozes de que houve até casos de antropofagia. Falou-se disso na Câmara dos Deputados. Um terço da população morreu de fome e da peste. Regiões inteiras ficaram desertas. A guerra civil e os salteadores aumentaram ainda a miséria e os sofrimentos da população sertaneja. Além disso, já o inverno de 1824 fora bastante escasso.

A primeira seca do Nordeste de que há notícia é a de 1614.

70 Carlos Frederico Lecor, Barão e depois Visconde da Laguna, nasceu em Lisboa em 1767 e faleceu no Rio de Janeiro a 3 de agosto de 1839. Comandou uma divisão na Guerra Peninsular sob as ordens de Wellington. Em 1816, à frente dos chamados Voluntários Reais, invadiu a Banda Oriental e ocupou Montevidéu, incorporando essa cidade e o território do Brasil pelo Tratado entre ele e os Deputados ao Congresso Oriental, assinado a 31 de julho de 1821. Lecor, à frente das tropas luso-brasileiras, chagou a Pando a 19 de janeiro de 1817 e o Governador de Montevidéu, Miguel Barreiro, fugiu para Canelones. O aguazil-mor, Agostinho Estrada, e o vigário, Dâmaso Antônio Larranaga, vieram conferenciar com ele em nome do Cabido ou Municipalidade, que estava resolvido a recebê-lo com todas as honras. Nesse interim, um destacamento de Marinha se assenhoreava do porto, ocupando o forte dos Ratos. A 20 de janeiro de 1817, Lecor entrou na capital uruguaia debaixo de pãlio e recebeu as suas chaves das mãos do Síndico Bianqui. As forças do General Sebastião Pinto guarneceram as fortificações e as do General Bernardo da Silveira, os subúrbios.

Desde essa data, Lecor era Capitão-General Governador da Cisplatina. Ao proclamar-se a Independência, optou pelo Brasil.

A 21 de outubro de 1823, travou-se em Montevidéu um combate naval entre lusos e brasileiros. Estes, comandados pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Pedro Antônio Nunes, tiveram a vitória. Dias depois, o General Álvaro da Costa, que comandava a guarnição fiel à Metrópole, propôs a sua evacuação, que se realizou mediante convenção assinada entre ele e Lecor a 18 de novembro seguinte.



existente entre castelhanos e lusos. Mas, como ingenuamente escreve um autor francês, Dufey,<sup>71</sup> o nosso Direito das Nações tem tão grande necessidade de amparo jurídico que todo reconhecimento dele, embora de origem na força, implica num título para esta belicosa nação de deveres aos súditos. Tal princípio não convencia os habitantes da Banda Oriental. A cidade de Montevidéu, onde havia uma guarnição brasileira, permaneceu tranqüila; porém, em volta dela reinava constantemente o estado de insurreição, que, em breve, forçou as tropas imperiais a se encerrarem no perímetro urbano, cujas fortificações, em tempos arrasadas pelo General Rondeau,<sup>72</sup> tinham sido restauradas. Lavalleja achava-se à testa dos insurretos. Precisando de apoio, procurou o da República de Buenos Aires, cujo governo ofereceu a princípio publicamente, mas às ocultas sempre o auxiliou, deixando mais tarde cair a máscara e declarar a Banda Oriental incorporada à Confederação Argentina.<sup>73</sup>

Na capital do Império, pouca importância se deu de início às desordens daquela região.<sup>74</sup> Só quando o General Frutuoso Ribeiro, no estilo da imprensa local, imbuído de epitetomania, apelidado de *o Traidor*, se passou para os rebeldes com cerca de 800 soldados da guarnição da Cisplatina e bateu a campainha até as portas de Montevidéu, se tommaram medidas sérias para conservar essa província do Império. Desde que ela formava uma parte integrante do Brasil, a honra nacional e um dispositivo especial da Constituição exigiam a sua conservação do melhor modo possível.

Considerando a matéria do ponto de vista da prudência, teria sido melhor, no entanto, que nela o Imperador tivesse mostrado a mesma

71 Pedro José Esperidião Dufey, publicista francês, nascido em 1770 e falecido em 1854. Jornalista, fundou os periódicos *Le Nain Jaune* e *Le Nain Tricolor*, o *Anão Amarelo* e o *Anão Tricolor*. Atuou também como advogado. Suas obras principais são: *Memorial politique, littéraire et industriel, L'Europe et la France en 1792 et en 1815, Des Assemblée aux Champs de Mars, Confessions de Napoléon, Histoire, actes et remontrances des Parlements de France, Napoléon e la Grande Armée, Dunois, Coligni, Nouveau Dictionnaire Historique des environs de Paris, Histoire des Communes de France e La Bastille*.

72 O General José Rondeau, embora nascido na Argentina, desempenhou notável papel na história do Uruguai. Era Coronel em 1811, quando D. Diogo de Sousa, 1.º Conde do Rio Pardo, fez a sua Expedição Pacificadora à Banda Oriental. A 17 de junho daquele ano, ele intimava sem resultado o general português a não atravessar o rio Jaguarão. Em 1828, foi eleito Presidente da jovem República Oriental do Uruguai, cargo a que renunciou em 1830, sendo substituído por Lavalleja. Deixou uma *Autobiografia*.

73 A nota do Ministério das Relações Exteriores da República das Províncias Unidas do Rio da Prata (Argentina), anunciando ao Brasil a incorporação da Cisplatina, já em revolta contra o Império, votada pelo Congresso na sessão de 25 de outubro de 1825, foi datada de 3 de novembro do mesmo ano. Declarava prover à defesa e segurança da evacuação das guarnições brasileiras. O Império respondeu com a declaração de guerra de 10 de dezembro. A paz só se firmaria com a independência do Uruguai, outorgada pelo Brasil, a 27 de agosto de 1828.

74 O famoso desembarque dos 33 patriotas que acompanharam o Caudilho Lavalleja e iniciaram o movimento da independência na praia da Agraciada, na Cañada de Gutierrez. Aliás, averiguações posteriores demonstraram que eram 34.

moderação de mais tarde, quando após a batalha de Ayacucho a província espanhola de Chiquitos quis se unir ao Brasil, desautorizando e reprovando como ilegal, publicamente, o ato do Governador de Mato Grosso que dela tomou posse.<sup>75</sup>

Com grandes sacrifícios, mandaram-se tropas e petrechos de guerra para Montevidéu. A tensão com a República Argentina aumentou continuamente até se travar uma guerra dispendiosa. As armas imperiais falharam de encontro à bruta valentia e ao sistema de guerrear dos gaúchos, para o qual não tinham sido adestrados. O Batalhão do Imperador foi atacado de emboscada no Rincão das Galinhas e quase aniquilado.<sup>76</sup> Era necessário abastecer Montevidéu por mar com enormes despesas. As finanças do Estado se debilitaram, sem resultado favorável para a guerra.

Nesse crítico momento, o Marquês do Maranhão deixou o serviço imperial. Surtiu na baía do Rio de Janeiro a bordo da fragata *D. Pedro* e exigiu a imediata venda das presas portuguesas existentes no porto, para seu pagamento e de sua gente. Depois de alguns dias de trocas de mensagens para lá e para cá, seguiu na fragata *Piranga* para o Maranhão, onde tirou do erário 400 mil cruzados e regressou à Inglaterra. Dali a *Piranga* tornou ao Rio de Janeiro, mas todos os oficiais estrangeiros tinham deixado o navio com seu Almirante, o que muito desgostou a D. Pedro, porque a guerra com Buenos Aires pareceria inevitável e já estava resolvido o bloqueio do rio da Prata.

Por esse tempo regulamentaram-se as relações com Portugal, graças à mediação inglesa, e a perspectiva dessa próxima paz talvez fosse a principal razão por que Lorde Cochrane se sentiu induzido a deixar o serviço do Imperador. Desde muitos meses, estava em completa desarmonia com o Ministério. A coisa chegava ao ponto de nem ao menos fazer comunicações oficiais ao Ministro da Marinha, correspondendo-se

---

75 Alude ao fato conhecido na nossa história diplomática como o Incidente de Chiquitos. Calógeras considera "infeliz iniciativa" essa de Carvalho de Melo, convidando o governador das províncias bolivianas de Chiquitos, Moxos e Santa Cruz de la Sierra a se unirem ao Brasil. As autoridades de Mato Grosso ocuparam indevidamente aqueles territórios; mas, logo que o fato chegou ao conhecimento do Governo Imperial, este se apressou em ordenar a restituição e evacuação imediatas. No próprio ano de 1823, em que ocorreu, o incidente ficou inteiramente encerrado.

76 Não é verdade. O Batalhão do Imperador, de guarnição em Montevidéu, nunca dali saiu. O Combate do Rincão de Haedo ou das Galinhas, a 24 de setembro de 1825, foi uma emboscada, posta pelos uruguaios nessa pequena península entre os rios Negro e Uruguai, a dois desalcados regimentos de cavalaria de Milícias, o 24<sup>a</sup> e o 25<sup>a</sup>, compostos de índios guaranis missionários, que ali vinham mudar de cavalos. O Rincão servia de invernada às cavalhadas do Exército Imperial. Tomados de surpresa, os guaranis foram derrotados, perecendo em combate como um bravo, o jovem Coronel José Luis Mena Barreto.

so mente com o Mo nar ca, úni ca pes soa de quem re ce bia or dens pes so a is e di re tas. Até cer to pon to, é pos sí vel jus ti fi car seu com por ta men to. Re tardavam a venda das presas portuguesas propositalmente, porque diversos membros do Tribunal de Presas ou tinham interesses nelas ou defendiam os de seus parentes e amigos, que os dispunham a medidas mais brandas.<sup>77</sup> Em bo ra Por tu gal e o Bra sil es ti ves sem em guer ra, nem todas as ligações comerciais tinham sido cortadas e os prejuízos recaíam tanto sobre portugueses como sobre brasileiros, se todos os bens reclamados por Lorde Cochrane fossem confiscados. Assim, revolve ram-se céus e terras para impedir um procedimento enérgico, o que se conse gui u com a ve nali da de re i nan te nos tri bu na is. O no bre lor de viu-se na contingência de perder grande parte de suas presas, capturadas com mu i to tra ba lho. To mou ra pi da men te a sua re so lu ção e de i xou o Bra sil, a fim de pro cu rar novo cam po para a sua ati vi da de ou, se pre fe ri rem, para as suas especulações. Poder-se-á levar a mal que se tenha feito pagar de qual quer modo?

A 18 de julho, chegou ao Rio de Janeiro, Sir Charles Stuart, come çan do ime di a ta men te em S. Cris tóvão suas ne go ci a ções com a pre sen ça do Im pe ra dor. No dia 7 de se tem bro, pu bli cou-se que o em ba i xador inglês trouxera o reconhecimento da Independência do Brasil em nome de Portugal. Fixou-se o prazo mais curto possível para a tro ca de ra ti fi ca ções do tra ta do e a ci da de pôs lu mi nárias du ran te vá ri as no ites.<sup>78</sup>

O im por ta nte a con te ci men to não foi re ce bi do pelo povo com o en tu sia smo es pe ra do pela Corte. Não só invejavam ao bom Rei D. João VI o título vazio de Imperador do Bra sil, que se re ser va ra, como a parte mais instruída da população receava, nessa acomodação com a Mãe Pátria, a existência dos germens de novos laços de sujeição. A personalidade de D. Pedro e a perspectiva de ter um dia as duas coroas jus ti fi ca vam um tan to es se te mo res. De mais, as re cí pro cas in de ni za ções de guerra, estipuladas no tratado, evidentemente resultariam a favor de

77 O Tribunal de Presas compunha-se de 13 membros, dos quais 4 brasileiros, e fora criado em novembro de 1823, pelo Ministro da Marinha Vilela Barbosa. Sobre ele, escreve um historiador: "O Governo, para não sacrificar os interesses vis dos traficantes lusos, não havia pago à maruja da esquadra as quotas devidas e a que fazia jus pelos apresamentos feitos ao comboio e frota inimigos." Isto concorda em gênero e número com o que diz o autor.

78 O Tratado de Reconhecimento da Independência foi assinado no Rio de Janeiro, a 29 de agosto de 1825. A 15 de novembro do mesmo ano, saiu a Carta de Lei de D. João VI transmitindo a D. Pedro os seus direitos sobre o Brasil, reconhecendo a independência do Novo Império e reservando-se o título de Imperador.

Portugal. E a Inglaterra se fez pagar regiamente pelo officio de medidadora, com grandes concessões commerciaes.

A situação das finanças não era satisfatória. Numa cidade commercial como o Rio de Janeiro, a baixa do crédito público exerce de cisaiva influência na opinião geral. Todo o dinheiro de contado fornecido pela Casa da Moeda<sup>79</sup> se empregava no pagamento das tropas no Sul e dos petrechos bélicos. Na capital, quase unicamente se viam papel-moeda e cobre.

A 12 de outubro, aniversário da Aclamação, o Imperador reuniu todas as tropas da guarnição no Campo de Santana, as quais, incluindo as milícias, numeravam uns 10 mil homens. Foi a última vez que os habitantes da capital vieram juntas forças tão importantes, por que pouco tempo depois, forçado pelos desastres do Sul, o Imperador teve de mandar reforçar Montevidéu por seus melhores batalhões. No mesmo dia, se publicaram muitos decretos de criação de títulos nobiliárquicos, com os quais o Monarca obsequiava grande quantidade de pessoas e mais firmemente as prendia aos interesses da Coroa. Contudo o auxilio de poucos contra muitos é sempre duvidoso, podendo-se mesmo presumir que ele tenha ofendido maior número de grandes fazendeiros e proprietários, que não no meo, do que adquirido no vosdefensores da Monarquia com os poucos lisonjeados na sua vaidade. A maioria dos contemplados com essa honra se compunha de pessoas da intimidade do Soberano. Ministros, generais e cortesãos foram elevados a condes e barões. Poucas semanas depois, quando todos os ministros, menos os da Guerra e da Marinha, se vieram demitidos dos cargos, verificou-se que esse brilhante galardão aos seus méritos não eximia os agraciados do desagrado imperial.<sup>80</sup>

O Marquês de Barbacena, Felisberto Brant, que voltava de uma missão à Inglaterra, onde arranjará dinheiro, assumiu a pasta da Fazenda.<sup>81</sup> Os outros ministros tinham nomes e merecimento anterior

79 Em 1643, foi estabelecida no Rio de Janeiro uma oficina para contramarcas moedas. A Casa da Moeda provisória data, porém, no Rio, de 17 de março de 1669. Em 1670, foi fechada e mandados os seus officiaes para a do Recife. A oficina monetária reabriu-se em 1703 com a volta desses técnicos. É essa officina que existia ao tempo do autor. A actual Casa da Moeda se inaugurou tão-somente a 2 de dezembro de 1858.

80 Os ministros da Guerra e da Marinha, que mais permaneceram nas pastas e aos quais se refere o autor, eram o Conde de Lajes e o Marquês de Paranaguá.

81 Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena, ministro da Fazenda e comandante do Exército no Sul, que travou a batalha do Passo do Rosário ou Ituzaingó, nascido perto de Mariana, Minas, a 19 de setembro de 1772 e falecido no Rio a 13 de junho de 1842.

desconhecidos. Ao da Guerra, Barão de Laje, reconhecia-se que tinha muito talento e que sabia conservar-se continuamente nas boas graças do Imperador, mas condenavam suas arbitrariedades. O povo e o Exército temiam-no e odiavam-no.<sup>82</sup>

Censurou-se acerbamente o envio de novos reforços a Montevideú, sobretudo porque o Imperador, entre eles, incluíra alguns corpos fracos das milícias. Como não dispunha de outra coisa para não ser esta, viu-se forçado pela urgência da situação a esse desagradável recurso. O resto compunha-se principalmente de recrutas, pobres caboclos semi-selvagens das províncias do Norte, que em breve sucumbiram ao clima a que não estavam habituados e às fadigas da guerra. Como sua passagem era paga com bilhetes da Alfândega, lia-se, alguns dias depois do embarque, à porta da mesma, este escripto: – “Aqui se recebem esmolas para misérrimas das famílias dos soldados enviados para o Sul.” A polícia fez o possível para descobrir o autor anônimo da pasquinada, sem nada conseguir.

Enquanto se esperava formal declaração de guerra a Buenos Aires, a Imperatriz alegrou o marido, dando-lhe um Príncipe. Celebrou-se o feliz sucesso com brilhantes festas. A esperada declaração de guerra deu em nada, mas as hostilidades contra a República começaram incontinenti, o que parece estranho no Brasil, onde o Governo cercou todos os seus atos de exterioridades. Os basbaques da cidade contavam com uma cavalgada de arautos e trombeteiros, e o fato de não ter havido lhes causou tanto pesar como uma derrota naval ou a perda duma batalha em terra. O Almirante Lobo<sup>83</sup> recebeu o comando da esquadra que bloqueava o rio da Prata e o General Lecor, Barão da Laguna, continuou como governador civil e militar de Montevideú.

Por esse tempo, houve singular negociação entre o embaixador inglês e o Ministério Imperial a respeito dum oficial de marinha, o Capitão T-r, que antigamente servira na esquadra inglesa e fora acusado do

82 Coronel, depois Brigadeiro, João Vieira de Carvalho, Conde e mais tarde Marquês de Laje, oficial de engenheiros de grande competência, veterano da campanha contra Artigas, tendo tomado parte na famosa batalha de Catalán. Ministro da Guerra na Independência, em 1824, em 1828 e duas vezes durante a Regência. Nove vezes ministro em outras pastas. Nasceu em Portugal, na vila de Olivença, a 16 de novembro de 1781, e faleceu no Rio de Janeiro a 12 de abril de 1847.

83 Rodrigo José Ferreira Lobo, que se bateu em Argel em 1809 e era Vice-Almirante desde 1819, 1º Comandante da Esquadra Imperial no rio da Prata, cujo bloqueio iniciou a 2 de dezembro de 1825. Comandou no Prata, em 1816, na campanha contra Artigas. Em 1817, bloqueou Pernambuco. Natural de Portugal, faleceu no Rio a 16 de dezembro de 1843.

de fraude, desertando, a fim de escapar ao inquérito judicial.<sup>84</sup> No Brasil, onde se não dá importância a coisas do passado, encontrou segunda pátria. Servindo com Lorde Cochrane, chegara ao posto de capitão-de-fragata da Armada Imperial. Seu alto merecimento, bem como seu casamento em uma das primeiras famílias do país, proporcionaram-lhe o favor do Imperador. Já era apontado por toda parte como provável comandante da Esquadra de Bloqueio do Brasil, quando a embaixada britânica comunicou, peremptoriamente, ao Governo do Brasil que todos os navios de guerra inglesa haviam recebido ordens para se apoiar e remanejar a pessoa do Capitão Taylor, logo que ele deixasse o porto. O Imperador viu-se obrigado a ceder e o oficial a permanecer em casa. A fim de compensá-lo de algum modo por esse ultraje, Sua Majestade o nomeou mais tarde Comendador da Ordem do Cruzeiro do Sul, dando com isto a conhecer o pouco caso que fazia da opinião inglesa, o que não é de estranhar em um Monarca mais inclinado a seguir as inspirações do seu capricho pessoal do que os ditames duma política estreita. Assim as condições de ordem moral não têm grande peso para D. Pedro.

Em princípios de 1826, o Imperador realizou o projeto de há muito acalentado de visitar as províncias do Norte. Embarcou na nau *D. Pedro I*, cujo comando coube ao Almirante Farinha.<sup>85</sup> A Imperatriz acompanhou-o e no séquito foi a favorita do Monarca, Dona Domitila, Condessa de Santos, que, também, alguns dias após o parto da esposa legítima, dera à luz um filho que devia ser Duque de S. Paulo, mas morreu pouco depois de nascido. Sir Charles Stuart e o General Fremantle

---

84 Trata-se do Capitão-de-Fragata John Taylor, um dos fundadores da nossa Marinha de Guerra, que comandou a *Niterói* e perseguiu a esquadra portuguesa até o Tejo, após a evacuação da Bahia, em julho de 1825. Nasceu em Greenwich, na Inglaterra, a 22 de dezembro de 1796, e faleceu no Rio de Janeiro, a 26 de novembro de 1855. Era acusado pelos ingleses de ter atacado, durante a Guerra da Independência, navios de sua pátria de origem. Por pressão da Inglaterra, fora exonerado da Armada a 7 de agosto de 1824. Reverteu, posteriormente, ao serviço ativo.

85 Manuel Antônio Farinha, Conde de Souzel, natural de Portugal, em cuja Marinha começou a servir em 1793. Quando o Príncipe Regente se trasladou para o Brasil, era capitão-de-fragata e veio como imediato da nau *Martim de Freitas*, cujo comandante D. Manuel de Meneses, a 31 de janeiro de 1808, estando a nau ancorada, ao subir ao portaló enganchou a espada nas pernas e caiu no mar, perecendo afogado. Como capitão-de-mar-e-guerra, Manuel Antônio Farinha comandou a fragata *D. Pedro* e, como chefe de Divisão, equivalente hoje a Contra-Almirante, a divisão que trouxe de Liorne a Arqui-duquesa D. Leopoldina, comboiando os navios de guerra austríacos *Áustria* e *Augusta*. Em 1821, foi Major-General da Esquadra, isto é, Chefe de Estado-Maior. Dirigiu a pasta da Marinha no Ministério da Regência de D. Pedro, sendo exonerado a 22 de outubro de 1822 e substituído por Cunha Moreira, futuro 1<sup>o</sup> Visconde de Cabo Frio. Já tinha o título de Barão de Souzel quando comandou a divisão que levou à Bahia o Imperador, içando seu pavilhão na capitânia, a nau *Pedro I* antiga *Martim de Freitas*. A 12 de outubro de 1826, foi feito Conde. Comandou, depois, a divisão naval de Santa Catarina e do Sul, bem como as fragatas *D. Francisca* e *Imperatriz*, que levaram D. Maria da Glória à Europa, acompanhada por Barbacena. Regressou trazendo D. Amélia, a segunda imperatriz. Em 1831, recolheu-se à vida privada. Reformou-se em 1832. Faleceu no Rio de Janeiro a 27 de maio de 1842. Está sepultado no Cemitério de S. Francisco de Paula, em Catumbi.

embarcaram num vapor e seguiram Suas Majestades até a Bahia, antiga capital do Brasil. Um navio de guerra inglês e outro francês comboiaram a frota imperial, composta da nau *D. Pedro I*, de uma fragata e alguns navios menores, como numeroso acompanhamento do Soberano, inclusive parte da Guarda de Honra, cujos uniformes ricos e de bom gosto condiziam com um Monarca amante do esplendor militar, mas elevava consideravelmente os gastos da viagem, pois cada soldado tinha a gradação de Coronel de cavalaria e recebia o respectivo soldo fora da cidade. Além disso, o transporte dos cavaleiros exigia mais navios que, nas circunstâncias em que se encontrava o país em guerra, podiam ser melhor empregados.

No decorso da travessia, o Imperador visitou algumas vezes o navio de guerra francês,<sup>86</sup> mas nunca foi a bordo do inglês. Condecoorou o Almirante francês. O inglês, não. E os jornais se compraziam em relatar o fato, como se Sua Majestade, com essa desatenção proposital, procurasse um desagravo à presunção do Almirante inglês, a que o Brasil era obrigado a ceder como potência marítima mais fraca.

Na ausência do Imperador, despatchava o expediente uma espécie de Regência Provisória, composta pelo Ministério, pelo Conselho de Estado e por algumas pessoas proeminentes, sob a presidência do Marquês da Palma.<sup>87</sup> Tanto eles como o povo da capital se mantiveram muito quietos durante toda a viagem imperial. Um ou outro jornal mais exaltado tomou a liberdade de se manifestar de modo a chamar a atenção pelo seu liberalismo, porque o público, havia tempo, se desacostumara dessa linguagem. Os órgãos governamentais, pelo contrário, enchiam-se com as descrições das festas realizadas na Bahia à chegada do Imperador, elogiando a boa disposição de espírito reinante nas províncias do Norte.

Um dos primeiros atos do Imperador após seu regresso, foi mandar prender o redator do periódico *O Verdadeiro Liberal*, o francês de nascimento Chappuis, recambiando-o para a Europa, sem outra forma

86 A fragata *Aréthuse* do Comandante Gauthier.

87 O Marquês de S. João da Palma, D. Francisco de Assis Mascarenhas.

de processo.<sup>88</sup> Entre as ridículas acusações publicadas contra esse jornalista pelas folhas ser vis, as seguintes são na verdade memoráveis:

1) o redator de *O Verdadeiro Liberal* tomou a liberdade de dizer que Sir Charles Stuart faria melhor cuidando de seus negócios do que caçando borboletas;

2) sustentou ser prova de brutalidade e supervisão dos habitantes do Rio de Janeiro, enforcarem todos os anos em efígie o pobre Judas, pois Deus, com toda a probabilidade, há muito tempo já lhe perdoou os pecados.

A muitos dos meus leitores, estas e outras ocorrências se melhantes parecerão mesquinhas e indignas de serem contadas. Não tenho pretensões ao cargo e dignidade de historiador. Simplesmente e sem opinião preconcebida, vou narrando os casos dia a dia como os vi. Só ao futuro está reservado pintar o panorama completo.

O Imperador também fez sentir seu desagrado ao Bispo do Rio de Janeiro, o digno Coutinho, por que se recusara a batizar pessoalmente o pequenino Duque de S. Paulo. O Bispo tomou o expediente habitual no alto clero católico: retirou-se por algum tempo da capital, esperando no fundo de sua diocese que passasse a cólera imperial. Felisberto Brant, por motivo semelhante, foi afastado do Ministério. Dizia-se a boca pequena que havia desaprovado a excessiva liberalidade do Imperador com a Condessa de Santos. É difícil saber se será ou não verdade. O fato é que perdeu a pasta da Fazenda e seguiu para o Sul como Comandante do Exército em operações.<sup>89</sup>

O Almirante Lobo foi substituído por Pinto Guedes<sup>90</sup> na chefia da esquadra que bloqueava o Prata e, de volta, encarcerado na fortaleza de S. João, acusado de suborno, aparentemente com toda a

88 Pierre Chappuis, aventureiro francês e liberal exaltado, já expulso da Espanha e de Portugal, que se refugiara no Rio de Janeiro. Dirigira, em Lisboa, o jornal *Le Regulateur*. Publicou, no Rio, o folheto *Reflexões sobre a Carta de Lei de Sua Majestade Fidelíssima o Rei D. João VI*, comentando desfavoravelmente as tratativas sobre a Independência entre o Brasil e Portugal. Fez o mesmo pelo seu jornal *O Verdadeiro Liberal*. Silva Lisboa, Visconde de Cairu, retrucou-lhe nos folhetos *Contradita a Mr. Chappuis, Inviolabilidade da Independência e glória do Império do Brasil, sustenta da apesar da Carta de Lei, Reflexões contra Mr. Chappuis*. Varnhagen afirma que o francês expulso por D. Pedro I foi uma vítima de Cairu.

89 O Marquês de Barbacena, que tinha então o posto de tenente-general, assumiu o comando do Exército Brasileiro em operações no Sul, substituindo o Brigadeiro Massena Rosado, em Santana do Livramento, a 12 de janeiro de 1827.

90 Rodrigo Pinto Guedes, barão com grandeza do Rio da Prata por Decreto de 12 de outubro de 1826, nasceu em Gradiz, Portugal, a 17 de julho de 1762, e faleceu em Paris, a 13 de junho de 1845. Comandou a Esquadra Imperial no rio da Prata, de março de 1826 a dezembro de 1828. Grande dignitário da Rosa, Grã-Cruz de Aviz e Grã-Cruz da Torre e Espada.

Assumiu o comando, substituindo a Rodrigo Lobo, no dia 12 de março de 1826.



razão, pois o bloqueio estava sendo executado com muito descuido. O próprio Imperador, com seu modo de chalacear, disse a seu respeito: – “É um lobo que não come as ovelhas, mas as tosquia.” Não se esperava também grande coisa de Pinto Guedes, velho e demasiadamente rico para ser bom almirante.

Pouca coisa positiva se sabia na capital sobre os negócios do Sul. Embora os jornais aparecessem repletos de notícias de vitórias, muitas vezes se comprova vasm mentiras com os navios mandados regressar por imprestáveis e pelos reforços continuamente enviados para Montevidéu. As notícias diretas não chegavam, retidas no Correio, sendo perigoso manter correspondência com Buenos Aires. Várias pessoas foram presas, o que tornou as outras cautelosas no que escreviam. Falava-se pouco da guerra, porém geralmente se desejava a paz. Boquejava-se que a Inglaterra se encarregaria dum medição e esperava Lord Ponsomby para o início de negociações. Como base da paz, pensava-se em declarar Montevidéu por todo o território sob a proteção britânica e em reconhecer a Banda Oriental como república autônoma. Ambas as soluções contrariavam o orgulho do Imperador e feriam o amor-próprio nacional. O Monarca considerava toda a amputação territorial lesão a seus direitos soberanos. A parte mais insuportável do povo temia com toda a razão a supremacia comercial da Grã-Bretanha no hemisfério meridional.

Era essa a situação do país, quando a 24 de abril chegou ao Rio de Janeiro a notícia do falecimento do rei de Portugal. Tiros de peça, disparados espaçadamente de 5 em 5 minutos pelos fortes e navios de guerra, anunciaram à população a capital o infauso acontecimento. No mesmo dia, seguiu para Montevidéu nova expedição de reforço, composta de 2 fragatas, 1 brigue e 4 transportes carregados de tropas, armas e munições. A morte do Rei excitou vivamente os ânimos. Durante vários dias o Imperador não foi visto, o que era de estranhar em face de seus hábitos de movimento e atividade sem descanso.<sup>91</sup> Faziam-se grandes preparativos na Capela Imperial para solenes exéquias, que, de fato, se realizaram alguns dias mais tarde, com toda a pompa litúrgica que o culto católico costumava pôr em prática nessas ocasiões.

91 A grande atividade de D. Pedro era por todos reconhecida. A propósito, Mansfeldt escreve: “Todo o mundo conhece o zelo com que Sua Majestade se entrega ao seu trabalho e ao seu estudo.”

A resolução do Imperador de transferir à filha mais velha, a Princesa D. Maria da Glória, a coroa de Portugal, que lhe competia, a ele, por direito de primogenitura e legítima sucessão, tornou-se conhecida do público antes mesmo de oficialmente de clara da pelo Decreto de 8 de maio. Era a natural solução dum problema difícil, que parecia capaz de satisfazer todos os partidos d'aquém e d'além-mar. O Duque de Afões, que, como embaixador do Governo Provisório de Portugal, chegou a bordo da nau de linha *D. João VI*, foi na verdade tratado de começo com atenções especiais. O fim de sua missão em breve, porém, provocou desavenças que lhe trouxeram ou, melhor, à Embaixada que chefiava, o desfavor do soberano. Como parente da Casa Imperial, continuou hospedado no Paço de S. Cristóvão; mas, por especial ordem-do-dia, não lhe devia mais fazer continência.<sup>92</sup>

Numa corte, onde se dá muita atenção ao ceremonial militar, a continência das sentinelas, o inclinar das bandeiras e quejas das honrarias são extremamente prescritas em rígida escala hierárquica, na marcha das relações de ordem política, de modo que as negociações diplomáticas podem ser consideradas perdidas, se param, ou, pior ainda, se se ordena, como no caso vertente, que cessem, como desatenção intencional e pública. A embaixada portuguesa, cuja alma era o Arcebispo de Lacedmônia, procurava atuar no sentido apostólico, exigindo a ida imediata do Imperador para a Europa.

D. Pedro não estava disposto a sujeitar-se a essa vontade, porque bem sabia que tal passo o privaria da coroa do Brasil. A Constituição prendia-o. Não podia deixar o território do Império sem licença da Assembléia-Geral, a qual dificilmente seria obtida nas circunstâncias do momento. Mesmo que lhe fosse dada, não lhe asseguraria um trono para ele mais valioso que o da Mãe Pátria. Como se considerava herdeiro natural da coroa portuguesa, nisso fundamentava seu direito a dispor desse Reino para presentear-lo à filha, a Princesa D. Maria da Glória. Deu, ao mesmo tempo, ao país natal uma Constituição, a fim de que suas determinações tivessem prestígio e apoio. Escolheu o Príncipe D. Miguel futuro esposo da jovem Rainha, julgando com esse casamento satisfazer as reivindicações de seu irmão mais novo e ganhar aos seus

---

<sup>92</sup> Esteve, nos últimos dias da sua permanência, no palacete de Botafogo, onde residiu também D. Carlota Joaquina, mais tarde pertencente ao Marquês de Abrantes.

planos um par ti do que, já em vida de D. João, pro cla ma ra a in ten ção de alterar a sucessão portuguesa, esperando somente o regresso daquele Prín ci pe a Lis boa para fa zê-lo Rei.

D. Maria da Glória foi apresentada à Corte e à Nação como Ra i nha de Por tu gal. A nau *D. João VI* de via ir até Li or ne, a fim de tra zer D. Miguel para o Brasil. O Imperador procedia no caso perfeitamente de acor do com as re gras da po lí ti ca, só não to man do uma co i sa em con si de ra ção: a diferen ça entre o marido de uma Rainha constitucional e um Mo nar ca ab so lu to de Por tu gal.<sup>93</sup>

Os acontecimentos dos últimos tempos demonstraram qual dos dois tí tu los D. Mi guel pre fe riu.

Pela Constituição, a Assembléia Legislativa devia se abrir a 6 de maio; mas como até essa data não tivesse chegado ao Rio de Janeiro o número de membros necessários, a sessão se transferiu para junho. O Imperador compareceu com todo o fausto à sala da Assembléia, onde se reuniram as duas Câmaras, e na sua Fala do Trono lembrou as ten dências demagógicas dos deputados anteriores, que o levaram a dissol vê-los; deplorou a guerra no Sul e os sacrifícios que exigia; de po is, pas sou às fi nan ças, que de cla rou sa tis fa tó ri as; a fi nal, con ci tou to dos a tra ta rem os as sun tos den tro da or dem e da mo de ra ção.

Esse discurso e a lembrança do que se passara em 1823 fizeram com que as duas Câmaras trabalhassem dentro dum espírito de subordinação, que devia agradar ao Imperador. Somente uma vez, a 24 de agosto, ele se viu forçado a uma demonstração militar, conservando as tropas da guarnição de armas embaladas por espaço de 24 horas, o que produziu o efeito desejado: a indicação apresentada à Câmara dos Deputados para se pe dir ao So be ra no que não en vi as se mais as mi lí ci as para o Sul, foi retirada e ele a pro ve i tou o ense jo para elo gi ar em de cre to a Câmara, em de tri men to do Se na do que, em o ca sião idên ti ca, com por ta ra-se com mais ener gia.

Dou aqui por terminado o curto resumo da história dum a Re volu ção<sup>94</sup> que, em di versos sen ti dos, permite com pa ra ções di gnas de re pa ro. Sei re si stir ao meu pen dor de que rer per scrutar o fu tu ro.

93 "O marido de uma Rainha portuguesa não participa do governo e só recebe o título de Rei, quando sua mulher tiver dado à luz um filho ou uma filha." (Constituição Portuguesa, cap. IV). A Constituição Brasileira, no seu artigo 120, tem um preceito semelhante. (*Nota do autor*.)

94 A Revolução da Independência, que se pode considerar como iniciada em 1820 e terminada somente em 1831.

Abstenho-me, por isto, de levantar a questão portuguesa e de examiná-la de perto, por mais interessante que seja. Tomo, porém, a liberdade de fazer uma pergunta que cada qual poderá responder a seu modo: – Não seria irritante para o amor-próprio europeu que um moderno cacique governasse, como uma colônia, um dos mais antigos Reinos da Europa, que mesmo pudesse ter a mínima influência num país, que foi berço dos descobridores de mundos, aos quais deve seu novo Império?

Seria grande vergonha para o Velho Mundo se já tivesse descido a tanto!

*O Aqüeduto da Carioca nos primeiros quartéis do século XIX.*

- desenho é interessante, porém muito cheio de fantasias, sobretudo do arquitectônicas.  
Desenho de Arago. Gravura de Reville e Boivinnet. Das coleções do Museu Histórico

.....

### XIII

## *Tropas Alemãs no Brasil – Continuação da História do Autor – Colonização – Fim*

# E

m princípios de 1823, o Imperador criou para sua guarda pessoal um Corpo de Estrangeiros constituído por um Batalhão de Granadeiros comandado pelo Coronel Bellard. O quadro primitivo foi formado por súbditos da colônia de Nova Friburgo ou Cantagalo,<sup>1</sup> aos quais se ajuntaram vagabundos de todas as nacionalidades, marinheiros desertores e operários sem trabalho. O engajamento por três anos somente, o soldo elevado e exemplos isolados de promoções extraordinárias, incitavam as ambições e, em pouco, havia alguma centena de homens.

Não se fizeram dificuldades para a escolha dos oficiais, a começar por Bellard, antigo Sargento da Guarda Nacional de Paris, mais conhecedor do ofício de negociante do que do de militar, sendo, de fato, com seu espírito mercantil, o principal fornecedor do Corpo. A maior parte das consideráveis quantias despendidas com o equipamento foi para seu bolso. Não é possível imaginar fardamento e armamento mais ordinários do que os que fornecia por ele mesmo. O Imperador gostava dele, por causa de sua aparência agradável e do descaramento com que sua prioridade e educação lhe faltavam.

---

<sup>1</sup> A real Fazenda do Morro Queimado, também denominada Cantagalo. Há vários Friburgo na Europa: em Brisgau, no Grão-Ducado de Baden, velha cidade universitária; no Pölsnitz, na Silésia, cidade industrial; no Instrut, na Saxônia, com fábricas de tecidos; no Elba, no Hanover, com pescarias; e um cantão, na Suíça. Foi deste que vieram os colonos e o nome para o Brasil, como pormenorizadamente se viu em notas anteriores.

No Brasil, onde se conservam as antigas denominações militares portuguesas, o posto de Sargento-mor é importante, vigorando ainda nas milícias para indicar o chefe de um distrito ou brigada. Bellard fora, como já disse, Sargento, isto é, *Sergent-Major* na Guarda Nacional de Paris e devia o seu posto de Coronel brasileiro a uma feliz tradução das palavras francesas.<sup>2</sup>

To da via, como não só o biogo de faz o soldado, se Bellard fazia brilhante figura, a de seu batalhão era a mais triste possível. Os soldados, mal far da dos, sem disciplina e mal adestrados, não prestavam sequer para o leve serviço da guarda. Nem dos oficiais se podia esperar grande coisa. O Major Ith, suíço, viera para o Brasil como presidiário. Thiele<sup>3</sup> fora durante muitos anos pasteleiro no Rio de Janeiro. Garoni levava como cavalheiro de indústria vida de vadiagem entre castrados e jogadores. Alguns franceses eram melhores sapateiros do que oficiais. Que poderia ser, portanto, sob tais chefes, um bando de vagabundos de todas as procedências, dos quais parte completamente inapta para o serviço, outros para ele impossibilitados pelo abuso da cachaça e os poucos que antes já haviam servido como soldados preteridos e arrelhados, perdendo toda a coragem e boa vontade para ajuizar à formação do batalhão?

O Barão von Moillet, antigo oficial bávaro, tinha muito boa disposição, mas deixou em breve o serviço do Imperador, que o fizera Major, depois de ter em vão pleiteado um aumento de soldo. Declarou sem ambages à Sua Majestade que não podia nem queria servir mal pago. Deram-lhe baixa imediatamente. Dizem que voltou à Europa.

O então chamado Corpo de Estrangeiros constava por esse tempo de 6 companhias, cada qual raramente com mais de 30 homens prontos para o serviço. Davam-se as vozes de comando em língua francesa. À primeira vista o soldo parecia elevado. Cada soldado raso recebia 10 vinténs por dia, que, depois dos descontos de rancho, peças miúdas de equipamento e outros, ficavam reduzidos a 2. O soldo dos

2 Em França, o sargento de cavalaria ou tropas montadas chama-se *marechal-des-logis*; o 1º sargento das mesmas armas, *marechal-des-logis-chef*; o sargento de infantaria, *sergent*; o 1º sargento dessa arma, *sergent-major*. Em Portugal e no Brasil, o posto de *sargento-mor* correspondia ao de major: *sargento-mor de batalha*, dizia-se outrora. A tradução mal feita ou mal intencionada dos papéis desse Bellard permitiram que ele fosse nomeado coronel, dois postos acima do que lhe fora falsamente atribuído na Guarda Nacional de Paris. Felizmente, era de infantaria. Se fosse sargento de cavalaria, *marechal-des-logis* possivelmente teria saído marechal brasileiro...

3 Nota de pé de página inexistente na única edição brasileira do livro. (*Nota desta edição.*)

oficiais igua la va ao dos oficiais bra si le i ros. Um su bal ter no ti nha por mês 17 mil-réis, um capitão 22 mil-réis, um major 33 mil-réis e assim por diante, pouquíssimo num país onde todas as utilidades vindas da Europa são extraordinariamente ca ras. Mais tar de, os sol dos de to dos os pos tos foram au men ta dos de 10 mil-réis. Con sig no aqui de uma vez por to das, para maior clareza, que 1.000 réis ou 1 mil-réis equivalem a um táler espanhol, mais ou menos 1 reichsthaler e 12 groschem, em moeda convencional.

Fardamento sem gosto e de péssimo material: casacas azuis compridas, de corte francês, com a gola e os canhões vermelhos. As companhias de flanco<sup>4</sup> tiveram ursas, as outras barretinas de couro. Além disso, forneciam um uniforme interno: simples fardeta azul e boné de serviço com bicos, como o dos soldados franceses. Nunca se receberam capotes.

Devido à grande mortalidade em conseqüência do abuso da cachaça, que reina entre os alemães no Rio de Janeiro, e às freqüentes deserções, teria sido impossível completar um único batalhão, se então não tivessem começado a chegar as remessas de gente angariada pelo Cavalheiro von Schäffer, para au men tar os efe ti vos das tro pas do Imperador. Apesar de alistados em Hamburgo como colonos, no Rio de Janeiro eram imediatamente forçados a assentar pra ça. Só ti nham li ber da de de ir para onde quisessem os que haviam pago suas passagens; mas estes mesmo às vezes abandonavam suas colônias e voluntariamente se engajavam, sendo, nesse caso, reembolsados pelo Governo dos 40 mil-réis que cus ta va a tra ves sia ou pelo me nos era por esse pre ço es cri turada pelo Cavalheiro von Schäffer.

Os oficiais vindos nesses navios de transporte, em parte se viam colocados na graduação que o Cavalheiro von Schäffer lhes garantia

---

4 Companhias de flanco ou de escol, consideradas como de granadeiros e daí as ursas ou barretinas peludas para se diferenciarem das de fuzileiros. No Reinado de D. Pedro II, de Portugal, em 1700, criou-se em cada terço de infantaria uma companhia de granadeiros. Pela Carta Régia, de 14 de novembro de 1702, cada terço passou a ter 2 companhias de granadeiros, segundo o texto: "por se ter introduzido na milícia moderna da Europa o uso de granadeiros, e ter mostrado a experiência que este gênero de soldados é de grande efeito nos combates e em todas as ocasiões". Antes dessa disposição, no velho Exército português, 4 homens em cada companhia eram granadeiros. Em 1715, os batalhões tiveram somente uma companhia desse gênero. O Regulamento do Conde do Lippe, de 1763, deu aos batalhões, 5 companhias, sendo uma de granadeiros e outra denominada do Coronel. Em França, essas duas companhias se chamavam: *colonelle* e *lieutenant-colonelle*, do coronel e do tenente-coronel. No Primerio Reinado, os nossos batalhões de granadeiros tinham 8 companhias, das quais 2 escolhidas, de homens mais altos e adestrados. São a essas que o autor se reporta.



em Hamburgo. Alguns, no entanto, ficaram decepcionados, o que se deve atribuir mais à desordem reinante no Ministério da Guerra do que a um enganoproposital daquelle Cavalheiro. Na verdade, contava-se que a própria Imperatriz, quando um official se lhe queixava de ter recebido posto inferior ao prometido por escrito ou ao que tivera antes na Europa, respondia: – “Que quer que Schäffer faça? Ele precisa men tir às vezes, para nos arranjar gente.”

Em regra, o acaso decide a sorte dessas pessoas. Os documentos europeus, bons ou maus, legítimos ou falsos, são tidos em pouca consideração. Se o dono entrega os originaes, pode ficar certo de que nunca mais os verá. Depende geralmente do tradutor e do capricho do ministro da Guerra a graduação do postulante no Exército Imperial. Como o primeiro é, sem exceção, venal, falsifica qualquer papel por dinheiro. O segundo mal se dá ao trabalho de lê-los, de modo que, às vezes, se dão promoções tão estapafúrdias que surpreendem até àqueles a quem ele váram além de suas esperanças. Eu poderia citar exemplos disso, mas não quero comprometer pessoas com cuja boasorte cordialmente me alegro.

Muitos dos meus leitores, se lerem com atenção o rol de officiais em serviço no Exército Imperial aqui e ali, encontrarão, com certeza, aqui e ali, feito capitão no Brasil quem não passava na Alemanha de ex-sargento ou até de aprendiz de alfaiate. Sim, eu próprio que, mais tarde, pude me enfronhar no modo de vida do país e conhecer o sistema de suborno nele reinante, sabendo como sei que no Brasil tudo se arranja com dinheiro, poderia encarregar de promover imediatamente a coronel quem tivesse sido mero sargento ou nem mesmo houvesse assentado praça, bastando-lhe a aparência de cente e alguns milhares de táleres para pagamento da patente. Contudo, se alguém recebeu um posto determinado, é difícil conseguir uma promoção, pois geralmente não se tomam em consideração as reclamações, por mais bem fundadas que sejam.

O expediente dos diversos ministérios distingue-se por uma simplicidade que surpreende qualquer europeu. Os requerimentos são protocolados num livro. Registra-se noutra os despaços que lhes foram dados. Os interesses dos podem consultá-lo numa das salas da repartição competente. Algum tempo depois de ter entregue a sua petição, a

gente dirige-se ao ministério onde a deixou, Guerra, Marinha, Relações Exteriores, que funcionam no Palácio do Governo<sup>5</sup> e procura seu nome no tal livro. Os papéis são registrados na ordem alfabética dos prenomes dos requerentes e não dos nomes de família, sistema que dificulta a busca e freqüentemente produz equívocos. Leva-se bastante tempo, às vezes, para encontrar o despacho, de 6 a 8 semanas, e, quando lá está, figura com algumas letras que o resumo, seguidas da data respectiva – *Def.*, de ferido, isto é, concedido; *inf.*, a informar, sujeito a uma informação ou exame ulterior; *esp.*, espere, aguarde oportunidade; *esc.*, escusado, considerado inadmissível, e *não t. lug.*, não tem lugar ou recusa do.<sup>6</sup>

Se há um decreto ou ato em consequência do despacho, só é recebido depois do pagamento das taxas, que importam em 10% da quantia concedida, no caso de gratificações. Os atos militares não pagam imposto, salvo as patentes e baixas do serviço. Pelas primeiras, em decreto assinado pelo Imperador e referendado pelo Ministro, esse pagamento equivale a um mês de soldo; pelas seguintes, a 15 mil-réis.

Admirei muitas vezes com prazer o modo como o ministro da Guerra despacha seu expediente. Como as portas de seu gabinete dando para a ante-sala se conservam quase sempre fechadas, via-o por trás de grande mesa coberta de papéis selados. Com surpreendente rapidez, passava a vista por eles, um a um, escrevendo em alguns rãpi das palavras que resumiam seu despacho. Rasgava a maior parte e atirava os pedaços debaixo da mesa. Deviam ser todos os que no livro correspondiam à esta fórmula: *não t. lug.*, não tem lugar. Só o nome desse homem, Barão de Laje, vale por um mau agouro. Se um ministro em França usasse o título de Conde da Bastilha, pareceria-se com este, porque a Laje é um rochedo fortificado à entrada da baía, conhecido como a pior de todas as prisões de Estado.<sup>7</sup>

As promessas verbais do Imperador pouco valem. Ainda menos as de sua esposa, que, com a mais nobre franqueza, confessa não ter a menor influência. Por isso, as promessas escritas e assinadas pelo próprio punho da Imperatriz, às vezes distribuídas pelo Cavalheiro von

5 No Paço da Cidade.

6 Na China, prevalece o mesmo sistema, sendo possível que os portugueses de lá o tenham trazido. Se um dos doze tribunais do Celeste Império apresenta ao Imperador uma petição para ser despachada, o faz com as palavras: *lu, vum, p., feu*, que significam aproximadamente – *tem direito*. Se o Imperador aprova, subscreve o sinal *q., q.*, significando *está certo*. (Nota do autor.)

7 O autor faz lamentável confusão entre o título do ministro da Guerra, Barão, depois Conde de Laje, e o da fortaleza à entrada da barra, Laje, também chamada Lajem, a qual, de fato, nesse tempo servia de prisão de Estado.

Schäffer para dar maior crédito às suas promessas, pouco valia para os que as possuem. O mesmo se dá com as cartas de recomendação que ele fornece, dirigidas a pessoas que mal o conhecem ou dele fazem a pior idéia. O descaramento desse indivíduo toca as raias do impossível. Entre outras coisas que fez, nomeou vice-cônsul em Hamburgo o Sr. Neumann, seu representante ali, sem ao menos comunicar isso ao Governo do Rio de Janeiro. Que eu sabia, ele não foi oficialmente recebido nesse caráter, nem pelo Senado de Hamburgo, nem pelo Império do Brasil. No Rio de Janeiro, riram-se da credulidade de Neumann, apresentando-se como vice-cônsul a pessoas particulares, e daí soltando o Cavalheiro, nomeando-o. Desta última já se tinham provas ainda mais concludentes. Em outra oportunidade, talvez me sinta tentado a escrever pormenorizadamente a história da vida desse tipo singular. Aqui me afastaria só brevemente do meu objetivo.

A grande quantidade de oficiais que chegam ao Rio de Janeiro nos vários transportes e exigiam colocação obrigou o Governo a criar novos batalhões, antes mesmo de se completar o efetivo do primeiro. Por conseguinte, fez-se uma triagem entre os homens já em serviço e os que chegam. Os que me di mais de seis pés de altura continuaram como granadeiros. Os outros formaram dois batalhões de caçadores. O todo recebeu a designação original de Corpo de Estrangeiros sob o comando do Coronel Bellard, elevado de comandante dum batalhão a chefe interino duma brigada. Permaneceu, porém, no cargo pouco tempo. É possível que o Imperador tenha verificado a sua incapacidade. Para afastá-lo, acabou com esse Corpo consistido em dependente e classificou os três batalhões que o compunham nas diversas brigadas brasileiras.<sup>8</sup>

8 O Decreto de 10 de dezembro de 1824 deu numeração seguida aos corpos estrangeiros. O 1º de Granadeiros Alemães esteve aquartelado em S. Bento, na Praia Vermelha, na Guarda Velha e no Campo da Aclamação. Passou a 2º de Granadeiros, quando o Batalhão do Imperador se tornou 1º de Granadeiros. O 2º, depois 3º de Granadeiros Alemães, aquartelou-se em S. Cristóvão. O 27º de Caçadores Alemães aboletava-se no quartel da Praia Vermelha até partir para a guerra no Sul, sob o comando do Major Luís Manuel de Jesus. O 26º, depois 28º, quando veio de Pernambuco, onde estava de guarnição, tomou o lugar do outro na Praia Vermelha. Era o chamado Batalhão do Diabo. Depois da revolta de 1828, todos esses corpos foram dissolvidos pelo Decreto de 20 de dezembro de 1830. Quando se deu essa dissolução, o 2º de Granadeiros se achava na Praia Vermelha, o 3º e o 27º em Santa Catarina e o 28º em Porto Alegre. O 26º de Caçadores Alemães passou a ter o número de 28º, em 1825, quando o batalhão de Caçadores de Sergipe tomou a sua numeração. O 27º seguiu para a guerra, em 1826, com o efetivo de 505 homens, e portou-se galhardamente, em Ituzaingó (Passo do Rosário).

O 3º de Granadeiros foi constituído em parte com as tripulações das galeras de transporte de colonos *Ikranich*, *Triton*, *Cadine* e *Wilhelmine*.

Os mercenários revoltaram-se a 9 de junho de 1828, desesperados pelos maus-tratos e açulados pelos agentes argentinos. A sublevação fez correr muito sangue e foi dominada pelo 2º Conde do Rio Pardo, à frente das tropas nacionais de populares e escravos armados. A 12 renderam-se. Um granadeiro foi fuzilado. Grande número foi metido nos pontões. Os corpos foram espalhados pelo sul até sua completa dissolução, em 1830.

Bellard, ferido em seus melindres e irritado, porque se não contentava com o comando dum simples batalhão, quando, antes, o Imperador lhe prometera ficar o seu Corpo independente do Exército e sujeito diretamente às suas ordens, pediu demissão e retirou-se para a França. Foram nomeados para comandar o batalhão de Granadeiros Luís dall'Hoste e para o comando dos Caçadores, Wood Yeathes e Thiele. Aboliram-se as vozes de comando em francês e a denominação Corpo de Estrangeiros acabou. Algum tempo depois, criou-se um segundo batalhão de Granadeiros, sob o comando do Major von Ewald.<sup>9</sup> Como todas as unidades do Exército brasileiro têm numeração seguida e de três em três formam uma brigada, os batalhões alemães foram distribuídos da seguinte maneira:

PRIMEIRA BRIGADA  
*Granadeiros de 1ª Linha*

Brigadeiro: D. Francisco da Costa de Sousa Macedo.

1º Batalhão, do Imperador – destacado em Montevidéu.<sup>10</sup>

2º Batalhão, de Alemães – Comandante o Coronel Luís dall'Hoste. Aquartelado no Rio, no mosteiro de S. Bento.

3º Batalhão, de Alemães – Comandante o Major Eduardo von Ewald. Aquartelado no Rio de Janeiro.

NONA BRIGADA  
*Caçadores de 1ª Linha*

Brigadeiro: General Rosadio.<sup>11</sup>

25º Batalhão, Periquitos – Aquartelado na Praia Vermelha.

26º Batalhão, de Alemães – Comandante o Major Thiele. Aquartelado em Pernambuco.

9 Antigo oficial dinamarquês.

10 De fato, o Batalhão do Imperador achava-se em Montevidéu. Dele fazia parte, como Major, Luís Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias. Esse batalhão fora criado por Decreto de 18 de janeiro de 1823 e teve como 1º Comandante o então Coronel José Joaquim de Lima e Silva, tio de Caxias, depois Visconde de Magé. Compunha-se de 735 homens em companhias de 115, com organização de caçadores. Seus elementos foram escolhidos em outros corpos de tropas. Passou mais tarde, como aqui se vê, a constituir o 1º Batalhão de Granadeiros.

11 O Brigadeiro Francisco de Paula Massena Rosado, que, antes do Marquês de Barbacena, comandou o Exército Imperial no Sul, tendo substituído nesse posto ao General Abreu, Barão do Serro Largo, em dezembro de 1825. Demorou um mês em Santa Catarina e permaneceu, depois, imobilizado na Coxilha de Santana do Livramento. Era português de origem.

27º Batalhão, de Alemães – Comandante o Major Wood Yeathes. Aquartelada do no Rio de Janeiro.

O fardamento dos granadeiros consistia em compridas casacas azuis com vivos brancos, golas e canhões encarnados. O dos caçadores lembrava o das tropas ligeiras das antigas legiões anglo-alemãs: curtas fardetas azuis com pequenas abas, guarnecidas de vivos, golas e canhões verde-claro.<sup>12</sup> Cada soldado recebia a mais uma fardeta de exercício, um par de calças azuis e dois de brancas. Pagava de seu bolso sapatos, polainas e demais peças miúdas do equipamento. O soldo, como já disse, era de 10 vinténs diários e desamaneirado ficou. Faziam-se assim as contas:

Pão.....	2	vinténs
Rancho.....	2	"
Pequeno equipamento.....	2	"
Reserva .....	2	"
Cantina.....	2	"
<b>Total</b> .....	<b>10</b>	<b>vinténs</b>

A reserva ou massa era a parte do soldo que devia ficar retida até perfazer a soma de 8 mil-réis, destinada a assegurar ao soldado que dava baixa pequeno capital, impedindo, ao mesmo tempo, as deserções. Pagando-se no Brasil 8 mil-réis por desertor capturado, menos que para os escravos fugidos, que custam 12 mil-réis, como já dissemos, a caixa do batalhão se indenizava com essa reserva à custa do próprio cupado. Se a soma ainda não estava completa, o desertor, depois de cumprir a sua pena, tinha de servir de graça até perfazê-la. Aos soldados que davam baixa também nunca os comandantes de batalhão pagavam esse dinheiro na íntegra, pois tanto ele como o quartel-mestre faziam tais encontros de contas que os desgraçados ficavam muito satisfeitos se recebiam a metade do seu haver, porque sabiam perfeitamente que não tomariam em consideração as suas queixas.

<sup>12</sup> As legiões anglo-alemãs a que o autor se refere foram organizadas contra Napoleão, no Hanover, que era um Reino nesse tempo pertencente à Casa Real da Inglaterra.

Em resumo, reina no Exército Imperial tanta injustiça como um europeu não pode avaliar. Todo oficial subalterno se faz pagar muito bem, para dispensar de guardas e outros serviços os soldados que ganham dinheiro com seus ofícios, descarregando aquelas tarefas sobre os que não os têm, por insignificantes pagamentos. Muitas vezes, esse imundo provento é dividido com os comandantes de companhias. Estes recebem 10 mil-réis mensais para despesas, como sejam consertos de armas, material de escrita, etc. Mas só se consertam as espingardas à custa dos soldados a quem pertencem. O capitão já considera os 10 mil-réis parte integrante de seu soldo e grande sacrifício fornecer ao sargento 1 mil-réis para os gastos da escrituração.

Eis por que todas as peças do armamento estão sempre em péssimo estado. De pois de qual quer forma natural em que se dão geralmente três salvas, parte das espingardas tem de ser posta de lado. O quartel-mestre ganha nos mantimentos fornecidos e reparte com o comandante a diferença tirada do soldo das praças. O comandante, por sua vez, divide com o brigadeiro o soldo da verba para equipamento, que é muito importante, comprando o melhor e mais caro, que figuram nas contas por altíssimos preços. O General D. Francisco era consumado mestre em saber tirar essas vantagens. Não se contentando só em defraudar o Governo e os soldados, fardou também grande parte dos oficiais de sua brigada que não podia pagar à vista o exoval. Nesse fornecimento, ganhou mais da metade do que recebeu. Corre que, antes da Independência, D. Francisco era alfaiate. Quer o crer, por que mais de uma vez o viu manejar magistralmente uma tesoura.

Para alimentação dum soldado, o Governo escruta por dia meia libra de carne e meia de pão; mas, devido ao exposto acima, recebem tão pouco que suas refeições quase se limitam a arroz e feijão. Além disso, a carne que lhes dão é da pior qualidade, isto numa terra como o Rio de Janeiro, onde a carne já é ruim. O pão é feito na maior parte de farinha de milho, apesar de pago como de puro trigo. A maior parte dos soldados o vende, para beber mais cachaça. Cozinham-se alternadamente, duas vezes por dia, arroz e feijão. Não se varia o alimento. Serve-se o rancho sem o menor asseio. O oficial-de-dia tem obrigação de provar a sopa, sendo realmente preciso grande força de vontade para engolir esse caldo nojento. O mais pobre escravo vive melhor, sem

dúvida, do que o soldado estrangeiro no Brasil. Por 2 vinténs pode ter boa e gostosa refeição, enquanto este tem de se contentar com uma sopa in sul sa e sem va lor nu tri ti vo, que só a fome pode fa zer tra gar.

O que, no en tan to, tor na ain da mais in to le rá vel a si tu a ção do soldado é a falta absoluta de qualquer comodidade nos quartéis. Em par te, não há se quer ta rim bas e os ho mens dor mem pelo chão em es te i ras, com um cobertor. Ator mentados por in contá veis insetos, pro curam na cachaça alívio a seu mártírio e curto esquecimento de sua desgraça. Sendo essa bebida barata e muitos vendendo até o pão para comprá-la em demasia, não é difícil ima gi nar os ex ces sos a que di a ri a men te se en tre gam. A conseqüência é uma pancadaria bárbara, sen do raro o dia em que se não apliquem cas ti gos de 50, 100 e até 200 chi ba ta das, nas cos tas nuas de in fe li zes, cujo ví cio é tão in ven cí vel que nem o pa vor dos açoites impe des a sa tis fa zê-lo no va men te na pri me ira o ca si ão.<sup>13</sup>

Os hospitais enchem-se com esses desgraçados. Alguns passam ali metade de sua vida. Outros a per dem com conse qüên cia das pancadas ou ficam completamente inválidos. Os de natureza mais forte sentem uma espécie de orgulho em dizer que suportaram durante seu tempo de ser vi ço al guns mil he iros de ver gas ta das.

Diante de um tratamento desses, não é de admirar que as deserções sejam freqüentes. Os que procuram o interior do país são logo agarrados, porém, os que tentam escapular por mar raramente são descobertos, embora se revistem todas as embarcações antes da partida. Os navios de guerra estrangeiros estão livres de tais buscas e são justamente os que surrupiam os melhores soldados do Imperador. É raro partir um sem que faltem praças nos batalhões. Castiga-se a deserção com 200 chi ba ta das nas cos tas nuas, da das com fi nas ver gas tas de junco. Mui tos as têm agüen ta do até qua tro ve zes, sem de sis tir de no vas ten ta ti vas. Esses ho mens de ses pe ra dos pre fe rem tudo, até a mor te, a uma si tu a ção que jul gam a mais in su por tá vel de to das.

13 Os castigos corporais eram de fato bárbaros no Exército desse tempo e foram uma das causas da revolta dos estrangeiros, em 1828. As surras eram assistidas por um médico, segundo preceituava o Decreto de 27 de fevereiro de 1823. Há toda uma legislação nesse tempo sobre o modo e aplicação do chibateamento: Decretos de 27 de fevereiro de 1823 e de 4 de junho do mesmo ano. Decisões do ministro da Guerra, de 28 de maio e de 22 de junho de 1824. O autor não exagera os fatos.

Por mais deplorável que seja a condição dos soldados estrangeiros no Brasil, não se compara com a da maioria dos seus oficiais. A impossibilidade de viver decentemente sem procurar um ganha-pão secundário contra o que todo caráter íntegro se revoltaria, traças sem fim, brigas mesquinhas a que estão expostos, falta de diversões compatíveis, renúncia a todas as comodidades a que um europeu educado se acostumou e o rude, ignóbil tratamento de parte dos oficiais superiores, tudo isso torna o serviço militar brasileiro tão horrível que, de bom grado, a gente lança mão de outros recursos para equilibrar sua vida. Também são freqüentes os exemplos de oficiais que, depois de haverem servido algum tempo, tornam a voltar ao antigo ofício de sapateiro ou alfaiate, e regressam à Europa até mesmo como cozineiros de navio.

O soldo dos oficiais, por mais importante que pareça de longe, não basta a cobrir as mais prementes necessidades. É esta a tabela:

Alferes.....	26.200	réis
Tenente.....	28.200	"
Capitão.....	34.000	"
Major.....	45.000	"

Nessa proporção, por diante. O comandante de batalhão, se tem o posto de coronel, recebe mais ou menos 100.000 réis, incluída a ração para o cavalo, muito pouco num país onde todas as utilidades de origem européia são extraordinariamente caras, o fardamento é perdido e só em lavagem de roupa não se gastam menos de 4 mil-réis por mês.<sup>14</sup>

Acrescentese que a maioria dos oficiais chega ao Rio sem dinheiro e, para se equipar, é obrigada a tomar grande adiantamento a ser descontado em seu futuro soldo. Como este geralmente não chega, caem nas garras de agiotas, que lhes adiantam o que têm a receber, cobrando juros de 10% ao mês. Não há um único oficial que, desamaneira, não esteja já alcançado em vários meses, não recebendo muito nem a metade do que lhes cabe.

14 A Tabela de Soldos baixada com o Decreto de 25 de março de 1825 foi a seguinte: marechal do Exército, 200\$000; tenente-general, 140\$000; marechal-de-campo, 110\$000; brigadeiro, 80\$000; coronel, 70\$000; tenente-coronel, 60\$000; major ou sargento-mor, 50\$000; capitão, 30\$000; tenente, 25\$000; alferes, 22\$000.



Em tais circunstâncias, é natural que empreguem os meios mais asquerosos para arranjar dinheiro ou crédito. Este último em pouco tempo se acha tão esgotado que nenhũa comerciante, nenhũa artilheira emprestam mais um vintém a um oficial estrangeiro. Ao princípio, fora diferente. Conheci um oficial que, em um ano, fizera dívidas de mais de 2 contos de réis ou 3.000 reichsthalers. Era chamado o Príncipe, porque, ao chegar ao Rio de Janeiro, se incluíra como tal. Suas velhacadas não lhe trouxeram proveito e, ao voltar para a Alemanha, deixei-na maior miséria.

Nada me parecia mais ridículo do que ouvir esses tipos, cuja infâmia vinha a furo em todos os atos, fazendo constantemente de honra, mostrando-se nesse ponto tão sensíveis como se a deles fosse tão pura e sem mácula como a do Cavaleiro Bayard.<sup>15</sup> Os duelistas andavam na ordem do dia, mas não só resolvidos a espada e pistola. Os punhos entravam freqüentemente em jogo e devo confessar que eram as armas mais próprias para um corpo de oficiais, do qual desertara a verdadeira honra e no qual a inveja e a difamação haviam desde muito tempo rompido todos os laços de camaraderie, trazendo cada um de construir sua felicidade à custa da destruição dos outros. E que espécie de felicidade! Por mim, prefiro ser mestre-escola numa aldeia na Europa, a oficial do Estado-Maior Imperial na Corte do Rio de Janeiro.

Na minha curta carreira militar no Brasil, eu mesmo fiz mais de uma vez a observação de que, com pessoas de baixa moralidade, a paradoxal mistura do chamado ponto de honra com um modo de proceder infame produz nojentacaricatura. Encontrei poucos amigos entre meus conterrâneos no Rio de Janeiro, porque desdenhei fazer relações com gente que desprezava o fundo da alma. Evitei propositalmente a companhia de meus camaradas, enojado com seu modo de viver. Todo o bando se irritou contra mim. Aconteceu-me como ao urso da fábula. Mas, como justamente sabiam e muito bem, por experiência própria,

15 Pierre Terrail, Senhor de Bayard, o Cavaleiro sem medo e sem mácula das velhas crônicas francesas, nascido em 1473 e morto em 1524. Serviu ao Duque de Sabóia e, depois, a Carlos VIII e Luis XII, Reis de França. Conquistou Nápoles e a Apúlia. Combateu em Canossa contra o grande capitão espanhol Gonçalo de Córdova. Cobriu-se de glória na retirada do exército francês da Itália. Na campanha de Artois, foi ferido e aprisionado pelos franceses. Francisco I nomeou-o tenente-general do Delfinado. Lutou contra o Imperador Carlos V e, após a derrota deste, em Marignan, amou cavaleiro o Rei de França, seu vencedor. Salvou a França invadida pelos espanhóis e voltou a combater na Itália, onde, em Rebecco, batendo-se contra os imperiais, recebeu um tiro de arcabuz. Morreu voltado de frente para o inimigo. Tornou-se o último símbolo da Cavalaria antiga.

que eu não ti nha medo da bri lhan te pon ta duma es pa da, nem duma pistola carregada, atacaram-me da mais pérfida maneira, tentando en volver-me em dis cór di as que me po di am ter cus ta do a li ber da de ou a vida.

O Sr. Von S., como já disse, tinha algumas razões para me guerrear, conseguiu por meio de calúnias que diversos oficiais do meu batalhão me atacassem de surpresa em uma taverna, onde ceava com amigos. Furioso com essa infâmia, apanhei uma faca e me atirei contra um deles, que desembainhara a espada para me ferir. Tê-lo-ia assassinado, se meus amigos não me ti ves sem im pe di do. Ao in vé s duma tra gé dia, houve miserável comédia, que não honrou a nenhum dos seus atores. Eu pró prio me en ver go nhei do pa pel que fui obri ga do a re pre sen tar.

Alguns dias depois, recebi ordens para apresentar-me ao quar tel, onde en con trei toda a ofi ci a li da de re u ni da em tor no do Co ro nel Luís dall’Hoste. Por sua or dem, o Aju dan te leu uma re pre sen ta ção re di gida em nome de todos os oficiais, porém, ainda não assinada, na qual se que i xa vam do modo in dig no por que eram tra ta dos pelo Ma jor Fre i re de Andra de. Após a le i tu ra, o co ro nel con vi dou to dos os pre sen tes a da rem sua assinatura. Recusei imediatamente participar de uma trama, cujos autores me eram odiosos. Alguns franceses e ingleses seguiram o meu exemplo. O resto assinou. Mais tarde, quando foram punidos não pude so pi tar cer ta ale gria mal do sa, aliás meu úni co des pi que, pois per di a esti ma do co ro nel, que con quis ta ra em alto grau, de vi do à mi nha ati tu de. Arquei daí por di an te com toda a sua mal que ren ça.

Luís dall’Hoste, Ca va lhe i ro da Alta Cruz de San to Estê vão da Toscana,<sup>16</sup> condecorado com a cruz de prata das companhias do Sul, Coronel Comandante do 2º Batalhão de Granadeiros de Sua Majestade o Imperador do Brasil, – seja-me permitido citar aqui todos os seus títulos por ha ver pou co a di zer a seu res pe i to –, não se sabe bem se era hún ga ro, ita li a no ou ale mão de nas ci men to e vi e ra para o Rio de Ja ne i ro no séquito da Imperatriz, tendo atingido em vários anos a posição militar que desfrutava. Podia ser considerado favorito do Imperador, embora freqüentemente este o tratasse de indelicadíssima maneira. Ele ia engolindo com a devida dedicação todas as altíssimas grosserias de Sua

16 A Ordem de Santo Estêvão não é da Toscana e sim húngara, fundada pela Imperatriz Maria Teresa, a 21 de fevereiro de 1764, para recompensar serviços civis, conferida aos nobres. A cruz é pátea, de esmalte verde, com bordos de ouro, tendo ao centro as armas do Reino da Hungria. Em torno, a divisa: *Publicum meritorum praemium*.

Majestade. Nunca vi homem com tanta desfezura para beijar a mão do Soberano. Estivesse D. Pedro de carruagem ou a cavalo, rodeado de seus guardas ou no maior apertão das ruas, ele sabia achar o momento propício para lhe prestar aquela homenagem. Estou convencido que ele, como os artistas de circo, consigo beijar a mão de seu Imperador Senhor, mesmo que ele galopasse a toda a brida. Na sua cabeça, a confusão de línguas formava uma nova Babel: misturava brasileiro, húngaro, italiano e alemão numa algaravia tal que era difícil entender o que dizia. Raras vezes tenho visto um caso semelhante. Se de fato possuía algumas idéias, eram essas tão confusas e ele tão esquisito que até às vezes o consideravam maluco. À noite, estava geralmente bêbedo, o que se ajustava tão bem ao seu temperamento quando se achava a seco, que se não notava grande diferença. Matreiro como italiano e desconfiado como um alemão, mostrava-se tão sensível em relação ao modo dos subalternos tratá-lo quanto insensível ao tratamento indigno que lhe dessem os seus superiores. Os traços fundamentais de seu caráter eram o fanatismo, a mesquinha e a luxúria soez. Sua ilimitada estupididade fazia ainda mais perigoso. Seus oficiais apelavam por troca o *Velho da Montanha*. Os brasileiros, o *Cavalo*, em alusão de preciosa ao título de Cavalheiro, de que fazia grande alarde. Para o Imperador, freqüentemente era o *Burro*. Apesar de D. Pedro ser príncipe em épocas, não dava este por favor a Luiz dall'Hoste, mas em reconhecimento de seus méritos reais.<sup>17</sup>

O favor de tal homem não poderia recair sobre um caráter como o meu, do contrário me seria fácil conseguir em alto grau seu patronato e sua confiança, bastando para isso um pouco de bajulação e, conforme a concepção corrente, um grãozinho de infâmia. Ele mesmo me propôs uma feita que oportunamente lhe fornecesse informações acerca de alguns dos meus camaradas que não eram meus amigos. Ao invés de concordar com um plano que satisfaria minha vingança, fui tão imprudente que repeli de cara a proposta, declarando-lhe não ter este fim para espão. Bastou isso para excitar todo o seu ódio e pouco faltou para que eu sentisse o peso de sua vingança. Como, porém, eu fosse muito correto no meu serviço, limitou-se ao princípio a me considerar detido no quartel a pretexto de pequeninas omissões. Essa punição no

---

17 Em 1828, os soldados amotinados o meteram debaixo do caldeirão do rancho.

Brasil, onde parte dos oficiais passa meses e até anos presa nas fortalezas, não merecia importância. Portanto, fui extremamente surpreendido ao saber por uma ordem do dia que Sua Majestade houvesse por bem dar a minha comissão. O Coronel apenas indicou como causa dessa arbitrariedade não demonstrar seu gosto pelo serviço militar no Brasil. Estava longe de querer negar a veracidade desse motivo e nessa ocasião tive uma conversa confidencial com o meu chefe, que, noutras circunstâncias, me teria divertido muito. Infelizmente, minha situação era de tal modo crítica que somente alimentava um sentimento – o medo do futuro. Caí numa espécie de pusilanimidade e me decidi a voltar à Europa por qualquer preço.

Como o adiantamento que recebera para me equipar ainda não estivesse totalmente pago, deram-me a escolher entre pagar o que faltava e ser vir de graça até com pleitar a soma. Escolhi o último para não ficar de todo sem dinheiro. Por tanto, servi ainda Sua Majestade dois meses e meio, perfeitamente de graça, aproveitando o tempo para fazer valer minha fundada pretensão de voltar à Europa. Expus minha situação ao Imperador, que me fez as melhores promessas. O Sr. Miranda interessou-se pessoalmente por mim junto ao ministro da Guerra. Mas meu requerimento foi indeferido. Dirigi-me ao Ministério das Relações Exteriores, cujo titular, o Visconde de Inhambupe de Cima lamentou não dispor da verba para semelhantes auxílios. Prometeu-me, porém, uma passagem decente na nau *D. João VI*, então de partida para Liorne, onde ia buscar o Infante D. Miguel. Falhou também essa oportunidade e minha partida foi sendo retardada dia a dia, o que piorava a situação. A saúde alterava-se e não podia absolutamente ganhar o que precisava, vendo minhas economias derreterem-se ante um futuro tristíssimo.

Sem esperança de êxito, fui um dia a S. Cristóvão falar com a Imperatriz. Pela segunda vez, fazia aquele traje todo e como da primeira me vira enganado, não levava, desta, grandes esperanças num bom resultado. Encontrei Sua Majestade de nojar dimelhe expus minha angustiosa situação de viva voz. Entreguei-lhe, ao mesmo tempo, um soneto que fizera com grande trabalho, por que sabia ser essa a melhor maneira de despertar o seu interesse. Ela o leu com a maior atenção e disse com a maior amabilidade: – É muito bonito, é realmente lindo! Chamou um dos seus camaristas e deu-lhe ordem para me entregar 200 mil-réis por

conta de sua caixa particular. Beijei-lhe a mão e voltei à cidade, cheio de profunda gratidão.

O soneto, por pior que seja, deve figurar aqui. Tal vez seu único mérito seja o ter sido registo pago, pois muito poucas pessoas podem gabar dessa vantagem.

SONETO

*Dedicação Sua Majestade a Imperatriz Carolina Leopoldina*

“Wo Rio längs dem blüh’nden Meerestrande  
Wie Riesennarmezweischen Felsen strecht,  
Beschneiden sich und ihre Pracht versteckt,  
Weil gröss’res als Natur in die sen Lan-  
de.

Kein Künstler schafft; da, wo aus blauem Sande  
Das reinste Gold des Baches Wellen leckt,  
Den Diamant der reiche Boden deckt,  
Da sah ich dich im strahlenden Gewande:

Ge mah linn von Dom Juan’s heldens ohne,  
Wirst Du mit ihm gefeiert und glücklich leben,  
Doch darf ich dreist bis zu dem gold’nen Throne,

Darf bis zu Dir den freien Blick erheben,  
Dein Herzensgüte hat die Kaiserkrone  
Mit einer Him mels glorie umgeben.”<sup>18</sup>

18 Este primor poético alemão traduz-se mais ou menos assim, em chilra prosa portuguesa: “Onde o Rio estende os gigantescos braços ao longo das floridas praias, e, modestamente, seu esplendor e a si mesmo esconde no seio duma Natureza portentosa, que nenhum artista pode imitar, com suas areias azuladas ou cor do mais puro ouro, beijadas pelas águas dos ribeiros, com seu solo polvilhado de diamantes, aí eu Te avistei em fulgente roupagem, ó Esposa do Heróico Filho de D. João, a cujo lado viverás festejada e feliz. Mas, sem receio, me aproximo do teu áureo trono e a Ti posso erguer meu livre olhar, porque Tua coroa imperial é feita de bondade e aureolada pela glória do céu.”

O soneto envolve uma súplica, que a Imperatriz, na sua grande bondade, soube compreender, auxiliando o oficial mercenário, seu irmão de raça, em apuros.

No dia seguinte fui à casa do Camarista. Sua Excelência falou-me por alto no esgotamento da Caixa Imperial, na necessidade que por isso eu tinha de esparar e, afinal, na sua boa vontade em me adiantar a soma. Sabia perfeitamente onde ele queria chegar e dei logo um recibo de 200 mil-réis, recebendo apenas 150 em dinheiro contado.

Esta quantia mal chegava para cobrir minhas despesas mais prementes e adiei para melhor tempo meu projeto de regresso à Europa. Nesse tempo, passei a viver muito agradaavelmente. Meus conhecimentos de línguas proporcionavam-me ganhos suficientes e me achava livre e desembaraçado. Apenas minha saúde, dia a dia piorava, vendendo-me a incerteza de perder qualquer esperança de jamais me restabelecer nesse clima e com o medo de viver que levava. Feliz assim e amizade do melhor homem que conheci permitiram a realização do meu mais ardente desejo. Devo saúde e vida ao bom Jacob W-n, e, mais do que isso, minha confiança readquirida na humanidade e na boa influência da minha estrela. Voltei à Europa no mesmo navio que me levava ao Brasil. Como um sonho, o passado já ficou para trás. Que lhe siga alegremente!

Ao deixar o Rio de Janeiro, o que mais senti foi a ausência do Major Heise, a quem já me referi antes. Por influência de seus amigos ingleses, conseguiu, enfim, colocar-se no Esta do-Maior, o que para ele era uma felicidade, por não lhe agradar o calmo círculo duma atividade limitada. Qualquer outro se contentaria com uma situação garantidora de cômoda e segura subsistência. Isso não bastava ao seu espírito. Na verdade, é preciso ter muita força de caráter conjugada a certa maleabilidade, como ele, para se fazer carreira militar no Brasil. O Imperador enviara-o ao Sul, a fim de organizar uma espécie de guerrilha. Não conheço seu destino depois, mais não duvido que tenha alcançado seus fins.<sup>19</sup>

O Major Eduardo von Ewald, Comandante do 3º Batalhão de Granadeiros, pediu demissão, irritado com a nomeação do Coronel Cutter para comandar a 1ª Brigada.<sup>20</sup> Preferiu passar a depender dos favores duma tal D. Gertrudes a depender dos caprichos do Impera-

19 O Major Heise organizou, em Porto Alegre, um esquadrão de lanceiros alemães, com o Capitão Von Quast.

20 Guilherme Cotter, natural da Irlanda. Foi à Irlanda, em 1827, e de lá trouxe 2 mil irlandeses maltrapilhos, que chegaram ao fim desse ano, segundo Bosche, em janeiro de 1828, segundo Armitage, os quais foram vaiados ao atravessarem as ruas do Rio de Janeiro, tão desprezível era o seu aspecto. Desses imigrantes, mil foram destinados ao serviço militar, incluindo-se 500 no 3º de Granadeiros e 500 no 2º de Caçadores, antigo 26º, transferido do Recife. Depois da revolta de 9 de junho de 1828, esses irlandeses foram enviados para o Canadá.

*Uniformes dos Batalhões Estrangeiros em 1825.*

*Em cima: Sargento de Granadeiros soldado de Caçadores.*

*No meio: Granadeiro com ursa, pertencente às Companhias de Escol.*

*Embaixo: Granadeiro oficial de Caçadores com fardategorro de Serviço.*

dor, cuja benevolência perdera de todo. Vive com essa senhora num sítio encantador, per to da ci da de. É de re ce ar, po rém, que essa li ga ção filosófica não seja de longa duração. O egoísmo é o rochedo perigoso em que soço bra o amor dos ho mens, ra ra men te ca pa zes de gran des sa crifícios.

Os dois batalhões de caçadores também receberam outros comandantes. Para o 26<sup>o</sup>, em Pernambuco, foi nomeado o Coronel Conde de EscragnoUe e para o 27<sup>o</sup>, o Coronel Mac-Gregor. O astuto italiano Thiele soube se acomodar às circunstâncias. Wood Yeathes demonstrava alguma suscetibilidade. Ambos continuaram em serviço.

Sorte fora do comum teve o Capitão de Cavalaria Hanft, chegado ao Rio de Janeiro em prin cí pi os de 1826 e em bre ve agre ga do ao 2<sup>o</sup> Batalhão de Gra na de i ros, no pos to de co ro nel, gra ças à sua de sen fre a da ba ju la ção, gran je ou a pro te ção do Impe ra dor. O em pre go des se meio foi di fi cil, porque não sabia pa ta vi na da lín gua do país. Isto deu-lhe azo a ter um secretário, que traduzia os discursos que jamais tinha feito em louvor do Imperador. E não foram poucos! Esses discursos e as recomendações de seu amigo, o Cavalheiro von Schäffer, o promoveram contra todas as expectativas ao elevado posto. Não pres tou ser vi ço efe ti vo, nem ti nha capacidade para isso. Esperando ser aproveitado na diplomacia, voltou à Europa e fale ceu pou co de po is de che gar a Ham bur go.

Lilienhöck til Forbala, sueco muito conhecido no norte da Alemanha, por suas demagógicas agitações revolucionárias, morreu como Capitão do Cor po de Enge nhe i ros, no Rio de Ja ne i ro. Su kow, um dos alemães de mais talento que tentaram a sorte no hemisfério meridional, também ali foi perseguido por sua má estrela. Feriu levemente o adversário num duelo e este prati cou a in fâ mia de de nun ciá-lo. Qu an do par ti, ha via já seis me ses que se acha va pre so numa for ta le za, com pou ca es pe ran ça de ser res ti tu í do à li ber da de. Con tu do, sou be mais tar de de sua ab sol vi ção e co lo ca ção no Esta do-Maior, no pos to de Major.

A lista ane xa a esta obra con tém os no mes de to dos os ofi ciais que, em fins de 1826, serviram nos quatro batalhões estrangeiros. Acrescentei os de alguns outros, colocados quer no Corpo de Engenheiros, quer no Esta do-Maior. Ocu par-me com o des ti no de cada um de per si não corresponde aos intuitos deste livro. Estou, contudo, à disposição



de quem queira para dar notícias a seu respeito, dispondo ainda para isso de boas relações na capital do Brasil.

\*

A sorte dos colonos, em geral, não é melhor do que a dos soldados. Embora não se possa negar que o Governo brasileiro não tenha feito muita coisa, pouco proveito auferimos disso, por que as quantias destinadas a auxiliá-los são, na maior parte, furçadas pelos funcionários encarregados de sua distribuição. De vê-se, no entanto, proclamar, para glória do chefe do serviço de colonização estrangeira, que ele é, além de homem honesto, dono de excelente caráter, fazendo o possível para melhorar a situação dos colonos e até grandes sacrifícios para ajudar a alguns soldados. Falta-lhe, porém, a energia precisa para combater os abusos que penetram pouco a pouco, desde o começo, num sistema, cujo fim principal era arrancar soldados para o Imperador.

Como já fiz notar, todas as pessoas que vão para o Brasil à custa do Governo são feitas soldados logo que chegam, salvo se de todo inaptas para o serviço. Tiram-se, assim, às famílias seus braços mais capazes, mandando-se para as colônias apenas velhos e crianças. Os que pagaram a passagem do próprio bolso são livres. Fora disso não gozam de preferência alguma. O Governo paga a um colono 8 vinténs por dia, durante o primeiro ano após sua chegada. Às crianças, a metade. Como por nova disposição de lei, esse dinheiro não é pago à vista, mas em gêneros alimentícios, a maior parte fica nos bolsos dos funcionários e de seus fornecedores. Se nas vizinhanças da cidade os colonos são miseravelmente alimentados, imagine-se o que não será essa alimentação a centenas de milhas de distância. Para o segundo ano, dá-se metade do auxílio do primeiro. Depois, tem de cuidar de si próprios.

A colônia de Nova Friburgo fica a poucos dias de viagem da capital, mas os caminhos são tão ruins que os colonos não podem vir à mesma vender seus produtos. Reina ali tão grande pobreza que muitos assentaram praça voluntariamente ao se criar o Corpo de Estrangeiros e outros andam mendigando para poderem viver como párias.

Durante os dois anos que passei no Brasil, os colonos que chegavam eram em via dos para o Rio Grande do Sul, onde a grande distância

da costa se fundara a colônia de São Leopoldo. Conversei com muitos que voltaram ao Rio de Janeiro e todos me descreviam como tristíssima a situação dos que lá haviam ficado. Haviam feito tão poucos preparativos para sua recepção que os infelizes se viram obrigados a dormir ao relento durante meses até que lhes dessem as terras onde construir suas choupanas.

O Major Heise, quando foi mais tarde mandado para aquela província, lá encontrou muita gente que preferiu entrar em serviço no seu Corpo a continuar lavrando uma terra que, em paga de seu duro labor, mal fornecia os mais necessários meios de subsistência. Neste clima, o eu ropeu não serve para a lavoura. Ras tri lho e ara do são desconhecidos no Brasil. A terra tem de ser trabalhada a enxada. Além disso, o café, único produto com que se negocia no interior, requer ótimo solo, e, somente depois do longo prazo de três anos, dá a primeira e escassa colheita. Enfim, as comunicações no centro são ainda mais difíceis do que nas proximidades da capital.

Tudo o que o Major von Schäfer, na sua obra sobre o Brasil, diz a respeito do gado e dos instrumentos agrícolas fornecidos aos colonos é inverídico. Quando muito, recebem uma enxada, um machado e um serrote para derrubar a impenetrável mata virgem que cobre geralmente a terra que lhes foi distribuída.

A apatidão do café, como se sabe, é um dos trabalhos nocivos à saúde. Como os frutos amadurecem um a um e os que caem ao chão nada valem, é preciso diariamente, antes do nascer do sol, as pessoas carregadas da colheita se exporem aos ruinosos efeitos do orvalho que cobre os arbustos e, durante o dia, a um sol tropical, cujos raios ardentes secam as roupas molhadas com grande prejuízo para os corpos. Nenhum branco suporta tão repentina mudança de temperatura, salvo se andar nu como os negros. Provavelmente, em breve chegará a isso, porque o povo está ficando por demais miserável para comprar vestes. Então, apenas a cor diferenciará os negros-brancos dos negros-pretos. Mas não sabemos quantos não perderão a vida nessa tentativa para voltar ao estado primitivo da humanidade.

O clima de S. Leopoldo já é demasiado frio para o café e as colheitas têm sido ruins. Embora de certo modo se aproxime do clima europeu, esta circunstância é prejudicial para os colonos, por que têm de

se limitar principalmente à cultura do milho, da mandioca e do feijão, que não servem tanto para o comércio como o café. Por isso, não lhes é possível ganhar o dinheiro indispensável para se proverem de utensílios agrícolas, roupas e demais artigos necessários à vida dum homem semicivilizado.

No Brasil, o branco destina-se ao comércio. O próprio artífice não trabalha, faz trabalhar para ele. Sem dinheiro e sem escravos, o branco fica em piores condições que estes. Ele próprio não goza dos frutos de seu trabalho, senão quando com grandes esforços chega ao ponto de poder comprar alguns escravos e abrir um negócio, a fim de esperar melhor futuro.

Aconselho, todavia, a qualquer trabalhador hábil e diligente que queira fazer fortuna, que vá para o Brasil, pagando a passagem do próprio bolso, para não ser feito soldado ao chegar lá. Isso desorganizaria todos os seus planos. O salário dum ajudante de operário ascende a 1.000 réis por dia e a mais ainda, se for por exemplo relojoeiro ou ourives. Se tiver bom procedimento, sobriedade e economia, em breve terá juntado pequeno capital. Também não é difícil achar crédito para qualquer estabelecimento, na verdade com juros muito altos, geralmente 35%; mas o ganho será proporcional.

Um artífice que comprar escravos brancos e pessoalmente lhes ensinar o seu ofício, além de arranjar ajudantes baratos, poderá ganhar extraordinariamente, vendendo-os, pois um escravo branco custa 200 mil-réis; mas, de pois de ser um bom sapateiro ou um bom alfaiate, vale 500 mil-réis a um conto de réis. Portanto, quem assim gerir seus negócios, em pouco tempo ficará rico, como acontece com muitos portugueses, que regressam à pátria com grandes fortunas.

Quem trouxer algum dinheiro para o Brasil também pode empregá-lo vantajosamente em bens de raiz. No caso de possuir uns 10 ou 20 mil táleres, poderá arranjar com o governo uma sesmaria, que é como denominam as posses de terras doadas pelo Estado. Geralmente são do tamanho de uma légua quadrada. Os emolumentos do título de doação ascendem a uns 1.500 táleres. Com algum conhecimento da região onde a gente se quer estabelecer, empregam-se mais uns 1.000 táleres, para dar mais força ao pedido, e conseguem-se assim umas 5.000 geiras de terras excelentes. Parte do capital servirá para comprar esca-

vose levantar edificações muito singelas com abundante material tirado ao próprio terreno. Parte, como reserva para os primeiros anos que podem nada render.

A lei determina que no prazo de 5 anos, a sesmaria<sup>21</sup> deverá estar demarcada e ocupada, reservando-se ao Governo o direito de retomá-la se, dentro de 20 anos, não for cultivada. Estas duas condições obrigam ao emprego de todos os esforços para roçar a mata virgem, a fim de dar à posse de terra pelo menos a aparência de cultivo. A abertura de estradas para as comunicações, de canais para a irrigação e a construção de casas de canteiros ainda mais capital, que será pago em pouco tempo com juros. Apenas nos primeiros anos o proprietário precisa renunciar a todas as comodidades europeias, não devendo dissipar a toa o seu dinheiro. Seu olhar deve estar sempre fixo no futuro, do qual virá a indenização de sua renúncia. Se a sorte lhe favorecer a empresa, em 20 anos terá um rendimento muito maior do que a soma originalmente empregada e a certeza de deixar à sua prole uma propriedade que, em tamanho e valor, exceda a muitos condados alemães.

---

21 Sesmaria, data ou concessão de terras. Do antigo verbo português *sesmar*, dividir.

.....

## XIV

### *Lista dos Oficiais que, desde a criação do Corpo de Estrangeiros, estiveram em serviço no Exército Imperial Brasileiro e ainda estão<sup>1</sup>*

#### *2º Batalhão de Granadeiros de 1ª Linha*

Comandante: Tenente Coronel Bellard, fora do serviço.

- Major Bação von Moillet, fora do serviço.
- Capitão Thirole, transferido para o 26º de Caçadores.
- Coronel Cavaleiro Luiz dall’Hoste.

Coronel graduado: Hanft, falecido em Hamburgo.

Tenente-Coronel: Manuel Freire de Andrade.

Major: Rudolph Ith, de mitiu-se e vive na colônia de Nova Friburgo.

Ajudante: Tenente Romillac, transferido para o 26º de Caçadores.

Ajudante: Alferes Schmieding.

Quartel-Mestre: Ferreira.

Cirurgião de Batalhão: Dr. Mangold.

Cirurgião de Batalhão agregado: Kapp.

Assistente de Cirurgião: Erbe.

Assistente de Cirurgião: Mükeberg, destacado em Montevidéu.

Assistente de Cirurgião: Steinfeld.

Capelão: Caboville.

Secretário: Tenente N. N.

---

<sup>1</sup> Como a denominação Corpo de Estrangeiros foi abolida durante minha estada no Rio de Janeiro, os diversos batalhões que o formavam foram distribuídos nas Brigadas brasileiras e receberam um número seguido ao das outras tropas nacionais. Formou-se a 1ª Brigada de Granadeiros com o Batalhão do Imperador, o 2º e o 3º de Granadeiros. O Brigadeiro foi D. Francisco de Sousa Macedo e o Ajudante de Brigadeiro D. Pedro Guerra e Drago. (*Nota do autor.*)

*Capitães*

Vitt, fora do ser vi ço.  
von Suc kow.  
Qu ast, fora do ser vi ço.<sup>2</sup>  
Bode.  
Müller.

*Tenentes*

Lac.  
Goszler, falecido.  
Ewbank.  
Schwa be, fora do ser vi ço  
Iunhaus.  
Grive.  
Barão von Leen hoff.  
Wickenhagen.  
Müller, fale ci do em 1826.  
Pelkowsky.  
de Wic ke de, fora de ser vi ço.  
Gavekoth.  
Hantelmann.

*Alféres*

von Wis sel, fora do ser vi ço.<sup>3</sup>  
Langsdorf, fora de ser vi ço.  
d'Ecrey.  
Schaf fer, fora do servi ço.<sup>4</sup>  
von Stru be.<sup>5</sup>  
Hangström.  
Barão von Trautenberg.<sup>6</sup>

---

2 Nos Lanceiros de Porto Alegre. Von Quast, família do Brandeburgo, brasonado de azul com 5 castiçais de prata com velas acesas, em santor; da Baviera, de vermelho com uma aspa de ouro acompanhada em 1 de três vieiras de prata em roquete, em 2 de um navio de prata, em 3 de u'a mão segurando uma âncora, de prata, e em 4 de uma espiga de trigo de prata, inclinada à destra.

3 Von Wissel, família nobre da Alemanha, estendida ao Lagedoc e ao Berry, em França. De vermelho com um par de asas de ouro.

4 Já teve referências especiais.

5 Parente do agente von Schäffer.

6 Trautenberg, família nobre da Boêmia, de sangue germânico. De vermelho, com uma faixa triangulada de azul e prata.

Michel.

von Uslar, transferido para o 26<sup>o</sup> de Caça do res.<sup>7</sup>

Lüden I.

Lüden II.

*3<sup>a</sup> Batalhão de Granadeiros de 1<sup>a</sup> Linha*

Comandante: Major Eduardo von Ewald, fora do serviço.

Coronel Cutter.<sup>8</sup>

Agregado: Major Brito.

Ajudante: Alferes Grünhagen.

Quartel-Mestre: Alferes N. N.

Secretário: Alferes Roque Colaço da Veiga Vidal.<sup>9</sup>

*Capitães*

Kölz.

Graffner.

Dreyer.

*Tenentes*

de la Vallée.<sup>10</sup>

L. Meyer.

Weber, fora do serviço.

Kather.

Auger.

Haase, fora do serviço.

Siegener.<sup>11</sup>

von Alten.

Bondeu.

---

7 Há duas famílias nobres von Uslar. Uma na Saxônia, Hanover e Mecklemburgo: partido de negro e de 4 palas de preto e vermelho.

Outra na Prússia, no Hesse e na Áustria: de prata com uma faixa duplamente ameaçada de vermelho.

8 O irlandês Guilherme Cotter.

9 No texto original: Rocque Colaco de Veiga Vedal.

10 Família nobre da Bretanha, Denis de la Vallée. De prata com três merletas de negro.

11 Há inúmeras famílias nobres na Alemanha, com o nome de von Alten. No Mecklenburgo, de prata com uma banda de lisonja de vermelho de 5 inteiras e 2 meias. Na Prússia, em Gottern, de prata com 7 lisonjas de vermelho carregada cada uma de uma rosa de prata. Na Baviera, de prata com 3 lisonjas verdes em banda e 4 rosas de vermelho nos ângulos. No Hanover, em Wilkenburg, de prata com 7 lisonjas vermelhas carregadas cada uma com uma rosa de prata. Na Suábia, em Altemberg, partido de ouro e vermelho com uma chaveirão partido dos contrários. Na Áustria, de ouro com um galho de veado de negro. No Brabante, de vermelho com um chaveirão de ouro acompanhado de 3 rosas de prata em roquete. Alguns desses brasões pelas suas cores e móveis denotam parentesco das respectivas famílias.

### 300 C. Schlichthorst

Pelt.

von Weyhe.<sup>12</sup>

Schradler, fora do serviço.

#### *Alferes*

Menecke.

Parish.

Prahl.

Wolf von Weddig.<sup>13</sup>

Bornemann.

Lackemann.

von Hadermann, fora do serviço.

von Gull.<sup>14</sup>

Unzelmann.

Bamberger I.

Bamberger II.

von Falkenstein.<sup>15</sup>

Dony.

#### *26ª Batalhão de Caçadores de 1ª Linha*

Guarnição: Pernambuco.

Comandante: Coronel Conde de Escragnoles, estava no Rio de Janeiro em agosto de 1826.

Coronel Mac-Gregor, transferido para o 27º de Caçadores.

Agregado: Major Thirole.

Ajudante: Tenente Saint-Brisson.

Cirurgião de batalhão: Meyer.

Assistente de cirurgião: Vollesky.

---

12 Os von Weyhe dividem-se na Alemanha em dois ramos. Weyhe zu Rotteersheim, partido em contrabanda: 1 de prata com meio leão sainte de vermelho, 2 contrabandeados de 6 peças vermelhas e prata. Weyhe zu Fahrenhorst, partido em pala: 1 de ouro lisonjado de azul, 2 de azul com meia roda de ouro. Estes últimos von Weyhe são de Luneburgo.

13 Os Wolf são do Wurtemberg, da Livônia, da Lituânia, da Rússia e da Polônia, de azul com 3 bandas de ouro, com um leão ao natural brocante. Os von Weddig são do Oldenburgo, de prata com um veado de vermelho posto à sombra duma árvore e sobre um terrado verde.

14 Von Gull, originários de Londres. De azul com um serpe de prata acompanhada de 3 pássaros do mesmo, em roquete, e um cantão de arminho com uma coroa emplumada e o mote *Ich diesse*.

15 Os Von Falkenstein existem em vários lugares da Alemanha. Na Alsácia, de azul com 3 falcões de prata em roquete. Na Suábia, de ouro com duas faixas curvas de vermelho, uma no chefe, outra na ponta, e entre elas um falcão estendido de azul. Em Baden, de azul com um veado passante de ouro. No Wurtemberg, de ouro com o barrete do Barão do Santo Império, de arminho forrado de vermelho. Na Saxônia, de ouro com o chefe de vermelho.



Assistente de cirurgião: Kupfender.

*Capitão*

Schumacher, fora do serviço.

*Alferes*

Schrambach.

Romillac.

Knorr, fora do serviço

de Ornflucht I, fora do serviço.<sup>16</sup>

von Lie nau, fora do serviço.

Iahn.

Furstenrecht.

Puff.

Hamlet.

Bohm.

Lotze.

de Ornflucht II, fora do serviço.

Perrier.

de Uslar.

Willing.

Koop.

Zacharias.

Baumann.

Müller.

von Kiesenwetter.<sup>17</sup>

Plaat van Steen.<sup>18</sup>

### *27ª Batalha de Caçadores de 1ª Linha*

Comandante: Coronel MacGregor.

Major Wood Yeates.

---

<sup>16</sup> Os Ornflucht são da Suécia. De ouro com 2 asas estendidas de negro.

<sup>17</sup> Von Kiesenwetter. Na Silésia e na Saxônia. Partido, 1 de azul com um Adão de prata; 2 de vermelho com uma serpente de ouro. No Mecklemburgo, de azul com um Adão de prata num terrado cosido de sinopla, tendo uma serpente de prata à destra.

<sup>18</sup> Os Plaat são da Holanda: de vermelho com uma faixa de prata e 3 anéis de sable. Há 8 famílias von Steen na Holanda e nas Flandres.

## 302 C. *Schlichthorst*

Ajudante: Tenente von Bülow.<sup>19</sup>

Quartel-Mestre: Alferes Hohnhorst.

Secretário: Tenente Knaack.

Cirurgião de batalhão: Galesi.

Cirurgião de batalhão, agregado: Scot.

Cirurgião de batalhão, agregado: N. N.

Assistente de cirurgião: Keif, baixado ao hospital.

Assistente de cirurgião: Alt.

Assistente de cirurgião: Gehring, destacado em Montevidéu.

### *Capitães*

Garoni.

von Friedrichsen.

### *Tenentes*

Mercadier, falecido.

Leon, fora do serviço.

Leeb, falecido.

de Cojet, fora do serviço.<sup>20</sup>

Plevoets.

Gatticker.

von Lotzow.<sup>21</sup>

von Arenschild.<sup>22</sup>

### *Alferes*

Bornemann.

Heuner.

Schroder.

Waldmann.

Abele.

19 Von Bülow, família antiga e nobre da Saxônia e da Prússia. Esquartelado: 1 e 4 de prata com a águia da Prússia; 2 de azul com uma pomba de ouro trazendo no bico um anel do mesmo; 3 de ouro com um urso de negro subindo um terrado inclinado de verde; sobre o todo de azul com 14 besantes de ouro, 4-4-3-2-1.

20 De Cojet, família nobre da Holanda. De vermelho com uma cruz de ouro.

21 Von Lützwow. Na Baviera, no Meckemburgo, na Silésia, no Wurtemberg e na Prússia. De ouro com uma escada de assalto de púrpura filetada de negro e posta em banda.

22 Von Arenschild. De Bremen. Esquartelado: 1 e 4 de negro com meio leão sainte de ouro, tendo a parte direita cortada; 2 e 3 de prata com uma águia estendida de negro.

Galloway.  
von Scherwinsky.  
Augier, fora de serviço.  
Fortegato.  
Seidler.  
Ottmer.

*Corpo de Voluntários*<sup>23</sup>  
Porto Alegre

Comandante: Major Otto Heise.  
Ajudante: Pfeil.  
Capitão de Cavalaria do Sul: von Quast.  
Tenente: Barão von Ketler.<sup>24</sup>  
Tenente: Barão von Leenhof.

*Corpo de Engenheiros*

Coronel Müller, em Montevideu.  
Coronel von Eshwege, licenciado na Europa.<sup>25</sup>  
Major Busche.<sup>26</sup>  
Major Varnhagen, regressou à Europa.<sup>27</sup>  
Capitão von Lilienhöck, falecido.  
Capitão Kretschmann.

---

23 O Esquadrão de Lanceiros organizado em Porto Alegre, composto de 68 homens, que se bateu valentemente no Passo de Rosário.

24 Os von Ketler são de velha nobreza báltica. Descendem de Gustavo Ketler, Duque da Curlândia e da Semigália, último grão-mestre da Ordem Teutônica, na Livônia.

A família brasona, na Curlândia – Esquartelado: 1 e 4 de prata com leão de vermelho coroado de ouro; 2 e 3 de azul com meio veado coroado de ouro; sobre o todo, partido de vermelho com uma asa de caldeira de prata e de ouro com as letras S. A. entrelaçadas e coroadas de negro.

25 O conhecido autor do *Pluto Brasiliensis*, a que já nos referimos em nota anterior. Publicou no volume III dos *Nouvelles Annales des Voyages* de Paris, no ano de 1819 as *Observations sur la manière de voyager dans l'intérieur du Brésil*. Em 1813, já havia dado a lume o *Jornal von Brasilien*, em Weimar. Varnhagen acusa-o de ter plagiado seus colegas Feldner e Varnhagen, pai.

26 Busche ou Büschen, família nobre da Vestfália. Cortado de vermelho com 2 palas de prata, e de prata com 2 palas de vermelho.

27 Frederico Guilherme de Varnhagen, pai do historiador Visconde de Porto Seguro, Francisco Adolfo. Sargento-mor e depois coronel. Nomeado em 1814 para dirigir a fundição de ferro de Ipanema, cujos trabalhos iniciara, em 1810, e administrou até 1821.

304 C. *Schlichthorst*

Capitão von Seveloh, em Montevidéu.<sup>28</sup>

Tenente Hartmann.

Tenente Wertheim.

Tenente Hallfeld, licenciado na Província de Minas e empregado na  
Companhia Inglesa.<sup>29</sup>

Tenente Bastide, licenciado na França.

---

28 Chegou ao posto de coronel. Serviu no Estado-Maior de Barbacena. Autor das *Erinnerungen*. Traçou os esboços da campanha de 1827, que terminou na batalha do Passo do Rosário e subsequente retirada para Cacequi e Bagé.

29 Fixou-se em Juiz de Fora, onde a Rua Halfeld conserva a sua memória.

.....  
**XV**

*Lista dos subscritores da 1ª e única edição desta obra*

	<i>Exemplares</i>
<i>Bederkesa</i>	
Agri mensor Artler.....	1
<i>Bingam</i>	
Juiz Spec ker .....	1
<i>Bordenau</i>	
Tenente Kabins.....	1
<i>Bo ters heim, per to de Tostedt</i>	
Moleiro Menke.....	1
<i>Bremen</i>	
Corre tor Z. Geve kot.....	1
Livreiro Kaiser .....	10
Professor Mertens.....	1
Músico .....	1
Sr <sup>ª</sup> Dr. Ni co lai .....	1
A União .....	1
<i>Bruckhausen</i>	
Dou tor em Leis Schra der .....	1
Inspe tor Wag ner .....	1
<i>Burtehude</i>	
Fa bri can te de pa pel Win ter .....	1
<i>Cappeln</i>	
Pastor Hurt zig.....	1
<i>Celle</i>	
Gene ral Bar ão von Ul mens kin .....	1

<i>Dingstorff, per to de Neus tadt-sobre-o-Reno</i>	
Arquite to Hem me .....	1
<i>Dhum</i>	
Agri cul tor A. Brast .....	1
<i>Dorum</i>	
Inspetor Doring .....	1
BoticárioHastelbach .....	1
Dou tor em Me di ci na Kuge .....	1
<i>Ellingroche</i>	
JuizKromminga.....	1
<i>Eimbleck</i>	
TenenteEppen.....	1
<i>Emden</i>	
Pas tor Dr. Git ter mann .....	1
Constru tor E. Kettler.....	1
<i>Ever sen, per to de Neus tadt-sobre-o-Reno</i>	
Sr. Will rich .....	1
<i>Gottingen</i>	
PastorRibbentrop .....	15
<i>Haje</i>	
Inspe tor Rem mers .....	1
<i>Hamburgo</i>	
PastorFreudentheil .....	1
Ca pi tão-de-Mar-e-Guerra von den Wet tern .....	5
<i>Hameln</i>	
CônegoBrandes.....	1
Funcionário postalHeise .....	1
<i>Hannover</i>	
S. Ex <sup>a</sup> o Ge ne ral Con de von Alten .....	1
Conselheiro F. vonBothmer .....	1
CapitãoCropp.....	1
Conselheiro de Chancelaria Ein feld .....	1

*Exemplares*

Conselheiro de Estado von Grote .....	2
S. Ex <sup>o</sup> o General de Artilharia von den Dec ken .....	1
Senhora Grote .....	1
Livraria da Corte de Hel ving .....	5
Conselheiro de Chancelaria Hoppenstedt .....	1
Sr. E. Ilse mann .....	1
Conselheiro de Justiça Isen bart .....	2
Sr. Keane .....	1
Antiquário Kniep .....	1
Almo xari fe Barão von Knigge .....	1
Professor Krause .....	1
Senhorinha Kumme .....	1
Sr. A. Mar tin .....	1
Nego cian te E. F. Matthe c .....	1
Sr. Carl Mol ler .....	1
Major E. Mül ler .....	1
Tenente Mül ler .....	1
Arqui vista Neu borg .....	1
Senhora Philipp .....	1
Proprietário de Gabinete de Leitura Keischauer .....	1
Sr. Ribbentrop .....	1
Médica da Corte Senhora Schlich thorst <sup>1</sup> .....	1
Sr. L. Schna bel .....	1
Tenente von Si chard .....	1
Tenente-Coronel Seveloh <sup>2</sup> .....	1
Dr. em Leis Si e mens .....	1
Comissária Senhora Stockmann .....	1

1 Nesse tempo, o Hanover era Reino ligado à Casa Reinante da Inglaterra. O título de Médico da Corte era honorífico, concedido como o de Fornecedor da Corte, do Rei, etc. A senhorinha médica era parente, talvez irmã do autor. Em 1829, já as mulheres se formavam em medicina na Europa.

2 O mesmo oficial que serviu no Sul, no Estado-Maior de Barbacena, fez os esboços da campanha e deixou em manuscritos as suas memórias, manuscritos esses que estiveram na posse do Barão do Rio Branco. Depois da paz de 1828, Seveloh, que fora testemunha da batalha do Passo do Rosário (Ituzaingó), retirou-se para a Europa. Por esta linha sabemos que, em 1829, vivia na capital do Hanover.

Dr. M. Thompson .....	1
Engenheiro Wendelstedt .....	1
Caixa Wesselhöft .....	1
Senhora von Witte, nascida Reinecke .....	1
<i>Harburg</i>	
Agrimensor Pichon .....	1
<i>Hasperde</i>	
Engenheiro Florestal von Hake .....	1
<i>Hildesheim</i>	
Coronel Soest .....	1
<i>Hitfeld, perto de Harburg</i>	
Capitão Schlichthorst .....	1
<i>Hitzacker</i>	
Engenheiro Florestal von Plato .....	1
<i>Hoya</i>	
Negociante Pohl .....	1
<i>Iemgun</i>	
Escriturário A. Ditzel .....	1
Procurador Erdmann .....	1
Auditor Erdmann .....	1
Advogado Fischer .....	1
Notário de hipotecas Greving .....	1
Bailio Kempe .....	1
Cura dor Wendt .....	1
Capitalista Koster .....	1
Doutor em medicina Williams .....	1
<i>Iaver</i>	
Administrador dos Correios Misch .....	1
<i>Leer</i>	
Capitão de Cavalaria George Baring .....	1
Negociante Carstens .....	1
Agricultor Danielis .....	1
Negociante O. Focken .....	1



*Exemplares*

Comissário de Justiça E. Franzius Senior .....	1
Negociante Garles .....	1
Corretor Lampe .....	1
Negociante Carl Lanzius .....	1
Intendente Lenz .....	1
Procurador Meinecke .....	1
Negociante Müller .....	1
Procurador Oldenhove .....	1
Dr. Peters .....	1
Engenheiro Naval Renken .....	1
Senador Röben .....	1
Secretário do Correio Schütte .....	1
Negociante G. Schweers .....	1
Major Seeger .....	1
Negociante W. Telge .....	1
Administrador dos Correios Ulich .....	1
Coletor Municipal von Vosz .....	1
Hoteleiro J. G. Wagener .....	1
Conde C. von Wedel .....	1
Condesa von Wedel, nascida von Gaudt .....	1

*Lüneburg*

Agrimensor Alberts .....	1
Governador de Distrito von den Dec ken .....	1
Tenente Hartmann .....	1
Arquiteto Krüger .....	1
Condu tor Paulsen .....	1
Inspe tor de Co lé gio Dr. Vo gler .....	1

*Mellendorf*

Administrador do Correio Mohfeld .....	1
Agrimensor Rabi us .....	1

*Meppen*

Comissário Real Kauten .....	1
------------------------------	---

<i>Mossburg</i>	
Procurador von Konnemann .....	1
<i>Neustadt-sobre-o-Reno</i>	
Administrador de Imóveis Backaus .....	1
Auditor von Berger .....	1
Construtor Campe .....	1
Farmacêutico Delmering .....	1
Advogado Dröge .....	1
Praticante de Farmácia Harms .....	1
Procurador Jacobshagen .....	1
Dr. Kessler .....	1
Agriensor Kuhlmann .....	1
Advogado Reiche .....	1
Dr. Schilvester .....	1
Pastor Schrage .....	1
Procurador von Schuizen .....	1
Capitão-Tenente von Itiefenkzon .....	1
Escriturário Vasselmann .....	1
Auditor von Wangeheim .....	1
<i>Oberdorff</i>	
Pastor Hurtzig .....	1
<i>Osnabrück</i>	
Livraria Crone .....	3
Tenente von Stolzenberg .....	1
<i>Osterwald</i>	
Sr. Wallmann .....	1
<i>Padinbüttel</i>	
Pastor Schlichthorst <sup>3</sup> .....	1
<i>Rio de Janeiro</i>	
Guarda-livros Daw .....	1

---

3 Parente, talvez tio ou irmão do autor.

*Exemplares*

Vice-Cônsul da Holanda Hendricks .....	1
Negociante Melchert .....	1
Dr. em medicina Ran .....	1
Corretor Ray .....	1
Tenente-Coronel von Schäffer <sup>4</sup> .....	25
Negociante F. Schneinert .....	5
Cônsul da Liga Hanseática Tembrink <sup>5</sup> .....	1
Cônsul da Prússia von Teremin .....	1
Negociante Wiers .....	1
Tradutor Imperial Zaeb .....	1
<i>Rotenburg</i>	
Conselheiro von Konnemann .....	1
<i>Stade</i>	
Tenente Apel .....	1
Tenente-Coronel Brückemann .....	1
Major-General von den Busche .....	1
Procurador de Chancelaria Eamann .....	1
Juiz de Direito von den Dec ker .....	1
Major Delius .....	1
Síndico Domeyer .....	1
Desembargador von Engelbrechten .....	1
Doutor em Leis Fren dent he il .....	1
Juiz Fe de ral Hal ter mann .....	1
Diretor da Posta He i del berg .....	1
Conselheiro von Kneissen .....	1
Secretário de Chancelaria Körber .....	1
Promotor Público Körber .....	1
Secretário Municipal von Langwerth .....	1
Prefeito Lübbren .....	1
Tenente Marcard .....	1

4 O recrutador dos mercenários, amigo da Imperatriz Leopoldina.

5 Deixou descendência no Rio de Janeiro, até hoje.

Superintendente dos Diques Niemeyer.....	1
Juiz W. Oelrich.....	1
Tenente du Plat.....	1
Capitão von Ranschenplatt.....	1
Sr. A. Schulz.....	1
Quartel-Mestre de Regimento von Scriba.....	1
Médico da Corte Tie demann.....	1
Reitor Valett.....	1
Farmacêutico Versmann.....	1
<i>Stöcken</i>	
Inspector de Estradas Wittstein.....	1
Inspector de Economia Rural Wohlers.....	1
<i>Tostedt</i>	
Senhorinha Elisa Bostelmann.....	1
Administrador dos Correios Huth.....	1
Agriensor Rodenberg.....	1
Doutor em medicina Sander.....	1
<i>Wremen</i>	
Organista Stelljes.....	1
<i>Wunstorff</i>	
Tenente Schlichthorst <sup>6</sup> .....	1

---

<sup>6</sup> O autor. Ele indica, assim, o lugar onde residia após seu regresso do Rio de Janeiro.

NOTA – No original alemão, a lista dos subscritores antecede o texto. Colocamo-la ao fim da tradução por ser de importância secundária e meramente informativa.

.....

## XVI

### *Fontes Bibliográficas das notas e comentários*

- Abreu (Ca pis tra no de) – *Capítulos de História Colonial*  
Abreu Lima (Ge ne ral) – *História do Brasil*  
Aci o li – *Memórias históricas da Bahia*  
Aga che (Alfre do) – *Cida de do Rio de Ja ne iro*  
Ago s ti nho (Alfre do) – *A Cha ve dos Lu sí a das*  
Agui ar (Anto nio Au gus to de) – *Vida do Mar quês de Bar ba ce na*  
Ai res do Ca sal – *Corografia Brasileira*  
Alme i da (For tu na to de) – *História de Portugal*  
Alma da (Fran cis co Vaz de) – *História Trágico-Marítima*  
Alta mi ra y Cra vea – *História de Espana y de la Ci vi li sa ción Espa ño la*  
Ame al (João) – *D. Mi guel e a Vi la fran ca da*  
Ame al (João e Ro dri gues Ca va le iro) – *De D. João V a D. Mi guel*  
*Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*: vols. IV, V, XIII, XLII, XLIV, XLVI, XL  
*Anais do Museu Histórico Nacional do Brasil*: vols. I e II  
Anto nil – *Cultura e Opu lên cia do Bra sil*  
André (Ma ri us) – *La fin de l'Empire Espag nol d'Amérique*  
Antom mar chi – *Les der ni ers mo ments de Na poléon*  
A. P. D. G – *Sketches of Portuguese Life, Manners, Cos tu me and Character*  
Ara go (Jac ques) – *D'un Pole à l'a u tre – Sou ve nirs d'un ave u gle*  
Armi ta ge (João) – *História do Bra sil*  
Assis Cin tra – *Indis cri ções de nos sa His tória*  
At (Pa dre Antô nio) – *His tória de San to Antô nio de Pá dua*  
Aze ve do Mar ques – *Apontamentos Históricos*  
Aze ve do (More i ra de) – *O Rio de Ja ne iro – Curiosi da des*  
Ba e na (San ches de) – *Índice Heráldico*

- Bal drich (Ama deu) – *His toria de la Gu er ra del Bra sil*
- Baralt – *Historia de Venezuela*
- Bar bey d’Aurevilly – *Du Dandysme et de Ge or ge Brum mel*
- Bar bo sa (Cô ne go Ja nu á rio da Cu nha) – *Parnaso Brasileiro*
- Bar ra das (Ma nu el) – *O General Gomes Freire*
- Barroso (Gustavo) – *Tamandaré, o Nelson Brasileiro – As Colunas do Templo – A Guerra de Artigas – A Guerra do Vidéu – Ao som da viola – Almas de lama e de aço – O Brasil em face do Prata – História Militar do Brasil – História Secreta do Brasil – Idéias e Palavras*
- Bar row (J.) – *A vo ya ge to Co chin chi na in the ye ars 1792 and 1793*
- Bet ten dorf (Pa dre) – *Crô ni ca da Com pa nhia de Jesus*
- Beyer (Gustavo) – *Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à Capitania de S. Paulo*
- Bla sis – *Ma nu el de la Dan se*
- Bocanera Júnior (Sílio) – *Bahia Histórica*
- Boi te ux (Hen ri que) – *Os nos sos Al mi ran tes*
- Boi te ux (Lu cas A.) – *A Ma ri nha de Gu er ra Bra si lei ra nos Rei na dos de D. João VI e D. Pe dro I*
- Bon fim (Ma nu el) – *O Brasil*
- Bösche (Eduardo Teodoro) – *Quadros Alternados*
- Bougainville (Barão de) – *Journal de navigation au tour du monde, de la fré ga te La Thétis et la cor vet te L’Espérance, pen dant les an nés 1824-1826*
- Bourke (William) – *Authentic Account of an Embassy from the king of Great Bri ta in to the Empe ror of Chi na*
- Brac ken rid ge (H. M.) – *Voya ge in South Ameri ca*
- Bran dão (Frei Antônio) – *Monarquia Lusitana*
- Bran dão (To más) – *Ma rí lia de Dir ceu*
- Bran dão (Ulis ses) – *A Con federação do Equa dor*
- Brí gi do (João) – *O Ce a rá – Ho mens e fa tos*
- Bri to Freire (Francis co de) – *História da Guerra Brasileira*
- Caetano (Jo a quim) – *L’Oyapoc et l’Amazone*
- Calmon (Pedro) – *História da Civilização Brasileira – O Rei Cavaleiro – O Rei do Bra sil – His tó ria do Bra sil na po e sia do povo*

- Calógeras (Pan diá) – *O Mar quês de Bar ba ce na – A Po lí ti ca Exte ri or do Impé rio – Formação histórica do Brasil*
- Ca mões (Luís de) – *Os Lusí das*
- Car bo nell (D. Di e go) – *Resu men his to ri co de la últi ma dic ta du ra del Liber ta dor*
- Car dim (Pa dre Fer não) – *Tra ta do da Ter ra e Gen te do Bra sil*
- Castro Carreira – *História Finan ce ira e Orça men tá ria do Império do Bra sil*
- Ca i ru (Vis con de de) – *História dos Prin cí pi os Eco nô mi cos do Império do Bra sil*
- Coch ra ne (Lor de) – *Memórias*
- Col ba chi ni (Pa dre Antônio e Pa dre César Albi set ti) – *IBororo Occidentali*
- Com ba ri eu – *História de la Musi que*
- Com pa i re (G.) – *Histo i re de la Pé da go gie – Dicti o na i re de la Pé da go gie*
- Co quart (A.) – *Mé mo ri es de Du guay-Trouin*
- Coroleu e Inglada (José) – *América. Historia de su colonización, dominación e in de pen dencia*
- Cor reia (Gas par) – *Len das da Índia*
- Cos ta (Cláu dio Ma nu el) – *Memó ri as his tó ri cas da Ca pi ta nia de Mi nas*
- Cruz Lima (J. D. da) – *Re fu ta ção ao li vro O Prime i ro Rei na do*
- De bi dour (A.) – *Décou verte et colonisa tion du Brésil – Vila Rica*
- De bret (J. B.) – *Voya ge pit to res que et his to ri que au Brésil*
- De nis (Fer di nand) – *Le Brésil – Re su mé de l’Histoire du Brésil*
- Des cha van nes – *Diction na i re de la No blesse*
- Du guay-Trouin – *Memórias*
- Du rão (Frei José de San ta Rita) – *Caramuru*
- Edmun do (Luís) – *O Rio de Ja ne i ro no tem po dos Vi ce-Reis*
- Egas (Antônio) – *Feijó*
- Egas (Eugê nio) – *Inde pen dência ou Mor te*
- Ellis (Sir Henry) – *Jour nal of the late Em bassy to Chi na, 1818*
- Eschwege (W. L. von) – *Pluto Brasiliensis – Observations sur la manière de voyage dans l’intérieur du Brésil*
- Espa sa – *Enciclopédia*
- Expilly (Char les) – *Mu lheres e cos tu mes do Bra sil*
- Ewbanck (Tho mas) – *Life in Bra zil*
- Fa ria e Sousa – *Europa Portuguesa*
- Felí cio (Jo a quim) – *Memórias do Distrito Dia man ti no*

- Ferreira (João da Costa) – *A Cida de do Rio de Janeiro e seu termo*  
Ferreira da Rosa – *O Rio de Janeiro*  
Fernandes Gama (J. B.) – *Memórias históricas da Província de Pernambuco*  
Figueira de Melo (J. H.) – *Um diploma ta austría co no Brasil – 1821/1831*  
Forbes – *Voyage of Captain William Owen – 1822*  
Freire (Felisbello) – *História da Cida de do Rio de Janeiro*  
Freitas (Otávio de) – *Doenças africanas no Brasil*  
Freycinet (Louis) – *Voyage au tour du monde*  
Friedrich von Weech (J.) – *Brasiliens Gegenwärtiger Zustand un Colonial System*  
Galvão (Duarte) – *Crônica de El Rei D. Afonso Henriques*  
Gama (José Basílio da) – *Uruguai*  
Gama Barros – *História da Administração Pública em Portugal*  
Gandavo (Pero de Magalhães) – *História da Província de Santa Cruz*  
Garcez Palha – *Efemérides Navais*  
Gaxotte (Pierre) – *La Revolution Française*  
Gonçalves dos Santos (Padre Luís) – *Memórias para servir à História do Reino de Portugal*  
Gonzaça Duque – *Arte Brasileira – Revoluções Brasileiras*  
Graham (Mary) – *Journal of a voyage to Brasil and residence there*  
Graíña (M. Borges) – *História da Maçonaria em Portugal*  
Grant (Andrew) – *History of Brazil*  
Guyard (Stanislas) – *Un Grand-Maître des Assassins au temps de Saladin*  
Hail (Manly P.) – *Encyclopedia of Masonic, Hermetic and Rosicrucian Symbolical Philosophy*  
Hammer – *Geschichte der Assasinen*  
Handelmann – *Geschichte von Brasilien*  
Henderson – *A History of Brazil*  
Heritier (Michell) – *Napoléon et le Portugal*  
Herculano (Alexandre) – *História de Portugal*  
Homen de Melo (Barrão de) – *Índice Cronológico*  
Iturbi de (D. Agostinho de) – *Memórias*  
Jaboatão (Frei Antônio de Santa Maria) – *Novo Orbe Seráfico – Catálogo Genealógico*



- Já come Cor reia (Mar quês de) – *História da Des coberta das Ilhas*
- Kos ter (Henry) – *Voyages dans la partie septentrionale du Brésil*
- Kotzebue (Otto von) – *Neue Reise um die Welt in den Jahren 1823/1826*
- La croix (Desiré) – *Historie de Napoléon*
- Lafaiete Silva – *História do Teatro Brasileiro – Figuras de Teatro – Gente de Teatro*
- Lago (Laurênio) – *Medalhas e Condecorações Brasileiras – Brigadeiros e Generais de D. João VI e D. Pedro I*
- La me go Filho (Alber to) – *A Planície do Sol e da Sen za la*
- Langsdorf (G. H.) – *Voyages and travels in various parts of the world during the years 1803, 1805, 1806 and 1807 – Mémoire sur le Brésil, pour servir de guide à ceux qui de si rent s'y éta blir*
- La Sal le (De) – *Via gem ao re dor do mun do da cor ve ta La Bonite – 1836/1837*
- La vra dio (Mar quês do) – *D. João VI e a Inde pen dên cia do Bra sil*
- Leenhof (Carl von) – *Beitrag zur Geschichte des Krieges zwischen Brasilien und Buenos Aires in dem Jahre 1825-1828 von ci nem Au gen ze u gen*
- Le i te (Antônio Ático) – *Fanatismo religioso – Memórias sobre o Reino Encanta do*
- Lemos (Maximiliano de) – *Enciclopédia Portuguesa*
- Leuthold (Theodor von) – *Meine Ausflucht nach Brasilien oder Reise von Berlin nach Rio de Janeiro*
- Lima e Sil va (Luís Ma nu el de) – *Anais do Exér ci to Bra si le i ro – 1825-1828*
- Lind ley (Tho mas) – *Voyage au Brésil*
- Lis boa (Bal ta sar) – *Anais do Rio de Janeiro*
- Lopes Fernandes (Manuel Bernardo) – *Memória das medalhas e condecorações portuguesas e das estrangeiras com relação a Portugal*
- Luc cock (John) – *No tes on Rio de Janeiro from 1808 to 1818*
- Mace do (Jo a quim Ma nu el de) – *Efeméride histórica do Bra sil – Ano Bi ográfico – Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*
- Mace do So a res – *Santo Antônio de Lisboa Mi li tar do Bra sil*
- Ma ce do de Cas tro – *A Inconfidência Mineira*
- Ma delin (Lou is) – *La Révolution*
- Ma dre de Deus (Frei Gas par da) – *Memória para a História da Capitania de S. Vicente*
- Ma ga lhães Se púl ve da (Cris tóvão Aires de) – *História do Exér ci to Por tu gês*

- Malheiros (Perdigão) – *A Escravidão no Brasil*  
Martins (Padre Joaquim Dias) – *Os Mártires Pernambucanos*  
Martins Pena – *O Ju das em Sá ba do de Ale lu ia*  
Matos (Armando) – *Brasonário de Portugal*  
Mawe (John) – *Tra vels in the in te ri or of Bra zil*  
Meireles (Teotônio) – *História Naval Brasileira*  
Melo (Mário) – *A Maçonaria no Brasil*  
Melo Leitão (C. de) – *Visitantes do Primeiro Reinado*  
Melo Moraes, pai – *Crônica Geral e Minuciosa do Império do Brasil – Corografia do Império do Brasil – O Patriotismo territorial da Câmara Municipal do Rio de Janeiro – Brasil Histórico*  
Melo Moraes, filho – *Festas e tradições populares – Saraus e Serenatas – Fatos e Memórias – Curso de Literatura Nacional*  
Menéndez y Pe la yo – *História de Espanha*  
Meneses Drummond (M. D.) – *Autobiografia*  
Mesetas (Alber to de) – *Agustín de Iturbi de Emperador de México*  
Miralles (D. José) – *História Militar do Brasil*  
Mitre (D. Bartolomeu) – *História de Belgrano*  
Mon glave – *Correspondance de D. Pedro Ier.*  
Monte-Alverne (Frei Francisco de) – *Obras Oratórias*  
Monteiro (Tobias) – *História do Império – A Elaboração da Independência – História do Império – Primeiro Reinado*  
Montemont (Albert) – *Vo y a ges au tour du monde*  
Moraes e Silva (Antônio) – *Dicionário da Língua Portuguesa*  
Moreira Pinto – *Dicionário Geográfico do Brasil*  
Moura Romeiro (João Marcondes de) – *De D. João VI à Independência*  
Muniz Tavares (Francisco) – *História da Revolução de Pernambuco em 1817*  
Nabols (H.) – *Dieersten Kolonisationseversu chevon Schweisen in Brasilien*  
Neukomm (Sigmundo) – *Memórias*  
Neves (Abdias) – *A Guerra dos Fidié*  
*New English Dictionary* (Oxford)  
Nimer (Miguel) – *Influências orientais na língua portuguesa*  
Nina Rodrigues – *Os Africanos no Brasil*  
Nobre (Fernando) – *As Fronteiras do Sul*

- Nóbrega (Paula) – *Cartas do Brasil*
- Nogueira da Gama (J. B.) – *Relatório da Fazenda em 1823*
- Norberto de Sousa e Silva (João) – *História da Conjuração Mineira*
- Norten (Luís) – *A Corte de Portugal no Brasil*
- Nunes (Duarte) – *Almanach de 1799*
- Olfers (d') – *Felners Reisen durch Brasilien*
- Oliveira Lima (Manuel de) – *D. João VI no Brasil – D. Pedro e D. Miguel – D. Miguel no Trono – O Movimento da Independência – Anotações à História da Revolução Pernambucana*
- Oliveira Martins – *O Brasil e as Colônias Portuguesas – Portugal Contemporâneo – História de Portugal*
- O'Neil (Thomas) *A concise and accurate account*
- Oney (Vianna) – *La Diplomacia del Brasil en el Río de La Plata*
- Orta (Garcia da) – *Colóquios dos simples e drogas da Índia*
- Ourém (Visconde de) – *Confédération de l'Équateur*
- Ouro Preto (Visconde de) – *A Marinha de Ouro*
- Pasqual (A. D.) – *Rasgos memoráveis do Sr. D. Pedro I*
- Pasos (Carlos de) – *D. Pedro IV e D. Miguel*
- Peiman (José Maria) – *La Historia de España*
- Pereira da Costa – *A Maçonaria em Pernambuco*
- Pereira Pinto – *Notícia histórica sobre a revolução de Pernambuco em 1824 – Memória sobre a Confederação do Equador*
- Pereira da Silva – *Varões Ilustres do Brasil nos tempos coloniais – História da fundação do Império*
- Pimentel (Alberto) – *A Corte de D. Pedro no Brasil, nos Açores, no Porto e Lisboa – A musa das revoluções*
- Pindaro – *Odes*
- Pinheiro (César) – *Anthropoparasitas e transmissores de doenças*
- Pinto de Campos (Monsieur) – *Vida do Ilustre Cidadão Brasileiro Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias*
- Pires de Lima – *Naufrágio de Jorge Coelho*
- Pita (Sebastião da Rocha) – *História da América Portuguesa*
- Pizarro (Monsieur) – *Memórias históricas*
- Plessis (Passau) (Du) – *Expédition Française contre Rio de Janeiro en 1711*

- Pohn (Jo hann Emma nu el) – *Reise in Innern Brasilien*  
Por to Ale gre (Ma nu el de Araú jo) – *Memó ria so bre a an ti ga Esco la de Pin tu ra Fluminense*  
Pradt (De) – *Des Colonies el de la Revo lu ti on ac tu el le en Amé ri que*  
Pre sas (José) – *Memó ri as se cre tas de D. Car lo ta Jo a qui na*  
Publicações do Arquivo Na ci o nal, vols. XX, XXI e XXV  
Qui ri no (Ma nu el) – *A Raça Afri ca na no Bra sil – A Ba hia de Ou tro ra*  
Qu in te la (Al mi ran te Iná cio da Cos ta) – *Ana is da Ma ri nha Por tu guesa*  
Ra din (Paul) – *Indiens of South Ame ri ca*  
Raf fard (Henry) – *Ho mens e Co i sas do Bra sil*  
Rai ol (Domingos Antô nio) – *Motins Polí ti cos ou His tó ria dos Prin cipais Acon te ci men tos Po lí ti cos do Pará des de o ano de 1825 até 1835*  
Ra mos (Artur) – *O fol clo re ne gro no Bra sil*  
Ran gel (Al ber to) – *D. Pe dro I e a Mar que sa de San tos – Tex tos e Pre tex tos*  
Ra po so Bo tel ho – *Dic i o ná rio das mo edas, pesos, medi das e in for ma ções co mer ci a is de todos os pa í ses*  
*Relação da Vitória que os Portugueses alcançaram contra os Franceses em 15 de outu bro de 1710*  
*Resenha das Famí li as Ti tu la res do Rei no de Por tu gal*  
Restrepo (Vicente) – *His tó ria de Colô mbia*  
Ri be i ro (João) – *His tó ria do Bra sil*  
Ri bey rol les (Car los) – *Brasil Pitoresco*  
Ri ets tap (J. B.) – *Plan ches del' Armorial Ge neral*  
Rio Bran co (Ba rão do) *Efemé ri des Na ci o na is – Esquisse del' Histoire du Brésil*  
Ro cha Mar tins – *O úl ti mo Vi ce-Rei do Bra sil – A Inde pen dên cia do Bra sil*  
Ro cha Pita (Se bas tião da) – *His tó ria da Amé ri ca Por tu guesa*  
Ro dri gues (José Car los) – *Ca tá lo go ano ta do dos li vros so bre o Bra sil*  
Ro me ro (Sílvio) – *His tó ria da Li te ra tu ra Bra si le ira*  
Ron de au – *Auto bi o gra fia*  
Ru bio (Julián María) – *La Infanta Carlota Joaquina y la política de España en América*  
Ru gen das (Ma u ri ce) – *Voya gé pit to res que dans le Brésil*  
Sa bi no (Inês) – *Mu lheres ilus tres do Bra sil*  
Sa cra men to Bla ke – *Dic i o ná rio Bi bli o grá fi co Bra si le i ro*

- Sal días (Adolfo) – *Historia de la Confederación Argentina*  
Salva dor (Frei Vicente do) – *História do Brasil*  
Sampaio (Teodoro) – *O Tupina Geografia Nacional*  
Santa na (Visconde de) – *Qua dro ele mentar das rela ções polí ti cas e diplomá ti cas de Portugal*  
Santos Ferreira – *Armorial Português*  
San tos (Frei Ma nu el dos) – *Alcobaça Ilustrada*  
Sardinha (Antônio) – *Na Corte da Saudade – Processo dum Rei – Ao prin cí pio era o ver bo*  
Say (Ho ra ce) – *Histo ire des ré la ti ons com mer ci a les en tre la Fran ce et le Brésil*  
Schaf fer (J. A.) – *Brasilien als un ab häng i ges Reich*  
Se id ler (Carl) – *Zehn Jah ren in Bra si li en*  
Sel va gem (Car los) – *Com pê n dio da His tó ria Mi li tar e Na val de Por tu gal*  
Ser ra no (Jô na tas) – *Um vul to de 1817*  
Serzedelo (Coronel Bento José Barbosa) – *Arquivo histórico da Venerável Ordem 3ª de N. S. do Mon te do Car mo*  
Se ve loh – *Erin ne ru ngen an den Feld zug 1827 ge gen Bu e nos Ai res*  
S. Le o pol do (Vis con de de) – *Memórias*  
Smith (William) – *Collecti on cho i sie des vo ya ges au tour du mon de Sommer (Fri edrich) – Wi lhe im Lud wig von Eschwe ge*  
So te ro dos Reis – *Cursode Literatura Portuguesa e Brasileira*  
Sout hey (Ro bert) – *His tory of Bra sil*  
Sousa (Au gus to Fa us to de) – *A Baía do Rio de Ja ne i ro*  
Sousa Bra sil (To más Pom peu) – *O Ce a rá no co me ço do sé cu lo XX*  
Sousa Lobo (Augusto de) – *Catálogo da Coleção Numismática Brasileira Sousa (Júlio Ma ria) – La valle ja y Ori be*  
Spix und Mar ti us – *Reise in Bra si li en*  
Stock riss – *Ma nu el d’Histoire, de Gé né a logie et Chro no logie*  
Stu dart (Ba rão de) – *O Mo vi men to de 17 no Ce a rá*  
Ta ques – *Nobilarquia*  
Taunay (Afonso d’Escragnolle) – *Grandes vultos da Independência Brasileira – Rio de ja ne i ro de Anta nho – Na Ba hia de Dom João VI – Vi si tan tes do Bra sil Co lo ni al – A gran de Vida de Fer não Dias Pais*  
Te i xe i ra de Melo – *Efemérides Nacionais*

- Ti man dro – *Li belo do Povo*  
Tol le na re (L. F. de) – *Notas Dominicais*  
Urvil le (Du mont d') – *Voya ge au tour du mon de*  
Vale Ca bral (A. do) – *Guia do Vi a jan te no Rio de Ja nei ro*  
Va re la (Alfre do) – *Revoluções Cisplatinas*  
Var nha gen – *His tó ria Geral do Bra sil– His tó ria da In de pen dên cia*  
Vas con ce los (Di o go de) – *His tó ria an ti ga de Minas Gerais*  
Vas con ce los (Smith de) – *Arquivo Nobiliárquico Brasileiro*  
Vega (Gar ci la so de la) – *Co mmen ta ires sur l' Ori gine des Incas, de le urs lois et de leur gou ver nement*  
Ve rí si mo (José) – *His tó ria da Li te ra tu ra Bra si lei ra*  
Vie ira (Da ma sce no) – *Memórias Históricas*  
Vie ira (Er nes to) – *Dic ion á rio Bi bli o grá fi co de Mú si cas Por tu guesas*  
Vie ira de Sou sa (Her cu la no Fir mi no) – *Resu mo da His tó ria do Bra sil*  
Vie ira Fa zen da – *Antigualhas e Memórias do Rio de Ja nei ro – Fun da men tos da Ci da de do Rio de Ja nei ro*  
Vil la nue va (Car los) – *Resu men de la His to ria Ge ne ral de Amé ri ca*  
Vil las boas e Sam pa io (Antô nio) – *Nobiliarquia Portuguesa*  
Ville main – *Biographie Universelle*  
Wal cke na er – *Histoire Generale des Voyages*  
Walsh (R.) – *No ti ce of Bra zil*  
War den – *His to i re del' Empire du Brésil*  
Wa te ri on (Char les) – *Wan de rings in South Ameri ca*  
Wer neck (André B. L.) – *D. Pe dro I e a In de pen dên cia*  
Wied (Prín ci pe de) – *Reisenach Brasilien – Bei trã ge zur Na tu ral ge schich te von Brasilien*  
Wolf (Fer di nand) – *His to i re de la Lit té ra tu re Bré si li en ne*  
Xa vi er da Ve i ga – *Efemérides Mineiras*  
Xa vi er Mar ques – *O Sar gen to Pedro*  
Yves d'Évreux (Pa dre) – *Vo ya ge dans le nord du Brésil*  
Zin ny (Anto nio) – *His tó ria de los Go ber nan tes del Pa ra guay*  
Zis chka (Anton) – *Der Kampf um die Welt macht Ba um wol le*  
Zo ril la de San Martín – *La Epo pe ya de Arti gas*  
Zu ra ra (Go mes Ea nes de) – *Crô nica da Guiné*

.....

## XVII

### *Índice Onomástico*

#### **A**

Aires de Casal – 170  
Ala fões (du que de) – 65, 269  
Albuquerque, Jorge de – 167  
Alcântara, Pedro de – 58, 243  
Alcoforanga, Mariana de – 184  
Almeida, Francisco de – 169  
Almeida, Vasco Fernandes César de –  
169  
Alphen, von – 146  
Amru-Tupac – 97  
Andrada (ir mãos) – 256  
Andrada, Antônio Carlos de – 255  
Andrada, José Bonifácio de – 251  
Andrade Caminha – 163  
Antônio – 227, 228, 230  
Arcos (con de dos) – 235, 236, 237, 240  
Artigas – 235  
Atabaiana (nobre) – 61  
Augusto da Polônia – 192  
Avilez (general) – 245

#### **B**

Baratinha (dançarina) – 126  
Baratto, Luís – 184  
Barbacena (marquês de) – 213, 263  
Barbosa, Manuel – 184  
Barca (con de da) – 232  
Bartolozzi – 124  
Bauer (pai) – 111  
Bayard (cavaleiro) – 284  
Becaria – 13

Bell, André – 47  
Bellard (coronel) – 273, 274, 278, 279  
Bellardi (coronel) – 250  
Beresford (lord) – 237  
Betty – 209, 210  
Boívar – 34, 35  
Bourbons (os) – 60  
Brant, Felisberto – 263, 267  
Brendera Brandis – 64  
Brigaro, Paulo – 64  
Byron (lord) – 11, 72, 237

#### **C**

Cabral – 42, 215  
Caldeira, Felisberto (general) – 213, 258  
Cameran – 157  
Camões – 106, 107, 126, 131, 163, 164,  
166  
Cane do – 193  
Canta gallo (con de de) – 213  
Canterac (general) – 94  
Canto, Domitila Castro e – 58, 59, 60,  
212, 229, 265  
Carolina Leopoldina (imperatriz) – 57  
Carvalho, Manuel de – 257, 258  
Cezefredo, Estela – 126  
Chalasse (conselheiro) – 64  
Chamberlain, H. – 64  
Chappuis – 266  
Clapper ton – 218  
Clayton – 165  
Clemente – 124

### 324 *C. Schlichthorst*

Cochrane (lorde) – 61, 250, 253, 261, 262, 265  
Conceição, Beata Lucreciada – 79, 88  
Correia, Diogo – 171, 175  
Cor te-Real – 163  
Cos ta, Álva ro da – 259  
Cos ta, Gon za ga da – 182  
Cos ta, Ma nu el da – 183  
Cot re ra, Lu cas – 95  
Couti nho – 267  
Couti nho (bispo) – 212  
Cut ter (co ro nel) – 289

#### **D**

Dall'Hoste, Luís – 36, 279, 285, 286  
Dan (vi ce-cônsul) – 65  
Der W-n, Ja cob – 289  
De vere ux (ge ne ral) – 34  
Dev rient – 119  
Dias da Cruz – 176  
Dias, Fer nan do – 157  
Du Bo ca ge – 163  
Du fey – 260  
Du guay-Trouin (ca pi tão) – 44  
Durão, José de Santa Rita – 170, 171, 175, 177

#### **E**

E-d , von – 36  
Edu ar do – 165  
Escarg no les (con de de) – 36  
Escrag nol le (con de de) – 291  
Eszla ir – 119  
Ewald, von (ma jor) – 279, 289

#### **F**

Fa ri nha (al mi ran te) – 265  
Fasciotti – 124  
F-ch – 151

Ferreira (ge ne ral) – 258  
Ferreira, Pedro Nolasco – 169  
Fis cher, José – 96  
For ba la, Li li e nhöck til – 291  
Fran ca, Gon ça lo So a res de – 169  
Francisca Carolina (prin ces a) – 58  
Francisco (brigade iro) – 36  
Francisco (ge ne ral) – 281  
Free mantle (co ro nel) – 212  
Fre i re (ma jor) – 285  
Fre mantle (ge ne ral) – 265

#### **G**

Gama (os) – 37  
Gama, Ba sí lio da – 178, 179, 182  
Ga ro ni – 274  
Ger tru des – 289  
Ges tas (con de de) – 229  
Go et he – 58  
Go í as (du que sa de) – 59  
Gra ham, Mis tress – 205  
Gro te (con de de) – 20

#### **H**

Hanft (ca pi tão) – 291  
H-e (ma jor) – 33, 34, 35  
He i se (ma jor) – 289, 293  
H-ft (ca pi tão) – 13  
Ho gen dorp (con de de) – 208

#### **I**

Inham bu pe de Cima – 61  
Inham bu pe (vis con de de) – 287  
Inho mi rim (no bre) – 61  
Isa bel – 97  
Itúr bide, Agosti nho – 34



**J**

Jacinta – 197  
Januária (princesa) – 58  
João Pedro – 245  
João VI (dom) – 49, 54, 74, 124, 235, 236, 262  
Jorge M – 35

**K**

Kilchen, Peter – 64  
K-r, von – 14

**L**

Lacedemônia (arcebispo) – 269  
Laje (barão de) – 264, 277  
Lancaster, José – 47  
Langsdorf, George von – 64, 216  
Lalvalleja – 35, 260  
Leandro – 11  
Leão, Manuel Carneiro – 238  
Leclercs – 45  
Le cor (general) – 259, 264  
Lema, João Brito de – 169  
Leopoldina (imperatriz) – 75  
Lianor – 163  
Lilienhöck til Forbala – 291  
Lima (general) – 253, 258  
Lobo (almirante) – 264, 267  
Luís XV – 192  
Luísa – 79, 82, 87, 88, 202

**M**

Macedo, Francisco da Costa de Sousa – 36, 279  
Mac-Gregor (coronel) – 291  
Madeira (general) – 248, 253  
Maranhão (marquês do) – 61, 258, 261  
Marcelino (frei) – 220, 221  
Marck, Jorge – 225

Maria (rainha) – 184, 235  
Maria Brasileira – 59  
Mária da Glória (princesa) – 33, 57, 100, 214, 269, 270  
Maria Luísa (imperatriz) – 24  
Mariana – 202  
Mars hall, von (barão) – 64  
Martínez – 235, 236  
Massarelos, Pedro Gabe de – 170  
Mesquita, Salvador de – 169  
Miguel (dom) – 269, 270, 287  
Miranda (intendente) – 15, 29, 287  
Mollet, von (barão) – 274  
Moreira, Antônio – 225, 277

**N**

Napoléon – 24, 232  
Neumann – 278  
Neuwied (príncipe) – 74  
Noronha, João Fernandez de – 83

**O**

Oliveira, Manuel Botelho de – 169

**P**

P., Rafael (coronel) – 95  
Palma (conde da) – 238, 240  
Palma (marquês de) – 266  
Paraguaçu – 171, 177  
Patry (general) – 157  
Paula Mariana (princesa) – 58  
Pedro (dom) – 24, 29, 35, 54, 57, 60, 75, 147, 148, 165, 213/214, 241, 244, 245, 248, 249, 254, 255, 257, 261, 262, 265, 269, 286  
Peru, Rafael – 193  
Philipps, Samuel – 111  
Pignatelli (as) – 126  
Pindaro – 187  
Pinto Guedes – 101, 267, 268

## 326 C. Schlichthorst

Pinto, Bento Teixeira – 167  
Pio – 124  
Plan cher (ti pó gra fo) – 59, 90, 177  
Pon son by (lor de) – 65, 268

### Q

Que be do – 163

### R

Ra guet, Cond y – 65  
Rego, Luis do (ge ne ral) – 238, 245  
Ribe iro, Fru tu oso – 35, 260  
Rin cón, D. J. de La bat e – 64, 95  
Rio Ma i or (con de do) – 254  
Rio Seco (con de sa) (as) – 101  
Rio Seco (con de do) – 50  
Ron de au (ge ne ral) – 260  
Ros a dio (ge ne ral) – 279  
Rots child – 111  
Rous se au – 195

### S

S. (sr.) – 209  
S., Franz – 208, 210  
S., von – 12, 69, 82, 83, 285  
S. Pa u lo (du que de) – 59, 61, 265, 267  
Sampa io (pa dre) – 59  
San tos (con des sa de) – 58, 61, 228, 229, 267  
San tos (vis con des sa de) – V. San tos (con des sa de)  
Sau er brunn (pa dre) – 110  
Schäffer, von (cavalheiro) – 216, 275, 277, 291, 293  
Schil ler – 128  
Se púl ve da – 164  
Se ze fre do, Estela – 73  
Siciliana – 130

Sou sa, M. de (ge ne ral) – 246  
S-r, von (ca va lhe i ro) – 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 28, 33, 34, 137  
Stadt mann – 142  
Stuart, Charles – 65, 135, 211, 212, 262, 265, 267  
Su cre (ge ne ral) – 94  
Su kow – 291

### T

Tem brinck (vi ce-cônsul) – 65  
Te re min, von – 64  
Thi e le – 274, 279, 291  
To mas si ni – 124  
T-r (ca pi tão) – 264, 265

### V

Va len te (aju dan te-mor) – 64  
Vas co da Gama – 167  
Ven dô me (du que de) – 60  
Vie i ra, Fernan do – 157  
Vila Nova Por tu gal (mi nis tro) – 237  
Vol ta i re – 195

### W

W., Edu ar do – 220, 221  
Wes tin (cônsul) – 64  
W-n, Ja cob der – 289  
Wood Ye at hes – 36, 279, 280, 291

### Y

Ypsi tan ti (prín ci pe) – 12

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)